

A Vida de Cristo, 1

David L. Roper



Curso: A Vida de Cristo, 1

Autor: David L. Roper

Este curso é desenvolvido da Série Verdade para Hoje do curso *The Life of Christ* publicado pela Escola Mundial de Missão Verdade para Hoje e usado com permissão.

Copyright © 2003-2004, 2016

Todos os direitos reservados. Nenhuma porção do texto desse livro pode ser reproduzida em qualquer forma sem a permissão escrita do editor.

ISBN: 979-8-9886761-5-7

Tradução de João Ferreira de Almeida – 2ª Edição Revista e Atualizada ®

Copyright © 1993 Sociedade Bíblica do Brasil

Todos os direitos reservados.

Texto utilizado com autorização

www.sbb.org.br

Informação Importante

Este é um produto de UM ÚNICO USUÁRIO

Como um estudante do curso ThroughTheScriptures.com, você tem acesso garantido a esse livro digital para ser utilizado como parte do curso e para seu uso pessoal durante o mesmo. **Você não tem o direito de compartilhar cópias desse texto em qualquer mídia ou formato.**

Esse arquivo está digitalmente marcado com seu nome e endereço de e-mail. **Se você compartilhar, vender, doar ou distribuir qualquer porção desse arquivo para outros, isso poderá resultar no cancelamento da sua conta de estudante.**

Você tem a permissão de fazer cópias desse texto para seu uso pessoal. É recomendado que você mantenha uma cópia desse texto em mais de um local como uma precaução para evitar a perda desse arquivo caso ocorra um erro de usuário ou problemas com o computador.

Os Quatro Relatos do Evangelho

David Roper

Mateus
Marcos
Lucas
João

Estamos iniciando um estudo dos quatro primeiros livros do Novo Testamento, que são denominados segundo seus autores:

Mateus—um ex-cobrador de impostos e um apóstolo de Jesus.

Marcos—o João Marcos do Livro de Atos, um jovem pregador da era apostólica.

Lucas—o Dr. Lucas, que acompanhou Paulo em várias de suas viagens missionárias, incluindo a viagem a Roma.

João—um ex-pescador e o apóstolo “amado”.

Posteriormente, analisaremos os Livros de Mateus, Marcos, Lucas e João individualmente, mas, por ora, vamos analisá-los como um todo.

QUATRO RELATOS DE UMA HISTÓRIA

Os Livros de Mateus, Marcos, Lucas e João são geralmente chamados de “os quatro Evangelhos”, mas na verdade eles são *quatro relatos* de um evangelho¹.

Os três primeiros livros são geralmente chamados de “Evangelhos sinóticos”. “Sinótico” é uma combinação da palavra grega equivalente a “junto” com uma palavra que significa “ver”. “Sinótico” significa portanto “ver junto”. Os três primeiros livros são denominados “Evangelhos sinóticos” porque apresentam visões semelhantes de Jesus. Todos eles provavelmente foram escritos antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C.

¹O termo “Evangelhos” tem sido usado com referência aos quatro primeiros livros do Novo Testamento desde o segundo e terceiro séculos. Prefiro a expressão “relatos do evangelho”, mas não faço objeção a que se use “Evangelhos” como um termo técnico.

O Livro de João é às vezes chamado de “Evangelho autótico [visão própria]”² porque ele pressupõe uma visão um tanto diferente dos demais. O relato de João provavelmente foi escrito depois dos outros três, por volta do ano 90 d.C., perto do fim do primeiro século.

POR QUE QUATRO RELATOS?

Por que Deus nos deu quatro livros que compreendem o mesmo período e a mesma história? Nas Escrituras, outros períodos são abarcados por mais de um livro (muitos acontecimentos de 1 Samuel a 2 Reis também são relatados em 1 e 2 Crônicas), mas é raro haver quatro relatos da mesma história.

No começo da história da igreja, especulou-se o motivo de haver quatro relatos. Uma suposição era que “quatro é o número [simbólico] de homem”. Não sabemos por que Deus optou por esse número específico, mas o fato de Ele ter inspirado vários relatos indica várias coisas:

1) Quatro relatos mostram como a história de Jesus é *importante*.

2) Quatro relatos reforçam a necessidade de se *autenticar* a história de Jesus. Moisés disse que “pelo depoimento de *duas ou três* testemunhas, se estabelecerá o fato” (Deuteronômio 19:15b; grifo meu). *Quatro* testemunhos é um número ainda melhor.

3) Quatro relatos revelam a *natureza multifacetada* de Jesus. Um só escritor provavelmente jamais Lhe faria justiça.

Na Galeria Nacional de Londres há uma tela com três representações de Carlos I. Numa ele tem a cabeça voltada para a direita; noutra,

²A palavra “autótico” também pode transmitir a idéia de uma testemunha ocular.

para a esquerda, e na do centro ele está olhando para frente. Esta é a história dessa produção. Van Dyck pintou-as para o escultor romano Bernini, a fim de que ele pudesse modelar um busto do rei. Combinando as impressões dos três quadros, Bernini pôde criar uma imagem real, que um quadro somente não lhe permitiria produzir.

Pode ser que o objetivo dos Evangelhos fosse algo assim também. Cada um deles apresenta um aspecto diferente da vida terrena do nosso Senhor. Juntos, dão-nos um retrato completo. Ele era Rei, mas também era o Servo Perfeito. Ele era o Filho do homem, mas não devemos esquecer-nos de que era o Filho de Deus.³

COMPARANDO OS QUATRO RELATOS

Todos os quatro relatos possuem o mesmo propósito básico—revelar Jesus—mas cada um foi escrito de um ponto de vista levemente diferente, como que apelando para um público um pouco diferente⁴. O quadro abaixo compara os quatro relatos do evangelho.

³Henrietta C. Mears, *Estudo Panorâmico da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida, 1982, pp. 306–07.

⁴Veja um exemplo da elaboração de um relato para públicos diferentes nos três relatos da conversão de Paulo no Livro de Atos: em Atos 9 o relato foi escrito para os leitores

Tudo indica que Mateus estava escrevendo primeiramente para os *judeus*. Ele citou mais de cem passagens do Antigo Testamento e usou termos familiares aos judeus, como “filho de Davi” (Mateus 1:1). Ele representou Jesus como um Rei que veio para estabelecer o Seu reino; a palavra “reino” aparece cinquenta e cinco vezes no livro. Ele colocou uma ênfase especial em Jesus como o Messias e escreveu sobre Seus ensinamentos, Seu reino e Sua autoridade⁵.

Diferentemente de Mateus, Marcos parece ter escrito para um público não-judeu. Ele eliminou assuntos de pouco interesse para os gentios, como as genealogias. Quando mencionou a tradição judaica,

de Lucas; em Atos 22 ele era parte da defesa de Paulo perante os judeus de Jerusalém; em Atos 26 ele era parte do sermão de Paulo em Cesaréia, o qual se destinava basicamente ao rei Agripa. Simon Kistemaker fez este comentário sobre os dois últimos desses relatos: “Desse mesmo incidente [sua conversão], [Paulo] escolheu sabiamente palavras diferentes e enfatizou aspectos diferentes no esforço de levar o evangelho a toda parte...” (Simon Kistemaker, *Comentário do Novo Testamento de Atos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, s.d., s.p.).

⁵Serão fornecidas informações adicionais sobre os quatro relatos mais adiante nesta edição, em esboços sobre cada um dos livros.

UMA BREVE COMPARAÇÃO DOS RELATOS DO EVANGELHO

LIVRO	ESCRITO PRINCIPALMENTE PARA	APRESENTA JESUS COMO	ÊNFASE ESPECIAL DO LIVRO	APELO ESPECIAL DE HOJE	PROPÓSITO FINAL	Levar as pessoas a conhecer o SALVADOR
MATEUS	JUDEUS	Rei	Jesus como o Messias; Seu ensino, Seu reino, Sua autoridade	Ao estudante da Bíblia	Salvador PROMETIDO	
MARCOS	ROMANOS	Servo	As atividades de Jesus, milagres para <i>ajudar</i> as pessoas	A pessoa comum, o homem de negócios	Salvador PODEROSO	
LUCAS	GREGOS	Filho do Homem	A humanidade perfeita de Jesus	Ao erudito, pensador, idealista, que procura a verdade	Salvador PERFEITO	
JOÃO	CRENTES	Filho de Deus	A <i>divindade</i> de Jesus	A todas as pessoas	Salvador PESSOAL	

ele geralmente a explicou. Muitos escritores pensam que Marcos estava se dirigindo a um público *romano*⁶; às vezes ele usou expressões latinas em histórias em que outros escritores usaram expressões gregas. Segundo Clemente de Alexandria (ca. 150–215 d.C.), Marcos recebeu um pedido de cristãos de Roma para que registrasse a vida de Cristo conforme ele a ouvira de Pedro⁷. Marcos parece ter se preocupado mais com o que Jesus *fez* do que com o que Ele *ensinou*. Ele apresentou Jesus como um Servo, Aquele que ajudou os outros (Marcos 10:45). Enfatizou os milagres de Jesus porque, neles, pode-se ver o amor e o cuidado do Senhor pelas pessoas.

Assim como Marcos, Lucas parece ter escrito para um público não-judeu. Todavia, enquanto o relato de Marcos parece direcionado a pessoas com formação romana, o relato de Lucas parece ter sido escrito para os intelectuais, os estudantes. Muitos concluem que Lucas tinha em mente um público *grego*. O relato de Lucas apresenta Jesus como “o Filho do Homem” (Lucas 19:10) e coloca ênfase especial na Sua humanidade perfeita.

O relato de João provavelmente foi escrito depois dos outros três e tem a sua própria ênfase especial. Diante dos conceitos errôneos que têm surgido relativos à natureza de Jesus, causando confusão entre os *crentes*. João apresentou Jesus como “o Filho de Deus” (João 20:31) e ressaltou Sua divindade.

Poderíamos dizer que Mateus faz um apelo especial hoje aos estudantes da Bíblia e Marcos faz um apelo especial às pessoas comuns, incluindo os homens de negócios, enquanto Lucas faz um apelo especialmente aos eruditos, pensadores, idealistas e os que procuram a verdade. Por outro lado, João foi chamado de “o Evangelho universal”, apelando para todas as pessoas em todos os tempos.

Além disso, poderíamos dizer que o propósito de Mateus é apresentar Jesus como o Salvador *prometido*; Marcos, o Salvador *poderoso*; Lucas, o Salvador *perfeito* e João, o Salvador *peçoal*. Em se fazendo tais distinções, porém, não devemos perder de vista o fato de que o propósito final de cada livro é o mesmo: *levar todos os homens a um conhecimento de Jesus que os salve!*

⁶Veja a lição “O Livro de Marcos”.

⁷Referência feita em John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos de um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 25.

O QUE OS QUATRO RELATOS COMPREENDEM

O termo “biografia” é às vezes aplicado aos relatos do evangelho, mas, no sentido estrito da palavra, esses quatro livros não são biografias: são “narrativas didáticas”. (“Didático” vem de uma palavra grega e significa basicamente “ensino”.) Aqui estão algumas razões por que dizemos que os relatos não são na realidade biografias:

1) Eles não visam abranger toda a vida de Jesus. Os primeiros trinta anos formam quase uma lacuna, enquanto mais de um terço do texto dos quatro relatos concentra-se em um único acontecimento (a morte de Jesus). Não temos nenhum registro de algum acontecimento na vida de Jesus entre a idade de doze e trinta anos. Se alguém estivesse escrevendo a história da minha vida e deixasse de fora esse período, não haveria nenhuma indicação de como conheci minha esposa ou por que decidi ser pregador, e nenhum registro do meu casamento, do início do meu trabalho, ou do nascimento dos meus filhos. Seria um projeto biográfico realmente estranho!

2) Embora os relatos utilizem basicamente uma abordagem cronológica—nascimento, infância, batismo, ministério, morte e ressurreição—a cronologia nem sempre foi importante para os escritores. Eles geralmente agruparam os acontecimentos para enfatizar determinadas verdades.

3) Nenhum dos escritores descreveu a aparência física de Jesus. Que biógrafo já deixou de fazer isto?

Uma vez que os quatro livros são narrativas didáticas sem excessiva preocupação com a cronologia, não é fácil encaixar os quatro relatos numa única narrativa (uma “harmonia”). Todavia, como mencionamos antes, a tentativa pode ter algum valor. O quadro a seguir nos dá uma idéia da contribuição de cada um dos quatro livros para a história geral de Jesus.

Observemos que os relatos sinóticos apresentam basicamente o mesmo material, enquanto o relato de João apresenta sobretudo material adicional. Mesmo quando engloba o mesmo período, João geralmente apresenta informações diferentes das de Mateus, Marcos e Lucas. O relato de João omite o nascimento, o batismo e a tentação de Jesus, o sermão do monte, todas as parábolas, a transfiguração, a instituição da ceia do Senhor e a agonia no Getsêmani—fatos esses todos descritos nos Evangelhos sinóticos.

Além da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, somente alguns acontecimentos são mencio-

nados em todos os quatro relatos. Quando os quatro livros falam de um acontecimento, isso é digno de nota; esse acontecimento deve ter uma importância especial.

VARIAÇÕES NOS QUATRO RELATOS

Quando se começa a idealizar uma harmonia do evangelho, logo fica visível que há variações entre os relatos do mesmo acontecimento. Como essas variações podem ser explicadas?⁸

⁸Observamos anteriormente que no Livro de Atos, Lucas deu três relatos da conversão de Saulo (Atos 9; 22; 26). John Stott comentou sobre isto: “O estudo de como um único autor (Lucas) conta a mesma história de maneiras diferentes nos ajudará a entender como os três evangelistas sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) também poderiam contar as mesmas histórias de maneiras diferentes” (John R. W. Stott, ed. *A*

Na maioria dos casos, um relato simplesmente complementa um outro relato. Consideremos a história da unção de Jesus em Betânia. No relato de Mateus (Mateus 26:6–13), Jesus estava em Betânia, na casa de Simão, o leproso, quando uma mulher anônima chegou com um recipiente contendo um perfume precioso e ungiu Jesus—fato esse que resultou na desaprovação dos discípulos de Jesus. O relato de Marcos (Marcos 14:3–9) é quase o mesmo, mas alguns detalhes são acrescentados: o perfume era nardo puro, a mulher quebrou o recipiente, e o perfume valia trezentos denários⁹. O relato de João

Mensagem de Atos. Série A Bíblia Fala Hoje. São Paulo: ABU Editora, s.d., s.p.).

⁹Um denário equivalia ao salário de um dia de um trabalhador comum.

O MATERIAL COMPREENDIDO NOS RELATOS DO EVANGELHO				
Esboço Básico da Vida de Cristo	Sinóticos			JOÃO
	MATEUS	MARCOS	LUCAS	
I. PERÍODO DO NASCIMENTO E INFÂNCIA				
A. Pré-existência				
B. Genealogia, nascimento e infância				
II. PERÍODO DE PREPARAÇÃO				
A. Infância				
B. O ministério de João Batista				
C. Batismo e tentação				
III. PERÍODO DE OBSCURIDADE				
A. Ministério inicial na Galiléia				
B. Ministério inicial na Judéia				
IV. PERÍODO DO GRANDE MINISTÉRIO NA GALILÉIA				
A. Cinco sub-períodos	Mais de 14 cap.	Quase 9 cap.	Cerca de 5 cap.	Pouco mais de 1 cap.
B. Visita a Jerusalém durante este período				
V. PERÍODO DE ENCERRAR O MINISTÉRIO EM TODAS AS PARTES DA PALESTINA				
A. Ministério posterior na Judéia				Jerusalém
B. Ministério na Peréia	?	?		Citado
C. Viagem a Jerusalém				Citado
VI. PERÍODO DA ÚLTIMA SEMANA Incluindo a crucificação	7 caps.	5 caps.	4 ½ caps.	8 caps.
VII. PERÍODO DE QUARENTA DIAS Ressurreição a ascensão				

(João 12:1–8) fornece outros detalhes, incluindo os seguintes: Jesus estava num banquete oferecido em Sua homenagem; Marta estava servindo a refeição; Lázaro também era um convidado de honra; a mulher que ungiu Jesus era Maria, irmã de Marte; e quem iniciou a crítica foi Judas Iscariotes. Esses detalhes obviamente não são contraditórios, e sim complementares.

Já observamos que quando testemunhas fornecem detalhes complementares, isto não tira o crédito do seu testemunho, pelo contrário, estabelece sua veracidade.

O Dr. [Henry] Van Dyke disse: “Suponhamos que quatro testemunhas comparecessem perante um juiz para depor sobre certo acontecimento e cada uma delas usasse as mesmas palavras. O juiz, provavelmente, concluiria, não que o testemunho delas era de valor excepcional, mas que a única coisa certa, sem sombra de dúvida, é que haviam concordado em contar a mesma história. Todavia, se cada uma tivesse contado o que tinha visto e como o tinha visto, aí então a prova seria digna de crédito. E quando lemos os quatro Evangelhos, não é exatamente isso que acontece? Os quatro evangelistas contaram a mesma história, cada qual a seu modo”.¹⁰

Em alguns casos, porém, os detalhes não são simplesmente complementares; pelo contrário, eles são diferentes. A ordem dos acontecimentos pode não ser a mesma, personagens diferentes podem ser mencionados, ou dados numéricos podem variar. Por exemplo, observe a história de Jesus curando um ou mais cegos perto de Jericó. No relato de Mateus (Mateus 20:29–34), Jesus estava *saindo* de Jericó e *dois* homens foram curados. No relato de Lucas (Lucas 18:35–43), Jesus estava *chegando* a Jericó e *só um* cego é mencionado¹¹. Como explicar diferenças como essas? Aqui estão algumas possibilidades:

1) Algumas variações nos detalhes existem por causa das diferentes ênfases dos escritores. No exemplo acima, Lucas colocou o holofote em cima de um cego somente, mas isso não elimina a possibilidade de que dois cegos estivessem presentes e tivessem sido curados.

2) As diferenças nos detalhes podem existir porque os escritores estavam registrando acontecimentos semelhantes, mas não um mesmo acontecimento. F. LaGard Smith observou:

Às vezes é... difícil julgar se dois acontecimentos parecidos realmente ocorreram duas vezes ou se houve apenas um acontecimento que foi

registrado num contexto um pouco diferente por um escritor diferente. Exemplos desse problema são a purificação do templo e os lamentos por Jerusalém.¹²

3) Pode parecer haver contradições quando não possuímos todos os fatos do caso. Em relação ao exemplo acima, tem-se sugerido que havia a velha Jericó e a nova cidade de Jericó. Dessa forma, o incidente poderia ter ocorrido quando Jesus *saiu* de uma e *entrou* na outra. Aqueles que afirmam haver contradições estão admitindo uma falta de conhecimento.

4) Pode parecer haver contradições porque não entendemos alguma coisa a respeito do texto original. Por anos, cétricos alegaram que havia uma contradição no Antigo Testamento relativa a um pagamento que foi feito: um relato referia-se ao pagamento como uma certa quantia enquanto outro relato dava um valor diferente. Posteriormente, arqueólogos descobriram que havia dois sistemas de se avaliar os metais preciosos naquela época; provavelmente um escritor referiu-se a um sistema de valores enquanto o outro se referiu a outro sistema. De tempos em tempos, a arqueologia lança novas luzes sobre o texto.

À medida que prosseguirmos na história de Jesus, observaremos algumas das “diferenças” mais divulgadas entre os relatos e apresentaremos possíveis sugestões de como conciliar as variações.

SEMELHANÇAS NOS QUATRO RELATOS

Uma vez que cremos na inspiração das Escrituras (2 Timóteo 3:16, 17), são as *variações* nos relatos do evangelho que nos interessam. Todavia, muitos eruditos estão interessados nas *semelhanças* entre os relatos do evangelho—especialmente Mateus, Marcos e Lucas. Esses homens referem-se ao “problema sinótico” e debatem longamente por que os três livros são tão semelhantes: por que os escritores usam às vezes uma linguagem semelhante ou até idêntica. Eles se empenham na solução de questões como estas: “Um escritor teria copiado de outro?”; “Os escritores copiaram de uma fonte comum?”

Confesso que sou pouco solidário com a perplexidade desses homens estudados. Essas semelhanças seriam o resultado natural de todos os livros serem inspirados por um Autor comum, o Espírito Santo. Assim como nos tempos do Antigo Testamento, “homens santos falaram da parte de Deus,

¹⁰Mears, p. 345.

¹¹No relato de Marcos (Marcos 10:46–52), só um cego é curado (Bartimeu).

¹²F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order* (“Bíblia Narrada em Ordem Cronológica”). Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1984, p. 1351.

movidos pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1:21). Para aquele que tem fé na inspiração das Escrituras¹³, a Autoria comum de todos os quatro livros resolve de uma vez por todas o suposto “problema sinótico”.

OS QUATRO RELATOS SÃO CONFIÁVEIS!

Os relatos de Mateus, Marcos, Lucas e João da vida de Jesus são considerados parte do Novo Testamento inspirado, desde os primórdios da igreja—só esses quatro relatos foram incluídos no cânone.

Com exceção de algumas narrações fragmentárias [encontradas em outros livros do Novo Testamento], as crônicas autênticas da Sua vida [de Jesus] estão contidas somente nos quatro Evangelhos, o de Marcos e o de Mateus, o de Lucas e o de João, que desde o mais primitivo período da sua história são considerados canônicos pela cristandade. Embora tivesse havido muitos outros Evangelhos que pretendiam narrar fatos da Sua vida que não estão registrados nos famosos quatro, esses evangelhos apócrifos¹⁴ são geralmente de data tardia e não merecem confiança. Contêm poucas descrições que não sejam uma repetição do conteúdo dos Evangelhos canônicos, e muito do que acrescentam é obviamente fantasista e lendário. Além disso, a sua linguagem denuncia que foram escritos para apoiar as opiniões de alguma seita particular....¹⁵

Ao iniciar este estudo sobre a vida de Cristo, é importante nos conscientizarmos de que podemos *confiar* nos quatro relatos.

Um dos maiores advogados norte-americanos do passado foi Simon Greenleaf, que escreveu uma das obras mais importantes sobre a lei das provas já escritas em língua inglesa. Seu

livro *A Treatise on the Law of Evidence* (“Tratado sobre a Lei das Provas”) só foi superado no assunto aproximadamente um século depois. Ele foi publicado até a décima sexta edição. Quando já era um advogado maduro, aos sessenta e três anos, apenas sete anos antes de sua morte, Simon Greenleaf publicou um volume em que examinou o testemunho dos quatro evangelistas em favor de Jesus Cristo. Ele usou as mesmas leis de provas empregadas nos tribunais de justiça no mundo civilizado. Disse ele: “Nossa profissão nos leva a explorar os labirintos da falsidade, a detectar seus artifícios, a penetrar suas cortinas mais finas, a seguir e expor seus sofismas, a comparar as afirmações de testemunhas diferentes com seriedade, a descobrir a verdade e separá-la do erro”. Nesse livro, que contém 543 páginas, Simon Greenleaf chegou à conclusão de que os Evangelhos são absolutamente confiáveis e que os quatro evangelistas não poderiam ter mentido sobre Jesus Cristo, pois o testemunho deles soa verdadeiro.¹⁶

Mateus, Marcos, Lucas e João são exatamente o que eles alegam ser: relatos verdadeiros da maior vida já vivida! Podemos confiar nossas vidas—e nossa eternidade—a esses livros. Paulo disse isto da seguinte maneira: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1 Timóteo 1:15a).

¹³Em toda esta série, assumiremos que o Espírito Santo inspirou Mateus, Marcos, Lucas e João a escreverem o que eles escreveram. Às vezes, afirmaremos isto; às vezes não. Sempre que se afirmar que um dos escritores do evangelho “disse” isto ou aquilo, deve-se entender que ele o disse *por inspiração*.

¹⁴“Apócrifo” significa “oculto”. Conforme o uso atual, implica “a questionável autoria e autenticidade”.

¹⁵Merrill C. Tenney, *O Novo Testamento, Sua Origem e Análise*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1972, p. 147.

¹⁶John Phillips, *Exploring the Scriptures* (“Explorando as Escrituras”). Londres: Victory Press, 1965, pp. 189–90.

O Mundo para o qual Cristo Veio

David Roper

Os primeiros leitores dos relatos do evangelho estavam familiarizados com o mundo para o qual Jesus veio, mas a maioria de nós não está. No que se refere à terra da Palestina nos dias de Cristo, B. S. Dean observou que “o cenário natural é o mesmo de quando Abraão armou pela primeira vez a sua tenda em Siquém”, mas “todo o restante está mudado”¹. Entre as mudanças da época do Antigo Testamento incluem-se: a sinagoga tornou-se um elemento chave da cena religiosa. Seitas, como as dos fariseus e saduceus, exerciam grande influência. O país era governado por Roma. Como ocorreram essas mudanças?

O PERÍODO ENTRE OS TESTAMENTOS

O período durante o qual a maioria das mudanças ocorreu foram os anos entre o registro do Antigo Testamento e do Novo Testamento.

Quando o Antigo Testamento foi concluído, muitos judeus haviam voltado recentemente para Canaã² libertos do cativeiro babilônico, mas sob o domínio persa. O último livro histórico do Antigo Testamento a ser escrito foi Neemias; o último livro profético foi Malaquias. Os judeus estavam esperando o Messias de Deus e o mensageiro que prepararia o caminho para Ele. Malaquias escrevera:

Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da Aliança, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos (Malaquias 3:1; veja também 4:5, 6).

Silêncio

Entre Malaquias e os acontecimentos dos relatos do evangelho, houve aproximadamente quatrocentos anos³ de silêncio. Por “silêncio”, referimo-nos ao

¹B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 5.

²Outros judeus não voltaram, mas ficaram nas terras onde haviam se dispersado. A isto deu-se o nome de “a Dispersão” (João 7:35; veja Tiago 1:1).

³A última escritura do Antigo Testamento foi composta por volta de 430–425 a.C. Os primeiros acontecimentos do

silêncio profético. Durante esse período, Deus não enviou mensageiros inspirados. Os israelitas foram guiados pelas escrituras da Lei e dos Profetas (Mateus 11:13; Lucas 16:16; veja também Lucas 24:44).

Por que Deus permitiu esse interlúdio de vários séculos antes de mandar Seu Filho? F. LaGard Smith sugeriu várias possibilidades⁴: 1) Talvez Deus desejasse dramatizar o acontecimento mais importante da história da humanidade. Na época em que Jesus finalmente veio, a expectativa estava extremamente elevada. 2) Talvez Deus quisesse que o cumprimento das profecias messiânicas fosse mais marcante. O longo intervalo asseguraria que o cumprimento não era algo inventado. 3) Talvez Deus estivesse esperando que a situação política e religiosa fosse exatamente ideal para a missão do Messias. Paulo escreveu: “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho” (Gálatas 4:4a). Uma possível tradução seria: “Mas quando o tempo certo chegou, Deus enviou Seu Filho”.

Fontes

O fato de que o período entre os Testamentos foi um período de silêncio profético não significa que nada sabemos sobre os anos que configuraram o mundo de Jesus. Temos várias fontes de informação.

1) *Os Escritos Apócrifos*. “Apócrifos” é o nome dado aos quatorze livros contidos em algumas Bíblias entre o Antigo e o Novo Testamento. A palavra “apócrifo” significa “oculto”. Esses livros não foram considerados inspirados nem pelos judeus⁵, nem

Novo Testamento—relacionados ao nascimento de João Batista—ocorreram cerca de 5 a.C. Isto perfaz um intervalo de pouco mais de quatrocentos anos.

⁴Três das possibilidades de Smith foram escolhidas e adaptadas aqui (F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order* (“A Bíblia Narrada em Ordem Cronológica”). Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1984, pp. 1338–39).

⁵Eles não foram incluídos no “cânone” (a coleção de livros do Antigo Testamento considerados inspirados) do Antigo Testamento.

por Jesus e Seus apóstolos⁶. Vários desses volumes refletem as crenças supersticiosas dos persas e de outros povos pagãos. Apesar disso, os livros como um todo lançam algumas luzes sobre a história e os costumes dos judeus. Primeiro Macabeus é especialmente útil; ele contém a história do povo judeu na Judéia entre 175 e 132 a.C.

2) *Os Escritos de Josefo*. Josefo foi um historiador judeu, nascido por volta de 37 d.C. Ele sobreviveu ao cerco e à destruição de Jerusalém por Tito e escreveu dois livros importantes: *As Antiguidades dos Judeus* (uma história de seu povo desde a criação) e *As Guerras Judaicas* (um relato dos judeus desde 170 a.C. até o seu tempo)⁷. Alguns “fatos” que Josefo narra são questionáveis, mas seus escritos continuam sendo uma grande fonte de informação.

3) *Miscelânea de testemunhas gregas e romanas*. Faremos menção de algumas dessas fontes nesta série.

4) *Descobertas arqueológicas*. Descobertas na Palestina e em outros lugares lançam muitas vezes luz sobre a história e o estilo de vida dos judeus.

5) *As Escrituras*. Algumas informações sobre esse período podem ser colhidas dos próprios relatos do evangelho.

QUATRO IMPÉRIOS

Durante os quatrocentos e poucos anos entre os Testamentos, Deus estava interferindo nos assuntos da humanidade, executando Seus propósitos. A estrutura desses anos foi esboçada em Daniel 2, num sonho de Nabucodonosor, rei da Babilônia.

...eis aqui uma grande estátua; esta, que era imensa e de extraordinário esplendor, ... e a sua aparência era terrível. A cabeça era de fino ouro, o peito e os braços, de prata, o ventre e os quadris, de bronze; as pernas, de ferro, os pés, em parte, de ferro, em parte, de barro (Daniel 2:31–33).

Daniel disse ao rei Nabucodonosor que ele (e o reino babilônico) estavam representados pela cabeça de ouro (vv. 37, 38). A seguir, o profeta acrescentou:

Depois de ti, se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de bronze, o qual terá domínio sobre toda a terra. O quarto reino será forte como ferro; pois o ferro a tudo quebra e esmiúça; como o ferro quebra todas as coisas, assim ele fará em pedaços e esmiuçará (vv. 39–40).

Sabemos pelas Escrituras e pela história que os quatro reinos de Daniel 2 foram: 1) o império babilônico,

⁶Jesus e Seus apóstolos citaram freqüentemente o Antigo Testamento, mas não citaram os apócrifos.

⁷Josefo também escreveu duas outras obras de menor importância para nós, *Contra Apíom e Autobiografia*.

lônico, 2) o império medo-persa, 3) o império grego e 4) o império romano⁸.

Antes que o Antigo Testamento fosse concluído, o primeiro império (babilônico) havia caído e o segundo (medo-persa) havia assumido o poder (veja Daniel 5:28, 30, 31; 6:8, 12, 15, 28; 8:20; 10:1; 11:1; Esdras 1:1–4; Ester 1:19). Nossa preocupação, então, é com os acontecimentos ocorridos durante o segundo, o terceiro e o quarto reino.

O Período Medo-Persa⁹ (539–333 a.C.)¹⁰

Como já foi observado, quando o Antigo Testamento chegou à sua conclusão, os persas controlavam Canaã. Esse foi basicamente um período tolerante para os judeus. Os persas permitiram que a nação judaica fosse governada pelo sumo sacerdote—sujeito a um governador persa vizinho.

Durante esse período, aumentou a tensão entre os judeus que haviam retornado e os habitantes miscigenados de Canaã (veja Esdras 4:4; Neemias 4:1–8). Esses habitantes haviam ocupado grande parte do norte de Judá na região conhecida como Samaria (veja Esdras 4:10, 17; Neemias 4:2); ficaram conhecidos como “samaritanos”¹¹. Segundo Reis 17:24–33 relata como os samaritanos misturaram a adoração ao Senhor Deus com a adoração às divindades pagãs. O versículo 33 diz: “De maneira que temiam o Senhor e, ao mesmo tempo, serviam aos seus próprios deuses, ...” Quando Jesus veio, os samaritanos ocupavam o centro do país (João 4:3, 4). A relação de animosidade entre judeus e samaritanos propiciou o pano de fundo para uma série de acontecimentos na vida de Jesus (Lucas 10:33; 17:16; João 4:9).

O Período Grego¹² (333–165 a.C.)

1) *Alexandre, o Grande* (333–323 a.C.). Em 336 a.C., o jovem de vinte anos, Alexandre, o Grande,

⁸O sonho profético também continha outros detalhes, como a fraqueza inerente do império romano. Para nós, o aspecto mais importante da profecia é a promessa de que Deus estabelecerá o Seu reino (Daniel 2:44)—uma promessa cumprida quando a igreja foi estabelecida. Nesta lição, porém, queremos nos concentrar nos quatro reinos preditos.

⁹Os medos e persas uniram as forças para conquistar o mundo, daí se dizer império medo-persa. Por outro lado, a Pérsia predominou, de maneira que se diz freqüentemente império persa. Sendo assim, usaremos simplesmente a referência domínio ou governo persa.

¹⁰As datas dos diferentes períodos variam em alguns anos conforme são fornecidas por autoridades diferentes. Pensemos nas datas como estimativas aproximadas, e não absolutas. As datas fornecidas nos diferentes períodos limitam-se apenas ao domínio sobre a Palestina.

¹¹Veja mais informações sobre os samaritanos na lição “Glossário” na edição “Atos, 3”, de *A Verdade para Hoje*.

¹²Isto também é conhecido como “Período Macedônico”, pois Alexandre, o Grande, era da Macedônia. Daniel

assumiu o comando do exército da Grécia. Dentro de alguns anos, ele conquistou o mundo. Durante suas conquistas, ele aniquilou a cidade de Tiro, cumprindo a profecia contra essa cidade registrada em Ezequiel 26 e 28. Por causa da sua influência, a cultura grega espalhou-se pelo mundo. Ele estabeleceu uma cidade no Nilo, Alexandria, como centro da influência grega. Um fato especialmente relevante para os cristãos é o grego ter se tornado a língua universal. O Novo Testamento foi escrito em grego *koine* (comum)¹³.

Alexandre assumiu o controle de Jerusalém por volta de 333 a.C. Os escritos de Josefo narram como o sumo sacerdote recebeu o conquistador fora dos muros da cidade. Alexandre deu privilégios especiais aos judeus. Ele os usou como colonos, persuadindo-os a se estabelecerem em extensas regiões do seu império.

Durante esse período, os escribas surgiram como uma classe distinta entre os judeus. Posteriormente, falaremos mais sobre os escribas.

A morte de Alexandre em 323 a.C. foi seguida por uma luta pelo poder que durou vinte anos. Finalmente, seu reino foi dividido em quatro territórios: Grécia, Ásia, Egito e Síria¹⁴. Os dois territórios que nos interessam são o Egito e a Síria. Os ptolomeus¹⁵ assumiram o controle do Egito e os selêucidas¹⁶ governaram a Síria.

2) *Os Ptolomeus (323–198 a.C.)*. Situada entre o Egito e a Síria, a Palestina ficou encurralada na luta entre os dois poderes¹⁷. Quando os exércitos egípcios marchavam para a Síria, eles capturavam a Palestina a caminho do norte. Quando os exércitos sírios se moviam para o sul, em direção ao Egito, eles tentavam capturar a Palestina na ida ou na volta.

Durante os próximos cem anos, os judeus ficaram ocasionalmente sob o controle da Síria, mas na maior parte do tempo estavam sujeitos ao Egito. Ptolomeu I capturou Jerusalém e levou um contingente de judeus para ajudá-lo a colonizar a Alexandria. Deu-lhes completa cidadania e incentivou a erudição judaica.

O período de governo de Ptolomeu foi basicamente um período pacífico para o povo judeu. Um feito significativo foi a tradução da Septuaginta no Egito. Ptolomeu II encomendou uma tradução grega das Escrituras hebraicas para a grande biblioteca de Alexandria. Essa tradução foi concluída em torno de 285 a.C. Segundo a tradição, ela foi produzida por setenta eruditos judeus. (Daí o nome “Septuaginta”, que significa “setenta”¹⁸.) Muitas citações do Antigo Testamento feitas por escritores e falantes do Novo Testamento são da Septuaginta.

A luta entre o Egito e a Síria continuou por todo esse período. Finalmente, por volta de 198 a.C., a Palestina caiu no domínio sírio.

3) *Os Selêucidas (198–165 a.C.)*. Para facilitar seu controle sobre o território, os selêucidas dividiram a Palestina em cinco províncias: Judéia, Samaria, Galiléia, Peréia e Traconites. Veremos mais sobre essas e outras divisões posteriormente.

O período do governo sírio foi o mais tenebroso da história do judaísmo. O vilão principal foi Antíoco IV, também conhecido como Antíoco Epifanes. F. LaGard Smith rotulou-o de “um dos homens mais cruéis a ocupar um cargo público”¹⁹. Epifanes (175–165 a.C.) odiava o povo judeu e tentou helenizá-los. Ele erigiu um templo a Júpiter em Jerusalém e tentou erradicar a religião judaica. Fechou o templo, decretou que a circuncisão era ilegal e prometeu morte a qualquer um que praticasse o judaísmo. Também vendeu milhares de judeus como escravos e matou outros milhares. Saqueou os tesouros do templo e sacrificou uma porca no altar²⁰. Derramou suas cinzas em água e aspergiu essa água por todo o templo, profanando a estrutura santa.

O Período de Independência (165–63 a.C.)

As atrocidades de Antíoco Epifanes foram o catalisador para a insurreição dos judeus guiada por um sacerdote idoso chamado Matatias. Matatias tinha cinco filhos intrépidos e guerreiros; um deles—Judas—tornou-se o líder da revolta. Judas era conhecido como “Judas, o Martelo”. “Macabeu” é a palavra grega para “martelo”, por isso esse período é, por vezes, chamado de período macabeu da histó-

8:21 usa a palavra “Grécia”, de maneira que será esse o termo que usaremos neste estudo panorâmico.

¹³Grego *koine* era o grego falado pelo homem comum naqueles dias, em oposição ao grego clássico.

¹⁴A divisão do reino de Alexandre, o Grande, em quatro partes foi profetizada em Daniel 8:8, 21, 22.

¹⁵O nome “ptolomeus” deriva do nome do general que ganhou o controle do Egito: Ptolomeu.

¹⁶O nome “selêucidas” deriva do nome do general que ganhou o controle da Síria: Seleuco.

¹⁷Veja o mapa na página 4.

¹⁸Veja mais informações sobre a Septuaginta na lição “Glossário” da edição “Atos, 1”, de *A Verdade para Hoje*.

¹⁹Smith, p. 1346. É de consenso geral que várias profecias de Daniel relacionam-se ao reinado tirano de Antíoco Epifanes (por exemplo, Daniel 8:9–11)

²⁰O porco era um animal impuro para os judeus (Levítico 11:3, 7).

ria judaica²¹. Judas Macabeu reconquistou Jerusalém em 165 a.C. O templo foi purificado e rededicado ao Senhor. Isto deu origem à Festa da Dedicção (veja João 10:22).

A guerra contra a Síria continuou de 163 a 143 a.C. Finalmente, os judeus ganharam a independência. Uma dinastia judaica sob João Hircano estabeleceu-se em 135 a.C.

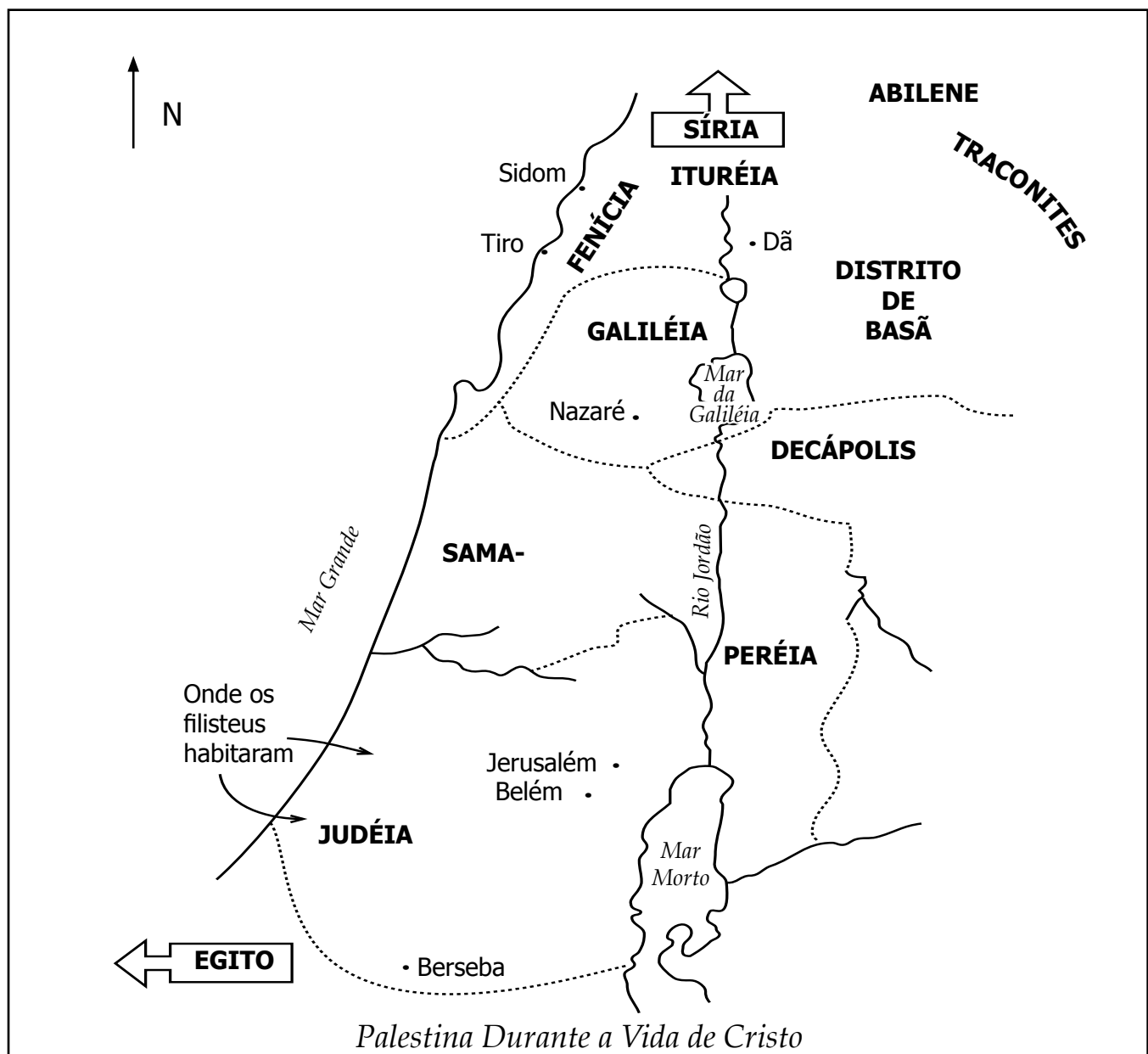
Durante esse período, surgiram seitas judaicas, incluindo os fariseus e saduceus. Veremos mais sobre essas e outras seitas posteriormente. Também

durante esse período, o ofício do sumo sacerdote tornou-se mais um cargo político do que religioso. Sumos sacerdotes eram nomeados por quem estivesse no poder²².

Os últimos anos desse período foram anos de disputa civil. Diferentes membros da descendência de João Hircano foram rivais na disputa pelo trono. Houve conspirações, represálias e assassinatos políticos. Finalmente, um dos partidos da disputa apelou para um poder superior—Roma—pedindo apoio. Buscar a intervenção de Roma nessa disputa

²¹Também é conhecido como período asmoneano (ou hasmoneano). Mais alguns detalhes dos macabeus são fornecidos na lição “O Homem Que Pensava Ser Deus” da edição “Atos, 5”, de *A Verdade para Hoje*.

²²Moisés havia decretado que o sumo sacerdote precisava ser um descendente de Arão (veja Êxodo 29:9; Números 25:10–13), geralmente o filho mais velho. Ao que tudo indica, as instruções de Moisés foram esquecidas ou ignoradas.



judaica foi como convidar raposas para entrar num galinheiro e julgar suas diferenças. Não demorou muito para os judeus perderem sua independência.

O Período Romano (63 a.C.—70 d.C.)²³

Jerusalém foi conquistada por Pompeu, o Grande, em 63 a.C.²⁴ Os governantes romanos durante a vida de Jesus foram Augusto (Otávio) César (27 a.C.—14 d.C.) (Lucas 2:1) e Tibério César (14–37 d.C.) (Lucas 3:1)²⁵.

A Palestina foi entregue a autoridades sujeitas a Roma. Inicialmente, Antipas foi constituído governador da Judéia. Ele foi sucedido por seu filho Herodes, o Grande, que foi rei da Judéia em 37–3 a.C. (Lucas 1:5)²⁶. Herodes foi um gênio como governador, mas seus vícios excederam suas habilidades governamentais. Ele despertou o ódio dos judeus ao introduzir corridas de carros e outros costumes gregos em Jerusalém. Na tentativa de conquistar a simpatia dos judeus, ele iniciou a reconstrução do templo (veja João 2:20) que foi basicamente destruído por Epifanes. Esse Herodes é difamado como o rei que matou os bebês com o intuito de destruir Jesus (Mateus 2:1–18).

Quando Herodes, o Grande, morreu (Mateus 2:19), o país foi entregue nas mãos de uma tetrarquia (“governo de quatro”): 1) Inicialmente, um filho de Herodes chamado Arquelau foi constituído governador da Judéia e Samaria (Mateus 2:22). Ele foi destituído em 6 d.C. e substituído por uma série de governadores. (Pilatos foi o sexto governador [Lucas 3:1].) 2) Outro filho, Herodes Antipas (ora simplesmente chamado de Herodes, ora distinguido como “Herodes, o Tetrarca” no Novo Testamento), foi constituído tetrarca da Galiléia e Peréia (Lucas 3:1; veja Mateus 14:1). Ele é o Herodes mais conhecido, pois governou durante o ministério pessoal de Jesus²⁷. 3) Um terceiro filho, Filipe, foi “tetrarca da região da Ituréia e Traconites”²⁸ (Lucas 3:1; veja Mateus 14:3)—uma região às vezes denomina-

²³Como em todas as datas, nossa preocupação é com o território da Palestina. Roma destruiu Jerusalém no ano 70 d.C.

²⁴Nesse tempo, Roma era governada por um triunvirato que incluía Pompeu e Júlio César. No final, Júlio César assumiu o controle.

²⁵Veja a página 3 na lição “Sinais Significativos e Símbolos Surpreendentes” da edição “Apocalipse—Parte 1”, de *A Verdade para Hoje*.

²⁶Veja mais informações sobre Herodes, o Grande e sua família na lição “O Homen Que Pensava Ser Deus” da edição “Atos, 5”, de *A Verdade para Hoje*.

²⁷Veja a lição “O Homen Que Pensava Ser Deus” da edição “Atos, 5”, de *A Verdade para Hoje*.

²⁸Veja o mapa na página 4.

da Distrito de Basã²⁹. 4) Uma quarta área, chamada Abilene³⁰, foi dada a Lisânias (Lucas 3:1), que não era um Herodes. Abilene não fazia parte da região que fora governada por Herodes, o Grande.

Os romanos deram aos judeus uma série de concessões: eram isentos do serviço militar; não podiam ser convocados ao tribunal no dia de sábado; tinham permissão de emitir moedas de cobre só com inscrições e sem imagem³¹. Os soldados romanos eram proibidos de carregar estandartes com imagens dentro do território deles.

De maior relevância para os cristãos é como o período romano preparou o caminho para Cristo: o estabelecimento da *pax romana* (a paz romana), a difusão de uma língua universal (grego) e a construção de grandes redes de estradas que permitiam o transporte e a comunicação por todo o império.

O TERRITÓRIO DA PALESTINA

No Antigo Testamento, o território em que Jesus mais tarde nasceu era chamado de “Canaã” (Gênesis 12:5; Êxodo 6:4; Josué 14:1). Na época do Novo Testamento, ele era conhecido como “Palestina”³²—embora esse nome não se encontre no Novo Testamento³³.

Esta série apresentará mapas para ajudá-lo a visualizar as mobilizações de Jesus. Os relatos do evangelho registram cerca de 150 acontecimentos na vida de Cristo; cem ou mais desses acontecimentos estão relacionados a pontos geográficos específicos.

Veja o mapa na página 38. Uma expressão popular para se falar da extensão do território era “de Dã até Berseba” (Juízes 20:1; veja 1 Samuel 3:20; 1 Reis 4:25). De Dã no norte até Berseba no sul havia uma distância de cerca de duzentos e quarenta quilômetros. O território compreendia de vinte e cinco mil

²⁹“Basã” é mencionado muitas vezes no Antigo Testamento (Josué 22:7; 1 Crônicas 6:71; Isaías 33:9), mas não no Novo Testamento. A região ao redor da Ituréia e Traconites corresponde aproximadamente à antiga nação de Basã, por isso é muitas vezes designada nos mapas como “Distrito de Basã”.

³⁰Veja o mapa na página 4.

³¹Circulavam moedas com a imagem de César (Mateus 22:20), mas os judeus não tinham de manipular as “moedas amaldiçoadas”, exceto para pagar os tributos a Roma.

³²O nome “Palestina” deriva dos filisteus. Os filisteus viveram no litoral sul de Canaã (veja Sofonias 2:5). Os macabeus lutaram contra os filisteus, mas os filisteus não são mencionados no Novo Testamento. Alguns julgam que eles foram absorvidos pela nação judaica.

³³O nome “Palestina” ocorre uma vez no Antigo Testamento, numa antiga versão inglesa (KJV), em Joel 3:4, onde a maioria das traduções cita o nome “Filístia” ou “Filistéia”.

a trinta mil quilômetros quadrados³⁴. Fazendo uma comparação, quarenta dos cinquenta estados norte-americanos são maiores do que ela³⁵.

Três províncias eram proeminentes nos dias de Cristo, todas a oeste do rio Jordão³⁶. 1) *Judéia*. A província da Judéia era dominada pelos judeus. Os judeus tinham orgulho de sua ortodoxia. Jesus visitou a Judéia várias vezes—especialmente nos dias de festa. 2) *Samaria*. A Samaria, como já foi visto, era ocupada pelo povo miscigenado conhecido como “samaritanos”. Jesus passou algumas vezes por Samaria indo para o norte ou para o sul. 3) *Galiléia*. A Galiléia tinha uma mistura de judeus e gentios (veja Mateus 4:15). Era menosprezada pelos judeus como uma região retrógrada. Jesus passou a maior parte da Sua vida na Galiléia.

Outras regiões do mapa também são significativas na vida de Cristo. Em várias ocasiões, Ele atravessou o mar da Galiléia até a sua margem oriental, designada como “Distrito de Basã” no nosso mapa³⁷. Lucas 3:1 a denomina “região da Ituréia e Traconites”. A parte sul dessa região era chamada de “Decápolis”, que significa literalmente “dez cidades”³⁸ (Mateus 4:25; Marcos 5:20; 7:31).

Perto do final do ministério de Jesus, Ele fez uma série de retiradas da Galiléia. Uma dessas retiradas foi para o oeste, em direção à região de Tiro e Sidom, cidades no país da Fenícia (Mateus 15:21). Ele também fez várias retiradas para o lado leste do Jordão. Segundo Josefo, essa região era designada “Peréia”, mas a expressão usada nos relatos do evangelho é “dalém do Jordão” (Mateus 4:25; 19:1; Marcos 10:1; João 10:40).

Alguns lugares-chaves estão inclusos no mapa para ajudá-lo a orientar-se geograficamente. Em cada edição, teremos um mapa marcando os pontos relativos aos acontecimentos estudados na edição.

Uma palavra de cautela se faz necessária em relação a esses mapas: embora a divisão básica do ter-

³⁴John D. Davis, “Palestine”, *A Dictionary of the Bible* (“Dicionário da Bíblia”), 4a. ed. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1956, p. 562.

³⁵Compare o tamanho da Palestina com o tamanho de regiões próximas a você. Isto ajudará seus ouvintes a entenderem a relativa pequenez da Palestina. Ela era um pouco maior que os atuais Fiji, Kuwait e Suazilândia, e um pouco menor que Belize, El Salvador ou Slovênia.

³⁶Veja informações adicionais sobre as províncias da Palestina na edição “Esboço da História do Antigo Testamento”, de *A Verdade para Hoje*.

³⁷Reveja a nota de rodapé 29 acima.

³⁸Havia mais de dez cidades na região, mas tudo indica que dez delas eram consideradas proeminentes.

ritório seja mais ou menos clara nos relatos bíblicos e nas fontes seculares, as fronteiras exatas entre as várias províncias são incertas. Entenda-se, porém, que as linhas entre as províncias são locais *aproximados* da fronteira.

OUTRAS MUDANÇAS

Os últimos dias do Antigo Testamento e os anos entre os Testamentos também afetaram o mundo judaico de outras maneiras.

Mudanças na Designação

Por volta do final do Antigo Testamento, o povo de Deus já era conhecido como “judeus” (Esdras 4:12; 5:1). Esse nome derivou-se do reino do sul, Judá: a maioria que regressou do cativeiro babilônico era descendente do povo dessa região (e da tribo de Judá). Na época do Novo Testamento, “judeus” era a principal designação usada para essas pessoas (Mateus 2:2; João 1:19).

Ainda eram ocasionalmente chamados de “israelitas” (veja João 1:47; 2 Coríntios 11:22), indicando que eram descendentes de Israel. Também eram às vezes rotulados de “hebreus” (Atos 6:1; 2 Coríntios 11:22) por causa de sua língua tradicional.

Mudanças na Língua

Após o regresso do cativeiro babilônico, o aramaico substituiu gradualmente o hebraico como língua comum dos judeus. O aramaico, a língua da Síria, era semelhante ao hebraico—assim como o italiano se assemelha ao latim. Os meninos judeus ainda aprendiam o hebraico na escola—assim como os meninos italianos estudam o latim.

A língua universal nos dias de Jesus era o grego, embora o idioma oficial do governo romano fosse o latim. Quando Jesus foi pregado na cruz, os dizeres da placa sobre Sua cabeça estavam escritos em três línguas: hebraico, latim e grego (João 19:20).

Mudanças na Ocupação Profissional

Antes do cativeiro, os judeus eram agricultores e pecuaristas. Afastados de suas propriedades durante o cativeiro, eles descobriram que possuíam habilidades comerciais. Na época de Jesus, havia comerciantes judeus espalhados pelo mundo inteiro.

Mudanças na Adoração

O templo de Jerusalém ainda era importante para os judeus. O templo que fora construído por Zorobabel, após o regresso do cativeiro babilônico, foi totalmente destruído por Epifanes. Herodes, o Grande, havia começado a reconstruir o templo (veja João 2:20) cerca de dezesseis anos antes do nascimento de Jesus; esse projeto ainda estava em

andamento durante o ministério de Jesus³⁹. Os fiéis que moravam na Palestina viajavam até Jerusalém várias vezes por ano para as festas⁴⁰. Os judeus piedosos que moravam em outras terras também faziam de vez em quando a árdua viagem até Jerusalém (Atos 2:5–11).

Na época de Cristo, porém, a *sinagoga* era o centro da vida religiosa dos judeus. A sinagoga não é mencionada no Antigo Testamento, mas é destaque no Novo Testamento (Mateus 12:9; 13:54). A sinagoga provavelmente teve origem quando os judeus estavam no cativeiro e impossibilitados de ir a Jerusalém nos dias de festa prescritos. Eram necessários apenas dez homens judeus para se organizar uma sinagoga⁴¹. Havia centenas de sinagogas em Jerusalém e no restante do mundo. Os cultos de sábado na sinagoga eram simples—consistiam de cânticos, orações e leitura das Escrituras⁴². Anexas à maioria das sinagogas havia escolas que os meninos judeus freqüentavam obrigatoriamente.

Mudanças na Liderança Religiosa

No Antigo Testamento, os sacerdotes eram os líderes religiosos reconhecidos. O trabalho deles era complementado por um profeta ocasional enviado por Deus. Ao estudarmos a vida de Cristo, ainda encontraremos sacerdotes e seus assistentes levitas (Lucas 10:31, 32). Um fato especialmente significativo será que, durante o ministério de Jesus, com efeito, o judaísmo tinha *dois* sumo sacerdotes (veja Lucas 3:2). O sumo sacerdote Anás havia sido destituído do sumo sacerdócio pelo governador romano, mas retinha influência suficiente para fazer com que seu genro Caifás (João 18:13) fosse nomeado (Mateus 26:3, 57; João 11:49; 18:24). Aos olhos da maio-

ria dos judeus, Anás continuava sendo o verdadeiro sumo sacerdote (veja Atos 4:6).

Além dos sacerdotes, surgira outra liderança nos tempos do Novo Testamento. Primeiramente, surgiram os rabinos ou rabis (Mateus 23:7, 8)⁴³, que eram os professores nas sinagogas e nas escolas das sinagogas. Os rabis haviam substituído totalmente os sacerdotes como autoridades religiosas. Para alguns, as interpretações rabínicas da Lei tinham o mesmo peso que a própria Lei⁴⁴.

A seguir vinham os escribas mencionados anteriormente (Mateus 2:4; 5:20; 7:29; 9:3). A palavra grega traduzida por “escriba” significa literalmente “escritor”. Originalmente, os escribas tinham a responsabilidade de registrar acontecimentos importantes⁴⁵. Na época do Novo Testamento, eles eram responsáveis pela confecção de cópias do Antigo Testamento. Eram conhecidos como autoridades da Lei, sendo, às vezes, chamados de “intérpretes da Lei” (Lucas 7:30; 11:45, 46, 52)⁴⁶. Eles não eram especialistas na lei civil, mas na lei religiosa. Muitos dos escribas eram fariseus (veja o comentário sobre “Os Fariseus”, na página seguinte)⁴⁷.

O terceiro grupo era composto pelo Sinédrio. O Sinédrio era o “Supremo Tribunal” dos judeus. “Sinédrio” é uma transliteração da palavra grega traduzida por “conselho” e “concílio” na ERC (Mateus 26:59; Marcos 15:43; Lucas 22:66), mas vertida por “Sinédrio” na ERAB e NVI. O Sinédrio apareceu pela primeira vez na história por volta do ano 200 a.C., como o conselho responsável por regulamentar as questões internas da nação judaica. Tradicionalmente, o Sinédrio continha setenta membros—mais o sumo sacerdote, que servia como presidente. Os membros eram na maioria saduceus (veja os comentários sobre “Os Saduceus” a seguir), mas havia uma minoria poderosa farisaica (veja o comentário sobre “Outras Seitas” a seguir)⁴⁸.

³⁹O templo só foi concluído no final da década de 60 d.C., pouco antes de ser destruído em 70 d.C. pelo exército romano. Alguns acreditam que a construção ainda não estivesse terminada nessa época.

⁴⁰Veja o quadro “As Festas dos Judeus”. Todas essas festas são mencionadas no Novo Testamento com exceção da Festa das Trombetas e do Purim. As festas serão comentadas em futuras edições desta série, à medida que forem introduzidas no texto.

⁴¹A palavra “sinagoga” na verdade se referia às pessoas, e não ao prédio em que se reuniam. (Veja o significado da palavra “sinagoga” na nota de rodapé 21, na página 13 desta edição.) De qualquer modo, a palavra é usada com freqüência no Novo Testamento referindo-se ao prédio em que as pessoas se reuniam (Lucas 7:5).

⁴²Veremos mais sobre as sinagogas e sua organização e cultos em futuras edições desta série. Por exemplo, seus líderes eram conhecidos como “anciãos”. Nos relatos do evangelho, a palavra “anciãos” é usada ora com referência aos líderes de sinagogas (Lucas 7:3–5), ora com referência a outras autoridades religiosas.

⁴³“Rabi” é uma palavra hebraica que significa “meu mestre”. Também pode significar “meu professor” (veja João 20:16; “raboni” é uma variação de “rabi”). Jesus foi chamado de “rabi” por Seus discípulos em sinal de respeito (Mateus 26:25; Marcos 9:5; João 3:2).

⁴⁴Essas interpretações foram finalmente reunidas num volume conhecido como *Talmude*.

⁴⁵Veja 2 Samuel 8:17 (um equivalente moderno de “escriba” seria “secretário”).

⁴⁶A ERC também usa ocasionalmente o termo “doutor” referindo-se aos mestres da Lei (Lucas 2:46; 5:17).

⁴⁷Mais informações sobre os escribas constam da lição “Uma Cronologia do Livros de Atos” da edição “Atos, 3”, de *A Verdade para Hoje*.

⁴⁸Veja mais sobre o “Sinédrio” na lição “Glossário” da edição “Atos, 2”, de *A Verdade para Hoje*.

Era importante a todos os judeus influentes mencionados acima manter o status quo e suas posições de autoridade. Por isso, tornaram-se os maiores adversários de Jesus.

O AUMENTO DO SECTARISMO

O tema das seitas judaicas nos dias de Jesus é significativo o bastante para ocupar uma seção separada. A maioria dessas seitas era tão motivada pela política e pela cultura quanto pela religião.

Os Fariseus⁴⁹

“Fariseu” vem do verbo hebraico que significa “separar”. Alguns acreditam que esta seita originou-se quando se exerceu uma pressão, durante o domínio selêucida, para que os judeus aceitassem a cultura grega. Originalmente, os fariseus misturaram patriotismo com devoção religiosa. Na época de Jesus, eles tinham se deteriorado numa seita de egocentrismo e formalismo (Mateus 23:1–36). Eram pequenos em número, mas populares entre o povo e, por isso, exerciam uma considerável influência. Para todos os propósitos práticos, eles consideravam as “tradições dos anciãos” não inspiradas (Marcos 7:3) tão válidas quanto a própria Lei. Quando Jesus desrespeitou essas tradições (Mateus 15:1–14), os fariseus se tornaram Seus inimigos mais vorazes⁵⁰.

Os Saduceus⁵¹

O nome “saduceu” pode ser derivado de Zadoque, o primeiro da linhagem de sumo sacerdotes sob o reinado de Salomão (1 Reis 1:32, 34, 38, 45; veja Ezequiel 40:46; 44:15). Todo sumo sacerdote desde a época de Herodes, o Grande, até a queda de Jerusalém era saduceu. Tratava-se de um grupo rico, aristocrata, cujos membros eram em grande número sacerdotes. Alguns acreditam que os saduceus surgiram por volta da mesma época que os fariseus. Eles *aceitavam* de fato as influências gregas. Devido à sua disposição em cooperar com quem estivesse no poder, tornaram-se uma força política. Devido à sua aceitação da filosofia grega, rejeitavam os conceitos de ressurreição e vida após a morte (Marcos 12:18; Atos 23:6–8). Passaram a odiar Jesus porque Ele ameaçava a autoridade deles.

⁴⁹Veja um extenso comentário sobre os fariseus na lição “Glossário” da edição “Atos, 2”, de *A Verdade para Hoje*.

⁵⁰A edição “A Vida de Cristo—Parte 10”, desta série, trará um sermão intitulado “Guardai-vos do fermento dos fariseus”.

⁵¹Veja mais sobre os saduceus na lição “Glossário” da edição “Atos, 2”, de *A Verdade para Hoje*.

Outras Seitas

Outras seitas foram mencionadas nos relatos do evangelho. Uma delas era a dos herodianos (Mateus 22:16; Marcos 3:6; 12:13; veja Marcos 8:15), um grupo politicamente ativo dedicado a colocar um Herodes no trono sobre toda a Palestina.

Os zelotes eram um bando de judeus rebeldes dedicados a vencer Roma à espada. Um membro desse grupo, Simão, tornou-se apóstolo (Mateus 10:4; Marcos 3:18; Lucas 6:15).

Sabemos pela história secular que havia um outro grupo religioso: os essênios. Este era um conselho de extremistas religiosos que se separaram da sociedade. (Pode ser que tenham dado origem à seita dos fariseus.) Alguns acreditam que a comunidade Qunrã (a fonte dos famosos “rolos do mar Morto”) estava ligada aos essênios. O nome “essênios” não aparece na Bíblia. Mencionamos esse grupo somente para negar uma recorrente alegação de que João Batista teria sido um essênio ou que teria extraído sua doutrina e práticas dos essênios. Não existe nenhuma prova que confirme essa declaração, porém há muitas que a contradizem⁵².

EXPECTATIVAS MESSIÂNICAS

Mencionamos na primeira lição que os judeus estavam aguardando o Messias de Deus. Na lição sobre o Livro de Mateus, explicamos o seguinte:

“Messias” vem de uma palavra hebraica que significa “[o] unguido”. O equivalente grego é “Cristo” (João 1:41). A unção era usada na nomeação de sacerdotes... e outros; mas quando um judeu ouvia o termo “ungido de Deus”, ele pensava num *rei* (veja 1 Samuel 10:1; 24:6; Salmos 2:2, 6).

Sugerimos também, naquela lição, que na época em que Jesus finalmente veio, a expectativa em relação à vinda do Messias estava no seu mais elevado grau. Pode-se confirmar isto com a empolgação de Simeão e Ana, que recepcionaram o bebê Jesus no templo (Lucas 2:25–38). Simeão estivera esperando “pelo Cristo do Senhor” (Lucas 2:26). Ana falou de Jesus “a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lucas 2:38). Quando João Batista começou seu trabalho, o povo estava “na expectativa, e discorrendo todos no seu íntimo a respeito de João, se não seria ele, porventura, o próprio Cristo” (Lucas 3:15). Até os samaritanos criam que haveria “de vir o Messias, chamado Cristo” (João 4:25). José de Arimatéia foi descrito como aquele “que esperava o

⁵²O Novo Testamento ensina que João foi enviado da parte de Deus com uma mensagem de Deus (João 1:6; Lucas 3:2). Ademais, uma comparação das doutrinas e práticas dos essênios com as de João revela muitas diferenças.

reino de Deus” (Lucas 23:51). A espera do povo em geral se evidencia na tentativa de coroarem Jesus rei (João 6:15) e na empolgação durante a entrada triunfal em Jerusalém (João 12:13).

A vinda do Messias era evidentemente um assunto popularmente discutido. Vários detalhes de Sua vida eram conhecidos: ele seria descendente de Davi (Mateus 22:42); nasceria em Belém (Mateus 2:5, 6; João 7:42). Vinculada à discussão sobre o Messias estava a especulação sobre Seu precursor (veja João 1:21; Mateus 16:14). Há indícios de que haviam surgido falsos messias, aguçando as esperanças do povo⁵³.

Com toda essa expectativa, as palavras de João podem ser difíceis de se entender: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11). A rejeição a Jesus pelos judeus em geral e pelos líderes judeus em particular é um tema proeminente no Novo Testamento (Mateus 21:42; Marcos 12:10; Lucas 17:25; Atos 4:11; 1 Pedro 2:4, 7). Por que Jesus não foi aceito como o Messias tão esperado?

Basicamente, Ele foi rejeitado porque os judeus tinham um conceito preconcebido do Messias e Jesus não se enquadrava nessas idéias preconcebidas. O Antigo Testamento ensinara que o Messias seria um Rei enviado por Deus (Isaías 9:6, 7) da linhagem real de Davi (Salmos 89:3, 4). O Antigo Testamento *também* ensinara que o Messias seria um Servo *sofredor* (Salmos 22:1–21; Isaías 53:1–12), mas as profecias dessa natureza foram totalmente ignoradas. Na mente do povo judeu era evidente que eles precisavam de um líder político e militar forte para derrotar os romanos e restabelecer o reino de Israel como era nos dias de Davi e Salomão. Um Cristo que dizia: “O meu reino não é deste mundo” (João 18:36a) não faria isso. Jesus era uma “peça redonda” que não se encaixava no preconcebido “espaço quadrado” que o Seu povo preparara para o Messias.

CONCLUSÃO

Outros detalhes da vida na época de Jesus poderiam ser comentados—incluindo a vida diária da família judia comum—mas eles terão de aguardar o

⁵³Jesus disse aos discípulos que isto aconteceria após a Sua partida (Mateus 24:5, 23, 24). A maioria dos estudiosos acredita que isso também havia acontecido antes do Seu nascimento. Atos 5:36 e 37 pode estar mencionando dois desses falsários.

momento oportuno. Serão introduzidos à medida que se relacionarem aos textos do evangelho em estudo.

Quanto ao mundo para o qual Jesus veio, encerramos observando a profecia de que o Messias subiria “como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca” (Isaías 53:2). Deus havia preparado a Sua vinda (Gálatas 4:4), mas os corações das pessoas ainda estavam como uma terra seca e árida. Seria a num ambiente inóspito como esse que Cristo viria. No final, a religião de Jesus cresceria e se espalharia por todo o mundo.

A Harmonia

I. O PERÍODO DA VIDA DE CRISTO ANTERIOR AO SEU MINISTÉRIO.

- A. Prefácio e dedicação de Lucas (Lucas 1:1–4).
- B. Introdução de João (João 1:1–18).
- C. Genealogia de Jesus em Mateus (Mateus 1:1–17).
- D. Genealogia de Jesus em Lucas (Lucas 3:23–38).
- E. Anunciação do anjo a Zacarias referente ao nascimento de João Batista (Lucas 1:5–25).
- F. Anunciação do anjo a Maria referente ao nascimento de Jesus (Lucas 1:26–38).
- G. Visita de Maria (grávida de Jesus) a Isabel (grávida de João Batista) (Lucas 1:39–56).
- H. Nascimento e infância de João Batista (Lucas 1:57–80).
 - I. Anunciação a José referente à vinda de Jesus (Mateus 1:18–25).
 - J. Nascimento de Jesus (Lucas 2:1–7).
 - K. Nascimento de Jesus proclamado aos pastores (Lucas 2:8–20).
 - L. Circuncisão e escolha do nome de Jesus; apresentação no templo (Lucas 2:21–39).
- M. Jesus visitado por magos (“sábios”) do Oriente (Mateus 2:1–12).
- N. Fuga para o Egito e matança dos bebês meninos em Belém (Mateus 2:13–18).
- O. O menino Jesus levado do Egito para Nazaré (Mateus 2:19–23; veja Lucas 2:39b).
- P. Jesus vivendo em Nazaré e visitando Jerusalém aos doze anos (Lucas 2:40–52).

II. O INÍCIO DO MINISTÉRIO DE JOÃO BATISTA.

- A. O ministério de João (Mateus 3:1–6; Marcos 1:1–6; Lucas 3:1–6).
- B. A mensagem de João (Mateus 3:7–12; Marcos 1:7, 8; Lucas 3:7–18).

III. O INÍCIO DO MINISTÉRIO DE JESUS.

- A. Jesus batizado por João no rio Jordão (Mateus 3:13–17; Marcos 1:9–11; Lucas 3:21, 22; João 1:31–34).
- B. Jesus tentado no deserto (Mateus 4:1–11; Marcos 1:12, 13; Lucas 4:1–13).
- C. Testemunho de João a respeito de Jesus (João 1:19–34).
- D. Os primeiros discípulos de Jesus (na Judéia) (João 1:35–51).
- E. O primeiro milagre de Jesus (em Caná da Galiléia) (João 2:1–11).
- F. A primeira residência de Jesus em Cafarnaum (na Galiléia) (João 2:12).

IV. DA PRIMEIRA À SEGUNDA PÁScoa.

- A. A primeira Páscoa do ministério de Jesus.
 - 1. Purificação do templo (João 2:13–25).
 - 2. Ensino a Nicodemos (João 3:1–21).
- B. O primeiro ministério na Judéia (e mais testemunho por João) (João 3:22–36).

Atribuição de Leitura nº. 1

Mateus 1:1–17;
Lucas 1:1–80; 3:23–38;
João 1:1–18

Mateus 1:1–17

¹Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

²Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos;

³Judá gerou de Tamar a Perez e a Zera; Perez gerou a Esrom; Esrom, a Arão;

⁴Arão gerou a Aminadabe; Aminadabe, a Naassom; Naassom, a Salmom;

⁵Salmom gerou de Raabe a Boaz; este, de Rute, gerou a Obede; e Obede, a Jessé;

⁶Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi, a Salomão, da que fora mulher de Urias;

⁷Salomão gerou a Roboão; Roboão, a Abias; Abias, a Asa;

⁸Asa gerou a Josafá; Josafá, a Jorão; Jorão, a Uzias;

⁹Uzias gerou a Jotão; Jotão, a Acaz; Acaz, a Ezequias;

¹⁰Ezequias gerou a Manassés; Manassés, a Amom; Amom, a Josias;

¹¹Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia.

¹²Depois do exílio na Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel, a Zorobabel;

¹³Zorobabel gerou a Abiúde; Abiúde, a Eliaquim; Eliaquim, a Azor;

¹⁴Azor gerou a Sadoque; Sadoque, a Aquim; Aquim, a Eliúde;

¹⁵Eliúde gerou a Eleazar; Eleazar, a Matã; Matã, a Jacó.

¹⁶E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo.

¹⁷De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi,

são catorze; desde Davi até ao exílio na Babilônia, catorze; e desde o exílio na Babilônia até Cristo, catorze.

Lucas 1:1–80

¹Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram,

²conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra,

³igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem,

⁴para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído.

⁵Nos dias de Herodes, rei da Judéia, houve um sacerdote chamado Zacarias, do turno de Abias. Sua mulher era das filhas de Arão e se chamava Isabel.

⁶Ambos eram justos diante de Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os preceitos e mandamentos do Senhor.

⁷E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, sendo eles avançados em dias.

⁸Ora, aconteceu que, exercendo ele diante de Deus o sacerdócio na ordem do seu turno, coube-lhe por sorte,

⁹segundo o costume sacerdotal, entrar no santuário do Senhor para queimar o incenso;

¹⁰e, durante esse tempo, toda a multidão do povo permanecia da parte de fora, orando.

¹¹E eis que lhe apareceu um anjo do Senhor, em pé, à direita do altar do incenso.

¹²Vendo-o, Zacarias turbou-se, e apoderou-se dele o temor.

¹³Disse-lhe, porém, o anjo: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida; e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, a quem darás o nome de João.

¹⁴Em ti haverá prazer e alegria, e muitos se regozijarão com o seu nascimento.

¹⁵Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte e será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno.

¹⁶E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus.

¹⁷E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado.

¹⁸Então, perguntou Zacarias ao anjo: Como saberei isto? Pois eu sou velho, e minha mulher, avançada em dias.

¹⁹Respondeu-lhe o anjo: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para falar-te e trazer-te estas boas-novas.

²⁰Todavia, ficarás mudo e não poderás falar até ao dia em que estas coisas venham a realizar-se; porquanto não acreditaste nas minhas palavras, as quais, a seu tempo, se cumprirão.

²¹O povo estava esperando a Zacarias e admirava-se de que tanto se demorasse no santuário.

²²Mas, saindo ele, não lhes podia falar; então, entenderam que tivera uma visão no santuário. E expressava-se por acenos e permanecia mudo.

²³Sucedeu que, terminados os dias de seu ministério, voltou para casa.

²⁴Passados esses dias, Isabel, sua mulher, concebeu e ocultou-se por cinco meses, dizendo:

²⁵Assim me fez o Senhor, contemplando-me, para anular o meu opróbrio perante os homens.

²⁶No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré,

²⁷a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria.

²⁸E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo.

²⁹Ela, porém, ao ouvir esta palavra, perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria esta saudação.

³⁰Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus.

³¹Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus.

³²Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, Ihe dará o trono de Davi, seu pai;

³³ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim.

³⁴Então, disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?

³⁵Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus.

³⁶E Isabel, tua parenta, igualmente concebeu um filho na sua velhice, sendo este já o sexto mês para aquela que diziam ser estéril.

³⁷Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas.

³⁸Então, disse Maria: Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra. E o anjo se ausentou dela.

³⁹Naqueles dias, dispondo-se Maria, foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá,

⁴⁰entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel.

⁴¹Ouvindo esta a saudação de Maria, a criança Ihe estremeceu no ventre; então, Isabel ficou possuída do Espírito Santo.

⁴²E exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre!

⁴³E de onde me provém que me venha visitar a mãe do meu Senhor?

⁴⁴Pois, logo que me chegou aos ouvidos a voz da tua saudação, a criança estremeceu de alegria dentro de mim.

⁴⁵Bem-aventurada a que creu, porque serão cumpridas as palavras que Ihe foram ditas da parte do Senhor.

⁴⁶Então, disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor,

⁴⁷e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador,

⁴⁸porque contemplou na humildade da sua serva. Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada,

⁴⁹porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome.

⁵⁰A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem.

⁵¹Agiu com o seu braço valorosamente; dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos.

⁵²Derrubou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes.

⁵³Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos.

⁵⁴Amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia

⁵⁵a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais.

⁵⁶Maria permaneceu cerca de três meses com Isabel e voltou para casa.

⁵⁷A Isabel cumpriu-se o tempo de dar à luz, e teve um filho.

⁵⁸Ouviram os seus vizinhos e parentes que o Senhor usara de grande misericórdia para com ela e participaram do seu regozijo.

⁵⁹Sucedeu que, no oitavo dia, foram circuncidar o menino e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias.

⁶⁰De modo nenhum! Respondeu sua mãe. Pelo contrário, ele deve ser chamado João.

⁶¹Disseram-lhe: Ninguém há na tua parentela que tenha este nome.

⁶²E perguntaram, por acenos, ao pai do menino que nome queria que lhe dessem.

⁶³Então, pedindo ele uma tabuinha, escreveu: João é o seu nome. E todos se admiraram.

⁶⁴Imediatamente, a boca se lhe abriu, e, desimpedida a língua, falava louvando a Deus.

⁶⁵Sucedeu que todos os seus vizinhos ficaram possuídos de temor, e por toda a região montanhosa da Judéia foram divulgadas estas coisas.

⁶⁶Todos os que as ouviram guardavam-nas no coração, dizendo: Que virá a ser, pois, este menino? E a mão do Senhor estava com ele.

⁶⁷Zacarias, seu pai, cheio do Espírito Santo, profetizou, dizendo:

⁶⁸Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo,

⁶⁹e nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi, seu servo,

⁷⁰como prometera, desde a antiguidade, por boca dos seus santos profetas,

⁷¹para nos libertar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam;

⁷²para usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança

⁷³e do juramento que fez a Abraão, o nosso pai,

⁷⁴de conceder-nos que, livres das mãos de inimigos, o adorássemos sem temor,

⁷⁵em santidade e justiça perante ele, todos os nossos dias.

⁷⁶Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos,

⁷⁷para dar ao seu povo conhecimento da salvação, no redimi-lo dos seus pecados,

⁷⁸graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas,

⁷⁹para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz.

⁸⁰O menino crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos até ao dia em que havia de manifestar-se a Israel.

Lucas 3:23–38

²³Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era, como se cuidava, filho de José, filho de Eli;

²⁴Eli, filho de Matate, Matate, filho de Levi, Levi, filho de Melqui, este, filho de Janai, filho de José;

²⁵José, filho de Matatias, Matatias, filho de Amós, Amós, filho de Naum, este, filho de Esli, filho de Nagai;

²⁶Nagai, filho de Maate, Maate, filho de Matatias, Matatias, filho de Semei, este, filho de José, filho de Jodá;

²⁷Jodá, filho de Joanã, Joanã, filho de Resa, Resa, filho de Zorobabel, este, de Salatiel, filho de Neri;

²⁸Neri, filho de Melqui, Melqui, filho de Adi, Adi, filho de Cosã, este, de Elmadã, filho de Er;

²⁹Er, filho de Josué, Josué, filho de Eliézer, Eliézer, filho de Jorim, este, de Matate, filho de Levi;

³⁰Levi, filho de Simeão, Simeão, filho de Judá, Judá, filho de José, este, filho de Jonã, filho de Eliaquim;

³¹Eliaquim, filho de Meleá, Meleá, filho de Mená, Mená, filho de Matatá, este, filho de Natã, filho de Davi;

³²Davi, filho de Jessé, Jessé, filho de Obede, Obede, filho de Boaz, este, filho de Salá, filho de Naassom;

³³Naassom, filho de Aminadabe, Aminadabe, filho de Admim, Admim, filho de Arni, Arni, filho de Esrom, este, filho de Perez, filho de Judá;

³⁴Judá, filho de Jacó, Jacó, filho de Isaque, Isaque, filho de Abraão, este, filho de Tera, filho de Naor;

³⁵Naor, filho de Serugue, Serugue, filho de Ragaú, Ragaú, filho de Faleque, este, filho de Éber, filho de Salá;

³⁶Salá, filho de Cainã, Cainã, filho de Arfaxade, Arfaxade, filho de Sem, este, filho de Noé, filho de Lameque;

³⁷Lameque, filho de Metusalém, Metusalém, filho de Enoque, Enoque, filho de Jaredde, este, filho de Maalalel, filho de Cainã;

³⁸Cainã, filho de Enos, Enos, filho de Sete, e este, filho de Adão, filho de Deus.

João 1:1–18

¹No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

²Ele estava no princípio com Deus.

³Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.

⁴A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.

⁵A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

⁶Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João.

⁷Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele.

⁸Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz,

⁹a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a

todo homem.

¹⁰O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu.

¹¹Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

¹²Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome;

¹³os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

¹⁴E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.

¹⁵João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.

¹⁶Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça.

¹⁷Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.

¹⁸Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.

Cristo Está Chegando!

Leitura Bíblica 1:

I. O PERÍODO DA VIDA DE CRISTO ANTERIOR AO SEU MINISTÉRIO.

- A. Prefácio e dedicação de Lucas (Lucas 1:1–4).
- B. Introdução de João (João 1:1–18).
- C. Genealogia de Jesus em Mateus (Mateus 1:1–17).
- D. Genealogia de Jesus em Lucas (Lucas 3:23–38).
- E. Anunciação do anjo a Zacarias referente ao nascimento de João Batista (Lucas 1:5–25).
- F. Anunciação do anjo a Maria referente ao nascimento de Jesus (Lucas 1:26–38).
- G. Visita de Maria (grávida de Jesus) a Isabel (grávida de João Batista) (Lucas 1:39–56)¹.
- H. Nascimento e infância de João Batista (Lucas 1:57–80).

INTRODUÇÃO (LUCAS 1:1–4)

Na introdução de Lucas ao seu relato do evangelho, ele escreveu: “Igualmente a mim me pareceu bem... dar-te [a vida de Cristo] por escrito... para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído” (vv. 3, 4)². Um propósito básico deste estudo é ajudá-lo a ter “plena certeza das verdades” sobre Jesus. A primeira lição traz materiais introdutórios dos relatos do evangelho que antecipam o Seu nascimento. O tema geral desta lição é “Cristo está Chegando!”

A PRÉ-EXISTÊNCIA ENFATIZADA (JOÃO 1:1–18)³

Quando pensamos na vida de Cristo, geralmente começamos pelo Seu nascimento em Belém. João queria que seus leitores soubessem que Jesus já existia muito antes desse acontecimento. Ele já existia antes da criação do mundo—porque Ele é, de fato, Deus:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele⁴, e, sem ele, nada do que foi feito se fez (João 1:1–3).

Jesus é uma das três Personalidades que compõem a “divindade” (Atos 17:29; Romanos 1:20; Colossenses 2:9). Os três elementos estão alistados em Mateus 28:19: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O fato de Jesus ser Deus não é um conceito fácil de ser entendido. Quando usamos a palavra “Deus”, geralmente estamos nos referindo a Deus Pai. Por este momento, plante na sua mente a idéia de que Jesus é Deus Filho. Diremos mais a respeito da divindade de Jesus no decorrer desta série.

Novamente, quando pensamos em Jesus, geralmente pensamos nele como sempre tendo o nome “Jesus” ou sendo designado como “Cristo”. Todavia, quando o anjo falou com José sobre Maria dar à luz um Filho, ele disse: “...e lhe *porás* o nome de Jesus” (Mateus 1:21; grifo meu). No que se refere à designação “Cristo” (“o ungido”), Jesus foi ungido por Deus com o Espírito (Lucas 4:18; Atos 10:38) em Seu batismo (Mateus 3:13–17). Qual era o nome de Jesus *antes* do Seu ministério terreno?⁵

João disse que Jesus era o *logos*⁶—“o Verbo”, “a Palavra”—antes de Sua existência terrena. Cristo veio para esta terra como o Verbo de Deus personificado. Em 1:18, João escreveu: “Ninguém jamais viu

¹A anunciação do anjo a José (Mateus 1:18–25) poderia ser inserida entre a visita de Maria e o nascimento de João. Há algumas vantagens em seguir o roteiro apresentado por Lucas 1. Começaremos por Mateus 1:18 na próxima seção da harmonia.

²A edição anterior desta série incluiu breves comentários sobre Lucas 1:1–4 na lição “O Livro de Lucas: Cristo, o Filho do Homem”.

³A razão de João ter feito esta introdução singular foi discutida na lição “O Livro de João: Cristo, o Filho de Deus”.

⁴Veja mais sobre Jesus como Criador em João 1:10; 1 Coríntios 8:6; Colossenses 1:16, 17 e Hebreus 1:2.

⁵Alguns identificam Jesus como “o anjo do Senhor”, o qual é mencionado muitas vezes no Antigo Testamento (Gênesis 16:7). Não está claro se o anjo do Senhor era sempre o mesmo anjo. Ainda que fosse, não existem provas evidentes de que esse ser sobrenatural fosse o segundo membro da “divindade”.

⁶*Logos* é a palavra grega traduzida por “Verbo” em João 1:1, 14. É a palavra que originou “lógica”. Também é usada em combinação com outras palavras significando “estudo de”, como em “*biologia*” (o estudo da vida). O apóstolo João também usou *logos* em outros textos referindo-se a Jesus (veja 1 João 1:1; Apocalipse 1:2; 19:13). Ele foi o único autor do Novo Testamento a usar esse termo com referência a Cristo.

a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou". Jesus, por Seu ensino e por Sua Pessoa, "explicou" Deus. Ele disse a Filipe: "Quem me vê a mim vê o Pai" (João 14:9).

A parte mais instigante da introdução de João é o versículo 14: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós..." Chamamos isto de "encarnação" (da expressão latina que significa "tornar-se carne"⁷). A afirmação clássica da Bíblia em relação à encarnação é Filipenses 2:5-8. Jamais entenderemos todos os mistérios da encarnação, mas pela fé aceitamos a grandiosa verdade de que "o Verbo se fez carne". O autor do Livro de Hebreus escreveu:

...convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados (Hebreus 2:17, 18).

João tinha mais a dizer em sua introdução. 1) Jesus é a Luz (a fonte de iluminação) (vv. 4, 5, 9; veja também vv. 16-18)⁸. 2) O precursor de Jesus deu testemunho da Luz (vv. 6-8, 15). 3) Um mundo em trevas rejeitou a Luz (vv. 5, 10, 11). 4) Poucos aceitaram a Luz—através da fé e do nascimento espiritual⁹ (vv. 12, 13). Por ora, porém, nosso enfoque será a realidade da pré-existência de Cristo¹⁰.

PROFECIAS CUMPRIDAS (MATEUS 1:1-17; LUCAS 3:23-38)

A Genealogia de Mateus (Mateus 1:1-17)

O Livro de Mateus não possui nenhum prefácio formal como os Livros de Lucas e João. Em vez disso, Mateus logo destacou que Jesus era o Messias aguardado pelos judeus. Ele começou dizendo: "Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" (v. 1). Ken Gire disse: "Como um frontispício ao seu evangelho Mateus apresenta uma árvore da família. A árvore está enraizada no maior patriarca de Israel, Abraão, e em seu maior rei, Davi"¹¹. Segundo as profecias do Antigo Testamento, o Messias deveria ser descendente de Abraão

⁷Observe-se que "carnal" em passagens como Romanos 7:14 tem outro sentido.

⁸Veja também João 3:19-21.

⁹A idéia de um nascimento espiritual é ampliada em João 3.

¹⁰Veja comentários sobre João 1:1-18 na edição "João—Parte 1", de *A Verdade para Hoje*.

¹¹Ken Gire, *Moments with the Savior* ("Momentos com o Salvador"). Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1998, p. 18.

(Gênesis 22:18; veja Gálatas 3:16) e também de Davi (veja 2 Samuel 7:16; João 7:42).

Mateus iniciou assim a árvore da família por Abraão (v. 2), passando por Davi (vv. 6, 7) e continuando até Jesus (v. 16). Sua lista divide-se em três partes: 1) de Abraão a Davi, 2) de Davi à deportação, e 3) da deportação a Jesus—tendo cada parte catorze nomes (v. 17)¹². O nome de Davi está incluso nos catorze nomes da primeira divisão e também está incluso entre os catorze nomes da segunda divisão. Esse uso duplo do nome de Davi provavelmente é um reconhecimento de sua considerável contribuição para o cumprimento dos propósitos de Deus.

Mateus 1:1-17 pode parecer uma lista enfadonha de nomes até que se levante os olhos para os nomes no Antigo Testamento. F. LaGard Smith disse:

A genealogia de Mateus contém várias surpresas felizes. Por trás das antigas raízes de Jesus não estão apenas notáveis homens justos como Abraão e Davi, mas também vários que se destacam na história como sendo particularmente injustos, incluindo o rei Manassés. Não há só judeus, como era de se esperar, mas também gentios, incluindo um cananeu e um moabita, cujos respectivos conterrâneos eram inimigos notórios do povo de Deus. Também bastante surpreendente, diante da posição social deles naquele tempo, é a lista de mulheres ao lado de homens. Ademais, pelo menos duas das mulheres são mais conhecidas pelos pecados que haviam cometido.¹³

Entre os inclusos na lista havia grandes indivíduos, outros não tão grandes, e alguns (para ser honesto custe o que custar) desprezíveis. Como observou Gire: "a árvore da família da Salvador tinha sua porção doente e estéril, com galhos tortos e ramos quebrados"¹⁴. Caso precisemos de uma prova de que Deus tem poder para realizar os Seus propósitos apesar da fraqueza (e até da teimosia) da humanidade, esta foi generosamente concedida na genealogia de Mateus!

¹²Quando a lista de Mateus é comparada com as genealogias do Antigo Testamento, vê-se que vários nomes são excluídos. Por exemplo, Mateus 1:8 diz que "a Jorão [nascu] Uzias", mas Uzias na verdade era trisneto de Jorão (veja 2 Reis 8:25; 13:1; 14:1, 21). Não sabemos ao certo por que esses indivíduos específicos não são mencionados. Eles eram maus, mas outros alistados também o eram. Tenha em mente dois fatos: 1) os judeus se preocupavam em mostrar a linhagem, e não em alistar cada indivíduo dessa linhagem; 2) os judeus gostavam de listas "limpas".

¹³F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order* ("A Bíblia Narrada em Ordem Cronológica"). Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1984, p. 1353.

¹⁴Gire, p. 19.

A Genealogia de Lucas (Lucas 3:23–38)

Lucas também fornece uma genealogia, mas ela não se encontra no início do livro. Está no capítulo 3 e tem um propósito diferente do propósito da lista de Mateus. A genealogia de Mateus começa por Abraão (Mateus 1:1, 2) e mostra o parentesco de Jesus com os judeus. A parte terrena da genealogia de Lucas termina com Adão (Lucas 3:38) e mostra o parentesco de Jesus com todas as pessoas.

As genealogias de Mateus e Lucas são notavelmente diferentes. Ambas mostram que Jesus era descendente de Abraão (Mateus 1:2; Lucas 3:34) e Davi (Mateus 1:6; Lucas 3:31), mas os demais nomes das duas listas são, em sua maioria, diferentes¹⁵.

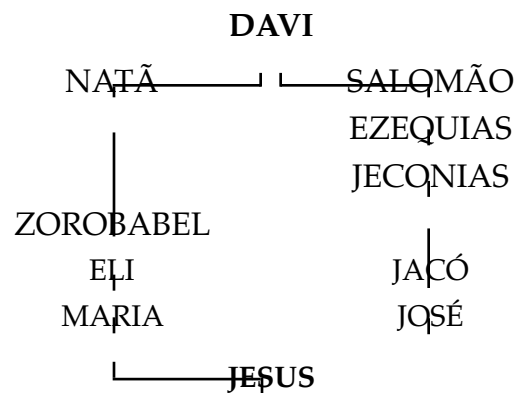
Várias sugestões têm sido dadas em relação às diferenças. A mais simples—e provavelmente a melhor—é que Mateus fornece a linhagem *legal* de Jesus por parte de José¹⁶, enquanto Lucas fornece a linhagem *carnal* de Jesus por parte de Maria¹⁷. Esta conclusão encontra-se em escritos cristãos primitivos como o de Eusébio (ca. 260–340 d.C.)¹⁸ e condiz com a ênfase de Mateus no nascimento de Cristo do ponto de vista de José (Mateus 1:18–25; 2:13–15, 19–23) e com a ênfase de Lucas no nascimento de Jesus do ponto de vista de Maria (Lucas 1:26–56; 2:1–20 [observe 2:19]). Também se harmoniza com a ênfase judaica de Mateus e a ênfase grega de Lucas¹⁹.

A dificuldade básica com esta visão é que Maria não é mencionada na genealogia de Lucas²⁰. Observe-se, porém, que o texto deixa implícito que Jesus não era verdadeiramente filho de José (“era, como se cuidava, filho de José”), o que indica que Lucas não estava traçando a linhagem de Jesus a partir de José. Mas se não era a partir de José, então a partir de quem? A resposta mais simples é que Lucas estava traçando a linhagem de Jesus a partir de Maria. A expressão “era, como se cuidava, filho de José” provavelmente deve ser entendida como sendo parentética e as palavras “filho de Eli” se referiam a Jesus, e não a José. A. T. Robertson escreveu: “Jesus

seria assim neto de Eli, um significado admissível de ‘filho’”²¹.

Mateus reforçou assim que Jesus era um descendente legal de Davi, enquanto Lucas destacou que Jesus era um descendente carnal de Davi. Mateus traçou a linhagem através de Salomão, filho de Davi, enquanto Lucas traçou a linhagem através de Natã, filho de Davi (2 Samuel 5:14). O diagrama na página 7 ilustra as duas linhagens. Se o Zorobabel das duas listas genealógicas for o mesmo homem, as linhagens podem convergir na metade e depois se separar novamente²².

As duas genealogias fornecidas nos Evangelhos não deixam dúvida de que a profecia de 2 Samuel 7:16 foi cumprida.



A linhagem de Jesus a partir de Davi

PROMESSAS FEITAS (LUCAS 1:5–38)

O Livro de Lucas tem o relato mais completo dos acontecimentos que precederam imediatamente a chegada de Cristo. Lucas deu continuidade à sua introdução com duas histórias sobre promessas feitas.

A Promessa a Zacarias (vv. 5–25)

A primeira promessa foi feita no templo em Jerusalém—a um sacerdote de nome Zacarias.

Zacarias vivia na região montanhosa a sudoeste de Jerusalém. Sua esposa, Isabel, também era des-

¹⁵Uma exceção a isto poderia ser Zorobabel (Mateus 1:12; Lucas 3:27), embora alguns não acreditem que os dois Zorobabéis sejam a mesma pessoa.

¹⁶Jesus era *legalmente* filho de José, mas não *carnalmente*. O único Pai de Jesus era Deus.

¹⁷Essas duas maneiras de olhar para a linhagem de Jesus são às vezes diferenciadas como a linhagem *legal* (por meio de José) e a *real* (por meio de Maria).

¹⁸*História Eclesiástica* 1.7.

¹⁹Veja o comentário sobre as ênfases dos Livros de Mateus e Lucas na lição “O Livro de Mateus: Cristo, o Rei”.

²⁰A razão disso pode ser, via de regra, que os judeus *não* incluíam mulheres em genealogias. Mulheres podiam ser mencionadas incidentalmente (Mateus 1:3, 5), mas as linhagens de descendência eram traçadas pelos homens.

²¹A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels for Students of the Life of Christ* (“Harmonia dos Evangelhos para Estudantes da Vida de Cristo”). Nova York: Harper & Row, 1950, p. 261. “Filho” poderia indicar “descendente de” (veja Mateus 1:1). Outro possível significado de “filho” na Bíblia é “genro”. Alguns especulam que Eli só tinha filhas, o que significava que um genro poderia herdar tal qual um filho (veja Números 27:1–11; 36:1–13).

²²Veja a apresentação da genealogia de Cristo na lição “O Reino dos Céus”. Conforme sugerido na nota de rodapé 15, o Zorobabel citado nas listas pode ou não ser o mesmo homem.

cedente de Arão²³. Ambos eram indivíduos íntegros e piedosos. Só uma coisa frustrava suas vidas: eles estavam velhos e não tinham filhos (v. 7).

Os sacerdotes se dividiam em vinte e quatro turnos ou ordens (1 Crônicas 24:1–19). Zacarias era do turno de Abias (Lucas 1:5; veja 1 Crônicas 24:10). Os turnos se revezavam semanalmente para ministrar no templo. A cada semana, sorteavam as tarefas pertinentes ao templo (Lucas 1:9). A tarefa mais desejada era a oferta de incenso no altar diante da cortina que escondia o Santo dos Santos. Esse era o ponto mais próximo que um sacerdote comum podia chegar do lugar sagrado. Era uma honra que talvez só acontecesse uma vez na vida.

A história se inicia quando era a semana de Zacarias servir no templo—e ele havia recebido o privilégio de oferecer incenso. Enquanto entrava no lugar santo, ele devia estar pensando em como aquele dia era especial. E acabou sendo ainda mais especial do que ele previu—pois um anjo do Senhor chamado Gabriel²⁴ apareceu a ele.

O mensageiro²⁵ de Deus disse ao velho sacerdote que ele e Isabel teriam um filho (v. 13).²⁶ Esse filho, que deveria se chamar João, viria “no espírito e poder de Elias” como precursor do Messias (v. 17).²⁷ O sacerdote achou difícil crer nas palavras do anjo (vv. 18, 20). Como um sinal—e castigo pela sua incredulidade—Zacarias ficou impossibilitado de falar (v. 20).

Após completar sua semana de serviço, Zacarias voltou para casa (v. 23). Sua esposa logo ficou grávida conforme o anjo previra (v. 24). O sacerdote precisou aprender, assim como todos nós, que “para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas” (v. 37).

²³Segundo as instruções de Moisés, para ser um sacerdote o indivíduo tinha de ser descendente do primeiro sumo sacerdote, Arão (Êxodo 28:1).

²⁴Na Bíblia só dois anjos são chamados pelo nome: Gabriel (Lucas 1:19, 26; veja Daniel 8:16; 9:21) e Miguel (Judas 9; Apocalipse 12:7; veja Daniel 10:13, 21; 12:1).

²⁵A palavra “anjo” é uma transliteração da palavra grega que significa literalmente “mensageiro”.

²⁶Na anunciação de Gabriel, ele mencionou que João não deveria beber “vinho nem bebida forte” (Lucas 1:15). Compare isto com Números 6:2, 3. Ao que tudo indica, João deveria ser nazireu desde o nascimento. Outros nazireus desde o nascimento foram Sansão (Juizes 13:3–7) e Samuel (1 Samuel 1:11).

²⁷Gabriel citou Malaquias 4:5, 6, uma profecia desse precursor.

A Promessa a Maria (vv. 26–38)

A primeira promessa fora feita na cidade mais sagrada da Palestina; a segunda foi feita num dos lugares mais menosprezados (João 1:46).

Quando Isabel estava com uns seis meses de gravidez (vv. 26, 36)²⁸, Gabriel apareceu a uma jovem em Nazaré, um pequeno povoado insignificante na Galiléia²⁹. A jovem era uma “uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José;... e se chamava Maria” (v. 27).

A palavra grega traduzida por “desposada” referia-se a um acordo mais comprometedor do que os acordos com os quais estamos familiarizados. Os casamentos judaicos tinham dois estágios: primeiro uma cerimônia de compromisso (chamada “noivado” [Mateus 1:18]) e, um pouco depois³⁰, a cerimônia oficial de casamento. A primeira cerimônia unia legalmente os noivos, embora ainda não estivessem oficialmente casados³¹.

O anjo disse a Maria: “Eis que conceberá e dará à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus” (v. 31). “Jesus” é a forma grega do nome hebraico “Josué”, a forma abreviada de um nome que significa “o Senhor salva” ou “o Senhor é a salvação”. Era um nome razoavelmente comum naqueles dias³², mas foi escolhido para o Filho de Maria por ser apropriado (veja Mateus 1:21).

Diferentemente de Zacarias, Maria não teve dificuldades para crer que aquilo que o anjo prometera aconteceria (Lucas 1:45). Ela de fato fez uma pergunta sobre *como* aquilo aconteceria:

Então, disse Maria ao anjo: Caso será isto, pois não tenho relação com homem algum³³? Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito

²⁸Presumindo-se que Maria ficou grávida pouco depois da anunciação do anjo, João deveria ser cerca de seis meses mais velho que Jesus.

²⁹Josefo, historiador judeu do primeiro século, mencionou 204 cidades e povoados da Galiléia, mas não fez referência a Nazaré (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 14). O Talmude enumerou sessenta e três cidades da Galiléia, mas não incluiu Nazaré.

³⁰Via de regra, a cerimônia de casamento era cerca de um ano depois da cerimônia de noivado.

³¹Leia Deuteronômio 22:23, 24. Isto explica o apuro de José quando soube que Maria estava grávida (Mateus 1:18, 19).

³²Leia Atos 13:6 (“Barjesus” significa “filho de Jesus”). “Jesus” ainda é um nome comum em algumas culturas. (N. da Trad.: No Brasil, Jesus é um sobrenome comum.)

³³A palavra grega usual para “virgem” (*parthenos*) foi usada em Lucas 1:27. No versículo 34, Maria disse literalmente: “...visto que não conheço homem” (veja ERC). O tex-

Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus (vv. 34, 35).

A doutrina bíblica do nascimento virginal está além da nossa capacidade de total compreensão, mas aceitamos essa doutrina pela fé. Alguns ensinam que crer no nascimento virginal não é importante. John Franklin Carter enumerou algumas razões por que essa doutrina é vital para a nossa fé³⁴:

1) Visto que o Novo Testamento ensina o nascimento virginal de Jesus, negar o nascimento virginal envolve uma negação da inspiração das Escrituras.

2) Visto que o nascimento virginal foi indispensável para “Deus tornar-se carne”, negar o nascimento virginal destrói a essência divina de Jesus.

3) Visto que o nascimento virginal está ligado a Jesus ser Deus, negar o nascimento virginal nega a eficácia da morte de Jesus. Como a morte de um mortal poderia expiar os pecados de todos os demais mortais?

4) Visto que o nascimento virginal foi o primeiro dos milagres na vida de Jesus, negar o nascimento virginal incapacita o indivíduo a aceitar os outros milagres—incluindo a ressurreição. Incredulidade é tanto a raiz como o fruto de se negar o nascimento virginal.

LOUVOR RENDIDO (LUCAS 1:39–56)³⁵

Gabriel mencionou que Deus também visitara uma parente de Maria chamada Isabel, e que essa parente estava grávida. Pouco depois da aparição do anjo, Maria viajou mais de cem quilômetros para o sul, até a cidade onde Zacarias e Isabel moravam (vv. 39, 40). Talvez ela pensasse que a prima era a única pessoa capaz de entender e se alegrar com o que estava acontecendo com ela.

Isabel Louvou Maria (vv. 41–45)

Que encontro deve ter sido aquele—duas mulheres, uma com mais idade e outra ainda jovem, ambas tocadas pela mão de Deus! Quando Isabel viu Maria, ela explodiu num louvor inspirado, bendizendo Maria: “E exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre!” (v. 42).

to não deixa dúvida de que Maria era virgem quando o anjo apareceu a ela.

³⁴As razões que se seguem são adaptadas de John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, pp. 41–42.

³⁵Para uma compreensão maior do texto, veja o sermão “Por que Deus Escolheu Maria?”.

Maria Louvou a Deus (vv. 46–56)

Maria respondeu com louvor ao Senhor. Ela falou das grandes coisas que Deus havia feito no passado, antecipando grandes coisas que ele faria no futuro³⁶.

Maria ficou na Judéia três meses—até o fim da gravidez de Isabel. Depois, ela voltou para casa em Nazaré³⁷.

UM PROFETA PROVIDENCIADO (LUCAS 1:57–80)

O Nascimento de João (vv. 57–79)

Quando o bebê de Zacarias e Isabel nasceu, vizinhos e parentes se reuniram para se alegrar com eles.

Segundo a lei judaica, os meninos devia se circuncidados no oitavo dia de vida (Levítico 12:3). Na cerimônia da circuncisão do bebê, a família sugeriu que ele se chamasse “Zacarias” conforme o pai³⁸, mas Isabel (que obviamente recebera as instruções do anjo) disse: “De modo nenhum! Pelo contrário, ele deve ser chamado João” (v. 60). Eles insistiram com Zacarias, mas ele confirmou a escolha de nome feita por Isabel. “Imediatamente, a boca se lhe abriu, e, desimpedida a língua, falava louvando a Deus” (v. 64).

Os versículos 68 a 79 apresentam as palavras inspiradas do velho sacerdote. Os versículos 68 a 75 são louvores a Deus e às suas promessas ao seu povo, enquanto os versículos 76 a 79 são dirigidos ao filho do casal. Zacarias disse ao pequeno João: “Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos” (v. 76). Assim como o anjo, Zacarias citou o profeta Malaquias falando sobre a vinda do precursor do Messias.

A Infância e Juventude de João (v. 80)

O versículo 80 faz um resumo dos primeiros trinta anos ou mais da vida de João: “O menino crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos até ao dia em que havia de manifestar-se a Israel”. O deserto era a região esparsamente ocupada da Judéia a oeste do mar Morto.

³⁶As palavras de Maria são às vezes chamadas de *Magnificat*—em latim, a primeira palavra do seu hino engrandecendo o Senhor.

³⁷Aparentemente, ela foi embora pouco antes de João nascer. Talvez não quisesse responder perguntas sobre sua própria gravidez quando os parentes de Isabel chegassem para o nascimento. (Eles também eram parentes dela.)

³⁸Era costume naqueles dias dar nome aos filhos homens no momento da circuncisão (veja Lucas 2:21).

CONCLUSÃO

Anjos apareceram a humanos. Pessoas foram inspiradas pelo Espírito de Deus para falar. Quatrocentos anos de silêncio³⁹ foram quebrados! “A plenitude do tempo” (Gálatas 4:4) havia chegado! Cristo estava vindo!

Observe a empolgação dos que aguardavam o nascimento do Messias. Eles se alegraram com a notícia de que Jesus estava chegando. Você sente a mesma sensação quando diz: “Ele chegou—e Ele vive”? Não permita que a familiaridade que você tem com essa história ofusque o impacto dela sobre a sua vida. A próxima lição se concentrará no nascimento de Jesus.

³⁹Veja a lição “O Mundo para o qual Cristo Veio”.

Por que Deus Escolheu Maria?

Lucas

1 e 2,



Olhando de perto

Na conhecida passagem sobre “a mulher virtuosa”, observa-se que “levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa” (Provérbios 31:28). A ERC diz: “levantam-se seus filhos, e chamam-na bem-aventurada”.

As mães são especiais. Numa tira de quadrinhos, o personagem Charlie Brown disse: “Todo o mundo precisa de alguém que o ame, cuide, apóie, alguém para rir e chorar com ele”. A isto Lucy respondeu: “Isto é muita gente”. Então Snoopy¹ acrescentou: “Ou então é só arranjar *uma* mãe maravilhosa”. Dentre todos que acreditaram em mim e me apoiaram, no topo da lista estão duas mães: minha própria mãe e a mãe de minhas três filhas. A maioria de nós poderia se levantar e chamar nossas mães de bem-aventuradas.

Em Lucas 1 somos incentivados a chamar a mãe de uma certa pessoa de bem-aventurada. No versículo 42, Isabel disse a uma futura mamãe: “Bendita és tu entre as mulheres”. Trata-se de uma expressão hebraica que significa: “Tu és a mulher mais abençoada de todas”. No versículo 48 a mulher que ouviu essas palavras respondeu: “Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada”. Não seriam só os seus filhos que a chamariam de bem-aventurada, mas todas as gerações reconheceriam que ela foi abençoada por Deus. Essa passagem fala de Maria, a mãe de Jesus.

Todas as mães são bem-aventuradas, mas Maria foi abençoada de um modo especial. Dentre todas as mulheres judias que viviam naquela época, Deus a escolheu para ser a mãe de Seu Filho. Ao considerarmos esse fato, indagamos: “Por quê? O que havia de especial em Maria?”

Deus não a escolheu por compulsão. Nada na Palavra indica que Maria fosse tão boa e perfeita que Deus fosse obrigado a escolhê-la. Ao contrário disso, somos informados que Deus a escolheu como

uma expressão de Sua graça. O anjo saudou Maria com as palavras: “Alegra-te, muito favorecida!” (Lucas 1:28). “Favorecida” é uma tradução de uma flexão da palavra grega equivalente a “graça”—e a palavra “graça” fala de “favor sem mérito”. Apesar disso, Maria devia ter certas qualidades especiais para ser escolhida por Deus. Por isso, indagamos novamente: “Quais eram essas qualidades?” Nesta lição, vamos analisar a vida de Maria para descobrir “por que Deus a escolheu”.

Vamos primeiramente para Lucas 1:26. Esse versículo começa dizendo: “No sexto mês”. Era o sexto mês de gravidez de Isabel, mãe de João Batista. “No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, Nazaré.” Nazaré era um pequeno povoado localizado a vinte e quatro quilômetros da margem ocidental do mar da Galiléia e a trinta e cinco quilômetros do Mediterrâneo, em um dos declives do extremo sul das cadeias do Líbano.

O anjo foi enviado “a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José” (1:27a). José era descendente do rei Davi, mas a linhagem real havia caído em tempos difíceis. José era um pobre² carpinteiro (Mateus 13:55) que morava em Nazaré (Lucas 2:4).

O nome da virgem a quem o anjo foi enviado era Maria (1:27b). “Maria” é a forma grega do nome hebraico “Miriã”³. Assim como José, ela era descen-

²Uma prova de que José e Maria eram pobres é que eles ofereceram um sacrifício permitido aos pobres (compare Lucas 2:24 com Levítico 12:6–8). J. W. McGarvey certamente estava certo ao escrever: “Sabendo da grandeza da criança, José e Maria jamais teriam usado o menor sacrifício se tivessem condições de oferecer um mais caro e comum” (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or a Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 34). O estilo de vida de Jesus (Mateus 8:20) também sugere um humilde começo.

³“Miriã” significa “amarga”. Rute 1:20 usa uma variação da palavra. Encontramos somente uma Miriã no Antigo Testamento (a irmã de Moisés), mas muitas Marias no Novo Testamento.

¹Snoopy é o cão de Charlie Brown. Nos quadrinhos, como se sabe, os animais muitas vezes expressam seus pensamentos por palavras.

dente do rei Davi⁴, e aparentemente também vinha de uma família modesta⁵. Maria estava noiva—ou compromissada—de José (Mateus 1:18). Naqueles dias, a maioria dos noivados aconteciam quando a moça era ainda muito jovem, por isso Maria deveria ser uma adolescente quando o anjo Gabriel apareceu a ela⁶.

Quando se trata do cumprimento dos propósitos de Deus, os circundantes e as circunstâncias não são tão importantes. Deus pode usar qualquer um em qualquer lugar. A passagem também implica que não é preciso esperar até que se fique velho enrugado para ser usado por Deus. O anjo de Deus veio até uma moça, provavelmente ainda adolescente, para conseguir a ajuda dela no cumprimento do plano divino.

ELA NÃO TINHA MEDO DE USAR A MENTE

O anjo disse a Maria: “Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo” (1:28). Maria “perturbou-se muito” com o que o anjo afirmou (1:29a). A maioria das pessoas da Bíblia ficou perplexa quando confrontada por um visitante celestial. Todavia, em vez de entrar em pânico, ela ponderou “o que significaria esta saudação” (1:29b).

Maria era uma pessoa que usava a sua mente. Mais tarde, somos informados de que ela pensava em todos os acontecimentos que acompanharam o nascimento de Jesus (Lucas 2:19). Ela não teve medo de usar a mente que Deus lhe deu.

ELA ERA UMA MULHER PIEDOSA

“Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus” (1:30). Ninguém acha graça diante de Deus sem ser basicamente bom. Podemos pensar em Maria como uma pessoa honesta e religiosa, com elevados padrões morais—uma pessoa íntegra.

⁴O texto enfatiza que o Cristo era descendente de Davi (1:32, 69). Deus disse a Davi que o Messias “procederia” dele (2 Samuel 7:12). Literalmente, Deus disse que o Messias “procederia das entranhas [de Davi]”. A NVI diz “um fruto do seu próprio corpo”. Visto que Jesus não era descendente carnal de Davi por meio de José, Ele tinha de ser descendente carnal do rei por meio de Maria para cumprir essa promessa.

⁵Reveja a nota de rodapé 2, na página 1.

⁶Geralmente a moça era uma jovem adolescente. Por outro lado, José poderia ser um homem mais velho. José nunca é mencionado durante o ministério pessoal de Jesus, o que sugere a possibilidade dele ter morrido antes de Jesus ter trinta anos.

ELA ACREDITAVA EM DEUS—E EM SEU PODER

O anjo continuou:

Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus [que significa “o Senhor Salva”]. Este será o grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim (1:31–33).

O reino de Jesus é a igreja (Mateus 16:18, 19). Nosso Senhor sentou-se no trono de Davi para reinar sobre o Seu reino, quando Ele subiu à direita de Deus (Atos 2:25–36). As palavras do anjo previam tudo isto.

A preocupação da jovem Maria, porém, não era em relação ao que aconteceria dali a trinta anos. As palavras que ecoavam nos ouvidos dela eram: “conceberás e darás à luz um filho”. Ela disse ao anjo: “Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?” (1:34).

À primeira vista, isto soa semelhante à resposta da incredulidade emitida por Zacarias, que resultou em nove meses de incapacidade para falar (1:18, 20)—mas a pergunta de Maria não foi *se* isto aconteceria, e sim *como* aconteceria. O texto enfatiza que ela *creu* no anjo (1:45).

O anjo respondeu à pergunta de Maria. Disse ele: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lucas 1:35). A palavra grega traduzida por “envolverá” foi usada na Septuaginta⁷ para descrever a presença de Deus enchendo o tabernáculo (veja Êxodo 40:35)⁸.

Maria não pediu por um sinal, mas o anjo lhe deu um: “E Isabel, tua parenta⁹, igualmente concebeu um filho na sua velhice, sendo este já o sexto mês de para aquela que diziam ser estéril” (1:36). Ele acrescentou: “Porque para Deus não haverá im-

⁷A Septuaginta é a tradução grega do Antigo Testamento muitas vezes citada pelo próprio Jesus. Veja uma breve explicação dessa tradução na lição “O Mundo para o qual Cristo Veio”.

⁸Ocasionalmente, foram feitas tentativas de se comparar a mitologia grega com o nascimento virginal de Jesus. Não há comparação entre a crueza dos relatos de deuses gregos unindo-se carnalmente com seres humanos e a beleza das delicadas palavras do anjo.

⁹A ERC diz “prima”, que é uma tradução aceitável; mas naqueles dias a palavra “primo” não indicava o grau de parentesco. Maria e Isabel poderiam ter sido o que hoje chamamos de “primas de segundo ou terceiro grau”.

possíveis em todas as suas promessas¹⁰ (1:37). Foi pedido que Maria crescesse nisso—e ela creu (1:45). Você e eu também precisamos crer se quisermos superar os desafios da vida.

ELA POSSUÍA UM ESPÍRITO HUMILDE

Maria respondeu: “Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra” (1:38a). Se somente um versículo pudesse esclarecer por que Deus escolheu Maria, seria esse. Primeiramente, observemos a expressão “a serva do Senhor”. A palavra grega traduzida por “serva” é a forma feminina da palavra equivalente a “escrava”. Entre os escravos, as mulheres ocupavam a posição mais baixa, sendo geralmente menosprezadas e maltratadas. Mais tarde, Maria cantou: “porque contemplou na humildade da sua serva” (1:48).

ELA ERA SUBMISSA À VONTADE DE DEUS

Vejamos a segunda parte de 1:38: “que se cumpra em mim conforme a tua palavra”. (É bom lembrarmos que Maria era uma pessoa que pensava; ela entrou nisso de olhos abertos.) Ela era uma jovem noiva, que estaria de repente grávida. Seu pretendente a marido com certeza protestaria: “Esse filho não é meu!”

É difícil entendermos a precariedade de tal situação numa cidade tão pequena como Nazaré. Imagine os olhares, as encaradas, os cochichos, a fofoca e os comentários maldosos¹¹. Ela até poderia perder a vida, pois a Lei dizia que uma noiva que cometesse fornicação deveria ser apedrejada até a morte (Deuteronômio 22:23, 24¹²). De todos os pecados passíveis de morte no Antigo Testamento, o pecado da fornicação era o mais difícil de uma mulher negar quando o ato a deixava grávida. Encontrar duas ou três testemunhas contra ela (Deuteronômio 17:6; 19:15) não seria problema; as primeiras duas ou três pessoas que passassem diante de Maria ao sexto ou sétimo mês de gravidez serviriam para esse propósito.

Maria com certeza estava ciente de toda essa repercussão. Apesar disso, ela disse ao anjo: “que se cumpra em mim conforme a tua palavra”. Em outras palavras: “Se é assim que Deus quer, assim será”. Ela foi submissa à vontade de Deus. *Esse* é o tipo de pessoa que Deus pode usar—seja ela uma mãe, um pai, um filho ou uma filha.

¹⁰O texto grego diz literalmente “porque com Deus não haverá palavra impossível”.

¹¹Alguns pensam que a implicação de João 8:41 seja “Nós não somos bastardos; mas *você* é”.

¹²Veja também Levítico 20:10; Ezequiel 16:38; João 8:5.

Depois que o anjo “se ausentou dela” (1:38b), Maria dispôs-se e “foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá” (1:39) para ver sua parente Isabel. Isabel provavelmente era uma das poucas pessoas que acreditaria no que aconteceria com Maria.

Quando Isabel viu Maria, ela “ficou possuída do Espírito Santo” (1:41b) e “exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre! E de onde me provém que me venha visitar a mãe do meu Senhor?” (1:42b, 43).

ELA CONHECIA AS ESCRITURAS

Maria reagiu com um magnífico cântico de louvor que começa no versículo 46 e continua até o versículo 55. Ernest Hauser escreveu que esse poema curto e exultante “é uma das gemas literárias do Novo Testamento”¹³. Nestes dez versículos, temos o maior registro de palavras proferidas pela mãe de Jesus.

As palavras de Maria nos fazem lembrar o cântico de Ana em 1 Samuel 2:1–10. O cântico de Maria contém três temas principais: 1) o que Deus fizera por ela (1:46–49); 2) o que Deus fizera por todos os homens—Ele ajudou os desamparados, os humildes e os famintos (1:50–53) e 3) o que Deus fizera por Israel (1:54, 55). O último deles era a prova de que Deus sempre cumpre Sua Palavra!

Quando consideramos o que Maria disse, ficamos impressionados com o fato dela conhecer as Escrituras¹⁴. Doze passagens do Antigo Testamento estão refletidas nas palavras de louvor dela. Esse fato era marcante num tempo em que só os meninos tinham permissão para freqüentar as escolas das sinagogas.

Temos de acelerar o passo pela vida de Maria. Lucas 2 narra a história do nascimento de Jesus e a visita dos pastores. O versículo 19 diz que “Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração”.

ELA ERA CORAJOSA E DESTEMIDA

Cerca de quarenta dias após o nascimento de Jesus, Maria e José levaram o bebê ao templo em Jerusalém para oferecer um sacrifício (Levítico 12:2–4, 6–8). Ali, um homem chamado Simeão pegou Jesus nos braços e anunciou tudo o que o Menino reali-

¹³Ernest O. Hauser, “Mary, Mother of Christ” (“Maria, Mãe de Cristo”). *Reader's Digest*. Dezembro de 1971, p. 170.

¹⁴Não estou descartando a possibilidade de Maria estar “cheia do Espírito Santo” assim como Isabel (1:41) e Zacarias, posteriormente (1:67). Entretanto, creio que as palavras de Maria indicam um conhecimento pessoal da Palavra.

zaria (Lucas 2:25–35), incluindo em suas inspiradas palavras este indigesto aviso a Maria: “também uma espada traspassará a tua própria alma” (2:35).

Pare e analise a tarefa que aguardava Maria. Não é fácil para nós criarmos nossos filhos. Maria teve pelo menos *sete* filhos¹⁵—e o mais velho deles era o Filho de Deus! Nem conseguimos imaginar o estresse de ser responsável pela criação do próprio Filho de Deus. Agora, complementando tudo isto, Simeão lhe disse que, no final, uma espada traspassaria a sua alma. Que angústia!

Só uma mulher corajosa poderia encarar—e de fato encarou—esses desafios. Maria mostrou-se destemida ao dispor-se a aceitar as conseqüências de ser uma mãe solteira, numa época em que mal se ouvia falar nisso. Ela continuou se mostrando corajosa ao aceitar as conseqüências de ser a mãe do nosso Senhor.

Essa verdade pode ajudar a explicar por que Deus escolheu uma jovem pobre, desconhecida, de uma cidade obscura e até menosprezada—em vez de uma linda e refinada jovem de uma corte real. Deus precisava de alguém que fosse forte, resistente. No Brasil, diríamos: “Deus precisava de alguém que fosse pau para toda obra”¹⁶.

Nada lemos a respeito de José durante o tempo do ministério pessoal de Jesus; só lemos sobre Maria e seus filhos. Muitos acreditam que isso indica que José era mais velho que Maria e teria morrido antes de Jesus começar Seu trabalho público¹⁷. Existe uma forte possibilidade de que Maria teria criado seus sete filhos, ou mais, quase¹⁸ sozinha. Alguns de nós podemos testemunhar que essa não é numa situação fácil. Por isso, convém repetir: Deus precisava de uma pessoa forte!

ELA ESTAVA DISPOSTA A ACEITAR RESPONSABILIDADES

A força de Maria está associada a uma outra característica que ela possuía, uma característica que falta em muitas pessoas: ela estava disposta a aceitar responsabilidade. Poderíamos usar a história de Jesus aos doze anos para ilustrar isso (Lucas 2:41–51).

¹⁵Maria teve mais quatro filhos e pelo menos duas filhas (com José—Marcos 6:3). Caso ela tenha tido tantas filhas quanto filhos, então foram *dez* filhos.

¹⁶Use a expressão que for mais conhecida aos *seus* ouvintes.

¹⁷O fato de Jesus entregar Sua mãe aos cuidados de João (João 19:26, 27) também indica que José já não era vivo.

¹⁸Digo “quase” e não “totalmente” porque, sendo o filho mais velho, Jesus teria assumido algumas das responsabilidades quando Seu pai morreu. Apesar disso, o peso sobre Maria como mãe viúva deve ter sido grande.

Quando José e Maria não sabiam onde Jesus estava, eles vasculharam diligentemente Jerusalém em busca dEle. Afinal, Deus lhes dera a responsabilidade de cuidar de Jesus. Infelizmente, alguns não estão dispostos a aceitar responsabilidades—em suas vidas pessoais, em seus casamentos e em seus lares.

ELA EXPRESSOU CONFIANÇA NO FILHO

Saltamos agora dezoito anos até a época em que Jesus deu início ao Seu ministério público. No começo desse ministério, Maria e seu Filho estavam numa festa de casamento, em Caná. Quando o vinho acabou, Maria disse a Jesus: “Eles não têm mais vinho” (João 2:3)¹⁹. Depois disso, ela recomendou aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser” (João 2:5). Ela acreditava que seu Filho podia resolver a situação.

Maria demonstrou uma característica que todo pai ou mãe precisa ter: ela tinha confiança no seu filho, e expressou essa confiança verbalmente. Um dos maiores presentes que minha mãe me deu foi o constante reforço da idéia “você consegue”.

ELA SE PRECOCUPAVA COM O BEM-ESTAR DOS OUTROS

Uma das poucas vezes em que lemos sobre Maria durante os próximos três anos é quando ela pareceu preocupada com Jesus por ele não Se alimentar o suficiente (Marcos 3:20, 21). Ela e seus outros filhos tentaram levar Jesus para casa (Marcos 3:31–35)²⁰. O incidente não foi agradável para Maria e sua família; eles obviamente ainda não tinham entendido bem quem era Jesus e qual era a Sua missão. Mas ele mostra que Maria se preocupava com o Filho. Se você tem uma mãe que se preocupa com você, espero que seja agradecido a Deus por isso.

ELA FOI FIEL À INCUMBÊNCIA QUE RECEBEU—ATÉ O FIM

A essa altura da narrativa, perdemos Maria de vista—ela só reaparece na cruz. João registrou essa comovente cena:

E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado [provavelmente João], disse: Mulher, eis aí teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe... (João 19:25–27).

¹⁹Alguns outros aspectos da relação entre Maria e Jesus serão discutidos mais adiante, na lição “Uma Primeira Vez para Tudo”.

²⁰Não podemos ter certeza de que o versículo 31 está relacionado ao versículo 20, mas existe uma forte possibilidade em favor disso.

Você consegue ver Maria em pé ali, olhando para o alto, para o seu Filho na cruz? Consegue ver as lágrimas escorrendo pelo rosto dela? Consegue ver Maria se lembrando de ter embalado nos braços aquele pequenino Ser?

Num monte chamado Gólgota, Maria finalmente entendeu as palavras ditas anos atrás: “também uma espada traspassará a tua própria alma” (Lucas 2:35a). Correndo o risco de ser tedioso, preciso dizer mais uma vez que Deus precisava de alguém que fosse forte.

Resta uma última cena: após a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, os discípulos esperaram em Jerusalém pela vinda do Espírito e a instauração do reino, da igreja. Lucas registrou que ali com os discípulos estava Maria e os irmãos de Jesus (Atos 1:14). Os irmãos vieram a crer; a fé de Maria também se desenvolveu gerando entendimento.

Aqui temos de nos despedir de Maria. Certa tradição não inspirada diz que ela morreu em Jerusalém; outra diz que ela mudou-se para Éfeso com João e morreu ali. Não sabemos o que aconteceu com ela. Deus nos permitiu saber que ela fez parte dos emocionantes primórdios da igreja, e com isto Ele cerrou as cortinas da história da mãe de nosso Senhor.

CONCLUSÃO

Por que Deus escolheu Maria? Sugerimos várias características que certamente ajudaram Maria a preencher os requisitos para a tarefa quase impossível que Deus lhe deu:

- Ela não tinha medo de usar a mente.
- Ela era uma mulher piedosa.
- Ela acreditava em Deus—e em seu poder.
- Ela possuía um espírito humilde.
- Ela era submissa à vontade de Deus.
- Ela conhecia as Escrituras.
- Ela era corajosa e destemida.
- Ela estava disposta a aceitar responsabilidades.
- Ela expressou confiança no Filho.
- Ela se preocupava com o bem-estar dos outros.
- Ela foi fiel à incumbência que recebeu—até o fim.

Essas características ajudarão qualquer pessoa a ser bem sucedida nas incumbências que assumir na vida. Mais importante do que isso, elas qualificarão qualquer um para ser usado por Deus a serviço dEle.

Ao encerrarmos esta lição, queremos salientar uma das qualidades especiais de Maria: “Ela era submissa à vontade de Deus”. Analisemos novamente as palavras de Maria ao anjo: “Que se cumpra em mim conforme a tua palavra” (Lucas 1:38b). Ken Gire fez os seguintes comentários sobre a reação de Maria:

...a decisão dela foi rápida e sua obediência total. Ela se submetia a Deus. Independentemente das questões que isto levantaria, ou das vistas grossas. Independentemente do que significaria perder a reputação, ou do homem a quem ela amava.

Independentemente até da sua própria vida.

...dentre todas as qualidades favoráveis que essa jovem possuía, talvez tenha sido esse “independentemente” que a tornou a pessoa mais apropriada para a tarefa de criar [Jesus]...²¹

Você está disposto a obedecer ao seu Senhor²²—independentemente do custo, das conseqüências? Se a sua resposta for “sim”, você também é o tipo de pessoa que Deus pode usar na Sua causa.

²¹ Ken Gire. *Moments with the Savior* (“Momentos com o Salvador”). Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1998, pp. 26–27.

²² Ao usar este sermão, se quiser, diga aos ouvintes o que eles precisam fazer para serem salvos: se ainda não forem cristãos, precisam expressar sua fé em Jesus por meio do arrependimento, da confissão e do batismo (Atos 2:37, 38; 8:35–39; 22:16). Se forem cristãos infieis, precisam voltar para o Senhor e para Sua igreja através do arrependimento, da confissão do erro e da oração (Atos 8:22; 1 João 1:9; Tiago 5:16).

Atribuição de Leitura nº. 2

Mateus 1:18–25; 2:1–23;
Lucas 2:1–52

Mateus 1:18–25

¹⁸Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo.

¹⁹Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente.

²⁰Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo.

²¹Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

²²Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta:

²³Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).

²⁴Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher.

²⁵Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus.

Mateus 2:1–23

¹Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém.

²E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo.

³Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém;

⁴então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer.

⁵Em Belém da Judéia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta:

⁶E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel.

⁷Com isto, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera.

⁸E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo.

⁹Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino.

¹⁰E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo.

¹¹Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra.

¹²Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho a sua terra.

¹³Tendo eles partido, eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.

¹⁴Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito;

¹⁵e lá ficou até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei o meu Filho.

¹⁶Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo,

conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos.

¹⁷Então, se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias:

¹⁸Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem.

¹⁹Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe:

²⁰Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino.

²¹Dispôs-se ele, tomou o menino e sua mãe e regressou para a terra de Israel.

²²Tendo, porém, ouvido que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; e, por divina advertência prevenido em sonho, retirou-se para as regiões da Galiléia.

²³E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas: Ele será chamado Nazareno.

Lucas 2:1-52

¹Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se.

²Este, o primeiro recenseamento, foi feito quando Quirino era governador da Síria.

³Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade.

⁴José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de Davi,

⁵a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.

⁶Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias,

⁷e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

⁸Havia, naquela mesma região, pastores que viviam nos

campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite.

⁹E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam, e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor.

¹⁰O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo:

¹¹é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

¹²E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura.

¹³E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo:

¹⁴Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem.

¹⁵E, ausentando-se deles os anjos para o céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos até Belém e vejamos os acontecimentos que o Senhor nos deu a conhecer.

¹⁶Foram apressadamente e acharam Maria e José e a criança deitada na manjedoura.

¹⁷E, vendo-o, divulgaram o que lhes tinha sido dito a respeito deste menino.

¹⁸Todos os que ouviram se admiraram das coisas referidas pelos pastores.

¹⁹Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração.

²⁰Voltaram, então, os pastores glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado.

²¹Completados oito dias para ser circuncidado o menino, deram-lhe o nome de JESUS, como lhe chamara o anjo, antes de ser concebido.

²²Passados os dias da purificação deles segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor,

²³conforme o que está escrito na Lei do Senhor: Todo primogênito ao Senhor será consagrado;

²⁴e para oferecer um sacrifício, segundo o que está escrito

na referida Lei: Um par de rolas ou dois pombinhos.

²⁵Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão; homem este justo e piedoso que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele.

²⁶Revelara-lhe o Espírito Santo que não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor.

²⁷Movido pelo Espírito, foi ao templo; e, quando os pais trouxeram o menino Jesus para fazerem com ele o que a Lei ordenava,

²⁸Simeão o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo:

²⁹Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra;

³⁰porque os meus olhos já viram a tua salvação,

³¹a qual preparaste diante de todos os povos:

³²luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel.

³³E estavam o pai e a mãe do menino admirados do que dele se dizia.

³⁴Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe do menino: Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel e para ser alvo de contradição

³⁵(também uma espada traspassará a tua própria alma), para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.

³⁶Havia uma profetisa, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, avançada em dias, que vivera com seu marido sete anos desde que se casara

³⁷e que era viúva de oitenta e quatro anos. Esta não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e orações.

³⁸E, chegando naquela hora, dava graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém.

³⁹Cumpridas todas as ordenanças segundo a Lei do Senhor, voltaram para a Galiléia, para a sua cidade de Nazaré.

⁴⁰Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele.

⁴¹Ora, anualmente iam seus pais a Jerusalém, para a

Festa da Páscoa.

⁴²Quando ele atingiu os doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume da festa.

⁴³Terminados os dias da festa, ao regressarem, permaneceu o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o soubessem.

⁴⁴Pensando, porém, estar ele entre os companheiros de viagem, foram caminho de um dia e, então, passaram a procurá-lo entre os parentes e os conhecidos;

⁴⁵e, não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém à sua procura.

⁴⁶Três dias depois, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os.

⁴⁷E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas.

⁴⁸Logo que seus pais o viram, ficaram maravilhados; e sua mãe lhe disse: Filho, por que fizeste assim conosco? Teu pai e eu, aflitos, estamos à tua procura.

⁴⁹Ele lhes respondeu: Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?

⁵⁰Não compreenderam, porém, as palavras que lhes dissera.

⁵¹E desceu com eles para Nazaré; e era-lhes submisso. Sua mãe, porém, guardava todas estas coisas no coração.

⁵²E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens.

“Um Menino nos Nasceu”

Leitura Bíblica 2:

I. O PERÍODO DA VIDA DE CRISTO ANTERIOR AO SEU MINISTÉRIO (continuação).

- I. Anunciação a José referente à vinda de Jesus (Mateus 1:18–25).
- J. Nascimento de Jesus (Lucas 2:1–7).
- K. Nascimento de Jesus proclamado aos pastores (Lucas 2:8–20).
- L. Circuncisão e escolha do nome de Jesus; apresentação no templo (Lucas 2:21–39).
- M. Jesus visitado por magos (“sábios”) do Oriente (Mateus 2:1–12).
- N. Fuga para o Egito e matança os bebês meninos em Belém (Mateus 2:13–18).
- O. O menino Jesus levado do Egito para Nazaré (Mateus 2:19–23; veja Lucas 2:39b).
- P. Jesus vivendo em Nazaré e visitando Jerusalém aos doze anos (Lucas 2:40–52).

INTRODUÇÃO

Isaías profetizou a vinda do Messias com estas palavras: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9:6).

Os judeus estavam esperando um homem de guerra que os liderasse à vitória; Deus lhes enviaria um menino impotente para trazê-los de volta a Ele. Os homens queriam um governante assentado num trono terreno; Deus lhes daria uma criança numa manjedoura. Não aconteceu do jeito do homem, mas do jeito de Deus.

UM MENINO PROMETIDO (MATEUS 1:18–25)

A lição “Cristo Está Chegando!” terminou com um breve relato da primeira fase da vida de João Batista. Agora, vamos voltar ao tempo em que Maria retornou de sua visita de três meses a Isabel. Quando Maria entrou à pé em Nazaré, deve ter sido evidente a todos que ela estava grávida. Imagine a fofoca se espalhando.

O Problema de José (vv. 18, 19)

José devia estar arruinado. Ele relutava com a atitude que deveria tomar. Um noivado era sagrado e era um compromisso legal, embora a cerimônia de casamento ainda não tivesse acontecido e a união não estivesse consumada. José tinha três opções:

1) Ele poderia ignorar a condição de Maria e proceder com o casamento. Ao que tudo indica, ele não considerou esta possibilidade. Sendo um homem justo (v. 19), provavelmente ele acreditava que

era errado perdoar o que parecia ser uma imoralidade óbvia¹.

2) Ele poderia mandar apedrejar Maria até a morte por ela ter sido infiel aos votos do noivado (Deuteronômio 22:23, 24). José rejeitou essa opção. Ele era justo, mas também era compassivo. Seu amor por Maria ainda devia arder em seu coração.

3) Ele poderia divorciar-se dela². A Lei previa que um homem lavrasse um “termo de divórcio” à esposa, se ele achasse “coisa indecente nela” (Deuteronômio 24:1). José decidiu por isto, como dos males o menor. Ele deixaria Maria o quanto rápido e discreto³ fosse possível, para poupá-la de mais esse constrangimento. A decisão de José, sem dúvida, encheu-o de tristeza⁴.

A Solução de Deus (vv. 20–25)

Uma grande ênfase nos textos para esta lição é como Deus arquitetou tudo para fazer cumprir-se a promessa de Isaías de que nasceria um Menino. Nessa parte da história, Deus Libertou José de seu

¹Não sabemos se Maria havia partilhado com ele a notícia da visita celestial; mas se ela o fez, é provável que ele tenha achado difícil acreditar naquela história.

²Onde a ERAB diz “deixá-la”, a NTLH diz “desmanchar o contrato de casamento”.

³Via de regra, o termo de divórcio era lavrado na presença de duas ou mais testemunhas. Se o homem assim o desejasse, a cerimônia poderia ser muito pública e humilhante para a mulher. José quis evitar isso: “Não a querendo infamar” (Mateus 1:19).

⁴Entre outras considerações, assim que José entregasse o termo a Maria, ele a perderia para sempre (Deuteronômio 24:2–4).

dilema enviando um anjo. O anjo disse ao carpinteiro:

...José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles (vv. 20, 21).

José deve ter sentido um misto de emoções: deve ter ficado feliz por saber que sua amada Maria não fora infiel, e deve ter ficado emocionado com a anunciação do Messias. Ele deve ter se conscientizado, porém, de que ele e Maria seriam alvos de risos escarnecidos e comentários maliciosos por parte de indivíduos cruéis e sem sentimento. Apesar de tudo isso, ele não hesitou. “Despertado José... fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher. Contudo, não a conheceu⁵, enquanto ela não deu à luz um filho⁶” (vv. 24, 25a).

Mateus, querendo estabelecer que Jesus era o Messias prometido, inseriu uma observação inspirada:

Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse⁷ o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)⁸ (vv. 22, 23).

O comentário de J. W. McGarvey sobre “Emanuel” merece ser repetido: “A natureza mostra Deus acima de nós; a Lei mostra Deus contra nós; mas o Evangelho mostra Deus conosco, e por nós⁹”.

UM MENINO PROCLAMADO (LUCAS 2:1-20)

O Nascimento de Jesus (vv. 1-7)

O amor mútuo de José e Maria, aliado à confiança deles nas promessas de Deus, possibilitaram que eles sobrevivessem a quaisquer insinuações e insultos que se interpusessem no seu caminho.

⁵Esta é outra passagem sobre o fato de Maria ser virgem quando Jesus nasceu. Veja os comentários sobre o nascimento virginal na lição “Cristo Está Chegando!”.

⁶A maneira natural e normal de se interpretar estas palavras é que após Maria “dar à luz um filho”, José e ela tiveram uma vida sexual comum a um casal.

⁷Veja o artigo suplementar “Como as Escrituras do Antigo Testamento Foram Cumpridas”, ao final desta edição.

⁸Esta é outra afirmação da encarnação do Filho de Deus. Veja os comentários sobre a encarnação na lição “Cristo Está Chegando!”.

⁹J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quadruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 26.

Quando Maria chegou ao nono mês, a expectativa deles devia crescer diariamente.. Mas havia um problema—do qual eles não pareciam estar cientes: o Messias deveria nascer em Belém (Miquéias 5:2) e eles moravam em Nazaré.

Anteriormente, Deus usara um anjo para levar a cabo Sua causa. Nesta situação, Ele usou o instrumento mais improvável: o imperador de Roma. “Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se¹⁰” (Lucas 2:1)¹¹. O recenseamento provavelmente foi com o propósito de ampliar a base tributária de Roma.

Exigiu-se que todos os súditos do Império Romano voltassem à cidade de seus ancestrais. José, que era descendente do rei Davi, teve de fazer a viagem até a cidade em que Davi nasceu, Belém, um povoado cerca de oito quilômetros ao sul de Jerusalém¹². É provável que o decreto não exigisse que Maria fosse também, mas é evidente que ela não queria se separar de José estando para dar à luz¹³.

José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa¹⁴, que estava grávida (vv. 4, 5).

A narrativa deixa para a nossa imaginação a exaustiva viagem de Nazaré a Belém, juntamente com a decepção do casal ao constatar que “não havia lugar para eles na hospedaria” (v. 7). O texto nem ao menos nos informa como eles acabaram indo dormir no estábulo¹⁵. Somos informados apenas do nascimento do bebê. O acontecimento mais

¹⁰O texto grego indica um alistamento. A ERC diz “para que todo o mundo se alistasse”.

¹¹Veja mais sobre o versículo 2 e sobre quando esse recenseamento teria ocorrido em “Quando Cristo Nasceu?”.

¹²Belém é mencionada várias vezes no Antigo Testamento (Gênesis 48:7; Rute 1:22), mas é basicamente conhecida pelo fato de Davi ter residido nela (1 Samuel 16:1; 17:12; 20:6).

¹³As Escrituras sugerem que José não teria feito a viagem até Belém, se Roma não insistisse nisso, o que por sua vez implica que Deus não disse a José e Maria que o bebê deveria nascer em Belém. Maria, portanto, teve algum outro motivo para fazer a viagem.

¹⁴O relato de Mateus diz que José já havia recebido Maria por “sua mulher” (Mateus 1:24)—em outras palavras, eles haviam realizado a cerimônia de casamento. Todavia, o casamento ainda não era realmente “oficial” até que se consumasse. O relato de Lucas indica que, num sentido, José e Maria ainda eram noivos (Lucas 2:5).

¹⁵Aos visitantes de Belém é mostrada uma caverna subterrânea onde Jesus supostamente teria nascido. Tudo o que sabemos é que Ele foi colocado numa manjedoura. Esse cocho poderia ser qualquer lugar dentro da cidade, até ao ar livre.

significativo da história¹⁶ é transmitido com uma economia de palavras:

Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias, e ela deu à luz o seu filho primogênito¹⁷, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para ele na hospedaria (vv. 6, 7).

A História dos Pastores (vv. 8–20)

O choro de um recém-nascido atravessou despercebido o balbuciar de uma cidade transbordante de visitantes, mas Deus não deixou que aquele momento passasse sem publicidade. A anunciação divina não foi feita, porém, aos líderes da cidade nem aos oficiais da sinagoga. Ela foi feita a um grupo de pastores “que guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite” (v. 8).

A história do aparecimento do anjo aos pastores é uma das mais conhecidas do mundo. As palavras dos anjos têm sido repetidas vez após vez:

Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura (vv. 10–12)¹⁸.

Quantos cochos os pastores tiveram de conferir até encontrar aquele que acomodava um bebê? Não sabemos, mas podemos vê-los correndo pela cidade, inspecionando cada estábulo e manjedoura. Assim que encontraram o bebê, comunicaram isto a todos que encontraram (vv. 17, 18). Os pastores têm sido chamados de “os primeiros evangelistas”, os primeiros que partilharam as boas—novas com outros¹⁹.

¹⁶Não estou sugerindo que o nascimento de Jesus tenha sido mais significativo que Sua morte e ressurreição, mas refiro-me a Deus fazer-se carne a fim de pagar o preço por nossos pecados.

¹⁷O termo “primogênito” pode ser usado de várias maneiras (Hebreus 1:6); mas no contexto de Lucas 2, o sentido natural e normal do termo indica que Maria teve outros filhos.

¹⁸As palavras do anfitrião celestial proferidas a seguir também são mundialmente conhecidas e amadas (v. 14). Observe-se que a “paz” mencionada não é para todos os homens, e sim para os “homens a quem ele [Deus] quer bem”.

¹⁹Observe o versículo 19: “Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração”. Este versículo juntamente com a última parte de 2:51, tem levado muitos a concluir que, mais tarde, Maria deve ter partilhado seus pensamentos com Lucas.

UM MENINO LOUVADO (LUCAS 2:21–39)

Circuncisão e Nome (v. 21)

Alguns pensam que o nascimento de Jesus marcou o fim da Era do Antigo Testamento, mas a Bíblia ensina que Cristo “nasceu sob a lei” (Gálatas 4:4)²⁰. Ele era um bebê judeu nascido de uma mulher judia e sujeito aos regulamentos judaicos. Estando no oitavo dia de vida, Cristo foi circuncidado como prescrevia a Lei (Levítico 12:3). Naquele momento, foi-lhe dado o nome “Jesus”, conforme o anjo instruíra seus pais (Lucas 1:31; Mateus 1:21).

Uma Viagem ao Templo (vv. 22–38)

A Lei também conferia a José e Maria outras responsabilidades: um primogênito tinha de ser redimido com dinheiro, em reconhecimento à libertação dos primogênitos israelitas durante a décima praga no Egito (Êxodo 13:2, 10–14; 34:19, 20; Números 3:40–51; 18:15, 16). Além disso, quarenta dias após o nascimento do filho, a mãe judia tinha de ir ao templo para uma cerimônia de purificação, que incluía um sacrifício (Levítico 12:2–8)²¹. A apresentação de Jesus no templo e a purificação de Maria foram realizadas, evidentemente, na mesma ocasião.

A maioria dos presentes no templo não teria notado José e sua pequena família, mas dois indivíduos ficaram comovidos ao ver os três ali. O primeiro foi Simeão, um velho temente a Deus e dedicado, a quem Deus dissera que não morreria sem ver o Messias. As animadas palavras de Simeão ao ver Jesus revelaram o fato de que Ele traria a salvação aos gentios bem como aos judeus (Lucas 2:31, 32). Elas também incluíram a afirmação sobre a espada que traspassaria a alma de Maria (v. 35).

A segunda pessoa foi Ana, uma profetisa de oitenta e quatro anos²². Quando ela viu Jesus, “dava graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (v. 38).

De Volta a Belém (v. 39a)

“Cumpridas todas as ordenanças segundo a Lei do Senhor” (v. 39a), voltaram para Belém (veja Mateus 2:8, 9)²³. Evidentemente, José e Maria decidiram

²⁰O Novo Testamento ensina que a morte de Jesus na cruz marcou o encerramento do período vétero-testamentário (Colossenses 2:14) e o começo do período neotestamentário (Hebreus 9:16, 17).

²¹José e Maria ofereceram o sacrifício permitido aos pobres.

²²Profeta era um porta-voz de Deus inspirado. Profetisa é o feminino de profeta. Mesmo durante os dias de inspiração, as profetisas eram incomuns. No Antigo Testamento, Débora foi uma profetisa (Juizes 4:4).

²³O final de Lucas 2:39 diz que “voltaram a Galiléia, para a cidade de Nazaré”. Isto poderia se referir a uma viagem de

que a cidade de Davi (Lucas 2:4, 11) era o lugar certo para criarem o filho de Davi (Mateus 1:1; Lucas 1:32). Encontraram uma casa para morar (Mateus 2:11), e José provavelmente começou a exercer o seu ofício de carpinteiro.

O MENINO PROTEGIDO (MATEUS 2:1–23; LUCAS 2:39b)

A Visita dos “Sábios” (Mateus 2:1–12)²⁴

Simeão revelara que Jesus não seria o Messias somente dos judeus, mas também dos gentios. A prova disso veio logo—nas pessoas dos dignitários do Oriente: “Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia... eis que vieram uns magos do Oriente...” (v. 1). “Magos” é uma transliteração do grego que deu origem a nossa palavra “mágicos”²⁵. Magos eram homens que buscavam conhecimento, embora seu conhecimento fosse uma mistura de ciência e superstição²⁶. Não eram reis²⁷, mas, com frequência, prestavam-se como conselheiros de reis²⁸. De alguma forma, Deus os convenceu de que, se seguissem determinada estrela, encontrariam o Messias.

A estrela guiou-os primeiramente até Jerusalém. É provável que esperassem encontrar uma cidade em polvorosa com a notícia do nascimento de um Rei. Mas, em vez disso, só ouviram as conversas cotidianas de um grande centro comercial.

Começaram, então, a perguntar: “Onde está o recém-nascido Rei²⁹ dos judeus?” (v. 2a). A notícia

volta a Nazaré para pegar seus pertences e as ferramentas de José, indo depois para Belém. Essa viagem pode ter sido feita, mas as palavras de Lucas em 2:39 parecem referir-se a uma volta para Nazaré a fim de residirem ali. É mais provável que Lucas simplesmente tenha condensado a história nessa altura, excluindo a visita dos magos e a viagem ao Egito. Quando, mais tarde, Lucas relatou a conversão de Saulo (Atos 9:19–26), ele também excluiu o fato de que Saulo passou um tempo na Arábia (Gálatas 1:17). Não era intenção dos escritores da Bíblia narrarem todos os detalhes.

²⁴Veja informações adicionais sobre a visita dos magos na próxima lição, “Em Busca do Salvador”.

²⁵Esses magos estavam honestamente em busca da verdade. Infelizmente, alguns magos tornaram-se charlatões e adversários da verdade. (A mesma palavra grega encontra-se em Atos 8:9 e 13:6, 8.)

²⁶A Bíblia inglesa NASB traz uma nota marginal que diz “uma categoria de homens sábios especializados em astrologia, medicina e ciência natural”.

²⁷O termo popular “três reis magos” é incorreto. Algumas profecias messiânicas diziam que reis se prostrariam perante Ele (Salmos 72:10, 11; Isaías 49:7; 60:3). Talvez tenha surgido daí a idéia de serem reis.

²⁸Os “sábios” de Ester 1:13 e Daniel 2:12 estavam na mesma categoria que os magos de Mateus 2.

²⁹Jesus não Se tornou Rei mais tarde; Ele nasceu Rei. A expressão teria enfurecido Herodes. Herodes não nasceu rei; ele foi nomeado rei pelos romanos. Além disso, ele não pos-

sobre a indagação deles chegou até os ouvidos do rei Herodes. O rei perguntou aos líderes religiosos judeus onde o Messias haveria de nascer. Sem hesitação, disseram: “Belém” (vv. 5, 6). Herodes partilhou essa informação com os magos e os fez prometer que, assim que encontrassem a criança, contariam a ele: “Avisai-me, para eu também ir adorá-lo”, mentiu ele (v. 8).

Quando os magos desceram de Jerusalém, a estrela reapareceu e guiou-os “até que... parou sobre onde estava o menino” (v. 9b). Eles se alegraram e, “entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra” (vv. 10, 11). Você está familiarizado com o ouro. Incenso era uma resina ou goma branca caríssima extraída de uma certa árvore. O incenso era queimado pelos ricos para encher suas casas de fragrância. A mirra era produzida quase da mesma forma que o incenso; também possuía um aroma agradável mas era basicamente usada para embalsamar os mortos.

Concluída a missão, os magos foram para casa. “Sendo por divina advertência prevenidos em sono para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho a sua terra” (v. 12).

A Fuga para o Egito (Mateus 2:13–15)

Prevendo a reação de Herodes, o Senhor enviou um anjo que mandou José levar sua família para o Egito³⁰. Mais uma vez, José não hesitou. Após viajar uns cento e cinquenta quilômetros, a família deve ter chegado à fronteira com o Egito. Percorrendo mais uns cento e cinquenta quilômetros pela trilha acidentada que passava pelo Sinai, estariam no Nilo. Devem ter encontrado compatriotas judeus por ali, pois muitos judeus haviam fixado residência em Alexandria³¹ e outras partes do Egito.

Não sabemos quanto tempo José, Maria e Jesus ficaram no Egito. Pode ter sido muitos meses. Do que viveram enquanto ficaram ali? Talvez José tenha encontrado algum trabalho como carpinteiro—

suía o direito bíblico ao trono da Palestina, não pertencendo à linhagem de Davi. Ele consideraria qualquer um “nascido Rei dos judeus” uma grande ameaça para o seu reinado.

³⁰Mateus enfatizou que a viagem resultou no cumprimento de uma passagem do Antigo Testamento (2:15). Veja mais sobre o cumprimento dessa profecia na lição “Como as Escrituras do Antigo Testamento Foram Cumpridas”, nesta edição.

³¹Veja mais sobre Alexandria, na lição “O Mundo para o qual Cristo Veio” da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”. Estima-se que os judeus compunham de um a dois quintos da população de Alexandria.

não nos esqueçamos, porém, dos presentes de ouro, incenso e mirra. Desta vez, Deus usou emissários estrangeiros para servir aos Seus propósitos.

A Matança dos Inocentes (Mateus 2:16–18)

Herodes ficou furioso quando os magos não voltaram até ele com a informação esperada. Num esforço insano de erradicar todos os possíveis rivais do seu trono, ele mandou matar todos os bebês do sexo masculino da região de Belém, “de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos” (v. 16)³². “Ele enterrou a espada no ninho, mas o passarinho voara para longe³³.”

Belém não era uma cidade grande, por isso o número de bebês mortos foi relativamente pequeno (estima-se um total entre doze e cinqüenta). Apesar disso, o ato cruel de Herodes despedaçou muitos corações. Mateus comparou a tragédia com o pranto sobre a queda de Jerusalém (vv. 17, 18)³⁴.

Alguns perguntam: “Por que Deus não protegeu esses bebês como protegeu Jesus?” Temos de lembrar que Deus fez o homem com livre arbítrio moral. Por isso Ele permitiu que Herodes fosse Herodes. Todavia, podemos ter certeza de que Deus interfere nas ações humanas quando estas podem, eventualmente, vir a frustrar os Seus propósitos. A morte dos bebês de Belém não impediria o Seu plano de salvar o mundo³⁵, mas a morte precoce de Jesus sim³⁶. Assim como lamentamos a morte dos inocentes, vamos também celebrar o livramento de Emanuel!

³²Nós consideramos que uma criança tem dois anos após ela completar vinte e quatro meses de idade. Para os judeus, uma criança tinha “dois anos” logo após completar doze meses de idade. Este mesmo cálculo é feito em muitos países do mundo atual. (Um recém-nascido está no seu primeiro ano de vida; quando ele celebra o primeiro aniversário, entra pra o segundo ano, e assim por diante.) O versículo 16 implica que a estrela teria aparecido pela primeira vez uns doze meses antes. Alguns acreditam que a estrela tenha aparecido uns seis meses antes e que Herodes dobrou o número por segurança. Provavelmente, Jesus tinha entre seis e doze meses de idade quando os magos chegaram à Palestina.

³³Autor desconhecido. Citado por B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 28.

³⁴Veja mais sobre a matança dos bebês cumprindo as Escrituras em “Como as Escrituras do Antigo Testamento Foram Cumpridas”.

³⁵Embora as mortes dos bebês certamente devastaram as famílias envolvidas, os bebês propriamente ditos herdaram o céu (Mateus 19:14).

³⁶Esse foi apenas um dos muitos esforços de Satanás para destruir os propósitos de Deus.

A Volta para Nazaré (Mateus 2:19–23; Lucas 2:39b)

Depois que Herodes morreu, um anjo foi até José e lhe disse: “Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino” (Mateus 2:20). Ao que tudo indica, José planejava voltar a Jerusalém até ficar sabendo que o filho de Herodes, Arquelau, estava governando a Judéia (Mateus 2:22). Arquelau tinha a reputação de ser tão cruel quanto seu pai³⁷.

Então, evitaram a Judéia (v. 22) e viajaram para o norte, para a cidade de Nazaré, na Galiléia. Havia se passado mais de um ano desde que saíram para Belém; agora estavam de volta (Mateus 2:23; Lucas 2:39b). A volta para Nazaré também fazia parte do plano de Deus (Mateus 2:23³⁸).

O MENINO PREPARADO (LUCAS 2:40–52)

A esta altura da história de Jesus, torna-se evidente que o propósito dos escritores dos relatos do evangelho não era compor uma biografia de Cristo. Só Lucas registrou alguma coisa sobre os próximos vinte e oito anos da vida de Jesus, e ele partilhou os detalhes só de um único incidente³⁹.

Os Primeiros Doze Anos de Jesus (v. 40)

Jesus era totalmente Deus, mas Ele também era totalmente homem. Assim, Ele cresceu como todos os meninos crescem—ou, pelo menos, como todos os homens devem crescer: “Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (v. 40; compare Lucas 1:80 e 1 Samuel 2:26).

Evidentemente, era da vontade de Deus que Jesus experimentasse o que todos nós experimentamos (Hebreus 4:15), à medida que crescemos da infância para a vida adulta. Jesus não só “a si mesmo Se esvaziou” de Sua divindade essencial (Filipenses

³⁷Para saber mais sobre Arquelau, veja na lição “O Mundo para o qual Cristo Veio” de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

³⁸Veja mais sobre o cumprimento das passagens citadas em Mateus 2:23 na lição “Como as Escrituras do Antigo Testamento Foram Cumpridas”. Alguns confundem a palavra “nazareno” com a palavra “nazireu”. “Nazareno” significa simplesmente que Jesus cresceu em Nazaré. Um “nazireu” era alguém que havia feito o voto de nazireu (veja Números 6:1–8). João Batista era nazireu desde o nascimento (compare Lucas 1:15 com Números 6:3, 4), mas Jesus não (Mateus 11:18, 19).

³⁹Dizem que “a natureza não tolera um vácuo”. Semelhantemente, os homens não conseguem tolerar o fato de não saberem. Por conta disso, homens inspirados inventaram histórias fantasiosas sobre a infância e juventude de Jesus—algumas incipientes e outras blasfemas. Esses relatos “apócrifos” não-inspirados estão marcadamente em contraste com a moderação dos relatos inspirados do evangelho.

2:6, 7), mas também Se esvaziou de privilégios ou prerrogativas divinas como a onisciência (veja Marcos 13:32).

Gostaríamos de saber mais sobre as primeiras palavras pronunciadas por Jesus, Seus primeiros passos, Seus primeiros dias num humilde lar em Nazaré, Sua reação quando nasceram filhos naquela família. Todavia, Deus julgou ser suficiente sabermos que Jesus cresceu da mesma forma que você e eu crescemos.

Jesus aos Doze Anos (vv. 41–50)

Lucas descortinou os anos de formação de Jesus apenas uma vez—quando Ele tinha doze anos de idade. Doze anos era uma idade marcante para um menino judeu: ele começava a aprender uma profissão; era chamado de “filho da Lei”; começava a se sentar com homens na sinagoga. Quando Jesus tinha doze anos, José e Maria O levaram à mais sagrada das três festas principais: a Páscoa.

Ao voltarem para casa, José e Maria deram pela falta de Jesus. Apavorados, correram de volta a Jerusalém e se puseram a procurar por Ele.

Três dias depois, O acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas (vv. 46, 47).

Não interprete mal essa cena. Jesus não assumiu o comando da aula; Ele não estava ensinando os professores. Era uma aula religiosa típica daqueles dias, em que tanto professores como alunos perguntavam e respondiam. (Hoje chamaríamos isso de um debate ou aula de discussão.) A admiração recai no fato de um menino de doze anos ter tamanho interesse nas realidades espirituais e um entendimento incommon de princípios espirituais.

A explosão de Maria quando acharam Jesus foi a resposta típica de uma mãe—aliviada e ao mesmo tempo irritada. “...E sua mãe lhe disse: Filho, por que fizeste assim conosco? Teu pai e eu, aflitos, estamos à tua procura” (v. 48). Jesus pareceu ficar genuinamente intrigado: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?” (v. 49).

Essas são as primeiras palavras proferidas por Jesus registradas na Bíblia. As palavras no texto original significam literalmente “eu preciso estar nas coisas do Meu Pai”, mas o que são essas “coisas” não é especificado. A ERC diz “negócios de meu Pai”. Independentemente da tradução, ou de Jesus ter doze anos, parece evidente que Ele já possuía uma noção de Sua missão divina.

Será que esse discernimento surgiu em Jesus de repente, como um relâmpago; ou será que apareceu gradualmente, como o alvorecer de um novo dia? Jesus tinha total compreensão de Sua missão aos doze anos ou só um entendimento principal? Desconhecemos ao certo as respostas a essas perguntas, mas podemos dizer que Jesus aos doze anos estava em vias de Se tornar o homem que Ele deveria ser.

Os Próximos Dezoito Anos (vv. 51, 52)

À luz do entendimento que Jesus tinha sua condição divina, o versículo seguinte é surpreendente: “E desceu⁴⁰ com eles para Nazaré, e era-lhes submisso” (v. 51). Se existe uma criança que poderia justificar sua desobediência aos pais, essa criança era Jesus—mas Ele sabia que obedecer aos pais não é uma opção (Êxodo 20:12; veja Efésios 6:1–3).

As cortinas se fecham novamente, obscurecendo os próximos dezoito anos ou mais da vida de Jesus. As Escrituras nos dão alguns vislumbres desses anos. Jesus cresceu numa grande família: Ele teve pelo menos duas irmãs e quatro irmãos (Mateus 13:55, 56; Marcos 6:3)⁴¹. Ele aprendeu o ofício da carpintaria com José (Mateus 13:55; Marcos 6:3). O fato de Jesus usar a palavra “Abba” (Marcos 14:36)—um termo afetivo que significa “pai”—pode indicar que Ele tinha um relacionamento amigável com José. Quando José morreu, Jesus, sendo o mais velho, deve ter assumido o sustento da família. Jesus aprendeu as Escrituras⁴², talvez numa escola de sinagoga e com certeza nos cultos da sinagoga⁴³: Ele freqüentava regularmente a sinagoga (Lucas 4:16). Poderíamos acrescentar outras coisas nessa lista de

⁴⁰Quando as pessoas viajavam para Jerusalém, sempre se dizia que estavam “subindo” para lá. Quando voltavam para casa, sempre se dizia que estavam “descendo”. Isto porque Jerusalém estava no ponto mais alto do país. Essa pode ser uma razão por que Davi a escolheu para ser a capital de Israel, séculos atrás.

⁴¹Os irmãos mais novos de Jesus podem ter ficado ressentidos com Ele; pelo menos no começo do Seu ministério, não acreditavam na Sua origem divina (João 7:5).

⁴²Jesus citou os livros do Antigo Testamento numa elevada porcentagem. A ênfase no crescimento de Jesus sugere que Ele aprendeu as Escrituras da mesma maneira que você e eu aprendemos: através da leitura, memorização e reflexão.

⁴³A afirmação posteriormente feita sobre a falta de escolaridade de Jesus (João 7:15) referia-se simplesmente ao fato de Ele não ter estudado nas escolas rabínicas. Hoje, diríamos: “Ele não fez faculdade”.

observações e especulações sobre a juventude⁴⁴ de Jesus, mas tudo o que as Escrituras dizem sobre esses anos encontra-se em Lucas 2:52: “E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens”.

O desenvolvimento de Jesus foi em quatro aspectos (como também deve ser o nosso): Ele cresceu mentalmente (“em sabedoria”), fisicamente (em “estatura”), socialmente (“diante dos homens”) e espiritualmente (“diante de Deus”). Seu crescimento não foi fácil (como o nosso também não é): “crescia” é a tradução de uma palavra composta que combina a palavra para “cortar” com a preposição “adiante”. Significa literalmente “cortar um caminho”⁴⁵. Uma ilustração que me vem à mente é a de um explorador desbravando a mata fechada para avançar mais. Na próxima lição, à medida que começarmos a analisar o ministério público de Jesus, ficará óbvio para nós como Ele foi bem sucedido nesse desbravamento.

CONCLUSÃO

Isaías prometeu que um Menino nasceria (Isaías 9:6). Nesta lição, vimos essa promessa cumprida, quando o Menino nasceu, e depois ao ser protegido e preparado por Deus. Tentamos enfatizar que a cada conjuntura da história, Deus estava firmemente no controle.

Fizemos uma rápida revisão dos primeiros trinta anos de vida de Jesus. Alguns questionam por que Deus levou trinta anos para preparar Jesus—por que Jesus não começou Seu ministério mais cedo. B. S. Dean disse: “A maior necessidade do mundo é o caráter; e anos de preparação não são um desperdício quando o que se produz é aquele tipo de homem que saiu do anonimato de Nazaré”⁴⁶. Jesus estava tão preocupado com os negócios do Seu Pai nos anos de preparação quanto posteriormente, no alvoreço do Seu ministério público. Preparação é um pré-requisito necessário a qualquer tarefa de maior dimensão. Não vamos fazer pouco dela; não vamos negligenciá-la.

⁴⁴Por exemplo, é óbvio pelas parábolas de Jesus que Ele observava as pessoas e a natureza. Ele deve ter cultivado o hábito de levantar cedo para orar (Marcos 1:35) durante Seus anos de formação. O mais importante é que Ele obedeceu a cada mandamento de Deus (veja João 4:34); Ele é o único que conseguiu guardar perfeitamente a Velha Lei.

⁴⁵W. E. Vine, *The Expanded Vine's Expository Dictionary of New Testament Words*, ed. John R. Kohlenberger III com James A. Swanson. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1984, p. 25.

⁴⁶B. S. Dean, “O Período de Preparação”, em “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 10.

Em Busca do Salvador

Mateus
2:1–13,
Olhando de perto



As pessoas buscam muitas coisas na vida: fama, fortuna, felicidade. Contudo, emprestando as palavras de Jesus, “pouco é necessário ou mesmo uma só coisa” (Lucas 10:42a): buscar ao Senhor. Paulo disse aos seus ouvintes do Areópago que o Senhor “é quem todos dá vida, respiração e tudo mais... para buscarem a Deus” (Atos 17:25–27a). Davi orou: “Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente...” (Salmos 63:1). Moisés incentivou os israelitas dizendo: “buscarás ao Senhor, teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma” (Deuteronômio 4:29)¹.

Neste sermão, encontraremos um grupo de homens que buscava o Senhor “de todo o coração e de toda a alma” (2 Crônicas 15:12). Eu quase disse: “três homens buscavam o Senhor” porque o número “três” sempre é usado quando eles são mencionados. É provável que você tenha adivinhado que estou me referindo aos sábios que foram adorar o menino Jesus em Belém.

Este sermão é simples: gostaria de reforçar que os sábios procuraram Jesus, eles O encontraram, O adoraram e suas vidas, conseqüentemente, foram abençoadas². Também quero sugerir que você e eu precisamos seguir o exemplo deles. Trantando-se de uma história já bem divulgada, não passaremos muito tempo analisando detalhes já conhecidos³—mas faremos a seguinte pergunta: “Será que somos tão sábios quanto eles?”⁴

¹Existem muitas passagens sobre se buscar ao Senhor. Além das citadas acima, aqui estão outras que chamaram nossa atenção: Esdras 8:22; Salmos 10:4; 14:2.

²Quando preguei isto, acrescentei: “A maior parte do meu tempo será dedicada ao primeiro ponto, por isso não fiquei inquietos quando perceberem que ainda não saí desse ponto daqui a uns quinze ou vinte minutos!”

³Se a história *não* for conhecida para os seus ouvintes, dedique um tempo para contá-la.

⁴Gene Cloer, em “As Boas-Vindas ao Rei”, disse que os sábios fizeram. Depois no final de cada seção, ele perguntou:

ELES BUSCAVAM JESUS (vv. 1–9, 11, 13)

Os Magos

Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos Judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo (vv. 1, 2).

Temos de usar alguns minutos para comentar algo sobre aqueles que procuravam Jesus. Tantas tradições encobrem os sábios que os visitantes originais de Mateus 2 acabaram ficando obscurecidos⁵.

Os homens são denominados “magos”⁶. “Magos” é a palavra que originou “mágica” e “mágico”. Naqueles dias, os magos eram admirados por seu conhecimento e percepção—por isso geralmente usamos a expressão “os sábios”. Pelos padrões modernos, o conhecimento deles era imperfeito, consistindo de uma mistura de ciência e superstição. Todavia, tinham uma reputação de serem sábios e muitas vezes serviam como conselheiros para reis.

É popular a idéia de que havia três magos—provavelmente porque três presentes foram mencionados (v. 11)—mas três presentes poderiam ser dados por alguns ou muitos. A palavra “magos” é plural, de maneira que sabemos serem pelo menos dois, mas também poderiam ser uma dúzia ou mais⁷.

“Somos tão sábios quanto eles?” (“Mathew: Introducing the King,” *Truth for Today*, julho de 1989: pp. 6–8 [edição ainda não publicada em português]).

⁵Uma lenda do sétimo século menciona três magos por nome, conta os países de onde eles vieram e até especifica qual foi o presente de cada um. Como já sugerimos antes, não existe vácuo na natureza e ela sempre se apressa em preenche-lo. Os homens não suportam um vácuo de informação. Se não conseguirem preenche-lo com conhecimento, irão preenche-lo com especulação.

⁶Veja mais sobre os magos na seção “O Menino Protegido”.

⁷Um desenho numa catacumba antiga mostra dois magos, enquanto uma tradição (não inspirada) da igreja antiga

Os magos vieram do “Oriente”, mas não é informado o país de origem. Alguns estudiosos acreditam que eles vieram da Arábia por causa dos presentes que trouxeram. A Pérsia poderia ser um palpite melhor, porque de lá floresciam muitos magos. Francamente, não sabemos de onde eles iniciaram sua jornada. Do lado oriental da Palestina ficavam a Arábia, a Pérsia, a Babilônia, toda a região da Mesopotâmia, a Índia e outros territórios.

Um detalhe relativo aos homens parece óbvio: eram gentios. Eles não disseram “nosso Rei”, mas sim “o Rei dos Judeus”. Quando o menino Jesus foi levado ao templo, o velho Simeão disse que Ele seria “luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel” (Lucas 2:32)⁸. A história dos sábios salienta as implicações universais do nascimento de Cristo. Jesus não seria simplesmente o Salvador de Israel; Ele deveria ser “o Salvador do mundo” (João 4:42).

Não sabemos muito sobre esses homens, mas conhecemos a principal característica deles: eles procuraram persistentemente pelo “Rei dos judeus”. A verdadeira sabedoria deles não residia em décadas de estudo nem na capacidade de entender o mundo natural, mas na capacidade de entender o que é realmente importante. Mesmo que você não seja altamente inteligente nem tenha um nível de escolaridade superior, se você está buscando o “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Apocalipse 19:16) persistentemente, então você é sábio aos olhos de Deus!

A Missão

Por que os magos fizeram aquela longa e difícil viagem até a Palestina? Será que eles partiram como negociantes, espalhando suas mercadorias: Não. Será que partiram como turistas, desejando nadar no mar Mediterrâneo ou flutuar no mar Morto? Não. Será que partiram como embaixadores para estabelecer uma relação favorável com o rei Herodes? Não. Quando eles chegaram a Jerusalém, perguntaram: “Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?” (Mateus 2:2a). Eles foram à Palestina com um propósito: encontrar o Messias.

Precisamente *por que* eles queriam encontrar o Rei? A resposta deles foi: “Viemos para adorá-lo” (v. 2b; grifo meu). Ele não era apenas o “Rei dos judeus”; Ele também era o rei deles. Viajaram centenas ou milhares de quilômetros com o propósito de se prostrarem perante Ele.

sugere que havia doze homens sábios.

⁸Em relação ao fato de o Messias abençoar todas as pessoas, veja Isaías 42:1, 6; 49:6, 22; Mateus 12:18–21

Para sermos tão sábios quanto esses homens, precisamos aprender que nenhum sacrifício é grande demais em nossa busca por Jesus. Deus “nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais *em Cristo*” (Efésios 1:3; grifo meu). Essas bênçãos não são encontradas em nenhum outro lugar. Deus ainda está procurando almas honestas que fazem da busca pelo Senhor a força motriz de suas vidas. Ele continua sendo “galardoador dos que o buscam” (Hebreus 11:6).

O Método

Quando entendemos um pouco os magos e sua missão, pode ser que questionamos: como foi possível eles conseguirem cumprir aquela missão? Eles eram gentios. Como sabiam a respeito do Rei dos Judeus? Assim que souberam dEle, como souberam como encontrá-lo?

Alguns especularam que eles ficaram sabendo do Cristo por seus vizinhos judeus. Esta é uma possibilidade. Naquele tempo, os judeus já estavam espalhados por todo o mundo⁹. Em territórios estrangeiros, eles não só exerceram suas profissões, como também compartilharam sua fé¹⁰.

Em relação a como os sábios souberam encontrar Jesus, a única pista encontra-se as palavras: “Viemos a sua estrela no Oriente” (v. 2). Alguns acreditam que a estrela tenha sido um fenômeno natural. Uma das pseudociências perseguida pelos magos era a astrologia. O Antigo Testamento não dá crédito à astrologia (Isaías 47:13–15; Daniel 1:20; 2:27; 4:7; 5:7, 8) e proíbe que o povo de Deus envolva-se com ela (Jeremias 10:1, 2). Apesar disso, muitos estão convencidos de que foi o interesse dos magos em astrologia que os levou até a Palestina. Páginas de especulação foram escritas sobre a configuração precisa do céu que propiciou a viagem dos magos para o Ocidente¹¹.

Após examinar todas as suposições sobre como os sábios souberam do Messias e como decidiram que deveriam seguir uma certa estrela, minha conclusão é a mesma obtida por J. W. McGarvey, anos atrás. McGarvey enumerou todas as influências possíveis sobre os sábios e concluiu: “Mas tudo isto junto não pode responder pela visita dos magos.

⁹Atos 2:9 menciona judeus em algumas regiões do leste da Palestina.

¹⁰Mateus 23:15 é uma passagem negativa, mas ela fala da atividade dos judeus em fazer prosélitos. Segundo Josefo, a idéia de que um rei governando o mundo procederia da Judéia havia se espalhado (até certo ponto) pelas nações.

¹¹Entre essas especulações incluem-se conjunções planetárias, novas e cometas. Nenhuma delas enquadra-se na descrição textual da estrela ou sua ação.

Eles foram guiados diretamente por Deus, e nada mais pode tê-los influenciado”¹².

Entenda que, embora o Antigo Testamento enfoque o relacionamento de Deus com os judeus, Deus não ignorou totalmente o mundo não-judeu. Sabemos pouco sobre como Deus operou entre os gentios, porque o propósito do Antigo Testamento é dizer como Deus preparou uma nação (os israelitas) através da qual o Seu Filho veio. Mas, de vez em quando, o Antigo Testamento dá vislumbres da preocupação do Senhor com os vizinhos gentios dos judeus. Por exemplo, Deus mandou Jonas a Nínive, uma cidade gentia (Jonas 1:1, 2). Deus até usou um não-judeu chamado Balaão para proclamar uma mensagem messiânica vivida: “uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro” (Números 24:17). A história dos sábios parece ser um outro exemplo do interesse de Deus pelos gentios.

Tudo o que podemos dizer com certeza é que, de *alguma maneira*, Deus assegurou que os magos soubessem do nascimento de Jesus e, de *alguma maneira*, informou-lhes como poderiam encontrar o Messias. Mais tarde, Deus falou aos sábios num sonho (Mateus 2:12). Talvez o Senhor tenha usado um método semelhante ao comunicar a informação inicial sobre o Rei dos Judeus.

Se é necessária uma prova de que Deus estava guiando os sábios do Oriente, a própria estrela fornece essa prova. Nenhum corpo celestial se move como a estrela dos magos de movia: nenhuma estrela se move do norte para o sul, e nenhuma estrela pára “sobre” um ponto geográfico (Mateus 2:9).

Podemos fazer aplicação aos que buscam o Senhor hoje. Podemos sugerir, em primeiro lugar, que Deus está tão interessado em que você encontre o Salvador quanto estava em ajudar os sábios a encontrarem o pequeno Rei. Também podemos sugerir que, se você estiver disposto a buscar o Salvador, Ele o ajudará a encontrá-lo (não por meio de um milagre, mas, por sua providência).

Todavia, para encontrar Jesus, você precisa estar disposto a *aceitar a orientação de Deus*. “Não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos” (Jeremias 10:23). A razão é importante (Isaías 1:18), mas ela não pode tomar o lugar da revelação. “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor,

porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos” (Isaías 55:8, 9).

Deus ainda está procurando almas honestas que fazem da busca pelo Senhor a força motriz de suas vidas.

Assim que se aceita a orientação de Deus, é preciso estar pronto para *seguir-la — imediatamente*. Após Deus comunicar a Sua mensagem aos magos (seja lá como Ele tenha feito isto), eles não hesitaram. Partiram imediatamente, numa jornada que envolvia centenas de quilômetros e meses viajando exaustivamente.

Devemos mencionar uma outra qualidade necessária: para seguir a orientação de Deus, é preciso *permanecer humilde*. Quando os sábios saíram de suas casas, eles não sabiam qual seria o seu destino final; só sabiam que tinham de seguir a estrela. Quando chegaram a Jerusalém, não sabiam para onde ir em seguida. Felizmente, não eram orgulhosos a ponto de não pedir informações. (Alguns de nós, homens, temos uma reputação de não nos dispormos a pedir instruções quando estamos viajando para um lugar desconhecido.) Humildade é essencial para se buscar ao Senhor¹³.

Retomando nossa história, é significativo que Deus tenha revelado as instruções mais importantes da jornada dos magos através das Suas Escrituras. A estrela guiou-os somente até Jerusalém. Ali, eles ainda precisaram de informações extraídas da Palavra. Você sabe o que aconteceu: quando Herodes

¹²J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 42.

¹³Entre muitas passagens sobre a necessidade de ser humilde para se agradar a Deus estão: Tiago 4:6 e 1 Pedro 5:5.

ficou sabendo das perguntas dos magos, ele convocou os líderes judeus a uma reunião e indagou “deles onde o Cristo deveria nascer” (Mateus 2:4). Eles responderam:

Em Belém da Judéia¹⁴, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: E tu, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel (vv. 5, 6)¹⁵.

Para descobrir a resposta à pergunta do rei, eles tiveram de recorrer às Escrituras—Miquéias 5:2¹⁶.

Podemos aprender alguma coisa sobre Deus fora da Bíblia. Ele é ativo neste mundo. Ele manda o brilho do sol e a chuva (Mateus 5:45). “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Salmos 19:1). Até certo ponto, “os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade” são perceptíveis por meio da Sua criação (Romanos 1:20). Todavia, se queremos buscá-LO e achá-LO, precisamos finalmente (sublinhe “precisamos” na sua mente) recorrer à Palavra. Falando das Escrituras, Jesus disse: “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (João 5:39).

Tiago escreve: “...acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma” (Tiago 1:21). Paulo disse que só “as sagradas letras... podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2 Timóteo 3:15). Deus não lhe dará uma estrela no céu para guiá-lo, mas Ele tem dado a você e a mim uma revelação para nos guiar—em Seu Livro. O salmista descreveu a Palavra como “lâmpada para os meus pés... e luz para os meus caminhos” (Salmos 119:105).

Para sermos tão sábios quanto os magos, temos de estar dispostos a estudar a Palavra de Deus e a fazer o que ela diz. O Novo Testamento revela o caminho que devemos seguir para encontrarmos o Senhor: temos de crer em Jesus (João 3:16); temos de nos arrepender dos nossos pecados (Lucas 13:3); temos de confessar a nossa fé em Jesus (Mateus 10:32); temos de ser batizados (imersos em água) (Marcos 16:16; Atos 2:38). A Bíblia nos diz que o batismo nos coloca “em Cristo” (Romanos 6:3; Gálatas 3:27)—e

estar com Cristo é o nosso alvo! Nosso lar com Ele é o destino que almejamos!

ELES ACHARAM JESUS (vv. 7–11)

Os magos acharam Jesus. É sempre emocionante achar o que estamos procurando, seja um destino desconhecido, seja algumas chaves colocadas no lugar errado¹⁷. Todavia, não há sensação comparável à de se encontrar o Salvador!

Anos antes de Cristo nascer, Davi disse a seu filho Salomão: “Se o buscares, ele deixará achar-se por ti” (1 Crônicas 28:9). Porque os magos buscaram a Jesus da maneira certa e com atitude certa, Deus fez com que eles O achassem.

Assim que os sábios souberam onde o Messias deveria nascer, eles saíram de Jerusalém (vv. 7–9a). Quando começaram o trajeto de oito quilômetros até Belém, a estrela reapareceu¹⁸. “E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo” (v. 10). Sabiam que estavam no caminho certo. A estrela “que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino” (v. 9). Finalmente, “entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe” (v. 11a).

Tente imaginar a alegria que eles experimentaram quando encontraram Aquele a quem estiveram buscando por tanto tempo. Anos atrás, pessoas gritavam: “Eureka!”, quando faziam uma descoberta. (*Eureka* é uma palavra grega que significa: “Achei!”) Não sabemos o que os magos gritaram—ou se disseram alguma coisa—quando olharam para o Menino nos braços de Maria. Tenho certeza, porém, de que suas mentes não estavam pensando nas dificuldades enfrentada durante a viagem nem em qualquer outro sacrifício que tiveram de fazer. Em vez disso, seus corações, com certeza, estavam cheios de alegria pela conclusão bem-sucedida daquele desafio.

Se você buscar o Senhor da maneira certa e com a atitude certa, Deus também o ajudará a encontrá-LO. Então, quando você for batizado em Cristo, será capaz de dizer, assim como Filipe: “Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José” (João 1:45). Assim como os sábios, você poderá exultar—“com alegria indizível e cheia de glória” (1 Pedro 1:8)!

¹⁴A expressão acrescentada “da Judéia” diferencia esta cidade da outra Belém na Palestina (Josué 19:15, 16; Juízes 12:8, 10).

¹⁵O nome “Belém” significa “casa de pão”. Parece apropriado para o lugar de origem do “pão da vida” (João 6:48).

¹⁶Os escribas e os sacerdotes também acrescentaram uma expressão extraída de 2 Samuel 5:2.

¹⁷Se quiser, dê exemplos pessoais de encontrar alguma coisa que muito se procurou. Lucas 15 narra a alegria vivenciada por um pastor e por uma mulher que procuravam o que haviam perdido e o acharam.

¹⁸Isto fica implícito no texto. Muitas coisas não sabemos sobre a estrela—se ela era visível todas as noites ou apenas ocasionalmente.

ELES ADORARAM JESUS (vv. 2, 11)

Tendo encontrado Jesus, os magos adoraram a Ele. Eles não buscaram o Rei dos Judeus para se gabarem de que haviam solucionado um quebra-cabeças divino. Eles haviam proclamado que foram à Palestina para “adorá-lo” (v. 2; grifo meu). De fato, quando viram Jesus, “prostrando-se, o adoraram” (v. 11b). Prestaram a Jesus a adoração que Ele merecia como Rei dos reis (Apocalipse 19:16)¹⁹.

Estes fizeram mais do que apenas prostrar-se perante Ele. “E, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra” (Mateus 2:11c)²⁰. Alguns vêem um significado simbólico nesses presentes: o ouro era um presente digno de um rei. O incenso²¹ era um presente para um Sacerdote. A mirra era usada na preparação de um corpo para o sepultamento (João 19:39); era um presente para um Salvador, um Salvador que morreu pelos nossos pecados. Jesus era tudo isso—Rei, Sacerdote e Salvador—mas provavelmente os presentes foram escolhidos simplesmente porque, embora valiosos, tomavam pouco espaço e podiam ser transportados na longa viagem²².

O verdadeiro significado dos presentes não reside no que eles eram, mas no que representavam: eram uma expressão do desejo dos sábios de honrar seu Rei. A verdadeira adoração e doação não se separam²³. O Antigo Testamento tinha seus sacrifícios, e o Novo Testamento tem suas ofertas espontâneas no primeiro dia da semana (1 Coríntios 16:1, 2; 2 Coríntios 9:7). Às vezes, em nossos cultos de adoração, o volume do barulho aumenta na hora da coleta, indicando que alguns não pensam na oferta como uma parte significativa da adoração—mas ela é.

Se você não tem ouro, nem incenso, nem mirra para dar ao Senhor, dê a Ele o melhor que tiver. Em primeiro lugar, dê a si mesmo (2 Coríntios 8:5; veja Romanos 12:1, 2); depois, dê o que é seu; e sempre

¹⁹A palavra traduzida por “adorar” pode se referir a honra concedida a Deus ou a um ser humano. Existe, portanto, alguma dúvida quanto aos magos adorarem Jesus como Deus ou simplesmente em reconhecimento à Sua majestade. Mateus normalmente usa a palavra “adorar” em seu sentido mais comumente aceito, “honrar a Deus”—e esse parece ser o sentido usado aqui.

²⁰Veja mais sobre esses três presentes na seção “A Visita dos ‘Sábios’”.

²¹O incenso puro era um dos ingredientes do incenso usado no tabernáculo (Êxodo 30:34–38).

²²Pela providência de Deus, os presentes também puderam ser facilmente transportados por José até o Egito.

²³Alguém disse que é possível dar sem adorar, mas é impossível adorar sem dar; pois no louvor é preciso apresentar a alma, o coração e o espírito a Deus.

dê a Ele o melhor. Davi não oferecia ao Senhor o que não lhe custasse nada (2 Samuel 24:24).

Quando os magos encontraram Jesus, eles O adoraram e lhe deram presentes. Será que somos tão sábios quanto eles?²⁴

CONCLUSÃO (vv. 10, 12)

Não sabemos muitas coisas sobre os magos. Sabemos pouco sobre eles antes de chegarem a Jerusalém. Nada sabemos sobre eles depois que voltaram para seu próprio país. Eles aparecem nas páginas da Bíblia para uma cena memorável e depois desaparecem. Um fato sabemos: suas vidas foram abençoadas por buscarem o Senhor. Lembremo-nos do versículo 10: “E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo”. O texto original, traduzido literalmente, diz que “eles exultaram de alegria”. O escritor usou uma expressão hebraica que indica que ficaram *cheios* de alegria. Só isto já seria suficiente para nos permitir saber como os sábios ficaram felizes, mas o texto ainda acrescenta as palavras “grande” e “intenso”. Os magos ficaram delirantemente felizes por terem encontrado o Senhor! Ao saírem daquela humilde casa em Belém, assim como fizeram os pastores antes deles (Lucas 2:17, 18), devem ter contado a todos que encontraram a respeito do pequeno Rei que viram.

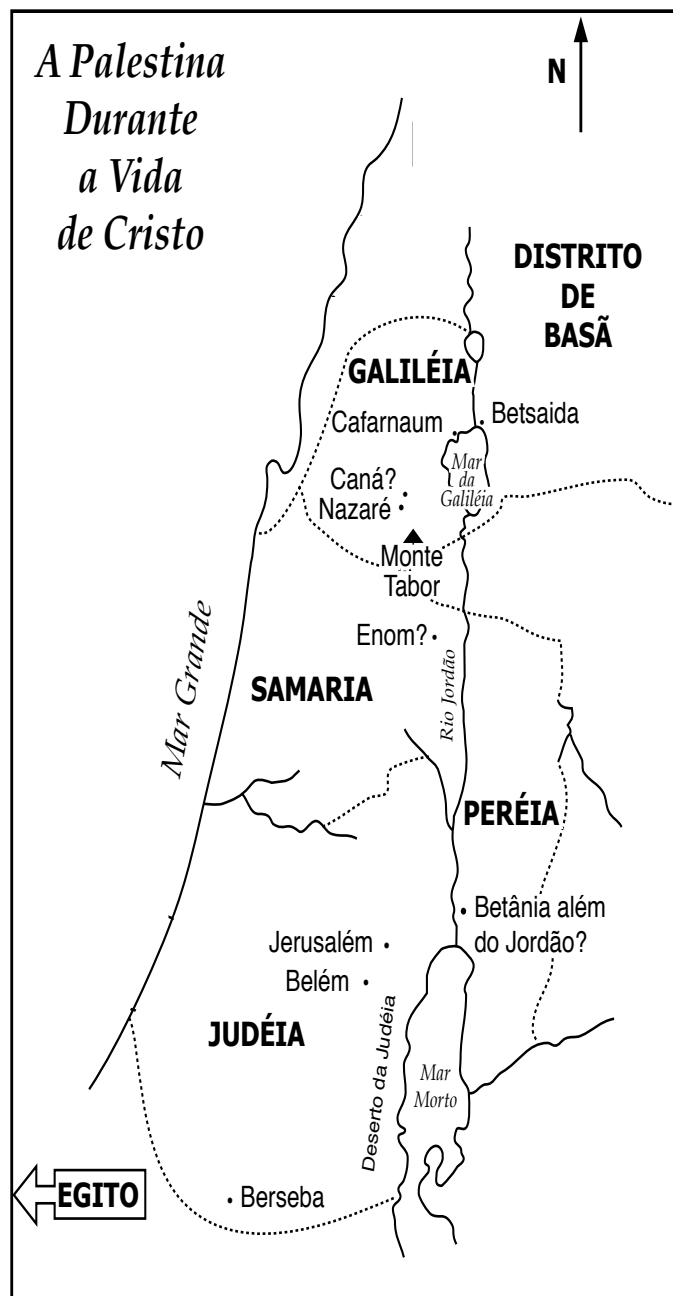
Se você buscar o Salvador e O encontrar, sua vida também será abençoada—muito além do que você pode imaginar. Paulo escreveu: “Bem-aventurados aqueles... cujos pecados são cobertos” (Romanos 4:7). Novamente, ele disse: “Está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1 Coríntios 2:9).

A passagem que estivemos estudando contrasta as atitudes de três grupos em relação a Jesus: havia os sábios, que buscavam Cristo para adorá-lo. Havia Herodes, que buscava Jesus para matá-lo. E havia os líderes religiosos, que não

²⁴Se quiser, mencione a seqüência: como Deus advertiu os sábios e como eles voltaram para casa por outro caminho (Mateus 2:12). Alguns pregadores fazem uma aplicação adicional aqui: assim como os magos “regressaram por outro caminho a sua terra” (Mateus 2:12), temos de viajar por outro caminho após nos tornarmos cristãos. Em outras palavras, temos de viver um tipo de vida diferente.

empenharam nenhum esforço para encontrar Jesus, mesmo estando a apenas alguns quilômetros de distância dele. Essas três categorias de pessoas ainda estão entre nós hoje: há os que se ofendem e se opõem a Jesus por verem nEle uma ameaça às suas vidas egocêntricas. Há as grandes massas de pessoas que são cegas para Jesus e para as bênçãos que poderiam receber dEle. Graças a Deus, porém, existem também alguns que O buscam da maneira certa e com a atitude certa. Espero que você seja um desses²⁵.

²⁵ Ao usar este sermão, você poderá revisar o que uma pessoa precisa fazer para se tornar cristã. Incentive os ouvintes a obedecerem ao Senhor o mais rápido possível. Por causa da natureza desta apresentação, também é apropriado incentivar os ouvintes que têm dúvidas relativas à Bíblia a comunicarem essas dúvidas para você ajudá-los na sua busca pessoal pelo Salvador.



Atribuição de Leitura nº. 3

Mateus 3:1–17; 4:1–11;
Marcos 1:1–13;
Lucas 3:1–18, 21, 22; 4:1–13;
João 1:19–34

Mateus 3:1-17

¹Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizia:

²Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.

³Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías:

Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.

⁴Usava João vestes de pêlos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre.

⁵Então, saíam a ter com ele Jerusalém, toda a Judéia e toda a circunvizinhança do Jordão;

⁶e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.

⁷Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura?

⁸Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento;

⁹e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.

¹⁰Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

¹¹Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.

¹²A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a

palha em fogo inextinguível.

¹³Por esse tempo, dirigiu-se Jesus da Galiléia para o Jordão, a fim de que João o batizasse.

¹⁴Ele, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?

¹⁵Mas Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o admitiu.

¹⁶Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele.

¹⁷E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

Mateus 4:1–11

¹A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo.

²E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome.

³Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães.

⁴Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.

⁵Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo

⁶e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra.

⁷Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus.

⁸Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles

⁹e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.

¹⁰Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto.

¹¹Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o

serviram.

Marcos 1:1–13

¹Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

²Conforme está escrito na profecia de Isaías:

Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho;

³voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas;

⁴apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados.

⁵Saíram a ter com ele toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão.

⁶As vestes de João eram feitas de pêlos de camelo; ele trazia um cinto de couro e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre.

⁷E pregava, dizendo: Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias.

⁸Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo.

⁹Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galiléia e por João foi batizado no rio Jordão.

¹⁰Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele.

¹¹Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.

¹²E logo o Espírito o impeliu para o deserto,

¹³onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás; estava com as feras, mas os anjos o serviam.

Lucas 3:1–18

¹No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes, tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe, tetrarca da região da Ituréia e Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene,

²sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto.

³Ele percorreu toda a circunvizinhança do Jordão, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados,

⁴conforme está escrito no livro das palavras do profeta Isaías:

Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.

⁵Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros; os caminhos tortuosos serão retificados, e os escabrosos, aplanados;

⁶e toda carne verá a salvação de Deus.

⁷Dizia ele, pois, às multidões que saíam para serem batizadas: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura?

⁸Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.

⁹E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

¹⁰Então, as multidões o interrogavam, dizendo: Que havemos, pois, de fazer?

¹¹Respondeu-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem; e quem tiver comida, faça o mesmo.

¹²Foram também publicanos para serem batizados e perguntaram-lhe: Mestre, que havemos de fazer?

¹³Respondeu-lhes: Não cobreis mais do que o estipulado.

¹⁴Também soldados lhe perguntaram: E nós, que faremos? E ele lhes disse: A ninguém maltrateis, não deis denúncia falsa e contentai-vos com o vosso soldo.

¹⁵Estando o povo na expectativa, e discorrendo todos no seu íntimo a respeito de João, se não seria ele, porventura, o próprio Cristo,

¹⁶disse João a todos: Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.

¹⁷A sua pá, ele a tem na mão, para limpar completamente

a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; porém queimará a palha em fogo inextinguível.

¹⁸Assim, pois, com muitas outras exortações anunciava o evangelho ao povo;

Lucas 3:21, 3:22

²¹E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, estando ele a orar, o céu se abriu,

²²e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.

Lucas 4:1–13

¹Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto,

²durante quarenta dias, sendo tentado pelo diabo. Nada comeu naqueles dias, ao fim dos quais teve fome.

³Disse-lhe, então, o diabo: Se és o Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão.

⁴Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem.

⁵E, elevando-o, mostrou-lhe, num momento, todos os reinos do mundo.

⁶Disse-lhe o diabo: Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser.

⁷Portanto, se prostrado me adorares, toda será tua.

⁸Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto.

⁹Então, o levou a Jerusalém, e o colocou sobre o pináculo do templo, e disse: Se és o Filho de Deus, atira-te daqui abaixo;

¹⁰porque está escrito:

Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem;

¹¹e:

Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra.

¹²Respondeu-lhe Jesus: Dito está: Não tentarás o Senhor, teu Deus.

¹³Passadas que foram as tentações de toda sorte, apartou-se dele o diabo, até momento oportuno.

João 1:19–34

¹⁹Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu?

²⁰Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo.

²¹Então, lhe perguntaram: Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não.

²²Disseram-lhe, pois: Declara-nos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo?

²³Então, ele respondeu:

Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.

²⁴Ora, os que haviam sido enviados eram de entre os fariseus.

²⁵E perguntaram-lhe: Então, por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?

²⁶Respondeu-lhes João: Eu batizo com água; mas, no meio de vós, está quem vós não conheceis,

²⁷o qual vem após mim, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias.

²⁸Estas coisas se passaram em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando.

²⁹No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

³⁰É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim.

³¹Eu mesmo não o conhecia, mas, a fim de que ele fosse manifestado a Israel, vim, por isso, batizando com água.

³²E João testemunhou, dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele.

³³Eu não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo.

³⁴Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus.

“Está Próximo!”

Leitura Bíblica 3:

- II. O INÍCIO DO MINISTÉRIO DE JOÃO BATISTA.
 - A. O ministério de João (Mateus 3:1–6; Marcos 1:1–6; Lucas 3:1–6).
 - B. A mensagem de João (Mateus 3:7–12; Marcos 1:7, 8; Lucas 3:7–18).
- III. O INÍCIO DO MINISTÉRIO DE JESUS.
 - A. Jesus batizado por João no rio Jordão (Mateus 3:13–17; Marcos 1:9–11; Lucas 3:21, 22; João 1:31–34).
 - B. Jesus tentado no deserto (Mateus 4:1–11; Marcos 1:12, 13; Lucas 4:1–13).
 - C. O testemunho de João a respeito de Jesus (João 1:19–34).

INTRODUÇÃO

Quando João Batista “apareceu... pregando no deserto da Judéia”, o centro de sua mensagem era: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus!” (Mateus 3:1, 2). É difícil compreendermos como essas palavras devem ter sido emocionantes para os ouvintes de João. A era messiânica estava “próxima”! Não demoraria para o próprio Messias aparecer!

A lição “Um Menino nos Nasceu” enfocou os primeiros trinta anos de Jesus nos anos de preparação. A lição seguinte narrará os primeiros dias da obra de Jesus, quando Ele começou a demonstrar que era o Cristo. Entre essas duas lições, foi necessário um último minuto de preparação. Este estudo é sobre os acontecimentos que assentaram o alicerce para o ministério público de Jesus.

O MESSIAS PREDITO (MATEUS 3:1–12; MARCOS 1:1–8; LUCAS 3:1–18)

Os profetas haviam predito que viria alguém antes do Messias para preparar-lhe o caminho (Isaías 40:3–5; Malaquias 3:1; 4:5, 6). Zacarias, o sacerdote, foi informado pelo anjo que seu filho, João, seria precursor (Lucas 1:17).

Isaías havia comparado a obra que João teria de realizar com a de construtor de rua:

“Preparai o caminho do Senhor,
Endireitai as suas veredas.
Todo vale será aterrado,
e nivelados todos os montes e outeiros;
os caminhos tortuosos serão retificados,
e os escabrosos, aplanados”
(Lucas 3:4, 5; veja Isaías 40:3, 4)

Naqueles dias, quando um rei viajava em terreno irregular, geralmente ia na frente uma equipe de operários, fazendo a terraplanagem. Essa imagem

¹Veja uma exposição do significado desta expressão no artigo “O Reino dos Céus”.

foi usada pelo profeta. Obviamente, no caso da tarefa de João, não eram buracos que precisavam ser tapados, e sim gargantas de ignorância. Não eram montes de pedra que tinham de ser removidos, e sim montanhas de orgulho. Conceitos tortuosos sobre o Messias precisavam ser endireitados pelo ensino da verdade.

Como um todo, o povo judeu tinha um entendimento equivocado do Messias e da Sua obra. Eles pensavam que Ele seria um rei terreno que derrotaria seus inimigos e restauraria à nação judaica o seu passado de glória. João teve o desafio de introduzir a idéia de que o reino do Messias seria um reino *espiritual* com requisitos *espirituais*.

A Pregação de João²

Quando vimos João pela última vez, ele estava “nos desertos” (Lucas 1:80)³. Nessa região estéril, ele viveu sua vida abnegada. Usava roupas rústicas (Mateus 3:4; veja 2 Reis 1:8) e comia gafanhotos e mel silvestre (Mateus 3:4).

Finalmente, “veio a palavra de Deus” a João (Lucas 3:2)—o sinal para que ele começasse sua pregação. Lucas salientou a importância do ministério de João usando cinco líderes políticos⁴ e dois religiosos⁵ para fixar a data de uma inauguração (Lucas 3:1, 3).

Uma palavra chave na pregação de João era “arrependei-vos” (Mateus 3:2). A palavra “arrepender-se” significa “uma mudança de opinião, que resulta

²Nunca é demais enfatizar a importância da obra de João. Marcos a chamou de “princípio do evangelho” (Marcos 1:1). No Livro de Atos, é dito que o princípio formal do ministério de Jesus data do batismo de João (Atos 1:21, 22; veja 10:37, 38).

³Veja o comentário sobre João Batista na lição “Cristo Está Chegando!”.

⁴Consulte na lição “O Mundo para o qual Cristo Veio” para obter mais informações do contexto histórico.

⁵Consulte na lição “O Mundo para o qual Cristo Veio” para obter mais informações do contexto histórico.

numa mudança de vida”⁶. Quem não está disposto a se arrepender terá de enfrentar a ira de Deus (Mateus 3:7, 10; Lucas 3:9). O reino não era para os que possuíssem determinado sangue, mas para os que possuíssem determinado caráter moral (Mateus 3:8, 9; Lucas 3:8).

Quanto à necessidade de mudança, João não tratou de generalidades, mas de pontos específicos. Ele disse para os homens “produzirem, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mateus 3:8; veja Lucas 3:8). Ele deu exemplos explícitos. Disse às massas egoístas para partilharem (Lucas 3:11)⁷, aos oficiais para serem honestos (Lucas 3:13) e aos que possuíam autoridade para não fazerem mau uso do poder (Lucas 3:14). Ele convocou todos os homens a confessarem seus pecados (Marcos 1:5). Rotulou os que não estavam dispostos a fazer isto de “raça de víboras” (Mateus 3:7), ou seja, eram um perigo oculto.

Apesar de sua audácia—ou talvez por causa dela—ele atraiu um grande número de seguidores. “Saíam a ter com ele toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém”⁸; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão”⁹ (Marcos 1:5).

A Prática de João

O batismo foi uma parte indispensável no ministério de João. Alguns tentam encontrar precedentes para o batismo de João nas lavagens cerimoniais judaicas, mas o batismo de João era sem paralelos¹⁰. João ficou conhecido como “João Batista” (Mateus 3:1) porque esse era o seu chamado distintivo¹¹.

“Batista” é uma transliteração do grego. A terminação (-tes), que indica uma característica diferenciadora, foi acrescentada à palavra grega equivalente a “batizar”. Essa terminação é, a grosso modo, comparável ao “or” em “ator” e “doutor”. “Batis-

⁶Veja uma definição de “arrepender-se” na lição “Glossário” da edição “Atos, 1”.

⁷Esta é uma seção prática. Se quiser, amplie as idéias aqui.

⁸O uso duplo de “toda” e “todos” nesta oração é uma expressão idiomática que indica um grande número.

⁹Uma série de contrastes poderiam ser traçados entre o batismo de João e o da grande comissão (ordenado por Jesus em Mateus 28:18–20; Marcos 16:15, 16). Um deles é que os candidatos ao batismo de João confessavam seus pecados, enquanto os que se submetiam ao batismo da grande comissão confessavam sua fé em Jesus (Atos 8:35–38; Romanos 10:9, 10).

¹⁰As diferenças entre o batismo de João e as lavagens cerimoniais são muitas, incluindo uma diferença de propósito e na maneira como eram administrados.

¹¹Se muitos outros tivessem administrado o mesmo tipo de batismo, como às vezes se alega, João jamais teria recebido esse título de identificação.

ta” significa literalmente “aquele que batiza”. Uma palavra que expressa esse conceito é “Batizador”. Nesta série usaremos o termo “Batista” para nos referirmos a João.

João batizava pessoas no rio Jordão. Tudo indica que Ele andava rio acima e rio abaixo a fim de levar sua mensagem a todos. Lucas 3:3 diz: “Ele percorreu toda a circunvizinhança do Jordão”. A Bíblia Viva diz: “Então João ia de lugar em lugar, em ambos os lados do rio Jordão”. A Bíblia informa várias regiões onde ele batizava (João 1:28; 3:23).

O batismo feito por João era uma imersão. A palavra “batizar” é uma transliteração do vocábulo grego que significa “afundar, imergir”¹². Seria possível saber que o batismo feito por João era por imersão, mesmo se não soubéssemos o significado da palavra grega. João 3:23 enfatiza que “João estava também batizando em Enom..., porque havia ali muitas águas”. Aspersão não requer “muitas águas”, mas imersão sim. Após João ter batizado Jesus, este “saiu da água” (Marcos 1:10; veja Mateus 3:16). Aquilo que hoje mantém os que praticam o batismo por aspersão fora da água teria mantido João fora do rio, se ele tivesse meramente aspergido água sobre as pessoas.

O batismo de João foi chamado de “batismo de arrependimento para remissão de pecados” (Marcos 1:4; Lucas 3:3). Ele foi chamado de “batismo de arrependimento” porque era uma expressão de arrependimento¹³. Ele visava ao perdão [remissão] dos pecados: João não só convenceu os homens do pecado, mas também deu-lhes esperança do perdão desses pecados. Seu batismo antecipou a morte de Cristo pelos pecados da humanidade.

O Propósito de João

O propósito básico de João foi preparar os corações e as vidas do povo para o Messias (veja João 3:28). Ele dizia às multidões: “...aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar” (Mateus 3:11; veja João 1:27, 30). Levar ou tirar as sandálias era o trabalho de um servo. João estava dizendo, com efeito: “Não sou digno de ser Seu escravo”.

Ele fez um contraste entre a sua obra e a de Cristo: “Eu vos batizo com água, para arrependimento...; Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mateus 3:11). O contexto mostra que o batismo com

¹²*The Analytical Greek Lexicon*. Londres: Samuel Bagster & Sons Ltd., 1971, p. 65.

¹³O batismo da grande comissão poderia ser chamado de “batismo de fé”, porque ele é uma expressão da nossa fé em Jesus.

o Espírito Santo e o batismo com fogo não eram o mesmo batismo. João estava falando para um grupo heterogêneo—os receptivos e os não-receptivos (Mateus 3:5–7)¹⁴. O batismo do Espírito Santo veio sobre os apóstolos no primeiro Pentecostes após a ressurreição de Cristo (Atos 1:5, 8; 2:1–4). Eles foram imersos no poder do Espírito. Por outro lado, o batismo de fogo refere-se à imersão dos ímpios no fogo no Dia do Juízo Final (Mateus 3:12).

O MESSIAS BATIZADO (MATEUS 3:13–17; MARCOS 1:9–11; LUCAS 3:21, 22; JOÃO 1:31–34)

No auge da popularidade de João—e no auge da expectativa em relação ao Messias—Jesus chegou até ele para ser batizado. Na ocasião, “tinha Jesus cerca de trinta anos” (Lucas 3:23).

Não sabemos se João havia visto Jesus antes. Como já observamos, as mães deles eram parentes e amigas¹⁵. É possível que João e Jesus já tivessem se encontrado—talvez durante os dias de festa em Jerusalém. Independentemente disso, de alguma maneira, João sabia que Jesus era diferente dos outros que aguardavam serem batizados. O batismo de João era um batismo de arrependimento, e Jesus não tinha pecados dos quais se arrepender. Seu batismo era para o perdão dos pecados, e Jesus não tinha nenhum pecado para ser perdoado. Inicialmente, João recusou-se a batizar o Cristo: “Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mateus 3:14).

Sendo, diferentemente de nós, sem pecado, por que Jesus *foi* batizado? O próprio Cristo respondeu essa pergunta. “Deixa por enquanto” disse Ele a João, “porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça”¹⁶ (Mateus 3:15). O batismo de João era “do céu” (veja Mateus 21:25), e os que o recusaram “rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus” (Lucas 7:30). Jesus foi consagrado para ser o ponto de convergência da vontade de Deus¹⁷—e Ele entendeu que o batismo de João fazia parte dessa vontade. Por isso, não havia dúvida em Sua mente a respeito do que Ele deveria fazer: ser batizado—e assim Ele

fez. Não seria maravilhoso se todos tivessem essa atitude positiva em relação ao batismo hoje?

João finalmente concordou em batizar Jesus. Enquanto era batizado, Cristo orava (Lucas 3:21)¹⁸. Depois João viu e ouviu algo maravilhoso:

Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba¹⁹, vinho sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo (Mateus 3:16, 17)²⁰.

Assim Deus coloca Seu selo de aprovação nos trinta e poucos anos de preparação de Jesus, e assim Ele O capacita para o Seu ministério (veja Lucas 4:18; Atos 10:38).

Antes desse evento, João pode ter suspeitado que Jesus era o Messias, mas ele não *sabia*. O Senhor Deus lhe dissera como ele reconheceria o Messias: “Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo” (João 1:33). A alegria de João deve ter sido imensurável ao ver o Espírito descendo do céu. Deus foi fiel à Sua Palavra! O Cristo havia chegado!

O MESSIAS TESTADO (MATEUS 4:1–11; MARCOS 1:12, 13; LUCAS 4:1–13)

Imediatamente após a descrição do batismo de Jesus, temos o relato da Sua tentação. O batismo não significa a cessação da tentação. Quando somos batizados, Satanás não reduz os seus ataques, pelo contrário, ele os intensifica. O fato de termos sido batizados significa que agora temos a ajuda de Deus para enfrentar essas tentações (1 Coríntios 10:13; Hebreus 13:5).

Um dos aspectos mais surpreendentes da tentação encontra-se nas palavras: “A seguir, foi Jesus levado *pelo Espírito* ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mateus 4:1; veja Lucas 4:1; grifo meu). Era necessário Jesus ser tentado para que se cumprissem os propósitos de Deus.

Jamais compreenderemos plenamente os propósitos da Deus, mas a palavra “tentação” pode nos dar uma dica. O grego traduzido por “tentar”

¹⁴Marcos, que não mencionou os não-receptivos, falou somente do batismo com o Espírito Santo (Marcos 1:8). João também falou somente do batismo com o Espírito Santo (João 1:33). Por outro lado, Lucas, assim como Mateus, visualizou um público heterogêneo (Lucas 3:7) e, por isso, falou tanto do batismo com o Espírito Santo como do batismo com fogo (Lucas 3:16).

¹⁵Veja o comentário sobre Maria e Isabel na página 11.

¹⁶O salmista disse que todos os mandamentos de Deus são justiça (Salmos 119:172).

¹⁷Esta verdade é reforçada no sermão que vem a seguir, “A Tentação de Jesus”.

¹⁸O Livro de Lucas nos informa que Jesus orou em momentos cruciais de Sua vida (veja 6:12, 13; 9:28, 29; 22:44, 45; 23:33, 34, 46).

¹⁹Os escritores inspirados não disseram que o Espírito Santo era uma pomba, mas que Ele desceu como uma pomba desceria.

²⁰Este é um bom texto para se usar ao comentar as três Pessoas da Divindade, pois nesse momento, houve três Pessoas em três locais distintos, cada uma fazendo algo diferente. Há muito sobre o aspecto três-em-um de Deus que não entendemos, mas aceitamos esse conceito pela fé porque é ensinado na Bíblia.

também pode ser traduzido por “provar, testar”. Do ponto de vista de Satanás, a estada de Jesus no deserto é um período de *tentação*—o diabo tentou induzir Cristo a pecar. (Ele só precisava fazer Jesus cometer um pecado para destruir Sua missão.) Do ponto de vista de Deus, porém, os quarenta dias foram uma temporada de *provação*—um tempo para testar o valor real e o caráter de Jesus²¹.

Três tentações foram registradas²². Elas correspondem basicamente às três vias de tentação enumeradas em 1 João 2:16: “a concupiscência da carne [transformar pedras em pão para saciar a fome], a concupiscência dos olhos [avistar a glória dos reinos do mundo] e a soberba da vida [impressionar multidões atirando-se do templo]”.

O autor de Hebreus disse que “foi ele [Jesus] tentando em todas as coisas, à nossa semelhança” (Hebreus 4:15a). Cristo não venceu as milhares de tentações específicas às quais somos submetidos, mas Ele enfrentou todo *tipo* de tentação que nós enfrentamos. As tentações de Mateus 4 e Lucas 4 são *representantes* de todas as seduções que temos de resistir.

A idéia de Jesus ser tentado preocupa alguns. Ela perturba alguns porque, para eles, tentação implica automaticamente pecado. “Só há realmente tentação”, raciocinam eles, “quando se *quer* fazer algo errado. E *querer* fazer algo errado é pecado”. Essa idéia também perturba outros porque, para eles, só a possibilidade de Jesus poder pecar já é alarmante. Você e eu não entendemos muitas coisas relativas à tentação de Jesus; ela cai no campo de como Jesus poderia ser completamente Homem e, ao mesmo tempo, completamente Deus²³. Apesar disso, podemos ter certeza de três conclusões: 1) Jesus podia ser tentado. De outra forma, não haveria propósito na história da tentação. Entendamos ou não como isso foi possível, o texto *diz* que Jesus foi tentado. 2) Ser tentado não é, em si, pecado. Essa verdade está inerente no relato. O pecado não reside na tentação, e

²¹Deve-se ressaltar que a provação/teste não era um benefício de Deus e sim em nosso benefício. Deus não precisava de provas, mas nós precisamos. Por isso os detalhes desse acontecimento foram registrados para nós.

²²O texto de Lucas 4:2 sugere que Jesus foi tentado ao longo dos quarenta dias. As três tentações registradas são o clímax de todas as tentações. Ele venceu. Mateus narra a tentação em uma ordem e Lucas em outra. Muitos comentaristas pensam que a ordem de Mateus seja provavelmente a ordem cronológica, e será essa a ordem usada no sermão a seguir, “A Tentação de Jesus”. A sequência exata não é uma questão relevante.

²³Muitos comentários sobre como Jesus pôde ser tentado penetram em questões que nossas mentes finitas não podem sondar.

sim na *rendição* à tentação. 3) Jesus *não* Se rendeu à tentação. Ele “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, *mas sem pecado*” (Hebreus 4:15; grifo meu)²⁴. Graças a Deus por isso! Se Cristo tivesse cometido pecado, na cruz Ele não poderia se fazer “pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21)!

Após a tentação de Cristo, “vieram Anjos e o serviram” (Mateus 4:11). Deus não nos abandona simplesmente porque surgem tentações em nossas vidas.

O MESSIAS ANUNCIADO (JOÃO 1:19–34)

Após a tentação, Jesus voltou à região onde João estava pregando (vv. 26, 29).

A Negação

Aparentemente, a popularidade de João havia incomodado os líderes religiosos de Jerusalém. Os fariseus (João 1:24) mandaram, então, sacerdotes e levitas interrogar o profeta. Eles queriam saber se ele era o Messias (o Cristo)²⁵, Elias ou “o Profeta”. João respondeu enfaticamente: “Não” (João 1:19–21).

O uso do termo “o Profeta”, acrescentado à expressão “o Cristo”, ilustra a confusão dos líderes religiosos. Algumas profecias messiânicas não se enquadravam nas suas idéias pré-concebidas, de modo que eles decidiram que essas passagens se referiam Àquele a respeito do qual Moisés disse que seria um profeta como ele (Deuteronômio 18:15). As palavras de Moisés referiam-se ao Messias vindouro²⁶, mas os mestres judeus haviam inventado uma personalidade obscura à parte, conhecida como “o Profeta”.

Talvez você questione por que João afirmou enfaticamente que ele não era Elias (João 1:21). Por fim, ele disse aos seus inquisidores que ele era o precursor do Messias e citou Isaías 40:3. A profecia de Isaías 40:3 está em igualdade com Malaquias 3:1 (Marcos 1:2, 3²⁷), que menciona um que viria antes do Messias, denominado por Malaquias de “o profeta Elias” (Malaquias 4:5). João era o “Elias” predito por Malaquias. O próprio Jesus confirmou isso mais

²⁴Veja mais sobre a impecabilidade de Jesus em João 8:46; Hebreus 7:26. 1 Pedro 1:19; 1 João 3:5.

²⁵Não sabemos na verdade se essa comitiva fez a pergunta: “És tu o Cristo?”, mas João entendeu que era isso o que eles queriam saber.

²⁶Esta profecia se cumpriu em Jesus (Atos 3:20, 22).

²⁷Embora algumas versões mencionem apenas Isaías em Marcos 1:2, 3, as profecias são tanto de Malaquias como de Isaías.

tarde. Ele disse: "...ele mesmo é Elias, que estava para vir" (Mateus 11:14; veja 17:10–13).

Por que, então, João negou ser Elias? Os judeus pensavam que o Elias *original* voltaria²⁸. João estava negando que ele era o Elias encarnado. Ele veio "*no espírito e poder de Elias*" (Lucas 1:17; grifo meu), mas ele não era literalmente Elias.

A Declaração

Um dia depois de confrontar-se com a comitiva de Jerusalém, João teve sua primeira oportunidade de chamar a atenção do público para Jesus como o Messias: "...viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (João 1:29).

Observemos que João não introduziu Jesus como "o conquistador militar que derrotará nossos inimigos", mas como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" Jesus veio para ensinar um modo de vida superior; Ele veio para nos dar o exemplo de como devemos viver; mas, acima de tudo, Ele veio para morrer por nossos pecados (veja Lucas 19:10). Cordeiros não serviam para o ensino. A relação deles com o pecado consistia em serem sacrificados no altar. Jesus é nosso Cordeiro Pascal (1 Coríntios 5:7), o "cordeiro sem defeito e sem mácula" (1 Pedro 1:19).

Depois, João explicou como ele sabia que Jesus era o Messias (João 1:31–33). Ele concluiu: "Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o filho de Deus" (João 1:34).

Para todos os propósitos práticos, a obra de João estava concluída, embora ele tivesse continuado a ensinar e batizar por mais uns meses²⁹. Ele cumpriu fielmente a missão que Deus lhe dera. Nenhum homem poderia fazer mais do que isso.

CONCLUSÃO

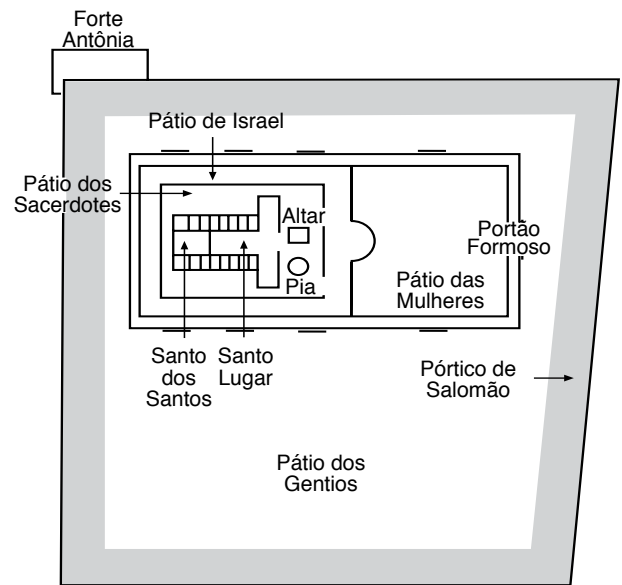
Agora, tudo estava pronto para a obra de Jesus. Na lição seguinte, "Uma Primeira Vez para Tudo", após o sermão, veremos o começo do ministério público de Jesus.

Uma parte essencial da preparação de Jesus foi o Seu batismo. Se você quer servir ao Senhor, precisa primeiramente tornar-se Seu filho por meio da fé e do batismo (Gálatas 3:26, 27). Jesus caminhou cer-

ca de cento e vinte quilômetros para ser batizado³⁰. Espero que você esteja disposto a caminhar ou até correr para ser batizado—já!³¹

³⁰A distância dessa caminhada depende do local em que João estava quando Jesus veio para ser batizado.

³¹Aqui está outra aplicação que pode ser feita: "Esta foi uma lição sobre a necessidade de uma preparação antes de uma obra importante a ser realizada. Se você é do tipo que geralmente inicia uma tarefa com entusiasmo, mas depois falha na condução, espero que esta lição o incentive a concluir o trabalho!"



O Templo

²⁸Muitos judeus hoje ainda aguardam a volta do Elias original.

²⁹O ministério de João e o de Jesus coexistiram por alguns meses. Durante esse período, a obra de João foi decrescendo e a de Jesus crescendo. Veja João 3:22–4:2.

A Tentação de Jesus

Mateus

4:1–11,

Olhando de perto



Pouco antes de Cristo começar Seu ministério público, Ele enfrentou o adversário no principal conflito de Suas tentações¹. O mal apareceu diante dEle com toda a sua tremenda força e horror exposto. Nunca ocorrera um ataque desses antes, e nunca semelhante ocorrerá novamente. Este estudo é sobre a tentação de Jesus².

Precisamos destacar três aspectos da tentação como pano de fundo. Consideremos o seguinte:

1) O *lugar*: o cenário era o deserto. Um lugar sem a presença de humanos³ foi escolhido como o campo de batalha. Aqui adornos superficiais foram lançados fora e a essência da tentação foi preservada. Dizem que Adão transformou o jardim num deserto pecando, mas Jesus transformou o deserto num jardim resistindo ao pecado.

2) Os *adversários*: primeiramente, estava ali Jesus, recém-batizado e vindo de uma ocasião em que Deus o reconheceu como Seu Filho. Ele havia saído da água pronto para iniciar Seu ministério pessoal. Então, apareceu o diabo. Na experiência do deserto, Jesus enfrentou face a face o príncipe da potestade do ar, o deus deste século, o dominador deste mundo tenebroso (2 Coríntios 4:4; Efésios 2:2; 6:12).

3) A *importância*: esta confrontação não foi um acidente; ela não “aconteceu simplesmente”. Mateus 4:1 diz: “A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (grifo meu). Um plano divino estava em operação. Talvez nada revele isto mais claramente do que o fato de que o diabo teve de abrir o jogo para essa peleja. Não é

dessa maneira que ele gosta de lutar. Ele prefere agir por trás das câmaras, através de algum agente. Todavia, ele foi forçado a enfrentar Jesus face a face, para que os propósitos de Deus se realizassem.

Uma das razões por que o estudo da tentação é valioso consiste no fato de que o diabo *foi* obrigado a abrir o jogo. Seus métodos e objetivos foram assim expostos. Ao estudarmos as três tentações de Jesus, prestemos atenção especial à sutileza de Satanás. Ele enganava pessoas havia milhares de anos. A perícia adquirida em milênios de experiência foi totalmente direcionada ao Cristo.

A PRIMEIRA TENTAÇÃO (4:1–4)

A primeira tentação que Satanás colocou perante Cristo foi um teste físico.

Satanás (vv. 1–3)

...foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto⁴, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites⁵, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se... (vv. 1–3a).

O objetivo de Satanás na primeira tentação era testar a lealdade de Jesus a Deus. Ele desafiou Jesus: “Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães” (v. 3b). Quarenta dias antes, uma voz dos céus dissera: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:17). Agora, o diabo dizia com efeito: “Se a voz disse a verdade—se você realmente é o Filho de Deus—por que está com fome? Para que serve posição sem privilégio?” Satanás estava insinuando que Jesus poderia cumprir dois objetivos transformando as pedras do

¹Grande parte do material contido nesse sermão foi extraída dos três capítulos sobre a tentação de G. Campbell Morgan, *The Crises of the Christ* (“As Crises do Cristo”). Nova York: Fleming H. Revell Co., 1936, pp. 162–99.

²Veja mais sobre a tentação de Jesus na lição “Está Próximo!”.

³Marcos 1:13 diz que as únicas companhias de Jesus eram “as feras”.

⁴Não somos informados da localização desse deserto. Poderia ser o deserto da Judéia, onde João se preparara e realizara grande parte de sua obra (Mateus 3:1, 3; 11:7; Lucas 1:80; 3:1, 2). Veja o mapa “A Palestina Durante a Vida de Cristo.”

⁵Nos tempos modernos, já foi demonstrado que indivíduos suportam quarenta dias sem alimentação, desde que bebam água.

deserto em pães: ele satisfaria uma necessidade legítima (Sua fome) e, ao mesmo tempo, colocaria à prova Sua afiliação.

Se eu estivesse no lugar de Jesus, minha resposta provavelmente teria sido: “Vou lhe mostrar uma coisa, diabo!” Eu teria realizado uma transformação instantânea de pedra em pão. Não gosto de recuar diante de um desafio. Talvez você também seja assim.

Cristo (v. 4)

Cristo enxergou a estratégia⁶ de Satanás: “Jesus, porém, respondeu: Está escrito” (v. 4a). A arma de Jesus contra a tentação foi a Palavra de Deus. O salmista disse: “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Salmos 119:11). Uma das melhores salvaguardas para não sucumbirmos à tentação e enchermos as mentes com a Palavra!

O texto apropriado para rebatermos essa tentação vem de Deuteronômio 8:3. Jesus citou: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (v. 4b). Em primeiro lugar, sublinhe a palavra “homem”: “Nem só de pão viverá o homem...” Os quarenta dias no deserto não foram fundamentalmente um teste da divindade de Jesus, e sim um teste de Sua humanidade. O propósito de Jesus não era provar que Ele era Deus, mas demonstrar que Ele era um homem perfeito vivendo em perfeito acordo com a vontade revelada de Deus.

A seguir, observemos o contraste entre as palavras “pão” e “toda palavra que procede da boca de Deus”. Jesus poderia optar pelo pão, ou pela vontade de Deus. Nessa ocasião, era evidentemente da vontade de Deus que Ele tivesse fome—por isso Ele permaneceu estritamente dentro do círculo dessa vontade.

Jesus venceu a primeira tentação.

A SEGUNDA TENTACÃO (4:5–7)

A segunda tentação foi um teste espiritual.

Satanás (vv. 5, 6)

Satanás não desiste facilmente. Para a próxima tentação, ele escolheu cuidadosamente o lugar. Le-

⁶Um dos maiores benefícios de se estudar a tentação de Jesus é tentar analisar cada tentação: *por que* era errada e como Cristo contra-argumentou-a. Alguns acreditam que as sugestões de Satanás eram erradas simplesmente porque provinham dele, por isso não se empenham em analisá-las. Pouparia muito tempo para nós, se o diabo aparecesse vestido de um manto vermelho, com chifres e um rabo pontiagudo. Poderíamos então responder à tentação dele dizendo: “É errado porque vem de você”. Infelizmente, ele pode vir até nós como “um anjo de luz” (2 Coríntios 11:14). Se não entendermos *por que* uma tentação específica é errada, ele poderá facilmente nos enganar.

vou Cristo até “a Cidade Santa”, Jerusalém (v. 5a), um lugar precioso para os judeus—e para Jesus (Salmos 48:2; 137:5; Mateus 23:37). Então levou-O até o templo, o local mais reverenciado daquela cidade. Finalmente, levou-O ao ponto mais proeminente daquele prédio. O texto diz que Satanás “colocou-o sobre o pináculo do templo” (v. 5b). O templo não tinha um elemento arquitetônico que chamaríamos de pináculo; é provável que ele tenha levado Jesus até o ponto mais alto do templo, que seria a asa sul. Dali era possível contemplar o complexo do templo e avistar a cidade espalhada a distância. Era uma posição esplêndida e estratégica.

Em pé, ao lado de Jesus, naquele local elevado, Satanás disse a Jesus: “Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra” (v. 6).

O diabo estava testando a confiança de Cristo em Deus. Em outras palavras, ele estava dizendo: “Você confia em Deus, não confia? Vamos ver *quanto* você confia nEle. Você confia nEle o bastante para atirar-se deste pináculo?” Efetivamente, ele estava dizendo a Jesus: “Você citou uma passagem bíblica. Eu conheço algumas passagens. Ouça...” Ele citou Salmos 91:11, 12. Salmos 91 é um salmo de confiança implícita no Senhor. O primeiro versículo diz: “O que hesita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente”.

Que tentação sutil foi e é essa! Ela sugere que a confiança se expressa mais perfeitamente quando experimentamos o incomum—quando experimentamos o que é heróico, ousado ou até perigoso.

Cristo (v. 7)

O diabo havia tentado manejar “a espada do Espírito” (Efésios 6:17), mas Jesus mostrou-Se melhor espadachim. “Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito” (v. 7a). Em outras palavras: “Satanás, você citou uma passagem das Escrituras, mas o que a Palavra diz sobre determinado assunto não se esgota num único texto. É necessário se consultar *tudo* o que a Bíblia diz sobre esse assunto”. Muitos erros resultam justamente de se isolar passagens sem considerar outros trechos que tratam do mesmo tópico⁷.

Jesus então citou Deuteronômio 6:16: “Não tentarás o Senhor, teu Deus” (v. 7b); ou seja: “Não ponham à prova o Senhor, o seu Deus” (NVI). Não

⁷Se quiser, cite exemplos desse tipo de uso indevido da Palavra.

interpretemos mal a resposta de Cristo. Ele não se referiu a Si mesmo como Deus nem disse: “É errado *Me pôr à prova*”. (Tenhamos em mente que Ele estava enfrentando essas tentações em sua perfeita humanidade, e não em sua divindade.) Pelo contrário, Ele disse que era errado Ele pôr *Deus* à prova.

Satanás disse que saltar do templo mostraria que Jesus *confiava* em Deus; Jesus disse que, pelo contrário, isso indicaria que Ele *não* confiava em Deus. Quando se tem absoluta confiança num indivíduo, não há necessidade de pôr à prova essa pessoa. Somente quando a confiança numa pessoa oscila é que se sente a necessidade de colocá-la à prova.

A confiança em Deus se expressa em nossa certeza de que Ele nos ajudará a enfrentar aquilo que a vida nos trazer. Essa confiança *não* se expressa em provas ou testes artificiais que criamos e apresentamos a Deus⁸.

Mais uma vez, Jesus mostrou-Se um Homem movido por um princípio: Ele estava determinado a permanecer na vontade de Deus. Ele venceu a segunda tentação.

A TERCEIRA TENTAÇÃO (4:8–10)

A terceira tentação foi a mais crucial, pois foi um teste da missão de Jesus—ou, mais precisamente, um teste da determinação de Jesus de concluir Sua missão independentemente do custo. Tendo fracassado em destruir o Servo, Satanás tentaria agora destruir o serviço.

Satanás (vv. 8, 9)

Esta tentação foi a mais audaciosa e ousada de todas. Nas duas primeiras tentações, Jesus despiu Satanás de suas máscaras tortuosas e revelou os verdadeiros motivos malignos. Na terceira tentação, o próprio Satanás abandonou todas as máscaras e parou de utilizar artifícios secundários. De modo deliberado, direto e desafiador, ele pediu para si a honra de Cristo.

“Levou-o ainda o diabo a um monte⁹ muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles” (v. 8). Tente imaginar a glória de todos os reinos do mundo, todos os impérios do presente e do passado: o grande império romano, o grego, o persa, o babilônico, o assírio, o egípcio, o reino de Davi e Sa-

⁸A Bíblia Viva parafraseia assim este versículo: “Não provoque o Senhor, nem fique provocando a paciência dele”.

⁹O local tradicionalmente identificado para essa tentação é o monte Tabor (veja o mapa “A Palestina Durante a Vida de Cristo.”), mas as Escrituras não dizem qual era o monte.

lomão—sem mencionar reinos como Bitínia e Síria, mais todos os reinos em territórios inexplorados! Tudo isto reluzindo diante dos olhos de Jesus.

Uma das maiores defesas para não sucumbir à tentação é encher o coração com a Palavra!

Então, disse Satanás: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (v. 9). A implicação é que tudo aquilo seria dado por Satanás (veja Lucas 4:6)—e Jesus não negou que tudo pertencia a Satanás. Se a oferta não fosse legítima¹⁰, não teria havido tentação. Nos dias de Jesus, era como hoje: Satanás exercia o domínio sobre os reinos do mundo. Eles haviam se sujeitado aos desejos do maligno; eram obedientes às duas ordens; foram escravizados pela sua vontade. Mais tarde Jesus chamou Satanás de “o príncipe deste mundo” (João 12:31)¹¹.

Já sugerimos que esta tentação foi um teste da missão de Jesus. O diabo estava sugerindo que Cristo poderia obter *quase* o mesmo fim sem sofrer e morrer¹². Ele resistiu a um atalho para um destino

¹⁰Alguns acreditam que a tentação aqui envolvia uma mentira: “Satanás prometeu o que não poderia dar”. Uma tentação desse tipo poderia funcionar comigo e com você—mas certamente não funcionaria com Jesus, que tinha um conhecimento íntimo do mundo espiritual.

¹¹Paulo usou uma expressão semelhante em 2 Coríntios 4:4. Deve-se entender que Deus tem o controle *final* e que foi Ele que *permitiu* a Satanás qualquer poder que ele possuía. Deus limita as atividades de Satanás—mas uma discussão disto está além do escopo desta lição. (Para ter uma percepção mais ampla disto leia os dois primeiros capítulos de Jó.) Por ora, basta que os ouvintes entendam que a terceira tentação foi uma tentação de verdade.

¹²Entendemos que você e eu não poderíamos ter sido salvos sem que Jesus morresse (Hebreus 9:22; Efésios 1:7)—mas o diabo, com efeito, estava dizendo para Jesus Se esquecer dos outros e pensar só nEle (como ele, o diabo, fazia). Cristo já havia nascido Rei e o diabo ofereceu-Lhe uma coroa e a garantia da sujeição de toda a humanidade.

divino. Como teria sido mais simples ajoelhar-se do que morrer!

A tentação pode ter significado mais para Jesus do que para Satanás no nível mais alto que sua sutileza poderia compreender. Para entender a gravidade do que esperava Cristo, visualize-O no jardim do Getsêmani, com o suor escorrendo pelo rosto, enquanto derramava o coração ao Pai: “Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mateus 26:39). Veja-O na cruz, clamando: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (27:46). Não tenha dúvida: era uma tentação legítima.

A propósito, observemos o valor que Satanás atribuiu a Cristo. Ele estimou que Jesus valia mais do todos os reinos que ele ganhara. Algumas pessoas não acreditam que a morte de Jesus seja suficiente para toda a humanidade, mas o diabo entendia o Seu real valor.

Cristo (v. 10)

Em proferindo a Sua resposta ao diabo, pela primeira vez, Jesus falou à altura de Sua própria autoridade. Essa autoridade foi consolidada pelas vitórias nos ataques anteriores.

Cristo primeiramente deu ao Tentador uma ordem incisiva: “Retira-te, Satanás” (v. 10a). Depois Jesus desembainhou novamente a espada do Espírito, citando Deuteronômio 6:13: “porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (v. 10b). As palavras de Cristo desmascaram a natureza sutil dessa tentação. O diabo estava dizendo, com efeito: “Adore a mim e eu farei de *você* o dono dos reinos”. Cristo salientou que *adoração* e *servidão* não se separam. Ele não poderia adorar Satanás sem se tornar seu servo. Satanás poderia fazer dele um príncipe dos reinos do mundo manipulado, mas na verdade Ele nada ganharia com isso. Satanás ainda estaria no controle.

Novamente, Jesus permaneceu firme dentro da vontade do Seu Pai. Ele estava pronto para ir para a cruz e estabelecer o Seu reino.

A resposta de Cristo mostrou que as recompensas de Deus são infinitamente superiores às de Satanás. Satanás pode fazer suas recompensas *parecerem* boas—como evidenciou através da amostra visual da glória dos reinos do mundo. O relato de Lucas da tentação tem um detalhe revelador: o diabo mostrou a Jesus os impérios “num momento” (Lucas 4:5). Se a exposição fosse por um pouco mais de tempo, teria ficado evidente que os reinos tinham pouco ou nenhum valor. A glória deles era a glória da purpurina, e não do ouro. Como disse João: “Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência” (1 João 2:17a).

CONCLUSÃO (4:11)

Após a resposta repreensiva de Jesus, o diabo calou-se—prova de sua derrota. O versículo 11 diz: “...apartou-se dele o diabo...” Anos atrás, certo pregador chamado T. B. Larimore pregou sobre a tentação. O relato dele foi tão vívido que quando ele disse: “apartou-se dele o diabo”, os ouvintes soltaram um suspiro de alívio coletivo.

O relato de Lucas acrescenta, porém, que “pasadas que foram as tentações de toda sorte, apartou-se dele o diabo, até momento oportuno” (Lucas 4:13; grifo meu). No decorrer deste estudo, veremos como Satanás continuou tentando pôr Cristo à prova: as multidões tentaram coroá-lo como um Rei terreno (João 6:15); as pessoas constantemente pediam sinais a Ele (Lucas 11:29); um de Seus discípulos até tentou dissuadi-lo de ir para a cruz (Mateus 16:21–23). Contudo, dessa hora em diante, Jesus falou com o diabo e seus agentes como um Senhor fala com seus servos. Ele alcançou a vitória.

Cristo saiu do deserto preparado para o Seu ministério. Lucas 4:14a nos diz que “Jesus, no poder do Espírito, regressou para a Galiléia”. Ele também saiu da tentação preparado para a Sua crucificação. Ele permaneceu o Filho de Deus sem pecado, o “cordeiro sem defeito e sem mácula” (1 Pedro 1:19).

A história da tentação tem muitas lições práticas para nós. Ela enfatiza que para nos prepararmos para a tentação, temos de aprender, e até memorizar a Palavra de Deus. Ela também demonstra a verdade de Tiago 4:7b: “...resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”. Uma das mensagens mais preciosas é que, quando passamos por uma tentação, Jesus entende e se compadece de nós. O escritor do livro de Hebreus disse:

Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (Hebreus 4:15, 16).

Com a ajuda de Deus, nós também podemos ter vitória sobre Satanás!

Atribuição de Leitura n.º 4

João 1:35–51;

João 2:1–25;

João 3:1–36

João 1:35-51

³⁵No dia seguinte, estava João outra vez na companhia de dois dos seus discípulos

³⁶e, vendo Jesus passar, disse: Eis o Cordeiro de Deus!

³⁷Os dois discípulos, ouvindo-o dizer isto, seguiram Jesus.

³⁸E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: Que buscais? Disseram-lhe: Rabi (que quer dizer Mestre), onde assistes?

³⁹Respondeu-lhes: Vinde e vede. Foram, pois, e viram onde Jesus estava morando; e ficaram com ele aquele dia, sendo mais ou menos a hora décima.

⁴⁰Era André, o irmão de Simão Pedro, um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus.

⁴¹Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo),

⁴²e o levou a Jesus. Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro).

⁴³No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galiléia e encontrou a Filipe, a quem disse: Segue-me.

⁴⁴Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro.

⁴⁵Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José.

⁴⁶Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê.

⁴⁷Jesus viu Natanael aproximar-se e disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!

⁴⁸Perguntou-lhe Natanael: Onde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira.

⁴⁹Então, exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!

⁵⁰Ao que Jesus lhe respondeu: Porque te disse que te vi debaixo da figueira, crês? Pois maiores coisas do que estas verás.

⁵¹E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem.

João 2:1–25

¹Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galiléia, achando-se ali a mãe de Jesus.

²Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento.

³Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho.

⁴Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora.

⁵Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser.

⁶Estavam ali seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações, e cada uma levava duas ou três metretas.

⁷Jesus lhes disse: Enchei de água as talhas. E eles as encheram totalmente.

⁸Então, lhes determinou: Tirai agora e levai ao mestre-sala. Eles o fizeram.

⁹Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho (não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou o noivo

¹⁰e lhe disse: Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora.

¹¹Com este, deu Jesus principio a seus sinais em Caná da Galiléia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram

nele.

¹²Depois disto, desceu ele para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; e ficaram ali não muitos dias.

¹³Estando próxima a Páscoa dos judeus, subiu Jesus para Jerusalém.

¹⁴E encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas e também os cambistas assentados;

¹⁵tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas

¹⁶e disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio.

¹⁷Lembraram-se os seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me consumirá.

¹⁸Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Que sinal nos mostras, para fazeres estas coisas?

¹⁹Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei.

²⁰Replicaram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás?

²¹Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo.

²²Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto; e creram na Escritura e na palavra de Jesus.

²³Estando ele em Jerusalém, durante a Festa da Páscoa, muitos, vendo os sinais que ele fazia, creram no seu nome;

²⁴mas o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos.

²⁵E não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana.

João 3:1–36

¹Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus.

²Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não

estiver com ele.

³A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

⁴Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?

⁵Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.

⁶O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.

⁷Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo.

⁸O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.

⁹Então, lhe perguntou Nicodemos: Como pode suceder isto? Acudiu Jesus:

¹⁰Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas?

¹¹Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais o nosso testemunho.

¹²Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como crereis, se vos falar das celestiais?

¹³Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem [que está no céu].

¹⁴E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado,

¹⁵para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.

¹⁶Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

¹⁷Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.

¹⁸Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está

julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.

¹⁹O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.

²⁰Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras.

²¹Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus.

²²Depois disto, foi Jesus com seus discípulos para a terra da Judéia; ali permaneceu com eles e batizava.

²³Ora, João estava também batizando em Enom, perto de Salim, porque havia ali muitas águas, e para lá concorria o povo e era batizado.

²⁴Pois João ainda não tinha sido encarcerado.

²⁵Ora, entre os discípulos de João e um judeu suscitou-se uma contenda com respeito à purificação.

²⁶E foram ter com João e lhe disseram: Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro.

²⁷Respondeu João: O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada.

²⁸Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor.

²⁹O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim.

³⁰Convém que ele cresça e que eu diminua.

³¹Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do céu está acima de todos

³²e testifica o que tem visto e ouvido; contudo, ninguém aceita o seu testemunho.

³³Quem, todavia, lhe aceita o testemunho, por sua vez, certifica que Deus é verdadeiro.

³⁴Pois o enviado de Deus fala as palavras dele, porque Deus não dá o Espírito por medida.

³⁵O Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às suas mãos.

³⁶Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.

Uma Primeira Vez para Tudo

Leitura Bíblica 4:

III. O INÍCIO DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).

- D. Os primeiros discípulos de Jesus (na Judéia) (João 1:35–51).
- E. O primeiro milagre de Jesus (em Caná da Galiléia) (João 2:1–11).
- F. A primeira residência de Jesus em Cafarnaum (na Galiléia) (João 2:12).

IV. DA PRIMEIRA À SEGUNDA PÁSCOA.¹

- A. A primeira Páscoa do ministério de Jesus.
 - 1. Purificação do templo (João 2:13–25).
 - 2. Ensino a Nicodemos (João 3:1–21).
- B. O primeiro ministério na Judéia (e mais testemunho por João) (João 3:22–36).

INTRODUÇÃO

Dizem que há uma primeira vez para tudo na vida. Nas lições anteriores, vimos várias “primeiras vezes” no ministério público de Jesus, e esta lição reforça este mesmo aspecto.

Os primeiros dias do ministério de Cristo têm sido chamados de “o período de anonimato”. Os escritores sinóticos começaram seus relatos da obra pública de Jesus narrando um período posterior a esse, um período que enfoca o Seu sucesso na Galiléia. João, porém, quis que soubéssemos como foram os dias anteriores, menos espetaculares.

OS PRIMEIROS DISCÍPULOS (JOÃO 1:35–51)

A lição “Está Próximo!” terminou comentando o primeiro testemunho de João Batista sobre Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (v. 29). No dia seguinte, João estava com dois dos seus discípulos. Um deles era André, irmão de Simão Pedro (v. 40). O outro provavelmente era João, o autor do quarto relato do evangelho². Por alguma razão, João relutou em mencionar seu próprio nome³.

Enquanto Jesus passava, o pregador tornou a dizer: “Eis o Cordeiro de Deus!” (v. 36). Seus dois discípulos seguiram Cristo e passaram o dia com Ele (vv. 37–39). O texto cita as horas: “mais ou menos a hora décima” (v. 39). Na hipótese de João ter

usado a contagem de horas judaica, eram por volta de quatro horas da tarde⁴. Na hipótese dele ter usado a contagem romana, eram dez horas da manhã⁵. Presumindo que o discípulo anônimo era o próprio João, a ocasião foi tão memorável que ele se lembrou até da hora exata.

Após várias horas com Jesus, André encontrou seu irmão Simão e o levou até o Cristo (vv. 40–42). Um dos talentos de André era levar pessoas até Jesus (veja João 6:8, 9; 12:20–22). As palavras de André a Simão são dignas de nota: “Achamos o Messias (que quer dizer Cristo)” (1:41). Os primeiros discípulos de Jesus O reconheceram por quem Ele era (veja também vv. 45, 49)⁶.

Quando Jesus encontrou Simão, ele disse que o chamaria de “Cefas” ou “Pedro”. O primeiro nome é aramaico e o segundo, grego; ambos significam “pedra”⁷. Jesus viu as possibilidades naquele homem, assim como vê o potencial em todos nós.

No dia seguinte, quando Jesus Se preparava para voltar a Galiléia, Ele chamou Filipe, que pro-

¹Este esboço presume que a “festa” mencionada em João 5:1 fosse a Páscoa.

²Existem várias razões para crer que era João: 1) os detalhes que se seguem são tipicamente de uma testemunha ocular; 2) era prática de João ocultar seu nome (veja a próxima nota de rodapé); 3) se não era João, ele não mencionou seu chamado ao discipulado.

³Em outras sete ocasiões, ele omitiu seu nome (João 13:23; 19:26, 35; 20:2–8; 21:7, 20, 24).

⁴Os judeus marcavam as horas do pôr-do-sol ao nascer-do-sol e do nascer-do-sol ao pôr-do-sol. [N. da Trad.: a conversão para a nossa contagem é feita acrescentando-se seis às horas judaicas; por exemplo: a décima hora equivale a dezesseis horas, ou seja, quatro da tarde.]

⁵Como o texto foi escrito bem depois da destruição de Jerusalém, e como João mais tarde usou a contagem romana (veja os comentários sobre João 20:19, numa futura edição desta série), a maioria dos escritores acredita que eram dez horas da manhã.

⁶Como veremos, eles não entendiam *todas* as implicações dos termos que usaram—mas, pelo menos, admitiram que Ele era o cumprimento das promessas do Antigo Testamento a respeito do Messias.

⁷Veja mais informações sobre essas palavras nos comentários sobre Mateus 16:18, 19 na edição “A Vida de Cristo—Parte 6”, desta série.

vavelmente também era um discípulo de João Batista. O chamado de Cristo ao discipulado naquela ocasião e hoje também é: “Segue-me” (v. 43). Filipe imediatamente encontrou um amigo chamado Natanael e levou-o até Jesus (vv. 45, 46).

Cristo surpreendeu Natanael revelando detalhes do seu caráter e da sua vida (vv. 47–49). Disse-lhe Jesus: “Pois maiores coisas do que estas verás” (v. 50)⁸. Não sabemos ao certo quem era Natanael, mas acredita-se que ele era Bartolomeu, um dos doze apóstolos de Jesus⁹.

E assim Jesus ganhou Seu primeiro grupo de discípulos (veja 2:2)¹⁰. A palavra grega traduzida por “discípulo” significa basicamente “aprendiz”. Referia-se àquele que seguia outro para aprender com ele. Jesus quer que todos nós sejamos seus discípulos¹¹.

O PRIMEIRO MILAGRE (JOÃO 2:1–11)

Jesus e Seus discípulos partiram para o Norte, para a Galiléia. No terceiro dia, chegaram a Caná da Galiléia, um povoado não muito longe de Nazaré¹² e a cidade onde Natanael morava (João 21:2). Eles estavam ali para um casamento (2:1, 2). Jesus envolvia-Se com as pessoas que Ele veio salvar.

Maria, a mãe de Jesus, também estava presente (v. 1). Os acontecimentos subsequentes pressupõem que ela estava ajudando a servir na festa de casa-

⁸A afirmação enigmática de Jesus sobre “os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (v. 51) provavelmente baseia-se na história do Antigo Testamento da escada de Jacó (Gênesis 28:12). Por meio da Sua morte, sepultamento e ressurreição, Jesus se tornaria “a escada” de Deus para os homens chegarem ao céu.

⁹Há várias razões para essa conclusão. Entre elas está o fato de que o restante dos primeiros discípulos de Jesus foram mais tarde escolhidos para serem apóstolos. Como destacou J. W. McGarvey: “Nenhum deles foi tão elogiado como Natanael” (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 111).

¹⁰Cinco discípulos são mencionados especificamente em João 1:35–51: quatro designados pelo nome e um anônimo, que provavelmente era o autor do livro. Alguns acreditam que o contexto indica que João também encontrou seu irmão Tiago. Nesse caso, o número de discípulos era pelo menos seis quando Jesus partiu para o norte.

¹¹Jesus falou muitas vezes do desafio do discipulado (Lucas 14:26, 27, 33; João 15:8). Após a igreja ser estabelecida, o termo mais comum para membros da igreja passou a ser “discípulos” (Atos 6:1, 2, 7; 9:1).

¹²O mapa “A Palestina Durante a Vida de Cristo” indica a localização tradicional de Caná, cerca de sete quilômetros a nordeste de Nazaré. Alguns eruditos preferem pensar que se tratava de uma região a 16 ou 20 quilômetros de Nazaré.

mento (veja vv. 3, 5). Talvez fosse o casamento de um parente ou amigo.

No meio da festa, a bebida acabou. Talvez os convidados fossem mais do que o esperado. De qualquer maneira, a situação era potencialmente embaraçosa. Maria foi até seu Filho e disse: “Eles não têm mais vinho” (v. 3). O que ela esperava que Ele fizesse, nós não sabemos; pois Ele não havia realizado nenhum milagre anteriormente (v. 11). Todavia, há tantos anos¹³ ela era dependente dele, e pensou que Ele poderia fazer *alguma coisa*.

A resposta de Jesus é significativa: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora”¹⁴ (v. 4). Naquela sociedade, chamar a mãe de “mulher” não era um insulto¹⁵. (O termo seria usado mais tarde com carinho [João 19:26].) Mesmo assim, as palavras de Jesus foram uma suave reprimenda. Ernest Hauser escreveu que essa foi uma das três repressões cuja intenção era “fazer Maria reconhecer que Jesus, embora fosse seu filho, não ‘pertencia’ a ela”. Hauser acrescentou que a afirmação de Cristo aqui “serve para tornar notório que, dali em diante, seus laços terrenos teriam de ser desatados”¹⁶.

Maria não se intimidou. Ela disse aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser” (v. 5)—um bom conselho para todos! Jesus parece ter decidido que a utilização de Seus poderes miraculosos não seria inconsistente com o propósito deles (fazer o bem) e não apressaria Sua “hora” (a hora da Sua morte), desde que só os serventes soubessem disso. Então, Ele realizou o bem-conhecido milagre da transformação da água em vinho (vv. 6–10).

Há controvérsias sobre esse incidente provar ou não que Jesus endossou o uso de bebidas alcoólicas. Um lado enfatiza a palavra “vinho” e a observação registrada no versículo 10. O outro lado observa que Jesus fez entre 150 e 230 litros de vinho¹⁷; se o vinho

¹³Veja a nota de rodapé 18 do sermão “Porque Deus Escolheu Maria?”.

¹⁴A palavra “hora” aparece com frequência no relato de João, referindo-se ao momento da morte de Jesus na cruz. (Veja 2:4; 4:21, 23; 5:25, 28; 7:30; 8:20; 12:23, 27; 13:1.) Jesus sabia que os milagres chamariam a atenção de Seus inimigos e poderiam apressar a Sua morte.

¹⁵Nos Estados Unidos [e também no Brasil] chamar a própria mãe de “mulher” é considerado falta de respeito.

¹⁶Ernest O. Hauser, “Mary, Mother of Christ” (“Maria, Mãe de Cristo”), *Reader's Digest*. Dezembro de 1971, p. 171.

¹⁷Havia seis talhas de pedra para a finalidade de se fazer a lavagem cerimonial (veja Marcos 7:3). O texto grego observa que esses recipientes continham dois ou três *metretai* cada um e que foram enchidos até a borda (João 2:7). Nos termos de hoje, seriam 75 a 115 litros em cada talha.

possuísse um elevado teor alcoólico¹⁸, Ele estaria incentivando a embriaguez—o que é condenado em toda a Bíblia (Provérbios 20:1; Gálatas 5:21). Esta, porém, não é a passagem determinante para a questão¹⁹. A palavra grega traduzida por “vinho” (*oinos*) é a palavra geral para vinho, sendo também usada no Antigo Testamento²⁰ para o suco ainda contido nas uvas (Isaías 65:8).

Essa guerra de argumentos nos desvia do ponto principal da passagem: calmamente, quase sem ser notado, Jesus estava começando a flexionar Seus músculos espirituais. Ele havia realizado Seu primeiro milagre!

Hoje, usamos a palavra “milagre” num sentido casual referindo-nos a qualquer coisa que seja marcante. A Bíblia usa essa palavra num sentido especial para se referir a um ato sobrenatural. Jesus certamente havia feito muitas coisas *marcantes* nos Seus primeiros trinta anos de vida, mas aquela foi a primeira vez que Ele usou Seus poderes *sobrenaturais*. Vivendo no mundo natural, está além de nossa capacidade explicar o sobrenatural. Aceitamos, pela fé, o que a Bíblia diz sobre o assunto.

João não perdeu de vista a relevância do acontecimento. Ele usou sua palavra favorita para milagre: “sinal”²¹ (v. 11a). O que Jesus fez foi dar um sinal de que Ele realmente era de Deus! João observou que Cristo “manifestou a sua glória” (v. 11a)! Aquilo era um antepasto das poderosas obras que Ele faria. Além disso, como consequência desse primeiro “sinal”, “Seus discípulos creram nEle” (v. 11b). A fé deles em Jesus como sendo o Messias estava se intensificando!

A PRIMEIRA RESIDÊNCIA EM CAFARNAUM (JOÃO 2:12)

Jesus viajou de Caná para o norte e o leste²². “Depois disto, desceu ele para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; e ficaram ali não muitos dias” (v. 12). Cafarnaum era uma cidade comercial movimentada junto ao mar da Galiléia, perto de Betsaida, a cidade onde Pedro e André moravam (João 1:44)²³. A cidade não ficava longe de uma

¹⁸Diz-se, muitas vezes, que a bebida comum daquela região consistia na mistura de uma parte de vinho para seis de água.

¹⁹As citadíssimas palavras do versículo 10 seriam verdadeiras se o vinho tivesse ou não teor alcoólico.

²⁰Isto é, a palavra ocorre na tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta).

²¹Veja a “O Livro de João: Cristo, o Filho de Deus”.

²²Veja o mapa “A Palestina Durante a Vida de Cristo”.

²³Ao que tudo indica, Pedro e André mudaram-se mais tarde para Cafarnaum (Marcos 1:21, 29).

grande estrada sentido leste-oeste, que atravessava a Palestina. Mais tarde, ela se tornaria o centro operacional de Jesus (Mateus 4:13).

A PRIMEIRA PÁSCOA (JOÃO 2:13–25)

Jesus encurtou a visita a Cafarnaum para participar da festa da Páscoa²⁴. Podemos afirmar com certeza que Jesus participava regularmente dessa festa desde os seus doze anos (Lucas 2:41, 42), mas aquela era a primeira Páscoa do Seu ministério público²⁵. Também era a primeira aparição pública de Jesus desde o início do Seu ministério, o qual teve um começo dramático, por conta da Sua primeira purificação do templo!²⁶

O comércio realizado no templo era resultado da vinda dos judeus de todas as partes do mundo para os principais dias de festa (veja Atos 2:5, 9–11a). Todo judeu tinha de pagar um tributo anual ao templo de meio siclo²⁷. As autoridades do templo não permitiam que esse tributo fosse pago com moedas estrangeiras, daí a necessidade dos cambistas. Todo judeu devia sacrificar determinados animais durante os dias de festa²⁸. A maioria dos judeus procedentes de outros territórios não trazia animais consigo, por isso tinha de comprá-los tão logo chegasse a Jerusalém. Foi assim que surgiu a venda de animais dentro do templo. Essas negociações evidentemente eram efetuadas no Pátio dos Gentios²⁹. Elas podem ter surgido como a prestação de um serviço aos viajantes, mas acabaram se deteriorando num esquema lucrativo controlado pelos sacerdotes.

O primeiro ato público de Jesus consistiu numa declaração do Seu zelo pela casa de Deus e pela vontade de Deus. Enquanto Ele expulsava os mercenários, disse: “Não façais da casa de meu Pai casa de negócio” (v. 16b). Mais tarde, numa ocasião semelhante, Ele diria: “Está escrito: A minha casa será

²⁴A festa da Páscoa comemorava a libertação divina do cativo egípcio aos israelitas que puseram o sangue de um cordeiro nos umbrais de suas portas (Êxodo 12:1–28). Veja o diagrama “As Festas dos Judeus”.

²⁵Veja mais sobre a importância das Páscoas mencionadas por João no artigo “Quanto tempo durou o ministério pessoal de Cristo”.

²⁶Não confunda esta purificação com a da última semana do Seu ministério (Mateus 21:12, 13).

²⁷As autoridades judaicas baseavam-se em Êxodo 30:13, embora não houvesse indicação de que tal exigência devesse ser permanente. O incidente em Mateus 17:24–27 diz respeito ao pagamento desse tributo.

²⁸Veja o diagrama “As Festas dos Judeus”.

²⁹Há duas palavras gregas para “templo”. Uma (*naos*) referia-se à parte sagrada do templo. A outra (*hieron*) referia-se ao complexo do templo como um todo, incluindo o Pátio dos Gentios. Este termo é o que foi usado aqui.

chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores” (Mateus 21:13).

O primeiro ato público de Jesus também consistiu numa declaração da aprovação divina de Sua autoridade (Mateus 3:17; veja Mateus 7:29). Inconformadas, as autoridades do templo desafiaram essa autoridade. A NTLH traduz João 2:18 pelos seguintes termos: “Que milagre você pode fazer para nos provar que tem autoridade para fazer isso?”

Ao longo do Seu ministério, Jesus daria muitos sinais a quem estivesse disposto a ver e crer (veja v. 23), mas o milagre mais significativo seria a Sua ressurreição (Romanos 1:4). Assim, Ele respondeu: “Destruí este santuário³⁰, e em três dias o reconstruirei” (João 2:19). “Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo” (v. 21), mas Seus adversários não O compreendiam (v. 20³¹), pensando somente no edifício de mármore e ouro que os cercava³².

Enquanto esteve em Jerusalém, Jesus fez Seus primeiros milagres públicos (v. 23). Não é dito qual era a natureza desses milagres, mas entre eles devia constar a cura dos enfermos (Mateus 4:23)³³. O grupo dos que criam em Jesus começava a crescer (João 2:23), mas Ele sabia que a fé deles era tênue (vv. 24, 25). A Bíblia Viva parafraseia assim o versículo 25: “Ninguém precisava dizer-lhe quanto a natureza humana é inconstante!”

O PRIMEIRO DISCURSO (JOÃO 3:1–21)

Estando Jesus em Jerusalém, “um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus³⁴” veio ter com Ele à noite (vv. 1, 2). O fato de Nicodemos ir à noite pode ter algum significado (João 19:39); talvez denuncie algum nervosismo da parte dele³⁵. Nicodemos era um dos que haviam se impressionado com os milagres de Jesus (2:23). Disse

³⁰ A palavra grega traduzida aqui por “santuário” é *naos*. Veja a nota de rodapé anterior.

³¹ A referência a quarenta e seis anos é usada no cálculo de quando Jesus nasceu. Veja o artigo “Quando Cristo nasceu?”.

³² Essa declaração de Jesus causou-lhes uma impressão. A tendência de interpretar erroneamente a predição reapareceu no julgamento de Jesus (Marcos 14:58). Veja uma descrição do “edifício de mármore e ouro” (o templo ou santuário), na edição “A Vida de Cristo—Parte 10” desta série.

³³ Não há indicação de que, nesta ocasião, Jesus estivesse expulsando demônios. O primeiro relato registrado disso encontra-se em Marcos 1:23–28 e Lucas 4:33–37. A admiração causada naquela ocasião pode indicar que expulsar demônios era uma nova manifestação do poder de Jesus.

³⁴ Nicodemos era evidentemente um membro do Sinédrio (veja João 7:45–52).

³⁵ Por outro lado, aquela poderia simplesmente ser a única hora que Jesus e Nicodemos conseguiram se encontrar.

ele: “Rabi³⁶, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (3:2).

Jesus, possuindo o poder de ler os pensamentos dos homens (2:24, 25), sabia por que Nicodemos viera ter com Ele. O líder judeu obviamente tinha perguntas sobre o reino messiânico. Ele também tinha as concepções errôneas típicas dos judeus sobre o reino. Por isso, Cristo respondeu: “Em verdade, em verdade³⁷ te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (3:3).

A figura de nascer de novo nos causa espanto e expressa a mudança dramática que precisa caracterizar o discípulo de Jesus. O propósito de Cristo, porém, não era destacar as condições para ser discípulo³⁸. Após o estabelecimento da igreja, não se diz mais que o indivíduo precisa “nascer de novo” para tornar-se um cristão. Em vez disso, os candidatos são orientados a crer, arrepender-se e serem batizados (Atos 2:37, 38; 22:16)³⁹.

O propósito de Jesus era enfatizar a natureza do reino messiânico: não era um reino terreno, adentrado por meio de um nascimento terreno (como fora o reino de Israel); mas era um reino celestial, adentrado por um renascimento celestial (ou uma mudança de caráter). Não era um reino marcado pela marcha de exércitos humanos, mas caracterizado pela operação do Espírito de Deus (vv. 6–8⁴⁰). Esses conceitos eram novos para Nicodemos, e ele encontrou dificuldade para entendê-los (vv. 4, 10).

A mensagem básica de Jesus é seguida por uma extensa seção típica de um relato de João. O Livro de João diferencia-se por seus segmentos reflexivos. Se essas palavras são uma continuação da exposição de Jesus a Nicodemos, ou comentários inspirados de

³⁶ “Rabi” era um título honorário de respeito, e Nicodemos aplicou-o a Jesus.

³⁷ “Em verdade, em verdade” é a tradução de “amém”, que pode significar “é isso mesmo”. A repetição da palavra é uma maneira enfática de reforçar: “O que vou dizer é a verdade!”

³⁸ As condições para se tornar um cristão estão *implícitas* nas palavras de Jesus sobre o novo nascimento: a fé é mencionada várias vezes (vv. 15, 16). Há anos, a maioria concorda que “nascer da água” (v. 5) é uma referência ao batismo. Todavia, a ênfase de Jesus não era nessas condições, mas na natureza do reino.

³⁹ Pedro salientou mais tarde que quando os cristãos obedeceram a esses mandamentos, eles “*nasceram* de novo” (veja 1 Pedro 1:22, 23).

⁴⁰ A ilustração de Jesus do vento utiliza um jogo de palavras: a palavra grega para “vento” é a mesma que designa “Espírito”. Não podemos ver o vento, mas podemos sentir o efeito de sua presença. O mesmo ocorre com o Espírito.

João, não sabemos⁴¹. Indiferentemente a esse aspecto, elas contêm uma riqueza de verdades instigantes—incluindo o fato de que Jesus seria “exaltado” (na cruz) (v. 14) e a necessidade de crer que Jesus é o Cristo (o Messias) (vv. 15, 16, 18).

O discurso incluía a passagem mais conhecida das Escrituras: João 3:16, o chamado “texto áureo da Bíblia”. Nela não está contido tudo o que precisamos saber sobre a salvação (como afirmam alguns), mas ela é uma afirmação bela e poderosa a respeito do amor de Deus por nós⁴².

O PRIMEIRO MINISTÉRIO NA JUDÉIA⁴³ (JOÃO 3:22–36)

Após a festa em Jerusalém, Jesus e Seus discípulos foram para a região campestre da Judéia para pregar e ensinar. Estima-se que esse ministério durou entre três e oito meses. Duas pequenas informações são registradas a respeito desse período. Primeiramente, Cristo “estava passando um tempo” com Seus discípulos; ensinando-os e permitindo que eles O conhecessem. Em segundo lugar, Ele estava batizando (v. 22) assim como fizera Seu precursor⁴⁴.

O ministério de Jesus na Judéia foi evidentemente bem sucedido, pois os discípulos de João reclamaram: “Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro” (v. 26). O próximo capítulo afirma que “Jesus fazia e batizava mais discípulos que João (se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos)” (4:1–2).

O sucesso de Jesus foi bem aceito por João Batista, mas não pelos discípulos que permaneceram com ele. Ficaram tomados de inveja (v. 26). Batalhas já foram perdidas por causa de inveja entre generais. A inveja é uma ameaça constante à harmonia da obra do Senhor.

As queixas dos discípulos de João fizeram-no dar testemunho novamente de quem Jesus era (vv. 27–35). João Batista enfatizou a importância de crer que Jesus era o Messias⁴⁵: “Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém

rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (v. 36). Observe-se que os conceitos de crer e obedecer são usados alternadamente⁴⁶. A fé que salva é uma fé obediente (Tiago 2:20; veja Romanos 1:5; 16:26).

Assim que João definiu mais uma vez seu próprio papel (vv. 28, 29), ele verbalizou um dos sentimentos mais nobres registrados nas Escrituras: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (v. 30). Não importa quem seja você, sentimentos poderiam ser evitados se cada um de nós pudesse dizer generosamente, sem animosidade: “Convém que ele (ou ela) cresça e que eu diminua”.

CONCLUSÃO

Alguns se recusam a tentar coisas novas, dizendo: “Mas eu nunca fiz isso”. Se esse raciocínio fosse válido, nada jamais seria tentado uma primeira vez. Um bebê jamais daria seu primeiro passo nem falaria sua primeira palavra. Uma criança jamais aprenderia a ler. Homens e mulheres jamais aprenderiam novas habilidades. Os pais jamais teriam filhos. Lembremo-nos de uma coisa: para tudo existe uma primeira vez. Se uma nova tarefa é boa e necessária, *tente* executá-la. Você poderá surpreender a si mesmo!

⁴¹A perspectiva mais simples é considerá-las como sendo palavras de Jesus e é assim que pressupõem várias versões.

⁴²Veja o sermão “Deus amou o mundo de tal maneira”.

⁴³Posteriormente, Jesus ensinaria na Judéia por cerca de três meses.

⁴⁴Esse batismo era aparentemente uma continuidade ao batismo de João, tendo também um caráter preparatório.

⁴⁵Nesta passagem, como na conversa de Jesus com Nicodemos, é difícil sabermos onde terminam as palavras do interlocutor e onde começam as palavras do evangelista. Várias traduções atribuem essas palavras a João Batista.

⁴⁶A ERC utiliza a palavra “crê” duas vezes no versículo, mas nos melhores manuscritos gregos constam duas palavras diferentes.

A Harmonia

IV. DA PRIMEIRA À SEGUNDA PÁSCOA (continuação).

- C. A mudança da Judéia para a Galiléia.
 - 1. Razões para a mudança (Mateus 4:12; Marcos 1:14; Lucas 3:19, 20; João 4:1–3).
 - 2. O incidente em Samaria (João 4:4–42).
 - 3. A chegada à Galiléia (Lucas 4:14; João 4:43–45).
- D. Um relato geral do ensino de Jesus na Galiléia (Mateus 4:17; Marcos 1:14, 15; Lucas 4:14, 15).
- E. O segundo milagre em Caná (João 4:46–54).
- F. A mudança para Cafarnaum na Galiléia (Mateus 4:13–16).
- G. O chamado de quatro pescadores (Mateus 4:18–22; Marcos 1:16–20; Lucas 5:1–11).
- H. Em Cafarnaum: a cura de um endemoninhado na sinagoga (Marcos 1:21–28; Lucas 4:31–37).
- I. Em Cafarnaum: a cura da sogra de Pedro e de outros (Mateus 8:14–17; Marcos 1:29–34; Lucas 4:38–41).
- J. Na Galiléia: o primeiro ensino de Jesus e a viagem de curas (Mateus 4:23–25; Marcos 1:35–39; Lucas 4:42–44).
- K. Na Galiléia: a cura de um leproso—e a conseqüente agitação (Mateus 8:2–4; Marcos 1:40–45; Lucas 5:12–16).
- L. De volta a Cafarnaum: a cura de um paralítico (Mateus 9:2–8; Marcos 2:1–12; Lucas 5:17–26).
- M. Próximo a Cafarnaum: o chamado de Mateus (Mateus 9:9; Marcos 2:13, 14; Lucas 5:27, 28).

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA.

- A. Jesus cura um paralítico no sábado e defende Seu ato (João 5:1–47)
- B. Jesus defende Seus discípulos que colhiam espigas no sábado (Mateus 12:1–8; Marcos 2:23–28; Lucas 6:1–5).
- C. Jesus defende a cura de uma mão atrofiada no sábado (Mateus 12:9–14; Marcos 3:1–6; Lucas 6:6–11).
- D. Jesus cura multidões junto ao mar da Galiléia (Mateus 12:15–21; Marcos 3:7–12).
- E. Após orar, Jesus escolhe doze apóstolos (Mateus 10:2–4; Marcos 3:13–19; Lucas 6:12–16).
- F. O Sermão do Monte.
 - 1. Afirmações introdutórias (Mateus 5:1, 2; Lucas 6:17–20).
 - 2. As bem-aventuranças: promessas aos súditos do Messias (Mateus 5:3–12; Lucas 6:20–26).
 - 3. A influência (e responsabilidades) dos súditos do Messias (Mateus 5:13–16).
 - 4. A relação do ensino do Messias com o Antigo Testamento—e as tradições humanas referentes ao ensino do Antigo Testamento (Mateus 5:17–48; Lucas 6:27–30, 32–36).
 - 5. Atos religiosos devem ser de coração e não para se mostrar (Mateus 6:1–18).

“Deus amou ao mundo de tal maneira”

João 3:16,
Olhando
de perto



E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.

Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele¹ (João 3:14–17).

Essa passagem contém o texto mais popular da Bíblia—aquele versículo “de ouro”, João 3:16: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Esse versículo é um dos mais importantes da Bíblia, pelo menos por duas razões: 1) ele atinge² o escopo inteiro do plano de Deus. Martinho Lutero, o renomado líder da Reforma do século XVI, o chamou de “a Bíblia em miniatura”. 2) Ele está cheio de superlativos: palavras do mais alto grau que sugerem os temas mais maravilhosos conhecidos ao homem³.

“PORQUE DEUS”: O MAIOR SER

Assim como o mundo, o homem e todas as coisas começaram com Deus, o texto de João 3:16 também começa com Deus: “Porque *Deus* amou ao mundo....”

Aqui está o maior Ser. Nossas mentes não podem conceber nada maior do que Deus. Certo importante estadista norte-americano do passado disse que o pensamento mais importante que já pe-

netrara sua mente era Deus e sua responsabilidade individual com Ele⁴.

Falando de Deus, Paulo escreveu que Ele “é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos...” (Efésios 3:20). Solte sua imaginação; você não consegue pensar em alguma coisa que Deus não seja capaz de fazer⁵. Deus é tão grande que para compreendermos a Sua totalidade, teríamos de ser iguais a Ele: teríamos de ser deuses!

“AMOU... DE TAL MANEIRA”: A MAIOR VIRTUDE

O versículo diz o seguinte a respeito do Maior Ser: “Deus *amou* ao mundo de *tal maneira*....” O amor é a maior virtude do mundo: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (1 Coríntios 13:13)⁶. O texto também declara que Deus teve o maior grau⁷ de amor desta que é a maior virtude: “Porque Deus amou... *de tal maneira*”.

Efésios 3:17–19 anuncia que o amor de Deus tem dimensões: “a fim de poderdes compreender... qual é a *largura*, e o *comprimento*, e a *altura*, e a *profundidade* e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento...” (grifo meu). Qual é o “comprimento” do amor de Deus? O texto nos revela: “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito...”. O amor de Deus vai até as últimas conseqüências!⁸

¹A “primeira vinda” de Jesus foi como Salvador, e não como Juiz; mas na segunda vinda, Ele *será* nosso Juiz (Atos 17:31).

²Ele não abarca totalmente o plano de Deus como alegam alguns, mas ele realmente “atinge” os elementos básicos do plano divino.

³Essa perspectiva geral de João 3:16 tem aparecido em muitas publicações. Esta é a versão do presente autor, que não sabe de quem procedeu a idéia.

⁴Daniel Webster, citado em Frank S. Mead, comp. e ed., *12,000 Religious Quotations* (“12.000 Citações Religiosas”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1989, p. 189.

⁵Você não consegue pensar em alguma coisa que Deus não seja capaz de fazer *que seja consistente com a Sua vontade*.

⁶Veja mais passagens sobre o amor em 1 Pedro 4:8; Efésios 3:17.

⁷Alguns pregadores destacam separadamente este ponto em seus sermões sobre esta passagem.

⁸Deus é amor (1 João 4:7, 8).

“O MUNDO”:

O MAIOR NÚMERO DE PESSOAS

A quem Deus estendeu a maior de todas as virtudes? “Porque Deus amou *ao mundo* de tal maneira que deu...”: o mundo—o maior número de pessoas que a nossa mente pode conceber—todos que já viveram, que estão vivendo agora e que viverão antes desta terra ser destruída. Todavia, não era só o maior número de pessoas que nossas mentes poderiam imaginar, mas também era o maior número de não-merecedores: um mundo pecaminoso, um mundo desobediente, um mundo em trevas⁹. Deus olhou para este mundo ímpio e o amou. Deus olhou para *nós e nos* amou.

Certa vez, um missionário da África estava falando a um grupo de meninos norte-americanos. Ele disse: “Eu vou contar para vocês o evangelho que nós pregamos na África. Levantem as mãos todos os meninos *bons* que estão presentes”. Nenhuma mão foi erguida. Ele sorriu e disse: “Então, eu tenho para vocês a mesma mensagem que nós temos para os meninos da África: Deus ama os meninos desobedientes”.

Isto pode não soar correto, mas é a verdade. “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:8)¹⁰.

“QUE DEU”:

O MAIOR ATO

O que o Maior Ser fez pelo maior número de pessoas porque Ele possuía a maior de todas as virtudes? “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu...” Três atos nos aproximam do Divino: dar, perdoar e dar graças—e em todos eles está implícito o maior ato, o ato de *dar*¹¹.

“O SEU FILHO UNIGÊNITO”:

O MAIOR PRESENTE

Deus mostrou a grandeza do Seu amor através do *que* Ele deu: “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu *o seu Filho unigênito*”, o maior presente. Muitos presentes já foram dados. Homens ricos são conhecidos pelas grandes somas de dinheiro que gastam com causas dignas—às vezes quantias incrivelmente grandes—mas nenhuma dádiva ou donativo se compara a este presente divino.

Vamos analisar o que Deus deu: 1) Ele deu Seu Filho. Pensemos em um filho amoroso, obediente, cumpridor de seus deveres. Como seria doloroso abrir mão de um filho assim! 2) Deus não só deu o Seu Filho, mas Ele deu Seu “Filho unigênito”¹²—um Filho à Sua semelhança e imagem com o selo da Divindade em sua testa. Pense em abrir mão de um Filho *único*. 3) Deus não só deu Seu único Filho, mas ele O deu para um *sacrifício*. Jesus teria uma morte terrível e vergonhosa por pessoas que não mereciam isso. Deus teria de abrir mão de Seu Filho, mesmo ao ver as lágrimas desse Filho rasgando-Lhe o coração!

Aqui está um presente tão grande que não conseguimos compreendê-lo. Paulo disse: “Graças a Deus pelo seu dom inefável!” (2 Coríntios 9:15). Algumas coisas do mundo somos incapazes de entender, mas pelo menos podemos falar delas—a população mundial ou a dívida externa, por exemplo—mas o dom de Deus é tão incompreensível que não podemos sequer falar dele com precisão.

“PARA QUE TODO O QUE”:

A MAIOR OPORTUNIDADE

Tendo falado sobre Deus e Cristo, chegamos finalmente a nós mesmos no texto: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que *todo o que* nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. As provisões do amor de Deus são para todos (Lucas 2:10; Mateus 28:19; Atos 10:34, 35; 17:30; 2 Pedro 3:9). Jesus disse aos discípulos: “Ide por *todo* o mundo e pregai o evangelho a *toda* criatura” (Marcos 16:15; grifo meu).

A expressão “todo o que” deve ser significativa para nós como indivíduos. Creio que foi Phillips Brooks, um renomado pregador do século XIX, que disse que ele apreciava os dizeres de João 3:16: Deus poderia ter dito “para que os americanos que nele crêem não pereçam, mas tenham a vida eterna”—mas existem latino-americanos, sul-americanos, norte-americanos, e assim por diante. Deus poderia ter dito: “para que Brooks tenha a vida eterna”—mas existem muitas pessoas chamadas Brooks. Deus poderia até ter dito: “para que Phillips Brooks creia, seja salvo”—mas é possível que exista mais de um Phillips Brooks; novamente poderia haver dúvida. “Como sou grato”, disse Brooks, “por Deus ter dito ‘todo o que’, pois eu sei que *isto* inclui a mim!” *Cada um* de nós pode ler este versículo e saber que pode ser salvo!

⁹Uma passagem que poderia ser usada para descrever o mundo pecaminoso é Deuteronômio 9:2–4.

¹⁰Veja também Tito 2:11; 1 Timóteo 2:3, 4.

¹¹Veja Atos 20:28.

¹²A palavra grega traduzida por “unigênito” sugere “único, um dentre uma espécie”.

Entendamos, porém, que a expressão “todo o que” coloca responsabilidade sobre nós. O mundo se compõe de “todo o que crê” e “todo o que não crê”. Cada um de nós decide se aproveitará ou não a gloriosa oportunidade (Apocalipse 22:17). Cada um de nós determina seu próprio destino eterno.

“CRÊ”:

O MAIOR FUNDAMENTO

O que temos de fazer para aproveitar a maior oportunidade das nossas vidas? O texto bíblico diz: “para que todo o que nele *crê* não pereça, mas tenha a vida eterna”. Crer é o maior fundamento. Nisto reside tudo o que devemos fazer para nos tornarmos cristãos e vivermos como cristãos. “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hebreus 11:6).

Deve-se enfatizar que a palavra “crê” em João 3:16 não é mera aprovação mental. Poderíamos acrescentar a crer: confiar em, ser fiel a.

A verdadeira crença inclui obediência à vontade de Deus (veja Tiago 2:20). Paulo escreveu: “Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor” (Gálatas 5:6; grifo meu). Edificado no fundamento da fé e motivado pelo amor, o indivíduo se arrepende de seus pecados (Lucas 13:3), confessa sua fé perante os homens (Mateus 10:32) e é sepultado no batismo para a remissão ou perdão dos pecados (Atos 2:38).

“NELE”:

O MAIOR ATRATIVO

O que produz tamanha fé? O que nos move a obedecer? “...para que todo o que *nEle* crê não pereça.” Jesus viabilizou a salvação. Ele é o maior atrativo dos séculos. Disse Jesus: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (João 12:32). A nossa fé não é num homem, numa doutrina ou num sistema religioso; nossa fé é em Cristo, o qual morreu por nossos pecados!

“NÃO PEREÇA”:

A MAIOR TRAGÉDIA

Se tivermos essa fé, qual será o resultado? “... todo o que crê não *pereça*...” A fé obediente evitará a maior tragédia que pode sobrevir a uma pessoa.

Muitas tragédias ocorrem nesta vida. Um ceifeiro pega fogo, destruindo todo o equipamento e materiais de um agricultor, e ele diz: “Estou falido¹³”.

Um lar se perde numa enchente, juntamente com todos os bens terrenos de uma família, e esta lamenta: “Está tudo perdido”. O marido e pai de uma grande família morre, e esta pranteia com o coração em pedaços: “Estamos arrasados”. Alguém perde a saúde, e, também, pensa: “Está tudo acabado”. Escute bem: por piores que sejam as tragédias da vida, um homem nunca estará mais destruído do que se estiver perdido espiritualmente; pois *nesse caso* ele “sofrerá penalidade de eterna destruição, banido da face do Senhor e da glória do seu poder” (2 Tessalonicenses 1:9; veja Mateus 25:46; Apocalipse 20:10). É isto que significa a palavra “perecer”!

“MAS”:

A MAIOR DIFERENÇA

Estou contente porque o texto não termina com a palavra “pereça”. Ele continua: “...todo o que nele crê não pereça, *mas* tenha a vida eterna”. “Mas” é uma palavra pequena que faz a maior diferença do mundo. Neste texto, de um lado temos a palavra “pereça” e do outro, a expressão “vida eterna”. Entre as duas, fazendo a diferença, temos a pequena conjunção adversativa “mas”!

“TENHA A VIDA ETERNA”:

A MAIOR PROMESSA

A passagem encerra mencionando esta promessa: “...todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Aqui está a maior promessa: a promessa de uma eternidade com Deus¹⁴ num lugar onde Ele “lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Apocalipse 21:4). Esta é a promessa de Deus para você, se você confiar e obedecer!

CONCLUSÃO

Aqui está o cerne da história do evangelho num único versículo:

- “Deus”—o Maior Ser.
- “amou de tal maneira”—a maior virtude.
- “O mundo”—o maior número de pessoas.
- “Que deu”—o maior ato.
- “O Seu Filho unigênito”—o maior presente.
- “Para que todo o que”—a maior oportunidade.
- “Crê”—o maior fundamento.
- “Nele”—o maior atrativo.
- “Não pereça”—a maior tragédia.
- “Mas”—a maior diferença.
- “Tenha a vida eterna”—a maior promessa.

¹³Esta frase e a seguinte pressupõem que o agricultor e sua família não estariam cobertos por uma seguradora.

¹⁴Veja Marcos 10:30; Gálatas 6:8; 1 Timóteo 6:12; Tito 1:2.

Talvez você não entenda tudo a respeito da Bíblia, mas você consegue entender este versículo? Se consegue, então você precisa responder ao convite do Senhor. Certamente, ninguém é capaz de enten-

der as verdades deste grande versículo sem ser tocado por elas. Se hoje você se sentiu comovido pelo poder do evangelho e pelo amor do Deus Eterno, não vai fazer nada em relação a isso?

Atribuição de Leitura nº. 5

Mateus 4:12–22;
Marcos 1:14–20;
Lucas 3:19, 20; 4:14, 15; 5:1–11;
João 4:1–54

Mateus 4:12–22

¹²Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso, retirou-se para a Galiléia;

¹³e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali;

¹⁴para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías:

¹⁵Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios!

¹⁶O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz.

¹⁷Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.

¹⁸Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores.

¹⁹E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.

²⁰Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram.

²¹Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco em companhia de seu pai, consertando as redes; e chamou-os.

²²Então, eles, no mesmo instante, deixando o barco e seu pai, o seguiram.

Marcos 1:14–20

¹⁴Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus,

¹⁵dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.

¹⁶Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores.

¹⁷Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.

¹⁸Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram.

¹⁹Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes.

²⁰E logo os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus.

Lucas 3:19-20;

¹⁹mas Herodes, o tetrarca, sendo repreendido por ele, por causa de Herodias, mulher de seu irmão, e por todas as maldades que o mesmo Herodes havia feito,

²⁰acrescentou ainda sobre todas a de lançar João no cárcere.

Lucas 4:14-15

¹⁴Então, Jesus, no poder do Espírito, regressou para a Galiléia, e a sua fama correu por toda a circunvizinhança.

¹⁵E ensinava nas sinagogas, sendo glorificado por todos.

Lucas 5:1–11

¹Aconteceu que, ao apertá-lo a multidão para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré;

²e viu dois barcos junto à praia do lago; mas os pescadores, havendo desembarcado, lavavam as redes.

³Entrando em um dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia; e, assentando-se, ensinava do barco as multidões.

⁴Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo,

e lançai as vossas redes para pescar.

⁵Respondeu-lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes.

⁶Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes.

⁷Então, fizeram sinais aos companheiros do outro barco, para que fossem ajudá-los. E foram e encheram ambos os barcos, a ponto de quase irem a pique.

⁸Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador.

⁹Pois, à vista da pesca que fizeram, a admiração se apoderou dele e de todos os seus companheiros,

¹⁰bem como de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram seus sócios. Disse Jesus a Simão: Não temas; doravante serás pescador de homens.

¹¹E, arrastando eles os barcos sobre a praia, deixando tudo, o seguiram.

João 4:1-54

¹Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João

²(se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos),

³deixou a Judéia, retirando-se outra vez para a Galiléia.

⁴E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria.

⁵Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José.

⁶Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta.

⁷Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber.

⁸Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos.

⁹Então, lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)?

¹⁰Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.

¹¹Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva?

¹²És tu, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, e, bem assim, seus filhos, e seu gado?

¹³Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede;

¹⁴aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.

¹⁵Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la.

¹⁶Disse-lhe Jesus: Vai, chama teu marido e vem cá;

¹⁷ao que lhe respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido;

¹⁸porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade.

¹⁹Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és profeta.

²⁰Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.

²¹Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai.

²²Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus.

²³Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores.

²⁴Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.

²⁵Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas.

²⁶Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo.

²⁷Neste ponto, chegaram os seus discípulos e se admiraram de que estivesse falando com uma mulher;

todavia, nenhum lhe disse: Que perguntas? Ou: Por que falas com ela?

²⁸Quanto à mulher, deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àqueles homens:

²⁹Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?!

³⁰Saíram, pois, da cidade e vieram ter com ele.

³¹Nesse ínterim, os discípulos lhe rogavam, dizendo: Mestre, come!

³²Mas ele lhes disse: Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis.

³³Diziam, então, os discípulos uns aos outros: Ter-lhe-ia, porventura, alguém trazido o que comer?

³⁴Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra.

³⁵Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? Eu, porém, vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa.

³⁶O ceifeiro recebe desde já a recompensa e entesoura o seu fruto para a vida eterna; e, dessarte, se alegram tanto o semeador como o ceifeiro.

³⁷Pois, no caso, é verdadeiro o ditado: Um é o semeador, e outro é o ceifeiro.

³⁸Eu vos enviei para ceifar o que não semeastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho.

³⁹Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito.

⁴⁰Vindo, pois, os samaritanos ter com Jesus, pediam-lhe que permanecesse com eles; e ficou ali dois dias.

⁴¹Muitos outros creram nele, por causa da sua palavra,

⁴²e diziam à mulher: Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo.

⁴³Passados dois dias, partiu dali para a Galiléia.

⁴⁴Porque o mesmo Jesus testemunhou que um profeta não tem honras na sua própria terra.

⁴⁵Assim, quando chegou à Galiléia, os galileus o

receberam, porque viram todas as coisas que ele fizera em Jerusalém, por ocasião da festa, à qual eles também tinham comparecido.

⁴⁶Dirigiu-se, de novo, a Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho. Ora, havia um oficial do rei, cujo filho estava doente em Cafarnaum.

⁴⁷Tendo ouvido dizer que Jesus viera da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele e lhe rogou que descesse para curar seu filho, que estava à morte.

⁴⁸Então, Jesus lhe disse: Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis.

⁴⁹Rogou-lhe o oficial: Senhor, desce, antes que meu filho morra.

⁵⁰Vai, disse-lhe Jesus; teu filho vive. O homem creu na palavra de Jesus e partiu.

⁵¹Já ele descia, quando os seus servos lhe vieram ao encontro, anunciando-lhe que o seu filho vivia.

⁵²Então, indagou deles a que hora o seu filho se sentira melhor. Informaram: Ontem, à hora sétima a febre o deixou.

⁵³Com isto, reconheceu o pai ser aquela precisamente a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive; e creu ele e toda a sua casa.

⁵⁴Foi este o segundo sinal que fez Jesus, depois de vir da Judéia para a Galiléia.

Ao Norte, Rumo à Galiléia

Leitura Bíblica 5

IV. DA PRIMEIRA À SEGUNDA PÁSCOA (continuação).

- C. A mudança da Judéia para a Galiléia.
 - 1. Razões para a mudança (Mateus 4:12; Marcos 1:14; Lucas 3:19, 20; João 4:1–3).
 - 2. O incidente em Samaria (João 4:4–42).
 - 3. A chegada à Galiléia (Lucas 4:14; João 4:43–45).
- D. Um relato geral do ensino de Jesus na Galiléia (Mateus 4:17; Marcos 1:14, 15; Lucas 4:14, 15).
- E. O segundo milagre em Caná (João 4:46–54).
- F. A mudança para Cafarnaum na Galiléia (Mateus 4:13–16).
- G. O chamado de quatro pescadores (Mateus 4:18–22; Marcos 1:16–20; Lucas 5:1–11).

INTRODUÇÃO

A lição “Uma Primeira Vez para Tudo” (publicada na edição anterior) foi sobre o início do ministério de Jesus em Jerusalém e na Judéia—conforme registrado por João. Neste estudo, a cena muda para o norte, para a Galiléia. Os relatos sinóticos enfocam “o grande ministério na Galiléia”, que durou cerca de um ano e meio. Esta lição tratará das questões preliminares relativas a esse ministério.

HORA DE PARTIR PARA O NORTE (MATEUS 4:12; MARCOS 1:14; LUCAS 3:19, 20; JOÃO 4:1–4)

Jesus e Seus discípulos tiveram sucesso na Judéia—ensinando e batizando até mais do que João Batista (João 3:22, 26; 4:1). No auge desse sucesso, Cristo decidiu que era hora de sair da Judéia e voltar para a Galiléia. Dois fatores contribuíram para a mudança, nesse momento em particular.

Mateus e Marcos deram uma razão para essa decisão. Mateus 4:12 diz: “Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso [por Herodes]¹, retirou-se para a Galiléia” (veja Marcos 1:14). Herodes, o tetrarca, estava vivendo com Herodias, sobrinha dele e esposa de seu irmão Filipe². O destemido Batista dissera a Herodes: “Não te é lícito possuí-la” (Mateus 14:4). Isto enfureceu Herodias, que pressionou Herodes para prender João (Marcos 6:17–19). O governador, então, lançou “João no cárcere” (Lucas 3:20)³.

¹Veja Mateus 14:1–12; Marcos 6:14–29.

²Veja o diagrama na lição “A Tempestade Formada”.

³A prisão de João por Herodes será discutida com mais detalhes em “O Perigo do Sucesso”, na edição “A Vida de

Quando lemos que Jesus partiu para a Galiléia, assim que João foi preso, podemos pensar que Ele estivesse tentando escapar de Herodes, ciente de que o tetrarca também desejava lançá-lo na prisão. Na verdade, Cristo estava indo para uma região que fazia parte da tetrarquia de Herodes (veja Lucas 23:6, 7). Por que, então, a prisão de João fez Jesus ir para a Galiléia? Alguns acreditam que Jesus estivesse indo para o norte com o intuito de incentivar os discípulos de João daquela região⁴ a não se dispersarem.

João acrescentou outra razão por que Cristo julgou aconselhável retirar-se da Judéia: “Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João... deixou a Judéia...” (João 4:1–3). Jesus quis evitar confrontação direta com os fariseus—pelo menos por enquanto—por isso Ele saiu da província onde a influência deles era mais forte. Tendo passado cerca de um ano na Judéia, Jesus e Seus discípulos “retiraram-se outra vez para a Galiléia” (João 4:3)⁵.

UMA PAUSA PARA DESCANSO (JOÃO 4:4–42)

O trajeto mais direto da Judéia para a Galiléia era passando pela província de Samaria⁶, mas a maioria dos judeus, por desprezarem os samarita-

Cristo—Parte 5” e também será mencionada em “Uma Voz que Clama no Deserto”, em “A Vida de Cristo—Parte 6”.

⁴A maioria acredita que Enom (João 3:23) ficava no norte da Judéia. Poderia ser em Samaria. (Veja o mapa “Palestina”.)

⁵João 4:8 nos faz saber que os discípulos de Jesus viajaram com Ele.

⁶Veja o mapa “Palestina”.

nos, faziam um caminho sinuoso da Judéia para a Galiléia: eles viajavam para o leste, cruzavam o Jordão e depois seguiam pela margem leste do rio até poderem atravessar para a Galiléia. Jesus, porém, viajou diretamente para o norte, passando por Samaria.

João escreveu que “era-lhe [a Cristo] *necessário* atravessar a província de Samaria” (João 4:4; grifo meu). Talvez “era-lhe necessário” porque Ele estivesse com pressa. Poupariam cerca de três dias de viagem fazendo esse caminho reto. Todavia, o fato de Jesus parar em Samaria por vários dias (João 4:40) torna este argumento improvável. É mais provável que “era-lhe necessário” porque Ele queria fazer contato com os samaritanos. O que os judeus viam como uma raça miscigenada e desprezível, Jesus via como um campo “branquejado para a ceifa” (João 4:35).

No centro de Samaria, Jesus encontrou uma mulher num poço, e ali aconteceu uma das conversas mais marcantes do ministério de Cristo⁷. A conversa de Jesus com a mulher tem sido estudada como um modelo de como levar um irreligioso a ter fé: como Ele fez contato com ela, como Ele despertou o interesse dela, como Ele a convenceu do pecado, e especialmente como Ele desenvolveu fé no coração dela.

Como resultado desse único contato, Cristo teve a oportunidade de ensinar uma cidade inteira. “Muitos... creram nele, por causa da sua palavra” (João 4:41).

INÍCIO DA OBRA NA GALILÉIA (MATEUS 4:13–17; MARCOS 1:14, 15; LUCAS 4:14, 15; JOÃO 4:43–54)

Após passarem vários dias com os samaritanos, Jesus e os discípulos retomaram a viagem, indo para o norte, passando pelo vale de Esdralom. Finalmente, chegaram às colinas do sul da Galiléia. Cristo faria Sua maior obra nessa província.

Sendo Jerusalém e a Judéia o centro do judaísmo naqueles dias, por que Jesus concentrou Seus esforços na Galiléia? Aqui estão três possíveis fatores: 1) Jesus cresceu na Galiléia, de modo que essa a região com a qual Ele estava mais familiarizado; 2) a Galiléia era a região mais populosa; e 3) via de regra, os galileus eram mais receptivos que os judeus, sendo menos fascinados por tradições religiosas. Todos os apóstolos, exceto Judas, eram galileus.

⁷A história de Jesus e a mulher pecadora é analisada na edição “Conheça o Mestre, 1” de *A Verdade para Hoje*, p. 11.

Boas-Vindas Calorosas

A notícia sobre o ministério de Jesus na Judéia precedeu Sua chegada à Galiléia. João 4:45 diz: “Assim, quando chegou à Galiléia, os galileus o receberam, porque viram todas as coisas que ele fizera em Jerusalém, por ocasião da festa, à qual eles também tinham comparecido” (veja João 2:23)⁸.

Jesus começou a pregar como fizera na Judéia. Marcos registrou que “foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede⁹ no evangelho” (1:14b, 15; veja Mateus 4:17). Lucas escreveu: “E ensinava nas sinagogas, sendo glorificado por todos” (4:15)¹⁰. Foi um começo promissor.

Milagres

Jesus também começou a realizar milagres como fizera na Judéia. Lucas 4:14a diz que “Jesus, no poder do Espírito, regressou para a Galiléia”. Isto se refere a Jesus exercitando o “poder do Espírito” através da operação de milagres. O primeiro milagre após a volta¹¹ de Jesus ocorreu em Caná.

Jesus fez outra visita ao lugar “onde da água fizera vinho” (João 4:46). Talvez Natanael, que era natural dali (João 21:2), tenha convidado o Mestre à sua casa. Nos arredores de Cafarnaum¹², um “ofi-

⁸João inseriu uma estranha observação em João 4:44. Lemos: “Porque o mesmo Jesus testemunhou que um profeta não tem honras na sua própria terra”. Esta poderia ser parte da explicação de Jesus ter se retirado da Judéia—mas em todo o restante dos relatos do evangelho, a Galiléia é apresentada como “a própria terra” de Jesus. Talvez a intenção disso tenha sido fazer um acréscimo que indica que Jesus sabia que Suas boas-vindas calorosas na Galiléia não perdurariam. (Veja Mateus 13:57; Marcos 6:4; Lucas 4:24.)

⁹A ordem para “arrepender-se e crer” é um tanto incomum. Geralmente, as pessoas primeiramente criam em Jesus, o que as fazia se arrepender de seus pecados. Tenhamos em mente que Jesus estava pregando a judeus que já possuíam uma fé básica em Deus e algum conhecimento das Escrituras. Eles precisavam primeiramente se arrepender de suas falhas em guardar a lei de Deus e depois, aprender sobre o Messias (Cristo) e crer nEle.

¹⁰Via de regra, as sinagogas tinham reuniões formais duas vezes aos sábados, uma vez às segundas-feiras e uma vez às quintas-feiras. Segundas e quintas-feiras eram “dias comerciais” em muitas cidades, garantindo uma boa frequência. As sinagogas também podiam ser abertas para reuniões informais em outras horas. Essas circunstâncias proporcionaram oportunidades excelentes para Jesus ensinar.

¹¹A expressão “o segundo sinal” em João 4:54 evidentemente refere-se ao segundo milagre feito na Galiléia; o primeiro foi transformar água em vinho (2:11), e este foi o segundo. Jesus obviamente tinha feito outros sinais/milagres enquanto estivera na Judéia (2:23; 3:2).

¹²Cafarnaum ficava ao norte e a uns trinta quilômetros a leste de Caná. Veja o mapa “Palestina”.

cial do rei”¹³ tinha um filho que “estava doente... à morte” (João 4:46, 47). Tendo ouvido que Jesus estava em Caná, ele correu a pedir-Lhe que curasse o filho.

O oficial suplicou a Jesus que fosse a Cafarnaum, mas Cristo lhe disse: “Vai; teu filho vive” (João 4:50)¹⁴. O homem creu em Jesus e foi para casa. Ali chegando, soube que seu filho havia se recuperado exatamente na hora em que Jesus dissera que ele viveria (João 4:50–53a)¹⁵. Profundamente impressionado, “creu ele e toda a sua casa”¹⁶ (João 4:53b).

A notícia deste e de outros milagres “correu por toda a circunvizinhança” (Lucas 4:14b). O nome de Jesus estava na boca de todos.

Mudança para Cafarnaum

Um dos primeiros atos de Jesus na Galiléia foi estabelecer em Cafarnaum Sua base de operações¹⁷. Mateus escreveu que Jesus “retirou-se para a Galiléia; e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar” (Mateus 4:12b–13a)¹⁸. Jesus nunca possuiu uma casa em Cafarnaum (Mateus 8:20), mas alguns de Seus discípulos sim (Marcos 1:21, 29). A partir deste momento, durante Seu ministério na Galiléia, Cristo jamais ficaria muito tempo longe de Cafarnaum. Ele sairia dessa cidade para algumas viagens e depois regressaria. (Leia Marcos 1:21, 29, 38, 39; 2:1.)

¹³O texto original diz literalmente “homem do rei”. Esse homem era provavelmente um oficial na corte de Herodes.

¹⁴A resposta inicial de Jesus ao oficial (João 4:48) é bastante incomum. Observe-se que não era uma repreensão pessoal, mas uma acusação de humanidade em geral (no grego o pronome está na forma plural “vós”). Talvez Jesus estivesse contrastando os galileus com os samaritanos, que creram “por causa da sua palavra” (v. 41), sem necessidade de milagres. Talvez as palavras visavam testar a fé do homem. De qualquer maneira, as palavras não detiveram o oficial, que de fato *creu* em Jesus.

¹⁵Esta é uma das quatro curas conhecidas que Jesus realizou a distância, incluindo a cura do servo do centurião em Mateus 8:5–13 e Lucas 7:1–10; a cura da filha da siro-fenícia em Mateus 15:22–28 e Marcos 7:25–30; e a cura dos dez leprosos em Lucas 17:11–37.

¹⁶Este é um exemplo elogiável de um homem partilhando sua fé com sua casa.

¹⁷Anteriormente, Jesus visitara Cafarnaum (veja João 2:12).

¹⁸A maioria das harmonias insere Lucas 4:16–30 nesta altura, para explicar por que Jesus fez uma mudança de Nazaré para Cafarnaum. Não estamos fazendo tal inclusão por duas razões: 1) a passagem refere-se ao que fora feito “em Cafarnaum” (Lucas 4:23), mas a esta altura de nossa harmonia, nada foi registrado sobre Cafarnaum. 2) A natureza extrema da rejeição parece enquadrar-se melhor na última parte do ministério de Jesus na Galiléia. Se quiser, insira a história nesta altura. Veja “Como Lidar com Rejeição” na edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

Cafarnaum estava situada “à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali” (Mateus 4:13b), a região geral concedida a essas duas tribos quando os israelitas entraram em Canaã (Josué 19). Mateus informou a seus leitores que a mudança de Jesus cumpria parte de uma conhecida profecia messiânica (Mateus 4:14–16; veja Isaías 9:1, 2¹⁹).

PRECISA-SE DE AJUDA! (MATEUS 4:18–22; MARCOS 1:16–20; LUCAS 5:1–11)

Quase tudo estava no lugar para Jesus começar uma campanha agressiva na província do norte. Ele precisava de mais um componente: discípulos em tempo integral. Mateus 4, Marcos 1 e Lucas 5 relatam o chamado de quatro pescadores: Pedro, Tiago, João e André. Esse foi o segundo chamado para a maioria ou todos esses homens, pois eles já eram discípulos de Jesus desde o Seu ministério na Judéia²⁰.

À medida que o nosso estudo continuar, descobriremos que houve três estágios no chamado para o discipulado. O primeiro estágio era um convite para seguir Jesus e aprender com Ele. Esse chamado não envolvia necessariamente abandonar família e emprego—conforme ilustrado pelos pescadores que voltaram à sua profissão anterior. Durante Seu ministério, Jesus teve muitos obreiros trabalhando em meio período. Uma vez Ele enviou setenta discípulos para pregar (Lucas 10:1–20).

O segundo estágio foi o discipulado em tempo integral. Aqueles que responderam a esse chamado viajaram e viveram com Jesus. O número desses discípulos era consideravelmente menor. O chamado dos quatro homens no presente texto enquadra-se nesta segunda categoria.

O terceiro estágio seria atingido quando Jesus escolhesse doze de Seus discípulos para serem apóstolos. Estudaremos esse acontecimento significativo mais tarde. Por enquanto, porém, queremos nos concentrar no chamado dos quatro pescadores para serem companheiros constantes de Jesus.

Todos os três relatos sinóticos do evangelho relatam esse chamado. As três passagens demonstram a dificuldade envolvida em se compor uma har-

¹⁹Leia os versículos 6 e 7 desta profecia, que podem lhe ser mais conhecidos.

²⁰João 1:40 e 41 menciona especificamente André e Pedro. Anteriormente, notamos que o discípulo anônimo (João 1:37, 40) provavelmente era João. Observamos também que as palavras do texto podem sugerir que João encontrou seu irmão Tiago da mesma forma que André encontrou seu irmão Pedro.

monia. Mateus e Marcos falam de quatro homens chamados, enquanto Lucas menciona somente três. Se lêssemos apenas os relatos de Mateus e Marcos, não saberíamos que havia outros presentes. Lucas, porém, registrou que Jesus estava pregando a uma multidão, e relacionou o milagre da grande pesca a esse chamado.

Devido às diferenças, alguns concluem que Lucas estaria falando de uma outra ocasião, diferente da ocasião de Mateus e Marcos. Vários detalhes, porém, indicam que se tratava do mesmo incidente. Todos os três relatos mencionam: 1) o mesmo lugar—o mar da Galiléia²¹ (Mateus 4:18; Marcos 1:16; Lucas 5:1); 2) os mesmos três indivíduos—Pedro, Tiago e João (Mateus 4:18, 21; Marcos 1:16, 19; Lucas 5:3, 10²²); 3) a mesma atividade—limpar/consertar redes (Mateus 4:21; Marcos 1:19; Lucas 5:2); 4) o mesmo chamado—ser pescadores de homens (Mateus 4:19; Marcos 1:17; Lucas 5:10) e 5) a mesma resposta—sair e seguir Jesus (Mateus 4:20, 22; Marcos 1:18, 20; Lucas 5:11).

Se esses elementos se referem à mesma ocasião, como conciliar os relatos? Consideremos o seguinte cenário²³.

Quando Jesus e Seus discípulos voltaram para a Galiléia, quatro dos discípulos—Pedro, Tiago, João e André—voltaram às suas profissões, pescando no mar da Galiléia. Certa manhã, bem cedo, Jesus estava andando na beira do mar perto de onde os homens geralmente pescavam. Após uma noite improdutivo, Tiago e João já haviam desistido e estavam limpando e consertando as redes na praia. Mais teimoso do que os demais, Pedro continuou tentando; finalmente, até ele admitiu a derrota, voltando com André para a praia.

Nesse ínterim, espalhou-se a notícia de que Jesus estava ali. Uma multidão havia se aglomerado. Jesus começou a pregar. Quando as pessoas começaram a comprimi-lo, Ele entrou no barco de Pedro e pediu que ele adentrasse o barco no lago, a uma pequena distância. E Jesus concluiu o Seu sermão de cima daquele púlpito provisório.

²¹Lucas diz “o lago de Genesaré” (5:1), mas este é simplesmente outro nome para o mar da Galiléia. Veja o mapa “Mar da Galiléia”, na lição “O Chamando para o Discipulado”.

²²Mateus e Marcos também falaram de um quarto homem, André. Lucas não menciona especificamente André, mas Pedro tinha alguém mais no barco com ele que não era Tiago nem João (Lucas 5:6, 7, 10). André, seu irmão, trabalhava com ele na pesca (Mateus 4:18).

²³Quando há diferenças nos relatos, é suficiente saber que as diferenças *podem* ser conciliadas—ainda que não saibamos exatamente como.

Depois disso, aconteceu um milagre incomum: uma pesca notável que deixou os pescadores admirados e fez Pedro cair de joelhos²⁴. Jesus preparou assim os corações dos pescadores para responderem ao Seu chamado. Mateus registrou o chamado e a resposta deles: “E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei²⁵ pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram” (Mateus 4:19, 20; veja 4:21, 22; Marcos 1:17–20). O relato de Lucas é basicamente o mesmo, citando o chamado de Jesus e descrevendo a resposta com estas palavras: “...doravante serás pescador de homens. E, arrastando eles os barcos sobre a praia, deixando tudo, o seguiram” (Lucas 5:10, 11).

Desta forma, Jesus convocou os primeiros homens para um discipulado permanente e ininterrupto. Esse acontecimento teve conseqüências de longo alcance. Além de Jesus ter, a partir daí, companhia dia e noite, esses quatro também comporiam um terço do grupo seletivo de doze apóstolos. E três deles fariam parte do “círculo íntimo” de amigos de Jesus (Marcos 5:37; 9:2; 14:33).

CONCLUSÃO

Tudo estava pronto para o ministério de Jesus na Galiléia. Na próxima lição, veremos como Jesus começou Suas viagens de pregação e cura naquela província. Dias emocionantes nos aguardam!

²⁴Veja a exposição completa dos detalhes desse episódio em “O Chamado para o Discipulado”.

²⁵Em suas palestras, Will Ed Warren coloca ênfase especial nas palavras “e eu vos farei”: “Você pode ser um engenheiro autodidata, mas não pode ser um cristão autodidata” (Will Ed Warren, plano de aula do curso *The Life of Christ: The Synoptic Gospels* [“A Vida de Cristo: Os Evangelhos Sinóticos”]. Harding University, 1991, p. 16).

O Chamado para o Discipulado

Lucas 5:1-11,
Olhando de perto



Um dos termos mais comumente usados na Bíblia para um seguidor de Jesus é “discípulo” (Mateus 5:1; 8:21, 23; 9:19; Atos 6:1, 2, 7; 9:1). “Discípulo” é uma tradução de uma palavra grega que significa “aprendiz”¹. No sentido completo, um discípulo era alguém que seguia um mestre (Mateus 16:24), e aprendia do mestre (Mateus 11:29) e depois seguia os preceitos do mestre (João 8:31). Havia uma relação íntima entre o discípulo e o mestre. Um verdadeiro discípulo tornava-se como o seu mestre (Mateus 10:25a).

Para este sermão sobre “o chamado para o discipulado”, usaremos o texto bíblico de Lucas 5:1-11², que fala da ocasião em que Jesus chamou Pedro e seus amigos. Durante este estudo, descobriremos alguns requisitos do discipulado.

É PRECISO APRENDER UMA COISA (vv. 1-3)

Quem quer ser um discípulo de Jesus precisa aprender uma coisa e estar disposto a ser instruído pelo Senhor. Algumas pessoas têm uma atitude de sabe-tudo e dizem: “Ninguém pode *me* ensinar nada”. Enquanto você não estiver pronto para ouvir e aprender, não pode ser um discípulo de Cristo. A importância disto será vista no texto bíblico a ser analisado.

¹A palavra grega é composta por uma forma do verbo “aprender” mais a terminação *-tes*, que indica “aquele que”.

²Se desejar, diga: “Poderíamos usar muitas passagens para aprender o que significa ser um discípulo”. Pode-se ler ou citar algumas passagens enumeradas no parágrafo anterior—e outras como João 13:35 e 15:8. E depois pode-se acrescentar: “Para a lição de hoje, porém, vamos nos concentrar em Lucas 5:1-11”.

No início da história, Jesus estava pregando junto ao mar da Galiléia³. Ali perto estava Simão Pedro, ao lado de seu barco pescador, limpando redes. Ele e seus sócios haviam pescado a noite toda, mas tudo o que tinham para mostrar eram músculos doloridos e redes sujas. Posso ver Pedro, cabisbaixo, escutando Jesus enquanto seus dedos retiravam habilmente as algas e o lodo dos orifícios da rede. Aquele não era o primeiro encontro do pescador com Jesus. Ele havia viajado com Cristo pela Judéia. Todavia, após voltar à província da Galiléia, retomara sua antiga profissão.

Enquanto Jesus pregava, a multidão ia aumentando. Ouvintes curiosos se aglomeravam em torno dEle, empurrando-O cada vez mais para perto do lago, até que as águas cobriram-Lhe as sandálias. Ele foi até o barco de Pedro, ficou em pé dentro dele e pediu que o pescador empurrasse o barco lago adentro. Ali, de um púlpito improvisado na proa, Jesus continuou a discursar.

O que você acha que Pedro fazia sentado no meio do barco, mantendo-o estável? Ele estava escutando. Escutando o quê? O texto bíblico diz que Jesus estava pregando “a palavra de Deus” (v. 1). Não se pode ser um discípulo do Senhor sem ser um estudante da Palavra. Jesus disse: “Tomai sobre vós o meu jugo e *aprendei* de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma” (Mateus 11:29; grifo meu). Alguns indivíduos que afirmam ser discípulos permanecem ignorantes em relação à Bíblia ano após ano—mas não se pode ser um discípulo de Jesus sem ser um

³Lucas diz “o lago de Genesaré”, que é um outro nome para o mar da Galiléia. Veja “Mar da Galiléia” no mapa da página 5.

estudante sério das verdades contidas na Palavra escrita!

É PRECISO ENTENDER UMA COISA (vv. 3–8)

Finalmente, Jesus encerrou o Seu sermão. Ele terminou a audiência com a multidão, mas não com Pedro. Pedro tinha muito potencial, mas também tinha muito a aprender. Era hora da sua próxima lição. Jesus, sendo sempre um professor não-ortodoxo, fez o inesperado. Ele ordenou a Simão: “Faze-te ao largo, e lançaí as vossas redes para pescar” (v. 4).

Simão sabia o que todo bom pescador do mar da Galiléia sabia. A hora de pescar era à noite, quando os peixes subiam para se alimentar—e não durante o dia. O lugar para se pescar era em águas rasas e não no fundo. Além disso, ele deveria gastar suas energias quando houvesse peixes para pescar—não depois de tentar por dez horas ou mais sem sucesso, *não* exausto por ter ficado acordado a noite inteira.

Sendo um pescador experiente, trabalhador e bem sucedido, teria sido natural para Simão sentir pelo menos a uma pitada de ressentimento ao ouvir um carpinteiro (Marcos 6:3) lhe dizer como pescar. (Confesso que não gosto quando pessoas que nunca pregaram me dizem como eu deveria fazer isso.) A resposta de Pedro pode indicar esse sentimento: “Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos...” (v. 5a).

Observemos, porém, a palavra que vem a seguir: “...Mas sob a tua palavra lançarei as redes” (v. 5). Em outras palavras: “Pescamos a noite toda sem sucesso... *apesar disso*, se o Senhor me disser para tentar outra vez, eu vou tentar. Isto pode ir contra tudo o que aprendi em mais de uma década de pesca, mas farei o que o Senhor disser”.

Como Pedro teve essa atitude? A resposta encontra-se no título com o qual ele se dirigiu a Jesus: “Mestre”. No texto original, essa não é a palavra comum para “senhor” e “mestre”⁴. Trata-se de uma palavra especial usada somente por Lucas, uma designação aplicada somente para Jesus (Lucas 8:24, 45; 9:33, 49; 17:13). É um vocábulo composto pelas palavras “colocar-se” e “sobre, acima de”. Refere-se “àquele que está acima”—aquele que possui autoridade total sobre outro. Se Pedro concordava ou não com a ordem de Jesus não era importante. Jesus era o Senhor, e ele era o escravo; estava pronto para obedecer.

Se quisermos ser discípulos de Jesus, temos de aprender uma coisa: precisamos entender que Ele é o Senhor. Nós não damos as instruções para o Se-

⁴Essa palavra é usada para Jesus no versículo 8.

nhor; Ele nos diz o que precisamos fazer. “Senhor” é uma palavra forte. Senhores não dão sugestões; senhores não dão conselhos; senhores dão *ordens*—ordens que devem ser obedecidas pelos servos ou escravos sem questionamento.

Pedro talvez tenha se sentido ridículo ao levar o barco para as águas profundas. É provável que tenha ficado um pouco constrangido ao livrar-se das redes. Pode ser que ele tenha ouvido risos dos outros pescadores que estavam na praia⁵. *Apesar disso*, ele fez o que o Senhor ordenara.

Como o Senhor recompensou tal obediência? Não demorou muito para Pedro sentir um puxão nas cordas. Ele e seus ajudantes começaram a puxar as redes, que estavam abarrotadas de peixes. Os peixes escorregavam com os rabos batendo na água. Quando puxaram com força as redes para dentro do barco, elas começaram a se partir. Freneticamente, fizeram sinais aos companheiros que estavam na praia, para que fossem ajudá-los.

Tiago e João foram no barco deles. Logo, ambos os barcos ficaram cheios de peixes se debatendo escorregadios—tão cheios que corriam risco de afundar⁶. Aqueles não eram os barcos a remo que conhecemos. Eram barcos bem maiores para pescadores profissionais, usados no mar da Galiléia. Os pescadores veteranos nunca tinham visto uma pesca tão grande!

Que revelação deve ter sido aquela para Pedro e os outros pescadores! Mesmo quando o assunto é pescar peixes, nosso Senhor sabe do que se trata!

Na maior parte das vezes, os mandamentos do Senhor fazem sentido para nós, mas não há garantia de que sempre será assim⁷. A questão não é se “faz sentido para mim”, mas se “é isto o que o Cristo me pediu para fazer”. Se for, que a nossa resposta seja como a de Pedro: “Sob a tua palavra eu o farei”. Se obedecermos, no final descobriremos que o caminho do Senhor é o certo!

É PRECISO RECONHECER UMA COISA

(vv. 8–10a)

Pedro tinha visto Jesus realizar alguns milagres impressionantes. Ele viu Jesus transformar água em

⁵Centenas de pescadores pescavam no mar.

⁶O versículo 7 diz que os barcos “encheram... a ponto de quase irem a pique”, mas tudo indica que não afundaram realmente. Talvez os pescadores tivessem que redistribuir a carga ou fazer algum ajuste.

⁷Se quiser, dê alguns exemplos de ordens divinas que não fazem sentido: marchar ao redor das muralhas de Jerico ou mergulhar sete vezes no Jordão. Para alguns, o batismo como imersão ou a necessidade de tomar a ceia do Senhor todo primeiro dia da semana parecem ilógicos.

vinho (João 2:1–11); viu Jesus curar o filho de um nobre (João 4:46–54). Esteve presente para ver Cristo fazer muitos outros sinais e prodígios (veja João 2:23; 3:2), mas nenhum dos outros milagres o afetou como esse da pesca maravilhosa. Esse milagre envolvia a profissão de Simão; dizia respeito exatamente ao modo de vida dele e fez-lo ver que Jesus é Senhor de *tudo*.

Quando Pedro viu Jesus sob uma nova luz, ele também se viu sob uma nova luz. De repente, sentiu-se dominado por suas próprias deficiências. Ele “prostrou-se aos pés de Jesus”—no meio do monte de peixes saltitantes—e disse: “Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador” (v. 8). Pedro reagiu como as pessoas sempre reagem quando se vêem confrontadas repentinamente pelo poder e glória de Deus (Gênesis 18:27; Jó 42:4; Isaías 6:5).

Para ser um discípulo de Jesus, é preciso reconhecer duas verdades: em primeiro lugar, é preciso reconhecer que *Ele* é tudo. Vejamos como Pedro se dirigiu a Jesus ao confessar sua pecaminosidade: Ele O chamou de “Senhor”. Paulo disse que, para sermos salvos, temos de, “com a nossa boca, confessar Jesus como Senhor” (Romanos 10:9). Em segundo lugar, ao reconhecer que Ele é tudo, é preciso reconhecer que *nós* não somos nada. Precisamos admitir que necessitamos dEle.

Num homem “cheio de si”⁸ não há lugar para o Senhor. Jesus não pode usar os que dizem: “Senhor, veja como eu sou bom! Veja como sou inteligente, talentoso, bem sucedido! Espero que o senhor calcule quanto posso realizar!” Cristo só pode usar os que caem aos Seus pés, reconhecendo sua fraqueza e dependência dEle. Emprestando as palavras de alguém, você precisa estar pronto para dizer: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lucas 18:13b).

É PRECISO MUDAR UMA COISA (v. 10b)

Quando Pedro viu o abismo que o separava de Jesus, ele disse: “Senhor, retira-te de mim” (v. 8). Felizmente, Jesus não foi condizente com esse pedido. Pelo contrário, Ele trouxe Pedro para mais perto dEle com um desafio especial. “Disse Jesus a Simão: Não temas; doravante serás pescador de homens” (v. 10b). A expressão “serás pescador” está no tempo presente, indicando ação contínua. Não seria uma aventura única, mas uma profissão para toda a vida. Além disso, a palavra grega traduzida por “pesca-

⁸“Cheio de si” significa “cheio de orgulho”. Se não for uma expressão comum aos seus ouvintes, substitua por outra com sentido semelhante.

dor” significa literalmente “pescar vivo”⁹. Eles levariam homens até Jesus, o qual “dá vida ao mundo” (João 6:33). Mateus registra o chamado nos seguintes termos: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mateus 4:19; veja Marcos 1:17).

O desafio a Pedro foi reprogramar, redirecionar a sua vida. Ele havia se concentrado na pesca de peixes; agora sua vida se concentraria na pesca de homens.

Jesus chama agricultores para semearem a semente do reino (a Palavra; Lucas 8:11)¹⁰. Jesus chama comerciantes para falarem aos homens da “pérola de grande valor” (Mateus 13:46; o evangelho). Jesus chama carpinteiros para edificarem a Sua casa (a igreja; veja Mateus 16:18; 1 Timóteo 3:15). Jesus chama médicos para trabalharem com o Grande Médico na cura das almas (João 12:40). Qualquer que seja a sua profissão ou a sua área de interesse na vida, para ser discípulo de Jesus, você precisa reprogramar, redirecionar a sua vida. Quando você mudar o foco da sua vida, haverá uma mudança na ênfase e nas prioridades.

Um amigo meu, Floyd Schubert, tinha uma empresa de artigos escolares bem sucedida. Na mesa dele havia uma placa com os dizeres: “Meu negócio é servir a Deus. Vendo lápis para pagar as contas”.

É PRECISO ABRIR MÃO DE UMA COISA (v. 11)

Como observamos, Pedro já tinha viajado com Jesus antes, e seus amigos também. Agora Jesus estava chamando todos eles para ingressarem num novo nível de discipulado: segui-IO em tempo integral¹¹. Para fazer isto, teriam de deixar seus barcos, redes e peixes. Teriam de abandonar muitas coisas que eram importantes para eles. Teriam de abrir mão de uma renda estável e uma segurança financeira.

Pelo que tudo indica, aqueles homens possuíam um negócio de pesca de proporções respeitáveis. Já vimos que os sócios tinham mais de um barco de pesca. Tiago e João tinham empregados contratados (Marcos 1:20). A mãe de Tiago e João foi uma das mulheres que mais tarde apoiou financeiramente Jesus e Seus discípulos (Mateus 27:55, 56; Lucas 8:3). João era conhecido do sumo sacerdote (João 18:15); ele e sua família provavelmente tinham negócios

⁹Minha Bíblia interlinear traz esta tradução literal do grego: “serás pescador de homens vivos”.

¹⁰Costumo apresentar aqui uma lista de profissões comuns na minha região; faça o mesmo conforme a sua região.

¹¹Veja a exposição sobre os três estágios do discipulado na lição “Ao Norte, Rumo à Galiléia”.

com o oficial religioso. Agora que estava altamente lucrativo, o negócio teria de ser deixado para trás.

Era pedir muito—mas evidentemente os homens não pensaram que o pedido de Jesus era demais. Lemos no versículo 11: “E, arrastando eles os barcos sobre a praia, deixando tudo, o seguiram”. Marcos nos diz que Pedro e seu irmão André “deixaram imediatamente as redes e o seguiram” (1:18), e que Tiago e João “deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus” (v. 20).

Tenho ouvido algumas pessoas contestarem: “Mas o Senhor com certeza não exige isso de todo discípulo”. Em Lucas 14 Jesus disse a um grupo de candidatos a seguidores: “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo” (v. 33). Tenho trabalhado com várias escolas de treinamento para pregadores, conheci muitos homens que desistiram de negócios lucrativos e empregos de altos salários—homens que venderam tudo o que possuíam para freqüentar uma escola bíblica e aprender como ensinar e pregar a Palavra de Deus.

Os contestadores também indagam: “Mas e quanto àqueles de nós que não planejam ser pregadores em tempo integral?” Minha resposta é que todos nós precisamos nos dispor a “desistir de uma coisa”: precisamos desistir de qualquer coisa que se coloque entre nós e o serviço de todo o coração prestado ao Senhor¹². Em Mateus 16:24 Jesus enfatizou: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (grifo meu).

Também precisamos estar dispostos a confiar que o Senhor cuidará de nós, aconteça o que acontecer. Quando Pedro, André, Tiago e João seguiram Jesus partindo do mar da Galiléia, estavam confiantes que Ele supriria suas necessidades assim como havia suprido na grande pesca. Às vezes, não confiamos no Senhor como deveríamos. Conheço homens que dizem: “Se eu desistisse de fazer os negócios do jeito que eu fazia antes de me tornar cristão, eu nunca teria ganhado dinheiro na vida! Minha família morreria de fome”. Jesus prometeu que se O colocarmos em primeiro lugar, teremos as necessidades da vida supridas (Mateus 6:33). Paulo escreveu: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em

¹²Talvez você queira inserir o forte ensino de Mateus 18:8 e 9 (veja também Mateus 5:29, 30). Esta passagem não ensina auto-mutilação, e sim o princípio de que você precisa “cortar” (livrar-se de) qualquer coisa que o faça desobedecer a Deus.

glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Filipenses 4:19)¹³.

Certa vez Pedro disse a Jesus: “Eis que nós tudo deixamos e te seguimos” (Marcos 10:28). Jesus, então, deu-lhe a seguinte certeza:

Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o centuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna (vv. 29, 30).

Não importa o que você tenha abandonado para ser um discípulo de Cristo, você jamais excederá a generosidade do Senhor.

É PRECISO FAZER UMA COISA (V. 11)

Temos de mencionar um último requisito para ser discípulo de Jesus. Esta exigência óbvia está implícita na palavra “discípulo” e já nos deparamos com ela no texto bíblico de Lucas—mas ela tem de ser mencionada exclusivamente: é preciso *fazer* uma coisa. Especificamente, é preciso *seguir* Jesus. O texto bíblico diz que Pedro e os demais deixaram “tudo” e “o seguiram” (v. 11; grifo meu). Mateus e Marcos reforçam que os quatro homens deixaram seus barcos e redes “e o seguiram” (Mateus 4:20, 22; Marcos 1:18, 20; grifo meu). Disse Jesus: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mateus 16:24; grifo meu).

Seguir Jesus não foi fácil para Pedro e os demais. Os discípulos experimentaram exaustão, animosidade e, finalmente, a morte por terem seguido Jesus. Apesar de tudo isso, eles haviam assumido um compromisso e seguiram a Cristo onde quer que Ele os quisesse levar¹⁴.

Alguns de vocês ainda não se tornaram discípulos de Jesus. Vocês precisam crer em Jesus como aquele que morreu por vocês, que pode salvá-los dos seus pecados. Cristo (e não eu) disse: “...se não crerdes que Eu Sou [o Messias], morrereis nos vossos pecados” (João 8:24). A ordem do Mestre (e não mi-

¹³No momento em que escrevo estas linhas, tenho ciência de que nunca fui testado como alguns cristãos em outros países já foram testados. Para seguir Jesus, eles tiveram de abandonar literalmente tudo o que era precioso para eles. Para serem discípulos de Jesus, eles tiveram de viver à beira da pobreza e/ou miséria. Meu coração se compadece desses, e só posso dizer: “Deus os abençoe por deixarem um exemplo bom para o restante de nós!”

¹⁴Estou ciente da fraqueza dos apóstolos e do fato de que eles tiveram de amadurecer na sua compreensão de tudo o que estava envolvido em seguir a Jesus. Ainda assim, o resultado final foi esse afirmado na frase.

nha) é crer e ser batizado (imerso em água) para ser salvo (Marcos 16:16; veja Mateus 28:18). Assim que você se torna cristão, você precisa segui-LO por toda a sua vida. Ele deixou “exemplo para seguirmos os seus passos” (1 Pedro 2:21). Nem sempre será fácil (Atos 14:22), mas esse é o “requisito mínimo” para ser um discípulo de Cristo!

CONCLUSÃO

Vimos vários requisitos do discipulado.

É preciso aprender uma coisa: temos de ser estudantes da Palavra.

É preciso entender uma coisa: temos de entender que Jesus é o Senhor das nossas vidas.

É preciso reconhecer uma coisa: temos de admitir nossas deficiências e dependência de Cristo.

É preciso mudar uma coisa: temos de mudar o foco das nossas vidas. Temos de viver para glorificar o Senhor e levar outros até Ele.

É preciso abrir mão de uma coisa: temos de estar dispostos a abrir mão de qualquer coisa que nos impeça de servir de todo o coração, e estar prontos a confiar no Senhor.

É preciso fazer uma coisa: temos de estar prontos para segui-LO aonde quer que Ele queira nos levar.

Você preenche esses requisitos para ser discípulo de Cristo?¹⁵

¹⁵Quando você usar este sermão, incentive seus ouvintes a fazerem o que for necessário para se qualificarem como discípulos. Amplie o último parágrafo da lição.

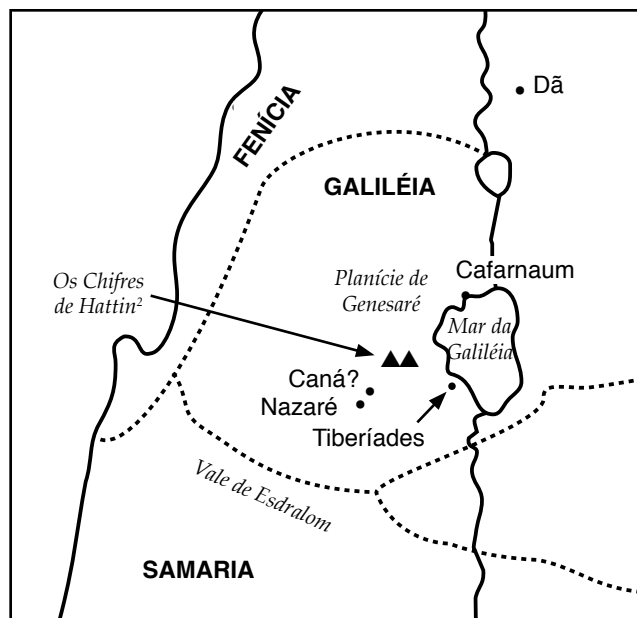
O Mar da Galiléia

O mar da Galiléia fica no extremo norte do vale do rio Jordão. Era chamado de mar de Quinerete (ou Quinerote) no Antigo Testamento (Números 34:11; Josué 12:3; 13:27), em referência a uma cidade e distrito fortificado (Josué 19:35; 1 Reis 15:20). Geralmente, é chamado de mar da Galiléia no Novo Testamento, em referência à província da Galiléia. Lucas referiu-se a ele como o lago de Genesaré (Lucas 5:1); Genesaré era uma região ao oeste do lago (Mateus 14:34). O mar foi mais tarde chamado de mar de Tiberíades (João 6:1; 21:1), um nome tirado de uma cidade fundada na sua margem ocidental. Para evitar confusão, vamos nos referir a esse conjunto de águas como o mar da Galiléia.

O mar tem o formato de pêra, medindo aproximadamente 20km x 10km e está a cerca de duzentos metros abaixo do nível do mar. O ponto mais fundo tem cerca de cinquenta metros. É cercado de colinas e montanhas, que vão de dezoito e trinta metros de altura. Às vezes, o ar frio das elevações maiores sopra contra o lago, levantando grandes ondas.

Como o mar recebe e também emana água, suas águas são refrescantes e límpidas, com peixes em abundância (em contraste com o mar Morto). Na época de Cristo, era cercado de povoados, que forneciam mercados imediatos para os peixes retirados de suas profundezas. “Milhares de barcos de pesca,

transporte e passeio navegavam pela superfície do lago, de maneira que toda a região era um foco de energia e prosperidade¹.”



¹James Stalker, *The Life of Jesus Christ* (“A Vida de Jesus Cristo”). Chicago: Fleming H. Revell Co., 1981, p. 59.

Atribuição de Leitura nº. 6

Mateus 4:23–25; 8:2–4, 14–17; 9:2–9;
Marcos 1:21–45; 2:1–14;
Lucas 4:31–44; 5:12–28

Mateus 4:23–25

²³Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo.

²⁴E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e parálíticos. E ele os curou.

²⁵E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam.

Mateus 8:2–4

²E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me.

³E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra.

⁴Disse-lhe, então, Jesus: Olha, não o digas a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho ao povo.

Mateus 8:14–17

¹⁴Tendo Jesus chegado à casa de Pedro, viu a sogra deste acamada e ardendo em febre.

¹⁵Mas Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo.

¹⁶Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele meramente com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes;

¹⁷para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

Mateus 9:2–9

²E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado num leito. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados.

³Mas alguns escribas diziam consigo: Este blasfema.

⁴Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Por que cogitais o mal no vosso coração?

⁵Pois qual é mais fácil? Dizer: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda?

⁶Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados — disse, então, ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.

⁷E, levantando-se, partiu para sua casa.

⁸Vendo isto, as multidões, possuídas de temor, glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens.

⁹Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu.

Marcos 1:21–45

²¹Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga.

²²Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

²³Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou:

²⁴Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!

²⁵Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai desse homem.

²⁶Então, o espírito imundo, agitando-o violentamente e bradando em alta voz, saiu dele.

²⁷Todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!

²⁸Então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galiléia.

²⁹E, saindo eles da sinagoga, foram, com Tiago e João, diretamente para a casa de Simão e André.

³⁰A sogra de Simão achava-se acamada, com febre; e logo lhe falaram a respeito dela.

³¹Então, aproximando-se, tomou-a pela mão; e a febre a deixou, passando ela a servi-los.

³²À tarde, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados.

³³Toda a cidade estava reunida à porta.

³⁴E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era.

³⁵Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava.

³⁶Procuravam-no diligentemente Simão e os que com ele estavam.

³⁷Tendo-o encontrado, lhe disseram: Todos te buscam.

³⁸Jesus, porém, lhes disse: Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim.

³⁹Então, foi por toda a Galiléia, pregando nas sinagogas deles e expelindo os demônios.

⁴⁰Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me.

⁴¹Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo!

⁴²No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo.

⁴³Fazendo-lhe, então, veemente advertência, logo o despediu

⁴⁴e lhe disse: Olha, não digas nada a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo.

⁴⁵Mas, tendo ele saído, entrou a propalar muitas coisas e a divulgar a notícia, a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos; e de toda parte vinham ter com ele.

Marcos 2:1–14

¹Dias depois, entrou Jesus de novo em Cafarnaum, e logo correu que ele estava em casa.

²Muitos afluíram para ali, tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar; e anunciava-lhes a palavra.

³Alguns foram ter com ele, conduzindo um paralítico, levado por quatro homens.

⁴E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram o eirado no ponto correspondente ao em que ele estava e, fazendo uma abertura, baixaram o leito em que jazia o doente.

⁵Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados.

⁶Mas alguns dos escribas estavam assentados ali e arrazoavam em seu coração:

⁷Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?

⁸E Jesus, percebendo logo por seu espírito que eles assim arrazoavam, disse-lhes: Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração?

⁹Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?

¹⁰Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico:

¹¹Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.

¹²Então, ele se levantou e, no mesmo instante, tomando o leito, retirou-se à vista de todos, a ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus, dizendo: Jamais vimos coisa assim!

¹³De novo, saiu Jesus para junto do mar, e toda a multidão vinha ao seu encontro, e ele os ensinava.

¹⁴Quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu.

Lucas 4:31–44

³¹E desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e os ensinava no sábado.

³²E muito se maravilhavam da sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade. 105

³³Achava-se na sinagoga um homem possesso de um espírito de demônio imundo, e bradou em alta voz:

³⁴Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!

³⁵Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai deste homem. O demônio, depois de o ter lançado por terra no meio de todos, saiu dele sem lhe fazer mal.

³⁶Todos ficaram grandemente admirados e comentavam entre si, dizendo: Que palavra é esta, pois, com autoridade e poder, ordena aos espíritos imundos, e eles saem?

³⁷E a sua fama corria por todos os lugares da circunvizinhança.

³⁸Deixando ele a sinagoga, foi para a casa de Simão. Ora, a sogra de Simão achava-se enferma, com febre muito alta; e rogaram-lhe por ela.

³⁹Inclinando-se ele para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou; e logo se levantou, passando a servi-los.

⁴⁰Ao pôr-do-sol, todos os que tinham enfermos de diferentes moléstias lhos traziam; e ele os curava, impondo as mãos sobre cada um.

⁴¹Também de muitos saíam demônios, gritando e dizendo: Tu és o Filho de Deus! Ele, porém, os repreendia para que não falassem, pois sabiam ser ele o Cristo.

⁴²Sendo dia, saiu e foi para um lugar deserto; as multidões o procuravam, e foram até junto dele, e instavam para que não os deixasse.

⁴³Ele, porém, lhes disse: É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado.

⁴⁴E pregava nas sinagogas da Judéia.

Lucas 5:12–28

¹²Aconteceu que, estando ele numa das cidades, veio à sua presença um homem coberto de lepra; ao ver a Jesus, prostrando-se com o rosto em terra, suplicou-lhe: Senhor, se quiseres, podes purificar-me.

¹³E ele, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E, no mesmo instante, lhe desapareceu a lepra.

¹⁴Ordenou-lhe Jesus que a ninguém o dissesse, mas vai,

disse, mostra-te ao sacerdote e oferece, pela tua purificação, o sacrifício que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo.

¹⁵Porém o que se dizia a seu respeito cada vez mais se divulgava, e grandes multidões afluíam para o ouvirem e serem curadas de suas enfermidades.

¹⁶Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava.

¹⁷Ora, aconteceu que, num daqueles dias, estava ele ensinando, e achavam-se ali assentados fariseus e mestres da Lei, vindos de todas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém. E o poder do Senhor estava com ele para curar.

¹⁸Vieram, então, uns homens trazendo em um leito um paralítico; e procuravam introduzi-lo e pô-lo diante de Jesus.

¹⁹E, não achando por onde introduzi-lo por causa da multidão, subindo ao eirado, o desceram no leito, por entre os ladrilhos, para o meio, diante de Jesus.

²⁰Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Homem, estão perdoados os teus pecados.

²¹E os escribas e fariseus arrazoavam, dizendo: Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?

²²Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: Que arrazoais em vosso coração?

²³Qual é mais fácil, dizer: Estão perdoados os teus pecados ou: Levanta-te e anda?

²⁴Mas, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico: Eu te ordeno: Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa.

²⁵Imediatamente, se levantou diante deles e, tomando o leito em que permanecera deitado, voltou para casa, glorificando a Deus.

²⁶Todos ficaram atônitos, davam glória a Deus e, possuídos de temor, diziam: Hoje, vimos prodígios.

²⁷Passadas estas coisas, saindo, viu um publicano, chamado Levi, assentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me!

²⁸Ele se levantou e, deixando tudo, o seguiu.

“Como quem tem autoridade”

Leitura Bíblica 6

IV. DA PRIMEIRA À SEGUNDA PÁSCOA (continuação).

- H. Em Cafarnaum: a cura de um endemoninhado na sinagoga (Marcos 1:21–28; Lucas 4:31–37).
- I. Em Cafarnaum: a cura da sogra de Pedro e de outros (Mateus 8:14–17; Marcos 1:29–34; Lucas 4:38–41).
- J. Na Galiléia: o primeiro ensino de Jesus e a viagem de curas (Mateus 4:23–25; Marcos 1:35–39; Lucas 4:42–44).
- K. Na Galiléia: a cura de um leproso—e a conseqüente agitação (Mateus 8:2–4; Marcos 1:40–45; Lucas 5:12–16).
- L. De volta a Cafarnaum: a cura de um paralítico (Mateus 9:2–8; Marcos 2:1–12; Lucas 5:17–26).
- M. Próximo a Cafarnaum: o chamado de Mateus (Mateus 9:9; Marcos 2:13, 14; Lucas 5:27, 28).

INTRODUÇÃO

Esta lição abarca a primeira viagem de Jesus pela Galiléia e alguns acontecimentos ocorridos em Cafarnaum e após a viagem. Os incidentes comentados nesta apresentação justificam o uso do adjetivo “grande” na expressão “o grande ministério na Galiléia”.

Uma palavra chave do texto que estaremos estudando é “autoridade”. Quando Jesus falou na sinagoga em Cafarnaum, as pessoas “maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem *autoridade* e não como os escribas” (Marcos 1:22; grifo meu). Jesus não causou admiração nos presentes somente pelo Seu ensino, mas também pelos Seus atos. Quando Ele expulsou um demônio, “todos ficaram grandemente admirados e comentavam entre si, dizendo: Que palavra é esta, pois, com *autoridade* e poder, ordena aos espíritos imundos, e eles saem?” (Lucas 4:36; grifo meu).

As demonstrações notáveis de autoridade colocaram Jesus num curso de colisão com líderes religiosos judeus. Nesta lição, veremos a primeira confrontação cara a cara de Cristo com Seus críticos. Enquanto Se preparava para curar um homem paralítico, Ele fez a audaciosa alegação de que “o Filho do Homem [falando de Si mesmo] tem sobre a terra *autoridade*¹ para perdoar pecados” (Mateus 9:6; grifo meu). Quando o paralítico andou, as multidões, “possuídas de temor, glorificaram a Deus, que dera tal *autoridade* aos homens” (Mateus 9:8; grifo meu).

¹O termo “autoridade” também aparece em Marcos 1:22, 27.

“COMO QUEM TEM AUTORIDADE” EM CAFARNAUM (MATEUS 8:14–17; MARCOS 1:21–34; LUCAS 4:31–41)

Ensinando com Autoridade (Marcos 1:21, 22; Lucas 4:31, 32)

Quando Jesus começou Seu ministério na Galiléia, Ele encontrou um público pronto nas sinagogas, cujas reuniões aconteciam em quase todas as cidades² (veja Lucas 4:15). Nas sinagogas, após as Escrituras serem lidas, o responsável pelo culto³ poderia chamar qualquer um presente (qualquer que julgasse qualificado) para comentar a passagem.

No sábado após Jesus chamar os quatro pescadores, Ele e Seus discípulos participaram do culto na sinagoga em Cafarnaum⁴. No devido momento, Cristo teve permissão para falar. Aqueles que O ouviram “maravilharam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Marcos 1:22; veja Lucas 4:32). Os escribas⁵ não falavam baseados em sua própria autoridade; pelo contrário, citavam autoridades infinitas que haviam falado sobre o assunto. A Bíblia Viva parafraseia esse versículo assim: “O auditório ficou admirado do seu sermão, porque Ele falava com

²Veja um breve comentário sobre as sinagogas na lição “O Mundo para o qual Cristo Veio” da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”.

³O homem responsável era chamado “chefe” da sinagoga (Marcos 5:36, 38; Lucas 8:41; 13:14).

⁴As ruínas do alicerce de uma sinagoga do primeiro século em Cafarnaum ainda podem ser vistas hoje.

⁵Veja um breve comentário sobre os escribas na lição “O Mundo para o qual Cristo Veio” da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”.

autoridade, e não procurava provar seus pontos de vista citando os outros—ao contrário do que eles estavam acostumados a ouvir”⁶.

Exorcizando com Autoridade (Marcos 1:23–28; Lucas 4:33–37)

Os cultos nas sinagogas, em geral, tinham como característica um decoro básico, mas enquanto Jesus estava falando, o silêncio foi interrompido por um grito:

Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou: Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo⁸ de Deus! (Marcos 1:23, 24).

Lucas nos diz que o “espírito imundo” era um demônio (4:33, 35). “Demônio” é uma transliteração do grego *daimonion*⁹. Demônios são seres sobrenaturais malignos—subordinados¹⁰ a Satanás, dedicados a cumprir sua vontade¹¹. Na época do Novo Testamento, demônios podiam possuir indivíduos contra sua vontade¹². Eruditos liberais negam que havia possessão demoníaca nos dias de Cristo, dizendo que as doenças físicas eram atribuídas a espíritos maus por pessoas supersticiosas. Todavia, o Dr. Lucas fez uma distinção entre os que possuíam doenças físicas e “os afligidos por espíritos maus”, ou os possuídos por demônios¹³. O fenômeno da possessão demoníaca deu a Jesus uma oportunidade extra de demonstrar o Seu poder e de mostrar a Sua compaixão. Marcos 1 e Lucas 4 relatam o pri-

meiro incidente registrado de Jesus expulsando um demônio.

Quando o demônio interrompeu Jesus, este re-preendeu o espírito imundo. O demônio encheu-se de raiva, atirando seu hospedeiro no chão, retorcendo o seu corpo com convulsões e fazendo-o gemer. Finalmente, porém, o espírito “saiu dele sem lhe fazer mal” (Lucas 4:35). A Bíblia Viva parafraseia assim: “sem fazer-lhe mais nenhum mal”.

As pessoas presentes ficaram admiradas, e “então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galiléia” (Marcos 1:28)¹⁴.

Curando com Autoridade (Mateus 8:14–17; Marcos 1:29–34; Lucas 4:38–41)

Após o culto na sinagoga, Jesus e Seus quatro discípulos foram para a casa de Pedro e André (Marcos 1:29)¹⁵. Ali encontraram a sogra¹⁶ de Pedro doente na cama ardendo em febre. Jesus tomou-a pela mão, ergueu-a e a febre cessou. “E logo se levantou, passando a servi-los” (Lucas 4:39). A Bíblia Viva parafraseia o versículo com as palavras: “e ela se levantou e preparou a comida para eles!”

Nesse ínterim, espalhou-se a notícia do que acontecera na sinagoga. Então, após o pôr-do-sol¹⁷, “todos os que tinham enfermos de diferentes moléstias lhos traziam; e ele os curava, impondo as mãos sobre cada um” (Lucas 4:40). Jesus também expulsou espíritos imundos. “Também de muitos saíam demônios, gritando e dizendo: Tu és o Filho de Deus! Ele, porém, os repreendia para que não falassem, pois sabiam ser ele o Cristo” (Lucas 4:41; veja 4:34; Marcos 1:24).

De alguma forma, os demônios sabiam quem era Jesus (veja Tiago 2:19). O demônio na sinagoga havia se referido a Jesus como “o Santo de Deus”. Recentemente, vi estas palavras numa camiseta: “Cinco em cada cinco demônios concordam: Jesus é

⁶À medida que prosseguirmos neste estudo, ouviremos Jesus proclamar: “Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo...” (Mateus 5:27, 28).

⁷Veja os comentários sobre Mateus 8:29 na edição “A Vida de Cristo—Parte 5”.

⁸“O Santo” era uma das designações do Messias prometido (Salmos 16:10; Atos 2:27).

⁹Não se confunda esse termo com “diabos”, visto que só existe um diabo (*diabolos*), Satanás.

¹⁰Em Mateus 12:22–29, Satanás é citado como “príncipe dos demônios”.

¹¹Veja informações adicionais sobre demônios no artigo “Demônios: seres sobrenaturais malignos”, na edição “Atos, 3” de *A Verdade para Hoje*.

¹²Hoje isto não acontece mais. Veja o artigo citado na nota de rodapé acima.

¹³Veremos essa distinção posteriormente na lição. Os outros escritores dos relatos do evangelho fizeram a mesma distinção. J. W. McGarvey escreveu: “Seria impossível considerar possessão demoníaca como uma mera doença sem violar a linguagem usada em cada exemplo de expulsão de um demônio” (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 167).

¹⁴Observe-se que as autoridades religiosas locais não criticaram Jesus por curar no sábado. Essa crítica partiria dos representantes de Jerusalém.

¹⁵Mateus e Lucas referem-se a esse lugar apenas como a casa de Simão Pedro (veja Mateus 8:14; Lucas 4:38). Observe-se que anteriormente Betsaida fora chamada de “a cidade de André e Pedro” (João 1:44). Ou eles haviam se mudado para Cafarnaum, ou Betsaida era perto de Cafarnaum o bastante para ser considerada um subúrbio.

¹⁶Contrário ao dogma humano que se refere a Pedro como “o primeiro papa”, ele foi casado por muitos anos (1 Coríntios 9:5).

¹⁷O povo pode ter esperado até o pôr-do-sol porque o sábado terminava com o pôr-do-sol e as pessoas não queriam violar a proibição de carregar peso no sábado (veja Jeremias 17:22).

o Filho de Deus!” É triste que demônios reconheçam a divindade de Jesus enquanto muitos seres humanos recusam-se a isso.

Por que Jesus não permitiu que os espíritos imundos dissessem quem Ele era? É provável que haja muitas razões¹⁸, mas talvez uma razão preponderante seja que Ele não queria parecer de maneira alguma aliado aos demônios. No final, Ele seria acusado de expulsar demônios pelo poder de Belzebu—ou seja, do diabo (Mateus 12:24).

“COMO QUEM TEM AUTORIDADE” NA GALILÉIA (MATEUS 4:23–25; 8:2–4; MARCOS 1:35–45; LUCAS 4:42–44; 5:12–16)

Autoridade e Visão

Na manhã seguinte, bem cedo, Jesus saiu de Cafarnaum para um lugar retirado, a fim de orar (Marcos 1:35). Embora Ele fosse divino, precisava ficar sozinho com Seu Pai. Você e eu temos uma necessidade semelhante.

Os discípulos de Jesus puseram-se a procurá-lo e disseram: “Todos te buscam” (Marcos 1:37). Eles se empolgaram com o fato de Jesus ter feito tanto sucesso em Cafarnaum—mas a visão de Jesus era maior do que uma cidade. Ele planejava pregar em todas as cidades da Galiléia (Marcos 1:38). Naquele momento, uma multidão procedente de Cafarnaum achou-O. Insistiram para que Ele ficasse, mas já tinha tomado a decisão contrária (Lucas 4:42, 43). E assim Ele e Seus discípulos prosseguiram na primeira viagem pela Galiléia.

Em largura e comprimento, a província da Galiléia se estendia por uma área de cerca de cem por cinquenta quilômetros. Incluía centenas de cidades. A viagem deve ter levado vários meses. Aqui está o relatório abreviado de Mateus sobre o sucesso da viagem:

Percorria Jesus toda a Galiléia¹⁹, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo.

¹⁸Por exemplo, consideremos estas razões: 1) era cedo demais para proclamar abertamente que Ele era o Cristo, e 2) não convinha que as forças do mal fossem as principais testemunhas de quem Ele era.

¹⁹Lucas 4:44 diz: “E pregava nas sinagogas da Judéia”. Neste versículo, “Judéia” não se refere evidentemente à província da Judéia, mas ao país inteiro da Palestina. Uma nota marginal na *New American Standard Bible* explica “Judéia” como “o país dos judeus (incluindo a Galiléia); alguns manuscritos contêm *Galiléia*”.

E a sua fama correu por toda a Síria²⁰; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados²¹, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam (Mateus 4:23–25).

Autoridade e Compaixão

Um milagre sobre essa viagem de pregação está registrado com detalhes: a cura de um leproso. A lepra era uma das doenças mais temíveis. O termo aparentemente incluía uma variedade de moléstias que afetavam a pele e o sistema nervoso, além da doença denominada atualmente de hanseníase²². A doença era contagiosa e geralmente considerada incurável²³. Os leprosos tinham de se isolar e evitar contato com o restante da população (Levítico 13:45, 46).

Enquanto Jesus viajava, um leproso veio até Ele. Lucas observou que o homem estava “coberto de lepra”²⁴ (Lucas 5:12). Ele estava num estágio avançado da doença: a pele já estava descamando; e provavelmente algumas extremidades estavam já haviam se dilacerado—os dedos, as pontas do nariz e das orelhas. A leproso caiu aos pés de Cristo e começou a suplicar: “Se quiseres, podes purificar-me” (Marcos 1:40). “Profundamente compadecido, [Jesus] estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo! No mesmo instante, Ihe desapareceu a lepra, e ficou limpo” (vv. 41, 42).

Anteriormente, salientamos que Jesus nasceu “sob a Lei” (Gálatas 4:4)²⁵; Ele guardou a lei de Moisés e incentivou outros a fazerem o mesmo. A Lei exigia que o leproso curado fizesse uma viagem até o templo em Jerusalém para os rituais de purificação e para ser vistoriado pelos sacerdotes (Levítico 14:2–32). Jesus ordenou então ao homem: “Mostra-

²⁰A Síria ficava ao norte da Galiléia. (Veja o mapa “Palestina.”) Evidentemente, os viajantes levavam notícias da Galiléia para a Síria.

²¹Observe-se que Mateus faz uma distinção entre “doentes” e “endemoninhados”.

²²Alguns dos sintomas não se enquadram nos sintomas do que comumente denominamos hanseníase. (Até residências podiam ter “lepra” nos tempos bíblicos; veja Levítico 14:34, 35.) Uma exposição de duas das principais doenças chamadas lepra nos tempos bíblicos aparece na obra de McGarvey e Pendelton, pp. 176–78.

²³O fato de haver leis que regiam os leprosos purificados sugere que nem todas as variações de “lepra” eram incuráveis—mas com certeza podemos dizer que, em termos gerais, a lepra era considerada incurável.

²⁴O grego diz “cheio de lepra”.

²⁵Veja a lição “Um Menino nos Nascu” da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”.

te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo” (Marcos 1:44b).

Cristo também “fazendo-lhe... veemente advertência... lhe disse: Olha, não digas nada a ninguém” (vv. 43, 44a). Entretanto, o homem empolgado “entrou a propalar muitas coisas e a divulgar a notícia” (v. 45a).

Quando eu era mais jovem, eu pensava que Jesus estivesse usando a psicologia contrária. Eu deduzia: “Que esperto! Jesus disse para o homem não contar nada e isto fez ele querer falar ainda mais!” Agora, eu entendo que isto seria contrário à natureza de Jesus; Ele não seria condescendente com a manipulação de pessoas. Também entendo que Cristo foi sério na ordem que Ele deu. Ele disse aos discípulos que Ele precisava pregar em outras cidades e povoados da Galiléia (Marcos 1:38; Lucas 4:43)—mas, como resultado da publicidade do leproso curado, Jesus não pôde mais “entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos” (Marcos 1:45b).

Aonde quer que Ele fosse, as pessoas O procuravam e “de toda parte vinham ter com ele” (v. 45c). A primeira viagem foi um sucesso absoluto.

“COMO QUEM TEM AUTORIDADE” DE VOLTA A CAFARNAUM (MATEUS 9:2–9; MARCOS 2:1–14; LUCAS 5:17–28)

Autoridade para Perdoar Pecados

Ao término da viagem, Jesus regressou a Cafarnaum—provavelmente à casa de Pedro—para Se recuperar. Ele, porém, não conseguiu descansar muito, pois rapidamente espalhou-se a notícia de que Ele estava outra vez na cidade. A casa onde Ele estava se hospedando logo ficou lotada de pessoas.

Entre os presentes estavam fariseus e escribas (Mateus 9:3; Marcos 2:6; Lucas 5:17, 21). Esses homens eram guardiões autodesignados da Lei e das tradições²⁶.

Alguns deles tinham vindo de Jerusalém (Lucas 5:17). Sacerdotes e levitas vieram de Jerusalém para interrogar João Batista quando sua popularidade aumentou (João 1:19). Agora, escribas e fariseus chegavam ali para investigar Jesus.

Enquanto Jesus estava pregando, quatro homens abriram o telhado da casa e desceram por ali

um amigo paraplético²⁷. O coração de Jesus compadeceu-se do homem, e Ele disse: “Filho, os teus pecados estão perdoados” (Marcos 2:5).

Os críticos de Cristo ficaram espantados. Eles pensaram: “Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?” (v. 7). A palavra “blasfêmia” significa “falar contra”. É geralmente usada para se falar de uma calúnia. (A mesma palavra grega é usada em Tito 3:2 e 2 Pedro 2:2.) Os judeus também usavam a palavra para se referir a qualquer linguagem que agredisse a natureza ou o caráter de Deus. O raciocínio dos escribas e fariseus era o seguinte:

1. Só Deus pode perdoar pecados.
2. Esse homem não é Deus.
3. Portanto, Ele é culpado de blasfêmia.

Não havia nada de errado com a lógica deles; o problema era que a segunda premissa deles estava errada.

E Jesus, percebendo logo por seu espírito que eles assim arrazoavam, disse-lhes: Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração? Qual é mais fácil? Dizer ao paraplético: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados—disse ao paraplético: Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa (vv. 8–11).

Simplificando, Jesus estava usando Sua autoridade sobre a doença para provar que Ele também tem autoridade sobre o pecado.

Quando Cristo disse ao paraplético para se levantar, “ele se levantou e, no mesmo instante, tomando o leito, retirou-se à vista de todos, a ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus, dizendo: Jamais vimos coisa assim!” (v. 12).

O raciocínio dos visitantes de Jerusalém *deveria* ter sido o seguinte:

1. Só Deus pode perdoar pecados.
2. Esse homem *pode* perdoar pecados.
3. Portanto, Ele *é* Deus!

Infelizmente, eles eram preconceituosos, invejosos e egoístas demais para ao menos analisar as alegações de Jesus.

Foi assim que teve início a hostilidade que Jesus enfrentou até ser crucificado. Não demoraria muito para que espiões O seguissem por onde Ele fosse,

²⁶Veja um breve comentário sobre os fariseus na lição “O Mundo para o qual Cristo Veio” de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

²⁷Veja mais detalhes sobre esta história no sermão “Jesus é a resposta”, na edição “Conheça o Mestre, 1”, de *A Verdade para Hoje*.

tentando encontrar alguma impropriedade que pudessem usar para destruí-lo.

Autoridade para Desafiar Homens

Jesus realizara varias coisas que deixaram Seus críticos descontentes: Ele tocou num leproso impuro. Ele indicou que poderia perdoar pecados. E mais um incidente nesta lição incitou a raiva deles: Ele chamou um coletor de impostos para ser um dos Seus discípulos.

Um dos locais favoritos de Cristo nas vizinhanças de Cafarnaum era a praia. Quando Ele foi para lá novamente, multidões o Seguiriam e Ele ensinou a todas (Marcos 2:13).

Perto dali ficava o guichê de pedágio de um coletor de impostos²⁸. O guichê poderia ser perto do lago para coletar os impostos sobre mercadorias e pessoas que cruzavam o mar, ou poderia ser perto de uma estrada²⁹ para coletar impostos sobre produtos comprados em Cafarnaum. O nome do coletor de impostos era Mateus (Mateus 9:9). Ele era filho de Alfeu e também era conhecido como Levi (Marcos 2:14).

Em geral, os coletores de impostos eram odiados pelos judeus. Um compatriota judeu que cooperava com os romanos era considerado um traidor³⁰. Robert L. Thomas escreveu:

Coletores de impostos como Mateus... calculavam o valor das mercadorias dos comerciantes que estavam em trânsito e recolhiam os impostos sobre elas para o governo romano. Índices oscilantes de tarifas permitiam que o coletor recolhesse taxas mais elevadas a fim de aumentar seu próprio lucro. Se Mateus estava ou não entre a maioria desonesta de seus colegas de profissão, não sabemos, mas pertencer a uma classe que havia sido excomungada pelos compatriotas judeus já era o suficiente para torná-lo uma pessoa desprezível.³¹

Jesus provavelmente passou muitas vezes em frente ao guichê de Mateus indo ou vindo do mar da Galiléia. Sem dúvida, o cobrador de impostos, sentado em seu posto, teve muitas oportunidades de ouvir Cristo pregar³². Aquele dia, porém, foi diferente, pois Jesus parou e lhe disse: "Segue-me!" (Marcos 2:14). Assim como o chamado de Pedro,

²⁸O termo na língua original significa "homem do imposto", traduzido na ERC e ERAB por "publicano".

²⁹Afirmamos anteriormente que Cafarnaum não ficava longe de uma estrada de viagem sentido leste-oeste que cruzava a Palestina.

³⁰Veja uma exposição mais detalhada sobre os coletores de impostos na lição "Um Pequeno Pecador", na edição "Coneheça o Mestre, 2" de *A Verdade para Hoje*.

³¹Robert L. Thomas, ed., e Stanley N. Gundry, ed. assoc., *A Harmony of the Gospels* ("Harmonia dos Evangelhos"). Chicago: Moody Press, 1978, p. 55.

³²Não temos informações sobre o relacionamento inicial entre Jesus e Mateus, mas o compromisso de ser discípulo em tempo integral foi, necessariamente, uma decisão registrada.

André, Tiago e João, aquele foi um chamado para um discipulado em tempo integral. Tal qual os pescadores, Mateus "se levantou e, deixando tudo, o seguiu" (Lucas 5:28)³³.

CONCLUSÃO

O grande ministério na Galiléia foi ganhando força. Na próxima lição, continuaremos a estudar sobre esse ministério. Veremos o conflito entre Jesus e os líderes religiosos se intensificar, fomentando a hostilidade que finalmente resultaria na morte de Cristo.

Esta lição reforçou a autoridade de Jesus. A questão da autoridade foi a mais importante em Seu conflito com os oficiais judeus, desde o começo do Seu ministério terreno até o fim. Quando Ele expulsou os cambistas do templo pela primeira vez, eles O interrogaram a respeito de Sua autoridade para "fazer tais coisas" (João 2:18). Durante Sua última semana de vida na terra, eles O desafiariam dizendo: "Dize-nos: com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu esta autoridade?" (Lucas 20:2).

A questão da autoridade também é central para a nossa resposta a Cristo. Após a Sua morte, sepultamento e ressurreição, Ele disse: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mateus 28:18). Você está disposto a aceitar a autoridade de Jesus sobre a sua vida? Submeter-se à autoridade de Jesus envolve mais do que louvor da boca para fora; implica submissão total a Ele. Jesus disse: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mateus 7:21). Você está disposto a aceitar a autoridade de Jesus Cristo—hoje?³⁴

³³Entendamos quanto custou a decisão de Mateus para ele. Os pescadores que deixaram suas redes para seguir Jesus puderam voltar a pescar (veja João 21:3); mas uma vez que Mateus voltasse as costas para seus "patrões" romanos, ele não poderia voltar ao seu trabalho de coletor de impostos. Muitas harmonias colocam o banquete de Mateus imediatamente após seu chamado (Mateus 9:10-13; Marcos 2:15-17; Lucas 5:29-32), e ela se encaixa bem aqui. Se quiser, inclua o banquete nesta altura do estudo.

³⁴Embora este não seja um sermão, se quiser, inclua na lição as condições da salvação tanto para pecadores (aqueles que nunca estiveram em Cristo) como para cristãos infiéis. Os sermões publicados nesta edição intitulados "Deus amou ao mundo de tal maneira" e "O chamado para o discipulado" reforçam como tornar-se cristão. Entre as passagens sobre como um cristão infiel pode ser restaurado estão Atos 8:22 e Tiago 5:16.

“Todos se admiraram e glorificaram a Deus”

O Ministério de Curas de Jesus, Olhando de perto



Os textos sugeridos como leitura bíblica da semana indicam que uma parte importante do ministério de Jesus constituiu-se pelas curas que Ele realizou¹. Por exemplo, na sinagoga em Cafarnaum, Jesus expulsou um espírito imundo de um homem (Marcos 1:21–28; Lucas 4:31–37). Como resultado disso, as pessoas “se admiraram” e “correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galiléia” (Marcos 1:27, 28).

Jesus e Seus discípulos saíram da sinagoga e foram para a casa de Pedro e André. Ali Jesus curou a sogra de Pedro. Naquela tarde, “trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele meramente com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes” (Mateus 8:16; leia vv. 14–17; Marcos 1:29–34; Lucas 4:38–41).

Na manhã seguinte, Jesus deu início à sua viagem de pregação pela província (Mateus 4:23–25; Marcos 1:35–39; Lucas 4:42–44).

Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos.... E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam (Mateus 4:23–25).

Um milagre feito nessa viagem de pregação encontra-se registrado com detalhes: a cura de um leproso (Mateus 8:2–4; Marcos 1:40–45; Lucas 5:12–16). Jesus disse ao leproso curado que não contasse

a ninguém o que aconteceu, mas ele contou. Jesus ficou tão popular “a ponto de não mais poder... entrar publicamente em qualquer cidade... e de toda parte vinham ter com ele” (Marcos 1:45).

Jesus voltou a Cafarnaum—provavelmente para descansar um pouco—mas não conseguiu descansar porque todos afluíram para a casa onde Ele estava hospedado. Foi esse o cenário da cura do homem que desceu pelo telhado (Mateus 9:2–8; Marcos 2:1–12; Lucas 5:17–26). Jesus disse ao homem: “Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Marcos 2:11). Segundo Marcos, o homem “se levantou e, no mesmo instante, tomando o leito, retirou-se à vista de todos, a ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus, dizendo: Jamais vimos coisa assim!” (v. 12). A ERC diz simplesmente: “todos se admiraram e glorificaram a Deus”. O título desta lição foi extraído dessa versão.

Dando continuidade à leitura dos relatos do evangelho, leremos constantemente sobre os milagres de Jesus, incluindo Seus milagres de cura. Pode valer a pena passar um tempo comentando Seus milagres—e especialmente Sua cura dos doentes.

A RACIONALIDADE DOS MILAGRES DE JESUS

Gostaríamos de enfatizar que Jesus realmente fez milagres. Eles aconteceram exatamente como estão registrados em Mateus, Marcos, Lucas e João.

Aqueles que não querem crer na Bíblia e na divindade de Jesus ridicularizam os milagres narrados na Bíblia. “Você realmente acredita que uma baleia engoliu Jonas?”, perguntam. “Você realmente acredita que Jesus alimentou literalmente cinco mil pessoas com alguns pães e peixes?” Alguns que se dizem cristãos não medem esforços para explicar os

¹A panorâmica a seguir abrange toda a leitura da semana, exceto o chamado de Mateus.

milagres—em busca de alguma explicação racional: “Ah, é que aquelas pessoas eram ignorantes e não possuíam o conhecimento que nós possuímos hoje. Chamavam de milagres coisas que realmente não eram milagres”.

Novamente, afirmo que os milagres de Jesus de fato aconteceram conforme encontram-se registrados em Mateus, Marcos, Lucas e João. Existem muitas razões para crer que essa afirmação é verdadeira. Vamos mencioná-las aqui.

Creemos que essa afirmação é verdadeira porque cremos em Deus. Se uma pessoa crê em Deus, ela também precisa crer que “para Deus tudo é possível” (Marcos 10:27).

Creemos que essa afirmação é verdadeira porque cremos na Bíblia. Temos um bom motivo para crer que a Bíblia é inspirada por Deus (2 Timóteo 3:16). No decorrer dos tempos, ela tem demonstrado ser um livro digno de confiança, um livro ao qual podemos confiar plenamente nossas vidas. Essa Bíblia inspirada por Deus nos fala dos milagres de Jesus.

A próxima razão está intimamente relacionada à razão apresentada anteriormente: cremos que essa afirmação é verdadeira porque os milagres de Jesus foram registrados por testemunhas confiáveis. A maneira como foram registrados e o momento em que foram registrados denuncia o fato de que foram registrados por homens racionais, não por homens inconscientes do que realmente aconteceu—e, com certeza, não por homens cuja intenção era enganar.

Creemos que essa afirmação é verdadeira porque os milagres são consistentes com quem Jesus era—ou, se preferir, quem Ele proclamava ser. Jesus alegou ser o Filho de Deus, o Messias, a Luz do Mundo, o Pão da Vida, Aquele que perdoa pecados. Essas alegações eram fora do comum! Alguém que afirma tais coisas ou precisa comprovar a veracidade de suas alegações ou tem de ser desmascarado como um mentiroso. Alguém disse que ou Jesus era um mentiroso, ou um lunático ou o Senhor. Essas são as únicas alternativas. Quem não está disposto a chamar Jesus de mentiroso nem de lunático, precisa reconhecê-lo como Senhor—e Sua capacidade de operar milagres era consistente com tal posição.

Creemos que essa afirmação é verdadeira porque não há outra forma de explicar Jesus e Sua influência sem incluir Seus milagres. Quando eu era universitário², alguns teólogos estavam conduzindo o que chamaram de “A Busca do Jesus Histórico”.

²O autor desta série estudou na Abilene Christian University (na época, Abilene Christian College), na cidade de Abilene, estado norte-americano do Texas.

Eles não acreditavam em milagres—na mente deles, “milagres” eram contra-sensos supersticiosos—por isso estavam tentando destruir os elementos miraculosos da história de Jesus para desvendar “o verdadeiro Jesus” que andou na terra. Acabaram por construir um personagem desconhecido, uns filósofos morais sem formação escolar, que viveu num canto remoto do mundo. Alguém disse que se *esse* “Jesus” tivesse conseguido mudar o curso da história, esse é que seria um milagre maior do que qualquer outro atribuído a Cristo no Novo Testamento! Um dos meus professores, J. D. Thomas, comparou a tentativa desses eruditos com a de descascar uma cebola em busca do seu miolo. Quando se termina de descascar, não sobrou nada. Não se pode explicar Jesus e Sua influência excluindo-se os Seus milagres.

Creemos que os milagres de Jesus realmente aconteceram conforme estão registrados nos relatos do evangelho porque nem mesmo os inimigos de Jesus puderam negar que Ele realizou milagres. Na leitura bíblica desta semana, quando Jesus curou o paralítico, Seus críticos estavam presentes. Jesus lançou um desafio a eles: “Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados—disse ao paralítico: Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Marcos 2:10, 11). Os críticos de Jesus não puderam negar que o homem levantou-se e andou!

Quando chegarmos a João 9, leremos a respeito da cura de um cego de nascença. Os inimigos de Jesus ficaram descontentes com isso e tentaram tirar o mérito de Jesus, mas uma coisa com certeza não fizeram: eles não negaram que havia acontecido um milagre (v. 16).

Em João 11, leremos a respeito da ressurreição de Lázaro. Observemos que os inimigos de Jesus disseram: “Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais?” (v. 47).

Quando Pedro pregou sobre Jesus a seus contrerrâneos judeus no dia de Pentecostes, ele disse: “Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis” (Atos 2:22; grifo meu). Ninguém deteve Pedro e gritou: “Não, Ele não fez nada disso!”

Não foi apenas nos tempos bíblicos que as pessoas não puderam negar que Jesus fez milagres. Nos primórdios do cristianismo, insurgiram homens que escreveram livros com o intuito de destruir o cristianismo. Entre eles estavam Celso, Hiérocles e Juliano, o Apóstata. Quase sem exceção, uma coisa

que eles não fizeram foi negar que Jesus havia realizado milagres.

Além disso, cremos que os milagres de Jesus foram autênticos porque até hoje não podemos explicá-los de outra maneira. Ocasionalmente, alguém diz: “Com certeza, eles pensavam que Jesus estava fazendo milagres, mas havia outros homens ao redor alegando realizar milagres, como Simão, o mágico, e o povo também pensou que *eles* eram operadores de milagres”. Este argumento poderia ter valor não fossem os seguintes fatos: os mesmos que enganavam o povo, que sabiam como ludibriar o povo e utilizar a psicologia coletiva, foram convencidos pelos milagres de Jesus e dos apóstolos. Analise a história de Simão, o mágico, em Atos 8. Também, considere Judas. Judas sabia tudo o que Jesus havia feito. Se Jesus estivesse tapeando as multidões, Judas com certeza saberia disso. Quando Judas decidiu trair Jesus, porém, ele não pôde dizer aos inimigos de Jesus nada que eles pudessem usar contra Ele no tribunal. Tudo o que ele pôde fazer foi dizer-lhes onde encontrar Jesus para que O prendessem.

Alguns contestam: “Bem, mesmo que os relatos sejam confiáveis, mesmo que as coisas realmente tenham acontecido assim, os que escreveram sobre essas coisas não *entenderam* o que estava se passando. Não conheciam as doenças psicossomáticas. Hoje, sabemos que oitenta por cento dos problemas físicos estão relacionados a problemas da mente. É por isso que Jesus tinha o poder de curar”.

Eu jamais negaria que muitas doenças estão relacionadas à mente, mas isto não pode explicar nenhum dos milagres de Jesus: isto não pode explicar a cura do leproso no texto sugerido como leitura da semana. Isto não pode explicar a restauração de membros atrofiados. Isto não pode explicar a cura do cego de nascença. Esse homem não havia nascido com a visão, desenvolvendo mais tarde uma cegueira psicossomática. Ele era cego *de nascença*. O que dizer de Jesus ressuscitar Lázaro após este ter estado morto por três dias e já estar cheirando mal (João 11)? Lázaro apenas pensou que estivera morto por três dias?

Muitos dos milagres de Jesus foram feitos em público. Eles foram feitos diante de pessoas incrédulas. Foram feitos por um longo período e envolveram uma grande variedade de demonstração de poder: poder sobre a natureza, poder sobre a doença, poder sobre demônios, poder envolvendo conhecimento sobrenatural, poder envolvendo criação e poder sobre a morte. Não há como explicar esses feitos de outra maneira.

Jesus realmente...

...curou um paralítico na sinagoga de Cafarnaum!

...curou a sogra de Pedro!

...curou todos que foram até Ele em Cafarnaum—e na Galiléia!

...curou um homem coberto de lepra!

...curou o homem que desceu pelo telhado em Cafarnaum!

A REALIDADE DOS MILAGRES DE JESUS

No restante deste estudo, vejamos de perto os milagres de Jesus—especificamente Suas curas. Encontraremos milagres como esses, vez após vez em nossa leitura.

Os Milagres de Jesus naqueles Dias

Hoje, usamos o termo “milagre” sem a devida propriedade: falamos do “milagre do nascimento”. Dizemos: “Se eu passar no exame, vai ser um milagre”, ou: “Se eu terminar este ano sem ter adquirido uma úlcera, vai ser um milagre”. Biblicamente, porém, a palavra “milagre”, conforme seu uso na Bíblia, tem um significado especial. Não era algo que acontecia todos os dias. Não era algo que resultava de uma lei natural ou de um esforço humano. O milagre era algo sobrenatural porque naquele instante as leis naturais eram postas de lado e o sobrenatural predominava—mas era mais do que isso. Era o sobrenatural operando no mundo natural de uma forma que todos podiam ver e ouvir e reconhecer que havia ocorrido um milagre.

Para demonstrar do que estamos falando, usemos os exemplos de cura sobre os quais lemos esta semana. Podemos ver nestes exemplos vários fatos acerca das curas de Jesus.

Primeiramente, observemos que Jesus não tinha limites para operar milagres. Ele havia recebido o Espírito “sem medida” ou limite (João 3:34).

Ele não estava limitado pela fé dos outros. Às vezes, a pessoa curada tinha fé, como foi o caso do leproso (Mateus 8:2). Às vezes, porém, não havia indício de que a pessoa curada tinha fé. Por exemplo, no caso da cura do homem que desceu pelo telhado, Jesus viu a fé dos quatro amigos, e não do homem enfermo (Mateus 9:2; Marcos 2:5). Aqueles que Jesus ressuscitou dos mortos certamente não demonstraram fé no Seu poder de operar milagres.

Jesus não estava limitado pelos tipos de problemas físicos. Ele tinha poder para curar. Ele curou “*toda sorte* de doenças e enfermidades entre o povo” (Mateus 4:23; grifo meu). No texto da leitura bíblica, Ele curou uma doença tão “simples” como uma febre e também curou um homem “coberto de lepra”

(Lucas 5:12; grifo meu). Ele não selecionou nem escolheu os enfermos que curou. Quando alguém tem um verdadeiro poder de curar, não há limitação quanto a quem ele pode curar e quem ele não pode.

Jesus tampouco estava limitou a um número de pessoas que precisavam ser curadas. Ele pôde curar a todos. Ele não experimentou nenhum fracasso.

E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos... (Mateus 4:24).

...e ele meramente... curou *todos* os que estavam doentes (Mateus 8:16; grifo meu).

...todos os que tinham enfermos de diferentes moléstias lhes traziam; e ele os curava, impondo as mãos sobre *cada um* (Lucas 4:40; grifo meu).

Em segundo lugar, as curas de Jesus tinham certas características diferenciais:

1) A cura era *imediate*. As pessoas não ficavam sãs gradativamente. Em relação ao leproso, lemos: “E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra” (Mateus 8:3c; veja também Marcos 1:42; Lucas 5:13). Em relação ao paralítico, Marcos 2:12 diz: “Então, ele se levantou e, no mesmo instante, tomando o leito, retirou-se à vista de todos” (veja Lucas 5:25)³.

2) A cura era *completa*. As pessoas não eram curadas parcialmente. Isto está ilustrado nos relatos bíblicos lidos esta semana: o homem na sinagoga ficou completamente bem após Jesus expulsar o demônio. A sogra de Pedro ficou completamente bem após Jesus curá-la; ela voltou imediatamente às atividades normais. O leproso não só “melhorou” como ficou purificado. O paralítico na maca pegou o seu leito e saiu andando para fora da casa. À medida que este estudo prosseguir, veremos muitos outros casos: o cego passou a ver, membros atrofiados foram restaurados e pessoas foram ressuscitadas dentre os mortos.

3) A cura era *convincente*. Notamos anteriormente que os milagres de Jesus foram de tal natureza que ninguém pôde negar que eles ocorreram. Alguns tentaram tirar o mérito de Jesus, chegando a dizer que Ele realizava Seus milagres pelo poder de Belzebu; mas não puderam negar que os milagres de fato aconteceram. Por conta disso, as multidões começaram a crescer e a popularidade de Jesus aumentou: “E a sua fama correu... E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e dalém do Jordão nu-

meras multidões o seguiam” (Mateus 4:24, 25). Após Cristo curar o endemoninhado na sinagoga, lemos:

Todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto?... Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem! Então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galiléia (Marcos 1:27, 28).

Após Jesus curar o leproso, “o que se dizia a seu respeito cada vez mais se divulgava, e grandes multidões afluíam para o ouvirem e serem curadas de suas enfermidades” (Lucas 5:15). Talvez o melhor exemplo citado no texto bíblico seja o caso da cura do homem que desceu pelo telhado. Até os inimigos de Jesus não puderam negar que havia acontecido um milagre naquela ocasião.

Outros aspectos das curas de Jesus poderiam ser observados, mas vamos enfatizar mais um: em terceiro lugar, o alvo de Jesus era, sobretudo, espiritual. Seu propósito era salvar almas, e não apenas aliviar o sofrimento. Quando você estava fazendo a sua leitura desta semana, você notou Lucas 4:43? Esse versículo diz: “Ele, porém, lhes disse: É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois *para isso* é que fui enviado” (grifo meu). Ele não disse que fora enviado para curar, e sim para pregar para salvar vidas (veja Lucas 19:10).

Isto não quer dizer que Jesus não se comovia com o sofrimento humano. Quando Ele viu o leproso, Ele ficou “profundamente compadecido” (Marcos 1:41). Isto significa que a maior prioridade de Jesus não era curar ou realizar outros milagres. Ele estava mais preocupado com as almas dos homens, e não com seus corpos. Quando o homem desceu pelo telhado, a primeira coisa que Jesus fez foi perdoar seus pecados (Marcos 2:5).

Os Chamados Milagres de Hoje

Não posso deixar esta parte da discussão sem traçar alguns contrastes. Uma razão para as pessoas não crerem nos milagres de Jesus é que hoje alguns alegam ter o mesmo poder que Jesus e os apóstolos tinham. Quando céticos examinam o que esses impostores fizeram—e determinam que não se tratam de milagres—eles concluem que nem Jesus nem os apóstolos podiam realizar milagres. Todavia, vejamos algumas diferenças entre os milagres de Jesus e os chamados milagres de hoje.

Como vimos, nada limitou Jesus em Seus milagres—nem a fé dos outros, nem o tipo de problema físico, nem ao número de casos. Ao contrário disso, hoje, quando certos homens não conseguem curar

³A rapidez da cura também estava implícita nos demais casos sobre os quais lemos.

alguém, eles geralmente dizem: “Você não teve fé suficiente”. Na verdade, estão dizendo: “Somos limitados pela fé da outra pessoa”. Além disso, vimos que Jesus podia curar toda e qualquer doença, enquanto há doenças que os chamados operadores de cura de hoje nem sequer tentam curar. Não importa a que horas eles conduzam seus “cultos de cura”, determinados enfermos sempre sairão desses cultos sem estar curados.

Façamos especialmente um contraste em relação às três características dos milagres de Jesus: os milagres de Jesus eram, primeiramente, *imediatos* e, sem segundo lugar, *completos*. Os chamados operadores de cura geralmente insistem em que a pessoa “curada” está melhor e continuará melhorando. Se você participar de um desses cultos, não verá membros deformados se recomporem; não verá mortos ressuscitando. A terceira característica é devastadora para aqueles que alegam realizar os mesmos milagres que Jesus realizou. Os milagres de Jesus eram *convincentes*: os milagres de Jesus convenceram Seus inimigos; eles convenceram os céticos; ninguém podia negar que havia ocorrido um milagre. Estive numa “reunião de cura”, e vi muitas outras pela televisão, mas nunca vi um milagre acontecer. Não é difícil negar que milagres estejam ocorrendo hoje.

Finalmente, existe um contraste na ênfase: a ênfase de Jesus nunca foi o físico, o alívio do sofrimento, e sim o homem espiritual. Nos “cultos de cura” que tenho visto, a ênfase e a empolgação se concentram nas doenças físicas.

Novamente digo que um dos obstáculos para convencer os homens de que Jesus realizou milagres são as atuais fraudes de milagres. Os culpados disso terão de prestar contas um dia.

O RESULTADO DOS MILAGRES DE JESUS

Nossa consideração final concorre para uma verdade discutida anteriormente. Vamos encerrar com este pensamento porque é este o objetivo dos milagres de Jesus—sejam eles cura, acalmar uma tempestade ou ressuscitar mortos: os milagres de Jesus provaram que Ele é o Filho de Deus e o nosso Salvador.

Os milagres de Jesus tiveram um impacto sobre quem os viu. Isto pode ser ilustrado pelo caso do paraplégico que desceu pelo telhado. Quando colocamos todos os três relatos lado a lado, vemos como esse milagre impressionou os presentes:

- Eles se admiraram (Marcos 2:12).
- Eles ficaram atônitos (Lucas 5:26).
- Eles ficaram possuídos de temor (Mateus 9:8).

- Eles glorificaram a Deus (Mateus 9:8; Marcos 2:12; Lucas 5:25, 26).

Jesus salientou que o propósito básico dos Seus milagres era convencer as pessoas de que Ele verdadeiramente era o Filho de Deus. Por exemplo, para provar que Ele tinha autoridade para perdoar pecados (uma coisa que só Deus podia fazer), Ele curou o paraplégico que desceu pelo telhado (Mateus 9:4–6). No decorrer deste estudo, essa verdade será ilustrada vez após vez. Quando João Batista ponderou se Jesus era ou não o Messias, em vez de dizer: “Sim”, Jesus curou muitas pessoas e então disse claramente: “Ide e anunciai a João o que vistes” (veja Lucas 7:20–23).

João destacou especialmente esse fato. Em João 2:11 o primeiro milagre de Jesus fortaleceu a fé dos discípulos nEle. Em João 5:36 Cristo disse: “...as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou”. Jesus desafiou Seus discípulos a “crerem ao menos por causa das mesmas obras” (João 14:11). Você pode dizer: “Eu gostaria de ter visto os milagres de Jesus. Daí eu poderia crer”. João também antecipou isto:

Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram *registrados* para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (João 20:30, 31; grifo meu).

Os milagres de Cristo não precisam ser repetidos. Temos o convincente testemunho dos que os observaram. Se não crermos no testemunho deles, não vamos crer nem mesmo se virmos os milagres com nossos próprios olhos (veja Lucas 16:31).

CONCLUSÃO

Os milagres de Jesus ensinam algumas lições importantes. Por exemplo, eles demonstram que Jesus está preocupado com os problemas alheios. Cristo *ainda* se sensibiliza e tem compaixão quando temos qualquer tipo de problema. Acima de tudo, os milagres ensinam que Jesus é realmente o Filho de Deus. Podemos, então, ser salvos dos nossos pecados—e um dia estar com Ele por toda a eternidade!

Você *crê* que Jesus é o Filho de Deus? Você *crê* que Ele morreu pelos seus pecados (1 Coríntios 15:3)? Essa fé produziu arrependimento no seu coração (Atos 17:30)? Você está disposto a confessar a sua fé e revestir-se de Jesus através do batismo (Romanos 10:9, 10; Gálatas 3:26, 27)? Se você realmente *crê* em Jesus, demonstre a sua fé—hoje.

Atribuição de Leitura nº. 7

Mateus 10:2–4; 12:1–21;

Marcos 2:23–28; 3:1–19;

Lucas 6:1–16;

João 5:1–47

Mateus 10:2-4

²Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão;

³Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu;

⁴Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

Mateus 12:1–21

¹Por aquele tempo, em dia de sábado, passou Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer.

²Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado.

³Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome?

⁴Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes?

⁵Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo:

⁶aqui está quem é maior que o templo.

⁷Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes.

⁸Porque o Filho do Homem é senhor do sábado.

⁹Tendo Jesus partido dali, entrou na sinagoga deles.

¹⁰Achava-se ali um homem que tinha uma das mãos ressequida; e eles, então, com o intuito de acusá-lo, perguntaram a Jesus: É lícito curar no sábado?

¹¹Ao que lhes respondeu: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali?

¹²Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito, nos sábados, fazer o bem.

¹³Então, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a, e ela ficou sã como a outra.

¹⁴Retirando-se, porém, os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida.

¹⁵Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali. Muitos o seguiram, e a todos ele curou,

¹⁶advertindo-lhes, porém, que o não expusessem à publicidade,

¹⁷para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías:

¹⁸Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios.

¹⁹Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz.

²⁰Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumege, até que faça vencedor o juízo.

²¹E, no seu nome, esperarão os gentios.

Marcos 2:23–28

²³Ora, aconteceu atravessar Jesus, em dia de sábado, as searas, e os discípulos, ao passarem, colhiam espigas.

²⁴Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados?

²⁵Mas ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros?

²⁶Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, os quais

não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele?

²⁷E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado;

²⁸de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado.

Marcos 3:1–19

¹De novo, entrou Jesus na sinagoga e estava ali um homem que tinha ressequida uma das mãos.

²E estavam observando a Jesus para ver se o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem.

³E disse Jesus ao homem da mão ressequida: Vem para o meio!

⁴Então, lhes perguntou: É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la? Mas eles ficaram em silêncio.

⁵Olhando-os ao redor, indignado e condoído com a dureza do seu coração, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a, e a mão lhe foi restaurada.

⁶Retirando-se os fariseus, conspiravam logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida.

⁷Retirou-se Jesus com os seus discípulos para os lados do mar. Seguia-o da Galiléia uma grande multidão. Também da Judéia,

⁸de Jerusalém, da Iduméia, dalém do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidom uma grande multidão, sabendo quantas coisas Jesus fazia, veio ter com ele.

⁹Então, recomendou a seus discípulos que sempre lhe tivessem pronto um barquinho, por causa da multidão, a fim de não o comprimirem.

¹⁰Pois curava a muitos, de modo que todos os que padeciam de qualquer enfermidade se arrojavam a ele para o tocar.

¹¹Também os espíritos imundos, quando o viam, prostravam-se diante dele e exclamavam: Tu és o Filho de Deus!

¹²Mas Jesus lhes advertia severamente que o não

expusessem à publicidade.

¹³Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele.

¹⁴Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar

¹⁵e a exercer a autoridade de expelir demônios.

¹⁶Eis os doze que designou: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro;

¹⁷Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão;

¹⁸André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote,

¹⁹e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

Lucas 6:1–16

¹Aconteceu que, num sábado, passando Jesus pelas searas, os seus discípulos colhiam e comiam espigas, debulhando-as com as mãos.

²E alguns dos fariseus lhes disseram: Por que fazeis o que não é lícito aos sábados?

³Respondeu-lhes Jesus: Nem ao menos tendes lido o que fez Davi, quando teve fome, ele e seus companheiros?

⁴Como entrou na casa de Deus, tomou, e comeu os pães da proposição, e os deu aos que com ele estavam, pães que não lhes era lícito comer, mas exclusivamente aos sacerdotes?

⁵E acrescentou-lhes: O Filho do Homem é senhor do sábado.

⁶Sucedeu que, em outro sábado, entrou ele na sinagoga e ensinava. Ora, achava-se ali um homem cuja mão direita estava ressequida.

⁷Os escribas e os fariseus observavam-no, procurando ver se ele faria uma cura no sábado, a fim de acharem de que o acusar.

⁸Mas ele, conhecendo-lhes os pensamentos, disse ao homem da mão ressequida: Levanta-te e vem para o meio; e ele, levantando-se, permaneceu de pé.

⁹Então, disse Jesus a eles: Que vos parece? É lícito, no sábado, fazer o bem ou o mal? Salvar a vida ou deixá-la

perecer?

¹⁰E, fitando todos ao redor, disse ao homem: Estende a mão. Ele assim o fez, e a mão lhe foi restaurada.

¹¹Mas eles se encheram de furor e discutiam entre si quanto ao que fariam a Jesus.

¹²Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus.

¹³E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos:

¹⁴Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu;

¹⁵Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote;

¹⁶Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor.

João 5:1–47

¹Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém.

²Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões.

³Nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos

⁴[esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse].

⁵Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos.

⁶Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado?

⁷Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.

⁸Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda.

⁹Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado.

¹⁰Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito.

¹¹Ao que ele lhes respondeu: O mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda.

¹²Perguntaram-lhe eles: Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda?

¹³Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, por haver muita gente naquele lugar.

¹⁴Mais tarde, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.

¹⁵O homem retirou-se e disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado.

¹⁶E os judeus perseguiram Jesus, porque fazia estas coisas no sábado.

¹⁷Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.

¹⁸Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.

¹⁹Então, lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz.

²⁰Porque o Pai ama ao Filho, e lhe mostra tudo o que faz, e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis.

²¹Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer.

²²E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento,

²³a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou.

²⁴Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida.

²⁵Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já

chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão.

²⁶Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo.

²⁷E Ihe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem.

²⁸Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão:

²⁹os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.

³⁰Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O meu juízo é justo, porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou.

³¹Se eu testifico a respeito de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro.

³²Outro é o que testifica a meu respeito, e sei que é verdadeiro o testemunho que ele dá de mim.

³³Mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade.

³⁴Eu, porém, não aceito humano testemunho; digo-vos, entretanto, estas coisas para que sejais salvos.

³⁵Ele era a lâmpada que ardia e alumiaava, e vós quisestes, por algum tempo, alegrar-vos com a sua luz.

³⁶Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou.

³⁷O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim. Jamais tendes ouvido a sua voz, nem visto a sua forma.

³⁸Também não tendes a sua palavra permanente em vós, porque não credes naquele a quem ele enviou.

³⁹Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.

⁴⁰Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.

⁴¹Eu não aceito glória que vem dos homens;

⁴²sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus.

⁴³Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se

outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis.

⁴⁴Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?

⁴⁵Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança.

⁴⁶Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito.

⁴⁷Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?

A Tempestade Formada¹

Leitura Bíblica 7

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA.²

- A. Jesus cura um paralítico no sábado e defende Seu ato (João 5:1–47).
- B. Jesus defende Seus discípulos que colhiam espigas no sábado (Mateus 12:1–8; Marcos 2:23–28; Lucas 6:1–5).
- C. Jesus defende a cura de uma mão atrofiada no sábado (Mateus 12:9–14; Marcos 3:1–6; Lucas 6:6–11).
- D. Jesus cura multidões junto ao mar da Galiléia (Mateus 12:15–21; Marcos 3:7–12).
- E. Após orar, Jesus escolhe doze apóstolos (Mateus 10:2–4; Marcos 3:13–19; Lucas 6:12–16).

INTRODUÇÃO

À medida que Jesus prosseguia em seu grande ministério na Galiléia, Sua popularidade ia aumentando. Multidões afluíam para ouvi-LO pregar e buscar cura. Durante o período coberto por esta lição, Jesus escolheu os doze apóstolos, montando o palco para o monumental sermão do monte—que estudaremos nas próximas duas lições.

Talvez o fato mais significativo deste período seja a crescente hostilidade dos líderes judeus. Espiões seguiam Jesus por toda parte, tentando descobrir alguma base para acusá-LO (Marcos 3:2; Mateus 12:10). Quando Cristo escapava das armadilhas de Seus inimigos, estes se enfureciam (Lucas 6:11). Mateus escreveu que “os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida” (Mateus 12:14; veja Marcos 3:6). João registrou que “os judeus perseguiram Jesus” e que “ainda mais procuravam matá-lo” (João 5:16, 18).

Por que os escritores dos relatos do evangelho julgaram necessário documentar o ódio irracional da hierarquia judaica? Talvez eles quisessem evidenciar a participação deles na crucificação de Jesus. Não havia maior vergonha na época do Novo Testamento do que a desgraça de morrer numa cruz romana (Hebreus 6:6; veja 12:2). Posso imaginar os cétricos dizendo (com um sorriso sarcástico): “Se Jesus era realmente o Indivíduo Perfeito que vocês dizem que Ele era, por que Ele morreu como um criminoso condenado?” Passagens como as que estudaremos nesta lição serão de grande ajuda para respondermos essa pergunta.

¹Se quiser, apresente como prefácio a esta lição um retrato falado de uma tempestade física se formando.

Primeiramente, observaremos três exemplos de conflito. Depois, veremos o que Jesus fez para conter—até certo ponto—os efeitos da oposição.

RESPONDENDO À HOSTILIDADE COM PALAVRAS

O antagonismo demonstrado nesta lição girou em torno dos regulamentos do sábado. Os relatos do evangelho narram seis controvérsias relacionadas ao sábado. Estudaremos três delas nesta apresentação.

A palavra “sábado” significa basicamente “descanso”. Quando Deus criou o mundo, Ele descansou no sétimo dia (Gênesis 2:1–3). Mais tarde, o descanso no sétimo dia, chamado sábado, foi ordenado como parte dos dez mandamentos (Êxodo 20:8–11). O sábado era um dia de descanso, um tempo para refletir em Deus, um tempo para se alegrar. Visando garantir que o sábado fosse observado, Deus impôs severos castigos a quem o violasse (veja Números 15:32–36; Neemias 13:15–22; Jeremias 17:19–27).

As leis de Deus já eram suficientemente rigorosas, mas os homens não quiseram mantê-las na sua forma original. H. I. Hester escreveu o seguinte:

A observância desse dia evoluiu para uma tarefa muito complicada e pesada. As restrições mosaicas sofreram acréscimos e desdobramentos até se transformarem em centenas de regras.

²A partir daqui, há muitas, muitas diferenças entre as diversas harmonias em relação à ordem dos acontecimentos no grande ministério na Galiléia. Não alistamos aqui todas as variações possíveis, embora ocasionalmente mencionemos outras possibilidades. A seqüência exata não é uma questão de grande importância; se fosse, o Espírito Santo teria sido mais claro neste sentido.

Muitas dessas regras eram totalmente ridículas. Por exemplo, usar um dente postiço no sábado era considerado carregar um peso, tanto quanto arrancar um fio de cabelo branco, ou a casca de um grão de trigo, ou até escrever duas letras do alfabeto juntas³. Essas regras multiplicadas tornaram a observância do sábado... praticamente impossível.... Todo esse sistema havia destruído justamente o espírito do sábado.⁴

Warren Wiersbe observou: “Eles pegaram o sábado—um presente de Deus para o homem—e o transformaram numa prisão de regras e restrições”⁵.

Quando os judeus tentaram armar uma cilada para Jesus, suas regras obscuras e complicadas acerca do sábado tornaram-se “sua porção favorita da legislação”⁶. Visto que (para todos os propósitos práticos) ninguém conseguia guardar perfeitamente todas as leis do sábado, achavam que não encontrariam dificuldade para pegar Jesus em alguma violação—e tal violação acarretava pena de morte (veja Números 15:32–36)!⁷

Curando um Paralítico no Sábado (João 5:1–47)

No encerramento da lição passada, Jesus estava ocupado com o grande ministério na Galiléia. No início desta lição, Jesus estava fazendo uma pausa para depois ir até Jerusalém a fim de participar de uma festa religiosa (João 5:1). A lei de Moisés exigia que os homens judeus fossem a Jerusalém três vezes por ano para as festas maiores—Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos⁸—e Jesus sempre guardou a Lei (Mateus 5:17). Não sabemos ao certo qual festa era aquela, mas há grande possibilidade de que seja a Páscoa⁹. Visando ao propósito deste estudo, consideraremos que se tratava da Páscoa.

³Entre outras tradições burlescas estavam estas: não se podia usar um calçado com pregos no sábado porque eram considerados uma carga; um homem podia levar um pão, mas dois homens não podiam levar o pão entre eles.

⁴H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Cerne do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 142.

⁵Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 305.

⁶Adam Fahling, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”) St. Louis, Mo.: Concordia Publishing House, 1936, p. 195.

⁷Embora os fariseus tivessem tentado arduamente, nunca conseguiram encontrar prova suficiente para tentar acusar Jesus formalmente de violar o sábado. No final de Seu ministério terreno, durante Seus vários julgamentos, a acusação de violar o sábado nunca foi levantada.

⁸Veja o gráfico “As Festas dos Judeus” da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”.

⁹Veja uma exposição das várias possibilidades em A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels for Students of the Life of Christ* [“Harmonia dos Evangelhos para Estudantes da Vida de Cristo”]. Nova York: Harper & Row, 1950, pp. 267–70.

Durante a Páscoa anterior, Jesus enfureceu as autoridades religiosas judaicas expulsando os cambistas do templo. Nesta Páscoa, Ele os enfureceu por curar um homem no tanque de Betesda. João registrou o milagre com as seguintes palavras: “Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda. Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar” (João 5:8, 9a). João acrescentou, então, esta significativa afirmação: “E aquele dia era sábado” (v. 9b; grifo meu). Segundo a tradição rabínica, era legal carregar um homem em seu leito no sábado (no raciocínio deles, o leito era “incidental”), mas era ilegal carregar somente o leito.

Inicialmente, os líderes judeus atacaram o homem que estava carregando o leito debaixo do braço; mas quando descobriram que era Jesus quem lhe mandara pegar o leito, o ataque virou-se para Ele. A investida deles propiciou o primeiro sermão público de Jesus registrado com detalhes, o primeiro de vários discursos longos¹⁰ em que Jesus foi obrigado a defender-Se.

A defesa básica de Jesus nessa ocasião era que, se Deus podia “trabalhar” no sábado, então Ele também podia (v. 17)¹¹. Ele deu exemplos de atividades em que Ele e o Pai eram co-participantes (vv. 19–30). O fato de Jesus comparar-se com Deus deixou os judeus escandalizados: Ele estava “fazendo-se igual a Deus” (v. 18)! Cristo recorreu, então, a uma série de testemunhos para provar que Ele era quem alegava ser: João Batista, os milagres feitos por Ele, as Escrituras e especialmente o próprio Deus (vv. 31–47). Burton Coffman disse que as palavras de Jesus aos Seus inimigos nessa ocasião “estão entre as mais profundas e instrutivas dos escritos sagrados”¹².

Aparentemente, Jesus saiu de Jerusalém logo depois desse encontro. Pelo menos, nada mais é registrado em relação a essa ida a Jerusalém.

¹⁰Seis desses discursos encontram-se registrados no Livro de João. Todas essas defesas, exceto uma, ocorreram em Jerusalém.

¹¹Veja uma análise detalhada da defesa de Jesus no sermão “Igual a Deus”.

¹²James Burton Coffman, *Commentary on John* [“Comentário sobre João”]. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1974, p. 158.

Colhendo Espigas no Sábado (Mateus 12:1–8; Marcos 2:23–28; Lucas 6:1–5)

Após Jesus retornar à Galiléia¹³, Ele e Seus discípulos estavam andando num sábado por um campo de cereal, quando, “estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas¹⁴ e a comer” (Mateus 12:1). Lucas acrescentou que os discípulos estavam “debulhando-as [as espigas] com as mãos” (Lucas 6:1). O grão tirado da espiga é coberto por uma casca que precisa ser tirada antes que ele seja comido. Os seguidores de Jesus estavam esfregando os grãos entre as mãos para retirar as cascas. A seguir, podiam soprar as cascas e jogar os grãos crus na boca.

Enquanto colhiam, debulhavam, sopravam e mastigavam, um grupo de fariseus apareceu de repente e começou a acusá-los de violar o sábado¹⁵. (Esta cena tem um toque cômico: imaginemos os fariseus ostentosos em suas túnicas decoradas, agachados num campo de cereais, escondendo-se à espera de atacar Jesus diante da menor infração de suas estimadas tradições!)

A acusação não foi que estivessem roubando os cereais de uma outra pessoa. A Lei permitia que os viajantes colhessem grãos para comer (Deuteronômio 23:25). A acusação era que as leis do sábado sobre o trabalho haviam sido violadas. No entendimento dos fariseus, pegar alguns grãos era equivalente a fazer uma colheita, descascar algumas espigas era como debulhar uma safra, soprar as cascas equivalia a limpar e comer os grãos era o mesmo que fazer a moenda. (Provavelmente, também acrescentariam que os discípulos haviam “preparado uma refeição”, o que era proibido no sábado.)

A defesa de Jesus nessa ocasião foi diferente daquela apresentada em Jerusalém. Em suma, Ele disse que eles estavam condenando “inocentes” (Mateus 12:7). Em outras palavras, Jesus declarou-se “sem culpa”. Ele declarou isto por cinco razões:

1) “Sem culpa”—porque Davi não foi julgado culpado quando comeu os pães sagrados no taber-

náculo para saciar a fome (Mateus 12:3, 4; Lucas 6:3, 4; veja 1 Samuel 21:6; Levítico 24:5–9)¹⁶.

2) “Sem culpa”—porque os sacerdotes não eram julgados culpados quando trabalhavam no sábado (Mateus 12:5; veja Números 28:9, 18, 19). O sábado era o dia mais agitado da semana para os sacerdotes.

3) “Sem culpa”—porque o sábado fora idealizado para ser uma bênção, e não um peso: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2:27). Negar aos discípulos simples alimento no sábado colocava um fardo irracional sobre eles.

4) “Sem culpa”—porque aliviar o sofrimento (incluindo a fome) era mais importante do que cumprir rituais (especialmente rituais criados pelo homem). Jesus fez Seus acusadores se lembrarem do ensino de Oséias 6:6: “Misericórdia¹⁷ quero e não holocaustos” (Mateus 12:7).

5) “Sem culpa”—porque o Messias não poderia se sujeitar a tradições de homens. Jesus fez duas afirmações que devem ter deixado os fariseus roxos de raiva: “aqui está quem¹⁸ é maior que o templo¹⁹” (Mateus 12:6); “Porque o Filho do Homem até do sábado é Senhor” (Mateus 12:8; veja Marcos 2:28; Lucas 6:5). Jesus obviamente estava se referindo a Ele mesmo. Ele, e não eles, tinha a autoridade para decidir o que poderia ou não poderia ser feito dentro da estrutura das leis do Antigo Testamento relativas ao sábado.

Os fariseus devem ter saído dali consumidos de raiva, resmungando consigo mesmos.

Curando uma Mão Atrofiada no Sábado (Mateus 12:9–14; Marcos 3:1–6; Lucas 6:6–11)

Pouco depois disso²⁰, “num outro sábado”, Jesus entrou numa sinagoga onde Lhe foi permitido ensinar (Lucas 6:6). Segundo o relato de Mateus, “Jesus... entrou na sinagoga *deles*” (Mateus 12:9; grifo meu), referindo-se aos fariseus que tentaram acusá-LO no campo.

¹⁶Nenhum desses exemplos deve ser tomado como prova de que podemos romper as leis de Deus com impunidade. O ponto que Jesus queria mostrar é que se os líderes judeus não condenaram Davi, por que estavam condenando a Ele e a Seus discípulos?

¹⁷Outra possível tradução seria “compaixão”.

¹⁸“Alguém” é uma tradução mais exata do texto grego, mas a tradução da ERAB comunica o impacto implícito da afirmação.

¹⁹Essa devia ser uma declaração ousada para os judeus, pois, até onde sabiam, a única coisa (ou Pessoa) maior que o templo era o Deus que habitava nele!

²⁰Isto está implícito no relato de Mateus (Mateus 12:9).

¹³Supomos que Jesus estava de volta à Galiléia por uma linha de raciocínio: a próxima história se passa numa sinagoga. Segundo Mateus, era a sinagoga freqüentada pelos fariseus que haviam desafiado Jesus no campo (Mateus 12:2, 9). Segundo Marcos, essa sinagoga parecia ficar perto do mar (ou seja, o mar da Galiléia) (Marcos 3:5–7).

¹⁴Se esse evento ocorreu logo depois da Páscoa, provavelmente as espigas eram de cevada.

¹⁵Segundo Lucas, os fariseus confrontaram os *discípulos*. Segundo Mateus e Marcos, os fariseus desafiaram *Jesus*. É provável que tenham feito as duas coisas.

Estava presente na assembléia “um homem que tinha uma das mãos ressequida [“atrofiada”; NVI]” (Mateus 12:10). (Teria sido levado ali pelos inimigos de Jesus como uma cilada para Ele?) Os fariseus espiaram por um instante “para ver se [Jesus] o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem²¹” (Marcos 3:2). Finalmente, eles não puderam mais se conter e interromperam o sermão de Cristo, deixando escapar: “É lícito curar no sábado?” (Mateus 12:10).

Jesus não Se deixou intimidar. Ele disse ao homem da mão atrofiada: “Vem para o meio!” (Marcos 3:3). Estendendo a mão perante a assembléia, Cristo indagou a seus questionadores: “Que vos parece? É lícito, no sábado, fazer o bem ou o mal? Salvar a vida²² ou deixá-la perecer?” (Lucas 6:9). Ele usou uma simples ilustração à qual tudo se relacionava:

Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali²³? Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito, nos sábados, fazer o bem (Mateus 12:11, 12).

Condoído diante da falta de compaixão de Seus inimigos (Marcos 3:5), Jesus disse ao homem: “Estende a mão” (Mateus 12:13a). “Estendeu-a, e a mão lhe foi restaurada” (v. 13b). Era um milagre que todos puderam ver!

Os inimigos de Jesus ficaram calados (novamente), mas não estavam preparados para admitir a derrota. “Retirando-se, porém, os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida” (Mateus 12:14). O relato de Marcos acrescenta este detalhe quase inacreditável: “Retirando-se os fariseus, conspiravam logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida” (Marcos 3:6). Os fariseus *menosprezavam* os herodianos²⁴, mas evidentemente acreditavam que precisavam da influência política deles para fazer Cristo calar. Eles odiavam os herodianos, mas odiavam ainda mais a Jesus.

²¹ Eles desejavam acusar Jesus perante o sinédrio judaico que poderia impor a pena de morte.

²² Os próprios regulamentos deles permitiam que médicos e outros salvassem vidas no sétimo dia. (Alfred Ederheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* [“A Vida e os Tempos de Jesus, o Messias”], nova versão adaptada. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1993, p. 515.)

²³ Jesus usou a mesma ilustração numa outra ocasião, modificando o animal para um boi (Lucas 14:5). Alguns têm usado a analogia do “boi atolado” como uma desculpa para recusar a assembléia ou negligenciar outras ordens de Deus continuamente. Um velho pregador disse a um homem: “Se o seu boi está constantemente atolado no brejo, você precisa ou vendê-lo ou aplainar o brejo!”

²⁴ Os fariseus os odiavam porque eles apoiavam as inovações pagãs/gentílicas de Herodes, o Grande.

Antes de sairmos desta seção sobre a controvérsia do sábado, queremos enfatizar que Jesus nunca violou as leis do sábado, nem incentivou ninguém a fazer isso. Uma vez ou outra, porém, Ele violou as tradições humanas que haviam se proliferado no decorrer dos anos—e isto enfureceu Seus inimigos. Em nossa leitura, nem chegamos até à metade do ministério público de Jesus e Seus adversários já estão trabalhando dia e noite para destruir Jesus e Sua influência! J. W. McGarvey escreveu: “A partir deste momento, a linha vermelha de conspiração contra a vida de Jesus percorre todo [o] evangelho”²⁵.

RESPONDENDO À HOSTILIDADE COM ATOS

Na resposta às três confrontações sobre o sábado, Jesus deu dois passos significativos.

Separar-se de Seus Adversários (Mateus 12:13–21; Marcos 3:7–12)

Em primeiro lugar, Cristo Se separou de Seus inimigos para evitar mais conflito. Após o relato de Mateus registrar que os fariseus “conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida” (Mateus 12:14), ele diz que “Jesus, sabendo disto, afastou-se dali” (Mateus 12:15a). Essa foi a primeira retirada de Jesus com o intuito de abrandar a tensão. Haveria outras retiradas.

“Retirou-se Jesus com os seus discípulos para os lados do mar” (Marcos 3:7a). Mesmo ali, as pessoas O encontraram: “seguia-o da Galiléia uma grande multidão. Também da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia²⁶, além do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidom...”²⁷ (Marcos 3:7b, 8). Jesus ensinou pessoas²⁸, curou seus doentes e expulsou demônios; mas Ele insistiu que ninguém divulgasse o que Ele havia feito (Mateus 12:15, 16; veja Marcos 3:11, 12). Publicidade extra acabaria por enfurecer ainda mais os que O odiavam.

Mateus enfatizou que tudo que acontecera era cumprimento da profecia (Mateus 12:17–21; veja Isaías 42:1–4): a retirada de Jesus da cidade e as instruções para que nada falassem cumpriam as pala-

²⁵ J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 198.

²⁶ “Iduméia” refere-se à “terra dos edomitas” (“Iduméia” vem da palavra grega para “Edom”). Herodes, o Grande, era um idumeu/edomita.

²⁷ Localize esses diversos lugares no mapa “Palestina”.

²⁸ Mais uma vez a multidão estava comprimindo Jesus, e um barco foi providenciado no caso de Ele precisar usá-lo de púlpito, como fizera anteriormente. Não há indicação de que o barco tenha sido usado ou não nessa ocasião.

vas: “Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz” (Mateus 12:19). A cura dos enfermos mostrou Sua preocupação com aqueles que eram como “a cana quebrada” ou como a cana retorcida quase extinta pelo fogo (v. 20). A chegada das pessoas procedentes de fora da Palestina (da Iduméia, de Tiro e Sidom) reforçava a importância do ministério de Jesus para os gentios (Mateus 12:18, 21).

Jesus continuava ensinando e curando, mas Ele também estava desviando o Seu caminho a fim de evitar um combate imediato com os líderes judeus.

Escolher Seus Seguidores (Mateus 10:2–4; Marcos 3:13–19; Lucas 6:12–16)

Jesus também respondeu à crescente hostilidade escolhendo doze homens para levar adiante Sua obra quando Ele partisse²⁹. Os dias de Jesus, obviamente, estavam contados, e era imperativo que homens especiais fossem treinados antes que Ele morresse. Marcos explicou que esses homens foram designados “para estarem com ele e para os enviar a pregar” (Marcos 3:14). Viajariam com Ele e aprenderiam Seu ensino e Seu exemplo. Ele também os enviaria em missões especiais para que ganhassem experiência. Assim, seriam ensinados e treinados. A partir desse momento, muito do empenho de Cristo direcionou-se para a preparação dos apóstolos.

A escolha dos doze não foi feita sem se consultar a Deus. Antes de Jesus tomar Suas decisões, Ele

²⁹Esse foi o terceiro estágio do discipulado—um estágio especial para um grupo seletivo.

“retirou-se para o monte³⁰, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus” (Lucas 6:12). Todas as decisões devem ser precedidas de oração.

Jesus havia reunido em torno de Si um grupo de discípulos em tempo integral³¹. Tendo passado a noite em oração, Ele convocou a todos e “escolheu doze dentre eles” (Lucas 6:13a). Ele chamou os escolhidos “apóstolos” (v. 13b; veja Mateus 10:2). A palavra “apóstolo” significa “o enviado”. A palavra pode ser usada num sentido geral referindo-se a qualquer um enviado numa missão especial³², mas possui um conteúdo adicional no que se refere aos doze que seriam comissionados pelo próprio Jesus.

Certamente, o fato de terem sido *doze* os escolhidos é significativo: o número “doze” continha um significado especial para os judeus; no pensamento hebraico, sugeria completude religiosa. Existiram

³⁰Não sabemos ao certo qual monte era esse. Se o monte de Lucas 6 for o mesmo que o do sermão do monte em Mateus 5 a 7, esse provavelmente é o mesmo monte onde o sermão do monte foi pregado (Mateus 5:1; Lucas 6:12, 17). Existe um monte não muito longe de Cafarnaum, hoje chamado de Monte das Bem-aventuranças, onde pode ter ocorrido esse episódio. Outra possibilidade é o monte conhecido como os Chifres de Hattin.

³¹Esse foi o segundo estágio do chamado de Jesus para o discipulado.

³²O próprio Jesus foi chamado de apóstolo porque Ele foi enviado por Deus (Hebreus 3:1). Veja outros exemplos do uso do termo “apóstolo” num sentido geral em Atos 14:14; Romanos 16:7; 2 Coríntios 8:23; Filipenses 2:25. (A palavra grega é traduzida por “mensageiro” em algumas ocorrências.)

*As Listas dos Apóstolos nas Escrituras**

<i>Mateus 10:2–4</i>	<i>Marcos 3:16–19</i>	<i>Lucas 6:13–16</i>	<i>Atos 1:13</i>
Simão Pedro	Simão Pedro	Simão Pedro	Pedro
André	Tiago	André	João
Tiago	João	Tiago	Tiago
João	André	João	André

Filipe	Filipe	Filipe	Filipe
Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu	Tomé
Tomé	Mateus	Mateus	Bartolomeu
Mateus	Tomé	Tomé	Mateus

Tiago, filho de Alfeu	Tiago, filho de Alfeu	Tiago, filho de Alfeu	Tiago, filho de Alfeu
Tadeu	Tadeu	Simão, o zelote	Simão, o zelote
Simão, o zelote**	Simão, o zelote	Judas, filho de Tiago	Judas, filho de Tiago
Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	

* As linhas pontilhadas indicam os grupos comentados nas páginas 6 e 7.

** O grego usa uma palavra diferente de “zelote” em Mateus e Marcos, mas com o mesmo significado.

doze patriarcas e doze tribos de Israel; agora, Jesus escolhera doze apóstolos³³.

A lista dos apóstolos citada em Marcos apresenta-se da seguinte forma:

...Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão³⁴; André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes³⁵, que foi quem o traiu (Marcos 3:16–19)³⁶.

Aqui está a lista de Lucas:

Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor (Lucas 6:14–16).

Mateus só deu sua lista numa ocasião posterior (quando Jesus enviou os doze numa missão de treinamento)³⁷. Todavia, essa lista deve ser incluída para fins de comparação:

Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu (Mateus 10:2–4).

Uma quarta e última lista encontra-se em Atos 1, antes de Judas ser substituído: "...Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, filho de Tiago" (Atos 1:13).

Vale a pena comparar as quatro listas (veja o diagrama na página 5). Observemos, por exemplo, que Pedro encabeça cada lista. Isto não prova que Pedro foi "o primeiro papa", mas sugere que sua

impetuosidade e considerável talento tornou-o um líder natural entre os apóstolos. Também vemos que o nome de Judas encerra as três primeiras listas. Seu ato de infâmia qualificou-o para essa dúbia distinção.

Outros detalhes poderiam ser destacados. Por exemplo, há várias duplas de irmãos (e Tadeu parecia ser também conhecido como "Judas, filho de Tiago"). Talvez, o mais interessante seja que cada lista pode ser dividida em três grupos de quatro—e o mesmo indivíduo encabeça cada dupla das listas: Pedro encabeça o primeiro grupo, Filipe, o segundo; e Tiago, filho de Alfeu, encabeça o terceiro grupo. Visto que há considerável variação na disposição dos nomes dentro de cada grupo, o local uniforme desses três nomes parece uma escolha textual deliberada. Pedro, Filipe e Tiago, filho de Alfeu, podem ter sido "líderes de grupos" no treinamento de missões e outros projetos especiais.

Vejamos novamente as listas. Já encontramos esses homens em lições anteriores: Pedro e André (João 1:40, 41; Mateus 4:18), Tiago e João (Mateus 4:21³⁸), Filipe e talvez Bartolomeu³⁹ (João 1:43, 45) e Mateus (Mateus 9:9). Pouco é dito sobre os outros apóstolos no Novo Testamento, mas sabemos três detalhes chaves sobre eles. Em primeiro lugar, todos foram chamados tal como Pedro, André, Tiago, João e Mateus foram chamados. Em segundo lugar, assim como Pedro e os demais, evidentemente, eles não foram escolhidos por causa de suas realizações espirituais anteriores, e sim por causa de seu potencial. (Jesus não olhou para suas fraquezas e faltas, e sim para o que eles poderiam se tornar. Graças a Deus, Ele nos vê da mesma forma!) Em terceiro lugar, todos eles receberam poder de Jesus para ensinar e expulsar demônios (veja Mateus 10:1). Para cada um desses detalhes, deixe-me acrescentar "incluindo Judas Iscariotes".

CONCLUSÃO

A escolha dos doze propiciou o impulso para o sermão do monte—que estudaremos nas duas próximas lições. Antes, porém, de encerrarmos esta lição, façamos algumas observações finais.

Até Jesus foi criticado—mas isto não O deteve em Sua missão. Ele continuou fazendo o que era necessário para realizar os propósitos de Deus.

³³Veja em Mateus 19:28 e Lucas 22:30 uma relação implícita entre as doze tribos e os doze apóstolos.

³⁴O uso desse apelido provavelmente contém um toque de humor. É provável que Jesus os chamasse assim por causa de suas personalidades tempestuosas (veja Lucas 9:51–56; Marcos 9:38). Por meio da influência de Jesus, esse temperamento foi abrandado e transformado.

³⁵O nome "Iscariotes" provavelmente significa "de Queriote", indicando que Judas era dessa cidade. (Leia Josué 15:25.) Queriote ficava na Judéia. Evidentemente, todos os apóstolos, exceto Judas, eram da Galiléia.

³⁶Outros nomes são dados a alguns desses homens. Por exemplo, Tomé também é chamado de "Dídimo" (o "gêmeo") (João 11:16). Comentaremos esses nomes quando eles surgirem no texto bíblico ao longo do estudo.

³⁷Veja comentários sobre a lista de Mateus e sobre os apóstolos em geral em "O Rei e Seus Embaixadores", na edição "A Vida de Cristo—Parte 5".

³⁸João, talvez juntamente com Tiago, estava entre os primeiros discípulos de Jesus.

³⁹Muitos pensam que Bartolomeu era outro nome para o Natanael mencionado em João 1:45–51.

Se você fizer o que é certo, também receberá críticas (como veremos na próxima lição [Mateus 5:11]). Quando surgirem críticas, verifique se você não está justamente no meio do processo de realizar a vontade de Deus (veja 1 Pedro 4:14–16). Se você estiver, não permita que as críticas o desanimem a ponto de você desistir. Em vez disso, faça o que for necessário para permanecer fiel.

•

•

“Igual a Deus”

João 5:16-47,
Olhando
de perto



Nô começo de Seu grande ministério na Galiléia, Jesus fez uma viagem para Jerusalém. Enquanto estava lá, Ele curou um homem junto ao tanque de Betesda (João 5:2, 5, 8, 9a). Ao contar esse episódio, João acrescentou este sucinto comentário: “E aquele dia era sábado” (v. 9b)¹.

ACUSAÇÕES INCRIMINATÓRIAS (vv. 16–18)

O resultado da cura foi a confrontação cara a cara com as autoridades judaicas. Os líderes religiosos acusaram Jesus de violar a lei do sábado².

A resposta do nosso Senhor foi: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (v. 17). Em outras palavras: “É verdade que Deus descansou no sétimo dia³, mas isto não quer dizer que Ele parou de fazer o bem. Até no sábado, Ele sustenta o universo⁴. Até no sábado, Ele manda o brilho do sol e a chuva⁵. O argumento de Jesus era que uma vez que Deus ajuda as pessoas no sétimo dia, para Ele [Jesus] estava certo ajudar as pessoas nesse dia.

As palavras de Cristo acenderam a fúria dos líderes judeus, pois eles viam as implicações dessa afirmação. Em primeiro lugar, Jesus disse: “Meu Pai”. Os homens normalmente diziam “nosso Pai” (Mateus 6:9; Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3), mas Jesus disse: “Meu Pai” (Mateus 7:21; 10:32; 11:27)—deixando implícito um relacionamento especial. Em segundo lugar, Jesus retratou Deus e Ele mesmo como estando envolvidos na mesma atividade: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”. Diante disso, “os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque... dizia que Deus era seu próprio Pai, *fazendo-se igual a Deus*” (vv. 17, 18; grifo meu).

Fico admirado com o fato de os teólogos liberais lerem os relatos do evangelho e dizerem que Jesus

nunca alegou ser o Filho de Deus, nunca alegou ser divino. Os líderes religiosos dos dias de Cristo não tiveram dificuldade de entender a relevância das palavras de Jesus.

Se Jesus *não* pretendesse deixar implícito que Ele era “igual a Deus”, teria sido mais simples ele dizer: “Ah, não, vocês Me entenderam mal! Não foi isso o que Eu disse”. Ele não negou a acusação deles, mas a utilizou como uma oportunidade para proferir um discurso magistral sobre Seu relacionamento com o Pai. Esse é um dos grandes sermões do Livro de João. O espaço não nos permitirá analisar versículo por versículo, mas destacaremos as idéias principais desse texto.

ALEGAÇÕES INACREDITÁVEIS (vv. 19–30)

A Premissa de Jesus

A premissa básica de Jesus foi que Ele e Seu pai eram *unidos* no que faziam. A expressão “fazendo-se igual a Deus” poderia ser entendida como se Cristo Se julgasse um concorrente de Deus, mas Jesus enfatizou que não era esse o caso. Ele reforçou que “o filho nada pode fazer de si mesmo” (v. 19). Novamente, disse Ele: “Por mim mesmo, nada posso fazer” (v. 30; NVI).

Exemplos

Jesus deu vários exemplos de como Ele e Seu Pai eram unidos. Nos versículos 21 a 30, três temas são recorrentes e se justapõem: dar vida, ressuscitar mortos e julgar a humanidade. Os judeus julgavam que era um privilégio *de Deus* (e somente dEle) dar vida, ressuscitar mortos e emitir julgamento⁶—mas Cristo alegou ousadamente que Ele e o Pai dividiam essas funções.

1) *Unidos em dar vida*. Jesus falou primeiramente de dar vida: “Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer” (v. 21). A essa conjuntura do discurso, as palavras provavelmente se referiam ao fato de Jesus dar vida espiritual. Jesus também disse: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve

¹Se quiser, amplie a história da cura—e acrescente detalhes relacionados ao sábado e às tradições humanas. Veja “A Tempestade Formada” e “Queres mesmo ser curado?”, na edição “Conheça o Mestre, 1” de *A Verdade para Hoje*.

²Essa acusação está implícita em João 5:16, 18.

³Leia Gênesis 2:2.

⁴Leia Hebreus 1:3, que fala do Filho sustentando o universo como parte da Sua divindade.

⁵Leia Mateus 5:45.

⁶Leia Gênesis 18:25; Deuteronômio 32:39.

a minha palavra e crê naquele que me enviou⁷ tem a vida eterna⁸, não entra em juízo⁹, mas passou da morte para a vida” (v. 24).

2) *Unidos na ressurreição dos mortos*. A alegação do versículo 21 também poderia incluir dar vida corporalmente. Jesus predisse que os judeus O veriam realizar maiores obras [milagres] do que haviam visto até aquele momento, e que eles “se maravilhariam” (v. 20). Essa provavelmente era uma referência à ressurreição dos mortos durante o ministério de Cristo¹⁰—especialmente a ressurreição de Lázaro, que causaria um tumulto em Jerusalém (João 11:1–48; 12:1, 9–11).

O poder de Jesus, porém, ia além da ressurreição de um punhado de pessoas mortas durante Sua estada na terra. Antecipando o final dos séculos, Ele anunciou:

...porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem¹¹, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo (vv. 28, 29).

Esta é uma afirmação clara e concisa a respeito da ressurreição geral de toda a humanidade na segunda vinda.

3) *Unidos no julgamento*. Como deixam implícito os versículos 28 e 29, a ressurreição será seguida pelo dia do juízo. Nesta obra, também, Jesus será unido com Seu Pai. Ele disse: “E o Pai a ninguém jul-

⁷Este versículo é às vezes usado para se ensinar incorretamente que é necessário “fé somente” para se obter vida espiritual. “Crer” aqui é usado no sentido abrangente de ter fé obediente. Temos de “confiar e obedecer” (Mateus 7:21; Marcos 16:16).

⁸Este versículo é às vezes usado para se ensinar incorretamente que uma vez que se obtenha a vida espiritual (a salvação), não se pode perdê-la. “Não fosse assim”, dizem esses, “não seria vida eterna”. A Bíblia, porém, afirma claramente que, mediante a incredulidade, o filho de Deus pode perder a vida eterna (1 Coríntios 10:12; Tiago 5:19, 20; 2 Pedro 2:20–22). Certa vez tive uma caneta tinteiro com garantia por toda a vida, mas eu a perdi. O fato de a caneta ter uma garantia perpétua não garantiu que eu a *tivesse* pela vida toda.

⁹Esta passagem é às vezes usada para se ensinar incorretamente que os cristãos não comparecerão perante o trono de julgamento do Senhor, mas Paulo disse que “todos compareceremos perante o tribunal de Deus” (Romanos 14:10), tanto os bons quanto os maus (Romanos 2:5–8; 14:10; 2 Coríntios 5:10).

¹⁰Segundo o registro inspirado, Jesus ainda não havia ressuscitado ninguém dos mortos.

¹¹A afirmação acerca de fazer o bem e cometer feitos malignos não prova que compramos ou merecemos nossa salvação pelo que fazemos. Todavia, ela prova que Deus recompensa a fé *obediente* (veja Hebreus 5:8, 9; Tiago 2:14–26).

ga, mas ao Filho confiou todo julgamento”¹² (v. 22). Ele insistiu em que Deus “lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem” (v. 27). Novamente, Jesus afirmou: “...julgo. O meu juízo é justo” (v. 30).

Sendo Jesus e Seu Pai unidos nos atos de dar vida, ressuscitar mortos e julgar, qual deveria ter sido a resposta de Seus ouvintes? Cristo disse que todos devem “honrar o Filho do modo por que honram o Pai” e acrescentou que “quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou” (v. 23).

Que alegações audaciosas Jesus fez! Ele seria obrigado a apresentar provas de que o que estava dizendo era verdade ou teria de retratar Suas afirmações¹³.

CRENCIAIS IMPECÁVEIS (vv. 31–47)

Jesus reconheceu que Ele e Suas alegações estavam sob julgamento. Ele convocou uma progressão de testemunhas¹⁴ para testificarem em Seu favor.

A afirmação introdutória de Jesus em relação às testemunhas soa estranha: “Se eu testifico a respeito de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro” (v. 31). Jesus estivera “dando testemunho” ou “testificando” em favor de Si mesmo (vv. 19–30). Extraído do seu contexto, o versículo 31 poderia soar como se Jesus estivesse dizendo que Ele não estava dizendo a verdade.

A defesa de Jesus em João 5 poderia ser comparada à Sua defesa no capítulo 8. Naquela ocasião, os fariseus disseram a Cristo: “Tu dás testemunho de ti mesmo; logo, o teu testemunho não é verdadeiro” (João 8:13). E Jesus respondeu: “Posto que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro” (v. 14; grifo meu). A seguir, acrescentou: “Também na vossa lei está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro. Eu testifico de mim mesmo, e o Pai, que me enviou, também testifica de mim” (vv. 17, 18).

Comparar as duas afirmações esclarece que em João 5 Jesus não estava confessando uma mentira, mas estava reconhecendo que, segundo a lei de Moisés, o testemunho de uma pessoa era insuficiente. Era necessário o testemunho de duas ou três testemunhas (Números 35:30; Deuteronômio 17:6; 19:15; veja Mateus 18:16). É por isso que algumas

¹²Deus julgará o mundo, mas Ele julgara “mediante” o Seu Filho (veja Atos 17:31; Romanos 2:16).

¹³Um antigo provérbio que descreve essa idéia é: “Do dito ao feito vai grande eito”.

¹⁴“Testemunha” ou “testemunho” é uma palavra chave em João. A palavra grega para “testemunha” (*marturia*) ocorre em suas várias formas quase cinquenta vezes no livro.

versões acrescentaram “só” ao versículo 31: Se só Cristo desse testemunho de Si mesmo, isto não seria aceito *num tribunal judaico*.

Jesus, portanto, acrescentou uma segunda Testemunha, a mesma testemunha mencionada no capítulo 8: Seu Pai. Cristo disse: “Outro é o que testifica a meu respeito, e sei que é verdadeiro o testemunho que ele dá de mim” (João 5:32). No contexto, isto se refere a Deus¹⁵. Jesus enfatizou: “O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim” (v. 37a). Várias testemunhas seriam produzidas, mas o testemunho de cada um era, com efeito, o testemunho de uma testemunha Perfeita, Deus. Esses judeus nem tinham visto Deus nem ouvido Sua voz (v. 37b), mas Deus falou claramente com eles por meio de Seus agentes.

O Testemunho de João

A veracidade das alegações de Jesus não se basearam em testemunho humano (vv. 34a, 36a), mas a primeira testemunha convocada foi um homem: João Batista. João foi citado porque ele era um mensageiro especial de Deus (Malaquias 3:1; Lucas 7:27) e porque seu testemunho acerca do Messias nunca foi refutado.

Cristo disse: “Mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade” (João 5:33). Essa referência foi à ocasião em que uma delegação foi enviada de Jerusalém para questionar João (João 1:19–28). João dissera a eles: “...no meio de vós, está quem vós não conheceis, o qual vem após mim, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias” (João 1:26, 27). No dia seguinte, João apontou para Jesus¹⁶ dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”. “Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus” (vv. 29, 34).

João tinha um propósito distinto na vida: conduzir pessoas até Jesus. “Um dos maiores quadros religiosos da Europa é o ‘João Batista’ de Grunewald.... O detalhe surpreendente da pintura é o destaque no dedo indicador de João enquanto ele dirige a atenção para Cristo....”¹⁷

¹⁵Uma leitura casual de João 5:32 e 33 pode deixar a impressão de que a testemunha do versículo 32 é João Batista (v. 33), mas Jesus foi mais adiante dizendo que o testemunho ao qual Ele estava Se referindo não era “humano” (v. 34) e era “maior... do que o de João” (v. 36). Entenda-se que “outro” no versículo 32 é uma referência a Deus.

¹⁶O ato de apontar está implícito na palavra “eis”.

¹⁷Bruce Milne, *The Message of John* (“A Mensagem de João”). Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1993, p. 98.

Em relação ao testemunho de João, Cristo disse: “Ele era¹⁸ a lâmpada que ardia e alumiava, e vós quisestes, por algum tempo, alegrar-vos com a sua luz” (João 5:35). A expressão chave nesta sentença é “por algum tempo”. R. C. Foster escreveu: “Eles haviam se alegrado com a luz de João por um tempo—até que a luz se virou para os seus pecados!”¹⁹ Depois disso, nada mais quiseram com ele.

Se *tivessem* aceitado o testemunho de João, também teriam aceitado Jesus. E assim poderiam ter sido salvos (v. 34b).

O Testemunho dos Milagres

Cristo falou, a seguir, do testemunho de Seus milagres: “Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou” (v. 36). A palavra “obras” poderia ser usada para descrever a totalidade da vida de Jesus; certamente, tudo que Ele fez testificava o fato de que Ele era o Filho de Deus. Cristo, porém, tinha em mente os milagres que Ele realizara pelo poder de Deus²⁰.

Jesus havia realizado muitos milagres numa viagem anterior a Jerusalém (João 2:23). Em relação a esses feitos miraculosos, Nicodemos dissera: “... sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (João 3:2). Cristo também havia feito pelo menos um milagre na presente viagem a Jerusalém. É possível que o homem que Ele havia curado junto ao tanque estivesse em pé ali por perto, enquanto Ele dizia essas palavras.

Os críticos de Jesus não podiam negar que Ele realizou milagres²¹, mas ainda se recusavam a aceitá-LO como o Messias.

O Testemunho das Escrituras

Jesus havia convocado os testemunhos de um mensageiro de Deus e de sinais divinos. Agora Ele recorria ao testemunho da Palavra de Deus: “Examinai²² as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eter-

¹⁸Jesus usou o pretérito perfeito porque João já estava preso nessa altura (Mateus 4:12).

¹⁹R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ* (“Estudos sobre a Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 451.

²⁰“Obras” é um termo comum usado por Jesus no Livro de João com referência aos Seus milagres (veja 7:3; 10:25, 32, 37, 38; 14:10, 11; 15:24).

²¹Mais tarde, eles acusaram Jesus de fazer milagres pelo poder do diabo (Mateus 12:24), mas eles não negaram que Ele havia realizado milagres.

²²No grego, o primeiro verbo da frase (“examinai”) pode estar no indicativo (um fato) ou no imperativo (uma

na, e são elas mesmas que testificam de mim” (v. 39). Centenas de passagens do Antigo Testamento apontavam para Cristo (Salmos 2; 22; Isaías 53). Mais tarde, Jesus falou de “tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lucas 24:44).

Os líderes judeus, ao seu modo, eram dedicados às Escrituras. Escritos rabínicos diziam: “Quem obtém para si palavras da Lei obtém para si vida no mundo por vir”²³. Por essa razão, eles refletiam nas Escrituras. Contavam as palavras, as letras; colocavam todos os “jotas” e “tils”²⁴ (Mateus 5:18; ERC) sob seu microscópio teológico. Ainda assim, perderam de vista o propósito das Escrituras, que foram idealizadas para levar as pessoas a Cristo (Gálatas 3:24).

Pareciam homens examinando cuidadosamente uma placa de sinalização—medindo-a, fazendo rasunchos dela, anotando as descrições dela—em vez de fazer o trajeto para o destino indicado. Warren Wiersbe escreveu que os judeus “examinavam para conhecer a Palavra de Deus, mas não conheciam o Deus da Palavra!”²⁵ Jesus percebeu que eles tinham a Palavra em suas cabeças, mas não em seus corações. Ele disse: “Também não tendes a sua palavra permanente em vós” (v. 38).

Referindo-se aos escritos de Moisés, Jesus fez uma afirmação impressionante sobre o fato de que as Escrituras davam testemunho dEle:

Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança. Porque, se, de fato, crêdes em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos²⁶, como crereis nas minhas palavras? (João 5:45–47).

Moisés havia escrito sobre o “descendente” que viria (Gênesis 3:15; 22:18; veja Gálatas 3:16). Ele havia profetizado que esse Prometido viria da tribo de Judá (Gênesis 49:10). Ele havia falado de um profeta que surgiria como ele mesmo (Deuteronômio 18:15–18). *Todos* os seus escritos eram saturados de tipos

ordem). No contexto, o indicativo parece mais adequado, pois a acusação de Jesus foi que *quando* eles examinaram as Escrituras, não O viram nelas.

²³Aboth 2:8; citado em Frank Pack, *The Gospel According to John*, Part 1 (“O Evangelho Segundo João, Parte 1”). Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1975, p. 95.

²⁴As palavras gregas traduzidas por “jota” e “til” na ERC em Mateus 5:18 referem-se a pequenas letras e minúsculos sinais da língua hebraica.

²⁵Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 308.

²⁶Alguns “eruditos” negam que Moisés escreveu os primeiros livros do Antigo Testamento, mas Jesus disse que ele os escreveu.

e antitipos que prefiguravam o Messias²⁷. Portanto, Jesus disse que Moisés não era só uma testemunha *em favor* dEle, mas também, no final, seria uma testemunha *contra* os que O rejeitaram. Ele declarou: “Quem vos acusa é Moisés” (João 5:45b).

Tendo à Sua disposição esse calhamaço de provas, por que os líderes judeus rejeitaram Jesus? Jesus disse que o problema estava na vontade e no coração. Aquele que “sabia o que era a natureza humana” (João 2:25) emitiu a seguinte sentença: “Contudo, *não quereis vir a mim... não tendes em vós o amor de Deus*” (5:40–42; grifo meu).

Um problema era que estavam buscando glória de homens e não “a glória que vem do Deus único” (v. 44). Jesus disse aos líderes (com efeito) que se alguém chegasse até eles afirmando ser o Messias sem, contudo, apresentar credenciais celestiais, eles o receberiam enquanto este os adulasse e promovesse a agenda deles (v. 43b). Ao contrário disso, os judeus se recusaram a aceitar Jesus, que veio com a aprovação do céu (v. 43a), porque Ele Se recusou a dar-lhes a glória que eles julgavam merecer²⁸.

Poderíamos resumir a condição das autoridades judaicas em Jerusalém dizendo que elas sabiam tantas coisas que não eram verdades, tantas coisas que não tinham importância, que eram surdas, mudas e cegas para a verdade²⁹ (veja Mateus 13:15).

Não é sensato reconhecer que é possível ser um estudante da Palavra, até um estudante diligente, sem jamais chegar a um conhecimento da verdade que o leve à salvação? Que Deus nos ajude sempre a examinar as Escrituras com a atitude correta (“amor da verdade”; 2 Tessalonicenses 2:10) e com o objetivo correto (“conhecer ao Senhor”; Hebreus 8:11).

CONCLUSÃO³⁰

Os líderes judeus provavelmente esperavam que Jesus Se intimidasse, quando O acusaram de violar o sábado, mas isto não aconteceu. Ao contrário, Ele enfrentou o desafio e proferiu algumas das Suas afirmações mais radicais. Já que foram incapazes de refutar os argumentos de Jesus, os judeus

²⁷Por exemplo, os sacrifícios da Lei apontavam para o sacrifício perfeito na cruz (Hebreus 10:4, 12).

²⁸Jesus deixou implícito que essa era a razão da Sua rejeição.

²⁹Esse comentário foi adaptado de uma fonte anônima citada em R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ* (“Estudos sobre a Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 454.

³⁰Se desejar, transforme este trecho num quarto ponto, “Conseqüências Inescapáveis”, referindo-se ao fato de que quem aceita as afirmações de Jesus deve aceitar também a necessidade de um compromisso total com Ele.

deveriam tê-lo aceito como o Filho de Deus—mas, infelizmente, eles continuaram não querendo aceitar.

E nós? João 5 não foi escrito só para expor a dureza de coração dos judeus do primeiro século, mas também foi escrito para desnudar os nossos corações no século XXI³¹. As alegações audaciosas de Jesus impedem que alguém permaneça neutro. C. S. Lewis escreveu o seguinte sobre essas alegações:

Na boca de qualquer falante que não seja Deus, essas palavras implicariam o que só posso considerar como uma tolice e uma vaidade sem par por parte de algum personagem da história.

...Você precisa fazer a sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus: ou era um louco ou algo pior. Você pode fazê-lo calar-se como um louco, pode cuspir nele e matá-lo como um demônio; ou pode cair aos Seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus.³²

Jesus estava sendo julgado em João 5—e ele ainda está sendo julgado nos corações da humanidade. Hoje você é o júri. Qual é o seu veredito? Jesus falou a verdade? Ele realmente é quem alegou ser? Se a sua resposta é “sim”, qual diferença essa conclusão tem feito na sua vida? Para tornar esta lição a mais prática possível, pergunte qual diferença ela *deve* fazer na sua vida. Seja tão específico quanto possível.

³¹O Livro de João foi escrito para gerar fé (João 20:30, 31). Ao fazer isso, ele identifica os que querem crer e expõe os que não querem crer.

³²C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: Editora Ultimato, s.d., s.p.

As alegações radicais de Jesus exigem um compromisso radical³³.

³³Quando pregar este sermão, você vai querer incentivar as pessoas a se tornarem cristãs ou renovarem seu compromisso com Cristo. Entre as passagens sobre como tornar-se cristão estão Marcos 16:15 e 16 e Atos 2:38.

Atribuição de Leitura nº. 8

Mateus 5:1–48; 6:1–18;
Lucas 6:17–30, 32–36

Mateus 5:1-48

¹Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos;

²e ele passou a ensiná-los, dizendo:

³Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

⁴Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

⁵Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

⁶Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

⁷Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

⁸Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

⁹Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

¹⁰Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

¹¹Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós.

¹²Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.

¹³Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.

¹⁴Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a

cidade edificada sobre um monte;

¹⁵nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa.

¹⁶Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

¹⁷Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir.

¹⁸Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra.

¹⁹Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus.

²⁰Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.

²¹Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento.

²²Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.

²³Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti,

²⁴deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta.

²⁵Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão.

²⁶Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.

²⁷Ouvistes que foi dito: Não adulterarás.

²⁸Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.

²⁹Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.

³⁰E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno.

³¹Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio.

³²Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério.

³³Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos.

³⁴Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus;

³⁵nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei;

³⁶nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto.

³⁷Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno.

³⁸Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente.

³⁹Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra;

⁴⁰e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa.

⁴¹Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas.

⁴²Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.

⁴³Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.

⁴⁴Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem;

⁴⁵para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos.

⁴⁶Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo?

⁴⁷E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?

⁴⁸Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.

Mateus 6:1–18

¹Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.

²Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

³Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita;

⁴para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

⁵E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

⁶Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orará a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

⁷E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos.

⁸Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.

⁹Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome;

¹⁰venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu;

¹¹o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;

¹²e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores;

¹³e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!

¹⁴Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará;

¹⁵se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.

¹⁶Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

¹⁷Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto,

¹⁸com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Lucas 6:17–30

¹⁷E, descendo com eles, parou numa planura onde se encontravam muitos discípulos seus e grande multidão do povo, de toda a Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidom,

¹⁸que vieram para o ouvirem e serem curados de suas enfermidades; também os atormentados por espíritos imundos eram curados.

¹⁹E todos da multidão procuravam tocá-lo, porque dele saía poder; e curava todos.

²⁰Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus.

²¹Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir.

²²Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem.

²³Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu; pois dessa forma procederam seus pais com os profetas.

²⁴Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação.

²⁵Ai de vós, os que estais agora fartos! Porque vireis a ter fome. Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar.

²⁶Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas.

²⁷Digo-vos, porém, a vós outros que me ouvis: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam;

²⁸bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam.

²⁹Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra; e, ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica;

³⁰dá a todo o que te pede; e, se alguém levar o que é teu, não entres em demanda.

Lucas 6: 32–36

³²Se amais os que vos amam, qual é a vossa recompensa? Porque até os pecadores amam aos que os amam.

³³Se fizerdes o bem aos que vos fazem o bem, qual é a vossa recompensa? Até os pecadores fazem isso.

³⁴E, se emprestais àqueles de quem esperais receber, qual é a vossa recompensa? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto.

³⁵Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem esperar nenhuma paga; será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo. Pois ele é benigno até para com os ingratos e maus.

³⁶Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai.

“Eu, porém,
vos digo”
(O Sermão do
Monte, Parte 1)

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

F. O Sermão do Monte.

1. Afirmações introdutórias (Mateus 5:1, 2; Lucas 6:17–20).
2. As bem-aventuranças: promessas aos súditos do Messias (Mateus 5:3–12; Lucas 6:20–26).
3. A influência (e responsabilidades) dos súditos do Messias (Mateus 5:13–16).
4. A relação do ensino do Messias com o Antigo Testamento—e as tradições humanas referentes ao ensino do Antigo Testamento (Mateus 5:17–48; Lucas 6:27–30, 32–36).
5. Ato religioso devem ser de coração e não para se mostrar (Mateus 6:1–18).

INTRODUÇÃO

No encerramento da lição passada, Jesus havia escolhido homens para levar adiante Sua obra quando Ele morresse. O primeiro ato de Jesus na preparação desses homens foi proferir um amplo discurso sobre o que se esperava dos cidadãos do reino do Messias. Conhecemos esse discurso como “O Sermão do Monte”.

Muitos tiveram o privilégio de ouvir esta magistral apresentação (Mateus 5:1; 7:28; Lucas 6:17; 7:1), mas ela foi direcionada especificamente para os discípulos de Jesus (Mateus 5:1, 2; Lucas 6:20). Podemos pensar nela como uma sessão de orientação para os apóstolos recém nomeados.

O discurso trata da atitude necessária para *se tornar* um cidadão do reino (veja Mateus 5:3–6; 6:33; 7:21, 24–27). Primeiramente, porém, ele se refere à maneira como alguém que *já* é um seguidor de Jesus deve se conduzir.

Ao estudar o sermão do monte, entenda que Jesus estava se dirigindo a um público judeu durante a dispensação judaica. Por isso, Ele se referiu ao supremo tribunal judaico (o Sinédrio) (Mateus 5:22), a sacrifícios no altar (Mateus 5:23) e a Jerusalém como “a cidade de [Deus]” (Mateus 5:35). Todavia, essas palavras foram preservadas como parte do Novo Testamento de Jesus, e ao fazer a aplicação temos de adaptar a terminologia aos conceitos cristãos. (Por exemplo, “Se, pois, ao trazes ao altar a tua oferta” [5:23] sugere a mesma idéia que “se, pois, ao vires adorar a Deus”.)

A mais conhecida versão deste sermão encontra-se em Mateus 5–7, mas uma versão mais breve

aparece em Lucas 6:20–49. Existem diferenças nos dois relatos. Por exemplo, Mateus tem 107 versículos, enquanto Lucas tem 30 versículos, e as palavras dos textos são diferentes. Essas diferenças em particular não nos preocupam. Mateus parece dar uma versão mais longa e Lucas uma mais curta da mesma lição¹—e há de se esperar textos levemente diferentes procedentes de testemunhas independentes². (A maioria concorda que tanto Mateus como Lucas dão um resumo do que Jesus disse, e não palavra por palavra do que Ele disse³.)

De grande importância para a maioria dos estudantes é que, segundo Mateus, Jesus “subiu ao monte” e sentou-se (Mateus 5:1) antes de ensinar. Em contraste com isso, Lucas escreveu que, antes de ensinar, Jesus “parou numa planura” (Lucas 6:17). Não é impossível, porém, conciliar os dois relatos. Jesus pode ter primeiramente curado as multidões

¹Cada escritor apresentou a porção do sermão cabível aos seus propósitos inspirados. Excluindo seis, todos os versículos do relato de Mateus do sermão encontram-se em outras partes do Livro de Lucas.

²Veja as discussões de tais variações na lição “Os Quatro Relatos do Evangelho” em “A Vida de Cristo—Parte 1”. A maioria dos pregadores tem o hábito de repetir pensamentos com palavras um pouco diferentes durante o sermão, visando à ênfase. Onde Mateus e Lucas diferem, Mateus pode estar relatando uma ocasião em que Jesus destacou o ponto, enquanto Lucas está relatando outra ocasião (no mesmo sermão) em que Jesus ressaltou o mesmo ponto.

³Como já foi afirmado, Mateus tem alguns versículos que não se encontram em Lucas. Também deve ser destacado que o relato de Lucas possui sete versículos que não se encontram no de Mateus.

enquanto estava de pé na planura, ao pé do monte (Lucas 6:12, 17–19), retirando-Se depois um pouco mais para o alto do monte para sentar-Se e ensinar Seus discípulos—permanecendo a multidão a uma distância em que era possível ouvi-IO. Segundo Jerônimo (um antigo escritor cristão), no seu tempo era comum pensar que o sermão fora pregado no monte chamado os Chifres de Hattin⁴, o qual possui uma planura onde a multidão poderia se reunir.

O fato de os sermões em Mateus e Lucas começarem de modo semelhante (Mateus 5:3–12; Lucas 6:20–23), terminarem de modo semelhante (Mateus 7:24–27; Lucas 6:47–49) e seguirem a mesma ordem geral no meio⁵ nos leva a crer que ambos são o mesmo sermão. De fato, serem ou não o mesmo sermão não é uma questão de grande importância. Se eles não forem o mesmo sermão, são sermões semelhantes pregados durante aproximadamente o mesmo tempo⁶ para o mesmo público básico⁷. Por essa razão, podem ser estudados juntos—e é isto o que faremos⁸. Visto que o relato de Mateus é mais bem conhecido e mais amplo, usaremos sua versão como uma fonte primária e o relato de Lucas como uma fonte complementar.

Não podemos comentar todas as grandes verdades contidas nesse sermão, nem explicar cada afirmação enigmática. Todavia, nesta lição e na seguinte, tentaremos mostrar o escopo geral deste incomparável ensino.

“BEM-AVENTURADOS SOIS VÓS...” (MATEUS 5:3–12; LUCAS 6:20–26)

O sermão começa com uma série de afirmações, cada qual começando com a palavra “bem-aventurados”. O trecho é chamado de “As Bem-aventuranças”. Outros sinônimos para o termo “bem-aventurado” são “abençoado” ou “feliz”.

A qualquer um que leia o sermão do monte, é óbvio que seguir a Jesus não é fácil (Mateus 5:10–12). Cristo, portanto, começou com palavras de encorajamento, enumerando como as pessoas po-

⁴Veja o mapa na lição “O Chamando para o Discipulado”.

⁵Veja o esboço da leitura bíblica no início desta lição e da seguinte, “Os Dois Caminhos”, na próxima edição desta série.

⁶Pouco depois do sermão, em ambos os relatos, Jesus curou o servo de um centurião em Cafarnaum (Mateus 8:5–13; Lucas 7:1–10).

⁷Compare Mateus 5:1; 8:1, 5 com Lucas 6:17, 20; 7:1.

⁸No seu estudo pessoal, você pode comparar cuidadosamente as duas versões desse sermão: em que são parecidas e em que diferem? Observe especialmente os poucos casos em que Lucas contém material não encontrado em Mateus.

deriam ser abençoadas se ouvissem Suas palavras e agissem conforme Seus ensinamentos (veja 7:24, 25). Até certo ponto, os discípulos fiéis desfrutaram dessas bênçãos nesta vida, mas a plena realização virá na vida por vir. O relato de Lucas inclui *ais* que cairão sobre os que não desejam se submeter a Jesus (Lucas 6:24–26⁹).

“VÓS SOIS...” (MATEUS 5:13–16)

As bem-aventuranças estabeleceram que seguir Jesus traria bênçãos aos seguidores. Cristo declarou a seguir que fazer Sua vontade também abençoaria os outros—quando falou de Seus discípulos serem “o sal da terra” e “a luz do mundo”. Muitas passagens bíblicas ensinam sobre o poder e a importância da influência (por exemplo, Provérbios 27:17; Oséias 4:9; 1 Coríntios 5:6; 15:33; Filipenses 2:15; 1 Pedro 2:12), mas nenhuma é mais desafiadora e intrigante do que Mateus 5:13–16.¹⁰

“OUVISTES...” (MATEUS 5:17–48; LUCAS 6:27–30, 32–36)

O segmento mais longo do sermão do monte é Mateus 5:17–48, que contrasta a lei de Moisés—e as tradições humanas relacionadas—com o ensino de Jesus. Era essencial que os discípulos de Cristo tivessem uma compreensão clara da relação de Cristo com a Lei e também da Sua atitude para com a multiplicidade de tradições que os homens haviam adicionado à Lei.

A afirmação introdutória é significativa. Jesus começou dizendo:

Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra (Mateus 5:17, 18).

O fato de Jesus vir não “para revogar, mas para cumprir” a Lei tem levado alguns a crer que ainda estamos sob o Antigo Testamento hoje. Essa interpretação das palavras de Cristo O faria contradizer o evidente ensino dos Seus apóstolos inspirados. Paulo escreveu sobre Jesus ter “abolido, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois [judeus e gentios] criasse, em si

⁹Uma comparação da versão de Mateus das bem-aventuranças com o relato de Lucas indicará que as referências de Lucas a “pobres” e “ricos” referem-se primeiramente a uma condição espiritual, e não financeira.

¹⁰Veja um estudo detalhado de Mateus 5:13–16 nos dois sermões seguintes, “Você Vale Mais do que Pensa” e “Deixe a Sua Luz Brilhar”, na próxima edição desta série.

mesmo, um novo homem” (Efésios 2:15). O apóstolo ainda disse, quanto aos “decretos” da Lei, que Jesus havia cancelado o código de ordenanças, removendo-o inteiramente, “encravando-o na cruz” (Colossenses 2:14, 16)¹¹.

As palavras de Cristo em Mateus 5:17 e 18 podem ser entendidas considerando-se que o Antigo Testamento era uma aliança, um acordo entre Deus e os judeus (veja Deuteronômio 4:13; 5:2, 3)¹². Pense no Antigo Testamento como um contrato entre Deus e Israel. Jesus não veio para “revogar”, ou abolir, esse contrato (deixá-lo de lado ou destruí-lo), mas para “cumprí-lo”. Isto Ele fez na Sua vida, morte e ressurreição. Will Ed Warren escreveu: “Ele cumpriu suas profecias, Ele guardou os mandamentos da Lei e realizou os propósitos da Lei (Gálatas 3:19; 5:14)”¹³.

Uma aliança ou contrato cumprido não tem mais validade. Por exemplo, consideremos o que acontece quando você assina um contrato de compra de um imóvel. Assim que você cumpre esse contrato preenchendo todas as condições (incluindo a efetuação de todos os pagamentos), esse contrato se torna *cumprido*; ele não tem mais validade. Da mesma forma, quando Jesus cumpriu a Lei, ela cessou de vigorar para o povo de Deus (veja Gálatas 3:16, 19, 24, 25).

Na época em que Jesus pregou no monte, porém, a Lei ainda estava em vigor. Enquanto era esse o caso, Cristo ensinou Seus discípulos a honrar as ordenanças da Lei (Mateus 5:19, 20). A objeção de Jesus não era à Lei, mas às interpretações erradas dos judeus em relação a ela.

Nos versículos que se seguem, Jesus expandiu vários mandamentos da Lei para incluir a atitude de coração essencial ao se guardar os mandamentos. Ele também contrastou Sua maneira de agir com a que o povo aprendera com os escribas e fariseus.

Assassinato—e Raiva (Mateus 5:21–26)

Nos dez mandamentos, o sexto mandamento dizia: “Não matarás” (Êxodo 20:13; Deuteronômio 5:17). Essa exigência básica foi incorporada à nova aliança (Romanos 13:9), mas Jesus expandiu o mandamento original para incluir uma advertência contra o *motivo* do assassinato e as circunstâncias que

¹¹Veja mais informações sobre Jesus cravar a Lei na cruz no artigo “Autoridade”, na edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”, de *A Verdade para Hoje*.

¹²Veja mais sobre alianças na edição “As Alianças”, de *A Verdade para Hoje*.

¹³Will Ed Warren, apostila do curso *A Vida de Cristo: Os Evangelhos Sinóticos*, ministrado na Harding University, 1991, p. 26.

levam a matar (Mateus 5:22). Ele suplicou a todos que entram em forte desacordo com outros que resolvam suas diferenças—imediatamente (vv. 23–26).

Adultério—e Desejo Impuro (Mateus 5:27–30)

O sétimo mandamento do Decálogo¹⁴ declarava: “Não adulterarás” (Êxodo 20:14; Deuteronômio 5:18). Este preceito também faz parte do Novo Testamento de Jesus (Romanos 13:9), mas Cristo, novamente, expandiu o mandamento para incluir aquilo que o produz: nesse caso, o desejo impuro ou lascívia (Mateus 5:28). Ele disse aos Seus seguidores que “arrancassem” qualquer coisa de suas vidas que alimentasse um desejo proibido (vv. 29, 30)¹⁵.

Divórcio—e Motivo (Mateus 5:31, 32)

Jesus tinha mais a dizer sobre adultério, em relação ao assunto do divórcio¹⁶. Ele citou Deuteronômio 24:1–4, um mandamento relativo a conceder “carta de divórcio”—um mandamento que *não* foi trazido para o Novo Testamento. Alguns escribas interpretavam Deuteronômio 24:1–4 para justificar o divórcio “por qualquer motivo” (Mateus 19:3), mas Jesus disse que o único motivo bíblico para o divórcio é a infidelidade sexual¹⁷ da parte de um dos cônjuges (v. 32)¹⁸.

Votos—e Integridade (Mateus 5:33–37)

O próximo contraste dizia respeito a se fazer votos solenes. A citação de Jesus no versículo 33 é como os professores judeus resumiam passagens como Levítico 19:12; Números 30:2 e Deuteronômio 23:21, 23. Os judeus permitiam certos juramentos e proibiam outros, mas Jesus simplesmente disse: “De modo algum jureis” (Mateus 5:34; veja Tiago 5:12)¹⁹. Os discípulos de Cristo devem ser consistentes ao dizerem a verdade, sendo desnecessário recorrer a

¹⁴“Decálogo” vem das palavras gregas: *deka* (“dez”) e *logos* (“palavra”). Significa então “as dez palavras” e é um termo usado para designar os dez mandamentos.

¹⁵Jesus não estava propondo a mutilação do corpo em Mateus 5:29, 30; tal ato violaria o ensino bíblico de tratar o corpo como santuário de Deus (1 Coríntios 6:19; 3:17). A amputação de partes do corpo não mudaria a condição do coração (Mateus 15:19). Jesus estava usando uma hipérbole (figura de exagero) para expor seu pensamento.

¹⁶Mateus 5:31 e 32 poderia (e provavelmente deveria) ser incluído nos três versículos anteriores. Alistamos estes versículos separadamente porque o versículo 32 contém a expressão “mas digo-vos”.

¹⁷O texto grego contém a palavra equivalente a “fornicação”.

¹⁸Esse assunto é expandido em Mateus 19:3–9, que será comentado mais tarde.

¹⁹Isto não proibia juramentos civis. Quando foi julgado pelo Sinédrio, Jesus respondeu sob juramento (Mateus 26:63, 64).

juramentos para convencer outros a lhe aceitarem a palavra.

Retaliação—e Falta de Tolerância (Mateus 5:38–42; Lucas 6:29, 30, 34)

O que Jesus disse até aqui deve ter feito alguns de Seus ouvintes pensarem se estavam ouvindo bem o que Ele dizia. Sendo assim, os dois últimos contrastes os deixaram bastante hesitantes.

O próximo contraste tinha a ver com o princípio de “olho por olho, dente por dente” (Mateus 5:38), encontrado em Êxodo 21:24, Levítico 24:20 e Deuterônimo 19:21. Essa instrução do Antigo Testamento era inicialmente direcionada para os responsáveis pelos julgamentos oficiais; um dos propósitos era limitar a pena imposta. Infelizmente, os judeus haviam se apropriado do ensino como justificativa para vingança particular²⁰.

Jesus advertiu contra a retaliação e a vingança pessoal. Ele ordenou a Seus seguidores que “andassem a segunda milha” (veja Mateus 5:41) a fim de se reconciliarem com os outros, estando dispostos até a sofrer maus tratos, se necessário (Mateus 5:39–42²¹; veja 1 Coríntios 6:7).

Inimigos—e Amor (Mateus 5:43–48; Lucas 6:27, 28, 33, 34, 36)

A seguir, Jesus falou do tratamento com os inimigos. Existe uma relação íntima entre este contraste e o anterior²².

A Lei ordenava: “...amarás o teu próximo” (Levítico 19:18). Os mestres judeus haviam interpretado isso da seguinte maneira: desde que o indivíduo ame o seu “próximo”, está certo odiar um inimigo (Mateus 5:43)—uma injunção *não* encontrada no Antigo Testamento²³.

Jesus endossou enfaticamente o princípio de se amar ao próximo e tornou-o parte da Sua nova alian-

ça (Mateus 22:39; Romanos 13:8–10; Gálatas 5:14; Tiago 2:8). Entretanto, Ele discordou veementemente da política de se odiar inimigos. Ele ensinou Seus discípulos a amar e orar pelos seus inimigos, a se preocupar com as necessidades de todas as pessoas, assim como Deus se preocupa (Mateus 5:44–48)²⁴.

“TU, PORÉM...” (MATEUS 6:1–18)

No segmento anterior, Jesus havia admoestado Seus ouvintes a deixarem sua justiça exceder a “dos escribas e fariseus” (Mateus 5:20). Uma falha de muitos escribas e fariseus era que seus atos de piedade eram feitos para receber o louvor de homens, e não de Deus. Jesus enfatizou então a importância de agir com a devida motivação ao obedecer a Deus: “Guardai-vos de exercer a vossa justiça²⁵ diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste” (6:1). Jesus, então, deu-lhes três ilustrações do que Ele queria dizer.

O Dar Esmolas (vv. 2–4)

Primeiramente, Jesus falou da prática judaica de dar esmolas. A palavra grega traduzida por “esmolas” significa basicamente “um ato de misericórdia”. A palavra portuguesa “esmolas” refere-se à caridade dada aos pobres. O Antigo Testamento ensinava que dar aos pobres era um dever sagrado (Deuterônimo 15:11), mas alguns judeus fizeram desse ato um espetáculo (Mateus 6:2). Jesus insistiu que Seus seguidores partilhassem secretamente, sem chamar atenção para o que estavam dando (vv. 3, 4).

Alguns interpretam o ensino de Jesus sobre a “mão direita” e a “mão esquerda” (v. 3), mais a palavra “segredo” (v. 4) como se os cristãos precisassem ter certeza de que ninguém sabe quanto eles dão. Essa perspectiva da passagem parece contradizer o ensino anterior de Jesus sobre “deixar a luz brilhar” diante dos outros, para que *vejam* nossas boas obras (veja 5:16)²⁶. Creio que J. W. McGarvey estava certo

²⁰Infelizmente, alguns indivíduos ainda tentam usar esse ensino do Antigo Testamento como justificativa para a vingança particular nos nossos dias.

²¹Os versículos 39 a 42 estão entre os mais desafiadores do sermão do monte. Jesus ser levado ao tribunal correndo risco de vida é a melhor ilustração do princípio que estava envolvido. Obviamente, é necessária alguma qualificação: total falta de resistência ao mal estimularia a prática de crimes. Cuidado, porém, para não qualificar a passagem de maneira que suavize a natureza radical de seu ensino.

²²O relato de Lucas mistura as duas seções (Lucas 6:27–30, 32–36).

²³O Antigo Testamento de fato ordenava castigo aos inimigos de Israel pelo tratamento que dessem ao povo de Deus (por exemplo, veja Deuterônimo 23:3–6), mas não ensinava que os judeus devessem odiar seus inimigos. Tinham de “odiar o mal” (Salmos 97:10; Provérbios 8:13), e não as pessoas.

²⁴O desafio de “ser perfeito” como Deus “é perfeito” (Mateus 5:48) preocupa muitos, visto que nenhum de nós pode ser perfeito no sentido de não pecar (Romanos 3:23). O relato de Lucas nos instrui a sermos “misericordiosos” como Deus “é misericordioso” (Lucas 6:36). O ensino é que, no que se refere à *misericórdia*, devemos “ser perfeitos” como Deus é—*nisto* mostramos misericórdia tanto pelos justos como pelos injustos (Mateus 5:45).

²⁵A ERC diz: “fazer a vossa *esmola*” em Mateus 6:1, mas os melhores manuscritos contêm a expressão genérica “fazer... justiça”. O versículo 1 apresenta a admoestação geral e os versículos seguintes ilustram essa admoestação.

²⁶Existe uma diferença em fazer algo que é visível (Mateus 5:16) e fazer algo *para ser visto* (veja 6:2, 5, 16).

quando escreveu: “A ordem não proíbe publicidade, mas o espírito que *deseja* publicidade”²⁷.

O Orar (vv. 7–15)

A segunda ilustração de Jesus era sobre a oração. Ele condenou a exibição pública dos hipócritas ao fazerem a suas orações, e insistiu para que Seus discípulos cultivassem a prática de orar em particular (6:5, 6).

Enquanto Jesus falava da questão da oração, Ele acrescentou outras observações: condenou a prática de “vãs repetições” (v. 7), e partilhou com Seus ouvintes um modelo de oração (vv. 9–13)²⁸. A amostra de oração incluiu uma linha sobre perdão, com palavras instigantes de Cristo sobre a necessidade de perdoar o próximo (vv. 14, 15).

O Jejuar (vv. 16–18)

A terceira ilustração concentrou-se no jejum. O Antigo Testamento não continha uma ordem específica para se jejuar, mas a Lei dizia que os judeus deveriam “humilhar” suas almas no Dia da Expição (Levítico 16:29, 31) e o jejum era uma forma de se fazer isto (Salmos 35:13). Numa época posterior, estabeleceram-se jejuns em memória a catástrofes nacionais (Zacarias 8:19). Na época de Jesus, os fariseus jejuavam duas vezes por semana (Lucas 18:12). Naqueles dias, eles faziam questão que as pessoas soubessem que estavam “contristados”. Jesus, na verdade, estava dizendo a Seus ouvintes: “Se e quando vocês jejuarem, guardem isto para si mesmos” (Mateus 6:16–18)²⁹.

CONCLUSÃO

O sermão do monte ainda é um desafio hoje, mas aqueles dentre nós que estão familiarizados com seus ensinamentos não conseguem compreender o

²⁷J. W. MacGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 251 (grifo dele).

²⁸Essa oração é geralmente chamada de “a oração do Senhor” apesar de, pelo que se sabe, Jesus nunca ter realmente feito essa oração. Um termo melhor para ela é “a oração modelo”. Boa parte dela foi repetida em outra ocasião (Lucas 11:2–4). Em nenhuma ocasião, ela foi dada por Jesus para ser repetida literalmente em cultos públicos. Recitar a oração poderia violar o ensino de Jesus sobre “vãs repetições” (Mateus 6:7). Na hipótese dessa oração ser de alguma forma usada hoje, é preciso se fazer uma modificação nela. Não podemos dizer: “Venha nós o vosso reino” (v. 10), pois o reino ou a igreja já veio. (Observe-se a promessa de Jesus em Marcos 9:1 e Atos 1:8 e seu cumprimento em Atos 2:1–4.) Consulte na edição “A Vida de Cristo—Parte 14”, o artigo “A Oração Modelo”.

²⁹Veja mais sobre jejum no artigo “O Jejum e o Cristão”, na edição “Atos, 5”, de *A Verdade para Hoje*.

impacto que tais palavras tiveram sobre os que as ouviram em primeira mão. Em todos os sentidos do termo, o sermão foi revolucionário. A maior parte dele, senão todo ele, era contrária ao ensino que os ouvintes de Jesus haviam aprendido em suas vidas. O ensino de Jesus *ainda* é contrário aos conceitos sustentados e valorizados pelo mundo.

Na lição seguinte, concluiremos nossa breve análise do sermão—mas não espere até lá para começar a aplicar suas verdades à sua vida. Esses ensinamentos destinavam-se especialmente aos discípulos de Jesus naquele momento (Mateus 5:1, 2)—além da multidão que estava presente (Mateus 7:28)—mas foram preservados para cada um de nós. Cristo disse: “*Todo* aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha” (Mateus 7:24; grifo meu). Por meio deste estudo, você “ouviu” as palavras de Jesus. E, agora, vai começar a agir conforme o que ouviu?

Você Vale Mais do que Pensa

Mateus 5:13,
Olhando
de perto



Imagine diante de você uma embalagem de sal e uma vela representando o sal e a luz. Sal e luz são dois dos elementos mais comuns da terra. Vá a qualquer parte do mundo e você encontrará ali sal e luz.

Esses elementos também eram bastante comuns nos dias de Jesus. Quando menino, Jesus via todos os dias Sua mãe salgando a carne, e a cada tardezinha via sua mãe acendendo as lamparinas. Por serem elementos tão comuns, Jesus usou o sal e a luz para fazer um de Seus maiores elogios—e para mostrar um de Seus maiores desafios:

Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus (Mateus 5:13–16).

Essas palavras constituem a segunda seção principal no sermão do monte. Cristo havia acabado de dar as bem-aventuranças, delineando o tipo de caráter exigido de cada discípulo. A seguir, Ele falou do *efeito* desse caráter, quando disse: “Vós sois o sal da terra”; “Vós sois a luz do mundo”. Talvez esta seja a maior passagem bíblica sobre o poder da influência cristã.

Às vezes, chamo esta lição de “Não se venda por pouco”¹. Você pode pensar que não é importan-

¹Quando uma pessoa “se vende por pouco”, ela não reconhece seu verdadeiro valor. Um cristão precisa tomar cuidado para “não pensar de si mesmo além do que convém” (Romanos 12:3). Ao mesmo tempo, ele não deve pensar que

te, mas deixe-me lhe dizer uma coisa: o sal e a luz eram e são tremendamente importantes. A vida não subsiste sem o sal e a luz. O corpo físico requer sal para funcionar², e não pode haver vida física sem luz. Se o sol fosse de repente extinto, em questão de horas, nosso planeta ficaria coberto de gelo. Quando Jesus disse que você, cristão, é sal e luz, Ele estava dizendo que Seus propósitos não podem ser realizados sem você.

Cada pessoa exerce influência, incluindo você. Assim como o fio de cabelo mais fino projeta uma sombra, e a menor pedra agita a água, você também exerce alguma influência—e Jesus quer que essa influência seja usada para Ele.

Vejamos agora o texto bíblico deste sermão para analisarmos como você é importante para o Senhor. Discutiremos como é ser sal na terra. A seguir, falaremos sobre ser a luz do mundo³.

UM ELOGIO

Quando Jesus disse: “Vós sois o sal da terra”, Suas palavras foram, acima de tudo, um elogio. Em

não tem valor. Nosso valor deriva não de mérito pessoal, mas do valor que Deus depositou em nós. Se a expressão “vender-se por pouco” for desconhecida aos seus ouvintes, use uma expressão com um significado semelhante que seja familiar a eles.

²A circulação sanguínea é basicamente uma solução salina. Certos pacientes são instruídos a evitar comer sal por razões médicas. Todavia, até as dietas isentas de sal possuem alimentos com um pouco de sal.

³Via de regra, nesta série temos um sermão relacionado a cada lição, mas ocasionalmente aparecem dois. Nas congregações em que houver dois cultos dominicais, pode-se pregar um sermão de manhã e outro à noite.

algumas partes do mundo usa-se a expressão: “Ele é o sal da terra”⁴.

Jesus não dirigiu esse tributo aos líderes religiosos judeus nem aos senadores romanos nem aos filósofos atenienses, mas aos Seus ouvintes: agricultores, pescadores, mercadores e suas esposas e filhos. Ele louvou o que o mundo chama de “pessoas simples e comuns”.

A afirmação “Vós sois o sal da terra” diz algo sobre a terra, e diz algo sobre os seguidores de Cristo. Para apreciar a importância dessas palavras, temos de entender o papel do sal nos tempos bíblicos.

O Sal Era Valioso

O sal era valioso nos dias de Jesus. Geralmente, ele era usado como uma moeda de troca ou para se pagar salários. Em alguns lugares do mundo se diz “tal pessoa vale o sal que come”⁵.

Jesus disse: “Vós sois o sal da terra”—e o sal tem valor. O que isto diz sobre a terra? Diz que esta terra não tem valor real. O que isto diz sobre os cristãos? Diz que os cristãos têm valor—e que a única importância que este mundo tem vem da presença dos cristãos nele.

Se você é cristão, você é valioso aos olhos de Deus. Não se venda por pouco.

O Sal Dava Sabor

Naqueles dias, assim como hoje, um dos usos do sal era adicionar sabor ao alimento. Jó indagou: “Comer-se-á sem sal o que é insípido? Ou haverá sabor na clara do ovo?” (Jó 6:6). O patriarca declarou a seguir que o alimento sem sal é “repugnante” (v. 7)⁶.

A história seguinte é uma ilustração do grande valor do sal:

Um rei perguntou a suas três filhas quanto elas o amavam. Duas delas responderam que o amavam mais do que todo ouro e prata do mundo. A mais nova disse que ela o amava mais do que o sal. O rei não se agradou com tal resposta, pois pensava que o sal não era muito saboroso. Mas o cozinheiro tendo ouvido a observação, no dia seguinte, não colocou sal em nenhum alimento do café da manhã e a refeição ficou tão in-

sípida que o rei não comeu nada. Então, ele viu a força do argumento de sua filha. Ela o amava tanto que nada era bom sem ele.⁷

Aqueles que precisam fazer dietas isentas de sal encontram dificuldade para melhorar o sabor dos alimentos sem adicionar sal. Nada é tão eficaz como uma “pitada de sal”.

“Vós sois o sal da terra”—e o sal acrescenta sabor. O que isto diz sobre a terra? Diz que esta terra é insípida, que a longo prazo tudo o que este mundo tem para oferecer acaba sem gosto⁸. O que isto diz a respeito de você, cristão? Diz que você é o que dá sabor, tempero à vida. Não se venda por pouco.

O Sal Tinha Usos Múltiplos

Muito mais poderia ser dito sobre o valor do sal. Por exemplo, o sal pode provocar sede. É provável que você já tenha ouvido a expressão: “pode-se levar um cavalo até a água, mas não se pode fazê-lo beber”⁹. Essa afirmação precisa de um adendo: “... mas pode-se dar sal para o animal comer”. Quando eu era menino, de vez em quando eu fazia isso quando expunha nossos animais numa feira. Quando um dos nossos animais estava magro, eu colocava um pouco de sal na sua ração. Assim ele bebia mais água e ficava mais inchado. Isto se aplica a nós: como cristãos, podemos provocar sede da água da vida (João 4:10–15) através das vidas que levamos.

Nos dias de Jesus, o sal também era às vezes usado como símbolo de pureza. Além disso, ele era acrescentado aos sacrifícios judaicos (Levítico 2:13). Tudo isto diz algo sobre o valor dos cristãos.

O Sal Era Um Conservante

É provável que o uso mais importante do sal nos tempos bíblicos, e o que lhe atribuía grande valor, era seu uso como conservante. Naqueles dias, não se podia ir à cidade e comprar um refrigerador ou congelador para manter as carnes frias e frescas. A carne fresca se estragava rapidamente; essa é a natureza da carne¹⁰.

Quando eu estava crescendo, minha família tirou umas férias das quais me lembro bem. (Ocasionalmente, visitávamos os parentes, mas eu não

⁴Se a expressão não for conhecida na sua região, explique que ela é usada para se fazer um elogio.

⁵Se esta expressão não for usada onde você mora, explique que equivale à expressão brasileira “ele não vale o feijão que come”.

⁶Jó estava dizendo que o “conforto” de seus “amigos” era como alimento sem sal. Outra passagem relacionada à maneira como o sal acrescenta sabor é Colossenses 4:6, que diz que a nossa palavra deve ser sempre “temperada com sal”. Devemos nos esforçar para tornar a nossa palavra saborosa.

⁷A. C. Dixon, citado em Leslie G. Thomas, *The Sermon on the Mount: A Series of Studies in the Moral and Religious Teaching of Jesus* (“O Sermão do Monte: Uma Série de Estudos sobre o Ensino Moral e Religioso de Jesus”). Nashville: Gospel Advocate Co., 1958, p. 22.

⁸Se você usou antes a palavra “insípido”, talvez seja útil explicar que “sem gosto” é sinônimo dela.

⁹Esse provérbio significa que não se pode forçar nenhum indivíduo a fazer o que não quer.

¹⁰Se tiver uma experiência com carne estragada, relate a história aos seus ouvintes.

considerava isso férias.) Naquela viagem especial, entramos no carro e fomos para o leste, passando pelo estado de Oklahoma e algumas partes de Arkansas. Enquanto estávamos fora, a companhia de gás desligou o gás para fazer alguns consertos nos condutores—e nós tínhamos uma geladeira que funcionava a gás. Quando voltamos para casa, nossa geladeira estava cheia de carne estragada. Minha mãe tentou de tudo para tirar o mau cheiro da geladeira. Durante semanas, o aparelho ficou no meio do quintal, com a porta aberta, enquanto minha mãe esperava o cheiro sumir. Mas enquanto tivemos aquele aparelho conosco, ele sempre teve um aroma peculiar e pungente.

Uns amigos nossos tinham um filho pequeno chamado Gary. Uma vez, quando ele estava sozinho em casa, resolveu fazer um sanduíche de atum. Ao abrir a lata, ela caiu ao chão, espalhando atum e óleo pelo tapete. Não querendo que seus pais descobrissem o que ele tinha feito, Gary pegou o aspirador de pó do armário e aspirou todo o atum. Depois, guardou o aparelho de volta no armário. Com o passar dos dias, um odor misterioso e repulsivo encheu a casa—até que finalmente localizaram sua origem.

Você sabe do que estou falando quando digo que a carne se estraga rapidamente. A carne simplesmente não pode continuar fresca sem um preparo especial.

O que as pessoas faziam para preservar a carne nos tempos bíblicos? Elas cobriam a carne com sal. Os pescadores envolviam seus peixes no sal. A questão não era que as pessoas gostavam tanto assim do gosto de sal; mas que precisavam salgar a carne para que esta não estragasse¹¹. Muitos adultos de hoje já moraram em regiões onde a carne bovina e suína e os peixes eram conservados utilizando-se sal¹².

“Vós sois o sal da terra”—e o sal conserva. O que isto diz sobre a terra? Diz que esta terra está num processo de deterioração, putrefação. Este fator é básico para a nossa compreensão do mundo. Por mais glamuroso que este mundo pareça, na verdade ele está morrendo e se desintegrando diante dos nossos olhos. Este mundo tem uma cara bonita, mas analisado de perto, tudo não passa de tinta e pó. Além das cores brilhantes há uma realidade desbotada e enrugada.

¹¹Outro método de se preservar a carne era secá-la. Carne seca era melhor do que ficar sem carne.

¹²Em algumas partes do Brasil essa prática ainda é comum.

Esta verdade é vividamente aparente para qualquer um que tenha um conhecimento limitado do que a Bíblia ensina. São desnecessárias estatísticas¹³. Basta olhar para os decadentes padrões morais do mundo, a falta de honestidade e integridade, e a falta de interesse em questões espirituais. Nada sobre este mundo pode atrair quem não vê além da superfície.

Em contra-partida, o que isto diz a respeito dos cristãos? Diz que os cristãos são o poder que conserva e preserva a terra.

Em toda a minha vida, já vi vários fatores sendo apregoados como a esperança e a salvação da terra: ciência, educação, psicologia e psiquiatria, tecnologia, melhores condições de vida, legislação, reforma social e poder militar. A humanidade fez progressos em todas estas áreas—e um progresso significativo em algumas delas—mas o mundo parece piorar gradativamente. Jesus disse que a única esperança real para o mundo reside nos cristãos fiéis.

Assim como uma porção de sal pode conservar um pedaço grande de carne, poucos cristãos dedicados podem conservar a sociedade. Você se lembra da história de Abraão e a destruição de Sodoma e Gomorra (Gênesis 18)? Dez—somente dez—pessoas justas teriam preservado ou perpetuado aquelas cidades (v. 32). Imagine alguém indo até a Câmara do Comércio¹⁴ de Sodoma e Gomorra dizendo: “Muito do que vocês têm realizado é impressionante, mas se vocês quiserem que estas grandes cidades sobrevivam, devem mandar pelo menos um grupo de dez pessoas se mudar como fez o velho Abraão que mora no alto da colina”. Como teriam respondido? Independentemente de suas atitudes, dez pessoas como Abraão *teriam* preservado ou perpetuado aquelas cidades.

Façamos uma pausa aqui para antecipar um contraste. A luz (sobre a qual falaremos no próximo sermão) influencia pelo que ela *faz*, enquanto o sal influencia pelo que ele *é*. Com certeza, você já viu numa escala menor a qualidade de conservação ou preservação que estou descrevendo. Digamos que você é um filho de Deus fiel (e espero que seja). Você não exhibe o seu cristianismo, mas as pessoas sabem quem você é e o que você representa. Quando você

¹³Todavia, você pode *querer* apresentar estatísticas relativas à região do mundo em que você mora: estatísticas que mostrem a crescente impiedade do mundo ao seu redor.

¹⁴No mundo ocidental, a maioria das cidades possui uma Câmara do Comércio, que é uma organização composta por comerciantes da região e outros indivíduos influentes. Embora não seja um órgão governamental, ela faz muito para promover o crescimento e a prosperidade da região.

entra numa sala, não é raro que o linguajar e as piadas se calem. As pessoas podem tentar intimidá-lo: “Não dá para contar essa história. Fulano está aqui agora!” A sua presença—somente o *fato* da sua presença—faz a diferença. O sal influencia pelo que ele é.

Novamente, deixe-me reforçar que Jesus disse isto a pessoas que o mundo considera “comuns”. Na língua original, a palavra “vós” está grifada¹⁵: Jesus disse: “Vós sois o sal da terra”. A frase de Jesus é inclusiva e ao mesmo tempo exclusiva: inclui todos os Seus seguidores e exclui todos que não são Seus seguidores. Lembre-se de que Jesus não disse isto para os líderes religiosos, financeiros, sociais ou políticos do Seu tempo, mas para pessoas “simples e comuns”, os “sais-da-terra” dispostos a segui-LO.

Não se venda por pouco. Se você é cristão, você é especial—muito especial!

UM DESAFIO

Quando Jesus disse: “Vós sois o sal da terra”, essa frase não foi apenas um elogio, foi também um desafio. O sal tem valor e tem a propriedade de conservar *porque possui uma qualidade diferencial*. Como cristãos, nós também precisamos de uma qualidade diferencial. Uma forma de expressar essa qualidade é dizer que precisamos ser *diferentes* do mundo.

E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente... (Romanos 12:2).

...não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus (Tiago 4:4).

Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele (1 João 2:15).

Se o sal tivesse a mesma composição que a carne, ele não poderia conservar a carne. Se nós formos iguais ao mundo, não teremos a qualidade de conservante. Isto não significa que temos de ser estranhos¹⁶, mas que temos de ter um diferencial.

Será que as pessoas podem olhar para nós e ver que somos cristãos—pelo que fazemos, pela manei-

¹⁵Como acontece com todos os verbos gregos, o verbo “sois” em Mateus 5:13 já inclui o sujeito oculto (neste caso, “vós”). O *acrécimo* de “vós” no início da oração tem o efeito de colocar ênfase nessa palavra.

¹⁶Se desejar, use um exemplo de um comportamento ou roupa estranha em algum segmento da sua sociedade. Certa vez, quando preguei este sermão, era moda se usar uma mexa de cabelos pintados de verde; muitos ouvintes já tinham visto essas pessoas na TV. Então, eu disse: “Isto não significa que devemos pintar uma mexa de cabelos verdes, mas que temos de ter um diferencial”.

ra como conversamos, pelos tópicos que discutimos, pela maneira como nos vestimos, pelo modo como enfrentamos as dificuldades? Ser cristão deve afetar o modo como tratamos nossas famílias, conversamos com os manobristas ou jogamos uma partida de futebol.

Observemos que Jesus não disse: “Vós sois o sal *da igreja*”, e sim: “Vós sois o sal *da terra*”. As pesquisas indicam que a maioria das atividades da igreja acontece nos prédios das igrejas. Temos de ser “sal” onde as outras pessoas estão: nos centros comerciais, nas salas de escola, nos escritórios. Jesus era amigo de pecadores (Mateus 11:19). Certo livro sobre evangelismo, cujo título original é “Fora do Saleiro & Dentro do Mundo”, incita os cristãos a entrarem na sociedade, onde podem exercer uma influência positiva sobre outras pessoas¹⁷.

Aonde quer que você vá, onde quer que esteja, você está comissionado para ser o poder conservador de Deus. Certamente você visita casas, vai a lugares e faz contatos únicos a você como filho de Deus. Esse é o lugar especial de Deus para você, seu lugar especial de influência. Nunca se esqueça do desafio de ser “o sal da terra”.

Na última parte do versículo 13, Jesus enfatizou a seriedade desse desafio: “...se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens”. A NVI diz: “Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo?”.

Muitos de nós podemos ter dificuldade para entender como o sal pode perder o gosto e o poder de salgar, pois compramos sal puro e pronto numa embalagem. Esse tipo de sal sempre vai ser salgado. Mesmo que reste um só grão, esse grão será salgado. Mas o sal dos tempos bíblicos era resultado da evaporação da água do mar. Naturalmente, ele continha impurezas. Quando o sal era recolhido do chão, alguns grãos de terra ou areia inevitavelmente se agregavam a ele. Se a massa salgada resultante disso fosse exposta a elementos agressores, a maior parte do cloreto de sódio¹⁸ poderia se estragar. O que restava era uma substância com sal suficiente para esterilizar a terra, mas sem valor para salgar. Esse “sal” havia perdido sua qualidade diferencial.

Solo fértil era um prêmio na terra da Palestina. Eles usavam cada polegada disponível para a produção de grãos. Os espaços vazios nos campos eram

¹⁷Rebecca Manley Pippert, *Out of the Salt Shaker & into the World* (“Fora do Saleiro e dentro do Mundo”). Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1979.

¹⁸O cloreto de sódio é a designação científica do sal comum.

caminhos estreitos usados pelos agricultores. As pessoas não ousavam jogar sal que havia perdido “a propriedade de salgar” num campo, porque isso destruiria a fertilidade do solo. (Aprendi essa lição a duras penas quando joguei gelo salgado e água no gramado, depois de usá-los para fazer sorvete.) Em vez de jogar essa mistura salgada na grama, eles a jogavam onde ela não poderia estragar nada. Ali, sim, ele era pisado por pés humanos.

Esta ilustração é o triste comentário de Jesus sobre o cristão que não tenta reconhecer seu potencial como “o sal da terra”. A dura conclusão de Jesus é que tal pessoa não “serve para nada”.

CONCLUSÃO

O sal e a luz: estes itens comuns foram usados por Jesus para ensinar lições valiosas. Estudaremos sobre ser “luz” no próximo sermão; por enquanto, espero que todos nós nos impressionemos com as palavras: “Vós sois o sal da terra”. Jesus nos fez um grande elogio quando disse essas palavras. Somos especiais para o Senhor; temos valor. Nunca vamos nos vender por pouco.

Jesus também nos deu um grande desafio. Nenhum insulto maior pode ser dito contra um homem

do que se dizer que ele “não serve para nada”. Eu não quero “servir para nada” espiritualmente, você quer? Vamos decidir viver uma vida diferenciada, diferente do mundo. Deus nos ajude a sermos “o sal da terra”!¹⁹

¹⁹Quando você usar este sermão, vai querer incentivar seus ouvintes a fazer o que for necessário para exercer a influência certa. Alguns podem precisar se tornar cristãos por meio da fé e do batismo (Marcos 16:16). Cristãos infiéis precisam ser restaurados por meio de arrependimento, confissão e oração (Atos 8:22; Tiago 5:16).

Viagens de Cristo abordadas nesta edição

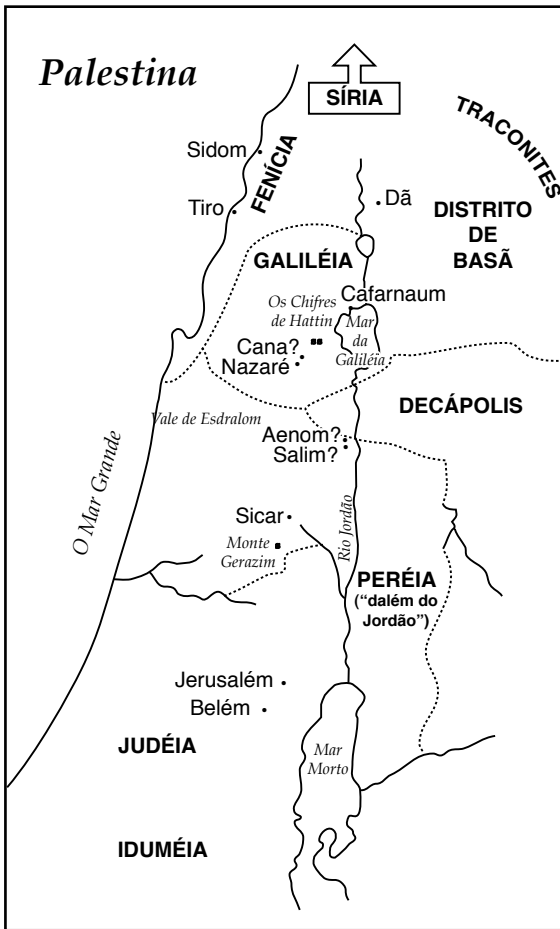
Começando o grande ministério na Galiléia (Mateus 4:12; Marcos 1:14, 15; Lucas 4:14, 15)	Galiléia
Fixando residência em Cafarnaum (Mateus 4:13-17; Lucas 4:31)	Cafarnaum
Chamando homens para o discipulado em tempo integral (Mateus 4:18-22; Marcos 1:16-20; Lucas 5:1-11)	Cafarnaum
A cura de um endemoninhado na Sinagoga (Marcos 1:21-28; Lucas 4:31-37)	Cafarnaum
Muitos milagres de cura (Mateus 4:23-25; 8:14-17; Marcos 1:29-39; Lucas 4:38-44)	Cafarnaum e Galiléia
A cura de um leproso (Mateus 8:2-4; Marcos 1:40-45; Lucas 5:12-15)	Galiléia
A cura de um paralítico (Mateus 9:2-8; Marcos 2:1-12; Lucas 5:17-26)	Cafarnaum
O chamado de Mateus; o banquete de Mateus (Mateus 9:9-17; Marcos 2:13-22; Lucas 5:27-39)	Cafarnaum
A cura junto ao tanque de Betesda (João 5:2-47)	Jerusalém
A defesa contra as tradições do sábado (Mateus 12:1-14; Marcos 2:23-3:6; Lucas 6:1-11)	Cafarnaum
A nomeação dos doze apóstolos (Mateus 10:2-4; Marcos 3:13-19; Lucas 6:12-19)	Os Chifres de Hattin?
O sermão no monte (Mateus 5-7; Lucas 6:20-49)	Os Chifres de Hattin?

Os Apóstolos

- **Pedro**—Também conhecido como Simão. Seu nome foi mudado para Cefas, que significa “pedra”. Ele conduziu seu trabalho evangelístico entre os judeus e escreveu os livros de 1 e 2 Pedro. Também é possível que tenha ajudado a escrever o Evangelho de Marcos.
- **André**—Era irmão de Pedro e apresentou Pedro a Jesus (João 1:40–42). Esses irmãos eram pescadores de Betsaida.
- **Tiago**—Era irmão de João. Ambos eram filhos de Zebedeu e Salomé e trabalhavam com o pai em Betsaida. Às vezes chamado de “o Maior”, Tiago pregou em Jerusalém e na Judéia. Foi decapitado por Herodes, no ano 44 d.C., tornando-se o primeiro mártir entre os apóstolos.
- **João**—Era irmão de Tiago. Ambos eram pescadores, juntamente com o pai (Marcos 1:19, 20). Jesus chamou os dois irmãos de “Filhos do Trovão” (Marcos 3:17). João trabalhou com as igrejas da Ásia Menor, especialmente Éfeso. No ano 95 d.C., ele foi exilado em Patmos, onde registrou o Apocalipse. Entre seus escritos também estão o Evangelho de João e as Epístolas de 1, 2 e 3 João.
- **Filipe**—Era de Betsaida. Falou de Jesus a Natanael (João 1:44–46).
- **Bartolomeu**—Provavelmente era o Natanael do relato do evangelho de João (João 1:44–46). Era de Caná da Galiléia.
- **Tomé**—Também chamado de Dídimo (“o gêmeo”) (João 11:16; 20:24; 21:2). Sua casa ficava na Galiléia. Os cristãos da Síria o aclamaram fundador da igreja naquele país; ele também pode ter estabelecido igrejas na Pérsia e Índia.
- **Mateus**—Também conhecido como Levi, filho de Alfeu (Mateus 9:9; Marcos 2:14). Era de Cafarnaum e servia como coletor de impostos do governo romano.
- **Tiago**—Às vezes chamado de “o Menor”, este Tiago era filho de Alfeu e Maria (Mateus 10:3; 27:56). (Seriam Tiago e Mateus irmãos? Não sabemos.) Era da Galiléia e escreveu o Livro de Tiago.
- **Tadeu**—Filho de Tiago, também era chamado de Judas (Mateus 10:3; Lucas 6:16.) Era galileu.
- **Simão, o Zelote**—Também conhecido como o cananeu, outra palavra para “zelote”, transliterada de um termo aramaico. Simão era da Galiléia.
- **Judas Iscariotes**—“Iscariotes” provavelmente indica que ele era da cidade de Quiriot, na Judéia. Traiu Jesus e depois cometeu suicídio.
- **Matias**—Após a morte de Judas, Matias foi escolhido por sorteio para substituí-lo (Atos 1:26). Sabemos a partir de Atos 1:22 que Matias estivera com Jesus e Seus discípulos “começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós [Jesus] foi levado às alturas”.
- **Paulo**—Saulo, mais tarde Paulo, um perseguidor da igreja, foi chamado para ser um apóstolo especial para os gentios (Romanos 11:13; 1 Coríntios 1:1; 9:1; 15:9; 2 Coríntios 12:12; Gálatas 1:1; 1 Timóteo 2:7). Jesus apareceu a ele na estrada para Damasco. Ele escreveu uma vasta porção do Novo Testamento.

Os apóstolos foram mensageiros especiais do Senhor, nomeados por Ele, os quais puderam dar testemunho pessoal de Sua vida e ressurreição. Quando Judas Iscariotes foi substituído, o novo apóstolo deveria ser alguém que tivesse estado com Jesus e Seus seguidores por todo o Seu ministério na terra (Atos 1:21). Mais tarde, Cristo apareceu a Paulo para qualificá-lo a se tornar um apóstolo aos gentios (veja 1 Coríntios 15:8). Algumas informações alistadas aqui foram extraídas de Frank L. Cox, “The Glorious Company of the Apostles” (“A Gloriosa Companhia dos Apóstolos”), *The Minister’s Monthly*, Fevereiro de 1960, p. 254.

<i>Viagens de Cristo abordadas nesta edição</i>	
Começando o grande ministério na Galiléia (Mateus 4:12; Marcos 1:14, 15; Lucas 4:14, 15)	Galiléia
Fixando residência em Cafarnaum (Mateus 4:13–17; Lucas 4:31)	Cafarnaum
Chamando homens para o discipulado em tempo integral (Mateus 4:18–22; Marcos 1:16–20; Lucas 5:1–11)	Cafarnaum
A cura de um endemoninhado na Sinagoga (Marcos 1:21–28; Lucas 4:31–37)	Cafarnaum
Muitos milagres de cura (Mateus 4:23–25; 8:14–17; Marcos 1:29–39; Lucas 4:38–44)	Cafarnaum e Galiléia
A cura de um leproso (Mateus 8:2–4; Marcos 1:40–45; Lucas 5:12–15)	Galiléia
A cura de um paralítico (Mateus 9:2–8; Marcos 2:1–12; Lucas 5:17–26)	Cafarnaum
O chamado de Mateus; o banquete de Mateus (Mateus 9:9–17; Marcos 2:13–22; Lucas 5:27–39)	Cafarnaum
A cura junto ao tanque de Betesda (João 5:2–47)	Jerusalém
A defesa contra as tradições do sábado (Mateus 12:1–14; Marcos 2:23–3:6; Lucas 6:1–11)	Cafarnaum
A nomeação dos doze apóstolos (Mateus 10:2–4; Marcos 3:13–19; Lucas 6:12–19)	Os Chifres de Hattin?
O sermão no monte (Mateus 5–7; Lucas 6:20–49)	Os Chifres de Hattin?




A Harmonia

- V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).
- F. O Sermão do Monte (continuação). (Veja abaixo.)
 - 6. A segurança dos tesouros celestiais contrastada com as ansiedades terrenas (Mateus 6:19–34).
 - 7. O ensino sobre julgar (Mateus 7:1–6; Lucas 6:37–42).
 - 8. O ensino sobre oração (Mateus 7:7–11).
 - 9. A Regra de Ouro (Mateus 7:12; Lucas 6:31).
 - 10. Os dois caminhos—e os falsos profetas (Mateus 7:13–23; Lucas 6:43–45).
 - 11. Conclusão e aplicação (os dois construtores) (Mateus 7:24–29; Lucas 6:46–49).
- G. O servo de um centurião é curado (Mateus 8:1, 5–13; Lucas 7:1–10).
- H. O filho de uma viúva é ressuscitado (Lucas 7:11–17).
 - I. A resposta a João Batista (Mateus 11:2–30; Lucas 7:18–35).
 - J. Os pés de Jesus são ungidos (Lucas 7:36–50).
- K. A segunda viagem pela Galiléia (Lucas 8:1–3).
- L. Acusações blasfemas (Mateus 12:22–37; Marcos 3:20–30; Lucas 11:14–23).
- M. Procuradores de sinais (Mateus 12:38–45; Lucas 11:16, 24–26, 29–36).
- N. A família de Jesus (Mateus 12:46–50; Marcos 3:31–35; Lucas 8:19–21; 11:27, 28).

“Assim brilhe também a vossa luz”

Mateus
5:14-16,
Olhando de perto



No último sermão, “Você vale mais do que pensa”, iniciamos o estudo da segunda seção do Sermão do Monte: Mateus 5:13–16. Falamos sobre o que está implícito nas palavras “Vós sois o sal da terra”. Neste sermão, discutiremos os versículos 14 a 16:

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia¹ para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

UM ELOGIO

“Vós sois a luz do mundo.” Quando analisamos seriamente essa afirmação, ela surpreende as nossas mentes. Essas palavras nos dizem que, como cristãos, além de participarmos dos planos e propósitos de Deus, nós também partilhamos, até certo ponto, das *características* de Deus e de Jesus. João disse: “Deus é luz” (1 João 1:5). Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo” (João 8:12). Com esses versículos, Jesus aponta para Seus seguidores e diz: “Vós sois a luz do mundo”². Se isto não fizer você se sentir elevado como filho de Deus, nada mais o fará.

O que Jesus quis dizer com a expressão “Vós sois a luz do mundo”? Façamos um contraste entre sal e luz. O principal propósito do sal naqueles dias era em grande parte *negativo*: evitar a decomposi-

ção. O principal propósito da luz é *positivo*: dissipar a escuridão.

Novamente, a imagem de Jesus nos diz algo sobre o mundo e algo sobre os cristãos. Ela revela que este mundo está na *escuridão*. Quem está no mundo não gosta de admitir isto. Às vezes, quando pessoas rejeitam a Bíblia, elas dizem: “Não vivemos mais na era das trevas e, sim, numa era *iluminada*”. Talvez você já tenha ouvido a expressão: “Novas evidências vieram à luz”. O fato, porém, é que este mundo está encoberto pela escuridão do pecado. Todo ser intelectual que não está iluminado pela santa Palavra de Deus é um ser intelectual escurecido.

O mundo na verdade prefere a escuridão. A luz expõe “as [coisas] ocultas das trevas” (1 Coríntios 4:5). Jesus disse que as pessoas daquele tempo “amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (João 3:19). Certa vez minha esposa e eu alugamos um imóvel de nossa propriedade. Assim que determinada família desocupou o imóvel, fomos até a casa fazer uma inspeção no dia seguinte. Eles deixaram a casa num estado terrível, cheia de lixo. Quando voltamos à noite, milhares de baratas corriam por todos os lados! Baratas não gostam de luz—nem o mundo pecaminoso. Apesar disso, luz é justamente o que o mundo *precisa*.

O texto deste sermão não só declara que o mundo está na escuridão, como também diz que os cristãos são a *luz* do mundo. Os *cristãos* são os que possuem a luz. Se você conhece Jesus e a Bíblia, você sabe mais a respeito de casamento, criação de filhos, solução de problemas e o sentido da vida do que qualquer PhD que não seja cristão³.

¹Há versões que traduzem erroneamente o termo por “vela”, mas a vela só foi inventada mais tarde.

²O texto original enfatiza a palavra “vós”. Veja a nota de rodapé 15, na página 48 de “A Vida de Cristo—Parte 3”. Muitas passagens ensinam que tornar-se cristão é como sair da escuridão para a luz (veja João 8:12; Atos 26:18; Efésios 5:8; Filipenses 2:15, 16; 1 Pedro 2:9).

³A intenção desta frase não é depreciar a educação. Creio que toda pessoa deveria obter o nível máximo de escolaridade possível. Nossa intenção é enfatizar que o conheci-

Como seguidores de Jesus, devemos deixar nossa luz *brilhar*. Deixamos que ela brilhe levando uma vida correta. Deixamos que ela brilhe ensinando a Palavra de Deus⁴.

Não gosto da escuridão moral e espiritual existente no mundo. Tenho de confessar que a escuridão me desanima. Às vezes, a escuridão é tão intensa que me sinto prestes a desistir. Em momentos assim, tenho de lembrar que a luz não teria propósito se não houvesse escuridão. O propósito da luz é dissipar a escuridão. É por isso que Deus me colocou neste lugar, neste exato momento!⁵

Uma passagem bíblica pertinente é Filipenses 2:15 e 16. Paulo desafiou seus leitores a se tornarem “irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo...” (grifo meu).

Vamos refletir nisto: quanto mais escura é a escuridão, mais brilhante a luz parece. Tenho um aparelho de som no meu quarto cuja luzinha verde fica acesa o tempo todo. Durante o dia, nem se nota essa luz, mas à noite, assim que meus olhos se ajustam à escuridão, a luz verde se intensifica. Até uma pequena luz tem valor quando tudo mais está escuro⁶.

Devo enfatizar que não somos “luz” devido a algum poder iluminador inerente a nós. Somos “luz” devido à nossa ligação com as fontes de luz: Deus e Jesus. Os cristãos são comparáveis à lua, quando reflete a luz do sol. Também podemos ser comparados a lâmpadas incandescentes que brilham devido a uma fonte externa de energia; no entanto, Jesus honrou-nos imensamente com as palavras: “Vós sois a luz do mundo”.

UM DESAFIO

As palavras de Cristo não são apenas um elogio; também são um desafio: temos de deixar nossa luz *brilhar*.

mento da Bíblia é muito mais importante do que a educação secular.

⁴Provavelmente, você vai querer expandir esta parte do sermão, fazendo uma aplicação pessoal aos seus ouvintes. Enumere maneiras específicas de “deixarem sua luz brilhar” na sociedade em que vivem.

⁵Estou aguardando minha ida para o céu, onde a luz de Deus dissipará as trevas (Apocalipse 21:25; 22:5). Enquanto isso, estou no mundo escurecido onde Deus quer que eu esteja.

⁶Use suas próprias ilustrações relativas a como até luzes pequenas aparecem na escuridão. Já estive em estádios imensos onde cada um acendeu uma vela ou um isqueiro. O resultado foi inesquecível.

Jesus disse: “Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte” (v. 14b). Naqueles dias, as cidades eram edificadas em colinas ou montanhas por, no mínimo, duas razões. A primeira era uma razão prática: assim não se desperdiçavam terras cultiváveis. A segunda era uma razão de segurança: do alto de uma montanha, os habitantes da cidade podiam ver seus inimigos se aproximando lá embaixo⁷. Todo viajante que passasse por ali era capaz de avistar a cidade e dizer: “Ali está ela, em cima do monte”. A idéia principal de Jesus era que, assim como os homens não escondiam suas cidades, nós não devemos esconder nossa luz (nossa influência). A aplicação fica evidente nas palavras que se seguem.

Jesus prosseguiu dizendo: “...nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire” (v. 15a). A NVI diz: “debaixo de uma vasilha”. O alqueire era uma grande vasilha de barro com capacidade para cerca de nove litros. Colocar uma candeia debaixo desses sólidos recipientes anulava efetivamente sua luz⁸.

A ilustração de colocar nossa luz debaixo do alqueire tem o mesmo significado básico da ilustração do sal perdendo sua salinidade, no sermão “Você vale mais do que pensa”. “Sal” que não salga não tem valor; nem tampouco uma luz escondida. Assim como era possível uma porção de sal perder a sua salinidade, é possível que a luz perca seu poder de dissipar a escuridão. Como é possível isso acontecer? É possível se esconder a luz. Infelizmente, muitos que uma vez afirmaram seguir Jesus esconderam sua luz debaixo “do alqueire” da ignorância, “do alqueire” do mundanismo, “do alqueire” da hesitação⁹. Com respeito à última categoria, Deus disse: “Aborreço a duplicidade” (Salmos 119:113a)—ou seja, quem divide a sua submissão. Moffatt traduziu este versículo da seguinte maneira: “Odeio homens que são mais ou menos”.

Nos dias de Jesus, as pessoas não colocavam candeias debaixo de alqueires; elas colocavam suas candeias em candelabros ou veladores (v. 15b). Esses suportes ficavam no alto das paredes. Às vezes o suporte era um vão na parede; geralmente era uma pequena prateleira de madeira ou metal. Colocada num suporte desses, uma candeia podia dar “luz a

⁷Cidades “estabelecidas em montes” eram geralmente mais fáceis de serem defendidas.

⁸Colocar uma candeia sob uma vasilha também acabaria por extinguir a luz quando acabasse o oxigênio—mas a principal ênfase de Jesus era o ato de *esconder* a luz.

⁹Esta lista de “alqueires” pode ser ampliada. Adapte a lista à realidade dos seus ouvintes.

todos que estavam na casa” (v. 15c; ERC). Da mesma forma, Jesus disse: “Assim brilhe também a *vossa* luz diante dos homens, *para que vejam as vossas boas obras*” (v. 16a, b; grifo meu). À medida que fazemos “boas obras”—vivendo como devemos e ajudando o próximo—, estamos deixando nossa luz brilhar¹⁰.

É previsível que, neste ponto, aqueles que estão familiarizados com o Sermão do Monte protestem, pois no capítulo seguinte Jesus advertiu contra orar e jejuar para “ser visto por homens” (Mateus 6:5; veja 6:16). Qual é a diferença entre fazer uma coisa *para ser visto* e fazer uma coisa que *é vista*? A resposta é “atitude e propósito”. Existe uma diferença enorme entre fazer boas obras para sermos vistos por homens com o intuito de *recebermos* os louvores, e permitir que os outros vejam nossas boas obras para glorificarem a *Deus*.

Para que a nossa luz faça algum bem, homens precisam *vê-la*. Alguém disse que, no final, não existe discipulado secreto: ou o segredo destruirá o discipulado ou o discipulado destruirá o segredo.

Por que devemos deixar nossa luz brilhar? Não devemos buscar engrandecimento pessoal; devemos procurar glorificar a Deus. O propósito da luz não é chamar atenção para si mesma, mas iluminar aqueles sobre os quais seus feixes são emitidos. Nosso propósito em viver a vida cristã não é chamar atenção para nós mesmos, mas (como disse Jesus) “glorificar [nosso] Pai que está nos céus” (v. 16c).

CONCLUSÃO

Sal e luz são elementos importantes. Pensamos que precisamos de muitas coisas, mas só uma porção dessas coisas é essencial. Entre as coisas essenciais estão o sal e a luz; não gostaríamos de ficar sem eles. Jesus disse: “Vós sois o sal da terra”; “Vós sois a luz do mundo”. Espero que todos nós apreciemos o elogio implícito nessas frases. Oro para que aceitemos o desafio inerente a essas palavras.

Como a igreja se torna conhecida? Quando as pessoas mencionam a congregação em que você serve e freqüenta, o que elas dizem? As palavras delas indicam que a sua congregação *representa* alguma coisa (a saber, o “sal”) e que ela está *fazendo* alguma

¹⁰Este trecho também pode ser expandido para incluir formas específicas de seus ouvintes “deixarem sua luz brilhar” onde vivem.

coisa para o Senhor (a saber, ser “luz”)? E quanto a você? Você é conhecido na sua comunidade? Você é sal? Você é luz?

Reclamamos e lamentamos, com freqüência, do mundo pecaminoso à nossa volta. Perguntamos: “Por quê? Por que está ficando cada vez pior?” Talvez devêssemos perguntar: “*Onde?* Onde estão o sal e a luz?” Que Deus ajude cada um de nós a ser “o sal da terra” e “a luz do mundo”¹¹.



¹¹Quando usar este sermão, incentive seus ouvintes a fazer tudo quanto for necessário para exercerem a influência certa. Alguns talvez necessitem tornar-se cristãos por meio da fé e do batismo (Marcos 16:16). Cristãos infiéis precisam ser restaurados por meio do arrependimento, da confissão e da oração (Atos 8:22; Tiago 5:16).

Atribuição de Leitura nº. 9

Mateus 6:19–34; 7:1–29;
Lucas 6:31, 37–49

Mateus 6:19-34

¹⁹Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam;

²⁰mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam;

²¹porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

²²São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso;

²³se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!

²⁴Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

²⁵Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?

²⁶Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?

²⁷Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?

²⁸E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não

trabalham, nem fiam.

²⁹Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

³⁰Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?

³¹Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos?

³²Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas;

³³buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

³⁴Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.

Mateus 7:1–29

¹Não julgueis, para que não sejais julgados.

²Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.

³Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?

⁴Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu?

⁵Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.

⁶Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem.

⁷Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.

⁸Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á.

⁹Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?

¹⁰Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?

¹¹Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará

boas coisas aos que lhe pedirem?

¹²Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.

¹³Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela),

¹⁴porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

¹⁵Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.

¹⁶Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?

¹⁷Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.

¹⁸Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.

¹⁹Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

²⁰Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.

²¹Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

²²Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?

²³Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.

²⁴Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha;

²⁵e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.

²⁶E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as

prática será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia;

²⁷e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

²⁸Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina;

²⁹porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

Lucas 6:31

³¹Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles.

Lucas 6:37-49

³⁷Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados;

³⁸dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.

³⁹Propôs-lhes também uma parábola: Pode, porventura, um cego guiar a outro cego? Não cairão ambos no barranco?

⁴⁰O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre.

⁴¹Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?

⁴²Como poderás dizer a teu irmão: Deixa, irmão, que eu tire o argueiro do teu olho, não vendo tu mesmo a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão.

⁴³Não há árvore boa que dê mau fruto; nem tampouco árvore má que dê bom fruto.

⁴⁴Porquanto cada árvore é conhecida pelo seu próprio fruto. Porque não se colhem figos de espinheiros, nem dos abrolhos se vindimam uvas.

⁴⁵O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que

está cheio o coração.

⁴⁶Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?

⁴⁷Todo aquele que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as pratica, eu vos mostrarei a quem é semelhante.

⁴⁸É semelhante a um homem que, edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala e lançou o alicerce sobre a rocha; e, vindo a enchente, arrojou-se o rio contra aquela casa e não a pôde abalar, por ter sido bem construída.

⁴⁹Mas o que ouve e não pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre a terra sem alicerces, e, arrojando-se o rio contra ela, logo desabou; e aconteceu que foi grande a ruína daquela casa.

Os Dois Caminhos

(O Sermão do Monte, Parte 2)

Leitura Bíblica 9

- V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).
- F. O Sermão do Monte (continuação). (Veja abaixo.)
6. A segurança dos tesouros celestiais contrastada com as ansiedades terrenas (Mateus 6:19–34).
 7. O ensino sobre julgar (Mateus 7:1–6; Lucas 6:37–42).
 8. O ensino sobre oração (Mateus 7:7–11).
 9. A Regra de Ouro (Mateus 7:12; Lucas 6:31).
 10. Os dois caminhos—e os falsos profetas (Mateus 7:13–23; Lucas 6:43–45).
 11. Conclusão e aplicação (os dois construtores) (Mateus 7:24–29; Lucas 6:46–49).

INTRODUÇÃO

John Stott escreveu:

O Sermão do Monte é provavelmente a parte mais conhecida dos ensinamentos de Jesus, embora se possa argumentar que seja a menos compreendida e, certamente, a menos obedecida. De tudo o que ele disse, essas suas palavras são as que mais se aproximam de um manifesto, pois descrevem o que ele desejava que os seus seguidores fossem e fizessem.¹

E. Stanley Jones disse: “A maior necessidade do cristianismo moderno é a redescoberta do Sermão do Monte como a única maneira prática de se viver”². Harvey Scott chamou Mateus 5–7 de “a constituição do cristianismo”³.

Se escrevêssemos cem livros sobre o Sermão do Monte, não esgotaríamos seus ensinamentos. Tudo o que podemos fazer nesta série é olhar brevemente para o seu conteúdo. O estudo “Mas, digo-vos”, em “A Vida de Cristo—Parte 3”, fez uma panorâmica da primeira metade do sermão; nesta lição, faremos uma revisão da segunda metade.

O sermão está repleto de contrastes. A primeira metade retratou contrastes entre o que os judeus haviam aprendido e o que Jesus ensinou. A segunda metade caracteriza-se por contrastes entre os dois caminhos que um homem pode escolher para se-

guir. Cristo insistiu com seus ouvintes: “Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mateus 7:13, 14). Mateus 6:19—7:27 está cheio de exemplos dos dois caminhos que podemos tomar e nos confronta com escolhas que precisamos fazer: escolhas que nos conduzirão à vida... ou à destruição.

TERRA OU CÉU (MATEUS 6:19–24)

A primeira seção deste estudo contém muitos dos contrastes que acabamos de mencionar. Em Mateus 6:19–21, há um contraste entre acumular tesouros na terra e armazenar tesouros no céu. Nos versículos 22 e 23, vemos a diferença entre estar cheio de luz e estar cheio de trevas. O versículo 24 fala de dois possíveis senhores: Deus e as riquezas. Todos os três contrastes relacionam-se a um único tema: nossas inclinações estão focadas nesta terra, ou concentram-se no céu?

Tesouros (vv. 19–21)⁴

Jesus desafiou Seus discípulos a não acumularem tesouros na terra, mas estocarem-nos no céu⁵. Ele enfatizou que tesouros terrenos são passagiei-

¹John R. W. Stott, *A Mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo: Abu Editora, 1986, p. 1.

²E. Stanley Jones, *The Christ of the Mount* (“O Cristo do Monte”). Nashville: Abingdon Press, 1931, p. 14.

³Harvey Scott, *The Sermon on the Mount* (“O Sermão no Monte”). Texarkana, Tex.: The Christian Helper, 1947, p. 3.

⁴Veja Lucas 12:33, 34.

⁵Veja um exemplo de como acumular tesouros no céu em 1 Timóteo 6:18, 19.

ros⁶—só os tesouros celestiais duram para sempre (vv. 19, 20).

Cristo não estava declarando que é ilegal a provisão racional que fazemos para o futuro, mas Ele condenou o acúmulo de posses como um fim em si mesmo. A preocupação principal de Jesus era com as prioridades de uma pessoa: “...onde está o teu tesouro, aí estará também o seu coração” (v. 21). Também é verdade que onde o seu coração está, aí estará também o seu tesouro.

Olhos (vv. 22, 23)⁷

Jesus ilustrou a importância de prioridades certas usando uma analogia familiar às pessoas daquela época: o uso dos olhos representando a disposição de coração do indivíduo. O Antigo Testamento ensinava que “o generoso [literalmente, “o que tem bons olhos”⁸] será abençoado” (Provérbios 22:9a), enquanto “aquele que tem olhos invejosos corre atrás das riquezas” (Provérbios 28:22a)⁹. O que os olhos são para o corpo, o coração é para a alma¹⁰. Não empregamos a mesma figura de discurso hoje, mas usamos uma semelhante para falar da maneira como “vemos” a vida.

A ilustração de Cristo é simples: se os olhos físicos de um homem forem bons, ele estará “cheio de luz”; mas se ele for cego, estará “cheio de trevas”. Da mesma forma, se o coração de um homem for bom (no contexto, voltado para o céu), ele estará cheio de luz espiritual; mas se o seu coração for mau (ou seja, voltado para o mundo), ele estará cheio de trevas espirituais.

Senhores (v. 24)¹¹

Cada um de nós decide qual senhor é mais importante na vida: podemos servir a Deus, ou podemos nos tornar escravos deste mundo—mas não podemos servir a ambos. Temos de optar por Deus ou pelas riquezas. A palavra usada na ERC, “Ma-

⁶Naqueles dias, não havia bancos, como os conhecemos hoje. Por isso, as pessoas geralmente escondiam seus tesouros em suas casas ou os enterravam no solo—onde poderiam ser violados pela natureza (Tiago 5:2, 3a) ou por ladrões.

⁷Veja Lucas 11:34–36.

⁸Esta informação é citada numa nota marginal da minha cópia da NASB (New American Standard Bible).

⁹Veja outros exemplos dos olhos representando a disposição do coração em Deuteronômio 15:9; 28:56; Provérbios 23:6; Mateus 20:15. (A palavra “olhos” está no texto original em cada um desses versículos, embora nem sempre apareça nas versões em português.)

¹⁰Adaptado de J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 256.

¹¹Veja Lucas 16:13.

mom”, era uma palavra caldeia comum para denotar riquezas materiais¹².

PREOCUPAÇÃO OU FÉ (MATEUS 6:25–34)

O próximo segmento é o mais prático (e o mais universalmente necessário) de todo sermão. Diz respeito ao pecado da preocupação. Se você já se preocupou alguma vez, balance a cabeça. Eu ficaria imensamente surpreso se todas as cabeças permanecessem imóveis. A preocupação é um item de destaque na minha lista de pecados pessoais.

Mateus 6:25–34 está diretamente vinculado aos versículos anteriores: se as nossas inclinações se concentrarem nesta terra, teremos preocupações. Se elas estiverem focadas no céu, não haverá necessidade de nos preocuparmos. John Franklin Carter resumiu essa passagem dizendo que a preocupação é...

1. Desnecessária, porque... se Deus provê alimento para os pássaros e vestuário para as flores, Ele certamente suprirá as necessidades dos Seus servos (vv. 26, 28–30).
2. Inútil, porque ficar ansioso, além de não acrescentar nenhum côvado ao curso de vida de uma pessoa, também não produz quaisquer benefícios necessários (v. 27).
3. Impróprio [inadequado], porque, para o cristão, a vida deve significar mais do que alimento e o corpo, mais do que... vestes. Acima de tudo, ficando ansioso por essas questões, o cristão coloca-se na mesma categoria dos... pagãos... (vv. 25, 32).¹³

O segredo para se vencer a preocupação é revelado na maneira como Jesus caracteriza os ansiosos: “homens de pequena fé” (v. 30b; grifo meu). A chave para superarmos a ansiedade é a fé: fé no Deus que conhece nossas necessidades (v. 32) e que suprirá nossas necessidades vitais, se “buscarmos, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça”¹⁴ (v. 33). Se Deus é Deus, Ele sabe; se Ele é nosso Pai, Ele se importa conosco¹⁵.

¹²Veja em Romanos 6:16–18 um ensinamento geral sobre ser servo do pecado ou de Deus.

¹³John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 110.

¹⁴“Buscar, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça” é reconhecer a supremacia de Deus e esforçar-se por obedecer às Suas ordenanças como a um Rei. Visto que Jesus usou alternadamente os termos “reino” e “igreja” em Mateus 16:18 e 19, também podemos fazer uma aplicação no sentido de colocarmos os interesses da igreja do Senhor acima dos nossos próprios interesses.

¹⁵Adaptado de McGarvey e Pendleton, p. 259.

Jesus não estava ensinando contra preocupar-se com o futuro, mas existe uma diferença entre a preocupação legítima e a ansiedade irracional que define nossa energia e nos torna menos capazes de enfrentar desafios futuros. Jesus não era contra o planejamento antecipado¹⁶; o princípio de mordomia¹⁷ nos motiva a nos prepararmos para o amanhã da melhor maneira possível. Todavia, feito isto, devemos deixar tudo nas mãos de Deus—e não nos preocuparmos.

JULGAMENTO OU DISCERNIMENTO (MATEUS 7:1–6; LUCAS 6:37–42)

Jesus migrou da atitude do discípulo em relação aos bens materiais para sua atitude em relação ao próximo. Mateus 7:1–5 condena o espírito julgador¹⁸. Alguns pensam que essa passagem condena qualquer julgamento, mas o próprio Jesus disse: “Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça” (João 7:24). A necessidade de emitir julgamentos é destacada dentro deste mesmo trecho do sermão: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas” (Mateus 7:6). Isto implica usar de bom juízo para com as pessoas a quem ensinamos. Quando os versículos 1 a 6 de Mateus 7 são considerados como um todo, fica evidente que Jesus não estava proibindo todo e qualquer julgamento, mas estava censurando o espírito severo, indelicado, insensível.

No relato de Lucas, Jesus acrescentou um comentário sobre líderes cegos guiando cegos—e seus discípulos (Lucas 6:39)¹⁹. Mais tarde, Jesus referiu-se aos fariseus como “cegos, guias de cegos” (Mateus 15:12, 14). Cristo estava censurando os fariseus e qualquer um que tivesse um espírito farisaico para com os outros.

¹⁶Jesus estava se preparando para o futuro mesmo antes de dizer essas palavras. Ele estava preparando Seus apóstolos para o momento em que Ele partiria deste mundo. No Antigo Testamento, as formigas foram destacadas como um exemplo aprovado de preparação para o futuro (Provérbios 30:25). Veja outras passagens sobre prevenir-se (em oposição a agir sem a devida ponderação) em Provérbios 21:5; 25:8 e 2 Coríntios 8:20, 21.

¹⁷Somos mordomos, ou administradores, de tudo o que Deus colocou em nossas mãos, incluindo nossos bens e nosso tempo. Precisamos ser fiéis ao nosso serviço de mordomia (veja 1 Coríntios 4:2).

¹⁸Veja uma exposição mais detalhada de Mateus 7:1–6 nos dois sermões seguintes.

¹⁹Lucas 6:39 diz que Jesus “propôs-lhes também uma parábola”. Esta é a primeira ocorrência da palavra “parábola” neste estudo. As parábolas serão estudadas em detalhes na próxima edição desta série.

CONFUSÃO OU ORAÇÃO (MATEUS 7:7–11)

Antes de Jesus concluir o sermão (com uma instrução sobre obediência), Ele incluiu dois segmentos genéricos que capacitariam Seus ouvintes a vencerem os desafios que Ele havia lançado. Os contrastes presentes nessas passagens não estão declarados, e sim implícitos. O primeiro (Mateus 7:7–11) é sobre o poder da oração persistente. Ele pode ser visto como um complemento da seção sobre preocupação: se os discípulos não devem se preocupar com o amanhã, o que devem fazer? Devem orar. Os versículos 7 a 11 estão entre duas passagens sobre relações humanas (7:1–6 e 7:12). Essa passagem nos mostra que a oração é essencial para nos darmos bem com outras pessoas²⁰. Usei o termo “confusão” no subtítulo desta seção para resumir o impacto (e o contraste implícito) desta seção: em vez de ficar confuso com o futuro ou os relacionamentos ou qualquer outro desafio espiritual, confie e ore.

As palavras chaves dos versículos 7 e 8 são “pedi”, “buscai” e “batei”. A seqüência das palavras sugere uma intensidade crescente em nossas orações. O texto original também usa o tempo presente, que implica continuidade: continue a pedir, continue a buscar, continua a bater. Jesus estava enfatizando a necessidade de sermos persistentes na oração²¹.

Por que devemos ser persistentes na oração? Porque temos um Deus que nos ama e responderá nossas orações²². Cristo reforçou isto com uma ilustração sobre o cuidado providencial de pais terrenos para com os filhos (vv. 9, 10). Da mesma forma, nosso Pai celeste proverá tudo para nós (v. 11)²³.

Tiago escreveu: “Nada tendes, porque não pedis” (Tiago 4:2). Qualquer que seja o desafio que a vida nos trazer, Jesus quer que “peçamos a Deus, que a todos dá liberalmente” (Tiago 1:5).

²⁰Veja mais sobre a relação de 7:7–11 com as passagens anteriores e posteriores a ela, nos dois sermões a seguir.

²¹Veja Lucas 18:1.

²²Veja Tiago 5:16b-18.

²³Há outras comparações nas Escrituras do nosso Pai celeste nos tratando semelhantemente aos nossos pais terrenos. (Veja, por exemplo, Hebreus 12:4–13.) É preciso, contudo, ater-se para não concluir que em *todos* os aspectos nosso Pai celeste é como os nossos pais terrenos. Pais terrenos muitas vezes cometem erros no trato com seus filhos, mas Deus não comete erros. Alguns usam passagens como Mateus 7:7–11 para tentar provar que Deus não mandaria ninguém para o inferno, porque (segundo eles) nenhum pai terreno faria isso a seus filhos. Interpretar a passagem dessa forma é fazê-la contradizer passagens claras sobre o Juízo Final (como Mateus 25:31–46).

EU OU OS OUTROS (MATEUS 7:12; LUCAS 6:31)

A seção seguinte compõe-se de apenas um versículo. Embora este pensamento pudesse ser incluído na próxima parte do sermão, ele é importante o bastante para ser destacado separadamente. O versículo enuncia o princípio comumente chamado de a regra de ouro: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (Mateus 7:12a)²⁴.

Como já foi dito, o contraste aqui está implícito, e não declarado—mas é fácil identificá-lo. No trato com os outros, geralmente estamos preocupados com o que *nós* queremos: “*Eu preciso* disto ou daquilo na nossa relação”, dizemos. A regra de ouro nos transporta do egoísmo para a abnegação. Ela nos desafia a considerarmos primeiro o que a outra pessoa pode estar precisando. Tudo isto está implícito nas palavras do Senhor: “Como vocês querem que os homens lhes façam, façam também vocês a eles” (Lucas 6:31; NVI).

Jesus disse que “esta é a Lei e os Profetas” (Mateus 7:12b). Se pudéssemos compactar a Lei e os Profetas ao tamanho de uma cápsula²⁵, o que restaria dentro dela seria: “Trate os outros como você gostaria de ser tratado”.

DESTRUIÇÃO OU VIDA (MATEUS 7:13, 14)

Jesus começou a concluir Seu sermão com as palavras de Mateus 7:13. Os versículos conclusivos do sermão contêm uma advertência contra falsos mestres (Mateus 7:15–20), mas, acima de tudo, dizem respeito aos discípulos de Cristo viverem os princípios que Ele ensinou. Jesus não queria que o Seu sermão fosse entalhado numa placa e admirado. Ele desejava que ele resplandecesse das vidas dos Seus seguidores.

O contraste dos versículos 13 e 14 é óbvio. Há dois caminhos—e só dois caminhos—que cada um de nós pode tomar: o estreito que conduz à vida, e o largo que conduz à destruição²⁶. O caminho estreito é o difícil, e são “poucos” os que se dispõem a fazer os sacrifícios necessários para trilhá-lo. O caminho largo é o fácil, o caminho popular, escolhido por “muitos”. (A maioria das pessoas não gosta de enfrentar esta verdade incômoda, mas se as palavras de Jesus significam alguma coisa, elas ensinam

²⁴Veja uma exposição detalhada sobre a regra de ouro no sermão “Como se dar bem com os outros”, nesta edição.

²⁵Especificamente, isto pertence ao ensino contido na Lei e nos Profetas sobre como dar-se bem com outras pessoas.

²⁶Veja Lucas 13:23, 24.

que maior será o número de perdidos do que de salvos.)

Como podemos tomar o caminho estreito? Jesus respondeu essa pergunta nos versículos consecutivos: obedecendo ao que Ele nos diz (Mateus 7:21–27). Tão importante quanto essa pergunta, é esta: como podemos *permanecer* no caminho estreito? O Novo Testamento não ensina que é impossível quem está trilhando o caminho estreito desviar-se dele (veja 1 Coríntios 10:12; Tiago 5:19, 20). Infelizmente, alguns viajantes do caminho estreito cansam-se de suas restrições e o abandonam em troca do caminho largo, o caminho fácil. Como podemos permanecer no caminho estreito? *Continuando* a obedecer aos mandamentos de Cristo. (Reveja Mateus 7:24–27.)

Que diferença faz qual estrada escolhemos? Uma conduz à *vida*—a vida eterna com Deus (Romanos 2:7). A outra estrada conduz à *destruição*—a destruição eterna, longe da presença do Senhor (2 Tessalonicenses 1:9). Simplificando, uma é um aclave para o céu e a outra é um declive para o inferno.

FRUTO MAU OU BOM (MATEUS 7:15–20; LUCAS 6:43–45)

Faz um mundo de diferença²⁷ qual estrada tomamos. Não, permita-me mudar isto: faz uma *eternidade* de diferença qual estrada tomamos. O diabo não quer que os seres humanos entendam isso. Ele leva as pessoas a pensarem que não faz diferença qual caminho elas estão trilhando (ou seja, como vivem), ou que o caminho largo na verdade é o caminho estreito. Ele utiliza falsos mestres para atingir esse objetivo. A próxima seção do Sermão do Monte é uma advertência contra falsos profetas.

Um profeta era alguém que falava em nome de Deus; um falso profeta era alguém que afirmava falar em nome de Deus, mas na verdade não falava. Jesus, com efeito, chamou os falsos profetas de “lobos disfarçados de ovelhas” (veja Mateus 7:15). Pareciam algo que não eram. Espalhando uma fina camada de verdade sobre seus erros perversos, encobriam o mal com uma capa de boas obras (veja Mateus 7:22, 23).

Cristo talvez estivesse advertindo Seus ouvintes especialmente contra os ensinamentos dos escribas e fariseus, mas falsos mestres têm inundado a igreja desde o seu início até os dias atuais (Mateus 24:11, 24; Atos 20:29, 30; 2 Pedro 2:1). É imperativo que

²⁷“Um mundo de” é uma expressão mais antiga, que sugere uma enorme quantidade; aparece no texto bíblico de Tiago 3:6.

identifiquemos os falsos profetas. Como podemos fazer isto? Podemos conhecê-los pelo “fruto” que produzem: o fruto de suas vidas e o fruto do seu ensino (Mateus 7:16–20; veja Romanos 16:17). Tanto as suas vidas como os seus ensinamentos precisam ser comparados com a Palavra de Deus (1 João 4:1; Atos 17:11).

O relato de Lucas acrescenta que o que um homem ensina revela algo sobre o seu coração, “porque a boca fala do que está cheio o coração” (Lucas 6:45)²⁸. A admoestação de Jesus é oportuna para os nossos dias, assim como foi quando Ele proferiu as palavras: “Acautelai-vos dos falsos profetas” (Mateus 7:15a).

FALAR OU FAZER (MATEUS 7:21–23)

Será que todos os profetas falsos sabem que são falsos? Será que todos que estão no caminho largo sabem que estão no caminho da destruição? Evidentemente, não. As palavras de Jesus em Mateus 7:21–23 sugerem que é possível ser enganado por si mesmo:

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.

Toda vez que eu leio essas palavras, fico cheio de tristeza.

“Aquele dia” refere-se ao Dia do Juízo (Atos 17:31). Nesta ilustração, os que protestaram no Dia do Juízo haviam realmente feito tudo quanto alegaram ter feito? Jesus não negou as alegações deles—mas, ainda que tivessem realizado boas obras, eles também eram obreiros do mal, pois Cristo acusou-os de praticar iniquidade. Os feitos específicos que eles realizaram, relativamente, não tinham importância. As palavras mais importantes (e tristes) do versículo 23 são: “Nunca vos conheci”.

²⁸Lucas 6:45 pode conter uma aplicação geral sobre o que falamos: o que dizemos revela nossos corações. No contexto, porém, as palavras são especialmente aplicadas aos que alegam falar em nome de Deus. Devo acrescentar uma palavra de cautela aqui: não interprete Lucas 6:45 como se ele contradissesse o ensino de Jesus contra julgar os outros, em Mateus 7:1. Entenda da maneira mais positiva possível as palavras que os outros dizem.

Na Bíblia, a palavra “conhecer” pode significar “ter um relacionamento íntimo”²⁹, incluindo o relacionamento entre Deus e o homem (1 Coríntios 1:21; Gálatas 4:9; Filipenses 3:10). Paulo escreveu: “O Senhor conhece os que lhe pertencem” (2 Timóteo 2:19). Quando Jesus disse: “Nunca vos conheci”, Ele estava afirmando que os acusados jamais se relacionaram com Ele como salvos. Eles não haviam seguido Jesus e Seus ensinamentos, mas haviam se recusado a entregar suas vidas a Ele como Senhor e Mestre. Quaisquer que fossem suas boas obras, elas não foram feitas “em Cristo” (2 Coríntios 5:17; Efésios 2:13; 3:21; Romanos 16:3, 9), mas fora de Cristo³⁰.

Como ter certeza de que Jesus nos “conhece”? Basta prestar-Lhe culto da boca para fora? Basta dizer: “Senhor, Senhor”? Não, Cristo disse que precisamos fazer a vontade de Deus. É preciso haver obediência perfeita? Não, pois isso é impossível (Romanos 3:23)³¹. Todavia, se quisermos ter certeza de que Jesus nos conhece, faremos o que o Senhor nos manda fazer para nos tornarmos cristãos (Romanos 6:3–7, 11, 17, 18, 23; Gálatas 3:26, 27), e depois obedeceremos a Ele com o máximo da nossa capacidade. J. W. McGarvey disse isto nos seguintes termos: “...a obediência ao nível máximo de nossa possibilidade em meio às fraquezas da carne, acompanhada pela conformidade diária com as condições do perdão para os nossos pecados diários, sempre foi garantia do favor de Deus”³².

OUVIR E FAZER (MATEUS 7:24–27; LUCAS 6:46–49)

Vimos que as últimas palavras do Sermão do Monte reforçam a necessidade de obedecermos a Cristo. Jesus encerrou com a ilustração agora familiar dos dois construtores: o sábio que construiu a casa na rocha e o tolo que a construiu na areia. O primeiro, disse Jesus, poderia ser comparado ao indivíduo que ouviu as palavras de Jesus e agiu baseando-se nelas, enquanto o segundo era como a pessoa que ouviu, mas nada fez.

²⁹Isto inclui relacionamentos conjugais. A Bíblia diz que Adão “conheceu” sua esposa (Gênesis 4:1; ERC). A ERA usa o termo “coabitou”. O eufemismo “conhecer” é usado em toda a Bíblia, até no Novo Testamento (veja Mateus 1:25; Lucas 1:34; ERC).

³⁰Se desejar, dê ilustrações da importância de *onde* investimos nossos esforços. Por exemplo, um homem que não está inscrito numa corrida pode correr mais do que os participantes, mas ele não será premiado como vencedor (veja 2 Timóteo 2:5; 1 Coríntios 9:24). Use ilustrações que os seus ouvintes entendam.

³¹Graças a Deus pela Sua graça (Romanos 6:23)!

³²McGarvey e Pendleton, p. 268.

“Não julgueis”

Mateus

7:1-12,

Olhando de perto vv. 1 e 2



Um dos desafios da vida cristã é dar-se bem com as pessoas. Entendendo isto, Jesus falou muito sobre relacionamentos no Sermão do Monte. Ele disse para sermos misericordiosos com os outros (5:7) e pacificadores (5:9). Ele incentivou cada ouvinte a ser uma boa influência (5:13–16). Ele disse para não ficarmos irados com um irmão, mas para nos reconciliarmos com ele (5:21–26). Cristo até falou sobre como devemos nos relacionar com os que tentam nos prejudicar (ou seja, nossos inimigos) (5:38–48). Chegamos agora a mais uma seção do ensino de Jesus sobre esse mesmo tópico: Mateus 7:1–12. Estes doze versículos têm muito a dizer sobre como dar-se bem com os outros.

O Sermão do Monte é como uma luz de holofote brilhando sobre nossas vidas e expondo nossas debilidades. À medida que direcionarmos o refletor da Palavra de Deus para você neste e no próximo sermão, pode ser que você sinta algum desconforto. Entenda que trabalhei horas nessas apresentações, analisando bem o texto, lendo e re- lendo a passagem em diversas traduções. Li, anotei e revi mais de trezentas páginas de comentários. Durante todo esse tempo, o feixe de luz esteve sobre *mim*, expondo minhas deficiências. Tenho lutado contra atitudes ruins, e essa passagem enfocou justamente essas atitudes. Talvez você vivencie alguns minutos nada fáceis, mas tenha certeza de que eu também tive horas de intenso auto-exame com base nesse texto.

Antes de estudarmos os versículos 1 a 12 detalhadamente, devo dizer-lhe por que incluí a passagem inteira nesta série de sermões sobre como se dar bem com os outros. É relativamente óbvio que os versículos 1 a 6 tratam dos relacionamentos, pois falam de julgar e não dar o que é santo aos cães. A seguir, nos versículos 7 a 11, Jesus ensinou a respeito da oração e sua eficácia. Poderíamos supor que Ele havia terminado de discorrer sobre o

assunto dos relacionamentos—mas o versículo 12 diz: “pois” e, a seguir, fornece instruções finais sobre como viver em harmonia com os outros: a regra de ouro. A palavra “pois” indica que Jesus estava concluindo Seu assunto—resumindo-o, encerrando-o. Assim, *num sentido*, os versículos 7 a 11 dizem respeito ao tema geral. Por essa razão, incluiremos os versículos 1 a 12 no nosso tópico sobre dar-se bem com os outros.

*Princípio essencial nº 1 para nos darmos bem com os outros:
Precisamos parar de julgar
(vv. 1, 2).*

Extrairemos seis verdades do texto bíblico: seis verdades essenciais para nos darmos bem com os outros. Neste sermão¹, abordaremos apenas a primeira delas—e somente dois versículos. Considerando que os dois primeiros versículos são sobre julgar, denominei esta apresentação de “Não julgueis”². As outras cinco verdades serão comentadas no próximo sermão.

O QUE JESUS ORDENOU (V. 1a)

Jesus disse em primeiro lugar que, para nos darmos bem com os outros, *precisamos parar de julgar*. A passagem começa dizendo: “Não julgueis” (v. 1a). No texto original, a forma usada indica que Seus

¹Este e o próximo sermão foram elaborados vários anos atrás. Naquela ocasião, não registrei cuidadosamente as fontes usadas. Tentei citar os créditos onde isto foi possível e apresento minhas desculpas por quaisquer casos onde não fiz isto.

²Como sempre, usaremos a terminologia da ERA, por ser a mais conhecida.

ouvintes precisavam *parar* de julgar. Certa versão inglesa diz: “Parem de criticar os outros”³.

À primeira vista, esta parece ser uma forma negativa de se iniciar uma seção sobre relacionamentos, uma seção que termina citando a regra de ouro. Jesus pode ter iniciado dessa maneira por muitas razões.

Atender uma Necessidade Universal

Cristo pode ter começado com uma advertência sobre julgar porque todos os Seus ouvintes precisavam dessa admoestação—porque *nós* precisamos dessa admoestação. Provavelmente, não se passam vinte e quatro horas sem que cada um de nós viole a ordem de Jesus em Mateus 7:1. Nada destrói um relacionamento mais rapidamente do que a desobediência a essa única ordem.

Aplacar uma Influência Ruim

Outra possibilidade é que Jesus começou pelo assunto de julgar porque os escribas e os fariseus nunca estavam fora dos Seus pensamentos. Eles já estavam seguindo Jesus por onde quer que Ele fosse, na tentativa de achar alguma falha para acusá-LO (Lucas 6:1–7). Seus inimigos (incluindo os fariseus) já estavam fazendo planos para matá-LO (João 5:18).

Sendo assim, no Sermão do Monte, Jesus fez muitas referências a eles, direta e indiretamente. Em Mateus 5:20, Ele disse: “...se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus”. Na última parte do capítulo 5, Cristo contrastou o Seu ensino com as tradições relativas à Lei; essas tradições foram perpetuadas pelos fariseus. Na primeira parte do capítulo 6, Jesus falou de hipócritas que tocavam trombetas quando davam esmolas, que oravam em praças públicas com repetições intermináveis, que queriam que todos soubessem quando jejuavam. Qualquer um teria identificado os fariseus nessas descrições de Jesus⁴.

Os escribas e fariseus eram culpados do tipo de julgamento que Jesus estava denunciando. Eles condenavam grandes segmentos da sociedade: os cobradores de impostos (Lucas 18:9–14), os samaritanos e os gentios. Além disso, eles se consideravam superiores a todos os demais. Olhavam com desprezo para os outros e tinham pouca compaixão dos

³Charles B. Williams, *The New Testament: A Translation in the Language of the People* (“O Novo Testamento: Uma Tradução na Linguagem do Povo”). Chicago: Moody Press, 1949, p. 23.

⁴O relato de Lucas inclui uma referência a mestres que eram líderes cegos de cegos (Lucas 6:39, 40), uma referência óbvia aos escribas e fariseus (veja Mateus 15:12–14).

outros. Se quisermos nos dar bem com os outros, nossa justiça terá de exceder a dos escribas e fariseus.

Eliminar um Aspecto Negativo

Jesus também pode ter começado com essa admoestação porque Ele queria eliminar o aspecto negativo dos relacionamentos antes de falar do positivo. Antes de plantarmos flores, às vezes temos de arrancar as ervas daninhas.

Qualquer que seja a razão, foi com isto que Jesus começou: “Não julgueis, para que não sejais julgados”.

O QUE JESUS NÃO QUIS DIZER (V. 1a)

Muitas pessoas bíblicamente iletradas e influenciadas pelo mundo conhecem uma porção de passagens das Escrituras, e esta é uma delas⁵. Essas pessoas estão familiarizadas especialmente com os dizeres da versão mais tradicional: “Não julgueis, para que não sejais julgados”.

Na minha experiência, tenho ouvido essas palavras saírem muito mais dos lábios dos culpados ou daqueles que se compadecem deles: “Não julgueis, para que não sejais julgados”. Esses indivíduos interpretam essa frase como se jamais devêssemos dizer que alguém está errado ou que conseqüências terríveis aguardam o pecador que não se arrepende nem muda seus modos⁶. *Era* isto o que Jesus pretendia ensinar?

Antes de observarmos o que *significa* o termo “julgar” em Mateus 7:1, vamos salientar primeiro o que ele *não* significa.

Não Significa Ir contra o Julgamento Civil

Considerando o fato de que a Bíblia *não* se contradiz, as palavras de Jesus não significam que devemos ignorar o julgamento civil (isto é, os julgamentos executados pelos tribunais da terra). Deus concedeu ao governo civil o direito de julgar (veja 1 Pedro 2:13, 14; Tito 3:1; Romanos 13:1).

Não Significa Abolir a Disciplina da Igreja

Alguns responderão: “É claro que a passagem não se refere aos julgamentos civis. O trecho está condenando uma congregação ou seus presbíteros por julgarem qualquer de seus membros, por dizerem que estes estão errados e devem ser disciplinados!” Não são apenas os de fora da igreja que se sentem assim, muitos membros pensam da mesma

⁵Se isto não se aplicar à realidade dos seus leitores, modifique a afirmação.

⁶Quem diz que é errado dizer que alguém está errado já está se condenando a si mesmo. Pense nisto.

forma. Um presbítero de determinada congregação me disse: “Nós nunca tiramos ninguém da comunhão onde eu sou presbítero. Afinal de contas, Jesus disse: ‘Não julgueis, para que não sejais julgados’”.

Novamente, digo que a Bíblia não se contradiz. Portanto, Mateus 7:1 não ensina que jamais devemos exercer a disciplina na igreja. O mesmo Jesus que disse: “Não julgueis” também nos ensinou a exercer a disciplina na igreja (Mateus 18:15–17). Quando Ele enviou o Espírito Santo para guiar os apóstolos a toda a verdade (João 16:13), Ele inspirou Paulo e outros a revelarem passagens poderosas sobre a necessidade de haver disciplina na igreja (1 Coríntios 5:5, 9; 2 Tessalonicenses 3:6, 14, 15; Tito 3:9–11).

Não Significa Condenar o Julgamento Pessoal

Outro poderia responder: “Talvez a passagem não esteja falando sobre disciplina na igreja, mas, no mínimo, está ensinando que, como cristãos individuais, não temos o direito de dizer que outra pessoa está errada moral ou doutrinariamente”.

Mais uma vez, tenho de enfatizar que a Bíblia não se contradiz. Considerando esta verdade, Mateus 7:1 *não* ensina que jamais devemos formular julgamentos sobre outras pessoas. No próximo sermão, estudaremos o versículo 6, que diz: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas...”. Não podemos obedecer a esse mandamento sem julgar quem são os “cães” e quem são os “porcos”. Se você fez as leituras propostas nesta série, sabe que Mateus 7:15–20 adverte contra falsos profetas e diz que podemos conhecer os falsos profetas pelos “frutos” do trabalho deles: “Pelos seus frutos os conhecereis” (v. 16a). Às vezes, os pregadores dizem: “Não somos juízes; somos inspetores de frutos”. Se o espaço permitisse, poderíamos verificar muitos outros trechos bíblicos que indicam a constante necessidade de formulamos esse tipo de julgamento (Romanos 16:17; Gálatas 1:8, 9; Filipenses 3:2; 1 João 4:1).

O QUE JESUS QUIS DIZER (V. 1a)

Tendo salientado o que a palavra “julgar” não significa no texto em estudo, ainda precisamos responder a pergunta: “O que ela *significa*?”

A palavra grega traduzida por “julgar” é *kri-no*, de onde procede o termo da língua portuguesa “criticar”. Geralmente pensamos na palavra “criticar” num sentido negativo—destacar falhas nos outros—mas a palavra “criticar” significa simplesmente “avaliar”. Essa avaliação pode ser negativa ou positiva; pode ser ruim ou boa; pode ser destrutiva ou construtiva. O próprio Jesus disse para um grupo de ouvintes que eles deveriam “julgar pela

reta justiça” (João 7:24). Mateus 7:1, portanto, não é uma injunção universal contra formular julgamentos a respeito dos outros. A faculdade de criticar que Deus colocou dentro de nós é uma das muitas características que nos distinguem dos animais⁷: somos aptos para pesar as evidências, avaliar e formular julgamentos.

Todavia, as palavras de Jesus ensinam que existe um *determinado tipo* de julgamento que devemos evitar. Não temos a intenção de esgotar o assunto, mas gostaríamos de sugerir vários aspectos do julgamento que Jesus condena. (É aqui que o holofote constrangedor, mencionado anteriormente, vai expor nossos corações e nossas vidas.)

O Julgamento Tendencioso

Uma deficiência comum é permitir que nossa formação, nossos preconceitos e preferências influenciem nosso julgamento. É difícil evitar isto. Dizem que os gregos antigos às vezes realizavam julgamentos no escuro para serem influenciados somente pelos fatos. Os sociólogos dizem que uma das razões para julgar os outros é a “baixa auto-estima”⁸. Quando uma pessoa tem baixa auto-estima, ou ela se eleva ou rebaixa os outros—e muitos acham mais fácil rebaixar os outros.

O Julgamento Precipitado

Acontece com frequência de julgarmos os outros precipitadamente, sem ter todos os fatos ou conhecer todas as circunstâncias. (Alguns de nós podemos construir uma casa inteira de acusação com apenas meia dúzia de tijolos de circunstâncias.) Muitas vezes, não temos as informações completas sobre o que realmente aconteceu. Pode ser que não entendamos o histórico ou a motivação do indivíduo acusado. Talvez não saibamos se aquele ato foi a regra ou uma exceção na vida dele. Antes de instruir a multidão a “julgar com reta justiça”, Jesus disse: “Não julgueis segundo a aparência” (João 7:24a).

O Julgamento Impossível

Na maioria das vezes em que julgamos alguém, tentamos emitir um juízo em relação à *motivação* dessa pessoa. Como não somos Jesus, que “sabia o que era a natureza humana” (João 2:25), não temos como saber com certeza quais são os motivos de outro indivíduo. Podemos dizer: “Ele fez isto ou aqui-

⁷Evidentemente, a característica mais importante que distingue os seres humanos dos animais é que cada ser humano foi criado à imagem de Deus e possui uma alma imortal.

⁸Essa atitude é muitas vezes chamada de “complexo de inferioridade”.

lo”, mas não podemos dizer com certeza: “Ele fez isto ou aquilo *porque...*” Paulo indagou: “Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está?” (1 Coríntios 2:11a). Apesar disso, ouvi-se muitas palavras como estas: “Ela se acha tão esperta!”; “Ele realmente pensa que é alguma coisa!”⁹ Como é freqüente emitirmos julgamentos sobre os motivos dos outros!

O Julgamento Insensível

Jesus também estava condenando a atitude de pensar o pior sobre o que as pessoas fazem, em vez de pensar no melhor. A tradução de Moffat de 1 Coríntios 13:7b diz que o amor está “sempre ávido para crer no melhor”¹⁰.

É verdade que podemos conhecer uma pessoa pelo que ela faz, mas geralmente seus atos estão sujeitos a pelo menos duas interpretações diferentes: uma boa e outra má. Nesse caso, qual interpretação geralmente consideramos para o que essa pessoa fez?

O Julgamento Severo

Como resultado das perspectivas negativas acima citadas ao se formular um julgamento, muitas vezes somos severos e hiper-críticos em nosso parecer, quando deveríamos temperar nossa análise com misericórdia e amor. Pedro disse: “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados” (1 Pedro 4:8)¹¹.

Dar-se bem com os outros é em grande parte uma questão de *espírito*. Por um lado, há um espírito amoroso e compassivo que acredita no melhor e tenta elevar e ajudar o outro. Por outro lado, há um espírito severo, insensível e julgador que se deleita em ver alguém “receber o que merece”.

O QUE JESUS PROMETEU (Vv. 1b, 2)

Tendo tudo isto em mente, vamos analisar o restante do texto: o fim do versículo 1 mais o versículo 2.

A Necessidade de Misericórdia

Após Jesus dizer: “Não julgueis” (v. 1a), Ele disse: “para que não sejais julgados” (v. 1b). A seguir, ele expandiu esse conceito no versículo 2: “Pois,

⁹Cite algumas expressões e ilustrações características de quem está julgando que sejam relevantes para os seus ouvintes.

¹⁰James Moffat, *The Bible: A New Translation* (“A Bíblia: Uma Nova Tradução”). Nova York: Harper & Brothers, 1954, p. 217.

¹¹Outra sugestão além desses cinco pontos a respeito de 7:3–5 será dada no próximo sermão. Se quiser, insira-as neste sermão.

com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também”. Até certo ponto, esse princípio é verdadeiro mesmo neste mundo atual. A vida é um espelho; geralmente somos tratados como tratamos os outros. Esta pode ser a ênfase desta parte do sermão no relato de Lucas:

“Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também”¹² (Lucas 6:37, 38).

Em Lucas 6:37b, a Bíblia Viva parafraseia com os termos: “Demonstrem perdão com os outros, assim eles farão o mesmo com vocês”.

No contexto, Jesus estava se referindo especialmente ao julgamento de *Deus*. Um princípio presente no universo é que, cedo ou tarde, colhemos o que plantamos (Gálatas 6:7). Hamã foi pendurado na forca que ele havia preparado para Mordecai (Ester 7). Eclesiastes 10:8a afirma que “quem abre uma cova nela cairá”. Mateus 7:1 e 2 é especialmente aplicável ao julgamento *eterno* de Deus (veja 7:21–27). Um dia, cada um de nós comparecerá diante do Senhor e “dará contas de si mesmo a Deus” (Romanos 14:12). No final, é este julgamento que importa.

Imagine-se diante do grande trono branco (Apocalipse 20:11), sendo julgado da maneira como você julga os outros, sendo medido pelo padrão que você usa para medir os outros. Se você fosse julgado assim, seria separado para a direita ou para a esquerda (Mateus 25:31–33)? Considere estas arrepiantes palavras do Livro de Tiago: “Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia” (2:13a).

A Necessidade de um Senso Comum

Talvez devêssemos abrir uma pausa e dizer que, em relação às admoestações encontradas em Mateus 7:1–12, deve-se usar o senso comum. Jesus não estava dizendo nos versículos 1 e 2 que o único fator do juízo divino será se fomos ou não pessoas que julgam os outros. Ele não estava ensinando que se pensamos que todos estão certos independentemente de como vivem, Deus também dirá que somos espiritualmente aceitáveis. Ainda que tivéssemos somente o Sermão do Monte, identificaríamos essa

¹²Lucas 6:38 é uma excelente passagem sobre as bênçãos da generosidade. Pode-se fazer uma aplicação sobre o ato de dar em geral, mas neste contexto dar refere-se especialmente ao fato de que aquele que “der” misericórdia “receberá” misericórdia.

Como se Dar Bem com os Outros



Mateus
7:1-12,
Olhando de perto vv. 3-12

No sermão passado, iniciamos um estudo de Mateus 7:1-12, uma passagem que ensina (entre outros princípios) como se dar bem com os outros. Prometi extrair do trecho seis sugestões sobre relacionamentos—seis princípios essenciais baseados nos versículos 1 e 2: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também”. Extraímos desses versículos o princípio essencial número um para nos darmos bem com os outros: “Parar de julgar”. Em relação a esse princípio, propus que Jesus estava condenando pelo menos cinco práticas comuns:

- Deixar que nossa formação, preconceitos e preferências influenciem nosso julgamento.
- Formular julgamentos precipitados sem conhecer todos os fatos ou as circunstâncias.
- Tentar emitir julgamentos sobre os motivos da outra pessoa.
- Atribuir a pior interpretação ao que a pessoa fez, em vez de pensar o melhor.
- Ser severo, amargo e hiper-crítico ao julgar—em vez de temperar nossos julgamentos com misericórdia e amor.

Essas falhas são universais. É provável que você conheça alguém culpado de cada uma delas, não é mesmo?

Acabo de fazer esta pergunta e preciso me desculpar. Se veio à sua mente o nome de alguém, você acaba de julgar essa pessoa. Na menor das hipóteses, fiz você aplicar Mateus 7:1 e 2 em alguém que não é você mesmo. Fiz isto intencionalmente para introduzir o segundo princípio para nos darmos bem com os outros.

*Princípio essencial nº 2 para nos
darmos bem com os outros:*

Precisamos primeiramente fazer as mudanças necessárias em nossas próprias vidas (vv. 3-5).

Quando é hora de mudar, sempre preferimos olhar para os outros em vez de olhar para nós mesmos. Jesus entendia isto. Ele disse:

Por que vês tu o argueiro¹ no olho de teu irmão, porém não reparas na trave² que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão (vv. 3-5).

Esta passagem tem um toque de humor. Jesus não contava piadas, mas Ele fez uso do humor³: tente imaginar um homem com uma trave pesada saltando dos olhos enquanto ele procura uma posição adequada para enxergar um cisco no olho de outra pessoa. Você consegue ver essa enorme trave girando para cá e para lá, enquanto as pessoas por perto se desviam para escapar de um golpe na cabeça?⁴ Jesus queria que entendêssemos que é *ridículo* tentar

¹“Argueiro” é um vocábulo antigo que significa “cisco, pequena partícula”.

²Alguns acreditam que o termo “trave” refira-se à viga que sustentava a casa ou o telhado. De qualquer maneira, tratava-se de um pedaço de madeira *grande*.

³Veja outro exemplo em Mateus 23:24.

⁴Se for apropriado, diga: “Esta é uma cena típica de O Gordo e o Magro” ou “Os Três Patetas!”

ser juiz, quando podemos estar num estado pior do que o de quem estamos julgando⁵.

Cristo poderia estar pensando na hipocrisia dos escribas e fariseus, mas as verdades desta passagem nos acusam igualmente. Como é fácil ver as faltas de outros, e ao mesmo tempo ignorar as nossas próprias faltas! Você se lembra da história do rei Davi, que cometeu adultério com Bate-seba e depois mandou matar o marido dela (2 Samuel 11)? Natã contou a Davi a história do rico que matou a cordeirinha de um pobre. Davi estava pronto para mandar enforcar o ofensor⁶, quando Natã disse: “Tu és o homem!” (2 Samuel 12:1–7). Daí, em vez de um enforcamento, Davi estava pronto para uma reunião de oração (2 Samuel 12:13; Salmos 51 e 32).

No que se refere a dar-se bem com os outros, Jesus quer que primeiramente examinemos a *nós mesmos* para identificar de quais mudanças *nós* precisamos.

Casualmente, a primeira parte do versículo 3 acrescenta mais um item à lista das práticas do espírito julgador, condenadas por Cristo. A palavra grega traduzida por “vês”⁷ significa “conferir, examinar detalhadamente”⁸. Não é fácil enxergar um argueiro. Quando alguém lhe diz: “Tem um cisco no meu olho”, geralmente você só consegue enxergá-lo com uma luz adequada e bem de perto. Poderíamos acrescentar esta característica bastante predominante à lista dos maus hábitos do espírito julgador:

- Procurar o pior nas pessoas ao invés do melhor; analisar detalhadamente cada palavra e ação, na tentativa de encontrar alguma falha para criticar.

Era precisamente dessa maneira que os escribas e fariseus estavam tratando Jesus.

Muitos comentaristas e alguns tradutores pensam que Cristo usou as figuras de um “argueiro” e de uma “trave” porque esses itens possuem a mesma composição. Um é muito pequeno e o outro, grande demais, mas ambos podem ser de madeira. A NVI emprega os termos “cisco” e “viga”.

⁵A cena do homem com a trave se oferecendo para ajudar o homem com o cisco é grosseiramente equivalente a um careca se oferecendo para ajudar alguém a fazer os cabelos crescerem.

⁶Ou seja, ele estava pronto para matá-lo.

⁷Na ERC o termo é “reparas”.

⁸O vocábulo grego *blepo* em Mateus 7:3 “indica maior vivacidade” do que o vocábulo comum para “ver” e expressa “uma contemplação mais ávida e intencional” (W. E. Vine, *The Expanded Vine's Expository Dictionary of New Testament Words*, ed. John R. Kohlenberger III com James A. Swanson. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1984, p. 106).

A possibilidade do argueiro e da trave serem compostos da mesma substância fomenta algumas idéias interessantes. É um fato da natureza humana que muitas vezes somos demasiadamente sensíveis às falhas dos outros que também estão presentes em nós mesmos. Os psicólogos chamam isto de “projeção”: projetar para as vidas de outros o que vemos em nossas próprias vidas. (Ou seja, nossa tendência é supor que o outro se parece conosco.) Além disso, é fato que nossos pecados geralmente não parecem tão maus quanto os mesmos pecados vistos nas vidas de outros. Bertrand Russell ilustrou isto com a maneira como vemos as situações: “Eu sou firme; você é obstinado; ele é teimoso. Eu reconsiderarei; você mudou de idéia; ele voltou atrás com a palavra”. Se quiser um exemplo bíblico disto, veja a história de Judá e sua nora Tamar. Quando disseram a Judá que Tamar havia adulterado e estava grávida, ele estava pronto para matá-la (Gênesis 38:24); mas quando Tamar provou que Judá era o pai da criança, a questão da pena capital foi rapidamente descartada (Gênesis 38:25, 26).

Se Cristo usou intencionalmente uma ilustração contendo dois itens de madeira, então temos a situação absurda de um homem com um pecado do tamanho de uma trave agindo com superioridade sobre outro com o mesmo pecado do tamanho de um cisco. Paulo escreveu sobre esse tipo de inconsistência em Romanos 2:1–3:

Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas. Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade contra os que praticam tais coisas. Tu, ó homem, que condenas os que praticam tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus?

Como Jesus caracterizou aqueles que agem dessa maneira? Jesus não pronunciou palavra alguma; na primeira parte de Mateus 7:5, Ele disse: “*Hipócrita!*” Ser *hipercríticos* nos torna *hipocríticos*. Se criticamos constantemente os outros, estamos deixando implícito que nossa ficha está limpa, que nossas vidas são corretas—de outro modo não estaríamos aptos para julgar. Ao mesmo tempo, temos esses enormes postes⁹ saltando para fora do nosso globo ocular.

Mais uma vez é preciso dizer que, no que diz respeito a julgar, precisamos começar por nós mesmos. Jesus disse: “Tira *primeiro* a trave do teu olho”. É fácil confessar os pecados dos outros; é difícil confessar nossos próprios pecados. Paulo mencionou o

⁹Em algumas cidades do Brasil ainda existem nas ruas postes de eucalipto sustentando a rede elétrica de fios.

auto-exame numa variedade de contextos: “Examinai-vos a vós mesmos... provai-vos a vós mesmos” (2 Coríntios 13:5a). “Examine-se, pois, o homem a si mesmo.... Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (1 Coríntios 11:28, 31). Romanos 14:13 permite uma aplicação especial. A tradução inglesa de Phillips verte este versículo da seguinte maneira: “Por isso paremos de lançar olhares críticos uns aos outros. Se precisarmos ser críticos, sejamos *críticos de nossa própria conduta* e não façamos nada que leve o irmão a tropeçar ou cair”¹⁰ (grifo meu).

Qual pecado/trave deve ser removido? Todo pecado deve ser removido—mas neste contexto, estamos falando especialmente do pecado de ter um espírito julgador.

Mesmo quando se trata de auto-exame, é necessário haver um pouco de senso comum. Não estamos falando de uma obsessão mórbida por falhas e debilidades pessoais, denominada por alguém de “autópsia perpétua”. Todavia, para nos darmos bem com os outros, nossa *primeira* preocupação deve ser fazer as mudanças necessárias dentro de nossas *próprias* vidas. Se começarmos por nós mesmos, estaremos menos propensos a julgar os outros.

Já poderíamos sair dos versículos 3 a 5, pois identificamos a principal ênfase desse trecho—mas há uma verdade belíssima no final da seção que queremos enfatizar.

.....

*Princípio Essencial nº 3 para nos
darmos bem com os outros:
Precisamos ajudar os outros
com humildade e sensibilidade
(v. 5b).*

Quando realmente amamos uma pessoa e vemos pecado na vida dela, tentamos ajudá-la a remover esse pecado¹¹. Isto está implícito na última parte do versículo 5: após Jesus ordenar que cada um tire primeiro a trave do seu olho, Ele disse: “e, *então*, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão” (grifo meu). Jesus disse que a nossa

¹⁰J. B. Phillips, *The New Testament in Modern English*. Nova York: Macmillan Co., 1958, p. 344 (grifo meu).

¹¹Isto está implícito em uma das definições clássicas de amor: “O amor busca o melhor para o ser amado”. O verdadeiro amor não ignora o pecado na vida do ser amado, pois o pecado pode condenar a alma ao inferno. Veja também Mateus 18:15.

primeira prioridade é tratar dos nossos próprios pecados, mas Ele *não* nos desencorajou a ajudar um irmão com seus pecados, uma vez que nossas vidas estejam em ordem¹².

Muitas passagens ensinam sobre a necessidade de ajudar um irmão a tirar o pecado do seu coração e da sua vida:

Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo (Gálatas 6:1, 2).

Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabej que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados (Tiago 5:19, 20).

A ilustração do argueiro no olho em Mateus 7:3–5 traz à luz a necessidade de oferecer ajuda: o olho é sensível. Um minúsculo cisco dentro do olho não causa risos em ninguém. Se você tem filhos, provavelmente já ouviu o desespero na voz de um deles ao dizer: “Tem alguma coisa no meu olho!”

A ilustração de Jesus também indica a perspectiva que deve ter quem se oferece para ajudar. Se eu tivesse alguma coisa no olho e você se oferecesse para ajudar a tirá-la, eu iria querer que você fosse muitíssimo cuidadoso e misericordioso¹³. Precisamos ter essa sensibilidade quando lidamos com as pessoas. Paulo disse para corrigirmos o irmão em falta “*com espírito de brandura*” (Gálatas 6:1; grifo meu).

Todos nós somos pecadores na presença de um Deus santo, diante do qual compareceremos em juízo, um dia. Todo o mundo precisa de ajuda espiritualmente; ajudemos, então, uns aos outros—mas, ao fazermos isso, prestemos essa ajuda com cuidado e compaixão.

.....

*Princípio Essencial nº 4 para
nos darmos bem com os outros:
Precisamos aprender a lidar
com as diferenças e dificuldades
(v. 6).*

¹²Pode-se traçar aqui um paralelo com Mateus 5:23 e 24, onde Jesus disse: “...vai *primeiro* reconciliar-te com teu irmão; e, *então*, voltando, faz a tua oferta” (grifo meu). A intenção de Cristo não era desencorajar as ofertas; e sim enfatizar o que precisava ser feito *antes* de se ofertar.

¹³Se você pedisse para alguém lhe tirar um cisco do olho e essa pessoa viesse com uma faca de açougueiro na mão, qual seria a sua reação?

Chegamos ao versículo dos “cães” e “porcos” (v. 6). Aqui está um enigma: este versículo parece ir contra o espírito do qual Jesus estivera falando. Devemos sair por aí chamando os outros de “cães” e “porcos”? Creio que Cristo inseriu essa frase visando ao equilíbrio: não devemos ser hipócritas, repreensivos, autodesignados “inspetores de verugas”; nem tampouco, ingênuos. Deus nos deu o senso comum, e Ele espera que o utilizemos ao lidarmos com as pessoas. Não devemos ser insensíveis e censuradores; nem tampouco, descuidados e crédulos.

Se Jesus tivesse proferido apenas os versículos 1 a 5, Ele poderia ter nos deixado vulneráveis, temerosos de emitir qualquer julgamento para não julgarmos erroneamente e isto recair sobre nossas cabeças. No versículo 6, porém, Jesus demonstrou que *alguns* julgamentos devem ser formulados em relação às pessoas. Ele ilustrou esse fato com uma referência a cães e porcos: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem”.

Antes de analisarmos o significado das palavras de Cristo, precisamos entender a natureza dos cães e dos porcos, sobretudo naqueles dias. Ambos eram animais cerimonialmente imundos segundo a lei de Moisés¹⁴. Quando pensar em cães, não pense naqueles animais de estimação mimados, que alguns indivíduos possuem, mas pense em vasculhadores de lixo selvagens e indóceis correndo em matilhas. O termo “cão” foi usado algumas vezes na Bíblia como uma metáfora para quem estava cheio de pecado (Mateus 15:26; Filipenses 3:2; Apocalipse 22:15). O porco era o epítome da impureza na mente do judeu. Levando isto em consideração, a maioria dos porcos, senão todos, da Palestina eram selvagens.

Esse último fato é omitido por muitos comentaristas. Quando comentam o versículo 6, dizem que “voltando-se, vos dilacerem” deve referir-se aos cães e não aos porcos. Revelam, assim, sua ignorância sobre esses animais. Nunca estiveram perto de uma porca com cria, a qual é capaz de despedaçar a perna de quem ela achar que está próximo demais de seus filhotes. Desconhecem a violência de porcos selvagens que, seguramente, estão entre as criaturas mais perigosas¹⁵.

¹⁴O porco era especificamente denominado “imundo” (Levítico 11:7); o cão era “imundo” porque não possuía unhas fendidas e não ruminava (vv. 3, 4).

¹⁵Talvez o porco selvagem ou o javali sejam uma amostra mais conhecida e próxima dessa espécie.

Tendo em vista o temperamento dos cães e porcos selvagens, vejamos novamente o versículo 6. Jesus apresentou mais uma cena expondo o ridículo. Primeiro, Ele falou de dar “aos cães o que é santo”. Não há como um vira-lata dar valor ao que é santo ou sagrado. Alguns acreditam que a passagem se refere à impensável circunstância de um sacerdote tirando a carne do altar de sacrifício e lançando-a a uma matilha de cães. Isto jamais, jamais aconteceria. Todo o resto da carcaça era queimado (Levítico 6:24–30; 7:17).

Então, Jesus fez referência a lançar “ante os porcos as... pérolas”. Assim como os cães não têm a capacidade de valorizar o que é santo, os porcos jamais darão valor a pérolas. Assim que percebessem que as pérolas não são alimento (talvez quebrando um dente na tentativa de comer as pedras), eles teriam a tendência de “voltar e dilacerar” a pessoa mais próxima. Minha mente retrocede neste instante ao tempo em que eu levantava antes do nascer do sol para alimentar os porcos. Assim que eles me ouviam misturar a ração deles num velho balde de alumínio, ficavam agitados. Quando eu chegava perto do chiqueiro, eles guinchavam e se amontoavam um por cima do outro. Não era nada fácil colocar a comida no cocho, que sempre estava ocupada por, no mínimo, três ou quatro porcos famintos. Garanto a vocês que, se eu pusesse pérolas no cocho no lugar da mistura de grãos e leite, assim que os porcos percebessem isso, eu teria de torcer para a cerca em volta do chiqueiro agüentar firme!

Precisamos, agora, fazer uma pergunta: “Quem são os ‘cães’ e ‘porcos’ aos quais Jesus se referiu?” Essa pergunta é respondida fazendo-se primeiro uma outra pergunta: “O que é ‘santo’ e o que são ‘pérolas’?” Jesus referiu-se ao reino (a igreja) como a “pérola de grande valor” (Mateus 13:45, 46). A mensagem a respeito do reino (da igreja) é chamada de boas novas (evangelho) (veja Mateus 4:23; 9:35; 24:14). A Palavra de Deus é *santa* (Romanos 1:2; 2 Pedro 2:21), e falamos dessa mensagem como um “tesouro” (2 Coríntios 4:7).

Por conta disto, a maioria dos comentaristas acredita que Cristo estava advertindo contra dar a Palavra a indivíduos que não valorizam o espiritual: aqueles que rejeitam continuamente a verdade, o tipo de pessoa descrita em Tito 1:15, “os impuros e descrentes”, que possuem “tanto a mente como a consciência... corrompidas”. Jesus poderia ter em mente os escribas e fariseus que se recusavam a aceitar Suas palavras.

Alguns comentaristas fazem exceção a essa interpretação do versículo 6, mas creio que esta é a

explicação mais simples da passagem, e que ela se harmoniza com outras passagens das Escrituras. Ao pronunciar “a comissão limitada” aos doze, Jesus disse aos discípulos que quando fossem rejeitados deveriam sacudir o pó das sandálias¹⁶ e sair (Mateus 10:13, 14)¹⁷. Toda vez que a mensagem de Paulo era rejeitada pelos judeus, ele se voltava para os gentios (Atos 13:44–51; 18:5, 6; 19:9; 28:17–28).

Este é um julgamento difícil de se fazer. Não temos o direito de determinar, de antemão, se uma pessoa é espiritualmente como um “cão” ou um “porco”. O amor sempre acredita no melhor, e devemos dar a todos a oportunidade de ouvir o evangelho (Mateus 28:18–20; Marcos 16:15, 16). Por outro lado, se tentamos continuamente ensinar alguém e somos sempre rejeitados, num dado momento, o senso comum (e o princípio de sermos bons administradores do nosso tempo¹⁸) nos dirá: “Pare de atirar pérolas aos porcos e encontre outra pessoa para ensinar”¹⁹.

As ilustrações de Jesus em 7:1–12 deixaram claro que teremos de nos relacionar com muitos tipos diferentes de pessoas, e que temos de aprender a lidar com cada tipo. Existem pessoas feridas com argueiros nos olhos, indivíduos que merecem nosso amor e atenção. Também existem porcos e cães a quem jamais poderemos ajudar. Eles vão resistir a todo esforço da nossa parte para nos aproximarmos deles. O único interesse deles por nós será definir como nos dilacerar. A melhor coisa que podemos fazer com tais indivíduos é deixá-los “em paz”.

Pense na ternura de Jesus com a mulher que lavou-Lhe os pés com lágrimas (Lucas 7:36–50) e com a mulher pega em adultério (João 8:2–11). Agora, coloque isto em contraste com a denúncia sarcástica da dureza de coração dos escribas e fariseus, em Mateus 23. Vez após vez, Jesus disse: “Ai de vós, escribas e fariseus, *hipócritas*” (vv. 13–15, 23, 25, 27, 29; grifo meu).

Cristo não disse para atirmos balas nos cães ou nos porcos. Ele só disse para sairmos de perto

¹⁶Essa era uma forma simbólica de dizer: “Não tenho mais nada contigo”.

¹⁷O próprio Jesus absteve-se de lançar Suas pérolas ante os porcos: em certas ocasiões, Ele não respondeu os fariseus (Mateus 15:2, 3; 21:23–27). Ele não falou com Herodes (Lucas 23:9).

¹⁸Efésios 5:16.

¹⁹Quando preguei este sermão, usei uma ilustração pessoal: “Quando visitamos o Japão, não passei muito tempo tentando falar com os que não entendiam meu idioma. Quando eu descobria que a pessoa não estava entendendo nada do que eu estava dizendo, eu mudava para outra pessoa”. Talvez você tenha uma experiência semelhante para partilhar.

deles: não atirem coisas santas a eles; não dêem pérolas a eles. A admoestação de Paulo é apropriada aqui: “se possível, *quanto depender de vós*, tende paz com todos os homens” (Romanos 12:18; grifo meu).

Princípio Essencial nº 5 para nos

darmos bem com os outros:

Precisamos decidir confiar em Deus (vv. 7–11).

Isto nos leva à magnífica passagem sobre o poder da oração, os versículos 7 a 11. Não analisaremos esse trecho detalhadamente neste sermão. Meu propósito é sugerir como esse trecho encaixa-se no contexto do assunto que estamos estudando: como se dar bem com as pessoas.

Aprendemos com o texto bíblico que não devemos ter um espírito julgador, que devemos ser misericordiosos e bondosos. Ao mesmo tempo, foi destacado que não devemos ser ingênuos; precisamos saber quando é hora de sacudir o pó dos pés. Esses julgamentos são difíceis de se fazer. Como evitar ser severo numa situação em que se deve ser terno, e vice-versa? Os versículos 7 a 11 nos dão a resposta. Precisamos confiar em Deus:

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?

Que versículos maravilhosos são esses! Deus responde a oração! Assim como um pai amoroso atende as necessidades e pedidos de seus filhos, Deus nos responde.

Esta passagem está relacionada ao tema deste sermão de várias maneiras. Por exemplo, Deus mostra misericórdia para conosco, e isto implica que devemos mostrar misericórdia para com os outros. Essas palavras enfatizam especialmente que podemos ir até Deus com as nossas necessidades—neste caso, a necessidade de saber como lidar com as pessoas. Nesse aspecto, a mensagem é semelhante à de Tiago 1:5a: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus”.

O versículo 11 diz que Deus “dará *boas* coisas aos que lhe pedirem”. Alguém pode dizer: “Uma casa maior seria bom... ou um transporte melhor...”

ou um trabalho mais bem remunerado”—mas o que é realmente “bom”? Não são os dons espirituais? Entre eles, podemos destacar um espírito para discernir: a capacidade de saber como lidar com todo tipo de pessoa. Se você realmente quer se dar bem com as pessoas, se os relacionamentos são importantes para você, então você passará muito tempo em oração.

*Princípio Essencial n° 6 para nos
darmos bem com os outros:
Precisamos viver segundo a
regra de ouro (v. 12).*

Finalmente, chegamos ao versículo 12. Este versículo tem sido chamado de o ponto alto do Sermão do Monte. Com certeza, ele é o clímax da exposição sobre como se dar bem com as pessoas. A passagem começa dizendo: “Tudo quanto, pois...”. Num sentido, ela resume tudo o que foi dito no sermão a respeito das relações humanas—seja com irmãos e amigos, seja com adversários e inimigos. Especificamente, ela sintetiza o tudo que aprendemos em 7:1–11 sobre como se dar bem com os outros: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas”. Geralmente dizemos isto da seguinte maneira: “Faça aos outros o que você gostaria que fizessem a você”. É provável que esta seja a afirmação de Jesus mais conhecida globalmente. Quase todo mundo²⁰ admira essas palavras; até quem não vive segundo esse preceito admira o princípio.

Antes de Jesus, muitos enfatizaram o mesmo princípio do versículo 12 negativamente: “*Não* faça aos outros o que você *não* gostaria que fizessem a você”. Entre estes estão Sócrates, Aristóteles, Hillel (o notável mestre judeu), Confúcio e Buda. Jesus, entretanto, foi o primeiro a expressar esse princípio positivamente: “Fazei-o vós também a eles”.

Existe um abismo de diferença entre a perspectiva negativa e a positiva—muito mais do que meramente a inclusão ou exclusão da palavra “não”. A afirmação negativa era, em grande parte, uma questão de autoproteção, enquanto a positiva é uma questão de abnegação. É possível cumprir o precei-

to negativo simplesmente não fazendo nada²¹; mas só é possível cumprir o preceito positivo fazendo o bem. Nem é preciso ser religioso para adotar a filosofia negativa, pois ela reflete uma forma naturalista de olhar para a vida—mas a segunda perspectiva é a base da pura religião (v. 12b). A tradução de Phillips diz aqui: “esta é a essência de toda religião verdadeira”²².

Essa afirmação vem no final do discurso porque resume o que veio antes, mas também está aqui porque enuncia um princípio que norteará milhares de outras situações que surgirem nos relacionamentos interpessoais. Imagine que você tem um livro que trata de todos os problemas de relacionamento possíveis. Tente visualizar como seria enorme essa obra. Agora, imagine que você está interagindo com alguém e surge uma crise. Você começa a folhear freneticamente as páginas do livro à procura da resposta que precisa—mas a outra pessoa já foi embora. Em vez de lhe dar uma obra desse tipo, Jesus disse, com efeito: “Aqui está como lidar com qualquer crise: pergunte-se: ‘E se a situação fosse ao contrário? Como eu gostaria de ser tratado?’ Daí, trate a outra pessoa dessa maneira”.

Como isto é simples e, ao mesmo tempo, tão profundo! Você consegue visualizar como seria o mundo se todas as vidas se conduzissem sobre essa base? Como seria se todos os negócios fossem feitos assim? Como seria se todo empregado tratasse seus colegas assim? Como seria se toda organização honrasse esse princípio? Como seria se as pessoas em todos os lares, em todas as escolas, em todas as nações e em todas as congregações tratassem os outros como gostariam de ser tratadas?

Façamos uma última pausa para dizer que o Senhor espera que usemos o nosso senso comum. Mateus 7:12 pressupõe que quando nos colocamos no lugar do outro, somos *bons o bastante* para não querer nada de mal e *sábios o bastante* para não querer algo insensato²³. De outra forma, o alcoólatra poderia racionalizar: “O que eu quero é que as pessoas me dêem álcool, então farei aos outros o que eu quero que façam a mim—vou dar a todos garrafas de be-

²¹Baseando-se na expressão negativa, os “cabritos” de Mateus 25 poderiam ser salvos. Eles não fizeram necessariamente o mal, mas negligenciaram fazer o bem (veja vv. 31, 32, 41, 42).

²²Phillips, p. 14.

²³Adaptado de J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 265.

²⁰Poucos não admiram esse princípio; estes consideram um sinal de fraqueza levar em conta os sentimentos dos outros.

Atribuição de Leitura nº. 10

Mateus 8:1, 5–13; 11:2–30;
Lucas 7:1–50

Mateus 8:1

¹Ora, descendo ele do monte, grandes multidões o seguiram.;

Mateus 8:5-13

⁵Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando:

⁶Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, parálítico, sofrendo horrivelmente.

⁷Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo.

⁸Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado.

⁹Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz.

¹⁰Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta.

¹¹Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus.

¹²Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes.

¹³Então, disse Jesus ao centurião: Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado.

Mateus 11:2–30

²Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo, mandou por seus discípulos perguntar-lhe:

³És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?

⁴E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo:

⁵os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho.

⁶E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.

⁷Então, em partindo eles, passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?

⁸Sim, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais.

⁹Mas para que saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta.

¹⁰Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti.

¹¹Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele.

¹²Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele.

¹³Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João.

¹⁴E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir.

¹⁵Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça.

¹⁶Mas a quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros:

¹⁷Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes.

¹⁸Pois veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio!

¹⁹Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Mas a sabedoria é justificada por suas obras.

²⁰Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido:

²¹Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza.

²²E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras.

²³Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje.

²⁴Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo.

²⁵Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos.

²⁶Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.

²⁷Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

²⁸Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.

²⁹Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.

³⁰Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

Lucas 7:1–50

¹Tendo Jesus concluído todas as suas palavras dirigidas ao povo, entrou em Cafarnaum.

²E o servo de um centurião, a quem este muito estimava, estava doente, quase à morte.

³Tendo ouvido falar a respeito de Jesus, enviou-lhe alguns anciãos dos judeus, pedindo-lhe que viesse curar o seu servo.

⁴Estes, chegando-se a Jesus, com instância lhe suplicaram, dizendo: Ele é digno de que lhe façam isto;

⁵porque é amigo do nosso povo, e ele mesmo nos edificou a sinagoga.

⁶Então, Jesus foi com eles. E, já perto da casa, o centurião enviou-lhe amigos para lhe dizer: Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa.

⁷Por isso, eu mesmo não me julguei digno de ir ter contigo; porém manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado.

⁸Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados às minhas ordens, e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz.

⁹Ouvidas estas palavras, admirou-se Jesus dele e, voltando-se para o povo que o acompanhava, disse: Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta.

¹⁰E, voltando para casa os que foram enviados, encontraram curado o servo.

¹¹Em dia subsequente, dirigia-se Jesus a uma cidade chamada Naim, e iam com ele os seus discípulos e numerosa multidão.

¹²Como se aproximasse da porta da cidade, eis que saía o enterro do filho único de uma viúva; e grande multidão da cidade ia com ela.

¹³Vendo-a, o Senhor se compadeceu dela e lhe disse: Não chores!

¹⁴Chegando-se, tocou o esquife e, parando os que o conduziam, disse: Jovem, eu te mando: levanta-te!

¹⁵Sentou-se o que estivera morto e passou a falar; e Jesus o restituiu a sua mãe.

¹⁶Todos ficaram possuídos de temor e glorificavam a Deus, dizendo: Grande profeta se levantou entre nós; e: Deus visitou o seu povo.

¹⁷Esta notícia a respeito dele divulgou-se por toda a Judéia e por toda a circunvizinhança.

¹⁸Todas estas coisas foram referidas a João pelos seus discípulos. E João, chamando dois deles,

¹⁹enviou-os ao Senhor para perguntar: És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?

²⁰Quando os homens chegaram junto dele, disseram: João Batista enviou-nos para te perguntar: És tu aquele que estava

para vir ou esperaremos outro?

²¹Naquela mesma hora, curou Jesus muitos de moléstias, e de flagelos, e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos.

²²Então, Jesus lhes respondeu: Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres, anuncia-se-lhes o evangelho.

²³E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.

²⁴Tendo-se retirado os mensageiros, passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?

²⁵Que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Os que se vestem bem e vivem no luxo assistem nos palácios dos reis.

²⁶Sim, que saístes a ver? Um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta.

²⁷Este é aquele de quem está escrito: Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti.

²⁸E eu vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele.

²⁹Todo o povo que o ouviu e até os publicanos reconheceram a justiça de Deus, tendo sido batizados com o batismo de João;

³⁰mas os fariseus e os intérpretes da Lei rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus, não tendo sido batizados por ele.

³¹A que, pois, compararei os homens da presente geração, e a que são eles semelhantes?

³²São semelhantes a meninos que, sentados na praça, gritam uns para os outros: Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não chorastes.

³³Pois veio João Batista, não comendo pão, nem bebendo vinho, e dizeis: Tem demônio!

³⁴Veio o Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizeis: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e

pecadores!

³⁵Mas a sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

³⁶Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa.

³⁷E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento;

³⁸e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento.

³⁹Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora.

⁴⁰Dirigiu-se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Ele respondeu: Dize-a, Mestre.

⁴¹Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinqüenta.

⁴²Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais?

⁴³Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem.

⁴⁴E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos.

⁴⁵Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés.

⁴⁶Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés.

⁴⁷Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.

⁴⁸Então, disse à mulher: Perdoados são os teus pecados.

⁴⁹Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa pecados?

⁵⁰Mas Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.

Jesus Se Importa?

Leitura Bíblica 10

- V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁScoa (continuação).
- G. O servo de um centurião é curado (Mateus 8:1, 5–13; Lucas 7:1–10).
- H. O filho de uma viúva é ressuscitado (Lucas 7:11–17).
- I. A resposta a João Batista (Mateus 11:2–30; Lucas 7:18–35).
- J. Os pés de Jesus são ungidos (Lucas 7:36–50).

INTRODUÇÃO

Após o Sermão do Monte, “descendo ele do monte, grandes multidões o seguiram” (Mateus 8:1). Dessa hora em diante, Cristo estaria cercado de multidões por onde quer que fosse (veja Lucas 7:9, 11)¹. Jesus, porém, não via os que O cercavam simplesmente como pessoas em massa. Ele os via como indivíduos com necessidades. Uma frase registrada em Lucas 7:13 expressa a atitude de Cristo: “Vendo-a, o Senhor *se compadeceu dela...*” (grifo meu).

Nesta lição, vamos dar continuidade ao estudo do grande ministério na Galiléia. Intitulamos esta lição de “Jesus Se Importa?”². O texto bíblico desta lição contém quatro exemplos vívidos do cuidado e da compaixão de Jesus pelas pessoas ao Seu redor. Todos os quatro incidentes estão no Livro de Lucas, por isso usaremos aqui esse Evangelho como fonte principal. Dois desses incidentes também se encontram no Livro de Mateus, o qual será usado como uma fonte complementar.

JESUS SE IMPORTA QUANDO A DOENÇA INVADE NOSSOS LARES (MATEUS 8:5–13; LUCAS 7:1–10)

Após concluir Seu discurso na montanha, Jesus regressou a Cafarnaum (Lucas 7:1). Enquanto estava ali, um centurião mandou uma delegação de judeus implorar a Cristo que curasse seu servo (Lucas

7:2–5)³. Talvez ele tivesse ouvido falar da cura que Jesus realizara anteriormente no filho de um concidadão (João 4:46–54)⁴.

Um centurião era um oficial romano no comando de cem soldados (como indica o próprio título)⁵. Este centurião em particular tinha boas relações com a comunidade judaica. Ele havia doado uma verba para a construção da sinagoga deles⁶. Ele poderia ser um “temente a Deus”, alguém que acreditava no Deus de Israel, mas que não se tornara um prosélito (veja Atos 13:16)⁷. A preocupação desse centurião naquele momento era com um de seus criados.

Somos informados de que o criado “jazia paralítico” na casa do oficial—sofrendo horrivelmente e quase “à beira da morte” (Mateus 8:6; Lucas 7:2). O relato de Lucas registra que o criado era “muito estimado” pelo centurião (7:2). Você já viu alguém a quem você estimava muito ficar seriamente doente—um amigo, um parente ou alguém de dentro da sua própria casa? Então, você pode entender a preocupação do centurião. Em ocasiões assim, nos

¹Imagine a cena, com um homem dizendo: “É alguma passeata?”, e o outro respondendo: “Não, é Jesus fazendo outra visita”.

²Essa perspectiva deste segmento da vida de Jesus encontra-se em vários comentários, inclusive nos escritos de Richard Rogers e outros. Não sabemos quem deu origem a ele.

³O relato de Mateus indica que o centurião falou diretamente com Jesus, enquanto no de Lucas, o oficial enviou pessoas para falar com Ele. Talvez as duas coisas tenham acontecido, ou talvez o centurião, que se sentia indigno, só falou com Cristo *por intermédio dos seus mensageiros*.

⁴Os dois incidentes possuem algumas semelhanças, especialmente no aspecto da cura a distância.

⁵Veja mais sobre centuriões na edição “Atos, 4”, de *A Verdade para Hoje*, p. 33.

⁶Ainda é possível ver alguns vestígios de uma sinagoga do primeiro século em Cafarnaum.

⁷Um temente a Deus acreditava no Deus verdadeiro, mas não havia sido circuncidado para se tornar um prosélito. Veja mais sobre prosélitos e tementes a Deus na edição “Atos, 1”, de *A Verdade para Hoje*, p. 52.

perguntamos: “Jesus se importa?” Esta história nos mostra que Ele Se importa.

Jesus atendeu colocando-se a caminho da casa do soldado, mas o homem enviado disse que ele não era digno de receber Cristo em sua casa. Ele reconhecia a autoridade espiritual de Jesus (Lucas 7:6–8). “Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta” (Mateus 8:10)⁸. “E, naquela mesma hora, o servo foi curado” (Mateus 8:13b).

Jesus não está mais andando pela terra, e a época de realizar milagres já passou; mas o Senhor ainda Se importa quando a doença invade nossos lares. Ele nos dará as forças necessárias para superarmos cada dia (Hebreus 13:5b, 6).

JESUS SE IMPORTA QUANDO A MORTE ENTRISTECE NOSSOS CORAÇÕES (LUCAS 7:11–17)

“Em dia subsequente”⁹, Jesus viajou para a cidade de Naim (Lucas 7:11), que ficava uns trinta quilômetros ao extremo sudoeste de Cafarnaum¹⁰. Quando Jesus, os discípulos e a multidão de sempre “aproximaram-se da porta da cidade, eis que saía o enterro do filho único de uma viúva” (v. 12).

Naqueles dias, uma viúva era considerada uma pessoa carente. Quando o marido daquela mulher morreu, restou-lhe pelo menos um filho do qual ela poderia depender. Mas, sucedeu uma segunda tragédia: seu único filho também veio a falecer. Ela olhava para o futuro com poucas esperanças. Alguns entendem como aquela mulher devia se sentir. Quando perdemos alguém que ocupava um lugar precioso no nosso coração, sentimo-nos como se o coração estivesse partido.

Jesus Se importa quando a morte entristece nossos corações? O versículo 13 diz que quando viu a viúva de Naim, “o Senhor se compadeceu dela”. Ele também Se compadece de nós quando a tristeza enche nossos olhos de lágrimas (Tiago 5:11b).

Cristo disse à mulher: “Não chores!” (v. 13b). Depois, Ele tocou o caixão¹¹ aberto e disse ao filho: “Levanta-te!” (v. 14). “Sentou-se o que estivera mor-

⁸A fé do centurião instigou a predição de que muitos gentios (“do Oriente e do Ocidente”) fariam parte do reino de Cristo, ao contrário de muitos judeus (“os filhos do reino”) (Mateus 8:11, 12).

⁹Alguns manuscritos contêm “no dia seguinte”.

¹⁰Veja o mapa na página 30.

¹¹A palavra grega para “esquife” também poderia se referir a uma espécie de estrado feito de madeira sobre o qual o corpo era levado. Alguns acreditam que os judeus raramente utilizavam esquifes, ou seja, caixões fechados.

to [mostrando que seu corpo estava curado] e passou a falar [demonstrando que sua mente também havia sido recuperada]” (v. 15a).

Esta é a primeira ressurreição de um morto registrada durante o ministério de Jesus¹², mas ela foi apenas uma extensão do que Ele já estava fazendo: curando os enfermos. Esses dois tipos de milagres alteravam forças destrutivas que devastavam o corpo físico. Qualquer um que alegue ter o poder de curar o corpo também deveria ter o poder de ressuscitar os mortos¹³.

Quando o jovem sentou-se, todos os presentes ficaram atônitos, “e glorificavam a Deus, dizendo: Grande profeta se levantou entre nós; e: Deus visitou o seu povo” (v. 16).

A minha parte favorita da história é o final do versículo 15: “e Jesus o restituiu a sua mãe”. Você consegue visualizar a ternura estampada no rosto de Cristo, enquanto Ele colocava a mão do rapaz em cima da de sua mãe? Consegue ver as lágrimas correndo pela face da mãe, enquanto ela tentava compreender o que havia se passado?

Não vivemos mais na era dos milagres. Isto, porém, não quer dizer que Jesus não Se importa quando lágrimas nos despedaçam. Ele nos dá forças no dia da angústia (Jeremias 16:19a)—e aguardamos aquele dia em que Ele ressuscitará os mortos e nos uniremos aos nossos entes queridos (1 Tessalonicenses 4:13–18).

JESUS SE IMPORTA QUANDO A DÚVIDA TORTURA NOSSAS MENTES (MATEUS 11:2–30; LUCAS 7:18–35)

A notícia da ressurreição em Naim espalhou-se por todo o país, chegando até a província sulista da Judéia (Lucas 7:17¹⁴), onde João fora encarcerado por Herodes. Segundo Josefo, João Batista estava sendo mantido preso no palácio de Herodes em Macários, na Peréia, na margem oriental do mar Morto¹⁵.

Quando os discípulos de João lhe relataram as atividades de Cristo, ele enviou dois deles até o Se-

¹²O impacto da multidão sugere que esse incidente tenha sido a primeira vez que Jesus ressuscitou alguém. Mortos haviam sido ressuscitados durante os ministérios de Elias e Eliseu (1 Reis 17:17–24; 2 Reis 4:32–37), mas isso foi muito tempo antes dos dias de Jesus.

¹³Pedro, que podia curar enfermos (Atos 9:32–35), também podia ressuscitar mortos (Atos 9:36–43).

¹⁴A palavra “Judéia” em Lucas 7:17 pode significar ou “a terra dos judeus” (ou seja, a Palestina) ou a província da Judéia. De qualquer forma, a província da Judéia está incluída no termo.

¹⁵Veja o mapa na página 30.

nhor¹⁶ com uma pergunta: “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (Lucas 7:19b). A palavra grega traduzida por “aquele que estava para vir” significa literalmente “o que vem”. João usara esse mesmo termo anteriormente, quando disse: “aquele que *vem* depois de mim” (Mateus 3:11; grifo meu).

Visto que, anteriormente, João não havia hesitado em declarar que Jesus era o Messias (Aquele que estava para vir) (João 1:29–36; 3:23–30), alguns comentaristas relutam em admitir a possibilidade de que João tivesse um lapso momentâneo. A Bíblia, porém, não apresenta seus heróis isentos de imperfeições. Se entendermos o texto no seu sentido mais natural, naquela cela escura embaixo do Castelo Negro, João estava travando uma luta com a fé.

Não é difícil entender como isso aconteceu. Em primeiro lugar, aquele vigoroso homem do deserto viu-se confinado e sem atividade alguma. Ele estava preso havia meses. Isso o oprimia. Deve ter sido cada vez mais difícil para João Batista evitar maus pensamentos.

Além disso, Jesus provavelmente não estava pondo em ação a agenda que João esperava. O profeta havia retratado o Messias como tendo a mesma atuação vigorosa de um machado, como Aquele que limparia completamente a eira (Mateus 3:10, 12)¹⁷. É provável que João tivesse o mesmo conceito materialista do reino que qualquer outro judeu (incluindo os apóstolos; Atos 1:6). Talvez ele estivesse esperando que o Senhor levantasse um exército, derrotasse Roma, e expulsasse da cidade os líderes judeus infiéis¹⁸. Talvez ele até estivesse esperando que Cristo o libertasse e castigasse Herodes. Ao contrário disso, Jesus estava “apenas” andando pelo país, ensinando e ajudando pessoas.

João, conhecendo Herodes e Herodias, possivelmente previa que sua morte era iminente. Não é de surpreender, portanto, que ele desejasse obter uma confirmação: “Será que cumpri a missão dada a mim por Deus, ou meu trabalho terá sido em vão?” Por isso ele mandou seus discípulos com a pergun-

¹⁶O fato de João ter contato com seus discípulos sugere que ele tinha privilégios semelhantes aos de Paulo na prisão em Cesaréia (Atos 24:23).

¹⁷As profecias de João sobre o machado cortante e a limpeza da eira [separando o trigo da palha] possivelmente foram cumpridas, em parte, quando Jerusalém foi destruída. E serão finalmente cumpridas no Dia do Juízo.

¹⁸As palavras enigmáticas de Jesus em Mateus 11:12 podem fazer referência ao desejo de João e de outros de apressar o estabelecimento do reino, em vez de deixar que Deus realizasse Seus propósitos de acordo com o Seu próprio cronograma.

ta; “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (Lucas 7:19).

A maioria de nós, uma hora ou outra, já questionamos nossa fé. Alguns já passaram pela tormenta obscura da dúvida. Precisamos entender que, enquanto não fecharmos a porta para Deus, Ele não fechará a porta para nós¹⁹. Enquanto tivermos corações sinceros que permanecem em busca da Palavra, o Senhor será tão paciente conosco como é com as crianças (Lucas 8:15; 1 Pedro 2:2; 1 Timóteo 1:16). Jesus Se importa quando a dúvida tortura nossas mentes.

Os discípulos de João encontraram Cristo em uma de suas agitadas sessões de cura. Quando Ele ouviu a pergunta, Ele não incumbiu os mensageiros de dizerem ao seu mestre: “Que vergonha você fazer essas perguntas!” Em vez disso, Jesus lhes disse: “Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres, anuncia-se-lhes o evangelho” (Lucas 7:22). Essa resposta fazia alusão às conhecidas passagens de Isaías 35:5 e 61:1. Jesus queria assegurar a João que, embora Ele não estivesse pondo em ação o programa que *os homens* haviam visionado para o Messias, Ele estava cumprindo a agenda de *Deus*.

E acrescentou: “Bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço” (Lucas 7:23)²⁰. Outros se ofendiam com as declarações de Jesus (Mateus 13:57), mas Ele não queria que João estivesse entre esses. Essa foi a maneira de Jesus encorajar João Batista a “guardar a fé”. Certa paráfrase desse versículo diz: “Feliz é aquele que não perde a sua fé em mim”²¹.

A pergunta de João ocasionou dois discursos proferidos por Jesus. O primeiro foi uma defesa de João (Lucas 7:24–30). J. W. McGarvey registrou este pensamento animador: “Um ato não faz um caráter, nem uma dúvida o desfaz”²².

¹⁹Outra expressão para isto seria: “Enquanto não desistirmos de Deus, Ele não desistirá de nós”.

²⁰Até onde se sabe, esta foi a última comunicação entre Jesus e João. Não sabemos qual foi a resposta de João à mensagem de Jesus, mas o fato de, vários anos depois, Mateus e Lucas registrarem a entusiástica aprovação de Jesus a João é suficiente para me convencer de que, com a ajuda do Senhor, João pôde tranquilizar a sua dúvida.

²¹Citado em *The Living Gospels* (“Os Evangelhos Vivos”). Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1966, in *The Man Jesus* (“O Homem Jesus”). Glendale, Calif.: Regal Books, G/L Publications, 1967, p. 68.

²²J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 282.

Cristo enfatizou que João era o mensageiro descrito na profecia de Malaquias (Lucas 7:27; Malaquias 3:1; veja Mateus 11:10; Marcos 1:2)—o “Elias, que estava por vir” (Mateus 11:14; Malaquias 4:5)²³. Ele disse que, “entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João” (Lucas 7:28a). Que elogio!

A seguir, Jesus acrescentou estas incríveis palavras: “Mas o menor no reino de Deus é maior do que ele” (Lucas 7:28b). Depois do que Jesus acabara de dizer a respeito de João, a única maneira desta afirmação ser verdadeira é mediante o fato de que João nunca esteve dentro do reino. Existe uma “máxima em direito que diz: ‘O menor dos maiores é maior que o maior dos menores’; isto equivale a dizer que o menor diamante é de substância mais preciosa do que a maior pedra”²⁴. João preparou o caminho para o reino/a igreja, mas você e eu temos o privilégio mais elevado de ser uma parte vital dele!

O povo alegrou-se com o elogio de Cristo a João porque haviam sido batizados por ele (Lucas 7:29). Isto fez Jesus lembrar-Se de que os líderes judeus não haviam aceito o ensino de João: “Mas os fariseus e os intérpretes da Lei rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus, não tendo sido batizados por ele” (Lucas 7:30).

Isto desencadeou o segundo discurso de Cristo—sobre os incrédulos que Lhe causaram admiração e tristeza. Ele repreendeu os fariseus por serem como crianças que se recusam resistentemente a se mostrar satisfeitas; eles haviam criticado João por causa de seu asceticismo, e agora condenavam Jesus por causa de Sua sociabilidade (Lucas 7:31–34). Jesus reprovou as cidades que usufruíram o benefício de Seus milagres²⁵, mas ainda O recusavam (Mateus 11:20–24).

O coração ardente de Cristo voltou-se para Seu Pai e Ele emitiu uma oração que dizia: “Graças te dou, ó Pai... porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos [homens como os fariseus que se consideravam sábios (João 9:40)]... e as revelaste aos pequeninos [os suficientemente humildes para admitirem suas necessidades (Mateus 5:3; 18:3)]” (Mateus 11:25). Jesus então virou-Se para a multidão e lançou o que muitos denominam o grande convite:

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre

vós o meu jugo²⁶ e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mateus 11:28–30).

Muitas pessoas estão sofrendo na vida com fardos pesados. Talvez você seja uma dessas pessoas. Talvez você até esteja tomado de dúvida, como João estava. Nesse caso, alegre-se porque Jesus Se importa com você.

JESUS SE IMPORTA QUANDO O PECADO INVADE NOSSAS VIDAS (LUCAS 7:36–50)

Lucas 7:36 surge quase como uma surpresa. Imediatamente após Jesus condenar os fariseus (7:30–35), lemos: “Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele” (v. 36a)²⁷. O nome do fariseu era Simão (v. 40). A história do que aconteceu quando Cristo aceitou o convite dele já foi descrita como “um dos incidentes mais comoventes de todo o ministério de Jesus”²⁸.

Antes de analisarmos brevemente esse relato²⁹, convém enfatizar que esta não é a unção que ocorreu perto do final da vida de Cristo (Mateus 26:6–13; Marcos 14:3–9; João 12:3–8). Alguns detalhes são parecidos³⁰, mas o local, o tempo, a ocasião, os participantes e as conseqüências são diferentes. (Também convém salientar que não há apoio bíblico para a idéia popular de que a mulher pecadora de Lucas 7 era Maria Madalena³¹.)

²⁶Um jugo era uma trave horizontal com duas peças em formato de U, as quais juntavam dois animais que trabalhavam em parceria. Algumas partes do mundo ainda utilizam jugos; outras usam algum sistema de arreo. O termo “jugo” é geralmente usado nas Escrituras com referência a um fardo indesejado (Isaías 9:4; Jeremias 27:12; Atos 15:10; Gálatas 5:1; 1 Timóteo 6:1). Todavia, na ilustração de Jesus, a idéia principal é que o crente divide seu “jugo” com Cristo—e o próprio Cristo levará a maior parte do peso, se permitirmos. Por isso Ele disse que o Seu jugo era “suave” e que o Seu fardo era “leve”.

²⁷Não sabemos onde ocorreu esse incidente. Lucas 7:37 menciona “a cidade”, mas não se sabe qual era.

²⁸B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 18.

²⁹Veja um estudo detalhado do que aconteceu ali, no sermão que vem a seguir.

³⁰Os dois banquetes foram na casa de um homem chamado Simão; mas um Simão era fariseu e o outro, leproso (purificado). Simão era um nome comum. Nove Simões são mencionados no Novo Testamento; é possível que houvesse milhares na Palestina. Novamente, em ambos os casos, Jesus foi ungido com perfume, mas por mulheres diferentes e com conseqüências diferentes.

³¹É verdade que Maria Madalena é mencionada pouco depois desse incidente (Lucas 8:2), mas ela é introduzida como parte de um grupo não mencionado antes. Também

²³Isto foi comentado na página 33 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”.

²⁴McGarvey e Pendleton, p. 283.

²⁵Cada uma das cidades alistadas ficava a uma pequena distância de Cafarnaum. Veja o mapa na página 30.

Retomemos a história. Não se sabe ao certo por que Simão quis que Jesus fosse à sua casa³². Qualquer que tenham sido suas razões, foi evidente a sua falta de hospitalidade (vv. 44–46). Em contraste com o desrespeito do anfitrião, a história relata o carinho de uma mulher pecadora que entrou na casa sem ser convidada. Colocando-se por detrás de Jesus, “aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento” (v. 38).

Simão ficou estupefato. Disse consigo mesmo: “Se este fora profeta³³, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora” (v. 39). O fariseu pensava estar julgando quem Jesus era; na verdade, ele estava julgando sua própria condição espiritual.

Conhecendo os pensamentos de Simão, Cristo contou a curta e linda parábola³⁴ dos dois devedores. Estudaremos essa parábola detalhadamente no sermão “Amor, Lágrimas e Perdão”. Jesus ensinou que aquele que não é ciente das suas necessidades espirituais, como o fariseu, “pouco ama”. Ao contrário disso, a mulher que havia pecado mais reconhecia que era incapaz de pagar sua dívida de pecado. Por isso, quando ela foi perdoada, ela “muito amou” (v. 47).

O pecado já ameaçou dominar você? Você já passou uma noite em claro, se torturando por algo que disse ou fez? Já conheceu a dor da consciência o acusando? Com certeza, você já se sentiu assim. *Todos* nós somos pecadores (Romanos 3:23), incapazes de pagar a dívida dos nossos pecados (Romanos 6:23). É maravilhoso saber que Jesus Se importa quando o pecado domina as nossas vidas. É maravilhoso reconhecer que, se admitirmos nossos pecados e nos convertermos a Jesus³⁵, Ele nos dará perdão e libertação (Gálatas 5:1)!

é verdade que Maria Madalena havia sido endemoninhada (Lucas 8:2), mas McGarvey observou que “não há ligação entre o pecado e a possessão demoníaca. Aquele implica um desrespeito pelas regras aceitas da conduta religiosa, enquanto este não implica pecaminosidade. Tal aflição nunca foi descrita como uma reprovação e, sim, como um infortúnio” (McGarvey e Pendleton, p. 291).

³²Veja as possíveis razões, no sermão que vem a seguir.

³³Alguns manuscritos contêm a expressão “o profeta”, a qual seria uma referência ao Messias (Deuteronômio 18:15).

³⁴A curta história não é denominada parábola no texto bíblico, mas geralmente é assim classificada. Faremos uma exposição do tema “parábolas” na próxima edição desta série.

³⁵Dependendo do seu público ouvinte, explique como podem se converter ao Senhor. Use Atos 2:36–38 para os não-cristãos e 1 João 1:9; Tiago 5:16 e Atos 8:22 para incentivar os

CONCLUSÃO

Nesta lição, vimos quatro demonstrações de que Jesus Se importa conosco: Jesus Se importa quando a doença invade nossos lares; Jesus Se importa quando a morte entristece nossos corações; Jesus Se importa quando a dúvida tortura nossas mentes; Jesus Se importa quando o pecado domina nossas vidas. Pedro escreveu: “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, *porque ele tem cuidado de vós*” (1 Pedro 5:6, 7; grifo meu).

Vamos fazer uma aplicação geral da última história desta lição: aqueles que reconhecem quanto Jesus Se importa, e quanto Ele fez por eles, muito O amarão—e demonstrarão essa estima. O Senhor tem regado Suas bênçãos sobre nós. Nós o amamos? Estamos *expressando* esse amor?



cristãos infiéis a se arrependem e confessarem seus pecados.

Amor, Lágrimas e Perdão

Lucas
7:36-50,
Olhando de Perto



Jesus amava comer na companhia de outras pessoas. Ele comeu com Seus discípulos (Marcos 14:14; Lucas 22:15). Ele comeu com Seus amigos (Lucas 10:38-42; João 12:1, 2). Ele comeu com coletores de impostos e pecadores (Lucas 5:29, 30). Ele até comeu com fariseus (Lucas 11:37-54; 14:1-6). Pelo que sabemos, Cristo nunca recusou um convite para comer com alguém¹.

Lucas 7:36-50 conta a primeira vez que Jesus foi convidado para comer com um fariseu. Uma virada surpreendente de acontecimentos suscitou uma das mensagens mais emocionantes de Jesus sobre amor e perdão.

UM PEDIDO NOTÁVEL (V. 36a)

A história começa dizendo: “Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele” (v. 36a). O nome do fariseu era Simão (vv. 40, 43, 44). Na língua original, a palavra traduzida por “convidou” sugere urgência. Simão convidou Jesus (v. 39) vez após vez até que Ele aceitasse o convite.

Por que Simão estava ansioso para que Cristo comesse com ele? Várias sugestões já foram apresentadas.

Talvez o fariseu gostasse de Jesus. Nem todo fariseu odiava Cristo (João 7:45-52; Lucas 13:31). Via de regra, convidamos pessoas para nos visitar em nossas casas porque gostamos de sua companhia. Todavia, em vista dos acontecimentos subsequentes, dificilmente parece ter sido essa a motivação de Simão.

O propósito do fariseu pode ter sido o de outros fariseus: armar uma cilada para pegar Jesus em alguma falha que pudesse ser usada para acusá-lo. Essa é uma possibilidade, mas nada na narrativa indica uma tentativa deliberada da parte de Simão de apanhar Cristo numa armadilha.

A motivação de Simão parecia estar entre as duas primeiras sugestões. Ele certamente ouvira o que seus colegas fariseus estavam dizendo sobre o Senhor. Ao mesmo tempo, ele certamente estava ciente da opinião popular a respeito de Cristo. Pouco antes disso, Jesus estivera em Naim, onde o povo exclamara: “Grande profeta se levantou entre nós” (Lucas 7:16)². A pergunta que incomodava a mente de Simão parecia ser: “Quem é, de fato, este homem?”

Há outras razões para o convite propostas³ por outros comentaristas, mas qualquer que seja o propósito de Simão, Jesus estava ciente dele (João 2:25). Isto desencadeia outra pergunta: Por que Cristo aceitaria um convite tão duvidoso? Novamente, várias possibilidades vêm à tona.

Jesus certamente sabia que Simão estava em dúvida sobre quem e o que Ele era. Por isso, Ele pode ter ido para ajudar Simão. Outros estariam presentes durante a refeição (veja Lucas 7:49); talvez Cristo tenha ido para ensinar a eles. Além disso, Jesus provavelmente sabia o que aconteceria durante a

²O uso que Simão faz da palavra “profeta” (Lucas 7:39) pode indicar que ele ouvira as palavras ditas em Naim.

³Barclay sugeriu que Simão era “um colecionador de celebridades” (William Barclay, *The Gospel of Luke*, ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 94).

¹Quando prego isto, adiciono uma pitada de humor: “Neste aspecto, minha esposa se parece com Jesus”.

refeição⁴; Ele pode ter ido para encorajar a mulher que surgiria no banquete. Finalmente, como já foi observado, Jesus gostava de comer, conversar e ter comunhão com pessoas—todos os tipos de pessoas, até os Seus oponentes. Ele ensinou Seus discípulos a amar os inimigos (Mateus 5:44); talvez Ele estivesse fazendo uma demonstração prática desse amor.

A resposta correta para a razão de Jesus ter ido à casa de Simão provavelmente é: “todas as alternativas acima”. O importante é que Jesus realmente *aceitou* o convite—e foi comer com o fariseu.

UM INDIVÍDUO NÃO HOSPITALEIRO (Vv. 36b, 44–46)

O fim do versículo 36 diz: “Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa”. No desenrolar da história, ficamos sabendo que aconteceu (ou, não aconteceu) muita coisa entre o momento em que Jesus entrou na casa e o momento em que tomou lugar à mesa.

Naqueles dias, os costumes sociais e as circunstâncias ditavam que certas cortesias fossem oferecidas a um convidado que entrava em casa. Primeiro, o anfitrião dava ao visitante um beijo de boas-vindas (Gênesis 29:13; 45:15; 2 Samuel 15:5; 19:39; Mateus 26:49; Atos 20:37; Romanos 16:16). Era comum um beijo no rosto.

Depois, alguém providenciava uma bacia d’água e uma toalha para o visitante lavar os pés (Gênesis 18:4; Juízes 19:21; João 13:4, 5; 1 Timóteo 5:10). Essa tarefa manual geralmente era realizada pelos servos. Era um procedimento de praxe, pois os homens usavam sandálias na caminhada por estradas de terra. O ritual provia conforto para o visitante e também protegia os tapetes e as almofadas da casa do anfitrião.

Uma terceira cortesia, embora não tanto comum, era muitas vezes oferecida a um convidado de honra: a provisão de óleo ou unção na cabeça e/ou rosto (veja Salmos 45:7; 92:10; 104:15; 141:5; Eclesiastes 9:8; Amós 6:6). Quando a visita havia passado horas debaixo de sol escaldante, esse gesto cordial era muito bem-vindo e revigorante.

Quando Jesus chegou à casa de Simão, nenhuma dessas gentilezas foi-Lhe oferecida. Mais tarde, Ele disse ao fariseu: “Entre em tua casa, e não me

⁴Jesus foi privado de alguns atributos divinos quando Se fez carne (Filipenses 2:6, 7; veja Marcos 13:32). Ele ainda podia ler as mentes (João 2:25) e possuía algum conhecimento sobrenatural a respeito dos outros (João 1:48; 4:17, 18). Até certo ponto, Ele tinha o poder de prever o futuro (João 6:71; Marcos 8:31). Ele *pode* ter previsto que a mulher estaria no banquete.

deste água para os pés.... Não me deste ósculo.... Não me ungiste a cabeça com óleo” (vv. 44–46). Não há indício de que os outros convidados (v. 49) também tenham sido negligenciados. As palavras “me” nos versículos 44 a 46 implicam que Cristo recebeu esse ultraje tríplice.

Coloque-se, por um instante, no lugar de Jesus. Você é convidado para um jantar na casa de Simão. De fato, o convite foi feito várias vezes até você, finalmente, encaixar a visita na sua agenda. Todavia, quando você chega à casa, seu anfitrião faz pouco caso de você. Ele cumprimenta outros convidados entusiasticamente, abraçando-os e beijando-os calorosamente, mostrando-lhes onde lavar os pés e ungir as cabeças. Enquanto isso, você fica parado num canto, ignorado, até a hora de comer. Talvez tenham lhe mostrado onde se sentar—ou talvez não. Talvez você tenha esperado até que todos tomassem seus lugares para depois ocupar o lugar que sobrou.

Você já esteve num lugar cercado de indivíduos hostis, ou pelo menos por pessoas que não se mostravam amistosas nem simpáticas? Você já desejou estar num outro lugar—em qualquer outro lugar? Já tive essas experiências desconfortáveis mais vezes do que vale a pena lembrar⁵. Jesus teve sensações semelhantes a essas na casa de Simão? Se teve, Ele não permitiu que isso atrapalhasse o propósito da Sua ida até lá.

UMA MULHER EM PRANTOS (Vv. 36–39, 44–46)

Antes de darmos continuidade à história, algumas explicações são necessárias. O que significava Jesus “tomar lugar [“reclinar-se”; NVI] à mesa” (v. 36)? Como uma pessoa não convidada conseguiu entrar no aposento, aparentemente, com pouca dificuldade (v. 37)? Quando ela chegou, por que se aproximou dos pés e não da cabeça de Jesus (v. 38)? Temos de recompor a cena.

Primeiro, visualize os convidados ao redor da mesa. A posição comum para se comer era reclinar-se sobre o lado esquerdo do corpo, apoiando-o pelo cotovelo esquerdo. Isto permitia que a mão direita pegasse os alimentos. A cabeça ficava perto da comida e os pés, distantes. Outros dois detalhes devem ser mencionados: os pés ficavam descobertos, pois as sandálias eram deixadas à porta, e só havia homens presentes. As mulheres só podiam ficar nos banquetes para servir ou entreter⁶.

⁵Se você já teve uma experiência semelhante, dê alguns detalhes, desde que isso não deixe ninguém constrangido.

⁶Veja mais sobre entretenimento em Mateus 14:6.

A seguir, imagine a comoção geral de uma ceia oriental. Havia barulho de conversas e risos. Havia criados indo e vindo—enchendo as taças, tirando um prato e colocando outro. Provavelmente também havia espectadores curiosos do outro lado das paredes do aposento ou do pátio onde o banquete estava sendo realizado. A privacidade, como nós a conhecemos no mundo ocidental⁷, era relativamente desconhecida no Oriente daquela época. Não era incomum espectadores invadirem um banquete, especialmente se soubessem que uma personalidade renomada estava presente. Portanto, seria relativamente fácil uma pecadora não convidada aparecer de repente, no meio do banquete de Simão.

Tendo esses fatos em mente, vamos dar continuidade à leitura do texto: “E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento” (v. 37).

Essa mulher é chamada de “pecadora”. Certa versão traz uma nota marginal que diz: “i.e., uma mulher imoral”. Mais tarde, Jesus disse que os pecados dela eram “muitos” (v. 47). Quaisquer que fossem esses pecados, eram bem conhecidos; ela possuía má reputação (v. 39). A maioria dos comentaristas conclui que a palavra “pecadora” no versículo 37 é um eufemismo para “prostituta”⁸.

É óbvio, com base na história, que essa pecadora notória sabia quem era Jesus e sua vida havia sido transformada por Ele⁹. Pode ser que os dois nunca tivessem se visto frente a frente¹⁰, mas ela pode ter tido muitas oportunidades de ouvi-lo falar¹¹. Ela tinha visto o amor de Jesus pelos pecadores e excluídos (veja Mateus 11:5, 19). Ela pode ter ouvido o amável convite de Jesus:

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mateus 11:28–30).

O forte desejo de ver Jesus, a coragem necessária para penetrar numa reunião exclusivamente masculina, as lágrimas que ela derramou (vv. 37, 38)—são provas das poderosas emoções que enchiam o coração dessa mulher. Tente entender o desamparo dela antes de ouvir falar de Cristo: medo a cada novo dia, aversão aos outros e repugnância para consigo mesma. Então, ela ouviu Jesus e a luz da verdade dissipou a escuridão da sua mente. A fé (v. 50) substituiu o ceticismo; a tristeza segundo Deus (v. 38) substituiu a tristeza do mundo (2 Coríntios 7:10). A vida dela foi transformada! Jamais seria a mesma outra vez!

Parece que só lhe faltava uma coisa: a oportunidade para expressar sua estima por Jesus. Quando soube que Jesus estava na região, ela correu até a casa de Simão, agarrando um frasco de perfume—talvez antes uma ferramenta do seu negócio, mas agora um meio de exprimir seu amor e gratidão.

Tendo chegado à casa do fariseu, não foi difícil, na agitação do banquete, cruzar a multidão até localizar Jesus. Ela andou ao redor da mesa até onde Ele estava. Quando chegou perto do Salvador, transbordou de emoção e as lágrimas jorraram como chuva.

Assim que as lágrimas caíram nos pés de Jesus, marcados da viagem, devem ter se misturado com o pó da estrada. Ela desprende os cabelos e começou a enxugar os pontos enlameados com os cachos. Era considerado uma desonra uma mulher judia soltar os cabelos em público¹², mas cega para qualquer reprimenda, ela continuou alisando os pés de Jesus.

Em seguida, ela começou a beijar os pés de Jesus. Ao ler que ela beijou os pés do Senhor, não pense em pés macios e tratados como os de um príncipe mimado. Pense nos pés ásperos, calosos e rachados desse Pregador incansável que andava a pé por onde quer que fosse—pés, nessa ocasião, ainda cobertos da poeira e dos fragmentos das estradas da Galiléia. Segundo o versículo 45, ela beijou esses pés maltratados muitas vezes. Finalmente, ela pegou o frasco, abriu-o¹³ e começou a despejar o óleo perfumado sobre os pés de Jesus.

⁷Alguns norte-americanos e brasileiros ainda se lembram da época em que as portas e as janelas (sem telas) ficavam abertas no verão, para a brisa entrar. Naquela época era mais comum pessoas (até estranhos) rodarem as casas.

⁸Todos nós somos pecadores (Romanos 3:23), mas os pecados dessa mulher não pareciam ser do tipo comum que aflige a maioria de nós. Eram de tal natureza que a tornaram conhecida, notória.

⁹A parábola de Jesus dos dois devedores ensina que aquele que é mais *perdoado ama* mais (Lucas 7:47). Visto que a mulher expressou seu amor por Jesus desde o momento em que entrou no aposento, ela deve ter sido perdoada antes de ali entrar.

¹⁰Essa foi a impressão que tive ao ler Lucas 7:48, 50.

¹¹As oportunidades exatas que ela deve ter tido dependem de qual “cidade” Lucas 7:37 está se referindo, detalhe que não foi dado. As ilustrações dadas aqui relativas às vezes que ela poderia ter visto ou ouvido Jesus baseiam-se na leitura proposta para esta semana.

¹²Uma moça judia prendia os cabelos no dia do seu casamento e jamais aparecia em público com eles soltos.

¹³Uma forma comum de se abrir esse tipo de frasco era quebrando-o no pescoço.

Não é difícil imaginar a repercussão disso no banquete de Simão. Tenhamos em mente que os fariseus não se misturavam com mulheres em público. Recordemos a sinistra reputação dessa mulher na comunidade. Acrescentemos a isto o comportamento bizarro da mulher chorando, enxugando e unguindo—sem falar no comportamento escandaloso dela soltando os cabelos. As conversas pararam, sem dúvida, e todos os olhares se dirigiram para a mulher e para Jesus.

Como os detalhes dessa situação afetaram a Cristo? Ele tinha visto a mulher antes de sentir as lágrimas pingando nos pés? Qual foi a resposta imediata de Jesus àqueles gestos de gratidão extravagantes e em nada ortodoxos?

Não podemos ter certeza da reação inicial de Cristo, mas somos informados do efeito disso em Simão. O fariseu provavelmente ficou constrangido com aquela amostra inapropriada dentro de sua casa—mas ele também ficou cheio de certa satisfação. Se ele tinha algumas dúvidas sobre o tipo de pessoa que Jesus era, essas dúvidas foram esclarecidas. “Disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora” (v. 39).

Na visão de Simão, os fatos só permitiam duas conclusões plausíveis: ou Jesus não sabia que tipo de pessoa a mulher era e, portanto, não era um profeta¹⁴, ou Ele sabia quem era ela e não se importou com isso. Na segunda hipótese, Ele não seria um homem bom¹⁵. O que Simão não imaginava é que Jesus *sabia* quem ela era e o que ela havia feito. Ele também sabia quem e o que Simão era—e estava prestes a expô-lo a todos os presentes.

UMA HISTÓRIA SIMPLES (Vv. 40–50)

Ciente dos pensamentos do anfitrião, “dirigiu-se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te” (v. 40a). No entendimento do fariseu, o drama estava acabado, o enigma fora decifrado. Quase podemos ouvir a ironia em sua voz, ao responder: “Dize-a, Mestre”¹⁶ (v. 40b).

¹⁴ Um dos dons de um profeta era ter um espírito de discernimento (veja 1 Reis 14:1–6). Isto deveria ser especialmente verdadeiro acerca do Profeta, o Messias (Isaías 11:2–4).

¹⁵ Segundo as tradições (não inspiradas) rabínicas, ser tocado por uma mulher pecadora tornava a pessoa impura para fins cerimoniais.

¹⁶ “Mestre” é uma tradução literal do grego. É um título honorário que Simão usou para Jesus—provavelmente dito com ironia, pois o fariseu determinara que Cristo *não* era um porta-voz de Deus (ou seja, um profeta).

Jesus, então, contou uma historinha simples, de apenas dois períodos. Havia três personagens e um enredo brevíssimo: “Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinqüenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos” (vv. 41, 42). Um denário¹⁷ era o pagamento de um dia de trabalho de um operário braçal (veja Mateus 20:2). Por isso um dos devedores devia quase dois meses de salário ao credor, e o outro devia tudo o que poderia ganhar em quase dois anos!¹⁸

Quando ler “credor”, não pense no bancário da sua agência (o qual, espero eu, é mais ou menos amigável). Pense, sim, num indivíduo geralmente caracterizado como extorsivo, cruel e insensível: o tipo de pessoa que bate na nossa porta, que cobra uma taxa de juros exorbitante e que não é clemente com os que não têm condições de pagar dentro do prazo.

Cristo emendou a história com isto: “Qual deles [os devedores], portanto, o amará mais?” (v. 42b).¹⁹ A maioria dos credores bufaria e diria: “Eu não quero amor. Eu quero *dinheiro!*”

Não conseguir pagar uma dívida sempre foi um negócio sério²⁰. Mateus 18:23–35 fala de homens sendo lançados na prisão e torturados por não poderem pagar suas dívidas. A simples história de Jesus, porém, tomou um rumo inesperado quando ele disse que o credor perdoou as dívidas dos dois homens. Agiotas são conhecidos por ameaçar e até bater em seus devedores, mas raramente dizem: “Não se preocupe com o que você me deve. Esquece!” Entretanto, o credor da parábola de Cristo fez exatamente isso²¹.

¹⁷ A ERC diz “dinheiros”. Algumas traduções utilizam outras unidades monetárias. O texto original contém “denário”.

¹⁸ Não é raro os comentaristas dizerem que um denário “valia cerca de 17 libras”, mas essa estimativa deve basear-se em salários de muitos anos atrás! Converta cinqüenta denários e quinhentos denários conforme a escala de salários da sua região.

¹⁹ Sendo o Mestre dos mestres, Jesus geralmente pedia aos discípulos que comentassem a moral de Suas histórias, em vez de revelar isso completamente. Isto fomentava o raciocínio, que é essencial ao processo de aprendizagem.

²⁰ Meus comentários sobre credores baseiam-se nos típicos credores dos tempos bíblicos e em credores inescrupulosos que se infiltram entre os pobres, em algumas partes dos Estados Unidos. Obviamente, você terá de adaptar essas palavras à realidade de seus ouvintes. Se julgar apropriado, advirta contra o perigo de tomar empréstimos de agiotas ou a juros abusivos.

²¹ Em Suas parábolas, Jesus geralmente falava a respeito do que era comumente verdadeiro. Às vezes, porém, Suas ilustrações eram a exceção, e não a regra (veja Mateus 20:12).

Diante da pergunta de Jesus acerca de quem dos dois devedores amaria mais o credor (v. 42b), Simão provavelmente ficou irritado. Na mente dele, era uma história evidentemente estúpida e a pergunta era absurdamente fácil. Podemos até ouvir a arrogância na voz do fariseu, ao responder: “Suponho que aquele a quem mais perdoou” (v. 43a).

Disse-lhe Jesus: “Julgaste bem” (v. 43b). Sublinhe a palavra “julgaste”. Simão não havia proferido a resposta meramente; ele havia emitido um julgamento—um julgamento sobre si mesmo. Suas próprias palavras o acusavam.

Virando-se para a mulher, Cristo disse ao fariseu: “Vês esta mulher?” (v. 44a). Posso imaginar Simão pensando: “Que pergunta ridícula! Como eu não a teria visto? Ela estragou o meu banquete e me deixou constrangido! Eu a teria expulsado imediatamente, se não quisesse ver a reação de Jesus. Com certeza, eu a vejo!” Todavia, na verdade, ele não havia visto a mulher, havia? Seus olhos estavam tão cheios dos atos que ela *praticara*, que ele não conseguiu ver o que ela *era*. O poeta Tennyson escreveu estas palavras: “O mundo não acredita que um homem pode se arrepender”²².

Olhando para a mulher, mas falando com Simão, Jesus prosseguiu:

Entre em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés (vv. 44b-46).

Jesus, então, fez a aplicação da história que contou: “Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama” (v. 47).

Vamos rever a parábola dos versículos 41 e 42. Burton Coffman²³ sugeriu a seguinte aplicação:

- O credor = Jesus Cristo, nosso Senhor.
- O que devia 500 denários = a mulher pecadora.
- O que devia 50 denários = o fariseu.
- Ambos não conseguiram pagar a dívida = o fato de que nenhum mortal pode expiar sequer um de seus pecados.
- O livre perdão de Jesus a ambos = o favor imerecido de Deus em prover um meio de perdoar a todos.

²² Alfred, Lord Tennyson, *Geraint and Enid*; citado em W. Emery Barnes, *The Forgiveness of Jesus Christ* (“O Perdão de Jesus Cristo”). Nova York: Macmillan Co., 1936, p. 53.

²³ Adaptado de James Burton Coffman, *Commentary on Luke* (“Comentário sobre Lucas”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1975, p. 147.

É preciso ser cauteloso quando se analisa o significado de cada detalhe de uma parábola²⁴. (Neste caso, por exemplo, o Senhor não possui as características de um repulsivo cambista²⁵.) Apesar disso, os paralelos sugeridos são interessantes.

Se a aplicação de Coffman for precisa, a diferença de quatrocentos e cinquenta denários nas dívidas estaria na *avaliação de Simão*. O fariseu, com certeza, se considerava dez—ou até cem ou mil—vezes melhor do que a mulher pecadora. Ele era mesmo melhor? A mulher era culpada de pecados da carne, enquanto ele era culpado de pecados do espírito. Ela era culpada do pecado da comissão, enquanto ele era culpado do pecado da omissão. Ela provavelmente era conhecida por um pecado, enquanto o fariseu havia multiplicado seus pecados: ele era culpado de orgulho, egocentrismo, presunção, preconceito, cegueira espiritual e hipocrisia.

As quantias específicas mencionadas na parábola, evidentemente, não têm importância. O que tem importância é que ambos os devedores “não tinham com que pagar” (v. 42). Todos nós somos pecadores (Romanos 3:23), e nenhum de nós pode fazer tantas boas obras quanto seria necessário para saldar sua dívida de pecado (Romanos 6:23a). Cada um de nós apresenta-se de mãos vazias diante dAquele que nos deu tantas coisas.

Que esperança temos nós? Nossa única esperança está na bondade do Senhor. Via de regra, credores não são misericordiosos—mas Deus é. Como disse Paulo: “graça, misericórdia e paz” são atributos “da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor” (1 Timóteo 1:2; 2 Timóteo 1:2).

“A parábola não trata da *quantidade* de pecados que uma pessoa acumula na vida, mas da *conscientização* desses pecados em seu coração.”²⁶ A mulher estava profundamente ciente de seu pecado. Isto foi evidenciado por suas lágrimas. O amor dela por Cristo era transbordante. Em contraste com isto, sem qualquer conscientização de seus pecados pessoais, Simão não sentia culpa, nem obrigação de expressar

²⁴ Veja a exposição sobre parábolas na próxima edição desta série.

²⁵ Outro falso paralelo é que não se deve usar a parábola para ensinar que Simão (o devedor de 50 denários?) foi perdoado. Os detalhes de uma parábola devem ser suprimidos. Veja a exposição sobre parábolas na próxima edição desta série.

²⁶ Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 198 (grifo dele).

amor. Alguém disse que “o maior dos pecados deve ser não ter consciência de nenhum pecado”²⁷.

Como o anfitrião de Jesus reagiu às Suas acusações? Talvez o fariseu tenha ficado sem palavras. Pelo menos, não há registro de resposta alguma.

Em seguida, Cristo falou diretamente à mulher pela primeira vez: “Perdoados são os teus pecados” (v. 48). Ele não disse: “Perdoados *serão* os teus pecados”. Como já foi sugerido, os pecados dela foram perdoados no passado, mas Jesus confirmou esse perdão. A Bíblia de Jerusalém cita Jesus dizendo: “...Seus numerosos pecados lhe estão perdoados” (v. 47).

O amor é uma parte importante para obtermos perdão (João 14:15; 1 João 5:3), mas a ênfase nesta história é que valorizar o fato de ser perdoado *gera* amor: quem está ciente de que a ele muito foi perdoado, muito ama, “mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama” (Lucas 7:47b).

Quando Jesus disse à mulher que os pecados dela estavam perdoados, os outros convidados ficaram escandalizados e murmuraram²⁸: “Quem é este que até perdoa pecados?” (v. 49b). Na mente deles, perdoar pecados era uma prerrogativa exclusiva de Deus²⁹.

Ignorando os demais presentes, Jesus disse à mulher: “A tua fé te salvou; vai-te em paz” (v. 50a). A fé da mulher havia surgido por ver e ouvir Jesus (Romanos 10:17). Agora, essa fé encontrou expressão. Ela demonstrou o princípio de Gálatas 5:6: de que “a fé atua pelo amor” (NVI).

Jesus, então, disse para a mulher “ir em paz” (Lucas 7:50b). Literalmente, Ele estava dizendo: “Vá *para a paz*”³⁰. Paz de coração e mente era o que estava faltando na vida dela, mas agora lhe fora concedido um recomeço (2 Coríntios 5:17; Romanos 5:1).

Convém deixar claro que Cristo não encobriu os pecados da mulher. Ele os descreveu como “muitos” (Lucas 7:47). Em vez de pôr de lado os pecados dela como se fossem triviais, Jesus lhe ofereceu motivos para parar de pecar. Numa ocasião posterior, confrontado com outra mulher pecadora, ao despedir-Se dela, Jesus diria: “...vai e não peques mais”

(João 8:11b). Nesta ocasião, essa mesma admoestação estava implícita.

LIÇÕES SOBRE AMOR

A repreensão de Jesus produziu algum efeito em Simão? A mulher teve uma vida piedosa daquele momento em diante? Esperamos que sim, mas o texto não diz. A Bíblia não foi escrita para satisfazer nossa curiosidade; nem essa história foi escrita para condenar ou elogiar os participantes originais. Antes, foi registrada para levar cada um de nós a examinar nossos próprios corações e vidas. Que cada um faça a si mesmo as seguintes perguntas:

1) *Estou ciente da enormidade dos meus pecados?* Simão estava comprometido com sua respeitabilidade. Não me entenda mal: respeitabilidade deve ser algo almejado, mas ela é um substituto pobre para a integridade. É infinitamente mais difícil atingir o coração de um pecador respeitável do que o de um indivíduo impiedoso, mas disposto a admitir seus pecados. Cada um de nós deve *dizer*: “Como é enorme a minha dívida, ó Senhor!”

2) *Estou ciente de como é maravilhoso ter os meus pecados perdoados?* Na leitura desta semana, Jesus realizou muitos feitos maravilhosos. Ele curou o servo de um nobre; ressuscitou um morto; operou muitos milagres—mas a coisa mais maravilhosa que Ele fez foi ajudar uma mulher pobre a encontrar a paz do perdão.

Já sugerimos que a parábola dos dois devedores não é um paralelo perfeito da realidade. Aqui está outro exemplo disso: um credor poderia apenas *dizer*: “A dívida está perdoada”, e assumir o prejuízo. Deus não poderia fazer isto, pois a dívida do nosso pecado tinha de ser *paga*—paga pela morte do Seu Filho na cruz (João 3:16; 2 Coríntios 5:21; Colossenses 2:14)! Cada um de nós deve *dizer*: “Graças a Deus pelo seu dom inefável!” (2 Coríntios 9:15).

3) *Se fui em muito perdoado, amo muito?* Se a história da cruz tornar-se um lugar-comum para nós, nunca seremos inundados por uma paixão consumidora. Temos de entender que Jesus nos amou (Romanos 8:37) e continua amando (Apocalipse 1:5). Que o nosso afeto por Ele seja renovado dia a dia. E que cada um de nós diga: “Senhor, aqueça este meu coração tão frio!”

4) *Encontrei uma forma de expressar o meu amor?* Os gestos exagerados de reconhecimento da mulher foram embaraçosos e confusos para muitos dos presentes na casa de Simão. É provável que alguns questionassem a sanidade dela. O verdadeiro amor, porém, não avalia o preço. Ele encontra expressão na extravagância. Que cada um de nós diga: “Ajude-me a *mostrar* o meu amor, ó Senhor!”

²⁷William Barclay, *The Gospel of Luke* (“O Evangelho de Lucas”), ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 95.

²⁸O texto é obscuro quanto aos convidados terem apenas pensado ou sussurrado essas palavras entre si.

²⁹Mais uma vez, Jesus estava alegando ser igual a Deus (veja Marcos 2:5–12).

³⁰A preposição grega traduzida por “em” no versículo 50 é *eis*, que significa literalmente “para”.

Atribuição de Leitura nº. 11

Mateus 12:22–50;
Marcos 3:20–35;
Lucas 8:1–3, 19–21; 11:14–36

Mateus 12:22-50

²²Então, lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver.

²³E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi?

²⁴Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expele demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios.

²⁵Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá.

²⁶Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino?

²⁷E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes.

²⁸Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós.

²⁹Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa.

³⁰Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.

³¹Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada.

³²Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra

o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir.

³³Ou fizeti a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.

³⁴Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração.

³⁵O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más.

³⁶Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo;

³⁷porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado.

³⁸Então, alguns escribas e fariseus replicaram: Mestre, queremos ver de tua parte algum sinal.

³⁹Ele, porém, respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas.

⁴⁰Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra.

⁴¹Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas.

⁴²A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com esta geração e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão.

⁴³Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra.

⁴⁴Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada.

⁴⁵Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa.

⁴⁶Falava ainda Jesus ao povo, e eis que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, procurando falar-lhe.

⁴⁷E alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te.

⁴⁸Porém ele respondeu ao que lhe trouxera o aviso: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

⁴⁹E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis minha mãe e meus irmãos.

⁵⁰Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe.

Marcos 3:20–35

²⁰Então, ele foi para casa. Não obstante, a multidão afluíu de novo, de tal modo que nem podiam comer.

²¹E, quando os parentes de Jesus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si.

²²Os escribas, que haviam descido de Jerusalém, diziam: Ele está possesso de Belzebu. E: É pelo maioral dos demônios que expele os demônios.

²³Então, convocando-os Jesus, lhes disse, por meio de parábolas: Como pode Satanás expelir a Satanás?

²⁴Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir;

²⁵se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir.

²⁶Se, pois, Satanás se levantou contra si mesmo e está dividido, não pode subsistir, mas perece.

²⁷Ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa.

²⁸Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem.

²⁹Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno.

³⁰Isto, porque diziam: Está possesso de um espírito imundo.

³¹Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo.

³²Muita gente estava assentada ao redor dele e lhe disseram: Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura.

³³Então, ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe

e meus irmãos?

³⁴E, correndo o olhar pelos que estavam assentados ao redor, disse: Eis minha mãe e meus irmãos.

³⁵Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.

Lucas 8:1–3

¹Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele,

²e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios;

³e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhe prestavam assistência com os seus bens.

Lucas 8:19–21

¹⁹Vieram ter com ele sua mãe e seus irmãos e não podiam aproximar-se por causa da concorrência de povo.

²⁰E lhe comunicaram: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem ver-te.

²¹Ele, porém, lhes respondeu: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam.

Lucas 11:14–36

¹⁴De outra feita, estava Jesus expelindo um demônio que era mudo. E aconteceu que, ao sair o demônio, o mudo passou a falar; e as multidões se admiravam.

¹⁵Mas alguns dentre eles diziam: Ora, ele expele os demônios pelo poder de Belzebu, o maioral dos demônios.

¹⁶E outros, tentando-o, pediam dele um sinal do céu.

¹⁷E, sabendo ele o que se lhes passava pelo espírito, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e casa sobre casa cairá.

¹⁸Se também Satanás estiver dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Isto, porque dizeis que eu expulso os demônios por Belzebu.

¹⁹E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes.

²⁰Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós.

²¹Quando o valente, bem armado, guarda a sua própria casa, ficam em segurança todos os seus bens.

²²Sobrevindo, porém, um mais valente do que ele, vence-o, tira-lhe a armadura em que confiava e lhe divide os despojos.

²³Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.

²⁴Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, procurando repouso; e, não o achando, diz: Voltarei para minha casa, donde saí.

²⁵E, tendo voltado, a encontra varrida e ornamentada.

²⁶Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem se torna pior do que o primeiro.

²⁷Ora, aconteceu que, ao dizer Jesus estas palavras, uma mulher, que estava entre a multidão, exclamou e disse-lhe: Bem-aventurada aquela que te concebeu, e os seios que te amamentaram!

²⁸Ele, porém, respondeu: Antes, bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam!

²⁹Como afluíssem as multidões, passou Jesus a dizer: Esta é geração perversa! Pede sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas.

³⁰Porque, assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, o Filho do Homem o será para esta geração.

³¹A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com os homens desta geração e os condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão.

³²Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas.

³³Ninguém, depois de acender uma candeia, a põe em lugar escondido, nem debaixo do alqueire, mas no velador, a

fim de que os que entram vejam a luz.

³⁴São os teus olhos a lâmpada do teu corpo; se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; mas, se forem maus, o teu corpo ficará em trevas.

³⁵Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas.

³⁶Se, portanto, todo o teu corpo for luminoso, sem ter qualquer parte em trevas, será todo resplandecente como a candeia quando te ilumina em plena luz.

Um Dia Agitado

Leitura Bíblica 11

- V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).
- K. A segunda viagem pela Galiléia (Lucas 8:1–3).
 - L. Acusações blasfemas (Mateus 12:22–37; Marcos 3:20–30; Lucas 11:14–23).
 - M. Procuradores de sinais (Mateus 12:38–45; Lucas 11:16, 24–26, 29–36).
 - N. A família de Jesus (Mateus 12:46–50; Marcos 3:31–35; Lucas 8:19–21; 11:27, 28).

INTRODUÇÃO

Você já teve um dia tão agitado que não conseguiu tempo para almoçar? Esta lição é sobre um dia assim na vida de Jesus. Somente alguns dias inteiros do ministério de Cristo são relatados com detalhes. Um deles é a terça-feira anterior à Sua morte, conhecida como “O Dia das Perguntas”. Outro desses dias é o que vamos analisar nesta lição. Ele veio, apropriadamente, a ser chamado de “Um Dia Agitado”¹.

Esse dia ocorreu no fim (ou próximo do fim) da segunda viagem de Jesus pela Galiléia. Na lição anterior, vimos a viagem de Cristo de Cafarnaum a Naim (Lucas 7:1, 11) e depois a lugares não revelados (Lucas 7:20, 21, 36, 37). Lucas registrou que, “depois disto... andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele” (Lucas 8:1)².

Na primeira viagem pela Galiléia, somente quatro discípulos acompanharam Jesus³. Nesta viagem, os doze estavam com Ele como parte do seu aprendizado. Jesus também estava sendo acompanhado pela multidão de sempre⁴.

Lucas registrou que certas mulheres, que foram ajudadas por Jesus, viajavam igualmente com Ele e

os apóstolos. Elas estavam “prestando assistência” ao Senhor “com os seus bens” (Lucas 8:3b)⁵. Não era incomum mulheres judias apoiarem seus mestres. Algumas dessas mulheres foram citadas pelo nome: “Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios⁶; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras” (Lucas 8:2b, 3a).

Maria era chamada de “Madalena” porque ela era do pequeno povoado de Magdala, na margem ocidental do mar da Galiléia⁷. Vamos reencontrá-la futuramente (Marcos 15:47; 16:1, 9; João 19:25; 20:1–18).

Joana foi identificada pelo marido, Cuza, que era “procurador de Herodes”. O termo comum para “procurador” não se encontra no texto grego, e sim outra palavra que significa “administrador, superintendente ou governante”⁸. A Bíblia Viva parafraseia o termo dizendo: “Cuza era mordomo do rei Herodes e estava a cargo do palácio e dos seus negócios domésticos”. A mensagem de Jesus atingira até a casa de Herodes! Reencontraremos Joana mais tarde (Lucas 24:10).

⁵Quando Jesus e os apóstolos não eram alimentados pelos cidadãos de determinada cidade, essas mulheres provavelmente compravam comida e a preparavam. Não devemos supor que esse apoio era excessivo, pois Jesus é sempre descrito como estando entre os homens mais pobres (Lucas 9:48; 2 Coríntios 8:9; veja Mateus 17:24–26).

⁶No sermão anterior salientamos que não há razão para crer que a mulher pecadora que ungiu Jesus na casa de Simão fosse Maria Madalena. Maria era uma convertida ex-demoninhada, e não ex-prostituta. Não é de admirar que ela sentisse gratidão!

⁷Veja o mapa na página 30.

⁸J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 297.

¹A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels for Students of the Life of Christ* (“Harmonia dos Evangelhos para Estudantes da Vida de Cristo”). Nova York: Harper & Row, 1950, p. 61.

²Só Lucas registrou essa viagem, embora tenhamos tido indícios dela em Mateus e Marcos, quando estudamos sobre as viagens partindo de Cafarnaum.

³Veja a lição “Como quem tem autoridade”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, de *A Verdade para Hoje*.

⁴Veja a introdução do sermão “Amor, Lágrimas e Perdão”, nesta edição.

Quanto à Suzana, seu nome não é citado em outras passagens. J. W. McGarvey escreveu que “não há nenhum outro registro de Suzana, sendo este suficiente para imortalizá-la”⁹.

Retomando a viagem de Jesus, lemos que, certo dia, Ele “foi para casa. Não obstante, a multidão afluiu de novo” (Marcos 3:20a). Isto poderia apenas significar que Cristo entrou na casa de um anfitrião durante a viagem¹⁰. Visto que as atuações subsequentes são sucedidas por Jesus ensinando “à beira-mar” (Marcos 4:1), é mais provável que Ele tenha voltado a Cafarnaum no final da viagem—e que a “casa” fosse o lugar em que Ele geralmente ficava naquela cidade.

Qualquer seja essa cidade, analisaremos alguns dos incidentes que ali ocorreram, naquele “dia agitado”. No mesmo dia, Jesus certamente contou as parábolas registradas em Mateus 13, Marcos 4 e Lucas 8 (veja Mateus 12:50—13:3). O dia deve ter finalizado com Jesus acalmado a tempestade no mar da Galiléia e curando o endemoninhado geraseno (Marcos 4:33—5:19). Estudaremos esses episódios em futuras lições. Por enquanto, vejamos como esse dia começou.

OCUPADO AJUDANDO PESSOAS (MATEUS 12:22, 23; MARCOS 3:20, 21; LUCAS 11:14)

A prática de Jesus era sair bem cedo para um local isolado para orar (Marcos 1:35). Nossa história começa com Cristo voltando ao lugar em que estava hospedado, talvez para fazer a refeição matinal. Quando Ele chegou, a casa estava lotada de pessoas ansiosas por ouvir ou serem curadas (veja Marcos 2:1, 2). Marcos 3:20 diz que “Ele foi para casa. Não obstante, a multidão afluiu de novo, de tal modo que [Jesus e Seus discípulos] nem podiam comer”¹¹. Inalterado, Cristo começou a ajudar aquelas pessoas.

Um milagre específico é relatado, um milagre tríplice de sanidade, visão e fala recuperadas: Jesus expulsou um demônio de um homem que era cego e mudo¹² (Mateus 12:22). As pessoas ficaram admiradas e disseram: “É este, porventura, o Filho de Davi?”¹³ (Mateus 12:23b).

⁹Ibid.

¹⁰Minha cópia da versão inglesa New American Standard Bible traz a seguinte nota marginal sobre “casa”: “[Literalmente], para dentro de uma casa”.

¹¹Compare esta passagem com Marcos 6:31.

¹²A incapacidade de falar geralmente também indicava uma incapacidade de ouvir, de maneira que, na verdade, o milagre pode ter sido quádruplo.

¹³A forma da frase no original indica um reconhecimento cauteloso de que Jesus poderia, de fato, ser “o Filho de Davi” (ou seja, o Messias).

De alguma forma, a notícia das intensas atuações de Cristo chegou aos ouvidos de Seus amigos e parentes¹⁴. “E, quando os parentes de Jesus ouviram isto, saíram para o prender¹⁵; porque diziam: Está fora de si” (Marcos 3:21). A maioria compreende quando é necessário algum sacrifício para se atingir um objetivo terreno; entendem quantas horas são necessárias num emprego secular. Todavia, a maioria das pessoas não compreende por que alguém estaria disposto a esgotar-se de trabalhar pelo reino de Deus. Os membros da família pensavam que o Senhor estivesse “fora de si”. Se você assumiu seriamente o compromisso de colocar Deus em primeiro lugar (Mateus 6:33), não se surpreenda se alguém acusá-lo de estar fora de si!¹⁶

OCUPADO RESPONDENDO ACUSAÇÕES (MATEUS 12:24–37; MARCOS 3:22–30; LUCAS 11:15–23¹⁷)

Enquanto Jesus estava ensinando e curando, os fariseus e os escribas (Mateus 12:24; Marcos 3:22) estavam presentes como sempre. Alguns tinham vindo até de Jerusalém (Marcos 3:22a) para fustigá-lo. O fato da multidão admitir que Jesus poderia ser “o Filho de Davi” (Mateus 12:23), aparentemente, intensificou o ódio deles. Logo, lançaram-se num novo ataque. Incapazes de negar que Cristo estava realizando milagres, acusaram-no de ser aliado de Satanás¹⁸. Disseram eles: “Ele está possesso de Belzebu”¹⁹; e: “É pelo maioral dos demônios que expele os demônios” (Marcos 3:22b).

¹⁴O grego traduzido por “os parentes de Jesus” significa literalmente “os que estavam com ele”. Eram pessoas que tinham alguma relação com Jesus.

¹⁵A palavra grega traduzida por “prender” significa literalmente “pegar, apanhar”. É às vezes usada no Novo Testamento referindo-se ao ato de encarcerar alguém (Mateus 14:3; Atos 24:6). O termo indica que planejavam forçar Jesus a ir com eles, mesmo contra Sua vontade.

¹⁶Temos muitos termos coloquiais que denotam o estado de incapacidade mental. Se quiser, use um conhecido pelos seus ouvintes.

¹⁷O relato de Lucas sobre as acusações blasfemas dos fariseus pode ter ocorrido num momento e num local diferente—mas ele é tão semelhante que pode ser estudado com proveito, juntamente com os relatos de Mateus e Marcos.

¹⁸Veja um estudo detalhado sobre esse incidente na lição “Jesus e o pecado imperdoável”, na edição “Conheça o Mestre, 1”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 23ss.

¹⁹“Belzebu” era o nome de um deus pagão (2 Reis 1:2). O nome significa literalmente “o senhor das moscas”. No contexto, o nome é usado referindo-se a Satanás (Marcos 3:22, 23).

Jesus respondeu à acusação deles com três argumentos²⁰. Primeiro Ele disse que aquela acusação era *ilógica*: “Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino?” (Mateus 12:25, 26).

Em segundo lugar, Ele disse que a acusação deles era *inconsistente*: eles acreditavam que seus próprios “filhos” (ou seja, discípulos) tinham poder para expulsar demônios (Mateus 12:27), mas não acreditavam que estes exorcizavam demônios pelo poder de Satanás²¹. Qualquer acusação levantada contra Cristo poderia e deveria também ser levantada contra seus próprios compatriotas²².

Em terceiro lugar, Ele disse que a acusação deles era *impossível*: para saquear a casa de um homem forte, seria necessário primeiro amarrar esse homem (ou seja, Satanás) (Mateus 12:29)²³. Expulsando demônios, Jesus estava derrotando Satanás, e não o favorecendo.

Jesus, então, partiu da posição defensiva para a ofensiva: “Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito [Santo] não será perdoada” (Mateus 12:31). A palavra “blasfemar” significa “falar contra”. Os escribas e fariseus eram culpados de blasfemar contra o Espírito Santo porque estavam atribuindo a obra do Espírito (Mateus 12:28) a Satanás. Cristo disse que “se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir” (Mateus 12:32).

Entendamos que Jesus não condenou Seus inimigos por um lapso inadvertido da língua e, sim, denunciou-os pela sua obstinada dureza de coração. Ele enfatizou que “a boca fala do que está cheio o coração” (Mateus 12:34b; grifo meu). Eles haviam desenvolvido um raciocínio tão absurdo que “ao mal chamaram bem e ao bem, mal” (Isaías 5:20). Como foi que os escribas e fariseus atingiram esse estado

²⁰Marcos chama esses argumentos de “parábolas” (Marcos 3:23). Estudaremos sobre parábolas na próxima edição desta série.

²¹Isto está implícito.

²²O argumento de Jesus não prova necessariamente que Ele acreditava que esses judeus estavam expulsando demônios. Havia um abismo entre os rituais supersticiosos de exorcistas judeus e a expulsão de demônios feita por Jesus pelo poder de uma só palavra.

²³Em relação à “prisão” do diabo, veja “A Prisão de Satanás”, na edição “Apocalipse—Parte 9”, de *A Verdade para Hoje*, p. 47.

tão deplorável? Recusando-se, constantemente, a analisar as evidências geradas pelo Espírito de que Jesus é o Messias, seus corações ficaram duros como pedra (João 12:40).

Às vezes, as pessoas se perguntam se já cometeram “o pecado contra o Espírito Santo”²⁴. Um velho e sábio pregador disse: “Se você está preocupado com a possibilidade de ter cometido esse pecado, então você não o cometeu”. Ele quis dizer que essa preocupação é uma evidência de que o coração do indivíduo não está irreversivelmente endurecido. Na verdade, como Jesus não está mais na terra, realizando milagres pelo poder do Espírito, você e eu não podemos ser culpados *exatamente* do mesmo pecado que os fariseus cometeram. Todavia, podemos ser culpados de um pecado *semelhante*: podemos permitir que nossos corações se endureçam tanto que “é impossível outra vez renová-los para arrependimento” (Hebreus 6:6; veja vv. 4–6). Que Deus nos ajude a manter nossos corações bondosos (2 Reis 22:19)!

OCUPADO COMBATENDO CONCEITOS ERRÔNEOS

(MATEUS 12:38–45; LUCAS 11:16, 24–26, 29–36)

Incapazes de encontrar falha na lógica e contundente réplica de Jesus, Seus inimigos tentaram outra estratégia: “Então, alguns escribas e fariseus replicaram: Mestre²⁵, queremos ver de tua parte algum sinal” (Mateus 12:38). Repare na audácia dessa atitude. Enquanto estiveram farejando os passos de Jesus, eles haviam visto um milagre atrás do outro. Naquele mesmo dia, tinham visto um milagre tríplice ser operado. O que mais queriam? Lucas disse que eles “pediam dele um sinal *do céu*” (Lucas 11:16; grifo meu). Talvez estivessem desafiando Jesus a produzir algo extraordinário dos céus, como o fogo de Elias que desceu do céu (1 Reis 18:36–38; 2 Reis 1:10).

Cristo não fazia milagres para satisfazer gratuitamente pedidos (Mateus 4:3, 4; Lucas 23:8, 9). Ele nunca fez milagres como uma amostra vulgarizada (“para se mostrar”). Além disso, Ele sabia que nenhum milagre—do céu, da terra ou debaixo da terra—convenceria esses críticos de coração duro. E replicou:

²⁴*Idem* nota de rodapé 18.

²⁵Havia hipocrisia nesse ato de conferir a Jesus um título de honra. (Compare essa passagem com Lucas 7:40. Se quiser, reveja a exposição desse versículo na página 34.)

Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal²⁶ lhe será dado²⁷, senão o do profeta Jonas²⁸. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites²⁹ no ventre do grande peixe³⁰, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra (Mateus 12:39, 40).

Essa foi uma referência velada à ressurreição de Jesus: no terceiro dia após a Sua morte e sepultamento, Ele ressuscitaria (Mateus 16:21; 17:23; 20:19). Os inimigos de Cristo não entenderam Suas palavras; nem os Seus discípulos. (Isto foi dito antes de Jesus anunciar Sua morte iminente aos apóstolos.) Apesar disso, a ressurreição foi e é o último “sinal” de que Cristo é o Filho de Deus (Romanos 1:4).

Jesus, então, tornou a repreender os escribas e fariseus (e os que eram influenciados por eles). Ele disse que a perversa Nínive não era tão obstinada quanto eles, e que a rainha pagã de Sabá (“a rainha do sul”) era mais receptiva que eles (Mateus 12:41, 42; Lucas 11:31, 32). Jesus juntou duas de suas figuras de discurso favoritas para ensinar que se os Seus críticos abrissem o coração, suas vidas se encheriam de “luz” (Lucas 11:33–36).

Uma das ilustrações mais surpreendentes de Cristo descrevia um demônio que saiu de um homem e depois voltou com sete demônios piores que ele (Mateus 12:43–45; Lucas 11:24–26). Essa pequena parábola pode ter aplicação geral; mas, no contexto, referia-se aos líderes religiosos judeus. Após o cativeiro babilônico, eles expulsaram o demônio da “idolatria”—mas não substituíram esse “demônio” por fé positiva em Deus e obediência à Sua vontade. Por conta disso, estavam agora possuídos por “sete demônios” piores do que o primeiro: “demônios” como a ignorância, o preconceito, a presunção, a hipocrisia, a incredulidade, a rebeldia e a inversão de valores³¹.

²⁶Veja 1 Coríntios 1:22.

²⁷Visto que Jesus continuou a fazer sinais (milagres), isto deve significar que nenhum sinal *adicional* (além dos milagres que já estava fazendo) seria dado—exceto o sinal de Jonas (ou seja, a ressurreição).

²⁸Veja Mateus 16:4.

²⁹A expressão “três dias e três noites” preocupa alguns, pois, pelo que se sabe, Jesus passou um dia inteiro, partes de dois dias e duas noites no túmulo. A resposta básica é que os judeus contavam partes de um dia como um dia inteiro. Veja o artigo “Três dias e três noites” na página 51 desta edição.

³⁰O original grego diz “monstro marinho”. Alguns afirmam que a história de Jonas e o grande peixe não passam de um “conto fantástico”, mas Jesus disse que ela aconteceu de verdade!

³¹Não entenda mal. Não estamos dizendo que demônios não eram (ou não são) seres espirituais reais, mas estamos tentando mostrar em poucas palavras o *paralelo* dessa *parábola*—o paralelo entre um homem cheio de demônios e

OCUPADO FIRMANDO NOVOS RELACIONAMENTOS (MATEUS 12:46–50; MARCOS 3:31–35; LUCAS 8:19–21; 11:27, 28³²)

Assim que Jesus falou com tanta veemência, uma mulher entre a multidão exclamou: “Bem-aventurada aquela que te concebeu, e os seios que te amamentaram!” (Lucas 11:27b). Esse é o único cumprimento registrado da predição de Maria (Lucas 1:48). Cristo respondeu: “Antes, bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam!” (Lucas 11:28)³³.

Jesus não estava depreciando Sua mãe, a quem Ele tanto amava³⁴. Antes, estava enfatizando que ser um filho de Deus obediente é mais importante que ser a mãe de Cristo. Como isso deve nos animar! Só uma pessoa pôde ser a mãe física do Senhor, mas todos nós podemos ser Seus discípulos.

Esta importante verdade foi reenfaturada pouco tempo depois. Enquanto Cristo continuava ensinando as multidões (Mateus 12:46), “chegaram sua mãe e seus irmãos³⁵” (Marcos 3:31a). Não conseguindo aproximar-se dEle por causa da multidão³⁶, mandaram avisar que queriam vê-LO (3:31b, 32). Não sabemos ao certo por que estavam procurando Jesus. Marcos 3:21 e 31 parecem se completar; talvez a família quisesse levá-LO para um descanso forçado³⁷. Quaisquer que tenham sido seus motivos, as palavras “tua mãe e teus irmãos estão... à tua procura” (Marcos 3:32) constituíam uma interrupção no discurso de Jesus.

os líderes judeus, cheios de pecado. Esses líderes não estavam necessariamente endemoninhados, mas, sem dúvida, estavam sob influência do diabo e seus demônios.

³²A história da família de Jesus está inserida em Lucas 8, ilustrando a necessidade de ouvir e obedecer. No ponto em que Mateus e Marcos narram a história, Lucas inclui o episódio da mulher dizendo que a mãe de Cristo era “bem-aventurada” (Lucas 11:27, 28). Visto que todos esses episódios ensinam basicamente a mesma lição, estamos agrupando todos eles.

³³As palavras de Jesus aqui e em Mateus 12:48–50 são uma forte condenação da equivocada adoração a Maria.

³⁴Isto é comprovado pelo fato de uma de Suas últimas preocupações antes de morrer ter sido em relação à Sua mãe (João 19:26, 27).

³⁵Manuscritos posteriores acrescentam “e Suas irmãs”, mas os manuscritos mais antigos não possuem esse acréscimo. Segundo Mateus 13:55 e 56, Jesus tinha quatro irmãos e pelo menos duas irmãs. Veja “Pregando sobre Maria”, nas páginas 44 a 47 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, desta série. A família física de Jesus também é comentada brevemente na página 44 desta edição.

³⁶Compare esta passagem com Marcos 2:2, 4.

³⁷Veja mais comentários sobre isto no sermão que vem a seguir.

Sendo o Mestre dos mestres, Jesus transformou a interrupção numa oportunidade de ensino com a pergunta: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” (Mateus 12:48). E, apontando para Seus discípulos que estavam sentados ali perto, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mateus 12:49b, 50). Lucas expressou a declaração de Jesus nestas palavras: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam” (Lucas 8:21).

Cristo não estava depreciando os laços familiares. As responsabilidades com a família eram de grande importância para Ele (Mateus 15:4–6; João 19:26, 27; veja 1 Timóteo 5:8). Mais uma vez, porém, Ele estava enfatizando que existe uma relação superior e maior do que a da família carnal: nossos laços espirituais com Ele e com Seu Pai. É maravilhoso perceber que se “ouvirmos a palavra de Deus e a praticarmos” (Lucas 8:21; veja Mateus 7:21–27), poderemos ter uma relação com Jesus mais íntima do que a que Ele desfrutou com Sua mãe e Seus irmãos físicos!³⁸

Essas palavras foram encorajadoras para os discípulos de Cristo (assim como são para nós), mas observemos que elas foram proferidas no contexto desse dia em que o Senhor foi atacado com tanta crueldade. Ele precisava reunir em torno de Si um grupo de discípulos comprometidos, que serviriam de semente para a igreja, depois que Ele partisse. Era imperativo firmar esses relacionamentos mais recentes e duradouros.

CONCLUSÃO

O dia estava longe de terminar. Restavam muitos ensinamentos para serem dados, juntamente com uma série de milagres notáveis³⁹. Se eu fosse Jesus, já estaria exausto. (Nada esgota mais minhas energias do que conflito, confrontação e controvérsia.) Todavia, o estudo das demais horas deste dia terá de aguardar futuras lições. É hora de fecharmos as cortinas desse ocupadíssimo período de vinte e quatro horas.

Há lições práticas implícitas em todos os textos citados⁴⁰. O cerne do que estivemos estudando encontra-se em Mateus 12:30, onde Jesus disse: “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha”. Ou estamos com Jesus ou não es-

tamos. Não existe território neutro. Com quem eu estou? Com quem você está?



³⁸Este comentário será ampliado no sermão que vem a seguir.

³⁹Reveja a introdução desta lição.

⁴⁰Se quiser, faça uma revisão de algumas deles (como Mateus 12:33–37, que lança acusação contra todos nós).

Nossas Duas Famílias

Mateus 12:46-50;
Marcos 3:20, 21, 31-35;
Lucas 8:19-21,
Olhando de perto



Não final de Sua segunda viagem pela Galiléia, Jesus teve um dia muito agitado¹. O dia começou com a cura de um endemoninhado cego e mudo (Mateus 12:22, 23). Isto provocou a acusação de que Cristo expulsava demônios pelo poder do diabo (Mateus 12:23-30). Depois que Jesus respondeu a essa alegação, Seus inimigos ainda Lhe pediram “um sinal do céu” (Lucas 11:16). Num dia tão cheio de conflitos, um outro incidente, breve e estranho, ocorreu. Aqui está o relato de Marcos:

Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo. Muita gente estava assentada ao redor dele e lhe disseram: Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura. Então, ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, correndo o olhar pelos que estavam assentados ao redor, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe (3:31-35).

Enquanto lemos essa seção, muitas perguntas vêm à mente: “Com que propósito os escritores do evangelho relataram isso?” “Por que Jesus não reconheceu Sua família—especialmente Sua mãe?” “Qual lição ou quais lições Deus quer que aprendamos com esse incidente?” Esperamos responder a essas e outras perguntas através deste estudo sobre “Nossas Duas Famílias”.

AS DUAS FAMÍLIAS DE JESUS

Começemos com as duas famílias de Jesus.

A Família Física de Jesus

A grande maioria está ciente de que Jesus nasceu dentro de uma família física. Seu pai legal era José (Mateus 1:16; Lucas 3:23; João 1:45; 6:42), e Sua mãe era Maria (Mateus 1:18; 2:11; 13:55; Lucas 2:34). Maria era virgem quando Cristo nasceu; mas após o nascimento de Jesus, José e Maria viveram juntos como marido e mulher². Eles tiveram quatro filhos, meio-irmãos de Jesus: “Tiago, José, Simão e Judas” (Mateus 13:55; veja Marcos 6:3). Eles também tiveram pelo menos duas filhas (Mateus 13:56; veja Marcos 6:3). Cristo cresceu, portanto, numa família de pelo menos nove pessoas. Tudo indica que era um lar feliz³.

Quando Jesus saiu de casa para dar início ao Seu ministério público, as relações com Sua família mudaram. Pode ter havido algum ciúme ou ressentimento por parte de Seus irmãos mais novos. João relatou que eles não estavam querendo aceitá-lo como o Messias e até falavam com Ele, em certas ocasiões, com sarcasmo (João 7:3-5)⁴. A mãe de Cristo, Maria, tinha uma idéia mais clara de quem Ele era (veja Lucas 2:19, 51), mas até ela não entendia totalmente a Sua missão (veja João 2:3, 4).

Isto nos leva ao episódio de Marcos 3. Vamos começar esta exposição com o versículo 20, para estabelecermos o contexto:

Então, ele foi para casa. Não obstante, a multidão afluía de novo, de tal modo que nem podiam comer. E, quando os parentes de Jesus

¹Veja a introdução da lição anterior.

²Veja a exposição sobre Maria e José nas páginas 46 e 47 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, desta série.

³Veja a página 21 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”.

⁴Os versículos 3 e 4 de João 7 devem ser vistos à luz do versículo 5.

ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si⁵ (Marcos 3:20, 21).

Em vez de “os parentes de Jesus”, a NVI diz “seus familiares”⁶. A expressão “para o prender” indica que tinham a intenção de levar Jesus para casa com eles, mesmo que Ele não quisesse⁷.

O fato de Jesus não ter tido tempo para comer provavelmente não foi a única razão para Seus amigos e familiares pensarem que Ele estava “fora de si”⁸. William Barclay alistou vários fatores que podem ter propiciado essa conclusão⁹:

1) Jesus havia lançado mão de Sua *estabilidade*. Que homem sensato abandonaria um negócio que gerava dinheiro para tornar-se um viajante sem ter onde reclinar a cabeça?

2) Jesus, evidentemente, não estava preocupado com *segurança*. Que homem racional desafiaria toda a instituição judaica, uma batalha que Ele estava fadado a perder?

3) Jesus estava se isolando cada vez mais da tendência normal da *sociedade*. Que homem em sã juízo esperaria ter êxito com um estranho agrupamento de homens incultos, a maioria com mãos calosas e alguns com reputação duvidosa¹⁰?

Burton Coffman escreveu:

O zelo no serviço de Deus nunca foi inteligível para homens carnais e [não regenerados]. O zelo por negócios, guerra, ciência, prazer, política, ou qualquer atividade terrena, é admirado, elogiado e disputado; mas, assim que um homem se dedica completamente ao serviço da santa religião, os vizinhos logo começam a balançar a cabeça e dizer: “Ele está indo longe demais com isso!”¹¹

Não podemos afirmar com certeza que “os parentes” de Jesus do versículo 21 são “Sua mãe e Seus irmãos” do versículo 31, mas há uma progressão natural na narrativa: no versículo 21 “os parentes” de Cristo decidiram que precisavam levá-LO à força,

⁵Os inimigos de Cristo fizeram uma acusação semelhante numa ocasião (João 10:20). Cristo não foi o primeiro nem o último servo de Deus a ser caluniado dessa maneira (veja 2 Reis 9:11; Atos 26:24, 25).

⁶Reveja o breve comentário sobre essa expressão na nota de rodapé 14, na lição anterior.

⁷Reveja a nota de rodapé 15, na edição anterior.

⁸Poderíamos dizer: “Foi a gota d’água”.

⁹William Barclay, *The Gospel of Mark*, ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, pp. 76–77. Os parágrafos a seguir são meu resumo das idéias de Barclay.

¹⁰No Brasil, “João-ninguém” é uma expressão que poderia descrever essa condição.

¹¹James Burton Coffman, *Commentary on Mark* (“Comentário sobre Marcos”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1975, p. 63.

por isso “saíram” (grifo meu)—para chegar até onde Ele estava. Após um lapso de tempo (vv. 22–29), “chegaram sua mãe e seus irmãos” (v. 31; grifo meu) à casa onde Ele estava. Tudo indica que as pessoas do versículo 21 eram as mesmas do versículo 31.

Havendo uma ligação entre os versículos 21 e 31, e tendo Maria e os irmãos de Jesus chegado para ajudá-LO mesmo contra Sua vontade, surge uma pergunta: “Por que a mãe de Cristo concordou com esse plano?” Afinal de contas, ela tinha uma percepção maior de quem Jesus era do que Seus irmãos. Isto é verdade, mas tenhamos em mente dois fatos: 1) embora ela tivesse algum conhecimento de quem Jesus era, seu entendimento ainda era parcial e 2) ela ainda era uma mãe com as típicas preocupações de mãe. Qual mãe não se preocupa quando o filho não come direito? Provavelmente, Maria não estava preocupada com a sanidade do Seu filho e, sim, com a Sua segurança¹².

O amor dita que interpretemos da melhor maneira possível os objetivos de Maria e dos irmãos de Jesus. Ainda que seus motivos fossem mal orientados, eles certamente acreditavam que a intervenção seria “para o próprio bem de Jesus”.

Isso nos leva a Marcos 3:31: “Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos” (v. 31a) aonde Jesus estava. “Muita gente estava assentada ao redor dele” (v. 32a), e “falava ainda Jesus ao povo” (Mateus 12:46). As pessoas estavam tão comprimidas ao redor de Jesus, que Maria e os irmãos “não podiam aproximar-se por causa da concorrência do povo” (Lucas 8:19¹³).

Segundo Mateus, “sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, procurando falar-lhe” (12:46). Possivelmente tentaram chamar a atenção de Jesus, mas ou Ele não ouviu ou ignorou-os. Então, mandaram avisá-lo que queriam falar com Ele. Podemos vê-los sussurrando para alguém na extremidade da multidão e, a seguir, essa pessoa sussurrando para outra e assim por diante: “Passe o seguinte recado: a mãe e os irmãos de Jesus estão aqui! Querem vê-LO!” Por fim, a mensagem chegou aos que estavam na primeira fileira e vários¹⁴ presentes interromperam Cristo: “Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura” (Marcos 3:32).

Independentemente dos motivos serem bons, maus, ou algo no meio-termo, houve uma ousadia na indisposição dos familiares de Jesus em espe-

¹²O filho da prima de Maria (João Batista, filho de Isabel) já havia sido preso, e sua morte parecia iminente. Que mãe não estaria preocupada?

¹³Compare esta passagem com Marcos 2:1, 2.

¹⁴O relato de Marcos diz “e lhe disseram” (grifo meu).

rar até que Ele terminasse de ensinar. Estavam, em outras palavras, dizendo: “Somos Sua *família*. Você deve parar e falar com a gente *agora*. O que *nós* queremos é mais importante do que o que *Você* está fazendo!”

A Família Espiritual de Jesus

O pedido impertinente colocou Jesus “numa das situações mais sofríveis, um dos dilemas mais delicados de Seu ministério terreno”¹⁵. Ele poderia ter relutado em não atender Seus familiares, mas precisava transmitir a eles—e aos demais presentes—a natureza e a importância da Sua obra.

Se fosse eu a enfrentar esse tremendo apuro, ficaria perplexo. Só uma vez, pelo que me lembro, tive a presença de espírito de dizer alguma coisa um pouco sensível num momento crítico de uma palestra. Eu estava demonstrando um recurso visual no auditório da igreja em Tahlequah, Oklahoma. Eu andava para frente e para trás do palco, lotado de recursos didáticos. A certa altura, dei um passo para trás—para dentro do vão da escada que descia do palco. Cambaleando pelos degraus, consegui balbuciar: “E isto ilustra a passagem: ‘Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia’” [1 Coríntios 10:12]. Normalmente, porém, fico sem palavras quando me deparo com uma situação crítica inédita.

O que o Mestre dos mestres fez quando Se deparou com tal situação? Ele transformou a interrupção importuna em instrução oportuna. Perguntou Jesus: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” (Mateus 12:48). E Ele mesmo respondeu: “...qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mateus 12:50).

Cristo não estava depreciando a família quando disse essas palavras¹⁶. Algumas seitas insistem que seus discípulos rompem os laços com a família natural, mas Jesus não ensinou nenhum princípio semelhante a isso, nem incentivou essa atitude. A família era importante para Ele. Ele condenou os escribas e fariseus por não honrarem nem se importarem com seus pais (Mateus 15:1–8). Um dos últimos atos de Jesus antes de morrer foi garantir que Sua mãe seria cuidada (João 19:26, 27). William Arnot escreveu:

Ele amava a mãe e os irmãos com a verdadeira afeição de um filho e um irmão. O coração sobre o qual ele dormiu quando era bebê, ele nunca despedaçou quando se tornou um jovem e um ho-

mem. A mulher que o afagou desde o nascimento foi estimada em seu coração até a morte.¹⁷

Apesar disso, o Senhor quis deixar claro que existe uma relação mais profunda, mais preciosa e mais duradoura do que qualquer laço terreno.

Visando esclarecer esse aspecto, Cristo correu “o olhar pelos que estavam assentados ao redor” e disse: “Eis minha mãe e meus irmãos” (Marcos 3:34). Segundo o relato de Mateus, estendendo “a mão para os discípulos, Ele disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe”¹⁸ (Mateus 12:49, 50).

Não perca tempo se preocupando com quais discípulos estão qualificados como “irmãos”, “irmãs” e “mãe” de Jesus¹⁹. Jesus não estava classificando os cristãos em três categorias distintas. Essa foi a Sua maneira impactante de dizer: “Qualquer que fizer a vontade de meu Pai, esse é minha *família*, minha *família espiritual*”. Usando a terminologia de Lucas, Ele enfatizou que Sua família consiste daqueles “que ouvem a palavra de Deus e a praticam” (Lucas 8:21).

Em Mateus e Marcos, Cristo falou de fazer “a vontade” do Pai, enquanto em Lucas, a expressão usada é “a palavra de Deus”. Não há contradição nisto. A única maneira de conhecermos a *vontade* de Deus é por meio da Sua *Palavra*.

Para fazermos parte da família do Senhor, temos de *ouvir* a Palavra de Deus—e depois temos de *praticá-la* (veja Mateus 7:21–27)²⁰. O que está implícito em “praticar”? “Praticar” a Palavra é crer em tudo que ela ensina, obedecer a tudo que ela ordena e esperar por tudo que ela promete²¹.

Os judeus da época de Cristo precisavam desta lição. Eles pensavam que sempre fariam parte da família de Deus por direito, por serem descendentes físicos de Abraão (veja Lucas 3:7–9; João 8:39).

¹⁷William Arnot, *Lesser Parables of Our Lord* (“Parábolas Menores do Nosso Senhor”). Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1884, p. 115.

¹⁸Jesus não incluiu “Pai” nessa lista, pois esse papel é reservado a Deus somente (Mateus 23:9).

¹⁹Obviamente, os que foram membros da igreja por algum período tiveram o privilégio de conhecer outros cristãos que eram como irmãos, irmãs e até mães para eles (1 Timóteo 5:1, 2).

²⁰Se quiser, enfatize que a única maneira de conhecermos a vontade de Deus é por meio de Jesus (Mateus 11:27). Portanto, para ouvir e praticar a vontade de Deus, temos de ouvir e fazer o que *Cristo* ensinou.

²¹Esta frase foi adaptada de R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Luke's Gospel* (“A Interpretação do Evangelho de Lucas”). Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1946, p. 461.

¹⁵Charles R. Erdman, *The Gospel of Mark* (“O Evangelho de Marcos”). Filadélfia: Westminster Press, 1967, p. 74.

¹⁶Se este sermão for pregado após a lição anterior, pode-se dizer: “Vou enfatizar outra vez”.

Eles precisavam entender que parentesco físico não garantiria lugar na família de Deus (veja Romanos 9:6, 7). Ser descendente de Abraão não era tão importante quanto tomar a decisão de seguir Jesus. O que contava não era o *pedigree* nem a *performance*. Se quisessem ter uma relação contínua com o Pai, teriam de *ouvir e praticar*.

Você e eu também precisamos desta lição. É importante ouvir a Palavra (Romanos 10:17). É louvável ler a Bíblia diariamente (Atos 17:11) e freqüentar aulas bíblicas e cultos de adoração (Hebreus 10:25). Um pregador fica arrepiado ao ver seus ouvintes abrirem suas Bíblias e fazerem anotações enquanto ele prega (veja Salmos 119:16). Todavia, por mais elogiáveis que sejam esses atos, “de nada nos aproveitamos”²² se simplesmente ouvimos a Palavra e depois não fazemos nada em relação ao que ouvimos. O meio-irmão de Jesus, Tiago, escreveu: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tiago 1:22).

Vimos até aqui que Jesus possuía duas famílias—a primeira, física e a segunda, espiritual. Ele ensinou que nos tornamos parte da segunda família por meio da obediência ao Senhor. Ele reforçou que, por mais importante que seja a família física, a família espiritual é infinitamente mais importante.

AS DUAS FAMÍLIAS DO CRISTÃO

Agora, vamos focar as duas famílias às quais você e eu pertencemos.

Famílias Físicas

Fui abençoado com pais cristãos, Dave H. e Lillian Roper, e um irmão, Coy. O Senhor também abençoou a minha vida me dando uma esposa cristã, Jo; três filhas, Cindy, Debbie e Angi; dois genros, Richard Honaker e Dan Lovejoy; e dois netos, Seth David e Rachel. Esses e outros membros da minha família são mais do que parentes para mim.

Você, também, nasceu numa família física. Espero que tenha sido uma família cristã; mas, mesmo que não tenha sido assim, você certamente teve pessoas que cuidaram de você e supriram suas necessidades. Talvez, como eu, você tenha se casado e tenha filhos—ou talvez não. Qualquer que seja a sua situação, espero que você tenha noção do valor fundamental da família. Ela foi a primeira instituição de Deus (Gênesis 2:18, 21–24; 4:1) e ainda é a pedra angular da sociedade.

Infelizmente, hoje em dia, algumas pessoas não entendem como a família é importante. Alguns abandonam suas famílias, e outros a negligenciam. Alguns pais não cuidam de seus filhos e alguns filhos não cuidam de seus pais idosos. Paulo escreveu que “se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente” (1 Timóteo 5:8). Novamente, ele disse que os filhos e netos precisam “aprender primeiro a exercer piedade para com a própria casa” (1 Timóteo 5:4).

A Família Espiritual

Entendida a importância da família física, a afirmação seguinte adquire um sentido adicional: existe uma família muito mais importante—a família espiritual, a família de Deus. Paulo escreveu aos cristãos de Éfeso: “Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus” (Efésios 2:19; grifo meu). Em Gálatas 6:10 essa família é chamada de “família da fé”. Em 1 Pedro 4:17, ela é chamada de “a casa de Deus”²³. A palavra “casa” é equivalente a “família” nesses contextos.

O que é essa família espiritual? Paulo disse que ela é a igreja. Ele disse a Timóteo: “Fiques ciente de como se deve proceder *na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo*, coluna e baluarte da verdade” (1 Timóteo 3:15; grifo meu).

Nessa família, Deus é nosso Pai (Mateus 6:9; Romanos 1:7) e nós somos Seus filhos (João 1:12, 13; Romanos 8:14, 15; Efésios 5:1; Filipenses 2:15; 1 João 3:1, 2). Paulo escreveu: “O próprio Espírito testifica... que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Romanos 8:16, 17). O apóstolo Paulo citou estas palavras ditas por Deus: “Serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso” (2 Coríntios 6:18). Nessa família espiritual, os outros membros da igreja são nossos irmãos e irmãs (Atos 6:3; Romanos 16:1; 1 Coríntios 7:15; Filemom 1, 2; Tiago 2:15)²⁴.

Como nos tornamos parte dessa família? Jesus disse que nos tornamos parte dessa família quando ouvimos e praticamos a Palavra. João escreveu que nos tornamos filhos de Deus por meio de “um novo nascimento” (veja João 1:11–13; 3:3, 5). Lucas

²³Outra passagem que se refere à família de Deus é Efésios 3:15. A NVI traduz Efésios 3:14 e 15 por: “Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai, do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra”.

²⁴Jesus também nos chama de Seus “irmãos” (Hebreus 2:11).

²²Essa expressão foi emprestada de Gálatas 5:2 (veja também Marcos 8:36; Hebreus 4:2; Tiago 2:14, 16).

registrou que as pessoas passaram a fazer parte da família de Deus, a igreja, quando creram em Cristo, se arrependeram de seus pecados e foram batizadas (imersas em água) para a remissão, ou perdão, de seus pecados (Atos 2:36–38, 41, 47²⁵; veja 1 Coríntios 12:13). Isto não quer dizer que existem três maneiras de passarmos a fazer parte da família de Deus, mas que Jesus, João e Lucas estavam se referindo ao mesmo processo. Que processo é esse?

Ouvimos a Palavra, que produz fé (Romanos 10:17). Daí, precisamos “praticar” essa Palavra—nos arrependendo de nossos pecados (Lucas 13:3), confessando nossa fé em Jesus (Mateus 10:32) e sendo batizados (imersos em água) (Marcos 16:16; Atos 22:16). Quando fazemos isso, “nascemos da água e do Espírito” (João 3:5) para a família de Deus. Pedro escreveu: “Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade... fostes regenerados [“renascidos”] não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus” (1 Pedro 1:22, 23). Desta maneira, passamos a fazer parte da família de Deus.

Devemos dar graças a Deus pela família física. Devemos dar graças a Deus mais ainda pela família espiritual, a igreja. Aqui está uma breve comparação das duas famílias: ambas são instituições de Deus. A família física é natural; a espiritual é sobrenatural. Entramos na primeira através de um nascimento físico, e entramos na segunda através de um nascimento espiritual. A primeira tem como propósito a geração, a segunda tem como propósito a regeneração (Tito 3:5). A primeira é para o presente (Mateus 22:30), a segunda é tanto para o presente como para a eternidade (Hebreus 12:23). A primeira é importante e a segunda é essencial²⁶. A primeira é boa; a segunda é melhor. Deveríamos acrescentar também que a entrada em ambas é possibilitada por meio de sofrimento: na primeira, pelo sofrimento de nossas mães no parto e na segunda, pelo sofrimento de Jesus morrendo na cruz pelos nossos pecados! (Veja Atos 20:28; Efésios 5:23, 25.)

William Barclay escreveu que o verdadeiro parentesco reside em se ter uma experiência comum, um interesse comum, uma obediência e um objetivo

comum²⁷. Tudo isso nós encontramos na família de Deus, a igreja. Nem posso contar as vezes em que ouvi um membro da igreja dizer que ele se sentia mais próximo de seus irmãos e irmãs em Cristo do que de seus irmãos e irmãs carnais.

Faltam-me palavras para exprimir como é maravilhoso estar na família de Deus. Seria uma honra ser membro da família real num país que tivesse rei. Haveria vantagens inumeráveis em ter como pai um multimilionário. Mas nada disso se compara com fazer parte da família do Senhor, tendo Deus como Pai! Certa vez, disseram ao falecido irmão C. R. Nichols que ele andava como se “fosse dono do mundo”. O velho e venerável irmão respondeu: “Meu pai é que é dono do mundo!”

Sendo a família espiritual tão importante, Jesus ensinou que nossa lealdade a essa família deve transcender todas as outras relações de lealdade²⁸. Em Lucas 14:26, Ele disse estas palavras surpreendentes: “Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo”. Gordon Powell, pregador de um programa de rádio nos Estados Unidos, pediu certa vez que seus ouvintes mandassem sugestões de tópicos para uma série de sermões sobre “ditos difíceis de Jesus”. Ele recebeu mais pedidos para pregar sobre Lucas 14:26 do que qualquer outro texto²⁹.

Deve-se observar aqui que “aborrecer” em Lucas 14:26 não significa “odiar”, um sentimento contrário ao amor. De outra forma, Jesus estaria se contradizendo. No Sermão do Monte, Ele ensinou o povo a amar seus inimigos (Mateus 5:44). Com certeza, Ele não diria para amarmos nossos inimigos e ao mesmo tempo para odiarmos nossos familiares.

A aparente discrepância desaparece quando descobrimos que “aborrecer” é muitas vezes usado na Bíblia com o sentido de “amar menos” (veja Deuteronômio 21:15). Quando comparamos a frase de Lucas com o trecho paralelo em Mateus, fica evidente que o significado de “aborrecer” é, de fato, “amar menos”: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha *mais do que* a mim não é digno de mim” (grifo meu). Cristo estava dizendo em Lucas 14:26

²⁵A ERC tem a palavra “igreja” em Atos 2:47, enquanto a ERA não. Visto que o reino ou a igreja (Mateus 16:18, 19) foi estabelecida em Atos 2 (veja Atos 1:6–9; 2:1–4), sabemos que as pessoas descritas como “Ihes” no versículo 47 eram aqueles que eram cidadãos do reino, membros da igreja.

²⁶Ou seja, a segunda é essencial para irmos para o céu e essencial para concretizarmos o propósito de Deus para nossas vidas.

²⁷William Barclay, *The Gospel of Mark* (“O Evangelho de Marcos”), ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, pp. 82–83.

²⁸Lucas 9:59–62 poderia ser usado como uma ilustração de prioridades erradas em relação à lealdade para com a família.

²⁹Gordon Powell, *Difficult Sayings of Jesus* (“Ditos Difíceis de Jesus”). N.p: Fleming H. Revell Co., 1962, p. 21.

que devemos amar nossa família física *menos do que* amamos a Deus e a Ele.

Devemos, porém, ter o cuidado de não abrandar as palavras radicais de Lucas 14 a ponto de perderem seu impacto original. Nosso amor por Deus e Sua família deve ser tão grande que o nosso amor por nossos familiares, *comparado* com ele, poderia ser como “um aborrecimento”³⁰.

Novamente, reforço que isto não quer dizer que devemos negligenciar nossas famílias naturais. A maioria daqueles que colocam a igreja/o reino em primeiro lugar (Mateus 6:33) descobrem que suas relações com os familiares se intensificam (veja Efésios 5:25, 28, 33; 6:1–4)³¹. William Hendriksen disse que “observar essa regra [ser leal primeiro à família espiritual] é... o melhor serviço que podemos prestar à nossa família terrena”³².

SUAS DUAS FAMÍLIAS

Estivemos falando das duas famílias de Jesus e das duas famílias do cristão. Agora, vamos olhar mais de perto para as duas famílias das quais você faz parte.

As Duas em Harmonia

Você pode se considerar premiado se suas duas famílias caminham juntas na fé.

Voltemos, por um instante, à história do início deste sermão. Como sempre, tendo registrado o incidente, os escritores aparentemente não tiveram interesse em nos contar o que aconteceu em seguida. Após a repreensão de Jesus, Sua mãe e seus irmãos ficaram ali por perto? Após Jesus terminar de ensinar a multidão, Ele foi falar com Seus familiares? O texto não diz. De uma coisa podemos ter certeza: Jesus não permitiu que nem eles nem ninguém O impedisse de cumprir Sua missão. Ninguém O arrastaria para casa, à força, para descansar ou es-

³⁰Se esta afirmação precisar de mais explicações, você pode usar algumas ilustrações: “Quando eu era menino, eu pensava que podia correr—mas quando eu finalmente via uma Sprinter de última geração, não conseguia sair do lugar”. “Nos primeiros anos da faculdade, eu lavava a maioria das minhas roupas num tanque. Eu pensava que elas estavam brancas—até compará-las com outras realmente brancas. Daí, tive de admitir que elas não estavam brancas, de maneira alguma”.

³¹Às vezes, porém, a animosidade por parte de outros membros da família destrói algumas relações. Mencionaremos isto mais adiante no sermão.

³²William Hendriksen, *New Testament Commentary: The Gospel of Luke* (“Comentário do Novo Testamento: O Evangelho de Lucas”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1978, p. 437.

parecer³³. Também podemos afirmar com razoável certeza que Jesus não ignorou Sua família assim que teve um tempo livre. Tanto Sua mãe como Seus irmãos aparecerão novamente no relato de Sua vida, e não há indicação de que Cristo tivesse rompido a relação com eles (João 7:2–10; 19:25–27).

O propósito em retomarmos a questão do relacionamento de Jesus com Sua família é reforçar que essa história teve um final feliz. Por fim, Seus irmãos vieram a crer nEle. Uma das aparições de Jesus ressurreto foi ao Seu meio-irmão Tiago (1 Coríntios 15:7). Sua mãe e Seus irmãos estavam com os apóstolos enquanto aguardavam em Jerusalém a vinda do Espírito Santo (Atos 1:14). Tiago tornou-se um dos líderes da igreja em Jerusalém (Atos 12:17; 15:13; 21:18; Gálatas 1:19) e escreveu o Livro de Tiago (Tiago 1:1). Um dos outros meio-irmãos, Judas, escreveu o livro de Judas (Judas 1). O historiador da igreja, Eusébio, disse que os outros irmãos também serviram como líderes em várias congregações (veja 1 Coríntios 9:5).

Em outras palavras, a família física de Jesus finalmente passou a fazer parte de Sua família espiritual! Sou grato por meus pais, minha esposa, minhas três filhas, meus dois genros e meu neto mais velho, Seth David, serem cristãos. Não tenho desejo maior do que, um dia, formar com eles uma roda em torno do trono de Deus e juntos cantarmos Seus louvores!³⁴

Minha oração é que você também conheça esse tipo de felicidade.

As Duas em Conflito

Infelizmente, as duas famílias nem sempre caminham juntas na fé. Às vezes, surgem sérios conflitos. Jesus previu isto, quando disse:

“Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa (Mateus 10:34–36).

Ele disse aos Seus discípulos: “E sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós” (Lucas 21:16). Essas duas passagens não significam que Cristo desejou que houvesse discórdia nas famílias, mas Ele sabia

³³Se Jesus pôde impedir que uma multidão O atirasse de um precipício (Lucas 4:28–30), Ele poderia impedir que Seus quatro irmãos O arrastassem para onde Ele não queria ir.

³⁴Esta cena é descrita no folheto de David Roper, “The Night I Went to Heaven” (“A Noite em que Fui para o Céu”). Broken Arrow, Okla.: Christian Communications, s.d., pp. 11–12.

que a natureza do evangelho e o compromisso que ele requer não seriam entendidos por quem é apegado a coisas mundanas, e que as discussões seriam, portanto, às vezes, inevitáveis.

Alguns de vocês sabem exatamente do que estou falando. Os amigos e familiares de Jesus pensavam que Ele estava fora de Si, quando Ele colocou a obra de Deus acima de Suas necessidades pessoais. Talvez você tenha sido chamado de “louco” por causa da sua decisão de fazer o que é certo. Se for esse o caso, é difícil, não é?

Não estou sugerindo que você saia por aí a incitar discórdias dentro de sua família ou de seu círculo de amigos. Paulo escreveu: “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens” (Romanos 12:18)³⁵. Estou dizendo que, se, apesar de seus maiores esforços para se dar bem com todos, sua família decidir abandonar você, encontre consolo no reconhecimento de que o Senhor não abandonará você (Hebreus 13:5). Ouça a promessa dEle:

Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna (Marcos 10:29, 30).

CONCLUSÃO

Oro para que suas duas famílias sirvam ao mesmo Senhor. Se não for esse o caso, insisto para que você faça de tudo dentro das suas possibilidades para trazer aqueles a quem você ama para dentro da família de Deus, ou seja, a igreja. Nenhum esforço é grande demais na tentativa de atingirmos esse objetivo. Ainda que você não obtenha sucesso nessa tentativa, você encontrará conforto em saber que fez o que pôde.

³⁵Geralmente, surge conflito quando a mulher é cristã e o marido, não. Pedro orientou as esposas cristãs sobre como lidar com essa situação em 1 Pedro 3:1–6.

Para ter alguma esperança de que realizará isto, você mesmo precisa primeiramente ser um membro fiel da família de Deus. Você já saiu da condição de “seguidor” para se tornar “família”? Você já “nasceu de novo” por meio da fé e do batismo? Você já entregou sua vida a Ele? A história que estudamos deixa claro que Jesus espera que levemos a sério o nosso relacionamento com Ele. Se pudermos ajudá-lo nisto, avise-nos.



A Harmonia

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- O. O primeiro grande grupo de parábolas.
 - 1. A ocasião e o cenário (Mateus 13:1–3; Marcos 4:1, 2; Lucas 8:4).
 - 2. A parábola do semeador—e a explicação (Mateus 13:3–23; Marcos 4:3–25; Lucas 8:5–18).
 - 3. A parábola do crescimento silencioso (Marcos 4:26–29).
 - 4. A parábola do joio (Mateus 13:24–30).
 - 5. As parábolas do grão de mostarda e do fermento (Mateus 13:31–35; Marcos 4:30–34).
 - 6. A parábola do joio explicada (Mateus 13:36–43).
 - 7. As parábolas do tesouro e da pérola (Mateus 13:44–46).
 - 8. A parábola da rede de peixes (Mateus 13:47–53).
 - P. Acalmando a tempestade (Mateus 8:18, 23–27; Marcos 4:35–41; Lucas 8:22–25).
 - Q. Curando dois endemoninhados (Mateus 8:28–34; 9:1; Marcos 5:1–21; Lucas 8:26–40).
 - R. Comendo com pecadores (e um discurso sobre jejum) (Mateus 9:10–17; Marcos 2:15–22; Lucas 5:29–39).
 - S. Ressuscitando a filha de Jairo (e curando uma enferma) (Mateus 9:18–26; Marcos 5:22–43; Lucas 8:41–56).
 - T. Curando cegos e um endemoninhado (e sendo criticado) (Mateus 9:27–34).
 - U. Visitando Nazaré (e sendo rejeitado) (Mateus 13:54–58; Marcos 6:1–6; Lucas 4:16–31).
 - V. A terceira viagem de Jesus pela Galiléia (e instruções aos doze) (Mateus 9:35–38; 10:1–42; 11:1; Marcos 6:6–13; Lucas 9:1–6).
 - W. O interesse de Herodes em Jesus (e o relato da morte de João Batista) (Mateus 14:1–12a; Marcos 6:14–29; Lucas 9:7–9).
 - X. Jesus retira-Se do território de Herodes (e volta).
 - 1. A volta dos doze e a retirada para a margem oriental do mar da Galiléia (Mateus 14:12b, 13; Marcos 6:30–32; Lucas 9:10; João 6:1).
-

Atribuição de Leitura nº. 12

Mateus 13:1–53;

Marcos 4:1–34;

Lucas 8:4–18

Mateus 13:1–53

¹Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar;

²e grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia.

³E de muitas coisas lhes falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear.

⁴E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram.

⁵Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra.

⁶Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se.

⁷Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram.

⁸Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um.

⁹Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça.

¹⁰Então, se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas?

¹¹Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido.

¹²Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

¹³Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem.

¹⁴De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías:

Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entenderéis; vereis com os olhos e de nenhum modo perceberéis.

¹⁵Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados.

¹⁶Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem.

¹⁷Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvís e não ouviram.

¹⁸Atendei vós, pois, à parábola do semeador.

¹⁹A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatou o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho.

²⁰O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria;

²¹mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.

²²O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera.

²³Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um.

²⁴Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo;

²⁵mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se.

²⁶E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio.

²⁷Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Onde vem, pois, o joio?

²⁸Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os

servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio?

²⁹Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo.

³⁰Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro.

³¹Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo;

³²o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos.

³³Disse-lhes outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.

³⁴Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia;

³⁵para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação [do mundo].

³⁶Então, despedindo as multidões, foi Jesus para casa. E, chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo.

³⁷E ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do Homem;

³⁸o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno;

³⁹o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos.

⁴⁰Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século.

⁴¹Mandarà o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade

⁴²e os lançarão na fomalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.

⁴³Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de

seu Pai. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça.

⁴⁴O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo.

⁴⁵O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas;

⁴⁶e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra.

⁴⁷O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie.

⁴⁸E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora.

⁴⁹Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos,

⁵⁰e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.

⁵¹Entendestes todas estas coisas? Responderam-lhe: Sim!

⁵²Então, lhes disse: Por isso, todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas.

⁵³Tendo Jesus proferido estas parábolas, retirou-se dali.

Marcos 4:1–34

¹Voltou Jesus a ensinar à beira-mar. E reuniu-se numerosa multidão a ele, de modo que entrou num barco, onde se assentou, afastando-se da praia. E todo o povo estava à beira-mar, na praia.

²Assim, lhes ensinava muitas coisas por parábolas, no decorrer do seu doutrinamento.

³Ouvi: Eis que saiu o semeador a semear.

⁴E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram.

⁵Outra caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra.

⁶Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se.

⁷Outra parte caiu entre os espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto.

⁸Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu, produzindo a trinta, a sessenta e a cem por um.

⁹E acrescentou: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

¹⁰Quando Jesus ficou só, os que estavam junto dele com os doze o interrogaram a respeito das parábolas.

¹¹Ele lhes respondeu: A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas,

¹²para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles.

¹³Então, lhes perguntou: Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas?

¹⁴O semeador semeia a palavra.

¹⁵São estes os da beira do caminho, onde a palavra é semeada; e, enquanto a ouvem, logo vem Satanás e tira a palavra semeada neles.

¹⁶Semelhantemente, são estes os semeados em solo rochoso, os quais, ouvindo a palavra, logo a recebem com alegria.

¹⁷Mas eles não têm raiz em si mesmos, sendo, antes, de pouca duração; em lhes chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam.

¹⁸Os outros, os semeados entre os espinhos, são os que ouvem a palavra,

¹⁹mas os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições, concorrendo, sufocam a palavra, ficando ela infrutífera.

²⁰Os que foram semeados em boa terra são aqueles que ouvem a palavra e a recebem, frutificando a trinta, a sessenta e a cem por um.

²¹Também lhes disse: Vem, porventura, a candeia para ser posta debaixo do alqueire ou da cama? Não vem, antes, para ser colocada no velador?

²²Pois nada está oculto, senão para ser manifesto; e nada se faz escondido, senão para ser revelado.

²³Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.

²⁴Então, lhes disse: Atentai no que ouvís. Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também, e ainda se vos

acrescentará.

²⁵Pois ao que tem se lhe dará; e, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

²⁶Disse ainda: O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra;

²⁷depois, dormisse e se levantasse, de noite e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como.

²⁸A terra por si mesma frutifica: primeiro a erva, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga.

²⁹E, quando o fruto já está maduro, logo se lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa.

³⁰Disse mais: A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos?

³¹É como um grão de mostarda, que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra;

³²mas, uma vez semeada, cresce e se torna maior do que todas as hortaliças e deita grandes ramos, a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra.

³³E com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra, conforme o permitia a capacidade dos ouvintes.

³⁴E sem parábolas não lhes falava; tudo, porém, explicava em particular aos seus próprios discípulos.

Lucas 8:4–18

⁴Afluindo uma grande multidão e vindo ter com ele gente de todas as cidades, disse Jesus por parábola:

⁵Eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho; foi pisada, e as aves do céu a comeram.

⁶Outra caiu sobre a pedra; e, tendo crescido, secou por falta de umidade.

⁷Outra caiu no meio dos espinhos; e estes, ao crescerem com ela, a sufocaram.

⁸Outra, afinal, caiu em boa terra; cresceu e produziu a cento por um. Dizendo isto, clamou: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

⁹E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Que parábola é esta?

¹⁰Respondeu-lhes Jesus: A vós outros é dado conhecer os

mistérios do reino de Deus; aos demais, fala-se por parábolas, para que, vendo, não vejam; e, ouvindo, não entendam.

¹¹Este é o sentido da parábola: a semente é a palavra de Deus.

¹²A que caiu à beira do caminho são os que a ouviram; vem, a seguir, o diabo e arrebatá-lhes do coração a palavra, para não suceder que, crendo, sejam salvos.

¹³A que caiu sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; estes não têm raiz, crêem apenas por algum tempo e, na hora da provação, se desviam.

¹⁴A que caiu entre espinhos são os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida; os seus frutos não chegam a amadurecer.

¹⁵A que caiu na boa terra são os que, tendo ouvido de bom e reto coração, retêm a palavra; estes frutificam com perseverança.

¹⁶Ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama; pelo contrário, coloca-a sobre um velador, a fim de que os que entram vejam a luz.

¹⁷Nada há oculto, que não haja de manifestar-se, nem escondido, que não venha a ser conhecido e revelado.

¹⁸Vede, pois, como ouvis; porque ao que tiver, se lhe dará; e ao que não tiver, até aquilo que julga ter lhe será tirado.

*“E de muitas
coisas lhes falou
por parábolas”*

Leitura Bíblica 12

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- O. O primeiro grande grupo de parábolas.
1. A ocasião e o cenário (Mateus 13:1–3; Marcos 4:1, 2; Lucas 8:4).
 2. A parábola do semeador—e a explicação (Mateus 13:3–23; Marcos 4:3–25; Lucas 8:5–18).
 3. A parábola do crescimento silencioso (Marcos 4:26–29).
 4. A parábola do joio (Mateus 13:24–30).
 5. As parábolas do grão de mostarda e do fermento (Mateus 13:31–35; Marcos 4:30–34).
 6. A parábola do joio explicada (Mateus 13:36–43).
 7. As parábolas do tesouro e da pérola (Mateus 13:44–46).
 8. A parábola da rede de peixes (Mateus 13:47–53).

INTRODUÇÃO

Na lição anterior, iniciamos uma análise do que tem sido denominado “o dia agitado”. Um acontecimento chave ocorrido nesse dia foi a acusação dos fariseus de que Jesus estava expulsando demônios pelo poder de Satanás. A confrontação subsequente marcou um ponto de virada no ministério de Cristo. Uma das conseqüências foi que Jesus mudou Seu estilo de pregação: cada vez mais Seu ensino público foi sendo feito por parábolas (Mateus 13:34, 35; Marcos 4:33, 34). Outra conseqüência foi a primeira retirada registrada de Cristo para a outra margem do mar da Galiléia (Marcos 4:33, 35). Estudaremos a travessia pelo mar na próxima lição; nesta lição nos concentraremos no “primeiro grupo de parábolas” contadas pelo Senhor¹.

A lição anterior encerrou-se com a história da mãe e os irmãos de Jesus indo vê-lo (Mateus 12:46–50). Depois disso, Cristo saiu da casa em que estivera ensinando e foi para um de Seus locais prediletos: a praia do mar da Galiléia (Mateus 13:1; Marcos 4:1). Como sempre, pessoas vinham de toda parte para ouvi-lo (Lucas 8:4) e mais uma vez Ele foi obrigado a falar de dentro de um barco, enquanto a multidão O ouvia em pé, na praia (Mateus 13:2; Marcos 4:1).

A situação podia ser familiar, mas o sermão que Jesus pregou ali não: consistiu numa série de histórias—todas curtas, algumas muito curtas. “E de muitas coisas lhes falou por parábolas” (Mateus 13:3a; veja Marcos 4:2a).

Jesus já havia usado parábolas antes. O relato de Lucas do sermão do monte diz que Cristo “propôs-

lhes também uma parábola” sobre um cego guiando outro cego (Lucas 6:39). Quando Jesus comeu com Simão, o fariseu, Ele contou a parábola dos dois devedores (Lucas 7:41, 42)². Muitos classificam a ilustração de Jesus dos sete demônios como uma parábola (Lucas 11:24–26)³. O que houve de diferente nessa ocasião de Mateus 13 foi o uso extensivo e exclusivo que Cristo fez de parábolas. Mateus escreveu: “Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia”⁴ (Mateus 13:34; veja Marcos 4:33, 34). Em vez de usar parábolas para ilustrar Seu ensino, as parábolas tornaram-se o instrumento do Seu ensino.

Visto que as parábolas aparecem com tanta proeminência no restante do ministério de Jesus, faz-se necessária uma análise geral desse recurso. Feito isto, analisaremos umas dez parábolas contadas por Cristo naquele “dia agitado”.

PARÁBOLAS: UMA EXPLICAÇÃO (MATEUS 13:10–17; MARCOS 4:10–13, 21–25; LUCAS 8:9, 10, 16–18)

Jesus não foi o único pregador que usou parábolas. As parábolas fizeram parte do repertório dos

²A maioria concorda que a história dos dois devedores é uma parábola, embora ela não seja assim classificada no texto bíblico.

³Outras ilustrações usadas pelo Senhor também poderiam ser classificadas como “parábolas”; por exemplo, Mateus 11:16–19.

⁴A aplicação principal dessa afirmação era em relação ao ensino de Jesus proferido nessa ocasião junto ao mar da Galiléia. Depois disso, Cristo de fato falou às multidões usando outros métodos além das parábolas. Todavia, daquela hora em diante, as parábolas desempenharam um papel muito maior no Seu ensino.

¹Existem três “grandes grupos” de parábolas ao todo. O segundo grupo encontra-se em Lucas 15:1–16:31. O terceiro grupo encontra-se em Mateus 21:23–22:14 e nas passagens correlatas de Marcos e Lucas.

palestrantes do Antigo Testamento (Salmos 78:2⁵; Ezequiel 17:2; 20:49; 24:3; Oséias 12:10). Cristo, porém, é “o único professor da história que se distingue notavelmente pelo uso de parábolas”⁶. Sempre que se mencionam parábolas, inevitavelmente, pensamos em Jesus.

F. LaGard Smith escreveu: “Sendo o Grão-Mestre, Jesus usa numerosos métodos para instruir Seus discípulos.... De todos os Seus métodos, porém, talvez o mais interessante e distinto modo de ensino seja Seu uso de parábolas”⁷. H. I. Hester disse: “As parábolas de Jesus são insuperáveis devido à beleza literária: ‘Elas são arte literária da melhor qualidade já vista no mundo, combinando simplicidade, profundidade, emoção elementar e intensidade espiritual’”⁸.

Parábolas: O quê?

A palavra “parábola” vem de um termo grego composto (*parabole*) pela preposição que significa “ao lado de” (*para*) e pela forma nominal da palavra que significa “lançar” (*ballo*). Significa literalmente “aquilo que é lançado ao lado de” e está relacionada ao vocábulo “paralelo”, que pode ser ilustrado pelo desenho de duas retas paralelas:



Numa parábola, uma afirmação ou história (declarada) é “lançada ao lado de” uma verdade espiritual (geralmente não declarada). A afirmação ou história geralmente é muito simples, mas seu propósito é ensinar uma verdade significativa e profunda. O paralelismo pode ser ilustrado da seguinte maneira:

afirmação ou história declarada

verdade espiritual não declarada

⁵Salmos 78:2 é citado em nosso texto (Mateus 13:35). O que o salmista Asafe disse tornou-se, depois, típico nos discursos de Jesus.

⁶J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 338.

⁷F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order* (“A Bíblia Narrada em Ordem Cronológica”). Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1984, p. 1394.

⁸H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 147. Hester citou William Sanday (1843–1920), um pregador inglês, escritor e professor em Cambridge.

Em alguns livros de hermenêutica⁹, a definição técnica de parábola é “uma símile ampliada”¹⁰. Símile é uma figura de discurso em que se faz uma comparação, geralmente empregando a palavra “como” ou “assim como”. “Esperto como uma raposa” e “vermelho como um pimentão” são símiles. Algumas parábolas enquadram-se nessa definição; mas no Novo Testamento, o termo não é restrito dessa maneira. Algumas parábolas são introduzidas por “como”, “assim como”, “semelhante a” ou termos equivalentes (Mateus 13:31, 33, 44, 45), mas nem todas (Mateus 13:3; veja Lucas 7:41, 42). Às vezes, também, a parábola não é “ampliada” em nenhum sentido do termo, mas é impressionantemente curta (Lucas 6:39).

A parábola também tem sido explicada como “uma história terrena com um significado celestial”. Isto se enquadra em algumas das parábolas mais conhecidas, como a do bom samaritano (Lucas 10:30–37) e a do filho pródigo (Lucas 15:11–32), mas seria difícil classificar algumas parábolas como histórias (veja Lucas 6:39; 8:16).

Verifique diferentes listas de parábolas de Jesus e você encontrará passagens que poderiam ser classificadas como símiles, metáforas, alegorias ou outras figuras de discurso de comparação. Às vezes, as parábolas são o que normalmente chamamos de ilustrações¹¹. Em Lucas 4:23, Cristo referiu-se a um provérbio como uma parábola¹². É melhor, portanto, se pensar numa parábola do Novo Testamento simplesmente como uma comparação traçada entre uma situação mais ou menos conhecida¹³ e uma verdade espiritual desconhecida; esta geralmente não era declarada, mas estava implícita, e aquela geralmente era declarada.

⁹“Hermenêutica” refere-se ao estudo da interpretação das Escrituras.

¹⁰Em contraste com a alegoria, que é definida como “uma metáfora ampliada”. Uma metáfora é uma comparação que não utiliza as palavras “como” ou “assim como”.

¹¹Devido ao amplo uso do termo “parábola” no Novo Testamento, é difícil encontrar duas listas de parábolas de Jesus que sejam iguais.

¹²A tradução para o português [e também para o inglês] diz “provérbio”, mas o original grego contém *parabole* (“parábola”).

¹³Via de regra, as parábolas de Jesus referem-se a acontecimentos corriqueiros, situações vividas por Seus ouvintes em suas famílias e negócios. Algumas vezes, Jesus usou uma situação menos conhecida—como o mundo dos demônios (Lucas 11:24–26) ou o estado dos mortos (Lucas 16:19–31)—mas nenhuma das parábolas deve ser vista como “um conto fantástico”. Todas se baseavam na *realidade*.

Parábolas: Por quê?

O uso extensivo de parábolas nesta ocasião surpreendeu os discípulos de Jesus. Assim que Ele terminou, eles foram até Ele em particular e perguntaram: “Por que lhes falas por parábolas?” (Mateus 13:10). Por que Cristo *usou* parábolas?

Em primeiro lugar, Cristo usou parábolas para revelar a verdade aos receptivos. Via de regra, quando consideramos o propósito das parábolas, pensamos inicialmente no valor positivo delas:

- Parábolas prendem nossa atenção: quase todo mundo gosta de uma história.
- Parábolas estimulam nosso raciocínio: elas nos fazem perguntar: “O que isto significa?”
- Parábolas incitam nossa compreensão: elas ilustram princípios abstratos.
- Parábolas facilitam nossa retenção: elas são fáceis de se memorizar.

As parábolas auxiliam na compreensão e avaliação de conceitos espirituais. Sem dúvida, elas também ajudaram os discípulos de Jesus. Cristo comparou o mestre sábio a um homem que “tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas” (Mateus 13:52). As parábolas eram um meio novo de se ensinar verdades antigas.

Em segundo lugar, Cristo usou parábolas para ocultar a verdade dos não-receptivos. Quando os discípulos de Jesus perguntaram por que Ele estava ensinando por parábolas, Ele não focalizou o positivo, mas o negativo. Disse Jesus: “...porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem” (Mateus 13:13). Ele citou Isaías: “Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos...” (Mateus 13:15; veja Isaías 6:10).

Ao ler essas palavras, tenha em mente o contexto: acusando Jesus de expulsar demônios pelo poder de Belzebu, os fariseus demonstraram que seus corações estavam irre recuperavelmente endurecidos. Era óbvio que eles não ouviam Jesus para aprender a verdade, e sim para encontrar um meio de apanhá-LO numa armadilha. Nesse ambiente hostil, Jesus começou a contar “histórias”—histórias que certamente pareciam desconexas para aqueles que não estavam dispostos a aprender e reveladoras para aqueles cujos corações estavam dispostos a passar tempo descobrindo seus significados (Mateus 13:16, 17).

Assim, as parábolas separavam os corações sinceros dos endurecidos. Num sentido, elas eram uma condenação aos não-receptivos.

Parábolas: Como?

Visto que as parábolas vão ocupar um papel

cada vez maior neste estudo do ministério de ensino de Jesus, devemos dizer algumas palavras sobre como interpretá-las.

O procedimento geral para se interpretar figuras de discurso bíblicas se dá em três passos: 1) entender a figura; 2) apurar a verdade bíblica à qual ela se refere; 3) definir o que as duas têm em comum. Esses passos podem ser assim adaptados para o estudo de parábolas: 1) descobrir tudo o que puder sobre o pano de fundo da história ou da declaração proferida por Jesus. Os cenários podem ser desconhecidos para o leitor atual. 2) Tentar determinar a verdade básica que está sendo ensinada. Em algumas ocasiões, Jesus explicou a parábola detalhadamente (Mateus 13:18–23, 36–43). Às vezes, após contar a parábola, Ele acrescentou uma aplicação (Lucas 7:42b–47; 10:29, 36, 37; 12:40). O contexto geralmente fornece uma pista da mensagem da parábola (Lucas 15:1–3; 18:1). Em outras ocasiões, a única ajuda será um conhecimento geral das verdades do reino de Cristo. 3) Finalmente, colocar lado a lado a parábola e a verdade para ver como aquela lança luz sobre esta.

Em relação ao terceiro passo, deve-se entender que, via de regra, *uma verdade central* é enfatizada em cada parábola. Há exceções a isso (examinaremos duas delas mais adiante), mas precisamos ter o cuidado de não exceder na interpretação de uma parábola, tentando fazer com que cada detalhe signifique alguma coisa¹⁴. Por exemplo, a leitura proposta para esta lição inclui a parábola de um homem que comprou um campo a fim de obter o tesouro ali enterrado (Mateus 13:44). A idéia principal da parábola é que o reino é valioso, e não que devemos imitar as atitudes do homem (que, na melhor das hipóteses, foram suspeitas). Estudamos anteriormente a parábola dos dois devedores e reforçamos que Deus não deve ser identificado com os credores inescrupulosos daqueles dias. Consideremos outras duas ilustrações a serem estudadas mais adiante: se tentássemos fazer cada detalhe “encaixar-se”, as palavras de Jesus em Lucas 12:39 e 40 sugeririam que Ele é um ladrão, e a parábola em Lucas 18:1–6 rotularia Deus de juiz injusto.

É necessário entendermos mais alguns princípios gerais de interpretação de parábolas. 1) A maioria das parábolas são sobre “o reino” (veja Mateus 13:24, 31, 33, 44, 45, 47). O propósito delas era revelar alguns aspectos do reino, incluindo como devem proceder os cidadãos do reino/igreja¹⁵. 2) Quando duas pa-

¹⁴Os pregadores provavelmente são os mais inclinados a isso.

¹⁵Veja o artigo “O Reino dos Céus”, na página 50 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”.

rábulas possuem detalhes semelhantes, os detalhes não possuem necessariamente o mesmo significado em ambas. Por exemplo, na parábola do semeador, “a semente é a palavra de Deus” (Lucas 8:11), e na parábola do joio, as sementes são “os filhos do reino” (Mateus 13:38). 3) Sendo figuras de discurso, as parábolas ilustram basicamente a verdade em vez de revelarem uma nova verdade. Deve-se, portanto, “hesitar em provar uma doutrina religiosa somente pela interpretação de uma única parábola”¹⁶.

Estas informações básicas são suficientes. Analisemos, agora, as parábolas contadas por Jesus naquele “dia agitado”.

PARÁBOLAS: EXEMPLOS

(MATEUS 13:3–9, 18–33, 36–50; MARCOS 4:3–9, 14–20, 26–32; LUCAS 8:5–8, 11–15)

Não sabemos se todas as parábolas que foram contadas naquele dia estão registradas (Marcos 4:2), mas Mateus relatou pelo menos nove delas. Marcos contém várias das mesmas parábolas de Mateus, além de uma que Mateus não registrou. Somente uma das parábolas contadas nesse dia encontra-se em Lucas: a parábola do semeador.

A Parábola do Semeador (Mateus 13:3–9, 18–23; Marcos 4:3–9, 14–20; Lucas 8:5–8, 11–15)

A parábola do semeador encontra-se em todos os três Evangelhos sinóticos devido à sua importância. Jesus disse aos Seus discípulos que se eles não entendessem essa parábola, não entenderiam nenhuma outra parábola (Marcos 4:13). A parábola do semeador serve de chave para todas as demais parábolas¹⁷: foi uma chave para entenderem por que as parábolas foram necessárias. Muitos, senão todos, dos que foram ouvir Jesus possuíam corações endurecidos, rasos ou divididos. Esta parábola em particular também serviu de chave para entenderem outras parábolas. A parábola do semeador será examinada com detalhes no próximo sermão, mas ela é tão importante que alguns comentários se fazem necessários neste momento.

Jesus começou Seu ensino à beira-mar falando de quatro tipos de solo: o solo à beira do caminho, o solo rochoso, o solo espinhoso e o solo bom¹⁸. Ao

¹⁶John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 89.

¹⁷Alguém chamou-a de “uma parábola sobre as parábolas”.

¹⁸Considerando que a ênfase da parábola é os solos, e não o semeador, alguns comentaristas sugeriram que ela poderia ser chamada de “a parábola dos solos”. Todavia, Jesus

terminar¹⁹, assim que estavam a sós, Seus discípulos Lhe perguntaram qual era o significado da parábola (Marcos 4:10; Lucas 8:9)²⁰. Jesus explicou que cada um dos solos representava um estado do coração que afetaria como esse coração receberia a Palavra de Deus. Somente os que possuíssem corações “bons e retos” teriam vidas espiritualmente frutíferas (Lucas 8:15).

Todos os dias, Jesus era cercado de todos os quatro tipos de coração. Os fariseus de coração duro tentavam apanhá-LO numa armadilha. A multidão volúvel estava entusiasmada com o ministério e os milagres de Cristo, mas não entendia a natureza real de Sua missão. Havia até os de coração dividido—tipificados por Judas, que relutava com seu amor ao dinheiro (veja João 12:6). Havia também uns poucos de coração bom e reto ao redor dEle, os quais fizeram Seu esforço sobre-humano valer a pena.

Esta parábola serviu para um propósito prático ao explicar aos discípulos de Jesus por que Ele fora rejeitado pelos líderes judeus. Ela também serviria para um propósito prático futuramente, quando eles mesmos comessem a pregar: explicava por que alguns aceitariam o evangelho e outros não. A mensagem dessa parábola ainda é vitalmente necessária a todos que ensinam e pregam a Palavra hoje.

A Parábola do Crescimento Silencioso (Marcos 4:26–29)

Segundo Marcos, imediatamente após Jesus contar a parábola do semeador, Ele falou de uma semente que cresceu sozinha até a época da colheita²¹. É uma história simples cujos detalhes são conhecidos a qualquer que já tenha plantado uma safra sem precisar cultivar a terra²². Como na parábola anterior, devemos pensar no solo como um coração humano e na semente como o evangelho. A parábola provavelmente foi contada para encorajar os discípulos:

disse: “Atendei... à parábola do semeador” (Mateus 13:18), por isso estamos usando essa designação.

¹⁹Embora a explicação da parábola do semeador apareça imediatamente, é provável que Jesus tenha terminado seu discurso parabólico à multidão, antes de Se retirar juntamente com Seus discípulos. Nessa ocasião, Ele parece ter explicado a parábola do semeador e a do joio—contando, a seguir, algumas parábolas dirigidas somente aos discípulos.

²⁰Embora a Bíblia registre explicações detalhadas de somente duas parábolas (a do semeador e a do joio), Marcos 4:34 diz que Jesus “tudo... explicava aos seus próprios discípulos”.

²¹Esta parábola é às vezes chamada de “a parábola da semente que cresceu sozinha”.

²²A maioria dos campos de grãos não é lavrada entre o plantio e a colheita. Podem ser irrigados e fertilizados, mas qualquer tentativa de lavragem arrancaria as plantas.

- O evangelho exerce efeito nos corações dos ouvintes, estejam ou não cientes disso.
- Leva tempo para a semente germinar e crescer, por isso precisamos ser pacientes.
- Permanecendo fiéis à tarefa de semear, Deus finalmente dará o crescimento (1 Coríntios 3:6).

Há mais de cinquenta anos, quando estudei a vida de Cristo com J. W. Roberts, o irmão Roberts falou de um editor da revista *Gospel Advocate* que realizava um encontro evangelístico onde não havia nenhuma igreja do Senhor. Durante três semanas, o pregador trabalhou, derramando o coração em cada sermão, na esperança de conseguir uma torrente de conversões. Houve apenas um batismo: uma menina pré-adolescente. O evangelista teve de se esforçar para não se sentir decepcionado. Temos, porém, de nos lembrar que a semente cresce lenta e silenciosamente, mas, com certeza, cresce. A garotinha cresceu, casou-se, teve seis meninos—e todos eles se tornam pregadores do evangelho. “E não nos cansemos... porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gálatas 6:9; veja Eclesiastes 11:6).

A Parábola do Joio (Mateus 13:24–30, 36–43)

Jesus também contou outra parábola sobre o crescimento da semente: Ele falou de um inimigo que semeou joio num campo logo depois de semear ali trigo. O joio é uma erva daninha muito parecida com o trigo, especialmente nos primeiros estágios de crescimento. Quando o ato destrutivo foi descoberto, os servos foram até o dono da terra e perguntaram se deveriam arrancar o joio. Àquela altura, as raízes das plantas jovens estariam entrelaçadas, por isso o agricultor disse: “Não! ...para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo” (Mateus 13:29). Ele instruiu os servos a deixarem as plantas crescerem juntas até a ceifa, ou colheita, quando então seria feita a divisão entre os grãos desejados e os indesejados (v. 30).

Mais tarde, os discípulos pediram para Cristo explicar a parábola (v. 36). Ele disse que o inimigo era o diabo, e que a ceifa era a consumação do século (v. 39). Nesta série, há duas parábolas relacionadas ao Dia do Juízo final; esta é uma delas²³. Os versículos 39 a 43 traçam um retrato vívido da segunda vinda e do juízo subsequente.

Alguns já tentaram aplicar esta parábola à disciplina na igreja, dizendo que ela nos ensina a não fazer nenhum esforço para excluir da comunhão os

²³ A outra é a parábola da rede de peixes.

trabalhadores maus. Tal interpretação contradiria o próprio Jesus (Mateus 18:15–18; veja também 1 Coríntios 5:4, 5, 11, 13b). J. W. McGarvey escreveu: “Esta parábola e sua explicação são às vezes usadas como um argumento contra a disciplina na igreja, mas esse uso é evidentemente errôneo. O campo não é a igreja, mas o mundo, e o ensino da parábola é que não devemos tentar exterminar os maus”²⁴. John Carter concordou com isso: “...’os filhos do Reino’ e ‘os filhos dos ímpios’ devem conviver na terra até o final dos tempos. É muito claro que [a parábola] não é... uma injunção para a igreja reter no rol de seus membros aqueles que vivem desordenadamente ou que são manifestadamente incrédulos”²⁵.

Talvez essa parábola tenha sido contada para ajudar os discípulos a entender por que tantas pessoas não eram receptivas: o inimigo deles, o diabo, estava em atividade. Ela também deve ter dado a eles uma visão mais clara da natureza de longo alcance do trabalho que estavam realizando.

As Parábolas do Grão de Mostarda e do Fermento (Mateus 13:31–33; Marcos 4:30–32)²⁶

De acordo com o registro bíblico, as demais parábolas contadas naquele dia eram muito curtas e não incluíam explicações. A primeira delas deu continuidade ao tema da semente que cresce: a parábola do grão de mostarda. Aqui a ênfase era o tamanho da semente comparado à planta final: o grão de mostarda era minúsculo²⁷, mas produzia uma planta enorme²⁸. Mais uma vez, isto provavelmente foi dito para encorajar os discípulos: embora o movimento de Cristo tivesse tido um início pequeno, ele se espalharia e teria êxito além dos sonhos mais extraordinários deles, desde que permanecessem fiéis à tarefa de semear. A verdade desta parábola pode ser vista hoje em regiões como a África e a Índia.

Na próxima parábola (a parábola do fermento), o cenário mudou de um agricultor em seu campo para uma mulher fazendo pão para a família. Uma explicação se faz necessária aqui para os que des-

²⁴ McGarvey e Pendleton, p. 339.

²⁵ Carter, p. 132.

²⁶ Vários pares de parábolas compatíveis são apresentados nesta série. Este é um deles.

²⁷ A afirmação de Jesus de que o grão de mostarda era menor do que todos os outros grãos aplicava-se àquela época, não necessariamente a outras épocas e locais. Se puder, compre uma semente de mostarda e mostre sua pequenez aos ouvintes.

²⁸ Novamente, pense na árvore de mostarda daquela época e local, não necessariamente na mostarda que você conhece. J. W. Roberts disse à sua classe que as árvores de mostarda citadas por Jesus cresciam à altura de um homem montado a cavalo.

conhecem o preparo de pães antes da invenção dos fermentos prontos²⁹: quando uma mulher fazia pão, ela amassava uma pequena porção de farinha e a guardava embrulhada num lugar quente. Da próxima vez que ela fosse fazer pão, ela trabalhava aquela porção juntamente com o restante da massa e reservava a massa. O fermento se espalhava por toda a massa, fazendo-a crescer. A seguir, ela pegava uma pequena porção dessa massa para usar na próxima vez que fizesse pão. Com o passar do tempo, uma pequena porção do fermento teria levedado centenas, até milhares de unidades de pães.

Embora a imagem seja diferente, a mensagem parece ser basicamente a mesma da parábola do grão de mostarda: a Palavra gera um poder que a capacita a se espalhar e crescer³⁰. Esta verdade é um encorajamento para quem está tentando propagar o evangelho. E contém um significado especial para os cristãos de hoje que trabalham com o ministério *A Verdade para Hoje*.

As Parábolas do Tesouro Escondido e da Pérola de Grande Valor (Mateus 13:44–46)

O restante das parábolas de Mateus 13 pode ter sido dito em particular aos discípulos (v. 36). As duas primeiras parábolas desse segmento formam uma dupla: ambas são sobre homens que localizaram algo de grande valor. O primeiro desenterrou um tesouro acidentalmente (v. 44), e o segundo encontrou uma pedra muito procurada (vv. 45, 46)³¹. Em cada caso, o homem reconheceu o valor do que havia descoberto e pagou o preço para adquirir o tesouro. Muitas lições podem ser extraídas dessas parábolas³², mas um dos propósitos certamente foi encorajar os seguidores de Jesus. O desafio lançado diante deles era digno de todo sacrifício necessário para vencê-lo.

²⁹Obviamente, não existiam naquela época os pães industrializados nem as máquinas de fazer pão.

³⁰Via de regra, o fermento é usado no Novo Testamento num sentido negativo, para ilustrar uma influência indesejável (Mateus 16:6; 1 Coríntios 5:6–8; Gálatas 5:9). Ambas as parábolas do grão de mostarda e do fermento podem ter sido uma advertência aos discípulos contra a influência insidiosa do mal. No contexto, porém, a intenção parece ser de uma perspectiva positiva em ambos os casos.

³¹Se quiser, dê exemplos de como alguns descobrem o “tesouro” do evangelho acidentalmente, enquanto outros o acham após muito procurar. Talvez a maneira mais comum de pessoas descobrirem o evangelho acidentalmente seja através de um amigo cristão.

³²Publicamos um sermão sobre essas duas parábolas na edição “Conheça o Mestre, 1” de *A Verdade para Hoje*, pp. 29–35. O sermão destaca a necessidade de estar disposto a pagar o preço.

A Parábola da Rede de Pesca (Mateus 13:47–50)

A série de parábolas encerrou-se com uma história sobre se pescar no mar da Galiléia com uma rede que recolhia peixes bons e maus. Quando um judeu ouvia “bom” e “mau”, ele provavelmente pensava em “puro” e “imundo”. A Lei permitia que só comessem peixes com barbatanas e escamas (Levítico 11:9–12). Porque a rede pegou peixes puros e imundos, era necessário que os pescadores separassem os que eram comestíveis dos que não eram. Jesus comparou esse processo de separação com o Juízo final. Neste sentido, esta parábola seria como a do joio. Ela também poderia conter uma lição adicional para os discípulos. Jesus disse: “...eu vos farei pescadores de homens” (Mateus 4:19). Agora, talvez Ele estivesse lhes dizendo para não se surpreenderem com “a pesca” resultante do ensino por eles anunciado.

CONCLUSÃO

Naquele dia Jesus usou pelo menos duas outras ilustrações que geralmente são classificadas como parábolas: a referência à luz de uma candeia (Marcos 4:21, 22; Lucas 8:16, 17) e o exemplo de coisas velhas e novas tiradas do tesouro de um homem (Mateus 13:52). Todavia, precisamos trazer essa lição para mais perto de nossos corações. Na próxima lição, completaremos a análise do “dia agitado”, estudando a travessia pelo mar da Galiléia e as aventuras decorrentes dessa viagem.

Após Jesus ter contado as parábolas, Ele fez uma pergunta aos Seus seguidores. A resposta deles me faz rir. Jesus perguntou: “Entendestes todas estas coisas?”, e eles responderam: “Sim!” (Mateus 13:51). Pode ser que tenham entendido parcialmente, mas os acontecimentos subseqüentes indicam que o entendimento deles era limitado. Se você e eu quisermos tirar algum proveito desta lição—e de todas as lições desta série—teremos de prestar atenção a duas instruções do Senhor: “Atentai *no que* ouvís” (Marcos 4:24; grifo meu); e: “Vede, pois, *como* ouvís” (Lucas 8:18; grifo meu). “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Marcos 4:9; veja v. 23).



“Ouça a Parábola do Semeador”

Mateus 13:3-10, 18-23;

Marcos 4:2-10, 13-20;

Lucas 8:4-9, 11-15,

Olhando de perto



Quanto mais prego, mais me convenço de que o público ouvinte determina, em grande escala, a eficácia de qualquer sermão. Posso pregar um sermão num lugar e as pessoas o estimarem como fora de série; posso pregar esse mesmo sermão em outro lugar e alguns ouvintes o considerarem medíocre ou até ruim. Num lugar, um sermão pode tocar muitos corações; em outro, o mesmo sermão pode não surtir um efeito positivo visível. Embora eu tenha de admitir que a apresentação de um sermão varia de um lugar para outro, a maior diferença parece estar nos ouvintes. Jesus certa vez ensinou uma parábola que enfatizava o papel que os ouvintes desempenham no sucesso do evangelho¹.

A PARÁBOLA

(MATEUS 13:3-9; MARCOS 4:2-9; LUCAS 8:4-8)

Jesus começou dizendo: “Eis que o semeador saiu a semear” (Mateus 13:3b).

O Solo à Beira do Caminho: Endurecido

“E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho” (Mateus 4a). Não havia cercas entre os campos da Palestina daqueles dias e as trilhas que passavam por dentro das plantações. Esses caminhos eram pisados e endurecidos pelos que atravessavam os campos. Sem conseguir penetrar no solo, a semente ficou na superfície; por conta disso, “foi pisada, e as aves do céu a comeram” (Lucas 8:5b)².



¹As anotações que tenho sobre esta lição remontam a muitos anos, de maneira que não disponho de todas as fontes. Lembro-me que a obra de McGarvey, *Fourfold Gospel* (“O Evangelho Quádruplo”) foi uma grande fonte, e também utilizei idéias sobre aplicação e ilustração de um material em flanelógrafo. Além destes, não saberia a quem agradecer. Apresento minhas desculpas por não conceder o crédito a quem ele é devido.

²Enquanto estiver falando, mostre gravuras dos diferentes tipos de solo. Se quiser, amplie as gravuras impressas nesta página e nas seguintes.

O Solo Rochoso: Raso

“Outra parte [isto é, das sementes] caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca” (Mateus 13:5a). Esse era um terreno onde havia uma camada de pedras escassamente cobertas de terra³. Lugares assim eram comuns nos campos da Palestina, bem como em todos os países montanhosos. Esse terreno era tão duro quanto o solo à beira do caminho, mas dava a aparência de ser um solo bom.



Quando a semente caiu nesse tipo de terreno, ela penetrou um pouco o solo e começou a crescer. Entretanto, o solo era tão raso que a planta não desenvolveu raízes profundas. “E logo nasceu, visto não ser profunda a terra” (v. 5b). O resultado foi que, “saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz [nem “umidade”; Lucas 8:6], secou-se” (Mateus 13:6).

O Solo Espinhoso: Dividido

“Outra [semente] caiu entre os espinhos” (Mateus 13:7a). Esse era um solo bom, rico, mas já habitado por espinhos. J. W. McGarvey escreveu que existem dezesseis variedades de espinhos na Palestina e que há lugares onde esses arbustos são tão espessos que é impossível um homem montado a cavalo passar por eles⁴.

É possível que esse solo tivesse a aparência de um solo bom porque as pontas dos espinhos haviam sido cortadas—mas as raízes continuavam por baixo da superfície. Quando eu era menino e meu pai me mandava carpir os matos do jardim, confesso que muitas vezes eu só tirava os matos que estavam

³Não pense em terra cheia de pedras de todos os tamanhos, mas numa fina camada de solo sobre uma camada rochosa.

⁴J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 330.

por cima. Assim, o jardim *parecia* limpo, e o trabalho não tomava muito tempo. Obviamente, o resultado final era que eu tinha de voltar a carpir os matos muito mais cedo!

A semente conseguiu crescer nesse solo e até desenvolveu raízes, mas “os espinhos... cresceram com ela” (Lucas 8:7). Resultado: “e os espinhos cresceram e a sufocaram” (Mateus 13:7b). Certa vez tomei nota da seguinte verdade, cuja fonte não me recordo: “O solo só

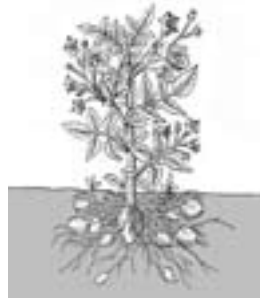


agüenta uma certa quantidade de plantas, e cada erva daninha viva significa uma carreira estragada na espiga de milho”. Os espinhos não mataram a planta, como foi no caso do solo rochoso. A planta cresceu, mas foi sufocada. Desenvolveu as espigas do grão, mas estas estavam vazias—por isso “não deu fruto” (Marcos 4:7).

O Solo Bom: Macio, Profundo e Limpo

“Outra, enfim, caiu em boa” terra (Mateus 13:8a).

Esse era o solo fértil, preparado e pronto para receber a semente. Era o contrário dos outros solos. O solo à beira do caminho era duro, mas este era fofo. O solo rochoso era raso, enquanto este era profundo. O solo espinhoso era cheio de ervas daninhas, mas este estava limpo. Aqui a semente conseguiu penetrar e crescer sem interferência. Qual foi o resultado? O solo “deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um” (v. 8b).



Depois de contar a parábola, Jesus disse: “Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça” (v. 9). Ele enfatizou que aquela não era uma história para ser ouvida e esquecida. Jesus estava desafiando Seus ouvintes a entenderem o significado da história.

A APLICAÇÃO

(MATEUS 13:10, 18–23; MARCOS 4:10, 13–20;
LUCAS 8:9, 11–15)

Os discípulos de Jesus foram até Ele, perguntando por que Ele falava por parábolas (Mateus 13:10) e qual era o significado daquela parábola (Lucas 8:9). Então, Cristo explicou. Ele começou dizendo: “Atendei vós, pois, à parábola do semeador” (Mateus 13:18).

Antes de chegarmos à explicação dos solos, precisamos dedicar alguns minutos à importância da

semente, do semeador e do campo. Primeiro, consideremos a *semente*: Jesus disse: “Este é o sentido da parábola: a semente é a palavra de Deus” (Lucas 8:11). E disse outra vez: “O semeador semeia a palavra” (Marcos 4:14). A semente é a “incorrupível... palavra de Deus” (1 Pedro 1:23), e o *semeador* é quem semeia ou propaga a Palavra—o professor ou pregador. Falando de sua pregação, Paulo disse: “Eu plantei” (1 Coríntios 3:6a). E quanto ao *campo*? É o coração ou a mente do homem. É a mente que possui a capacidade de entender a Palavra. Jesus explicou “a boa terra” como “os que, tendo ouvido de bom e reto coração, retêm a palavra” (Lucas 8:15).

Aqui está o impacto da parábola: o semeador e a semente são os mesmos em cada caso; a diferença está nos solos⁵. Cada solo estava num estado diferente ao receber a semente, por isso o resultado foi diferente em cada caso. Esta parábola poderia fazer cada um de nós perguntar a si mesmo: “Qual é o estado do meu coração? Como recebo a Palavra?”

Vejamos agora a explicação de Jesus para os quatro tipos de solo ou coração.

O Solo À Beira do Caminho: O Coração Endurecido

O solo à beira do caminho representa o *coração endurecido*—esmagado pela indiferença ou preconceito e “endurecido pelo engano do pecado” (Hebreus 3:13). Se você já tentou ensinar pessoas, deve ter encontrado aqueles que não demonstram nenhum interesse pelo evangelho. Paulo falou desse tipo de pessoa em 1 Coríntios 2:14: “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. Falta-lhes o “amor da verdade” (2 Tessalonicenses 2:10). A semente da Palavra não pode penetrar nesses corações.

Jesus então disse: “A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatá o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho” (Mateus 13:19). Assim como pássaros apanham sementes à beira do caminho, o diabo retira a Palavra do homem com o coração endurecido. Como? A maneira mais simples e comum é enchendo imediatamente a mente dessa pessoa com uma porção de outros pensamentos. Por que Satanás faz isso? “...para não suceder que, crendo, sejam salvos” (Lucas 8:12). A fé vem pela Palavra de Deus (Romanos 10:17), e o diabo não quer que as pessoas ouçam a Palavra e

⁵É verdade que o solo (o coração) precisa ser preparado pelo semeador (o professor) e mantido limpo, mas nesta parábola só a condição do solo (o coração) é levada em conta.

creiam nela. Ele quer que estejam com ele, no inferno, tantos quanto possível.

É possível que alguém que leia essas palavras tenha esse tipo de coração? É possível que alguém tenha o coração endurecido para receber a Palavra? A Bíblia afirma: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração” (Hebreus 4:7b). Pelo contrário, “acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma” (Tiago 1:21). Lembre-se de uma coisa: perder a semente é perder a vida... pois a vida espiritual está na semente!

O Solo Rochoso: O Coração Raso

A seguir, Jesus explicou o significado do solo rochoso: “O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria” (Mateus 13:20). O solo rochoso descreve as pessoas volúveis, superficiais. Talvez você já tenha conhecido esse tipo de indivíduo: ele parece aceitar a verdade com alegria. Obedece rapidamente ao evangelho, e todos se alegram: “Não é maravilhoso que levou tão pouco tempo para ele se tornar cristão?” Daí, com a mesma rapidez, o interesse morre e nossos corações se abatem. Essa pessoa é como a planta que rapidamente se seca porque o solo não era profundo. Por alguma razão, esse indivíduo não ficou alicerçado⁶ na verdade. Ele não compreendeu a verdadeira importância do cristianismo.

Segundo a descrição de Jesus, tal indivíduo “não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração” (v. 21a). Ele causa uma impressão melhor do que o primeiro tipo de solo, mas não resiste “até ao fim” (10:22). O resultado final é o mesmo: “...em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza” (13:21). A ERC diz “logo se ofende”. Assim como a planta de raízes não profundas seca ao sol, esse indivíduo define-se diante de tribulação e perseguição. Assim como o sol fortalece a planta que está firmemente enraizada e seca a que não tem raízes profundas, a perseguição fortalece o cristão que tem raízes profundas⁷ em Cristo e seca o discípulo superficial⁸.

Observe-se a repetição da palavra “logo” na parábola: “ouve a palavra e logo a recebe, com alegria” (Mateus 13:20), mas ao descobrir que a palavra traz perseguição, ele “logo se escandaliza” (v. 21). Quando percebeu que a cruz vinha antes da coroa, renunciou à coroa para evitar a cruz.

Espero que este solo não descreva você. Uma das melhores maneiras de saber qual é a profundidade das suas raízes é verificar como você reage à perseguição. O cristão raso geralmente parece tão “saudável” quanto qualquer outro cristão, até que ser um seguidor de Jesus se torne difícil, até que seja mais fácil desobedecer do que obedecer a Deus:

- Até que seja mais fácil ficar na cama do que ir à aula bíblica.
- Até que seja mais fácil ir pescar do que ir ao culto de adoração.
- Até que seja mais fácil permanecer calado do que partilhar o evangelho.
- Até que seja mais fácil acompanhar o mundo do que ser “a luz do mundo”.
- Até que seja mais fácil deixar o erro passar despercebido do que defender a verdade.⁹

Qual é a *sua* reação “quando lhe sobrevém angústia ou perseguição por causa da palavra”? Se você tem sido um cristão raso, oro para que você redirecione a sua vida e aprofunde suas raízes na Palavra de Deus.

O Solo Espinhoso: O Coração Dividido¹⁰

Chegamos ao solo espinhoso. Jesus deu a seguinte explicação para esse tipo de solo: “O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera” (Mateus 13:22).

Este, para mim, é o estado mais lamentável nesta parábola. A pessoa que se mostra promissora é como o solo rico e argiloso. Ela não é endurecida, nem é rasa; tem riqueza de caráter e profundidade de personalidade. Tem o potencial para tornar-se um filho de Deus frutuoso. Infelizmente, seu coração está cheio de “espinhos” mundanos. Talvez, tal qual a minha carpinada no jardim quando eu era menino, essa pessoa pode ter arrancado superficialmente os espinhos, de maneira que eles não apareceram na superfície—mas sua ligação com o mundo ainda está lá dentro do seu coração.

Quando esse indivíduo se torna cristão, há todos os indícios de uma verdadeira conversão. Entretanto, em vez de colocar Cristo em primeiro lugar em seu coração (Mateus 6:33), ele o encheu com os cuidados do mundo (13:22), “a fascinação das rique-

⁶Leia Colossenses 1:23.

⁷Leia Colossenses 2:7.

⁸Esta frase foi adaptada de McGarvey e Pendleton, p. 334.

⁹Adapte as aplicações à realidade dos seus ouvintes.

¹⁰Outro termo que poderia ser usado é “O Coração Dividido”.

zas” (v. 22), os “deleites da vida” (Lucas 8:14) e “as demais ambições” (Marcos 4:19). O coração do ser humano em relação às suas preferências é como o solo, que só agüenta uma quantidade limitada de plantas: “Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mateus 6:24b)—ou a Deus e aos prazeres, ou a Deus e a qualquer outra coisa.

Devido à natureza do coração desse indivíduo, a Palavra dentro dele é sufocada. Ela não é morta nem destruída, mas é sufocada. Assim como os espinhos sugam a vitalidade das plantas ao redor deles, o prazer espiritual desse indivíduo é drenado. Dotado de tantas habilidades, ele poderia ser um grande cristão, mas seu único desejo é ser um grande empresário ou um grande político ou alguma outra grande coisa.

O resultado é que ele é infrutífero no serviço do Senhor. Cristo disse que os frutos desse indivíduo “não chegam a amadurecer” (Lucas 8:14). Assim como a espiga de trigo vazia tem a aparência de ter fruto, esse indivíduo exibe as formas exteriores do cristianismo, mas na realidade sua vida é uma concha vazia. Ele não gera nenhum fruto para Cristo¹¹. No final, ele descobrirá que ganhou o mundo, mas perdeu a sua alma (Marcos 8:36).

Novamente, é hora de um auto-exame. Será que temos deixado algum desses problemas sugar a nossa vitalidade espiritual?

1) *Os cuidados e as preocupações do mundo.* Temos deixado que questões insignificantes nos distraiam de nos entregarmos com todo o coração ao Senhor? Como Marta, será que estamos “inquietos e nos preocupamos com muitas coisas” (veja Lucas 10:41), a ponto de nos esquecermos do que realmente é “necessário” (Lucas 10:41, 42)?

2) *A fascinação das riquezas.* Temos deixado que as riquezas nos enganem fazendo-nos pensar que acumular bens é tudo o que importa? Precisamos de pouco—e por pouco tempo. Não vamos negligenciar as coisas importantes da vida em nossa louca correria para “prosperar” sempre.

3) *Deleites e ambições.* É possível que o mundanismo esteja sugando nossa vida espiritual? Será que o mundo está fixando residência em nossos corações? Empregamos mais tempo e energia em “diversões” do que no serviço a Deus e ao próximo?

São numerosos os cristãos que se enquadram na categoria do coração dividido. Temos talentos e potencial que poderiam ser usados para Deus, mas permitimos que outros interesses tomem o lugar do

¹¹Se quiser, explique o que significa ser “frutífero” para o Senhor. Isto será comentado perto do final do sermão.

amor a Deus. Esforcemo-nos para manter o coração centrado no Senhor. Jesus disse: “Bem-aventurados os limpos de coração” (Mateus 5:8a). Paulo escreveu: “Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Colossenses 3:1, 2).

O Solo Bom: O Coração Bom e Reto

Chegamos finalmente ao “solo bom”, que Jesus identificou como aqueles que possuem corações “bons e retos” (Lucas 8:15). Esses corações não são endurecidos, nem rasos ou divididos. Eles “ouvem a palavra e a recebem” (Marcos 4:20). Empregam o esforço necessário para “compreender” a Palavra (Mateus 13:23). Tendo recebido a Palavra, eles a “retêm” (Lucas 8:15). São como o homem descrito pelo salmista: “o... prazer [deles] está na lei do Senhor” (Salmos 1:2).

Nesse tipo de coração, a Palavra pode germinar, crescer e finalmente produzir fruto. Jesus disse que esse é o homem “que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um” (Mateus 13:23). Solos diferentes possuem potenciais diferentes, por isso a porcentagem do crescimento varia, mas todos—cem, sessenta e trinta vezes—dão bons retornos. Aqui, por fim, está o resultado desejado da semente da palavra: um cristão maduro dando fruto espiritual em sua vida!

Novamente, convido cada um de nós a olhar para si mesmo. Pergunte a si mesmo: “Eu tenho um coração bom e reto? Recebo com vivacidade a Palavra de Deus? Tenho um desejo de obedecer a Deus em tudo?”

Uma forma de se responder a essas perguntas é fazendo o “teste do fruto”. Jesus disse: “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:16a). Estamos dando fruto em nossas vidas? Somos filhos de Deus há um tempo suficiente para Deus esperar legitimamente encontrar frutos em nossas vidas?¹² Cristo disse: “Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos” (João 15:8). Paulo escreveu que fomos unidos com Cristo “a fim de que frutifiquemos para Deus” (Romanos 7:4). O apóstolo insiste para “vivermos de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado,

¹²Se quiser ampliar este assunto, use plantas conhecidas pelos seus ovintes. Tenho sete nogueiras crescidas, e mais duas jovens. Eu não esperava colher logo frutos das duas árvores jovens, mas em determinado ano era hora de começar a ver algum fruto. Se, após algumas estações, elas não tivessem dado fruto, teriam sido cortadas. (Elas estão a salvo porque de fato deram fruto.)

frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus” (Colossenses 1:10).

O que significa “dar fruto”? A palavra “fruto” pode significar “resultado; efeito”¹³. Dar fruto para o Senhor significa que a Palavra surtiu o *efeito* desejado em nossas vidas, que pessoas podem ver o *resultado* prático da Palavra em nosso modo de vida. Estamos “dando fruto” quando nosso comportamento reflete o caráter de Jesus. Estamos “dando fruto” quando tratamos as pessoas com mais bondade e quando ajudamos o próximo. Estamos “dando fruto” quando nosso amor pelas coisas espirituais torna-se visível na fidelidade de nossa adoração e no aumento do nosso serviço. Estamos “dando fruto” quando partilhamos o evangelho e levamos outros para mais perto do Senhor¹⁴.

Novamente, repetimos as palavras de Cristo: “Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça” (Mateus 13:9). Elas podem servir não só como um chamado à compreensão, mas também como um resumo da lição: ouça e aceite as palavras de Cristo e você será abençoado!

CONCLUSÃO

Não sei como você aceitou a Palavra no passado, mas gostaria de incentivá-lo a aceitá-la agora com a atitude de coração prescrita por Tiago:

Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma. Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos (Tiago 1:21, 22).

Aqui estão algumas passagens bíblicas importantes que podem ou não ser familiares a você:

Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado (Marcos 16:16).

Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo (Atos 2:38).

E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele (Atos 22:16).

Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida (Apocalipse 2:10).¹⁵

¹³ *American Heritage Dictionary*, 4ª ed. (2001), v.v. “fruit” (“fruto”).

¹⁴ Adapte e amplie este parágrafo conforme a realidade dos seus ouvintes.

¹⁵ Dependendo do seu público-alvo, você pode incluir passagens sobre como um cristão infiel pode ser restaurado (Atos 8:22; Tiago 5:16; 1 João 1:9).

Oro para que você tenha um coração bom e reto—que ouça, aceite, compreenda, obedeça e retenha esses versículos em seu coração!



Atribuição de Leitura nº. 13

Mateus 8:18, 23–34; 9:1, 10–17;
Marcos 2:15–22; 4:35–41; 5:1–21;
Lucas 5:29–39; 8:22–40

Mateus 8:18

¹⁸Vendo Jesus muita gente ao seu redor, ordenou que passassem para a outra margem.

Mateus 8: 23–34

²³Então, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram.

²⁴E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia.

²⁵Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos!

²⁶Perguntou-lhes, então, Jesus: Por que sois tímidos, homens de pequena fé? E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança.

²⁷E maravilharam-se os homens, dizendo: Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?

²⁸Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros, e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho.

²⁹E eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?

³⁰Ora, andava pastando, não longe deles, uma grande manada de porcos.

³¹Então, os demônios lhe rogavam: Se nos expeles, manda-nos para a manada de porcos.

³²Pois ide, ordenou-lhes Jesus. E eles, saindo, passaram para os porcos; e eis que toda a manada se precipitou,

despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, e nas águas pereceram.

³³Fugiram os porquinhos e, chegando à cidade, contaram todas estas coisas e o que acontecera aos endemoninhados.

³⁴Então, a cidade toda saiu para encontrar-se com Jesus; e, vendo-o, lhe rogaram que se retirasse da terra deles.

Mateus 9:1

¹Entrando Jesus num barco, passou para o outro lado e foi para a sua própria cidade.

Mateus 9:10-17

¹⁰E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos.

¹¹Ora, vendo isto, os fariseus perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?

¹²Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes.

¹³Ide, porém, e aprendei o que significa:

Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e sim pecadores [ao arrependimento].

¹⁴Vieram, depois, os discípulos de João e lhe perguntaram: Por que jejuamos nós, e os fariseus [muitas vezes], e teus discípulos não jejuam?

¹⁵Respondeu-lhes Jesus: Podem, acaso, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias hão de jejuar.

¹⁶Ninguém põe remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo tira parte da veste, e fica maior a rotura.

¹⁷Nem se põe vinho novo em odres velhos; do contrário, rompem-se os odres, derrama-se o vinho, e os odres se perdem. Mas põe-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam.

Marcos 2:15–22

¹⁵Achando-se Jesus à mesa na casa de Levi, estavam

juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque estes eram em grande número e também o seguiam.

¹⁶Os escribas dos fariseus, vendo-o comer em companhia dos pecadores e publicanos, perguntavam aos discípulos dele: Por que come [e bebe] ele com os publicanos e pecadores?

¹⁷Tendo Jesus ouvido isto, respondeu-lhes: Os são não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores.

¹⁸Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. Vieram alguns e lhe perguntaram: Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?

¹⁹Respondeu-lhes Jesus: Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Durante o tempo em que estiver presente o noivo, não podem jejuar.

²⁰Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; e, nesse tempo, jejuarão.

²¹Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura.

²²Ninguém põe vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho romperá os odres; e tanto se perde o vinho como os odres. Mas põe-se vinho novo em odres novos.

Marcos 4:35–41

³⁵Naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes Jesus: Passemos para a outra margem.

³⁶E eles, despedindo a multidão, o levaram assim como estava, no barco; e outros barcos o seguiam.

³⁷Ora, levantou-se grande temporal de vento, e as ondas se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água.

³⁸E Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro; eles o despertaram e lhe disseram: Mestre, não te importa que pereçamos?

³⁹E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar:

Acalma-te, emudece! O vento se aquietou, e fez-se grande bonança.

⁴⁰Então, lhes disse: Por que sois assim tímidos?! Como é que não tendes fé?

⁴¹E eles, possuídos de grande temor, diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?

Marcos 5:1–21

¹Entrementes, chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos.

²Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo,

³o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo;

⁴porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e os grilhões, despedaçados. E ninguém podia subjugar-lo.

⁵Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras.

⁶Quando, de longe, viu Jesus, correu e o adorou,

⁷exclamando com alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes!

⁸Porque Jesus lhe dissera: Espírito imundo, sai desse homem!

⁹E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião é o meu nome, porque somos muitos.

¹⁰E rogou-lhe encarecidamente que os não mandasse para fora do país.

¹¹Ora, pastava ali pelo monte uma grande manada de porcos.

¹²E os espíritos imundos rogaram a Jesus, dizendo: Manda-nos para os porcos, para que entremos neles.

¹³Jesus o permitiu. Então, saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram.

¹⁴Os porqueiros fugiram e o anunciaram na cidade e pelos

campos. Então, saiu o povo para ver o que sucedera.

¹⁵Indo ter com Jesus, viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo; e temeram.

¹⁶Os que haviam presenciado os fatos contaram-lhes o que acontecera ao endemoninhado e acerca dos porcos.

¹⁷E entraram a rogar-lhe que se retirasse da terra deles.

¹⁸Ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele.

¹⁹Jesus, porém, não lho permitiu, mas ordenou-lhe: Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti.

²⁰Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam.

²¹Tendo Jesus voltado no barco, para o outro lado, afluíu para ele grande multidão; e ele estava junto do mar.

Lucas 5:29–39

²⁹Então, lhe ofereceu Levi um grande banquete em sua casa; e numerosos publicanos e outros estavam com eles à mesa.

³⁰Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, perguntando: Por que comeis e bebeis com os publicanos e pecadores?

³¹Respondeu-lhes Jesus: Os são não precisam de médico, e sim os doentes.

³²Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento.

³³Disseram-lhe eles: Os discípulos de João e bem assim os dos fariseus freqüentemente jejuam e fazem orações; os teus, entretanto, comem e bebem.

³⁴Jesus, porém, lhes disse: Podeis fazer jejuar os convidados para o casamento, enquanto está com eles o noivo?

³⁵Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; naqueles dias, sim, jejuarão.

³⁶Também lhes disse uma parábola: Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgará a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha.

³⁷E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão.

³⁸Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos [e ambos se conservam].

³⁹E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente.

Lucas 8:22–40

²²Aconteceu que, num daqueles dias, entrou ele num barco em companhia dos seus discípulos e disse-lhes: Passemos para a outra margem do lago; e partiram.

²³Enquanto navegavam, ele adormeceu. E sobreveio uma tempestade de vento no lago, correndo eles o perigo de soçobrar.

²⁴Chegando-se a ele, despertaram-no dizendo: Mestre, Mestre, estamos perecendo! Despertando-se Jesus, repreendeu o vento e a fúria da água. Tudo cessou, e veio a bonança.

²⁵Então, lhes disse: Onde está a vossa fé? Eles, possuídos de temor e admiração, diziam uns aos outros: Quem é este que até aos ventos e às ondas repreende, e lhe obedecem?

²⁶Então, rumaram para a terra dos gerasenos, fronteira da Galiléia.

²⁷Logo ao desembarcar, veio da cidade ao seu encontro um homem possesso de demônios que, havia muito, não se vestia, nem habitava em casa alguma, porém vivia nos sepulcros.

²⁸E, quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando e dizendo em alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes.

²⁹Porque Jesus ordenara ao espírito imundo que saísse do homem, pois muitas vezes se apoderara dele. E, embora procurassem conservá-lo preso com cadeias e grilhões, tudo despedaçava e era impelido pelo demônio para o deserto.

³⁰Perguntou-lhe Jesus: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião, porque tinham entrado nele muitos demônios.

³¹Rogavam-lhe que não os mandasse sair para o abismo.

³²Ora, andava ali, pastando no monte, uma grande manada de porcos; rogaram-lhe que lhes permitisse entrar naqueles porcos. E Jesus o permitiu.

³³Tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do lago, e se afogou.

³⁴Os porqueiros, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e pelos campos.

³⁵Então, saiu o povo para ver o que se passara, e foram ter com Jesus. De fato, acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus; e ficaram dominados de terror.

³⁶E algumas pessoas que tinham presenciado os fatos contaram-lhes também como fora salvo o endemoninhado.

³⁷Todo o povo da circunvizinhança dos gerasenos rogou-lhe que se retirasse deles, pois estavam possuídos de grande medo. E Jesus, tomando de novo o barco, voltou.

³⁸O homem de quem tinham saído os demônios rogou-lhe que o deixasse estar com ele; Jesus, porém, o despediu, dizendo:

³⁹Volta para casa e conta aos teus tudo o que Deus fez por ti. Então, foi ele anunciando por toda a cidade todas as coisas que Jesus lhe tinha feito.

⁴⁰Ao regressar Jesus, a multidão o recebeu com alegria, porque todos o estavam esperando.

“Quem é este?”

Leitura Bíblica 13

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- P. Acalmando a tempestade (Mateus 8:18, 23–27; Marcos 4:35–41; Lucas 8:22–25).
- Q. Curando dois endemoninhados (Mateus 8:28–34; 9:1; Marcos 5:1–21; Lucas 8:26–40).
- R. Comendo com pecadores (e um discurso sobre jejum) (Mateus 9:10–17; Marcos 2:15–22; Lucas 5:29–39).

Nesta lição, completaremos o estudo do “dia agitado” de Jesus—aquele dia que começou com as acusações blasfemas dos fariseus e que terminou com a retirada de Jesus para a margem oriental do mar da Galiléia. O tema desta lição encontra-se nas palavras dos discípulos, quando Cristo acalmou a tempestade: “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?” (Marcos 4:41; veja Lucas 8:25; Mateus 8:27). A pergunta “quem é este?” ecoou por todo o ministério de Jesus—indicando como era difícil as pessoas compreenderem quem Ele realmente era. Quando Cristo curou o homem que desceu pelo telhado, os fariseus perguntaram: “Quem é este que diz blasfêmias?” (Lucas 5:21). Quando Jesus perdoou a mulher que lavou os Seus pés com lágrimas, os outros convidados perguntaram: “Quem é este que até perdoa pecados?” (Lucas 7:49). Quando um relatório das atividades de Cristo chegou ao rei Herodes, ele perguntou: “Quem é, pois, este a respeito do qual tenho ouvido tais coisas?” (Lucas 9:9). Quando Jesus fez Sua entrada triunfal em Jerusalém, “toda a cidade se alvoroçou, e perguntavam: Quem é este?” (Mateus 21:10). Esta lição destacará três ocasiões em que Cristo deixou seus espectadores perplexos.

“QUEM É ESTE QUE ACALMA A TEMPESTADE?”¹

(MATEUS 8:18, 23–27; MARCOS 4:35–41; LUCAS 8:22–25)

Na lição anterior, falamos sobre “o primeiro grande grupo de parábolas”. Segundo Mateus, “tendo Jesus proferido estas parábolas, retirou-Se dali” (Mateus 13:53)². Marcos relatou que Jesus partiu para a margem oriental do mar da Galiléia: “Naque-

le dia [o dia em que Ele falou por parábolas (Marcos 4:34)], sendo já tarde³, disse-lhes Jesus: Passemos para a outra margem” (4:35). Esta é a primeira de quatro travessias registradas sobre Cristo passando para a outra margem do mar. Marcos escreveu: “E eles, despedindo a multidão, o levaram assim como estava, no barco” (4:36a)—ou seja, partiram imediatamente, sem preparação e sem provisões. E Marcos acrescentou: “outros barcos o seguiam” (4:36b). Esses barcos podem ter sido arrastados para junto do barco em que Jesus estava (4:1) a fim de permitir que mais pessoas O ouvissem. Talvez esse detalhe tenha sido inserido para mostrar que havia outras testemunhas da tempestade que se levantou e depois cessou rapidamente.

A razão de Cristo fazer essa travessia era descansar um pouco da multidão (veja Mateus 8:18; Marcos 4:36). Embora Ele fosse totalmente divino, Ele também era totalmente humano⁴ e aquele “dia agitado” O deixara exausto; por isso, logo caiu no sono (Lucas 8:23). Marcos observou que “Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro...” (Marcos 4:38). A popa era a parte traseira do barco, onde havia mais espaço. “O travesseiro” provavelmente era uma espécie de capa para cadeiras, talvez uma pele de animal que podia ser enrolada para servir de travesseiro. J. W. Shepard escreveu o seguinte:

Esperaremos até chegarmos a Lucas 9 para estudar esse episódio.

³“Tarde” é um termo flexível. Poderia ser início ou fim de tarde. Quando finalmente chegaram à outra margem, um endemoninhado os viu de longe (Marcos 5:6). Talvez tenham saído no início da tarde e ainda não estava escuro quando chegaram ao outro lado. Talvez tenham saído de tardezinha e, por conta da tempestade, levaram a noite toda para atravessar, chegando lá na manhã seguinte. A primeira possibilidade é mais provável.

⁴Já comentamos a respeito do mistério da encarnação antes (veja a lição “Cristo Está Chegando!”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 2”, desta série).

¹Jesus acalmou pelo menos duas tempestades. Esta foi a primeira.

²Nesta altura da narrativa, Mateus falou dos candidatos a discípulo (Mateus 8:19–22). Lucas registrou o mesmo incidente ou um semelhante muito depois, em Lucas 9:57–62.

Fraqueza, cansaço e esgotamento dominaram o físico do Jesus humano, e ele Se deitou imerso em profundo sono, abanado pela brisa do lago e embalado pelo suave movimento rítmico do barco.... Perto dEle, os discípulos conversavam em volume reduzido sobre os acontecimentos do dia, enquanto outros manejavam silenciosamente as velas e guiavam a embarcação flutuante sobre as águas plácidas.⁵

A distância, por mar, de Cafarnaum até “a terra dos gerasenos” era de apenas alguns quilômetros⁶. Sob circunstâncias favoráveis, a viagem podia ser feita em duas ou três horas.

Essa viagem não foi realizada sob circunstâncias favoráveis. Não demorou muito para se formar uma tempestade: “E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade”, “uma tempestade de vento no lago” (Mateus 8:24; Lucas 8:23a). As ondas “se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água” (Marcos 4:37). E corriam “o perigo de soçobrar” (Lucas 8:23).

O mar da Galiléia até hoje está sujeito a tempestades repentinas. E fica mais de duzentos metros abaixo do nível do mar, sendo cercado por terrenos montanhosos. Quando o ar frio invade as encostas das montanhas em direção ao lago, em questão de minutos a superfície calma pode se transformar numa porção de ondas espumantes e turbulentas. Alguns dos tripulantes eram pescadores e, sem dúvida, haviam visto muitas tempestades naquele mar. O fato de até eles estarem amedrontados indica que aquela não era uma tempestade comum.

Enquanto o barco era lançado pelas ondas, Jesus continuava dormindo. Poderíamos perguntar: “Quem é este que consegue dormir durante uma tempestade?” A primeira resposta poderia ser: “É um Homem totalmente exausto”. Uma resposta mais completa seria “um Homem exausto que confia no Seu Deus”.

Jesus não ficou preocupado com a tempestade, mas Seus discípulos ficaram. Os escritores sinóticos registraram “um balbuciar de vozes confusas”⁷: “Chegando-se a ele, despertaram-no dizendo:

Mestre, Mestre, estamos perecendo!” (Lucas 8:24); “...vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos!” (Mateus 8:25); “...eles o despertaram e lhe disseram: Mestre, não te importa que pereçamos?” (Marcos 4:38).

Não sabemos ao certo o que esperavam que Jesus fizesse. Nunca tinham visto o Mestre acalmar uma tempestade, e aparentemente ficaram surpresos quando Ele acalmou aquela (Mateus 8:27; Marcos 4:41; Lucas 8:25). Talvez fossem como um filho amedrontado que grita aos pais: “Façam alguma coisa!”—embora ele mesmo não faça idéia do que seria fazer “alguma coisa”⁸.

Os discípulos estavam aterrorizados, mas Cristo não. Primeiro Ele repreendeu os discípulos: “Por que sois tímidos, homens de pequena fé?” (Mateus 8:26a)⁹. A NVI diz: “Por que vocês estão com tanto medo...?” A seguir, Jesus “repreendeu o vento e a fúria da água”: “Acalma-te, emudece!” (Lucas 8:24b; Marcos 4:39a). As ondas “cessaram”; “o vento se aquietou e fez-se grande bonança” (Lucas 8:24; Marcos 4:39b). A calmaria instantânea tanto do vento como das ondas foi um milagre duplo, pois o normal seria a superfície da água continuar agitada por um tempo, mesmo após o vento cessar.

Os discípulos de Jesus haviam visto tempestades virem e irem no mar da Galiléia, mas nunca haviam visto nada igual àquilo. Maravilhados¹⁰, eles indagaram: “Quem é este...?” (Mateus 8:27); “Quem é este que até aos ventos e às ondas repreende, e lhe obedecem?” (Lucas 8:25b). A resposta à pergunta deles é: “um Homem de poder” (veja Lucas 4:14; 5:17; 6:19; 8:46; 1 Coríntios 5:4; 2 Coríntios 12:9).

Esta história tem aplicações para você e para mim. Todos nós temos sido levados pelas tempestades da vida. Às vezes, como os discípulos, permitimos que nossa fé vacile e indagamos: “Mestre, não te importa que pereçamos?” (Marcos 4:38). Precisamos lembrar que Ele pode acalmar a tormenta no peito do cristão com a mesma facilidade com que acalmou as ondas da Galiléia¹¹.

⁵J. W. Shepard, *The Christ of the Gospels* (“O Cristo dos Evangelhos”). Nashville: Parthenon Press, 1939), p. 232; citado em H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 148.

⁶Veja o mapa da região em torno do mar da Galiléia na página 15 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

⁷J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 343.

⁸Também é possível que eles só quisessem que Jesus estivesse tão preocupado quanto eles. A maioria de nós gosta de companhia quando está preocupada.

⁹Marcos e Lucas registraram a repreensão (ou uma segunda repreensão) após a tempestade ser acalmada (Marcos 4:40; Lucas 8:25).

¹⁰Por vários motivos, alguns milagres afetaram certas pessoas mais profundamente que a outras.

¹¹Se quiser, faça uma pausa para cantar ou apenas ler o cântico “Sossegai”, *Salmos, Hinos e Cânticos Espirituais*, nº 62. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1ª ed., 1976.

“QUEM É ESTE QUE CURA CORPOS E ALMAS?” (MATEUS 8:28–34; MARCOS 5:1–21; LUCAS 8:26–40)

Finalmente, Jesus e os discípulos chegaram ao destino deles na margem oriental do mar. Mateus disse que eles chegaram “à terra dos gadarenos” (Mateus 8:28) e Marcos e Lucas denominaram a região de “terra dos gerasenos” (Marcos 5:1; Lucas 8:26)¹². Gerasa (também conhecida como Gergesa) era um povoado na praia oriental do mar. Toda a região era governada por Gadara, alguns quilômetros ao Sudeste. O local, portanto, era conhecido tanto por “terra dos gerasenos” como por “terra dos gadarenos”¹³.

Se o desejo de Jesus era descansar naquele local isolado, esse descanso Lhe foi negado; pois Ele foi recebido por um estranho comitê de boas-vindas. “Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros” (Mateus 8:28a)¹⁴. Mateus falou de dois endemoninhados, enquanto Marcos e Lucas se concentraram no endemoninhado mais notório dos dois¹⁵.

Quando Jesus começou a expulsar os espíritos malignos dos dois homens, os demônios pediram permissão para entrar numa manada de porcos¹⁶ que pastava numa encosta próxima¹⁷. Quando os demônios entraram nos porcos, estes ficaram enlouquecidos, desceram a encosta correndo e se precipitaram em direção ao mar morrendo afogados.

Anos atrás, John S. Sweeney estava participando de um debate com um pregador denominacional sobre a forma de se realizar o batismo: se o Novo Testamento ensina que o batismo deve ser por imersão ou por aspersão. O pregador denominacional assumiu a posição extrema de que não havia exemplos de imersão no Novo Testamento. Numa tentativa cômica, ele disse: “Bem, tem sim um caso de imersão no Novo Testamento”—e referiu-se à história dos dois mil porcos que afundaram no mar. Quan-

do o irmão Sweeney subiu à plataforma, ele replicou: “Sim, esse foi um caso de imersão—e porque o diabo perdeu seu *bacon* no negócio, ele tem tentado modificar a forma de batismo desde então!”¹⁸

Quando o povo daquela terra soube o que havia acontecido, imploraram que Cristo fosse embora. (Ficaram com medo de perder mais animais, suponho eu.) Quando Jesus estava pronto para ceder ao pedido deles, um dos homens curados pediu para ir com Ele (Marcos 5:18). Jesus respondeu: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti” (Marcos 5:19).

Podemos questionar por que Jesus mandou aquele homem partilhar o que havia acontecido, quando a outros mandou que nada dissessem (Marcos 1:43, 44). Uma razão pode ser o fato dessa cura ter ocorrido além da esfera de influência dos fariseus e escribas. Seria menos provável que a publicidade naquela região incitasse a animosidade de Seus adversários. Outra possível razão é que, vendo-Se obrigado a ir embora antes de pregar, Jesus quis deixar uma testemunha naquele lugar.

O homem fez o que o Senhor Lhe pedira: “Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis¹⁹ tudo o que Jesus Lhe fizera; e todos se admiravam” (Marcos 5:20). A consequência disso foi Jesus ter uma recepção mais favorável na próxima vez em que foi àquela província (Marcos 7:31–37).

Essa história é impressionante e emocionante. Visualizada em nossas mentes, ela nos leva a perguntar: “Quem é este que alcança os não amados, que cura corpos e mentes?” A resposta é: “um Homem com sentimento”.

Aprendamos com este relato que Jesus ama a todos. Você acha que Jesus nunca poderia amá-lo por causa de quem e do que você é? Lembre-se daqueles homens sujos, maltrapilhos e selvagens emergindo da escuridão diante de Cristo. Jesus os amou—e Ele ama você também! (Veja Apocalipse 1:5.)

¹²A ERC inverte os dois termos, mas essa diferença não é tão importante.

¹³Os críticos da Bíblia classificaram isto como “uma contradição” até que as ruínas de “Kherasa” (ou seja, Gerasa) foram descobertas.

¹⁴Veja um estudo mais completo sobre esse incidente, especialmente do ponto de vista do endemoninhado mais conhecido, no sermão após esta lição.

¹⁵Esta é uma ocorrência comum nos relatos do evangelho.

¹⁶Veja as especulações sobre o motivo desse pedido no sermão após esta lição.

¹⁷A um quilometro e meio das ruínas de Kherasa (veja a nota de rodapé 13) há um monte que avança até o mar.

¹⁸Esta história foi adaptada de minhas anotações das aulas do irmão J. W. Roberts sobre a vida de Cristo. Earl West alistou o irmão Sweeney entre os debatedores mais bem conhecidos dos seus dias (Earl I. West, *The Search for the Ancient Order*, vol. 4, *A History of the Restoration Movement 1919–1950* (“História da Restauração 1919–1950”). Germantown, Tenn.: Religious Book Service, 1987, p. 214.

¹⁹“Decápolis” era “a região das dez cidades”. Veja o mapa na página 37.

**“QUEM É ESTE QUE COME COM
PECADORES?” (MATEUS 9:1, 10–17;
MARCOS 2:15–22; LUCAS 5:29–39)**

Quando o povo de Gerasa²⁰ pediu que Jesus fosse embora, “entrando... [Ele] num barco, passou para o outro lado e foi para a sua própria cidade” (Mateus 9:1). Ou seja, Ele voltou para Cafarnaum. Ali grandes multidões foram ao Seu encontro (veja Marcos 5:21; Lucas 8:40). É difícil precisar o que aconteceu em seguida. Não muito depois de voltar, Jesus ressuscitou a filha de Jairo (Mateus 9:18–26; Marcos 5:22–43; Lucas 8:41–56). Estudaremos esse incidente na próxima lição, mas queremos concluir esta lição com uma história inserida por Mateus a esta altura da narrativa²¹. Depois de registrar seu chamado para o discipulado, Mateus falou de um banquete que ele mesmo ofereceu em homenagem a Cristo. Todos os escritores dos evangelhos sinóticos escreveram sobre esse evento, uma reunião que resultou em muitas críticas contra o Convidado de honra.

Crítica nº 1: Comer com Pecadores

“Então, lhe ofereceu Levi [ou seja, Mateus] um grande banquete em sua casa” (Lucas 5:29a). Naturalmente, Mateus convidou seus velhos amigos e ex-sócios. A casa logo ficou cheia de coletores de impostos e outros rejeitados da sociedade: “...estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque estes eram em grande número e também o seguiam” (Marcos 2:15)²².

²⁰Mateus usa o termo “gadarenos”, mas usei Gerasa referindo-me aos gerasenos, pois escolhi esse termo, como fiz na seção anterior. Conforme já foi dito, a região possuía duas designações.

²¹Muitas harmonias colocam a história da filha de Jairo logo após a volta de Jesus à margem ocidental do mar. Outras inserem a história do banquete de Mateus antes da história de Jairo, com base em Mateus 9:18, que indica que o discurso de Cristo no banquete de Mateus foi interrompido por Jairo. John Broadus, que seguiu esta seqüência, inseriu a seguinte observação: “A questão da posição [da história do banquete de Mateus] não pode ser definida, e ela não faz diferença para a compreensão do conteúdo da seção” (John A. Broadus, *Harmony of the Gospels in the Revised Edition* [“Harmonia dos Evangelhos na Edição Revista”]. Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1906, p. 36; citado em John F. Carter, *A Layman’s Harmony of the Gospels* [“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”]. Nashville: Broadman Press, 1961, p. 138). Se você estudou a história do banquete de Mateus anteriormente (veja a nota de rodapé 33, na página 20, de “A Vida de Cristo—Parte 3”), vá agora para a história de Jairo (veja a próxima lição).

²²J. W. McGarvey reforçou que os atos e argumentos de Jesus “não justificam que nos mantenhamos na companhia de pessoas más por nenhum outro motivo senão fazer-lhes o bem—ou seja, como seus médicos da alma” (McGarvey e Pendleton, p. 350). Veja 1 Coríntios 15:33.

Os fariseus, que seguiam constantemente os rastros do Senhor, começaram a murmurar (Lucas 5:30a). Perguntaram aos discípulos: “Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?” (Mateus 9:11). A resposta de Cristo foi clássica: “Os são não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos²³, e sim pecadores, ao arrependimento” (Lucas 5:31, 32)²⁴.

Crítica nº 2: Não Jejuar

Destemidos, os fariseus lançaram uma segunda crítica, talvez incitados pelo fato de Jesus e Seus discípulos estarem se divertindo no banquete de Mateus: “Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?” (Marcos 2:18). Alguns dos discípulos de João estavam presentes e se intrometeram na conversa, perguntando: “Por quê?” (Mateus 9:14)²⁵.

A essência da pergunta era: “Por que você não está dando continuidade às tradições que os nossos pais começaram tanto tempo atrás?”²⁶ Cristo praticamente respondeu que a vinda do Messias anunciava uma nova era, a qual nem sempre seria compatível com as tradições do passado. A resposta de Jesus teve duas partes. A primeira consistia no fato de que a tradição do jejum era inapropriada para os Seus discípulos. Ele comparou a vinda do Messias com a celebração de um casamento (Mateus 9:15; Marcos 2:19, 20; Lucas 5:34, 35): essas celebrações eram momentos para se alegrar, e não para lamentar²⁷.

²³Neste contexto, “os justos” refere-se aos que *pensavam* ser justos e não precisavam de arrependimento—em outras palavras, Jesus se referia aos escribas e fariseus.

²⁴No relato de Mateus (9:12, 13), está inclusa na resposta de Jesus uma citação de Oséias 6:6. Observamos numa lição anterior que Cristo usou a citação em outro contexto para reforçar que deixar que os homens satisfaçam sua fome é mostrar misericórdia. Em Mateus 9, a idéia é que incentivar pecadores a se arrependerem é mostrar misericórdia.

²⁵É triste ver os discípulos de João se juntarem aos fariseus nesse questionamento.

²⁶As práticas de jejum dos fariseus não eram ordenadas pela Lei de Moisés, mas eram produto de tradições humanas. Veja o breve comentário sobre jejum na lição “Mas, digo-vos”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”. Como já foi salientado, Jesus estava de fato dizendo que o jejum era uma questão opcional para Seus discípulos. O fato de que Ele mesmo não jejuava regularmente é suficiente para provar que o jejum não é um ingrediente essencial à manutenção da piedade.

²⁷A ilustração de Jesus poderia ser classificada como uma parábola. Nessa parábola, Ele é o noivo e os convivas são Seus discípulos. A descrição da noivo sendo “levado” é uma referência velada à Sua morte. A afirmação de que “naquele dia jejuarão” refere-se à tristeza dos discípulos quando Cristo morresse.

Alcançando os Não Amados

Marcos
5:1-20,
Olhando de perto



Vários anos atrás, uma companhia telefônica tinha um anúncio de televisão com um interessante *slogan* de duplo sentido: “Liga prá mim”.¹ A idéia era que alguém estava esperando por uma ligação telefônica do telespectador, alguém que poderia sentir-se valorizado com a ligação. Pelo tamanho da minha conta telefônica, pode-se dizer que os moradores da minha casa acreditam que devemos “ligar prá” muitas pessoas.

A idéia de “ligar” para os outros não é nova. O maior praticante desse “gesto” foi Jesus Cristo. Ele dava importância às pessoas aonde quer que fosse—doentes, cegos, paráliticos, enlutados, pecadores—e quem recebia Sua atenção nunca mais era o mesmo². Na igreja, devemos ser seguidores de Jesus (1 Pedro 2:21). Ele é o nosso Cabeça (Efésios 1:21, 22), e devemos ser Suas mãos, Seus pés, Seus lábios³. Segundo a grande comissão (Mateus 28:18–20), deixamos de agir como a igreja do Senhor se não alcançamos as pessoas com nossas vidas e com o evangelho.

Marcos 5 apresenta uma história sobre Jesus dando atenção a um homem—um homem que não era amado nem amoroso. O relato de Mateus sobre este incidente fala de dois endemoninhados, enquanto Marcos e Lucas falam apenas do principal deles. Seguindo Marcos, vamos nos concentrar no homem que ficou em maior evidência. Há importantes lições nessa história para nós.

¹A idéia desta apresentação foi extraída originalmente de um sermão de Prentice Meador, Jr., em *Sermons for Today* (“Sermões para Hoje”), vol. 2. Abilene, Tex.: Biblical Research Press, 1981, pp. 134–41. [N. da Trad.: Substituímos o *slogan* original por um equivalente aproximado, usado numa propaganda veiculada no Brasil há poucos anos.]

²Se desejar, dê exemplos específicos de pessoas a quem Jesus deu uma atenção especial: os apóstolos, os dez leprosos, a mulher junto ao poço, o jovem rico, Zaquê, o ladrão na cruz e outros.

³Devemos ser *membros* (partes) do Seu corpo (Romanos 12:5).

A REALIDADE (Vv. 1–5)

Problemas Reais

O texto bíblico deste sermão começa assim:

Entrementes, chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos. Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo, o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo; porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e os grilhões, despedaçados. E ninguém podia subjugá-lo. Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras (vv. 1–5).

Visualize a cena: após um dia longo e agitado, finalmente entardeceu (4:35a). Cristo disse aos discípulos: “Passemos para a outra margem” (4:35b)—ou seja, para a outra margem do mar da Galiléia (veja 4:36; 5:1). De vez em quando, Jesus fazia isso para escapar das multidões. Quando iniciaram a travessia, Jesus estava exausto e caiu no sono (4:38). Durante o trajeto, levantou-se uma tempestade violenta, que Cristo acalmou (4:36–41). O texto bíblico desta história começa com o Senhor e Seus discípulos aportando na terra dos gerasenos (5:1), na margem oriental do mar, após a travessia de quase oito quilômetros.

Se Jesus foi àquela região esparsamente habitada para descansar, Ele não conseguiu fazê-lo. O texto bíblico diz que “ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo” (v. 2; grifo meu). Joe Schubert escreveu:

Eles estavam numa parte da margem do lago onde havia muitas cavernas nos rochedos calcários dos despenhadeiros à beira do mar da Galiléia. Nessas cavernas, havia muitos túmulos

⁴Se quiser, diga umas palavras sobre possessão demoníaca: que isso ocorria nos dias de Cristo e dos apóstolos, mas que não acontece hoje. Veja a exposição sobre esse tema na lição “Como quem tem autoridade”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”. Veja também “Demônios: seres sobrenaturais malignos”, na edição “Atos, 3”, de *A Verdade para Hoje*.

que abrigavam os corpos dos mortos. Na melhor das hipóteses, esse era um lugar sinistro. À noite⁵, porém, devia ser de fato horripilante. De dentro daqueles sepulcros saiu um homem endemoninhado....⁶

Por que o homem vivia nos sepulcros? Porque ele havia sido expulso do convívio social. As pessoas da região haviam tentado amarrá-lo com correntes e algemas, mas nada o detinha. Finalmente, ao que parece, obrigaram-no a sair do povoado.

Você consegue enxergar a cena dos versículos 1 a 5? No momento em que Jesus pisou para fora do barco, um louco apareceu no meio da escuridão. Ele estava nu e sujo; o corpo, coberto de feridas abertas causadas pela automutilação; os cabelos, emaranhados; os olhos, arredios. *Ali* estava um homem que precisava da atenção de Jesus. *Ali* estava o teste para avaliar a prontidão de Cristo em “ligar para os outros”, em dar atenção a alguém.

Possíveis Desculpas

Pense em como Cristo poderia ter reagido a essa necessidade.

1) Ele poderia ter dito: “Estou cansado demais. É tarde. Tive um dia longo e difícil!” Jesus havia passado por um dia assim. Entendemos como é sentir-se exausto. Muitos de nós estamos tentando não ficar para trás dos outros. Alguns trabalham muitas horas só para pagar contas. Em muitas famílias, as mães trabalham fora. Como resultado, quando a jornada de trabalho termina, nosso tempo e energia já se esgotaram. Sobra pouco para darmos atenção aos outros e o trabalho da igreja não cabe nesse frenético e cansativo cronograma.

2) Ele poderia ter dito: “A responsabilidade não é *Minha*”. Aquele homem tinha família na região (Marcos 5:19; veja Lucas 8:39), por isso Ele poderia ter dito: “Ele é responsabilidade *deles*. Afinal de contas, estive trabalhando muito na Galiléia, e vim aqui para um pequeno descanso. Que outros cuidem dele!” Uma das maiores carências da nossa sociedade é o sentimento de responsabilidade individual⁷. Uma das maiores carências da igreja também é

o sentimento de responsabilidade individual⁸.

3) Ele poderia ter dito: “Esta *não* é uma boa ‘oportunidade’ de conversão”. Suponhamos que a estratégia escolhida por nós seja ir de casa em casa, no nosso bairro, em busca de pessoas interessadas no evangelho. Daí, suponhamos, que enquanto dois obreiros estivessem descendo a rua, um homem com o aspecto do endemoninhado de Marcos 5 surgisse no meio da escuridão. Garanto que os dois obreiros *não* voltariam relatando aquele homem como “uma boa oportunidade” de ensino! Muitos de nós queremos encontrar indivíduos que sejam mais ou menos como nós e que estejam ávidos por aprender a verdade. Muitos de nós *não* queremos estudar com alguém carregado de problemas como aquele homem.

4) Ele poderia ter dito: “Você não sabe que há um risco envolvido? Se eu tentar ajudá-lo, provavelmente isso não vai resultar em bem algum, e só vou acabar deixando pessoas descontentes comigo”. Um dos riscos de dar atenção a alguém é que você pode não ser bem recebido! Não é verdade que às vezes hesitamos em falar com nossos amigos e vizinhos sobre a Palavra de Deus por medo de que deixem de ser nossos amigos, deixem de nos amar? Como veremos, a maioria dos gerasenos não valorizou o fato de Cristo dar atenção ao endemoninhado e rogaram que Ele fosse embora (Marcos 5:17).

Uma Preocupação Real

Jesus poderia ter dado todas as desculpas que mencionamos acima—mas Ele não fez isso. O que O capacitou a ultrapassar as barreiras naturais que esse homem representava: *Seu amor pelas pessoas*. Cristo era orientado para pessoas; Ele se importava com pessoas. Ali estava alguém que precisava dEle. Sim, o homem não era amado nem inspirava o amor dos outros. Ele era desorientado; sua vida estava fora de controle. Ele era autodestrutivo, talvez até suicida, mas era uma pessoa com necessidades. Sendo assim, apesar de estar cansado, apesar daquele homem não ser nada atraente, apesar de outros talvez

⁵Não devia estar totalmente escuro, ou o homem não os teria visto “de longe” (Marcos 5:6); mas poderia estar anoitecendo, ou a lua poderia estar muito brilhante.

⁶Joe Schubert, “Overcoming Fear” (“Vencendo o Medo”). *Preacher’s Periodical*, dezembro de 1983, p. 27.

⁷Uma atitude comum na sociedade, quando há um problema, é sugerir: “Vamos começar um outro programa de governo para cuidar disso”, em vez de assumir a responsabilidade pessoal pelo problema. Adapte isto para a situação social e política dos seus ouvintes.

⁸Meador, p. 138. O irmão Meador sugeriu que algumas igrejas sofrem da mentalidade “pistoleiro contratado”. No Antigo Oeste dos Estados Unidos, muitas vezes homens contratavam “pistoleiros” para cuidar de seus problemas. Aplicada à igreja, a mentalidade “pistoleiro contratado” é: “Vamos contratar um pregador para fazer o trabalho em nosso lugar. Se isso não resolver, vamos contratar mais obreiros (ou seja, aumentar a equipe remunerada)”. Como você sabe, nenhum obreiro pago pode fazer o trabalho de outra pessoa no lugar dela. Cada um de nós precisa fazer seu próprio trabalho.

não cumprirem suas responsabilidades, Cristo assumiu o risco e deu atenção a ele.

A RESPOSTA (Vv. 6–16)

O Poder de Jesus

A leitura continua: “Quando, de longe, [o endemoninhado] viu Jesus, correu e o adorou, exclamando com alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?” (vv. 6, 7a). Tiago 2:19 enfatiza que “os demônios crêem e tremem”.

Estas palavras saíram da boca do homem: “Conjuro-te por Deus que não me atormentes!” (v. 7b). Esta afirmação parece estranha visto que Jesus veio para curar o homem, e não atormentá-lo—mas com certeza eram os espíritos que falavam através do homem.

Segundo o relato de Mateus, eles perguntaram: “Vieste aqui para nos atormentar antes do devido tempo?” (Mateus 8:29; NVI). Vem a hora em que as forças do diabo serão julgadas e lançadas no lago de fogo, juntamente com o senhor delas, para serem ambos atormentados para todo o sempre (veja 2 Pedro 2:4; Apocalipse 19:20; 20:10). O versículo 8 diz por que os demônios estavam apreensivos em relação ao seu destino: “Porque Jesus lhe dissera: Espírito imundo, sai desse homem!” (v. 8).

Jesus perguntou: “Qual é o teu nome?” E o homem respondeu: “Legião é o meu nome, porque somos muitos” (v. 9). Uma legião era um regimento romano de aproximadamente seis mil soldados. O homem não possuía necessariamente seis mil demônios dentro de si, mas o termo indica que ele estava cheio de inúmeros demônios. (Pouco tempo depois, eles entrariam em *dois mil* porcos [v. 13].)

Observemos que o homem usou primeiro o singular: “Legião é o *meu* nome”. Depois ele usou o plural: “porque somos muitos”. Nem posso imaginar a confusão existente numa pessoa cujo corpo e mente estavam controlados por tantas forças demoníacas. Isso levaria qualquer homem à loucura⁹.

Os demônios começaram a rogar a Cristo “encarecidamente que não os mandasse para fora do país” (v. 10). Lucas escreveu que “rogavam-lhe que não os mandasse sair para o abismo¹⁰” (Lucas 8:31). “O abismo” era o *habitat* normal dos demônios¹¹, mas eles não queriam que o Senhor os obrigasse a voltar

para aquele lugar—pelo menos, por enquanto. Eles queriam continuar atuando mais um pouco.

Aconteceu que “pastava ali pelo monte uma grande manada de porcos” (Marcos 5:11). Os demônios rogaram a Jesus: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles” (v. 12). Por que eles fizeram esse pedido estranho? Talvez a única maneira dos demônios operarem fora do abismo era num hospedeiro vivo. Lembro-me das pulgas, que não conseguem permanecer ativas por muito tempo estando fora de um corpo de sangue-quente. Privadas desse corpo, elas se tornam inativas até que surja um hospedeiro compatível. Então, quando sentem o calor desse corpo, elas saltam nele e recomeçam a desagradável atividade de pulga. Talvez os demônios tivessem uma restrição semelhante. De qualquer maneira, eles pediram permissão para entrar nos porcos. “Jesus o permitiu. Então, saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos” (v. 13a).

Se a legião de demônios havia feito aquele pedido para dar continuidade à sua atividade demoníaca, foi entregue à decepção; pois, assim que os demônios entraram nos novos hospedeiros, os porcos enlouqueceram. “E a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram” (v. 13b). Que visão! Que barulho! Se você já morou em sítio ou fazenda, sabe como soa o guincho de um porco. Pode fazer os cabelos da sua nuca se arrepiarem¹². Tente imaginar a visão e o som de dois mil porcos guinchando... precipitando-se despenhadeiro abaixo... e espatifando-se na água!

Entre os que observavam essa visão sinistra estavam os porqueiros que tomavam conta dos porcos para os habitantes da cidade vizinha¹³. Imediatamente, “os porqueiros fugiram e o anunciaram na cidade e pelos campos” (v. 14a). “Contaram-lhes o que acontecera ao endemoninhado e acerca dos porcos” (v. 16).

Então, saiu o povo para ver o que sucedera. Indo ter com Jesus, viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo (vv. 14b, 15a).

Viram o homem que antes estava fora de si agora “assentado” tranqüilamente. Já não estava nu, mas “vestido”. Já não estava enlouquecido, mas “em

⁹Marcos 5:15 observa que o homem estava “em perfeito juízo” *depois* que os demônios saíram dele.

¹⁰No original grego o termo é *abusson*.

¹¹Veja um comentário sobre a palavra “abismo” na lição “A natureza autodestrutiva do pecado”, na edição “Apocalipse—Parte 5”, de *A Verdade para Hoje*.

¹²O guincho de porcos é um dos sons usados pelos produtores de filmes de terror para os gritos horripilantes de suas criaturas monstruosas.

¹³No mundo ocidental de hoje, os porcos normalmente são mantidos e alimentados em chiqueiros. Naquele terreno aberto, os porcos eram tratados como bois e ovelhas, alimentando-se da terra.

perfeito juízo”. Jesus deu atenção e importância a um indivíduo que não era amado—e a vida desse homem foi totalmente mudada!

A Motivação de Jesus

Como Jesus conseguia dar atenção a pessoas que normalmente consideramos indignas de amor? Mencionamos antes que Ele fazia isso porque amava pessoas, mas vamos acrescentar outros pensamentos:

1) Ele era sensível às necessidades das pessoas. Ele estava sempre em busca de uma oportunidade para ajudar. O endemoninhado não tinha boa aparência, mas era uma alma necessitada, por isso aquela era uma oportunidade.

2) Ele estava disposto a começar onde a pessoa necessitada estava, não onde Ele queria que ela estivesse. Ele poderia ter dito ao homem: “Deixe-me limpar você e achar algumas roupas, e depois a gente conversa sobre o seu problema de demônios”. Em vez disso, Ele ignorou a aparência do homem e expulsou os demônios. Depois disso, diz o texto, o homem vestiu-se. Às vezes, quando tentamos dar atenção a uma pessoa, primeiro queremos ajudá-la a mudar de vida para depois ajudá-la a compreender a vontade do Senhor. Temos de começar onde a pessoa está, e não onde desejaríamos que ela estivesse.

3) Ele estava disposto a conversar com o homem—e ouvir seus problemas. Ele até ouviu vários demônios! Ouvir demonstra um desejo de entender. Ouvir é quase uma arte que se perdeu com o tempo, mas nada comunica melhor a frase “eu te amo” do que o gesto de ouvir, realmente ouvir.

4) Ele estava disposto a confiar no poder de Deus. A vida daquele homem não foi transformada por psicologia humana, mas pelo poder divino. Você e eu não temos o poder miraculoso que Jesus possuía, mas Deus também nos concede poder. Temos o poder da Palavra (Romanos 1:16) e o poder de Deus operando em nossas vidas (Efésios 3:20). Vamos aprender a depender dEle em vez de depender dos nossos próprios recursos limitados.

OS RESULTADOS (Vv. 15–20)

Qual foi a consequência de Jesus dar atenção aos não amados?

Um Homem Transformado

Algumas dessas consequências nós já vimos; por exemplo, uma vida completamente mudada. Seria difícil imaginar um contraste maior do que o desse homem antes e depois de encontrar Jesus.

Homens Não Alcançados

Como foi sugerido anteriormente, alguns não ficaram felizes com tudo o que se passou. Em vez de ficarem empolgados com a recuperação de um ser humano, “temeram” (v. 15b). Ao que parece, ficaram com medo de perder mais porcos. Tudo indica que pensavam mais em porcos do que em pessoas. Suínos eram mais importantes para eles do que almas. O *bacon* tinha precedência sobre a fé.

As pessoas “entraram a rogar-lhe que se retirassem da terra deles” (v. 17). Não rogaram que Jesus ficasse e ajudasse a recuperar quaisquer outros cidadãos oprimidos pelo diabo; mas praticamente disseram: “Vá embora!”

Jesus fez o que eles pediram. Não poderiam ter feito um pedido mais trágico, mas Cristo consentiu. Ele nunca permanecia onde não era bem quisto, e nunca forçou o caminho de Deus a ninguém. Devemos agir da mesma forma. Temos que partilhar o que pudermos da Palavra; daí, se a pessoa disser: “Saia!”, devemos sair.

Uma Região Ensinada

Uma outra consequência precisa ser mencionada: contato gera contato. Ouçamos o restante da história:

Ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele. Jesus, porém, não lho permitiu, mas ordenou-lhe: Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti. Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam (vv. 18–20).

Jesus também *nos* diria: “Vai para tua casa, para os teus—para teus amigos, familiares e vizinhos—e conta-lhes tudo que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti”. Alguns podem protestar: “Mas eu não tenho nenhum amigo íntimo que não seja membro da igreja”. Então, encontre um. Seja um amigo no seu bairro. Seja um amigo onde você trabalha. Seja um amigo na escola. Assim, poderá partilhar. Alguém disse que evangelismo é simplesmente o ato de um mendigo contar a outro mendigo onde ambos podem conseguir pão. O texto bíblico declara que evangelismo é simplesmente o ato de um sofredor contar a outro sofredor onde ambos podem encontrar alívio.

CONCLUSÃO

Certo pregador chamado Charles Hodge leva, às vezes, uma régua de trinta centímetros para o púlpito. Ele a segura no alto, comenta o seu comprimento e diz: “Esta é a distância que alguns cristãos ficarão do

Atribuição de Leitura nº. 14

Mateus 9:18–34; 13:54–58;
Marcos 5:22–43; 6:1–6a;
Lucas 4:16–31; 8:41–56

Mateus 9:18–34

¹⁸Enquanto estas coisas lhes dizia, eis que um chefe, aproximando-se, o adorou e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá.

¹⁹E Jesus, levantando-se, o seguia, e também os seus discípulos.

²⁰E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste;

²¹porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada.

²²E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E, desde aquele instante, a mulher ficou sã.

²³Tendo Jesus chegado à casa do chefe e vendo os tocadores de flauta e o povo em alvoroço, disse:

²⁴Retirai-vos, porque não está morta a menina, mas dorme. E riam-se dele.

²⁵Mas, afastado o povo, entrou Jesus, tomou a menina pela mão, e ela se levantou.

²⁶E a fama deste acontecimento correu por toda aquela terra.

²⁷Partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando: Tem compaixão de nós, Filho de Davi!

²⁸Tendo ele entrado em casa, aproximaram-se os cegos, e Jesus lhes perguntou: Credes que eu posso fazer isso? Responderam-lhe: Sim, Senhor!

²⁹Então, lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé.

³⁰E abriram-se-lhes os olhos. Jesus, porém, os advertiu severamente, dizendo: Acautelai-vos de que ninguém o saiba.

³¹Saindo eles, porém, divulgaram-lhe a fama por toda aquela terra.

³²Ao retirarem-se eles, foi-lhe trazido um mudo endemoninhado.

³³E, expelido o demônio, falou o mudo; e as multidões se admiravam, dizendo: Jamais se viu tal coisa em Israel!

³⁴Mas os fariseus murmuravam: Pelo maioral dos demônios é que expelle os demônios.

Mateus 13:54–58

⁵⁴E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos?

⁵⁵Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas?

⁵⁶Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto?

⁵⁷E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa.

⁵⁸E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.

Marcos 5:22–43

²²Eis que se chegou a ele um dos principais da sinagoga, chamado Jairo, e, vendo-o, prostrou-se a seus pés

²³e insistentemente lhe suplicou: Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá.

²⁴Jesus foi com ele. Grande multidão o seguia, comprimindo-o.

²⁵Aconteceu que certa mulher, que, havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia

²⁶e muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior,

²⁷tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste.

²⁸Porque, dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada.

²⁹E logo se lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo.

³⁰Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes?

³¹Responderam-lhe seus discípulos: Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou?

³²Ele, porém, olhava ao redor para ver quem fizera isto.

³³Então, a mulher, atemorizada e tremendo, cônica do que nela se operara, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade.

³⁴E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal.

³⁵Falava ele ainda, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, a quem disseram: Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre?

³⁶Mas Jesus, sem acudir a tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente.

³⁷Contudo, não permitiu que alguém o acompanhasse, senão Pedro e os irmãos Tiago e João.

³⁸Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu Jesus o alvoroço, os que choravam e os que pranteavam muito.

³⁹Ao entrar, lhes disse: Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme.

⁴⁰E riam-se dele. Tendo ele, porém, mandado sair a todos, tomou o pai e a mãe da criança e os que vieram com ele e entrou onde ela estava.

⁴¹Tomando-a pela mão, disse: Talitá cumi!, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te!

⁴²Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar; pois tinha doze anos. Então, ficaram todos sobremaneira admirados.

⁴³Mas Jesus ordenou-lhes expressamente que ninguém o soubesse; e mandou que dessem de comer à menina.

Mateus 6:1–6a

¹Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos

homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.

²Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

³Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita;

⁴para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

⁵E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

⁶Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto.

Lucas 4:16–31

¹⁶Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler.

¹⁷Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito:

¹⁸O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos,

¹⁹e apregoar o ano aceitável do Senhor.

²⁰Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele.

²¹Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.

²²Todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios, e perguntavam: Não é este o filho de José?

²³Disse-lhes Jesus: Sem dúvida, citar-me-eis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que ouvimos ter-se dado em Cafarnaum, faze-o também aqui na tua terra.

²⁴E prosseguiu: De fato, vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra.

²⁵Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, reinando grande fome em toda a terra;

²⁶e a nenhuma delas foi Elias enviado, senão a uma viúva de Sarepta de Sidom.

²⁷Havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro.

²⁸Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira.

²⁹E, levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até ao cimo do monte sobre o qual estava edificada, para, de lá, o precipitarem abaixo.

³⁰Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-se.

³¹E desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e os ensinava no sábado.

Lucas 8:41–56

⁴¹Eis que veio um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga, e, prostrando-se aos pés de Jesus, lhe suplicou que chegasse até a sua casa.

⁴²Pois tinha uma filha única de uns doze anos, que estava à morte. Enquanto ele ia, as multidões o apertavam.

⁴³Certa mulher que, havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia, e a quem ninguém tinha podido curar [e que gastara com os médicos todos os seus haveres],

⁴⁴veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste, e logo se lhe estancou a hemorragia.

⁴⁵Mas Jesus disse: Quem me tocou? Como todos negassem, Pedro [com seus companheiros] disse: Mestre, as multidões te apertam e te oprimem [e dizes: Quem me tocou?].

⁴⁶Contudo, Jesus insistiu: Alguém me tocou, porque senti que de mim saiu poder.

⁴⁷Vendo a mulher que não podia ocultar-se, aproximou-se trêmula e, prostrando-se diante dele, declarou, à vista de todo o povo, a causa por que lhe havia tocado e como imediatamente fora curada.

⁴⁸Então, lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz.

⁴⁹Falava ele ainda, quando veio uma pessoa da casa do

chefe da sinagoga, dizendo: Tua filha já está morta, não incomodes mais o Mestre.

⁵⁰Mas Jesus, ouvindo isto, lhe disse: Não temas, crê somente, e ela será salva.

⁵¹Tendo chegado à casa, a ninguém permitiu que entrasse com ele, senão Pedro, João, Tiago e bem assim o pai e a mãe da menina.

⁵²E todos choravam e a pranteavam. Mas ele disse: Não choreis; ela não está morta, mas dorme.

⁵³E riam-se dele, porque sabiam que ela estava morta.

⁵⁴Entretanto, ele, tomando-a pela mão, disse-lhe, em voz alta: Menina, levanta-te!

⁵⁵Voltou-lhe o espírito, ela imediatamente se levantou, e ele mandou que lhe dessem de comer.

⁵⁶Seus pais ficaram maravilhados, mas ele lhes advertiu que a ninguém contassem o que havia acontecido.

“Você crê?”

Leitura Bíblica 14

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- S. Ressuscitando a filha de Jairo (e curando uma enferma) (Mateus 9:18–26; Marcos 5:22–43; Lucas 8:41–56).
- T. Curando cegos e um endemoninhado (e sendo criticado) (Mateus 9:27–34).
- U. Visitando Nazaré (e sendo rejeitado) (Mateus 13:54–58; Marcos 6:1–6; Lucas 4:16–31).

Quando Jesus voltou à margem ocidental do mar da Galiléia, uma multidão O esperava (Marcos 5:21; Lucas 8:40). Nessa ocasião, Ele realizou vários milagres notáveis, incluindo a ressurreição de uma menina. Logo depois, fez uma terceira viagem pela Galiléia, começando por Sua cidade, Nazaré.

Uma das palavras chaves desta lição é “crer” ou “ter fé”¹. Quando Cristo curou uma mulher, Ele disse: “...a tua fé te salvou” (Mateus 9:22). A um chefe da sinagoga, Ele disse: “Não temas, crê somente” (Marcos 5:36). A dois cegos, Ele perguntou se criam que ele podia curá-los e eles responderam: “Sim, Senhor!” Então, Ele disse: “Faça-se-vos conforme a vossa fé” (Mateus 9:28, 29). Ao ser rejeitado em Nazaré, “admirou-se da incredulidade deles” (Marcos 6:6).

Alguns que alegam possuir poderes miraculosos tentam usar esses versículos para ensinar que até Jesus não podia fazer milagres se as pessoas primeiramente não cressem. Com isto desculpam-se por suas falhas dizendo que os que não obtiveram cura “não possuem fé suficiente”. É verdade que a fé é enfatizada nessas passagens, mas não é verdade que a capacidade de operar milagres de Jesus dependia da fé da pessoa por Ele ajudada. Nos estudos que fizemos até aqui, vimos uma série de casos em que a fé era inexistente ou até impossível². Nesta lição, veremos aqui que uma menina morta foi ressuscitada, e ela certamente não tinha fé antes de ser ressuscitada.

Por que, então, a fé foi enfatizada durante esses incidentes? Jesus chegara a um ponto crucial do Seu ministério. Ele fizera muitos milagres antes disso, e um dos propósitos desses milagres era produzir fé

(João 20:30, 31). Ele sabia que, em questão de meses, partiria desta terra. Quando Ele partisse, teria de deixar para trás um núcleo forte de crentes. Por isso, cada vez mais Jesus estimulava as pessoas a crer.

Em cada segmento desta lição, faremos um contraste entre fé e incredulidade. A pergunta crucial é se você e eu cremos ou não.

“VOCÊ CRÊ, JAIRO?” (MATEUS 9:18–26; MARCOS 5:22–43; LUCAS 8:41–56)

A Fé Expressa (Mateus 9:18, 19; Marcos 5:22–24; Lucas 8:41, 42)

Um homem chamado Jairo foi até Jesus. Ele foi descrito como “um dos principais da sinagoga” (Marcos 5:22) e “chefe da sinagoga”³ (Lucas 8:41). O “principal” ou “chefe” da sinagoga fazia parte do quadro de “anciãos” (veja Lucas 7:3) responsáveis pela sinagoga⁴. O “chefe” era encarregado dos cultos da sinagoga, incluindo manter a ordem (veja Lucas 13:14) e convidar homens para ler e falar (veja Atos 13:15)⁵. Um chefe de sinagoga numa cidade judaica era um cidadão altamente respeitado.

Quando Jairo aproximou-se de Cristo, “prostrou-se a Seus pés” (Marcos 5:22), rogando-Lhe que fosse e curasse sua filhinha de doze anos, a qual es-

³“Chefe da sinagoga” é tradução de uma palavra grega composta que significa literalmente “os encarregados da sinagoga”.

⁴O termo “ancião” nos relatos do evangelho significa muitas vezes “ancestral” (Mateus 15:2), mas geralmente se refere a um líder judeu vivo. Na hierarquia judaica, os anciãos das sinagogas estavam abaixo dos escribas. O termo “ancião” também era usado para se referir a líderes religiosos em geral. Jesus muitas vezes referiu-se a ser rejeitado por “anciãos, principais sacerdotes e escribas” (Mateus 16:21; veja 21:23). O Sinédrio era às vezes chamado de “a assembléia dos anciãos” (Lucas 22:66).

⁵Um chefe de sinagoga subordinado era chamado de “assistente” (veja Lucas 4:20 mais adiante nesta lição).

¹A mesma palavra grega é traduzida ora por “crer”, ora por “ter fé”.

²Veja uma exposição disso na páginas 25 e 26 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3” desta série.

tava “à beira da morte” (Mateus 9:18; Marcos 5:23)⁶. O chefe da sinagoga pode ter ouvido que Jesus havia curado o filho de um oficial do rei em Cafarnaum⁷ (João 4:46–53) e o servo de um centurião naquela cidade (Lucas 7:1–10). Abdicando de qualquer respeitabilidade, Jairo atirou-se aos pés do Senhor, implorando-Lhe que ajudasse sua “filha única” (Lucas 8:42). Como observou J. W. McGarvey, “suas necessidades eram maiores do que seu orgulho”⁸. Você tem filhos? Se você tem, compreende a dor no coração de Jairo.

Jesus não hesitou. Seguindo o chefe da sinagoga, partiu rumo à casa dele. Os passos deles eram lentos; a Bíblia Viva diz que eles tiveram de empurrar as multidões para abrir caminho (Lucas 8:42; veja também Marcos 5:24, 31).

A Fé Testada (Mateus 9:20–22; Marcos 5:25–36; Lucas 8:43–50)

A caminho da casa de Jairo, ocorreu um incidente anormal. Ele tem sido chamado de “o milagre parentético”, porque é um incidente miraculoso inserido no relato de outro incidente miraculoso.

Enquanto Jesus abria caminho pela multidão, uma mulher enferma determinada forçou o caminho pelos corpos apinhados até alcançar Cristo. O Dr. Lucas disse que “havia doze anos, [ela] vinha sofrendo de uma hemorragia, e a quem ninguém tinha podido curar” (Lucas 8:43). Segundo a lei de Moisés, ela estivera perpetuamente “impura” (veja Levítico 15:19, 26)⁹.

O resumo de Marcos não foi tão bondoso com os colegas médicos de Lucas: ele disse que a mulher “muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior” (Marcos 5:26). Naqueles dias, a maioria dos médicos

misturava “uma pitada” de fisiologia elementar¹⁰ com “uma xícara” de plantas medicinais e “uma garrafa” de ritualismo supersticioso¹¹.

Talvez você já tenha conhecido alguém que esteve doente por anos e pode imaginar quanto aquela mulher sofrera. É bem provável que ela era pálida, magra, sempre arcada de dor. Todavia, quando ela ouviu que o Senhor estava vindo naquela direção, encontrou forças antes ocultas. Empurrando a multidão, abriu caminho até ficar diretamente atrás dEle, próxima o suficiente para alcançá-LO e tocá-LO.

Ela dizia consigo mesma: “Se eu apenas Lhe tocar a veste, ficarei curada” (Mateus 9:21; veja Marcos 5:28). Era comum a crença de que objetos que estiveram em contato com o operador de milagres continham poder miraculoso (veja Mateus 14:36; Atos 19:11, 12). Talvez a mulher pensasse que seria audacioso incomodar Jesus e decidiu simplesmente tocar-Lhe a veste. Quaisquer que fossem suas razões, a mulher teve fé no poder de Cristo.

Ela se esticou e “Lhe tocou na orla da veste” (Mateus 9:20)¹². E, ao fazê-lo, “logo se Lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo” (Marcos 5:29). Costumamos dizer “estou me sentindo mal” quando estamos doentes e “estou me sentindo bem” quando a doença vai embora. Aque-la mulher saiu instantaneamente do “sentir-se mal” para o “sentir-se bem”! Podemos ver o seu corpo se endireitando, a cor voltando à face e um sorriso se espalhando pelo rosto.

Imediatamente, Jesus reconheceu que dele saíra poder (Marcos 5:30a; Lucas 8:46). Não quero me prolongar aqui, pois sendo um humano finito, não posso entender o poder divino—mas os detalhes me fascinam. Pode ser que eu esteja lendo demais as entrelinhas, mas elas sugerem, para mim, que custava alguma coisa para Jesus operar milagres. Talvez cada milagre que Ele realizava O exauria de alguma maneira¹³, embora nunca levasse em consideração o custo, nem jamais hesitasse em estender ajuda aos outros.

⁶No relato de Mateus, Jairo disse que sua filha “falecera” (Mateus 9:18). Aquela provavelmente era uma forma triste de um pai dizer: “Ela estava quase morta quando saí, e já deve estar morta. Por isso temos de nos apressar!” O Dr. Lucas reforçou que ela estava “à morte” (Lucas 8:42).

⁷Jesus provavelmente voltara para Cafarnaum. Reveja a exposição na página 19.

⁸J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 352.

⁹A declaração de “impureza” tinha um lado prático: às vezes aquilo que produzira a “impureza” cerimonial era contagioso. As leis relativas ao que era “puro” e ao que era “impuro” ajudavam a prevenir a proliferação de doenças.

¹⁰Fisiologia é “a ciência biológica das funções, atividades e processos de organismos vivos” (*American Heritage Dictionary*, 4ª ed. [2001], v.v. “physiology” [“fisiologia”]). No primeiro século, o conhecimento de fisiologia era muito rudimentar.

¹¹Veja uma breve exposição das antigas práticas médicas em “Apocalipse—Parte 2”, *A Verdade para Hoje*, pp. 37–38.

¹²“A orla” podia ser uma das borlas exigidas para lembrar o povo da Lei (Deuteronômio 22:12).

¹³Isto pode ajudar a explicar por que Ele precisava de repouso de vez em quando, e por que a oração era tão importante para Ele.

Quando Jesus sentiu esse poder sair de Si, parou e perguntou: “Quem me tocou nas vestes?” (Marcos 5:30b). Isto surpreendeu os discípulos. Eles responderam: “Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou?” (Marcos 5:31). Isso também nos deixa um pouco perplexos. Significa que Cristo não tinha idéia de quem a mulher era? Os relatos de Mateus e Marcos parecem deixar implícito que Jesus sabia quem era a mulher, o que ela fizera e por que fizera aquilo. Eles indicam que, com pouca ou sem nenhuma hesitação, Jesus virou-se e olhou para a mulher (Mateus 9:22; Marcos 5:32).

Geralmente, o propósito das perguntas de Cristo não era obter informações para Si mesmo, mas convencer as pessoas da verdade¹⁴. Esse pode ter sido o caso nessa ocasião. Talvez Ele quisesse que as pessoas ao Seu redor soubessem da fé da mulher—e como essa fé resultara em bênção para a vida dela. Talvez Ele quisesse que a mulher tivesse uma idéia clara do que acontecera e por que isso acontecera. Lucas escreveu:

Vendo a mulher que não podia ocultar-se, aproximou-se trêmula¹⁵ e, prostrando-se diante dele, declarou, à vista de todo o povo, a causa por que lhe havia tocado e como imediatamente fora curada. Então, lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz (Lucas 8:47, 48).

A bênção “vai-te em paz” proveu a certeza de que a cura era permanente, a moléstia não reincidiria.

Visualize a mulher saindo—e depois mude seu olhar para Jairo. Ele estivera tentando levar Jesus às pressas até sua casa, onde a filhinha sucumbia à beira da morte. Enquanto passava pela multidão, ele deve ter feito silenciosamente esta oração várias vezes: “Senhor, ajude-nos para que não seja tarde demais. Deus, ajude-nos a chegar lá antes que ela morra!” Agora, Jairo via-se obrigado a parar e esperar até que Cristo cuidasse daquela mulher enferma. Se eu fosse Jairo, teria ficado tentado a gritar: “Jesus, ajude-a mais tarde! Ela já está doente há doze anos mesmo. Mais um ou dois dias não vão importar. Minha filhinha precisa do Senhor *agora!*”

Se o chefe da sinagoga estava frustrado devido à demora, a frustração evoluiu para desespero, pois chegou-lhe a seguinte notícia: “Tua filha já está morta, não incomodes mais o Mestre” (Lucas 8:49b). O coração daquele pai deve ter esmorecido totalmente. Alguns de nós sabemos o que isso significa.

¹⁴Um exemplo disso está em João 6:5, 6.

¹⁵Ela podia estar tremendo porque tinha consciência de que o fato de tocar em outra pessoa tornava esta “impura” (Levítico 15:19). Os rabinos teriam repreendido a mulher, mas Jesus não fez isso.

Possivelmente ciente do desalento de Jairo, Cristo lhe disse ternamente: “Não temas, crê somente, e ela será salva” (Lucas 8:50; veja Marcos 5:36). A NVI diz “será curada”¹⁶. Que teste de fé!

A Fé Recompensada (Mateus 9:23–26; Marcos 5:37–43; Lucas 8:51–56)

Jesus continuou acompanhando Jairo até a casa dele. Quando ali chegaram, embora a menina estivesse morta havia pouco tempo, os procedimentos do enterro já estavam em andamento. Naquele local e época, o sepultamento normalmente acontecia no mesmo dia. A posição social de uma família evidenciava-se pelo número de pranteadores profissionais que podiam contratar e pelo barulho que os pranteadores podiam fazer¹⁷. Assim que entrou na casa do chefe da sinagoga, “viu Jesus o alvoroço, os que choravam e os que pranteavam muito” (Marcos 5:38; Mateus 9:23). Havia o som triste dos “tocadores de flauta” e os gritos agudos dos “que choravam e... pranteavam muito” (Mateus 9:23; Marcos 5:38).

Uma das tarefas mais difíceis de Jesus naquele dia certamente foi abrandar aquele alvoroço o suficiente para que pudessem ouvi-lo. Quando Ele conseguiu a atenção de todos, mandou que parassem de chorar e saíssem dali: “...ela não está morta, mas dorme”¹⁸ (Lucas 8:52; Mateus 9:24; Marcos 5:39). Quando Jesus disse isso, a casa, antes cheia de prantos, encheu-se de risos (Mateus 9:24; Marcos 5:40)¹⁹. Lucas disse: “E riam-se dele, porque sabiam que ela estava morta” (Lucas 8:53). Posso imaginar mais de um pranteador profissional dizendo: “Isto é ridículo! Já estive em cinquenta velórios este ano, e *conheço* um morto assim que o vejo!”

Depois de mostrar a porta de saída para os escarnecedores e incrédulos (Marcos 5:40a), Cristo levou Jairo e a esposa, juntamente com três discípulos—Pedro, Tiago e João (Marcos 5:37)—para o quarto em que o corpo da menina jazia. Pedro, Tiago e João têm sido chamados de “o círculo íntimo” dos apóstolos. Esta é primeira de três ocasiões regis-

¹⁶A expressão “será salva” ou “será curada” é o que se esperava se a garota estivesse “apenas” doente. Mais uma vez enfatizo que o milagre de ressuscitar mortos estava na mesma categoria do milagre de curar enfermos. Aqueles que alegam ter o poder de operar curas miraculosas deveriam estar prontos para confirmar o que alegam ressuscitando mortos.

¹⁷Esperava-se que até os pobres tivessem pelo menos uma mulher se lamentando em alta voz.

¹⁸“Dormir” é um eufemismo comum para a morte (veja João 11:11–14). A palavra “cemitério” significa literalmente “lugar de dormir”.

¹⁹O riso era de escárnio e zombaria. Parte dessa reação poderia ser medo dos pranteadores de que não fossem pagos.

tradas em que Jesus separou-os dos demais dando-lhes uma atenção especial²⁰.

Imagine esta cena dramática: Cristo caminhou até o corpo inerte da menina e pegou a mão dela, já fria. Pronunciou suavemente as palavras: “Talitá cumi!”—palavras aramaicas que significam: “Menina, eu te mando, levanta-te” (Marcos 5:41). As palavras foram simples, como as de alguém que acorda uma criança de manhã²¹.

Imediatamente, “voltou-lhe o espírito” (Lucas 8:55)²². Você consegue ver os olhos da menina piscando e se abrindo? Consegue ouvir os suspiros dos pais? Marcos 5:42 diz que ela “se levantou e pôs-se a andar”²³. Consegue vê-la correndo para os braços da mãe e do pai? Consegue enxergar Jesus sorrindo e orientando a mãe inquieta a preparar uma refeição para a filha (Marcos 5:43; Lucas 8:55)?²⁴

Devido à crescente animosidade dos fariseus, Jesus quis que aquele caso fosse tratado em particular. Ele ordenou ao Sr. e Sra. Jairo “expressamente que ninguém o soubesse” (Marcos 5:43; veja Lucas 8:56)—mas, como sempre, não demorou muito para que a notícia do incidente “corresse por toda aquela terra” (Mateus 9:26).

A cena, porém, que quero deixar com você é a da mãe delirantemente feliz insistindo para a filha comer, enquanto o pai radiante observava tudo. Se perguntássemos a esse homem: “Você crê, Jairo?”, a resposta seria um ressonante “Sim!”.

“VOCÊS CRÊEM, CEGOS?” (MATEUS 9:27–34)

A Fé dos Fisicamente Cegos (vv. 27–31)

Segundo Mateus, quando Jesus saiu da casa de Jairo, dois cegos O seguiram, clamando: “Tem

²⁰As outras duas ocasiões foram durante a transfiguração e no jardim do Getsêmani (Mateus 17:1; Marcos 14:33). Por que esses três eram especiais para Jesus não sabemos. Talvez fosse por causa de seus futuros papéis: Pedro foi um líder na igreja primitiva; Tiago foi o primeiro mártir e, pelo que sabemos, João continuou seu trabalho por mais tempo do que qualquer outro apóstolo. Esses três obviamente estavam entre os primeiros a crer em Jesus.

²¹Esta sentença foi adaptada de McGarvey e Pendleton, p. 356.

²²Esta foi a segunda ressurreição de um morto registrada por Jesus. A primeira foi a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lucas 7). A terceira será a de Lázaro (João 11).

²³Sabendo como são as meninas, imagino que tenha dado alguns pulinhos.

²⁴A garota provavelmente perdeu o apetite quando ficou doente, e devia não estar se alimentando há algum tempo. Esta é uma ilustração gráfica do fato de Deus não fazer por nós o que podemos fazer por nós mesmos.

compaixão de nós, Filho de Davi!”²⁵ (v. 27). Eles O seguiram até a casa onde Ele estava Se hospedando (v. 28a). Finalmente, Cristo virou-Se para eles e perguntou: “Credes que eu posso fazer isso? Responderam-lhe: Sim, Senhor! Então, lhes tocou os olhos²⁶, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé. E abriram-se-lhes os olhos” (Mateus 9:28b–30a). Mais uma vez, Jesus mandou que não contassem a ninguém (v. 30b)—e mais uma vez a notícia espalhou-se por toda parte (v. 31).

A Incredulidade dos Espiritualmente Cegos (vv. 32–34)

Quando Cristo saiu da casa, foi logo cercado pelas multidões e retomou Seu ministério de ensino e cura. Um homem endemoninhado, incapaz de falar²⁷, foi levado até Ele (v. 32). Assim que Jesus expulsou o demônio, o homem começou a falar. “E as multidões se admiravam, dizendo: Jamais se viu tal coisa em Israel!” (v. 33).

Como sempre, os críticos do Senhor também estavam presentes. Eles repetiram a acusação blasfema: “Pelo maioral dos demônios é que expele os demônios” (v. 34)²⁸. O preconceito tapara os ouvidos e cegara os corações daqueles adversários (veja Mateus 13:15). Independentemente do que Cristo fizesse, eles se recusavam a crer.

“VOCÊS CRÊEM, CIDADÃOS DE NAZARÉ?” (MATEUS 13:54–58; MARCOS 6:1–6; LUCAS 4:16–30)

Pouco depois de curar a filha de Jairo (Marcos 5:37–43), Jesus foi para Sua cidade, Nazaré (Marcos 6:1). Aquela provavelmente foi Sua primeira parada na terceira viagem pela Galiléia²⁹ (Marcos 6:6; veja Mateus 9:35).

Lucas inseriu a rejeição de Cristo em Nazaré num momento anterior de sua narrativa, aparentemente, para explicar por que Cafarnaum, e não Nazaré, serviu de quartel-general durante o ministério de Jesus na Galiléia (veja Lucas 4:16–31). Muitos es-

²⁵“Filho de Davi” era um título messiânico usado pelos judeus, baseado em 2 Samuel 7:12.

²⁶Às vezes Jesus tocava aqueles a quem Ele curava, às vezes não. O poder não estava no procedimento, mas na Sua pessoa.

²⁷O homem pode ter tido uma doença física (surdez, que resultou na incapacidade de falar) juntamente com a possessão demoníaca, mas é provável que a mudez fosse resultado da possessão demoníaca (veja Marcos 9:17).

²⁸Veja os comentários sobre a resposta de Jesus a essa acusação na página 40 de “A Vida de Cristo—Parte 4”. Veja também a lição “Jesus e o pecado imperdoável”, em “Conheça o Mestre, 1”, *A Verdade para Hoje*, pp. 23–28.

²⁹Estudaremos sobre a terceira viagem na próxima lição.

Como Lidar com a Rejeição

Lucas 4:16-31,
Olhando de perto



As profecias do Antigo Testamento relativas à vinda do Messias falam da Sua glória, do Seu poder e das maravilhas que Ele faria. Todavia, no meio dessas predições animadoras, há uma passagem que lança uma observação estranha: Isaías 53:3 diz que o Messias seria “desprezado e o mais rejeitado entre os homens”. A ERC diz que Ele seria “desprezado e o mais indigno entre os homens”. O tema da rejeição é uma linha que permeia as profecias messiânicas.

O próprio Cristo falou dessa rejeição. Ao tentar preparar Seus discípulos para o que viria, Ele disse que era necessário que “o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas” (Marcos 8:31). Ele disse: “...importa que primeiro ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por esta geração” (Lucas 17:25).

Jesus não foi o primeiro servo de Deus a ser rejeitado. Profetas como Jeremias e Ezequiel receberam ordem para pregar e ainda foram avisados de que as pessoas os rejeitariam, a eles e à mensagem deles. Eles sofreram com isso. Por muitas vezes, Jeremias praticamente disse: “Senhor, eu gostaria de cancelar o meu contrato!”¹

Dentre todas as coisas de que a maioria de nós não gosta, a rejeição está no alto da lista². Quando eu era menino, vendia uma variedade de produtos de porta em porta para ganhar prêmios oferecidos pelos fabricantes dos produtos. Eu vendia pomadas, sementes, cartões de saudação e revistas femininas. A parte mais difícil da venda era ouvir “não”. Minha abordagem básica era me aproximar da porta e dizer, com uma voz trêmula e o lábio inferior em preponderância: “A senhora não quer comprar isto, quer?” Detesto rejeição.

Eu não me incomodaria de ter novamente trinta ou quarenta anos, mas dinheiro nenhum me paga-

ria para ser de novo um adolescente... porque os meninos adolescentes precisam convidar meninas adolescentes para sair... e isso pode resultar em rejeição. Ainda me lembro de um incidente lastimável em que tomei coragem para convidar uma garota para um jantar especial e ela me disse “não”. Detesto rejeição.

Além do meu trabalho para *A Verdade para Hoje*, escrevo alguns artigos esporadicamente. Escrever não é o difícil—difícil é ler as respostas de avaliação—aqueles pedacinhos de papel frios, sem sentimento, que declaram: “Não estamos interessados no que você escreveu”. Detesto rejeição.

Vou adivinhar: você também não gosta de rejeição. Quer seja vendendo, quer seja apresentando-se para um emprego ou se relacionando com os familiares agregados, ninguém gosta de rejeição. Alguns de vocês sabem o que é ser rejeitado pelos pais, pelo cônjuge ou pelos filhos. É doloroso ser rejeitado, não é?

Em Lucas 4:16-31, temos a história da rejeição de Jesus em Nazaré, a cidade onde Ele cresceu. O primeiro encontro evangelístico em que preguei foi em Lone Wolf, Oklahoma, no ano de 1955. Enquanto eu crescia, mudamos muitas vezes, mas eu frequentei a escola de Lone Wolf por cinco anos. Lone Wolf é a cidade que eu poderia chamar de “minha cidade”. Enquanto eu me esforçava naquela primeira pregação em Lone Wolf, os cristãos dali me apoiaram muito—mas e se eles tivessem me rejeitado? Talvez eu não estaria pregando hoje. Quando Jesus “foi para casa” para pregar, Ele *foi* rejeitado. Num sentido, a rejeição de Jesus em Nazaré foi uma prévia de como Ele seria rejeitado no final pelo povo judeu.

A história da rejeição de Cristo encontra-se nos três relatos sinóticos do evangelho³. Usaremos primeiramente a versão de Lucas, a mais completa. Faremos primeiro um estudo da história em geral,

¹Veja Jeremias 20:7, 8. Há pelo menos cinco seções de “reclamação” no Livro de Jeremias.

²Você vai querer usar seus exemplos pessoais de rejeição, em vez de usar os meus.

³Alguns acreditam que Mateus e Marcos descrevem uma ocasião diferente, mas eu acredito que todos os três estejam falando do mesmo acontecimento. (Reveja a exposição disso na páginas 29 e 30.)

para verificar quais lições podemos extrair dela. Depois, responderemos a uma pergunta específica: “Como Jesus conseguiu lidar com a rejeição e seguir em frente?”

A REJEIÇÃO DE JESUS

O texto começa dizendo: “Indo para Nazaré, onde fora criado” (v. 16a). Nazaré era o povoado onde Jesus havia crescido⁴. Ficava ao norte de Jerusalém na província da Galiléia, quase entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo.

“...Entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume” (v. 16b). Era costume ou hábito de Cristo freqüentar os cultos da sinagoga todo sábado. Freqüentar as reuniões de adoração fielmente não deve ser *apenas* um hábito, e sim um bom hábito a ser desenvolvido.

Sabemos alguma coisa sobre os cultos nas sinagogas pelos escritos rabínicos posteriores. O culto começava com todos recitando em uníssono o *Shema* (de Deuterônimo 6:4–9⁵). Após várias orações, uma porção da Lei era lida. A seguir, era feita uma leitura dos Profetas. Jesus ou Se apresentou como voluntário ou Lhe pediram para fazer essa parte do culto.

Jesus “levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías” (vv. 16c, 17a). O livro teria sido dado a Ele pelo “assistente” (v. 20). A ERC diz “ministro”⁶. O “assistente” era um empregado remunerado encarregado do prédio e de seu conteúdo, incluindo as cópias das Escrituras⁷. Os homens com esse encargo auxiliavam nos cultos e geralmente nas escolas sabáticas. De certo modo, eles eram semelhantes aos nossos diáconos.

O assistente teria retirado o rolo de Isaías de um armário chamado “arca”. Os rolos eram grandes; seus cilindros mediam cerca de cem centímetros de comprimento. O Livro de Isaías, que é um livro extenso, normalmente ficava num rolo individual. O homem segurou o rolo para Jesus.

⁴Veja os comentários sobre Nazaré nas páginas 8 e 11 de “A Vida de Cristo—Parte 2”.

⁵*Shema* é uma palavra hebraica que significa “ouvir”, referindo-se, em seu sentido mais amplo, a Deuterônimo 6:4. Quando recitado nas orações diárias, o *Shema* inclui Deuterônimo 6:4–9 e 11:13–21, Números 15:37–41 e várias bênçãos adicionais.

⁶A palavra grega traduzida por “assistente” ou “ministro” significa literalmente “sub-remador”. Originalmente referia-se aos remadores que trabalhavam embaixo do convés de embarcações a remo. Veio a ser aplicado para quem fazia um trabalho difícil, desagradável.

⁷Esse homem não era um “chefe de sinagoga” (Lucas 8:41); esta era uma posição diferente. A respeito de “chefe” ou “principal” da sinagoga, veja os comentários na página 26.

“E, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito” (v. 17b, c). Ele esticou o rolo até o local da leitura anterior, verificou onde estava, e começou a enrolar para a direita ou para a esquerda, a fim de encontrar o texto que queria ler. Naqueles dias, não havia as divisões por capítulo nem por versículo. Você já calculou como o Senhor tinha de estar familiarizado com o Livro de Isaías para localizar o texto desejado? Ele encontrou o que estava procurando—a passagem identificada hoje como Isaías 61:1 e 2—e leu:

O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres⁸; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor (vv. 18, 19)⁹.

É certo que havia algum desacordo quanto a certos pontos de Isaías se referirem ou não ao Messias, mas não havia controvérsia quanto a essa passagem. Todo rabino acreditava que essas palavras estavam se referindo ao Messias: quando o Messias viesse, o Espírito de Deus estaria sobre Ele. Ele pregaria o evangelho aos pobres. Ele levaria libertação aos “cativos”. A palavra original para “cativos” é a mesma usada para descrever prisioneiros de guerra. Ele restauraria a visão aos cegos.

Ao ler essa lista das realizações do Messias, pensemos primeiramente nos termos num sentido literal—porque Jesus ajudou literalmente as pessoas das formas mencionadas. Depois, pensemos nelas num sentido espiritual. A referência à libertação que o Messias proporcionaria aos “cativos” tinha um significado especial para os que eram cativos de Satanás. Da mesma forma, Jesus não só curou os fisicamente cegos, mas também curou os espiritualmente cegos.

A próxima parte do texto é interessante: o Messias iria “pôr em liberdade os oprimidos”. Essa expressão parece vir de Isaías 58:6, e não de 61:1, 2. Possivelmente, Jesus fez uma pausa, desenrolou o rolo até essa referência, leu-o e depois enrolou-o de novo para frente até a parte que conhecemos como o capítulo 61. Novamente, consideremos como Jesus

⁸A ERC acrescenta uma expressão em relação ao Messias “curar os quebrantados do coração”. Esse acréscimo provavelmente foi feito para fazer a citação de Lucas conformar-se com a de Isaías 61:1. Embora não se encontre nos manuscritos originais do Livro de Lucas, essa era uma obra que o Messias deveria realizar.

⁹Se quiser, faça uma pausa e observe que o Messias se interessaria pelos “pobres”, “os cativos”, “os cegos”, “os oprimidos”. O fato de Ele ter se interessado por tais pessoas indica que devemos nos interessar também.

tinha de estar familiarizado com o Livro de Isaías para fazer isso.

A passagem em Isaías 61 concluiu com a promessa de que o Messias iria “apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4:19). A expressão “o ano favorável do Senhor” não se referia a um ano do calendário, e sim a um tempo em que todas as coisas seriam endireitadas.

A idéia de “o ano favorável do Senhor” pode ter sido baseada no ensino do Antigo Testamento relativo ao ano de jubileu¹⁰. Os judeus deveriam produzir em ciclos de sete anos. Todo sétimo ano, a terra não era cultivada. Após sete ciclos de sete anos—em outras palavras, após quarenta e nove anos—o ano seguinte, o quinquagésimo, deveria ser o ano de jubileu. Nesse ano, dívidas eram canceladas, escravos eram libertos e a terra era restaurada às famílias que originalmente a receberam. O ano de jubileu deveria ser o ano de recomeço para muitas pessoas. Não sabemos com que fidelidade os judeus seguiam as instruções sobre os ciclos de sete anos e o ano de jubileu, mas sabemos que eles aguardavam “o ano” em que o Messias endireitaria todas as coisas.

Quando Jesus terminou a leitura de Isaías, “fechou o livro” (v. 20a); em outras palavras, Ele enrolou o rolo. “Devolveu-o ao assistente e sentou-se” (v. 20b). (Os homens se levantavam para ler e sentavam-se para ensinar.) Cristo estava pronto para explicar a passagem que acabara de ler. “E todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele” (v. 20c). Alguma coisa na pessoa de Cristo, alguma coisa na maneira como Ele leu, gerou um pressentimento neles. Havia um clima de expectativa. Todos os olhos estavam fitos em Jesus.

“Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (v. 21). Com efeito, Ele estava dizendo: “Isto não diz respeito ao que aconteceu no passado nem ao que acontecerá no futuro. A aplicação deste texto não é a um acontecimento em Jerusalém nem a algum outro lugar. Hoje esta Escritura está sendo cumprida no que ‘acabais de ouvir’”. Simplificando, Jesus estava dizendo que o Ele estava fazendo era o cumprimento da passagem—que *Ele* era o Messias!

A sinagoga estava cheia de pessoas com quem Cristo se relacionara por quase trinta anos da Sua vida. Ele fora criado com muitos deles. Aprendera a amá-los. Aquela era a oportunidade deles O aceitarem como o Messias e receberem as bênçãos sobre as quais Isaías escrevera.

¹⁰Veja o ensino básico sobre esse ano em Levítico 25 e 27.

Qual foi a reação deles? Inicialmente, “todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios, e perguntavam: Não é este o filho de José?” (v. 22). Dá para imaginar a admiração deles ao falarem do Menino e do Homem que conheciam: “Tenho uma arca em casa que foi Ele quem fez!” “Tenho um arado que ele consertou!” “Ele não fez um bom trabalho hoje? Como Ele aprendeu a falar assim?” Mas depois, a dúvida minou a mente deles. Mateus faz um relato extenso dessa parte da história:

...se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos? Não é este o filho do carpinteiro?¹¹ Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto? E escandalizavam-se nele (Mateus 13:54b–57a; veja Marcos 6:3).

Os detalhes triviais da vida anterior de Jesus entre eles os impediram de ver quem Ele realmente era. Ele havia feito seus móveis e consertado seus equipamentos. Eles se admiraram ao ver que Ele falava tão bem, mas, para eles, Ele ainda era “o filho do carpinteiro”. “Escandalizaram-se”, ou seja, ficaram indignados, ofendidos. Mateus e Marcos nos dizem que o problema deles era “incredulidade” (Mateus 13:58; Marcos 6:6). Tiveram a oportunidade de seguir o Senhor, mas recusaram-se a crer.

Jesus provavelmente ouviu os comentários daqueles conterrâneos. Além disso, Ele podia ler seus pensamentos (João 2:25). Então, respondeu: “Sem dúvida, citar-me-eis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo” (Lucas 4:23a). Esse provérbio normalmente significava: “Cuidem de seus próprios problemas antes de tentarem resolver os nossos”. Foi usado aqui num sentido um pouco diferente. Cristo continuou fazendo ecoar os pensamentos deles: “...tudo o que ouvimos ter-se dado em Cafarnaum, faze-o também aqui na tua terra” (v. 23b). O provérbio do “médico” estava sendo usado com o sentido de: “*Prove* que você é um médico fazendo aqui milagres como fez em Cafarnaum”.

Os homens presentes na sinagoga sabiam o que Jesus fizera em Cafarnaum, a menos de quarenta quilômetros dali¹². Certamente haviam ouvido a respeito dos outros milagres que Jesus realizara (veja Lucas 7:17). Tiveram várias oportunidades de ver e ouvir Cristo enquanto Ele viajara pela província

¹¹Perguntaram: “Não é este o carpinteiro...?” (Marcos 6:3). Não era só o pai legal de Jesus que era carpinteiro, Ele também aprendera a profissão.

¹²Cafarnaum ficava ao nordeste de Nazaré. Veja o mapa na página 37.

(veja Lucas 8:1)¹³. Nada disso foi suficiente. Estavam pedindo um sinal especial, um milagre espetacular só para eles. Essa reação não era uma expressão de fé, mas de incredulidade.

Disse-lhes Jesus: “De fato, vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra” (Luvas 4:24). Segundo Marcos, Ele disse: “Não há profeta sem honra, senão na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa” (Marcos 6:4). Esse provérbio nem sempre é verdadeiro, mas em geral é. Na maioria das vezes, quando conhecemos um indivíduo a vida toda, é difícil reconhecer e valorizar as realizações dele.

Cristo continuou:

Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, reinando grande fome em toda a terra; e a nenhuma delas foi Elias enviado, senão a uma viúva de Sarepta de Sidom (Lucas 4:25, 26).

Ele estava, efetivamente, dizendo: “Eu vim no espírito dos profetas. Nos dias de Elias, Deus mandou o profeta para fora da terra. Elias poderia ter ajudado viúvas judias, mas Deus quis que ele ajudasse uma viúva gentia, em Sarepta”¹⁴.

Cristo deu outra ilustração: “Havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro” (v. 27). Eliseu foi o sucessor de Elias. Ele poderia ter curado muitos leprosos judeus; todavia, por providência divina, curou um leproso gentio. Nos dias de Jesus, para deixar um judeu furioso bastava insinuar que Deus também se preocupava com os gentios!

Como as pessoas reagiram aos exemplos citados por Cristo? Será que a Bíblia diz: “Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de fé”? Absolutamente não. “Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira” (v. 28; grifo meu).

Desprezando o decoro normal do culto numa sinagoga, causaram um tumulto coletivo¹⁵. “E, levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até ao cimo do monte sobre o qual estava edificada” (v. 29a). Nazaré fora edificada em cima da cadeia de montanhas do Líbano, que se estendia para o sul da Galiléia. Muitos pontos altos daquela região serviam para fins mortais.

¹³Na harmonia dos Evangelhos que adotamos neste estudo, o incidente de Lucas 4 vem após Lucas 7 e 8.

¹⁴As ilustrações de Jesus mostram a preocupação de Deus com os gentios, o que implica que o Messias viera não só para os judeus, mas também para os gentios.

¹⁵Compare isto com a reação do Sinédrio ao discurso de Estêvão (Atos 7:54, 57–59a).

Levaram Jesus até o alto “para, de lá, o precipitem abaixo” (v. 29b). Porque insinuou que era o Messias, talvez O tenham julgado culpado de blasfêmia, pecado que acarretava pena de morte por apedrejamento (Levítico 24:16). Geralmente o apedrejamento era executado pegando-se pedras e arremessando-as no condenado. Às vezes, porém, a vítima era jogada dentro de uma fenda e pedras maiores eram roladas até cobri-la. Esta provavelmente era a intenção dos cidadãos de Nazaré.

Independentemente de quais eram suas intenções, o versículo 30 diz que “Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-Se”. Teria Ele deixado que o impacto total de Sua personalidade fosse visto, de tal maneira que os espectadores ficaram assombrados, incapazes de agir (como parecem ter ficado os cambistas quando Ele purificou o templo), ou teria Ele realizado um milagre?¹⁶ Jamais saberemos—pelo menos, não nesta vida. Uma vez que a Sua “hora” ainda não era chegada (veja João 7:30; 8:20), Ele fez o que era necessário—seja lá o que tenha sido. Depois, saiu de Nazaré. Até onde sabemos, essa foi a última visita de Jesus àquela cidade¹⁷.

COMO JESUS LIDOU COM A REJEIÇÃO

Que história triste: Jesus foi rejeitado em Sua própria cidade! A pergunta da vez é: como Jesus lidou com isto? O que O capacitou a enfrentar e vencer a rejeição? Como você e eu reagimos à rejeição quando ela se interpõe em nosso caminho? Aqui estão sete sugestões concernentes ao texto bíblico que estamos estudando¹⁸:

1) *Ele conseguiu lidar com a rejeição porque a previu* (veja Marcos 8:31; Lucas 17:25). Fazia parte da Sua missão. A única maneira de evitar a rejeição é não se aventurar em nada. Se você nunca estender a mão, nunca a cortará—nem tampouco alcançará coisa alguma. Prever a rejeição preparou Jesus mentalmente.

2) *Ele conseguiu lidar com a rejeição porque tinha uma relação especial com Deus*. Essa relação estava implícita na profecia de Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres” (Lucas 4:18; veja Atos 10:38). Essa unção ocorreu no batismo de Jesus, quando o Espírito desceu sobre Ele (Lucas 3:22). Desse momento em diante, Lucas mostra Cristo sempre “cheio do Espírito

¹⁶Se Jesus realizou um milagre, eles conseguiram o que pediram, mas não o que queriam.

¹⁷Eles O rejeitaram; agora Ele os rejeitaria.

¹⁸Minhas sugestões não esgotam o assunto. Passe tempo meditando na passagem, pensando em como Jesus enfrentou a rejeição. Certamente surgirão mais idéias.

Santo” (4:1; veja v. 14). Ele renovava essa relação constantemente através da Sua vida de oração (5:16; 6:12; 9:28; 11:1). Jesus sempre soube que, mesmo sendo rejeitado por homens, Ele não era rejeitado por Deus (veja 2 Timóteo 4:16, 17).

3) *Ele conseguiu lidar com a rejeição porque freqüentava os cultos na sinagoga regularmente.* Vimos anteriormente que era costume ou hábito de Cristo ir à sinagoga. Se existiu alguém que verdadeiramente poderia dizer: “Não preciso dos cultos de adoração pública”, essa pessoa era Jesus. Apesar disso, quando o povo de Deus reunia-se para estudar ou adorar, Ele *queria* estar com eles.

Estamos adiantados o bastante no estudo da vida de Cristo para você fazer algumas perguntas sobre o povo de Deus daquela época: como um todo, os israelitas eram piedosos? Eram um povo íntegro? Eram cheios de fé e amor a Deus, ou estavam numa fase espiritualmente ruim? Jesus poderia facilmente ter dito: “Não vou usar a sinagoga porque ela está cheia de hipócritas”. Ele poderia ter dito honestamente: “Sou melhor do que eles!”—mas Ele não fez isto. Cristo não foi à sinagoga porque os adoradores tinham um relacionamento perfeito com Deus, e sim porque Ele queria intensificar Seu próprio relacionamento com Deus.

Hoje, adoramos com a congregação, e não numa sinagoga—mas ainda precisamos da atitude do Senhor (1 Pedro 2:21). Devemos nos reunir regularmente para nos encorajarmos uns aos outros (Hebreus 10:24, 25). O apoio de nossos irmãos e irmãs em Cristo pode nos ajudar quando somos rejeitados pelo mundo.

4) *Ele conseguiu lidar com a rejeição porque conhecia as Escrituras.* Mais uma vez, visualize Jesus enrolando e desenrolando o rolo até as passagens que Ele queria ler. Você vê para onde essas sugestões apontam? Deus nos deu *muitos* recursos para nos fortalecer. Ele nos deu a oração, uma parte essencial de nossa relação com Ele. Ele nos deu a Bíblia para lermos e ouvirmos a Sua voz consoladora. Ele nos deu a oportunidade de nos reunirmos e nos encorajarmos mutuamente. Infelizmente, muitos de nós não utilizamos esses recursos celestiais. Depois, nos perguntamos por que nos desintegramos quando somos rejeitados.

5) *Ele conseguiu lidar com a rejeição porque sabia quem Ele era e entendia o Seu lugar no plano de Deus.* Ele podia ler Isaías e dizer efetivamente: “Esta passagem está falando de Mim. Estou fazendo o que Deus quer que eu faça”. Geralmente, não podemos lidar com a rejeição por causa de insegurança pessoal. Nem sempre podemos ver como nos encaixamos

no plano de Deus. Não reconhecemos que somos especiais, que somos povo de Deus. Se você é um cristão, então você é um homem ou uma mulher de Deus, e Deus tem um plano para a sua vida. Agarresse a essa verdade!

6) *Ele conseguiu lidar com a rejeição porque Ele estava comprometido em fazer o certo, mesmo sendo rejeitado.* Ao falar ao povo de Nazaré, Ele estava ciente da possibilidade real de não aceitarem o que Ele tinha a dizer—mas Ele o disse assim mesmo. Quando somos rejeitados, encontramos conforto no reconhecimento de que fizemos o que Deus queria que fizéssemos.

7) *Ele conseguiu lidar com a rejeição porque jamais permitiu que a rejeição O desencorajasse a ponto de desistir.* Muitos cristãos infiéis poderiam tirar proveito desta lição.

Nossa ênfase neste sermão está sendo a rejeição pelo mundo. No texto bíblico, Jesus não foi rejeitado pelo mundo, mas por homens e mulheres que alegavam ser o povo de Deus. Ele não foi rejeitado em praça pública, mas num prédio dedicado à adoração a Deus.

Conheço muitos cristãos que já foram fiéis na adoração e no trabalho para o Senhor. Depois, eles “se ressentiram” com outros cristãos e, por conta disso, “saíram da igreja”. Prometeram que nunca mais se envolveriam com o povo do Senhor.

Jesus não foi apenas rejeitado pelo povo de Deus, mas eles tentaram até matá-LO. Até onde eu sei, nenhum dos cristãos infiéis que conheço teve sua vida ameaçada por outros membros da igreja. Será que o fato de ser ameaçado de morte tirou de Jesus a alegria da adoração pública? Será que Ele decidiu jamais adorar numa sinagoga? Será que disse: “Se não me querem por perto, tudo bem para mim”? Na próxima história registrada por Lucas, Cristo entrou na sinagoga de Cafarnaum (4:31, 33)¹⁹. Depois de ser rejeitado no culto de uma sinagoga, Ele compareceu em outra sinagoga! O Senhor não deixou que a fraqueza de seres humanos afetasse o Seu compromisso em fazer o que era certo.

Independentemente de como a rejeição entristeça você, independentemente de quantas noites não dormidas ela gere, tome a decisão de que homem algum o impedirá de ser o que deve ser e fazer o que deve fazer. Assumindo esse tipo de compromisso com o Senhor, você estará apto a lidar com qualquer rejeição que a vida lhe trouxer. Ore comigo:

¹⁹Na harmonia que adotamos, a história que começa em Lucas 4:31 foi colocada antes, mas a idéia principal que estamos destacando ainda é válida.

Pai nosso que estás no céu, entendemos que o diabo está fazendo de tudo para nos destruir e destruir nossos irmãos e irmãs em Cristo. Sabemos que ele está tentando nos desencorajar, nos persuadir a nos desviarmos do Teu caminho. Fortifica-nos para que Satanás não coloque esse tipo de corrente em nossas mentes. Ajuda-nos a amar o Senhor e a valorizarmos o que o Senhor fez por nós. Fortalece nossa relação com o Senhor de modo que, quando formos rejeitados, isso não nos destrua nem nos detenha. Em nome de Jesus, amém.

CONCLUSÃO

Para vencer a rejeição, precisamos ter um relacionamento especial com o Senhor. Esse relacionamento começa no batismo. No batismo de Jesus, o Espírito de Deus desceu sobre Ele, e Deus O reconheceu como o Seu Filho (Mateus 3:16, 17). Quando você é batizado, Deus envia o Seu Espírito para dentro do seu coração e chama você de filho (Atos 2:38; Gálatas 4:6, 7)²⁰. Depois de você ser batizado, você precisa manter esse relacionamento sendo fiel ao Senhor. Só dessa maneira você será forte o bastante para lidar com a rejeição.

Você já se tornou um filho de Deus através da fé e da obediência? Se você já é um filho de Deus, você permitiu que a rejeição o desanimasse a ponto de torná-lo infiel e improdutivo? Jesus disse: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a

²⁰Há uma diferença importante entre recebermos o Espírito no momento do batismo e Jesus ter recebido o Espírito quando foi batizado. O Espírito concedido a Jesus estava relacionado à realização de Seus milagres, enquanto o nosso não. Todavia, os dois eventos possuem alguns paralelos importantes.

alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mateus 10:28). Se é que posso me apropriar do raciocínio de Cristo, deixe-me acrescentar uma coisa: “Não temais os que vos rejeitam nesta vida somente; temei, antes, aquele que pode rejeitar-vos por toda a eternidade”. Se você precisa ser batizado (Gálatas 3:26, 27) ou restaurado ao “seu primeiro amor” (Apocalipse 2:4), não adie a decisão de obedecer a Deus—por nem um minuto mais.



Atribuição de Leitura nº. 15

Mateus 9:35–38; 10:1–42; 11:1; 14:1–13;
Marcos 6:6b–32;
Lucas 9:1–10;
João 6:1

Mateus 9:35-38

³⁵E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.

³⁶Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.

³⁷E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos.

³⁸Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.

Mateus 10:1-42

¹Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades.

²Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão;

³Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu;

⁴Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

⁵A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos;

⁶mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel;

⁷e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o

reino dos céus.

⁸Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai.

⁹Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos;

¹⁰nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento.

¹¹E, em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes.

¹²Ao entrardes na casa, saudai-a;

¹³se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz.

¹⁴Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés.

¹⁵Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade.

¹⁶Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simplices como as pombas.

¹⁷E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas;

¹⁸por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios.

¹⁹E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer,

²⁰visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós.

²¹Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão.

²²Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.

²³Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de

percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem.

²⁴O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor.

²⁵Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?

²⁶Portanto, não os temais; pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido.

²⁷O que vos digo às escuras, dissei-o a plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados.

²⁸Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.

²⁹Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai.

³⁰E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados.

³¹Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais.

³²Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus;

³³mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.

³⁴Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.

³⁵Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra.

³⁶Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa.

³⁷Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim;

³⁸e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim.

³⁹Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á.

⁴⁰Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou.

⁴¹Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo.

⁴²E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.

Mateus 11:1

¹Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles.

Mateus 14:1-13

¹Por aquele tempo, ouviu o tetrarca Herodes a fama de Jesus

²e disse aos que o serviam: Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos, e, por isso, nele operam forças miraculosas.

³Porque Herodes, havendo prendido e atado a João, o metera no cárcere, por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão;

⁴pois João lhe dizia: Não te é lícito possuí-la.

⁵E, querendo matá-lo, temia o povo, porque o tinham como profeta.

⁶Ora, tendo chegado o dia natalício de Herodes, dançou a filha de Herodias diante de todos e agradou a Herodes.

⁷Pelo que prometeu, com juramento, dar-lhe o que pedisse.

⁸Então, ela, instigada por sua mãe, disse: Dá-me, aqui, num prato, a cabeça de João Batista.

⁹Entristeceu-se o rei, mas, por causa do juramento e dos que estavam com ele à mesa, determinou que lha dessem;

¹⁰e deu ordens e decapitou a João no cárcere.

¹¹Foi trazida a cabeça num prato e dada à jovem, que a levou a sua mãe.

¹²Então, vieram os seus discípulos, levaram o corpo e o sepultaram; depois, foram e o anunciaram a Jesus.

¹³Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, à parte; sabendo-o as multidões, vieram das cidades seguindo-o por terra.

Marcos 6:6b–32

⁶Contudo, percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar.

⁷Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos.

⁸Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro;

⁹que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas.

¹⁰E recomendou-lhes: Quando entrardes nalguma casa, permaneçei aí até vos retirardes do lugar.

¹¹Se nalgum lugar não vos receberem nem vos ouvirem, ao sairdes dali, sacudi o pó dos pés, em testemunho contra eles.

¹²Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse;

¹³expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, ungindo-os com óleo.

¹⁴Chegou isto aos ouvidos do rei Herodes, porque o nome de Jesus já se tornara notório; e alguns diziam: João Batista ressuscitou dentre os mortos, e, por isso, nele operam forças miraculosas.

¹⁵Outros diziam: É Elias; ainda outros: É profeta como um dos profetas.

¹⁶Herodes, porém, ouvindo isto, disse: É João, a quem eu mandei decapitar, que ressurgiu.

¹⁷Porque o mesmo Herodes, por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe (porquanto Herodes se casara com ela), mandara prender a João e atá-lo no cárcere.

¹⁸Pois João lhe dizia: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.

¹⁹E Herodias o odiava, querendo matá-lo, e não podia.

²⁰Porque Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo, e o tinha em segurança. E, quando o ouvia, ficava perplexo, escutando-o de boa mente.

²¹E, chegando um dia favorável, em que Herodes no seu aniversário natalício dera um banquete aos seus dignitários,

aos oficiais militares e aos principais da Galiléia,

²²entrou a filha de Herodias e, dançando, agradou a Herodes e aos seus convivas. Então, disse o rei à jovem: Pede-me o que quiseres, e eu to darei.

²³E jurou-lhe: Se pedires mesmo que seja a metade do meu reino, eu ta darei.

²⁴Saindo ela, perguntou à sua mãe: Que pedirei? Esta respondeu: A cabeça de João Batista.

²⁵No mesmo instante, voltando apressadamente para junto do rei, disse: Quero que, sem demora, me dê num prato a cabeça de João Batista.

²⁶Entristeceu-se profundamente o rei; mas, por causa do juramento e dos que estavam com ele à mesa, não lha quis negar.

²⁷E, enviando logo o executor, mandou que lhe trouxessem a cabeça de João. Ele foi, e o decapitou no cárcere,

²⁸e, trazendo a cabeça num prato, a entregou à jovem, e esta, por sua vez, a sua mãe.

²⁹Os discípulos de João, logo que souberam disto, vieram, levaram-lhe o corpo e o depositaram no túmulo.

³⁰Voltaram os apóstolos à presença de Jesus e lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado.

³¹E ele lhes disse: Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto; porque eles não tinham tempo nem para comer, visto serem numerosos os que iam e vinham.

³²Então, foram sós no barco para um lugar solitário.

Lucas 9:1–10

¹Tendo Jesus convocado os doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas.

²Também os enviou a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos.

³E disse-lhes: Nada leveis para o caminho: nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; nem deveis ter duas túnicas.

⁴Na casa em que entrardes, ali permanecei e dali saireis.

⁵E onde quer que não vos receberem, ao sairdes daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés em testemunho contra

eles.

⁶Então, saindo, percorriam todas as aldeias, anunciando o evangelho e efetuando curas por toda parte.

⁷Ora, o tetrarca Herodes soube de tudo o que se passava e ficou perplexo, porque alguns diziam: João ressuscitou dentre os mortos;

⁸outros: Elias apareceu; e outros: Ressurgiu um dos antigos profetas.

⁹Herodes, porém, disse: Eu mandei decapitar a João; quem é, pois, este a respeito do qual tenho ouvido tais coisas? E se esforçava por vê-lo.

¹⁰Ao regressarem, os apóstolos relataram a Jesus tudo o que tinham feito. E, levando-os consigo, retirou-se à parte para uma cidade chamada Betsaida.

João 6:1

¹Depois destas coisas, atravessou Jesus o mar da Galiléia, que é o de Tiberíades.

O Perigo do Sucesso

Leitura Bíblica 15

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- V. A terceira viagem de Jesus pela Galiléia (e instruções aos doze) (Mateus 9:35–38; 10:1–42; 11:1; Marcos 6:6–13; Lucas 9:1–6).
- W. O interesse de Herodes em Jesus (e o relato da morte de João Batista) (Mateus 14:1–12a; Marcos 6:14–29; Lucas 9:7–9).
- X. Jesus retira-Se do território de Herodes (e volta).
 1. A volta dos doze e a retirada para a margem oriental do mar da Galiléia (Mateus 14:12b, 13; Marcos 6:30–32; Lucas 9:10; João 6:1).

INTRODUÇÃO

Estamos chegando ao fim do grande ministério na Galiléia. Nesta lição, veremos Jesus e Seus discípulos fazendo uma última viagem pela Galiléia¹. A viagem foi um sucesso, mas esse sucesso trouxe perigos—pois despertou a atenção de Herodes, o déspota que governava aquela província², para Cristo. O rei Herodes havia decapitado João Batista recentemente e pairava uma tensão no ar. Assim que os discípulos de Jesus voltaram da viagem pela província, eles se retiraram do território do rei—e foram para a margem oriental do mar da Galiléia. Ali Jesus alimentou mais de cinco mil pessoas³ e atingiu o auge de Sua popularidade.

Estudaremos a multiplicação aos cinco mil e os acontecimentos subseqüentes na próxima lição. Nesta lição, nos concentraremos no sucesso da terceira viagem pela Galiléia e no perigo que ela acarretou a Cristo e aos discípulos.

UMA VIAGEM BEM SUCEDIDA (MATEUS 9:35–38; 10:1–42; 11:1; MARCOS 6:6–13; LUCAS 9:1–6)

A Dimensão da Tarefa (Mateus 9:35–38; Marcos 6:6)

Sabendo que Seu tempo estava se esgotando, Jesus quis fazer mais uma viagem pela Galiléia, para dar a cada habitante a oportunidade de segui-LO. Marcos 6:6b diz simplesmente: “Contudo, percor-

ria as aldeias circunvizinhas, a ensinar”. O relato de Mateus faz um resumo mais abrangente: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades” (9:35).

Quando Cristo olhou para as pessoas que iam ouvi-LO, “compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mateus 9:36)⁴. Uma linguagem semelhante fora usada no Antigo Testamento, sempre que o povo de Deus sofria por falta de liderança espiritual (Números 27:17; 1 Reis 22:17; Ezequiel 34:5).

Anteriormente, Jesus dissera aos Seus discípulos, referindo-Se aos samaritanos: “...erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa” (João 4:35b). Aqui Ele usou uma imagem correspondente em relação aos galileus—“a seara, na verdade, é grande”—acrescentando esta triste observação: “mas os trabalhadores são poucos” (Mateus 9:37). Disse Ele: “Rogai, pois, ao Senhor da seara⁵ que mande trabalhadores para a sua seara” (Mateus 9:38). Cristo precisava de ajuda para alcançar Seus conterrâneos.

A Solução para o Dilema (Mateus 10:1–42; Marcos 6:7–11; Lucas 9:1–5)

A solução de Jesus para a falta de trabalhadores foi enviar Seus doze apóstolos às cidades da região. Isto serviu para dois propósitos. Primeiro, garantiu que toda a região tivesse a oportunidade de ouvir “o evangelho do reino” (Mateus 9:35). Segundo, proveu um treinamento valioso para os doze—experiência que precisavam para o tempo em que Cristo

¹Se julgar apropriado, ilustre com as “últimas turnês” realizadas por artistas de música e teatro. Às vezes anunciam uma “última turnê” como jogada de *marketing* para atrair o público, mas no caso de Jesus aquela realmente era Sua última turnê na região.

²Veja as informações sobre Herodes nas página 39 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, desta série.

³“E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças” (Mateus 14:21).

⁴A expressão “ovelhas sem pastor” é uma figura gráfica que indica a grande necessidade espiritual do povo. Ovelhas sem pastor estão sem orientação, alimentação e proteção.

⁵Deus é “o Senhor da seara” porque Ele “dá o crescimento” (1 Coríntios 3:6, 7).

não estaria mais com eles. Na primeira viagem de Jesus pela Galiléia, Ele esteve acompanhado de um punhado de discípulos⁶. Na segunda viagem, os doze estavam com Ele⁷, para observar como Ele ensinava e ministrava. Chegara a hora de mandá-los viajar sozinhos⁸.

Preparação é essencial para o sucesso. Cristo não deixou de preparar Seus trabalhadores para o importante trabalho que teriam:

1) Para preparar os apóstolos, Ele os organizou. Dividiu-os em duplas ou pares (Marcos 6:7). Verifique a lista dos doze apóstolos em Mateus 10:2–4, e verá que eles estão agrupados em pares. Isto pode indicar como Jesus os enviou. Enviá-los de dois em dois deu peso à mensagem que propagariam (Deuteronômio 17:6; 19:15; Mateus 18:16; João 8:17; 2 Coríntios 13:1; 1 Timóteo 5:19). Também proporcionou força recíproca (veja Eclesiastes 4:12). Eles poderiam complementar o trabalho um do outro e se encorajar um ao outro.

Cristo também pode ter delegado para onde cada dupla deveria ir. Mateus 11:1 diz que o próprio Jesus foi pregar nas “cidades deles”, o que poderia se referir às cidades a eles delegadas⁹ (compare com Lucas 10:1). Também devem ter firmado algum acordo sobre quanto tempo a viagem duraria e para onde os apóstolos iriam quando ela terminasse (veja Marcos 6:30; Lucas 9:10).

2) Para preparar os apóstolos, Ele os instruiu¹⁰. A abrangente instrução de Jesus foi a parte mais importante da preparação.

Jesus explicou aos doze o que fazer. Deveriam ir somente até os judeus (Mateus 10:5, 6). Mais tarde, iriam preocupar-se com as “outras ovelhas” (os gentios; veja João 10:16). Nesta viagem, porém, deveriam se concentrar nas “ovelhas sem pastor” (Mateus 9:36)—ou seja, “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 10:6)¹¹.

Quando os doze fossem até os judeus, eles deveriam ensinar. Deveriam pregar as boas novas de que

⁶Veja a lição “Como quem tem autoridade”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

⁷Veja a introdução da lição “Um dia agitado”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 4”, desta série.

⁸Uma expressão usada na região em que este autor vive é: “que experimentem suas asas”. Quem está familiarizado com pássaros entende este conceito.

⁹Também é possível que a expressão se refira às cidades em que os discípulos residiam.

¹⁰Há comentários breves sobre a instrução de Mateus 10 nesta lição, no artigo suplementar sobre uns versículos deste capítulo e no sermão a seguir.

¹¹Devido a esta limitação, Mateus 10 tem sido chamado de a “comissão limitada” em contraste com Mateus 28:18–20, que registra a “grande comissão” (a *todos*).

o reino estava “próximo” (Mateus 10:7). Deveriam mandar que o povo “se arrependesse” (veja Marcos 6:12; Mateus 4:17). Deveriam falar ao povo sobre Jesus¹².

Além disso, enquanto viajassem e ensinassem, deveriam realizar milagres (veja Lucas 9:6). Jesus lhes disse: “Curai enfermos, ressuscitai mortos¹³, purificai leprosos, expeli demônios” (Mateus 10:8a). Mais adiante, retomaremos este assunto.

Jesus explicou aos doze o que levar. Deveriam carregar o essencial e depender da hospitalidade dos que aceitassem a mensagem aonde quer que fossem¹⁴. Ele disse que “digno de alimento é o trabalhador” (Mateus 10:10b). Desse modo, Cristo estava enfatizando a urgência daquela tarefa. Ele também estava ensinando-os a confiar que o Senhor proveria suas necessidades vitais (veja Lucas 22:35; Mateus 6:33).

Jesus explicou aos doze o que esperar. Alguns aceitariam a mensagem (Mateus 10:11, 13a), mas muitos a rejeitariam (Mateus 10:13b, 14, 16, 17, 21, 22, 24, 25).

Jesus explicou aos doze como deveriam reagir. Havia algumas coisas que eles *não* deveriam fazer. *Não* deveriam desperdiçar tempo com quem rejeitasse tanto a eles como à mensagem que portavam. Disse Ele: “Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés” (Mateus 10:14). Naqueles dias, sacudir o pó dos pés era um gesto simbólico de rejeição¹⁵. Indicava que quando as pessoas rejeitassem a mensagem de Deus, Deus as rejeitaria.

Não deveriam se intimidar com a rejeição (Mateus 10:26, 28). Cristo desafiou-os a falar intrepidamente da fé (Mateus 10:27) e prometeu: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos

¹²Isto está implícito pelo fato da pregação deles tornar o nome de Jesus bem conhecido por toda a região (veja Mateus 14:1; Marcos 6:13, 14).

¹³A capacidade de ressuscitar mortos estava ligada à capacidade miraculosa de curar os enfermos. Para haver consistência, aquele que alega ter poder para curar os doentes miraculosamente deve ter poder para ressuscitar os mortos.

¹⁴Quando os três relatos das instruções são comparados, parecem indicar que Cristo permitiu que cada um levasse o que era necessário para se vestir durante a viagem, mas sem trocas. Também não deveriam levar dinheiro nem provisões. Tenhamos em mente que seria uma viagem curta de algumas semanas e que eles estavam indo até pessoas que praticavam a hospitalidade. Essas proibições não eram aplicáveis a todas as viagens de pregação (observe Lucas 22:35, 36).

¹⁵Veja “Notas sobre a comissão limitada de Jesus”, na página 45.

homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 10:32, 33). Essas promessas aplicam-se a qualquer confissão (ou negação) do Senhor¹⁶; neste contexto, elas possuem aplicação especial ao reconhecimento (ou rejeição) diário de quem Ele é perante os homens.

Também havia coisas que os doze *deveriam* fazer em resposta à rejeição. Precisavam aprender que, mesmo sendo rejeitados por homens, não eram rejeitados por Deus. Ele ainda Se importava com eles (Mateus 10:29–31). Deveriam entender que o fato de os rejeitarem equivalia a rejeitarem Aquele que os enviou (veja Mateus 10:40). Aqueles que os recebessem seriam abençoados, enquanto os que os rejeitassem seriam amaldiçoados (Mateus 10:13–15).

3) Para preparar os apóstolos, Jesus não só organizou os apóstolos e os instruiu; Ele também deu-lhes poder. Jesus deu-lhes o que eles precisavam para cumprir aquela tarefa. Até o momento da comissão limitada, só Jesus havia realizado milagres, mas a partir daquelas instruções Ele capacitou os doze a obras semelhantes: “deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos¹⁷ para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades” (Mateus 10:1; veja Marcos 6:7; Lucas 9:1). E Ele também lhes prometeu a inspiração necessária:

E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer, visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós (Mateus 10:19, 20).

Quando consideramos como Jesus preparou os apóstolos, é óbvio que Ele tinha em mente mais do que a subsequente viagem de duas ou três semanas pela província da Galiléia. As referências a “governadores e reis” e “gentios” (Mateus 10:18) bem como muitas das predições de perseguição (Mateus 10:17, 18, 21–23, 34–39), apontam para o trabalho e o procedimento dos apóstolos após o estabelecimento da igreja¹⁸.

Quando Cristo deu a comissão limitada¹⁹ de Mateus 10, Ele forneceu instruções detalhadas; mas quando deu a grande comissão de Mateus 28:18–20²⁰, Ele disse, com efeito: “É só irem!” Talvez isto se deva ao fato de Jesus já ter dito aos discípulos, anteriormente, o que fazer e o que esperar quando pregassem—em passagens como Mateus 10.

Algumas das provisões especiais de Mateus 10 não se aplicam aos dias de hoje. Não devemos ir só até os judeus (Mateus 28:19; Marcos 16:15). Não recebemos um poder miraculoso como os apóstolos receberam, e não somos miraculosamente inspirados para falar. Não é uma exigência que levemos poucas coisas ou nada quando viajamos para pregar²¹. Entretanto, muitos princípios de Mateus 10 ainda são válidos para o século XXI.

Nós também precisamos de planejamento e organização antes de propagarmos o evangelho ao mundo. A organização de Jesus não era complicada. Da mesma forma, a nossa organização deve ser o mais simples possível. A organização deve ser na dose mínima necessária para se realizar o trabalho. É possível dedicarmos tanto tempo “nos organizando” que nunca realizamos trabalho algum. Senso comum se faz necessário aqui. Consideremos as palavras de sabedoria de Mateus 10:16.

Um detalhe relativo às instruções organizacionais de Cristo a ser levado a sério é o fato de Jesus enviar os apóstolos em duplas ou pares. Via de regra, é de grande valia enviar missionários em equipes.

Hoje também precisamos nos preparar antes de levarmos o evangelho a outros. Jesus enviou os doze “*dando-lhes... instruções*” (v. 5; grifo meu; veja também 11:1). Não presuma que todos sabem o que fazer e como fazê-lo. Nunca economize instruções²². Além disso, ainda precisamos reconhecer que Deus está tomando conta de nós enquanto propagamos o evangelho (10:28–31) e ainda precisamos ser encorajados a perseverar até o fim (v. 22).

¹⁶Esses versículos são às vezes usados em conexão com a confissão de fé que é feita antes do batismo. A promessa dos versículos aplica-se a essa confissão, mas devemos entender que nossa confissão de Jesus não termina com a confirmação pública de fé.

¹⁷Lucas escreveu que Cristo “deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas” (Lucas 9:1).

¹⁸O Livro de Atos é um bom comentário sobre os versículos alistados.

¹⁹Recursos adicionais para se estudar a comissão limitada são sugeridos na nota de rodapé 11.

²⁰A grande comissão também é registrada em Marcos 16:15 e 16 e é citada em Lucas 24:46 e 47.

²¹Paulo recebeu algum sustento de outras igrejas enquanto trabalhava em Corinto (Filipenses 4:15).

²²O sermão “O rei e seus embaixadores”, na página 47, enumera algumas instruções de Mateus 10 que se aplicam aos dias de hoje. Se quiser, mencione algumas delas nesta lição.

O Sucesso do Esforço (Mateus 11:1; Marcos 6:12, 13; Lucas 9:6)

Após Jesus terminar Suas instruções, os apóstolos partiram em seis duplas. “Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse; expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, unguindo-os com óleo” (Marcos 6:12, 13). Pela primeira vez, estavam realizando muitos feitos maravilhosos que o Mestre realizara. Certamente, estavam muito animados!²³

Depois de partirem, Cristo retomou Sua própria viagem pela região (Mateus 11:1). Agora, em vez de uma única equipe viajando pela província da Galiléia, pregando e curando, eram sete!

UMA SÉRIA AMEAÇA (MATEUS 14:1–12A; MARCOS 6:14–29; LUCAS 9:7–9)

A Súbita Conscientização de Herodes

Como já foi observado anteriormente, a Galiléia era governada pelo rei Herodes. Este era Herodes Antipas, filho do infame Herodes, o Grande²⁴. Antes de Cristo enviar os doze, o rei evidentemente tinha prestado pouca ou nenhuma atenção ao trabalho de Jesus. Via de regra, enquanto os “reformadores camponeses” não incitaram as massas a rebelião, o governo não se preocupou com eles. Agora, enquanto as sete equipes de evangelistas cruzavam o território de Herodes, ele não pôde mais ignorar aquele movimento novo.

O relato de Mateus diz: “Por aquele tempo, ouviu o tetrarca Herodes a fama de Jesus” (14:1). No relato de Marcos, após um resumo do trabalho dos doze (6:13), ele escreveu: “Chegou isto aos ouvidos do rei Herodes, porque o nome de Jesus já se tornara notório” (6:14a). Lucas escreveu a respeito do sucesso dos apóstolos (9:6) e disse: “Ora, o tetrarca Herodes soube de tudo o que se passava e ficou perplexo...” (9:7a).

A Intensa Irritação de Herodes

Chegou aos ouvidos de Herodes o que o povo estava dizendo sobre Jesus: alguns diziam que Ele era Elias; outros acreditavam que algum outro profeta havia ressuscitado dos mortos (Lucas 9:8; Mar-

cos 6:15)²⁵. O que deixou o rei irritado, porém, foi o fato de alguns dizerem: “João Batista ressuscitou dentre os mortos²⁶, e, por isso, nele operam forças miraculosas”²⁷ (Marcos 6:14b; veja Lucas 9:7b). Isto deixou o tetrarca irritado porque Ele decapitara João pouco tempo atrás²⁸.

Herodes havia encarcerado o profeta cerca de um ano antes²⁹ para satisfazer a esposa. O rei seduzira Herodias, esposa do seu meio-irmão Filipe e se casara com ela (Mateus 14:3). Herodias era descendente de Herodes, o Grande; ela era sobrinha de Herodes³⁰. O casamento dela com Herodes Antipas infringira uma série de leis levíticas³¹. João teve a ousadia de dizer a Herodes: “Não te é lícito possuí-la” (v. 4)—fato que enfureceu Herodias (Marcos 6:19)³².

Apesar do desejo de Herodias ver João morto (Marcos 6:19), Herodes hesitara em ir tão longe—temendo que a morte do profeta provocasse uma rebelião (veja Mateus 14:5). Além disso, ele tinha um respeito relutante por João. Marcos escreveu que “Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo, e o tinha em segurança” (6:20a). E acrescentou esta estranha observação: “E, quando o ouvia, ficava perplexo, escutando-o de boa mente”

²⁵ Compare isto com Mateus 16:13 e 14. Os judeus não pensavam em Jesus como o Messias, porque eles esperavam que o Messias viesse “com ostentação e formalidade”; mas estavam dispostos a admitir que Ele poderia ser um profeta. No decorrer dos anos, muitos têm errado ao avaliar a Pessoa de Jesus.

²⁶ Evidentemente, não sabiam que Jesus e João tiveram ministérios concomitantes. A ignorância nunca impediu os homens de fazerem suas especulações.

²⁷ Durante toda a sua vida, João não realizou milagres (João 10:41); mas alguns acreditavam que se alguém ressuscitasse dos mortos, teria poderes sobrenaturais.

²⁸ Mateus 14:13 diz que quando Jesus soube da morte de João, Ele passou para o outro lado do mar da Galiléia (onde alimentou os cinco mil). Marcos 6:30–32 diz que pouco depois dos discípulos terem voltado da sua viagem pela Galiléia, eles passaram para o outro lado do mar. Uma comparação dos relatos indica que João foi morto enquanto Jesus e Seus discípulos estavam fazendo a terceira viagem pela Galiléia, e que a notícia chegou a Cristo no final dessa viagem.

²⁹ Veja a página 7 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

³⁰ Veja a relação entre Herodes (Antipas), Filipe (Herodes Filipe I) e Herodias em “Alguns dos Herodes”, na página 33 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

³¹ A Lei condenava o casamento com um parente próximo (veja Levítico 18:1–18; 20:11–21). Também proibia um homem de casar-se com a esposa de seu irmão quando este ainda fosse vivo (Levítico 18:16; Deuteronômio 25:5–10).

³² Não sabemos exatamente quando e como João declarou essa mensagem. Veja as possibilidades no primeiro sermão da edição “A Vida de Cristo—Parte 6”, desta série.

²³ Veja a empolgação dos setenta que foram enviados, mais tarde, numa viagem semelhante (Lucas 10:17).

²⁴ Veja “Alguns dos Herodes” na página 33 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

(v. 20b)³³. Não é difícil imaginar João vestido rusticamente, em pé, diante de Herodes vestido com os trajes reais. Imagino um olhar de preocupação invadindo o semblante de Herodes, enquanto o profeta balança o dedo em sua direção. A Bíblia Viva parafraseia a cena dizendo: “Herodes ficava perturbado sempre que falava com João, mas mesmo assim gostava de ouvi-lo”.

Herodes conseguiu proteger João de Herodias—até um dia fatal em que o rei decidiu dar a si mesmo uma festa de aniversário (Mateus 14:6; Marcos 6:21). No ponto alto da orgia³⁴, a filha de Herodias entrou no salão de festa para dançar (Mateus 14:6; Marcos 6:22). Josefo disse que o nome da moça era Salomé. A moderação me impede de ser explícito quanto à natureza da apresentação de dança da moça³⁵. O fato de Herodias usar a filha desta maneira para concretizar seus planos cruéis³⁶, associado ao fato do rei permitir que sua enteada se exibisse dessa maneira diante de companheiros embriagados, revela muito do caráter da família herodiana.

O texto diz que a dança de Salomé “agradou a Herodes e aos seus convivas” (Marcos 6:22a). Não é difícil deduzir por que a dança lhes “agradou”. O rei disse à moça (imagine a pronúncia desarticulada de um bêbado na voz dele): “Pede-me o que quiseres, e eu to darei” (Marcos 6:22b). E fez um juramento: “Se pedires mesmo que seja a metade do meu reino, eu ta darei”³⁷ (Marcos 6:23; veja Mateus 14:7).

Que oferta! Qual seria o seu pedido se alguém lhe promettesse “a metade” de um reino?³⁸ Salomé não hesitou. “Então, ela, instigada por sua mãe,

³³ Compare esta descrição com o relato de Félix ouvindo Paulo em Atos 24:24–26.

³⁴ Relatos gerais dos banquetes pagãos realizados naqueles dias, mais um conhecimento dos padrões morais de Herodes, não deixam dúvida quanto a que tipo de festa era aquela.

³⁵ Sabemos sobre a natureza do “divertimento” em tais ocasiões por meio de escritores seculares. A ficção popular chama a exibição de Salomé de “a dança dos sete véus”.

³⁶ Marcos 6:21 diz: “chegando um dia favorável”. Isto se referia à estratégia de Herodias. A dança da filha fazia parte da estratégia. Herodias conhecia muito bem seu marido luxurioso.

³⁷ Ofertas extravagantes como essa eram típicas de governantes orientais (veja Ester 5:3, 6; 7:2)—mas os governantes não viam com bons olhos quem se aproveitava de tais ofertas.

³⁸ Conta-se a história de que o multimilionário Howard Hughes certa vez ofereceu a um rapaz que estava para casar “o que ele quisesse”. O rapaz era filho de um pregador do evangelho a quem Hughes muito admirava. Os pregadores usam essa história como ilustração, perguntando aos ouvintes: “O que você pediria se Howard Hughes lhe fizesse essa oferta?” De acordo com a história, o rapaz pediu modestamente uma baixela de prata. Se quiser, use um caso se-

disse: Dá-me, aqui, num prato, a cabeça de João Batista” (Mateus 14:8)³⁹. Herodias não queria um relatório da morte de João Batista; isso poderia ser forjado⁴⁰. Ela não queria ver o corpo dele; a cena de morte poderia ser representada. Ela só ficaria satisfeita quando visse a cabeça do profeta separada do corpo, o sangue irrigando das veias rompidas. Além disso, ela quis a cabeça do profeta “sem demora” (Marcos 6:25)—antes que Herodes tivesse a oportunidade de mudar de idéia.

Imediatamente, o rei ficou arrependido; mas, em vez de lançar mão do prestígio dos que testemunharam seu juramento, ordenou que decapitassem João. A execução foi realizada às pressas:

E, enviando logo o executor, mandou que lhe trouxessem a cabeça de João. Ele foi, e o decapitou no cárcere, e, trazendo a cabeça num prato, a entregou à jovem, e esta, por sua vez, a sua mãe” (Marcos 6:27, 28).

A execução pode ter deixado Herodias feliz, mas não trouxe paz a Herodes. “Entristeceu-se o rei” pelo que fizera (Mateus 14:9). É difícil imaginar um Herodes com consciência, mas pelo menos ele ficou extremamente incomodado. Por isso, quando soube da especulação supersticiosa do povo, encheu-se de maus pressentimentos. Marcos registrou que “Herodes... disse: É João, a quem eu mandei decapitar, que ressurgiu” (Marcos 6:16; veja Mateus 14:2).

A Perigosa Curiosidade de Herodes

Herodes decidiu que precisava ver Jesus para satisfazer sua mente quanto a ser Ele realmente João ou não (Lucas 9:9a). Lucas escreveu que “se esforçava por vê-lo” (Lucas 9:9b). Ao lermos essas palavras, tenhamos em mente os recursos à disposição de Herodes na Galiléia. Normalmente, não era difícil para o rei encontrar um homem com um ministério público como o de Cristo.

Essa atenção espontânea e indesejada significava perigo para Jesus. Se você estivesse andando por um pasto de vacas, não iria querer atrair a atenção do touro. Se você estivesse perto de um ninho de vespas, seria imprudente atrair a atenção desses insetos munidos de ferrão. Se um cara brigão morasse

melhante substituindo por outro multimilionário conhecido pelos seus ouvintes.

³⁹ O relato de Mateus deixa a impressão de que Herodias orientara previamente Salomé quanto ao que pedir, enquanto o relato de Marcos indica que Salomé foi perguntar à mãe depois que a oferta foi feita (Marcos 6:24). A ordem exata dos acontecimentos não importa. É possível que o fato de Salomé perguntar à mãe fosse uma simulação para causar a aparência de que nada estava combinado.

⁴⁰ Pessoas traiçoeiras suspeitam da traição dos outros.

no meu bairro, com certeza eu preferiria não chamar a atenção dele para mim.

Mais tarde, ficamos sabendo que o desejo de Herodes de ver Jesus não diminuiu. Durante a última semana do ministério terreno de Cristo, lemos que o rei “vendo a Jesus, sobremaneira se alegrou, pois havia muito queria vê-lo, por ter ouvido falar a seu respeito; esperava também vê-lo fazer algum sinal” (Lucas 23:8). Após interrogar Jesus, se Herodes concluisse que Jesus representava uma ameaça, ele certamente teria ordenado Sua morte (veja Lucas 13:31–33)⁴¹. Sim, o interesse do rei pelo trabalho de Cristo era uma ameaça real e iminente.

UMA RETIRADA ESTRATÉGICA (MATEUS 14:12b, 13; MARCOS 6:30–32; LUCAS 9:10; JOÃO 6:1)

Um Relatório Necessário

Nesse ínterim, Jesus completou a viagem pela Galiléia e juntou-Se aos discípulos novamente⁴². “Ao regressarem, os apóstolos... relataram tudo quanto haviam feito e ensinado” (Lucas 9:10a; Marcos 6:30; veja Mateus 14:12b). Essa “prestação de contas” era crucial para o treinamento deles. Precisavam conversar sobre o que haviam feito, o que havia “funcionado” e o que não havia funcionado. Precisavam admitir seus erros e questionar: “O que fizemos?” Deviam ter dezenas de perguntas para fazer.

Justamente quando Cristo tentava ajudar Seus discípulos, eles se viram mais uma vez assediados pelas multidões persistentes. “Eles não tinham tempo nem para comer, visto serem numerosos os que iam e vinham” (Marcos 6:31b)⁴³—muito menos para tirar as conclusões daquela primeira viagem de pregação.

Um Relatório Triste

Após a morte de João, seus discípulos entristecidos tiveram permissão para pegar o corpo do profeta e colocá-lo num túmulo (Marcos 6:29; veja Mateus 14:12a). A seguir, foram contar a notícia a Jesus, chegando praticamente na mesma hora que os apóstolos⁴⁴ (Mateus 14:12b).

⁴¹ Considere-se como o pai dele, Herodes, o Grande, reagiu ao saber do nascimento de Jesus (Mateus 21:3, 13).

⁴² Provavelmente, voltaram para Cafarnaum, o centro de atividades de Jesus e o habitual ponto final de Suas viagens.

⁴³ Compare isto com Marcos 3:20.

⁴⁴ Reveja a nota de rodapé 29.

Um Retiro Oportuno

Jesus, ouvindo a notícia sobre a morte de João (cf. Mateus 14:13a), propôs aos Seus discípulos⁴⁵ que fossem a um lugar deserto (Marcos 6:31). Essa retirada serviu pelo menos para dois propósitos. Em primeiro lugar, ela retiraria Cristo e Seus seguidores do território de Herodes. A partir desse momento, Jesus passaria pouco tempo na Galiléia. Ele voltaria de vez em quando para visitas curtas, mas o maior volume do Seu trabalho naquela província já estava concluído.

Em segundo lugar, a retirada deveria dar a Cristo o tempo necessário para ficar a sós com os discípulos⁴⁶. Todos eles haviam acabado de voltar de uma árdua viagem e seus corpos clamavam por descanso (Marcos 6:31a). Além disso, passar tempo com o Senhor ajudaria os apóstolos a lidar com tudo o que acontecera naquela que foi a primeira viagem de pregação deles.

Mais uma vez, partiram para o outro lado do mar da Galiléia⁴⁷. Mateus e Marcos disseram que eles foram “para um lugar deserto” (Mateus 14:13a; Marcos 6:31a), enquanto Lucas sinalizou que eles viajaram para uma “cidade chamada Betsaida” (Lucas 9:10b). Havia pelo menos duas cidades denominadas Betsaida próximas ao mar⁴⁸. Já estamos familiarizados com a que ficava perto de Cafarnaum (Marcos 6:45)⁴⁹. A outra, para onde Jesus e os apóstolos estavam indo agora, era um povoado do lado nordeste do mar da Galiléia. O nome completo desse povoado era Betsaida-Julias⁵⁰. Evidentemente, o destino deles era uma região deserta na praia, não longe da cidade.

⁴⁵ O relato de Mateus diz que “Jesus... retirou-se dali” (Mateus 14:13), enquanto o de Marcos diz: “Então, foram [Cristo e os apóstolos] sós... para um lugar solitário” (Marcos 6:32). O relato de Lucas é uma combinação dos outros dois: “E, levando-os consigo, retirou-se” (Lucas 9:10).

⁴⁶ Poderíamos dizer que aquele seria um tempo “de qualidade” e “em quantidade” com os discípulos.

⁴⁷ Veja uma travessia anterior para essa margem em Marcos 4:35—5:21.

⁴⁸ Como prova disso, veja Lucas 9:10. Jesus e os discípulos viajaram até uma Betsaida no lado oriental do mar; mas após estarem ali por algum tempo, Cristo mandou Seus discípulos *voltarem* para uma Betsaida do outro lado do mar (Marcos 6:45).

⁴⁹ Observamos anteriormente que Filipe (que se tornou apóstolo) era de Betsaida (João 1:44; 12:21) e essa mesma Betsaida foi chamada de “a cidade de André e Pedro” (João 1:44). Provavelmente, era a Betsaida a Oeste do Jordão e próxima a Cafarnaum.

⁵⁰ Veja o mapa na página 37.

CONCLUSÃO

Retomaremos esse trecho na próxima lição, com a história da multidão à espera de Cristo e dos apóstolos, frustrando-lhes qualquer esperança de descanso. Ao encerrarmos esta parte do estudo, gostaríamos de salientar cinco pensamentos:

1) Ainda é verdade que “a seara... é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mateus 9:37). Sejamos responsivos, pois o nosso Deus convida.

2) Ainda é verdade que Deus é “o Senhor da seara” (Mateus 9:38) e dá o crescimento (1 Coríntios 3:6). Sejamos zelosos, pois o nosso Deus abençoa.

3) Ainda é verdade que, tendo “de graça” recebido, “de graça” devemos dar (Mateus 10:8). Aprendamos a generosidade, pois o nosso Deus cuida.

4) Ainda é verdade que o sucesso espiritual acarreta perigo proveniente das “forças espirituais do mal” (Efésios 6:12). Sejamos ousados, pois o nosso Deus protege.

5) Ainda é verdade que, quando surgem tribulações, Deus provê um meio de escape (1 Coríntios 10:13)—ainda que seja do outro lado do mar da Galiléia.

Oro para que estes estudos nos conduzam para mais perto de Jesus e fortaleçam a nossa fé em Deus.

Notas sobre a Comissão Limitada de Jesus

Mateus 10:9 e 10a: “Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos [*de dinheiro*]; nem de alforje [“saco”; NVI] para o caminho”. A palavra “cinto” é tradução do termo grego que denota uma faixa de couro ou tecido em torno da cintura. Às vezes, escondia-se dinheiro nesses cintos (veja Marcos 6:8), por isso “cinto de dinheiro” comunica a idéia. O “alforje” era uma bolsa tiracolo em que se levavam provisões para a viagem. Pode ser comparado a uma pequena mala ou mochila. Visto que os apóstolos não deveriam levar provisões, eles não precisavam usar bolsas como essas.

Marcos 6:10: Recomendou-lhes Jesus: “Quando entrardes nalguma casa, *permanecei aí* até vos retirardes do lugar” (veja Mateus 10:11; Lucas 9:4). As cerimônias realizadas quando alguém entrava ou saía de casa normalmente eram bem elaboradas e consumiam tempo (veja Lucas 7:44–46). Ficar em mais de uma casa em cada cidade roubaria tempo de trabalho dos apóstolos.

Mateus 10:12, 13: “Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, *venha sobre ela a vossa paz*; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz”. A saudação normal ao se entrar numa casa era “Paz a esta casa”. Se, contudo, os habitantes da casa rejeitassem a mensagem dos apóstolos, eles não receberiam a “paz” oferecida na saudação (veja vv. 14, 15).

Mateus 10:14: “Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, *sacudi o pó dos vossos pés*” (veja Marcos 6:11; Lucas 9:5). Os judeus acreditavam que tudo tocado por gentios incrédulos era “imundo”. Por isso, ao voltarem para a Palestina depois de visitarem um país gentio, eles sacudiam dos pés o pó contaminado pelos gentios. O ato simbólico ordenado por Jesus indicava que os judeus incrédulos não eram melhores que os gentios incrédulos. (Veja os comentários sobre Atos 13:51 na página 45 da edição “Atos, 5”, de *A Verdade para Hoje*.)

Mateus 10:17: “...acautelai-vos dos homens; porque vos... *çoitarão nas suas sinagogas*”. Uma forma extrema de disciplina administrada nas sinagogas era o açoitamento, que era administrado pelo “assistente”. (Veja os comentários sobre os assistentes da sinagoga nas páginas 26 e 33.)

Mateus 10:23: “...não acabareis de percorrer as cidades de Israel, *até que venha o Filho do Homem*”. Esse versículo é considerado “o mais difícil do capítulo”¹, principalmente porque não temos certeza do significado de “venha”. A palavra “venha” poderia se referir à vinda do Senhor em juízo contra os judeus quando Jerusalém foi destruída no ano 70 d.C.; isto ligaria a passagem ao versículo 15. É possível que a passagem simplesmente signifique que Jesus estaria indo também atrás deles—até as mesmas cidades (veja Mateus 11:1)².

Mateus 10:25b: “Se *chamaram Belzebu ao dono da casa...*” Esta é uma referência às acusações blasfemas levantadas pelos fariseus declarando que Jesus expulsava demônios pelo poder do diabo. (Veja os comentários relativos a essa acusação e à resposta de Jesus nas páginas 39 e 40 da edição “A Vida de Cristo—Parte 4”.)

Mateus 10:26: “...não os [quem vos perseguir] temais; pois *nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido*”. Quando Jesus falou do que estava “encoberto” e “oculto”, provavelmente estava se referindo aos esquemas dos inimigos para destruir a Ele, aos apóstolos e ao trabalho deles. A Bíblia Viva parafraseia com as palavras: “...a verdade será revelada: os golpes secretos deles se tornarão informação pública”. Essa promessa foi cumprida; hoje, lemos sobre esses planos perversos nas páginas do Novo Testamento.

Mateus 10:41, 42: “Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo. E quem der a beber, *ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão*”. Anteriormente, Jesus havia prometido que quem rejeitasse os apóstolos seria amaldiçoado (vv. 14, 15); aqui Ele prometeu que quem aceitasse a eles e à mensagem deles seria

¹Will Ed Warren, curso *A Vida de Cristo: Os Evangelhos Sinóticos*, Harding University, 1991, p. 41.

²Alguns acreditam que esta é uma promessa de que os judeus teriam o evangelho pregado a todos eles até a segunda vinda. Essa promessa positiva não parece enquadrar-se no contexto.

abençoado. No contexto, “estes pequeninos” deve referir-se aos apóstolos. Deve-se entender que apenas um fator da salvação é ressaltado aqui: aceitar os apóstolos e demonstrar isso dando-lhes um copo d’água. O ensino não é que qualquer ato isolado (como oferecer água) garante a salvação. Antes, levados em conta os demais fatores, os que recebessem os discípulos seriam os que seriam salvos³.

Marcos 6:12, 13: “Então, saindo eles, pregavam ao povo... e curavam numerosos enfermos, *ungindo-os com óleo*”. A “unção com óleo” ligada à cura (veja Tiago 5:14) é muitas vezes um mistério. Existem três motivos básicos para se ungir uma pessoa com óleo. 1) Tinha um propósito cerimonial—como parte de uma cerimônia de consagração (veja Êxodo 30:25, 26, 30; 1 Samuel 9:16; 15:1; 16:13). 2) Tinha um propósito prático—como parte da arrumação pessoal (veja Rute 3:3; 2 Samuel 14:2). Em relação a isto, ungir a cabeça de uma pessoa com óleo visava propor-

³Veja os comentários sobre Mateus 25:34–40 em “A Vida de Cristo—Parte 11”. Deve-se sempre entender que somos salvos pela graça de Deus (Efésios 2:8, 9).

cionar refrigério para ela (veja Lucas 7:46; Hebreus 1:9). 3) Tinha um propósito medicinal—como parte do tratamento de ferimentos (veja Isaías 1:6; Lucas 10:34); o óleo amenizava e protegia o ferimento. Quando os apóstolos ungiam as pessoas com óleo antes de curá-las, estavam realizando uma cerimônia especial? Estavam demonstrando preocupação com um toque adicional de refrigério? Ou estavam praticando um procedimento médico rudimentar?⁴ Como não há registro de que Jesus tenha ungido alguém com óleo ao realizar uma cura, certamente a unção não era uma parte essencial do processo. Cristo às vezes envolvia atos simbólicos ao realizar uma cura—tocando no aflito, passando barro nos seus olhos e coisas semelhantes—que tinham pouco ou nada a ver com os resultados finais. A unção com óleo efetuada pelos apóstolos provavelmente se enquadrava na mesma categoria.

⁴Isto não parece provável, pois os apóstolos curavam as pessoas miraculosamente; mas não é algo fora da realidade. Era e ainda é verdade que Deus não faz por nós aquilo que podemos fazer por nós mesmos.

O Rei e Seus Embaixadores

Mateus 10, Olhando de perto



A ênfase do Livro de Mateus é o Rei e o Seu Reino¹. Até esta altura do nosso estudo, Mateus destacou as credenciais do Rei, fornecendo um registro de profecias cumpridas e milagres poderosos.

No final de Mateus 9, porém, o Rei Jesus teve uma necessidade. Ele havia percorrido “todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades” (9:35). Seu coração compadeceu-se das multidões (9:36); mas, embora a seara fosse grande, os trabalhadores eram poucos (9:37). Cristo não poderia realizar aquela tarefa sozinho; Ele precisava de assistência. Para ajudar a propagar as boas novas, Ele escolheu doze emissários especiais (10:2–4)².

O capítulo 10 de Mateus é o relato de Jesus enviando os apóstolos para pregar na Galiléia. Consiste, basicamente em instruções de Jesus (veja Mateus 10:5; 11:1). A maioria das instruções refere-se a essa viagem específica. Por exemplo, os doze foram instruídos a ir somente até os judeus, e não aos gentios nem aos samaritanos (10:5, 6).

Quando verificamos melhor, vemos que o Senhor também estava preparando os apóstolos para uma fase posterior à Sua volta para o céu, quando seriam Seus representantes na terra. Jesus falou de serem “levados à presença de governadores e de reis” por causa dEle, “para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios” (v. 18). Isso não aconteceu nesta viagem, que excluía os gentios. A declaração profética cumpriu-se durante os acontecimentos registrados no Livro de Atos (por exemplo, veja capítulos 23 a 26). Em outras palavras, as instruções de

Jesus aos apóstolos foram além do desafio imediato que receberiam.

O capítulo 10 também contém lições para nós. Não posso abranger completamente o capítulo todo neste sermão, mas quero realmente extrair dele pensamentos sobre embaixadores do passado e do presente.

EMBAIXADORES DO PASSADO

Começemos com os embaixadores do passado: os embaixadores especiais de Cristo no passado³. Esses homens foram chamados de “apóstolos” (v. 2). A palavra “apóstolo” é uma transliteração do vocábulo grego que significa literalmente “o enviado”. A palavra era muitas vezes usada num sentido geral referindo-se a qualquer um enviado—especialmente um enviado pelo Senhor (2 Coríntios 8:23; Filipenses 2:25), mas esses doze homens eram especiais. Eles tinham de preencher qualificações singulares (veja Atos 1:21, 22; 1 Coríntios 9:1; Efésios 4:11). Não se tratava de um cargo que poderia ser transferido a outras gerações sucessoras⁴. Esses embaixadores especiais estão enumerados nos versículos 2 a 4:

Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

³Em Efésios 6:20, Paulo falou de si mesmo como “um embaixador em cadeias”. A palavra “embaixador” vem de uma declinação da palavra equivalente a “velho” ou “mais velho”. Via de regra, os embaixadores seculares daquela época eram homens mais velhos. Muitos comentaristas acreditam que a palavra “velho” em Filemom 9 deveria ser vertida para “embaixador”. Se Paulo era “um embaixador”, os outros apóstolos também eram. Mateus 10 reforça que os apóstolos *representavam* Jesus. A primeira tarefa de um embaixador é representar quem o enviou.

⁴Esta informação sobre os apóstolos foi dada anteriormente nesta série de estudos, mas pode valer a pena repeti-la.

¹Veja “Os quatro relatos do evangelho”, a partir da página 5 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, e “O Livro de Mateus”, a partir da página 11 dessa mesma edição.

²Estudamos sobre a escolha dos apóstolos na lição “A Tempestade Formada” na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

Ao lermos esta lista, dois fatos nos causam impacto. 1) Do ponto de vista do mundo, eram homens comuns. Não tinham posição social, nem treinamento especial, nenhum talento sequer. Eram homens comuns para uma tarefa extraordinária. O Senhor pode usar toda e qualquer pessoa. 2) De qualquer ponto de vista, era uma mistura estranha. Por exemplo, Mateus, que fora coletor de impostos para os romanos, trabalhou em dupla com Simão, o zelote. Os zelotes eram um grupo nacionalista fanático, especializado em terrorismo⁵. Antes de conhecer Jesus, Simão teria enterrado um punhal em Mateus—mas o Senhor pode ajudar todas as pessoas a viverem em paz.

Sendo todos eles embaixadores especiais, não devemos esperar que todo o capítulo 10 de Mateus aplique-se a nós. O capítulo fala de vários aspectos únicos a esses homens e a sua tarefa.

Credenciais Especiais (vv. 1, 8)

Os apóstolos receberam credenciais especiais (veja Atos 2:43; 2 Coríntios 12:12; Hebreus 2:1–4). Receberam poder para expulsar demônios, para curar enfermos e para ressuscitar mortos (Mateus 10:1, 8). Pela primeira vez, Jesus partilhou com eles Seus poderes miraculosos. Quando Deus comissiona alguém, Ele concede o que for necessário para que essa comissão seja levada a cabo.

Você e eu não recebemos os mesmos poderes concedidos aos doze, mas o princípio continua sendo o mesmo: o Senhor nos dará o que for necessário para realizarmos a Sua comissão.

Uma Comissão Especial (vv. 5–7)

Os apóstolos receberam uma comissão especial, uma que geralmente denominamos comissão limitada. Ela era limitada quanto ao escopo: como já observamos, deveriam ir até os judeus somente, e não aos gentios nem aos samaritanos (vv. 5, 6). Também era limitada quanto à mensagem: deveriam pregar: “O reino do céu está próximo” (v. 7). Eles incitaram os homens a se arrependerem a fim de se prepararem para o reino (Marcos 6:12; veja Mateus 3:2; 4:17).

Nossa comissão é diferente; nós a denominamos grande comissão (Mateus 28:18–20; Marcos 16:15, 16). Ela é ilimitada quanto ao escopo: devemos ir a todo o mundo (Mateus 28:19; Marcos 16:15). A grande comissão também é ilimitada quanto à mensagem: devemos pregar o evangelho em sua totalidade a todos os homens. Devemos dizer a todos que

⁵Os zelotes foram citados entre as “outras seitas” da época de Jesus na página 42 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

o Rei Jesus veio, que o Seu Reino/a Sua igreja foi estabelecido e que qualquer um pode entrar nele!

Instruções Especiais (vv. 9–16)

Os apóstolos receberam instruções especiais: deveriam viajar sem carregar peso (Mateus 10:9, 10) e hospedar-se na casa de quem os recebesse (vv. 11–13a). Não deveriam desperdiçar tempo com os não receptivos, mas seguir em frente quando fossem rejeitados (vv. 13b–15). Deveriam usar de sabedoria ao ensinar (v. 16b).

Essas instruções foram dadas especificamente para eles, mas você e eu também precisamos de lições semelhantes. Precisamos aprender a confiar que o Senhor nos proverá tudo. Devemos nos encher de um senso de urgência. Precisamos usar de sabedoria e discernimento ao tomar decisões concernentes ao trabalho do Senhor.

Encorajamento Especial (vv. 19, 20, 40–42)

Finalmente, os apóstolos receberam encorajamento especial: foram encorajados sendo informados de que quando fossem presos, o Espírito Santo lhes mostraria o que dizer (vv. 19, 20). Burton Coffman disse: “Esta é uma das afirmações mais fortes do Novo Testamento a respeito dessa inspiração que guiaria os apóstolos a toda a verdade”⁶. Em contraste com isto, você e eu temos de estudar para estarmos preparados para “responder” aos outros (1 Pedro 3:15).

Os apóstolos também foram encorajados com a confirmação de Cristo de que, como Seus embaixadores especiais, eles O estavam representando. Ele disse que quem os recebesse também estaria recebendo a Ele (vv. 40–42)⁷. Ser comissionado pelo rei ou pelo presidente de uma nação seria uma grande honra. Quanto mais pelo “Rei dos reis, e Senhor dos senhores” (Apocalipse 19:16)!

Convém reforçar novamente que os apóstolos foram embaixadores *especiais* de Jesus. As instruções diferenciadas que receberam (como não se preocupar com o que diriam) não se aplicam a nós, cristãos do século XXI.

⁶James Burton Coffman, *Commentary on Matthew* (“Comentário sobre Mateus”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1968, p. 137.

⁷Veja também João 13:20. Alguns ensinam que o que Jesus disse no Novo Testamento tem mais peso do que os ensinamentos dos apóstolos. Mateus 10:42 e João 13:20 sugerem que devemos receber o ensino dos apóstolos pelo que ele é: o ensino de Jesus. Se aceitarmos os apóstolos, estaremos aceitando a Cristo. Por outro lado, se rejeitarmos os apóstolos (e o ensino deles), estaremos rejeitando a Cristo.

OS EMBAIXADORES DO PRESENTE

Existem também lições neste capítulo para nós—Analisemos então, os embaixadores do presente: os embaixadores cotidianos de Jesus. Você e eu não somos embaixadores no sentido especial em que os apóstolos foram, mas ainda representamos o Senhor na terra, hoje. Paulo escreveu aos coríntios:

E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.

De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus (2 Coríntios 5:17-20).

As palavras de Paulo referiam-se primeiramente ao próprio ministério do apóstolo, mas elas parecem deixar implícito que a igreja tem um ministério semelhante—que todo cristão tem a responsabilidade de reconciliar homens com Deus e que, ao fazerem isto, falam “em nome de Cristo”.

Muitas passagens enfatizam que os cristãos fiéis são representantes de Jesus na terra, hoje; o Novo Testamento ensina que é impossível separar Cristo dos Seus seguidores fiéis. Quando alguém dá um copo de água fria a um dos discípulos de Jesus, é como se estivesse prestando esse serviço ao próprio Jesus (Mateus 10:42; veja 25:35, 40). Quando Saulo perseguia os membros da igreja (Atos 8:3), ele realmente estava perseguindo a Cristo (Atos 9:4).

Fomos batizados no Seu corpo (1 Coríntios 12:13), a igreja, que é descrita como a Sua “plenitude” (Efésios 1:22, 23). Quando somos batizados, nos “revestimos” do Senhor (veja Gálatas 3:27). Estamos em Cristo e Ele está em nós (Romanos 8:1; Colossenses 1:27). Cada um de nós pode dizer: “já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:20).

William Barclay escreveu: “O cristão é um embaixador de Jesus Cristo aos homens. Ele sai da presença de Cristo, levando consigo a Palavra e a beleza do seu Mestre”⁸. Conforme comentamos previamente, recebemos a nossa comissão: ir a todo o mundo como representantes do Senhor para levar a mensagem dEle a todos os seres humanos (Mateus 28:18-20; Marcos 16:15, 16). Tendo isto em mente,

⁸William Barclay, *The Gospel of Matthew* (“O Evangelho de Mateus”), vol. 1, ed. rev., The Daily Bible Study Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 361.

retomemos o texto em estudo para extrairmos dele verdades gerais que se aplicam a todos os atuais embaixadores de Cristo.

Uma Vida para Viver (vv. 28, 32, 33, 37-39)

Sendo embaixadores de Cristo, devemos viver um tipo especial de vida. Temos de lembrar que estamos representando o Rei!

Esta vida deve se caracterizar pelo *temor piedoso*. Jesus disse: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mateus 10:28).

Esta vida deve se caracterizar pela *ousadia em proclamar o Senhor*. Cristo disse: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (vv. 32, 33). Devemos reconhecê-IO verbalmente. Barclay sugeriu que “muito mais pessoas negam Jesus Cristo através do silêncio covarde do que através de palavras declaradas”⁹. Também devemos reconhecê-IO através dos nossos atos (veja Tito 1:16). O presidente de um país pode ter seu Serviço Secreto¹⁰, mas Jesus não. Você e eu devemos admitir publicamente que somos servos do nosso Rei!

Esta vida deve se caracterizar pelas *prioridades corretas*. Deus, Jesus e o reino precisam estar acima de tudo. Eles são mais importantes do que nossas famílias. Jesus disse: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim” (v. 37)¹¹. O reino do Senhor é mais importante do que nossas próprias vidas. Novamente, Cristo disse que “quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á” (v. 39b). Que conforto essa promessa foi para os cristãos da era primitiva quando enfrentaram a perseguição romana!

Esta vida deve se caracterizar pela *abnegação*. Jesus disse: “e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim” (v. 38). Esta é a primeira menção da cruz no Livro de Mateus. Mais tarde, Jesus “tomou a Sua cruz”—literalmente. Devemos estar dispostos a segui-IO.

⁹Ibid., p. 392.

¹⁰O Serviço Secreto é uma agência do Ministério da Fazenda dos Estados Unidos. Entre outros deveres, ele é encarregado de proteger o presidente e sua família.

¹¹Veja uma breve exposição de Mateus 10:37 e suas implicações na lição “Nossas duas famílias”, a partir da página 44 da edição “A Vida de Cristo—Parte 4”, desta série.

Perseguições para Enfrentar (vv. 16–18, 21, 22, 34–36)

Como “embaixadores” de Cristo, podemos esperar por perseguição. Jesus disse aos Seus discípulos: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos” (v. 16a). Isso pode soar estranho visto que Cristo é o Rei dos reis, mas a história é um registro da rebeldia contra a autoridade. Se eles O perseguiram (v. 25), por que não perseguiriam Seus seguidores (v. 24)?

O capítulo menciona três tipos de perseguição. A primeira é a perseguição proveniente da religião oficial daquela época: “E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas” (v. 17). Em algumas partes do mundo atual os cristãos compreendem muito bem o que é ser perseguido pela religião oficial.

Em segundo lugar está a perseguição proveniente das autoridades governamentais: “...por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis” (v. 18a). Imediatamente, pensamos na perseguição de Paulo e nos primeiros mártires. Novamente, alguns de nossos irmãos de hoje já passaram e estão passando por esse tipo de perseguição¹².

O terceiro tipo de perseguição provém de uma origem inesperada: a família¹³.

Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão (v. 21).

Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa (vv. 34–36).

Jesus disse francamente aos Seus seguidores: “Sereis odiados de todos por causa do meu nome” (v. 22a). Ele foi totalmente sincero com eles. Deulhes a descrição do emprego e depois, com efeito, perguntou: “Querem o emprego?”

Por que falamos tão pouco de perseguição, quando o Novo Testamento fala tanto?¹⁴ Quando a igreja primitiva se reunia, os membros falavam dos perigos que tiveram de enfrentar por causa do Senhor. Alguns de nós somos mais propensos a reclamar da correria do dia-a-dia, do cansaço, do calor,

¹²Em países onde os cristãos não sofrem perseguição do governo, pode-se aplicar isto à perseguição pela sociedade em geral.

¹³Veja uma breve exposição dos versículos 34 a 36 na lição “Nossas duas famílias”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 4”, desta série.

¹⁴Veja Romanos 8:14–17; Filipenses 1:27–30; 1 Pedro 2:18–21; 5:8, 9; 2 Timóteo 3:10–12.

ou do frio excessivo. Eles enfrentaram perseguição enquanto nós não gostamos de inconveniências. “Será que Jesus precisa levar a cruz sozinho?”

Recursos a Serem Esperados (vv. 26–31)

Eu não gostaria de dar a impressão de que as palavras de Cristo registradas em Mateus 10 foram todas negativas. Havia outro lado da moeda. Como “embaixadores” de Jesus, temos o poder e os recursos do Rei à nossa disposição.

Três vezes no capítulo, o Senhor disse aos Seus discípulos para não temerem: não temam quando forem amaldiçoados porque, no final, a verdade triunfará: “Portanto, não os temais; pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido” (v. 26). O evangelho seria proclamado “dos eirados” (v. 27)¹⁵.

Não tenha medo quando a sua vida for ameaçada, porque tudo que os homens podem fazer é matar o seu corpo: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (v. 28). Alguém escreveu: “Temeí a Deus, vós que sois santos, e não tereis nada mais pelo que temer”. Quando John Knox foi sepultado, disseram o seguinte sobre o seu corpo: “Aqui jaz um homem que temia a Deus de tal maneira que nunca temeu a face de homem algum”¹⁶.

Não tenha medo, porque o Deus Todo-poderoso está ao seu lado!

Não se vendem dois pardais por um asse¹⁷? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais (vv. 29–31).

CONCLUSÃO

O desafio que Jesus deu aos apóstolos—e o desafio que Ele nos dá—está sintetizado no versículo 39: “Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á”. Escritores primitivos relatam que os primeiros mártires enfrentaram chamas ou feras selvagens com o se-

¹⁵O prédio da igreja de Cristo na Rua North Anglin, em Cleburne, no Texas, tinha um telhado baixo, quase plano. Realizaram-se ali várias reuniões com o pregador falando de cima do telhado e cadeiras espalhadas pelo estacionamento para as pessoas se sentarem enquanto ouviam o evangelho ser pregado.

¹⁶Barclay, p. 386.

¹⁷“Asse” no original grego refere-se à menor moeda de cobre romana. Ela valia 1/15 de um denário (o pagamento por um dia de trabalho de um operário comum).

guinte versículo nos lábios: “Quem... perde a vida por minha causa achá-la-á”.

Mateus 10:39 não é apenas uma passagem para mártires. É para cada um de nós. Ela contém a frase mais memorizada do Senhor no Novo Testamento. Essa frase ocorre seis vezes nos relatos do evangelho. (As outras cinco ocorrências são Mateus 16:25; Marcos 8:35; Lucas 9:24; 17:33; João 12:25.) Jesus queria que aprendêssemos a importância de perder nossas vidas a serviço dEle. “Quem acha a sua vida

perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á.”

Se você ignorar o chamado e a comissão de Jesus, guardando egoisticamente a sua vida só para você, você vai perdê-la. O que você *vai* fazer com a sua vida? Hoje é o dia de tomar uma decisão¹⁸.

¹⁸Se quiser, acrescente as explicações de como ir até o Senhor (Marcos 16:15, 16; Atos 2:37, 38) e como voltar para o Senhor (Atos 8:22; Tiago 5:16).

Os Milagres de Jesus

	<i>Mateus</i>	<i>Marcos</i>	<i>Lucas</i>	<i>João</i>
Transformação da água em vinho				2:1-11
Expulsão de um demônio em Cafarnaum		1:23-26	4:33-35	
Cura da sogra de Pedro	8:14-17	1:29-31	4:38, 39	
Primeira pesca maravilhosa			5:1-11	
Cura de um leproso	8:2-4	1:40-45	5:12-16	
Cura de um paraplégico	9:1-8	2:1-12	5:17-26	
Restauração de uma mão atrofiada	12:10-13	3:1-5	6:6-11	
Cura do servo de um centurião	8:5-13		7:1-10	
Ressurreição do filho de uma viúva			7:11-17	
Tempestade acalmada	8:23-27	4:37-41	8:22-25	
Cura dos endemoninhados gerasenos	8:28-34	5:1-20	8:26-39	
Cura da mulher hemorrágica e ressurreição da filha de Jairo	9:18-26	5:21-43	8:40-56	
Cura de dois cegos	9:27-31			
Cura de um mudo	9:32, 33			
Cura do filho do chefe da sinagoga				4:46-54
Cura de um aleijado				5:1-9
Alimentação dos cinco mil	14:15-21	6:35-44	9:10-17	6:1-14
Caminhada por cima da água	14:25-33	6:48-52		6:16-21
Alimentação dos quatro mil	15:32-39	8:1-9		
Dinheiro tirado da boca de um peixe	17:24-27			
Expulsão de um demônio	12:22, 23		11:14	
Cura da filha de uma cananéia	15:21-28	7:24-30		
Cura de um surdo		7:31-37		
Cura de um cego		8:22-26		
Cura de um menino possesso	17:14-18	9:14-29	9:37-43	
Cura de uma mulher aleijada			13:11-17	
Cura de um hidrópico			14:1-6	
Cura de dez leprosos			17:11-19	
Cura de um cego de nascença				9:1-7
Ressurreição de Lázaro				11:1-45
Cura de dois cegos	20:29-34	10:46-52	18:35-43	
Maldição da figueira	21:18-22	11:12-14		
Restauração da orelha de Malco			22:50, 51	
Segunda pesca maravilhosa				21:1-14

A Harmonia

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- X. Jesus retira-Se do território de Herodes (e volta) (continuação).
 - 2. Alimentando os cinco mil homens (Mateus 14:13–21; Marcos 6:33–44; Lucas 9:11–17; João 6:2–14).
 - 3. Andando sobre a água (Mateus 14:22–36; Marcos 6:45–56; João 6:15–21a).
- Y. O discurso de Jesus sobre o pão da vida (e a confissão de Pedro) (João 6:21b–71).

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA.

- A. A terceira Páscoa (veja João 6:4; 7:1).
- B. Reprovado por desrespeitar a tradição (Mateus 15:1–20; Marcos 7:1–23).
- C. Retirada do território de Herodes (Mateus 15:21; Marcos 7:24).
- D. Cura da filha de uma fenícia (ou cananéia) (Mateus 15:22–28; Marcos 7:25–30).
- E. Evitando o território de Herodes (Mateus 15:29; Marcos 7:31).
- F. Curando muitos, inclusive um surdo (Mateus 15:30, 31; Marcos 7:32–37).
- G. Alimentando quatro mil homens (Mateus 15:32–39a; Marcos 8:1–9).
- H. Outra retirada do território de Herodes.
 - 1. Na Galiléia: outro ataque dos inimigos de Jesus—seguido por outra retirada (Mateus 15:39b–16:12; Marcos 8:10–21).
 - 2. Em Betsaida: um cego é curado (Marcos 8:22–26).
 - 3. Perto de Cesaréia de Filipe: a boa confissão (Mateus 16:13–20; Marcos 8:27–30; Lucas 9:18–21).
 - 4. Perto de Cesaréia de Filipe: é predita a morte de Jesus (Mateus 16:21–28; Marcos 8:31–38; Lucas 9:22–27).
 - 5. Perto de Cesaréia de Filipe (no monte Hermom?): a transfiguração (Mateus 17:1–13; Marcos 9:2–13; Lucas 9:28–36).

Uma Voz que Clama no Deserto

O Ministério de João,
Olhando de perto



O ano era 26 d.C. aproximadamente; o lugar, Betânia além do Jordão. Um pregador, de uns trinta anos de idade, estivera incitando as massas nas duas margens do mar Morto. Uma comissão de sacerdotes e levitas foi ter com ele, perguntando: “Quem és tu?” (João 1:19b). Entendendo a razão daquela pergunta, ele respondeu: “Eu não sou o Cristo” (João 1:20b). Mas eles persistiram na indagação:

Então, lhe perguntaram: Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não. Disseram-lhe, pois: Declara-nos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo? (João 1:21, 22).

A resposta foi enigmática: “Eu sou a voz do que clama no deserto” (João 1:23a).

O jovem que a si mesmo se designara “a voz que clama no deserto” era João Batista¹. A terminologia por ele utilizada provinha de Isaías 40, que falava do precursor do Messias:

Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus. Todo vale será aterrado, e nivelados, todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados (Isaías 40:3, 4).²

A expressão “uma voz que clama no deserto” em João 1:23 resume o fenômeno que João foi: acima de tudo, ele foi *uma voz*; ele era um homem com uma mensagem. Essa mensagem deveria ser apresentada num cenário ímpar: *o deserto*. João pregou literalmente num deserto físico, mas “o deserto” ci-

tado em Isaías 40 e João 1 era mais do que pedras, areia e escorpiões. João também pregou num deserto de pecados. Ele ousou ser uma voz diante da qual outras vozes se calaram.

Neste sermão, olharemos brevemente para a vida de João—a fim de entendermos o homem que ele foi e a mensagem que ele tinha para os seus dias e para os nossos dias³.

UMA VOZ QUE CLAMA: “NEGUEM-SE A SI MESMOS”, NUM DESERTO DE COMODISMO

Quando eu penso em João, imagino um homem com as sobrancelhas espessas e a pele queimada do sol. As roupas rústicas feitas de pele de camelo; em volta da cintura, um cinto largo de couro. Ele morava fora da cidade e sobrevivia com uma dieta de gafanhotos e mel silvestre. João era o epítome da abnegação e da autodisciplina.

O que produziu um homem como João? Um dos fatores foi ter *pais piedosos*⁴. O pai de João era um sacerdote chamado Zacarias e a mãe era Isabel (Lucas 1:5). Lucas 1:6 resume as vidas desses progenitores: “Ambos eram justos diante de Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os preceitos e mandamentos do Senhor”. A parte mais admirável desse versículo é a palavra “ambos”. Alguns de nós tivemos uma mãe piedosa, mas um pai ímpio. Outros tiveram um pai piedoso, mas uma mãe ímpia. Os *dois* progenitores de João amavam ao Senhor e viviam de acordo com os Seus preceitos. Um homem não pode receber herança melhor do que essa⁵.

¹Em alguma altura deste sermão, talvez você queira explicar o significado do termo “Batista”. (Reveja a nota de rodapé 12, na página 12 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, desta série.)

²Se quiser, explique como os arautos ou batedores não só anunciavam a chegada de um rei, como também preparavam tudo para essa chegada—providenciando as provisões (como enfatiza este texto) e abrindo um caminho pelo qual ele pudesse passar.

³As anotações do autor sobre este sermão foram feitas anos atrás, antes que ele começasse a documentar as fontes. Ele se desculpa antecipadamente pelos casos em que os devidos créditos não forem citados.

⁴Nota da Trad.: Entenda-se “piedosos” no sentido original do termo, ou seja, “dedicados a Deus”.

⁵Se for o seu caso, agradeça ao Senhor por ter recebido essa herança.

Outro fator foi ter *um propósito piedoso*. Você deve se lembrar da história de Zacarias e Isabel: como eles ansiavam por um filho, como um anjo apareceu a Zacarias e como João finalmente nasceu a Isabel⁶. Leiamos as palavras do anjo ao velho sacerdote, pronunciadas no templo:

Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida; e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, a quem darás o nome de João. Em ti haverá prazer e alegria, e muitos se regozijarão com o seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte e será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado (Lucas 1:13-17).

Desde o começo de sua existência, não havia dúvida quanto a quem João era e qual o propósito da sua vida. Toda criança precisa aprender com os pais que Deus tem um propósito para a vida dela.

O terceiro fator foi receber uma *instrução piedosa*. Pouco é dito sobre essa instrução, embora não seja difícil imaginar Zacarias e Isabel partilhando com o filho o que o anjo lhes dissera e incentivando-o a amar e obedecer ao Senhor. No que diz respeito ao texto bíblico, há raros detalhes sobre a infância e juventude de João: “O menino crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos⁷ até ao dia em que havia de manifestar-se a Israel” (Lucas 1:80). Não sabemos quando ou por que João foi para a região desolada em torno do mar Morto⁸—mas, na Sua sabedoria, Deus escolheu o deserto como um campo de treinamento. Dessa base, acredita-se que João podia avistar o local que, um dia, sediou as orgulhosas cidades de Sodoma e Gomorra⁹, exemplos perfeitos das conseqüências do comodismo.

Todo pai e toda mãe quer um bom ambiente para seus filhos. Muitos de nós pensamos que um ambiente bom requer cenários saudáveis e harmoniosos. O ambiente inicial de João foi o terreno escarpado da Judéia oriental. Ali ele aprendeu a au-

⁶Veja os detalhes dessa história na lição “Cristo está chegando!” na edição “A Vida de Cristo—Parte 2”, desta série.

⁷O vocábulo grego traduzido por “desertos” em Lucas 1:80 é basicamente o mesmo traduzido por “deserto” em João 1:23.

⁸Alguns comentaristas já sugeriram que os pais de João teriam morrido quando ele ainda era jovem e que foi nessa ocasião que ele teria se mudado para o deserto—mas isso não passa de especulação.

⁹Alguns estudiosos acreditam que Sodoma e Gomorra ficavam perto do local onde o rio Jordão afluía para o mar Morto.

todisciplina. Daquele local, uma voz ecoou clamando “abnegação” num deserto de comodismo.

Podemos ouvir essa voz hoje? Vivemos num mundo de comodismo¹⁰ e precisamos desesperadamente da mensagem de João. Afinal de contas, Jesus disse: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mateus 16:24).

Devido ao estilo de vida abnegado que João levava (Lucas 7:33), alguns pensavam que ele estivesse possuído por um demônio. Ouçamos este aviso: o mundo também vai pensar que somos dementes, se nossa preocupação for com o próximo e não conosco mesmos. Jesus, porém, reforçou a grandeza de uma vida assim. Falando de João, Ele perguntou aos Seus ouvintes: “Que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Os que se vestem bem e vivem no luxo assistem nos palácios dos reis” (Lucas 7:25). João não estava interessado na vida fácil; que os reis fiquem em seus castelos mantendo seus luxos. Jesus também fez esta declaração surpreendente: “E eu vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João” (Lucas 7:28a). Que tributo a uma voz que clamou no deserto!

Que cada um de nós compare sua vida com a de João e pergunte a si mesmo: “*Estou vivendo uma vida de autodisciplina e abnegação?*”

UMA VOZ QUE CLAMA: “ENDIREITEM OS SEUS CAMINHOS”, NUM DESERTO DE COMPLACÊNCIA

Na “plenitude do tempo” (Gálatas 4:4), “veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto” (Lucas 3:2). Na vida de João, a Palavra de Deus era o que o tiro de largada é para um velocista ou o que o toque da campainha é para um lutador.

Imediatamente, João começou a pregar: “Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mateus 3:1, 2). A tarefa dele era preparar o povo para a vinda do Messias e do Seu reino. O pregador não hesitou em dizer aos seus ouvintes que eles precisavam endireitar suas vidas:

Dizia ele, pois, às multidões que saíam para serem batizadas: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão (Lucas 3:7, 8).

¹⁰Cite exemplos de comodidades que facilitam a vida diária dos seus ouvintes, mas que promovem o comodismo.

Havia muito tempo, o povo pensava que Deus os aceitaria simplesmente por serem judeus. A mensagem de João era um alerta geral—cujo intuito era fazer todos acordarem! Em outras palavras, João disse que se eles não fizessem grandes mudanças em suas vidas, não estariam “aptos para o reino de Deus” (veja Lucas 9:62).

Então, as multidões o interrogavam, dizendo: Que havemos, pois, de fazer? Respondeu-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem; e quem tiver comida, faça o mesmo. Foram também publicanos para serem batizados e perguntaram-lhe: Mestre, que havemos de fazer? Respondeu-lhes: Não cobreis mais do que o estipulado. Também soldados lhe perguntaram: E nós, que faremos? E ele lhes disse: A ninguém maltrateis, não deis denúncia falsa e contentai-vos com o vosso soldo (Lucas 3:10–14).¹¹

Ainda precisamos de pregações diretas e objetivas hoje em dia. Precisamos de pregações que nos façam acordar e que nos preparem para o céu. É possível condenar o pecado em termos tão generalizados que nenhum pecador se convença do seu próprio pecado. A pregação de João era pontual e prática.

Lucas 3:18 diz que “com muitas outras exortações [João] anunciava o evangelho ao povo”. A palavra “evangelho” significa “boa notícia”. Em que sentido era uma “boa notícia” dizer ao povo para não ser egoísta, nem desonesto, nem cometer abuso de autoridade? A mensagem de João era uma “boa notícia” porque derrubava a complacência deles, forçava-os a reexaminar suas vidas e incentivava-os a serem o tipo de pessoa sobre quem Deus poderia derramar a Sua graça!

Nós valorizamos os que falam “a verdade [toda a verdade] em amor” (Efésios 4:15; veja Gálatas 4:16)? Espero que sim. Não devemos querer um pregador medroso mais do que queremos um cirurgião medroso. Também espero que estejamos dispostos a *ser* vozes que clamam: “Endireitem os seus caminhos!”, onde essa mensagem for necessária (veja Gálatas 6:1; Tiago 5:19, 20).

UMA VOZ QUE CLAMA: “CREIAM”, NUM DESERTO DE DÚVIDAS

Um dia, quando João pregava à beira do Jordão, Jesus veio até ele para ser batizado. Você provavelmente conhece essa história: João não quis batizar Jesus, mas Este persuadiu-o e, após ser batizado,

¹¹Ao ler a passagem, faça aplicações à realidade dos seus ouvintes. Por exemplo, as palavras “contentai-vos” denunciam o pecado da cobiça ou ambição.

Deus falou do céu e o Espírito Santo desceu como uma pomba (Mateus 3:13–17)¹².

Essas manifestações confirmaram para João que Jesus era de fato o Messias para o qual ele estivera preparando o caminho! A partir desse momento, a mensagem predileta de João passou a ser: “Eis o Cordeiro de Deus!”

No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! (João 1:29).

No dia seguinte, estava João outra vez na companhia de dois dos seus discípulos e, vendo Jesus passar, disse: Eis o Cordeiro de Deus! (João 1:35, 36).

João não pregou que Jesus era apenas um homem bom e um grande professor; ele proclamou que Jesus é o sacrifício pelos nossos pecados, Aquele por intermédio de quem podemos ser salvos!

Num mundo de incredulidade e ceticismo, a convocação de João ainda precisa ser ouvida. Jesus é o Filho de Deus! Ele é a única esperança do homem! Preguemos isto com a mesma convicção que João tinha!

UMA VOZ QUE CLAMA: “SEJAM HUMILDES”, NUM DESERTO DE ORGULHO

O batismo de Jesus foi o clímax do ministério de João. Nessa conjuntura, o trabalho do profeta estava basicamente concluído, e dessa hora em diante, seu ministério declinou. Sendo o precursor do Messias, João tinha basicamente três responsabilidades: abrir o caminho para o Messias, preparar o caminho para o Messias e depois sair do caminho do Messias!¹³ João sabia disso e estava pronto para cumprir qualquer que fosse o papel planejado por Deus para ele.

Vá comigo até João 3, uma passagem que é uma das chaves para a verdadeira grandeza de João. Quando a popularidade de Cristo começou a aumentar, os discípulos de João foram até ele e disseram: “Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro” (v. 26). Você consegue captar o ciúme por trás dessas palavras? Estavam praticamente dizendo: “Antes, todos vinham até nós, agora estão indo até *Ele*. Antes ocu-

¹²A história do batismo de Jesus é comentada na página 32 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”. Descreva-a se julgar necessário.

¹³Esta frase foi adaptada de Charles R. Swindoll, *John the Baptizer* (“João Batista”). Anaheim, Calif.: Insight for Living, 1991, p. 3.

pávamos o centro do palco, agora os holofotes estão sobre *Ele*. *Você* O batizou; eles não sabem que isto torna *você* maior do que *Ele*?”

Batalhas já foram perdidas por causa de ciúme entre generais. Se a inveja desses discípulos tivesse sido incentivada por João, pense no perigo que isso acarretaria ao movimento embrionário de Jesus. Ouçamos a resposta de João à reclamação de seus discípulos—e nos maravilhemos com sua humildade. Primeiro ele disse que o sucesso de Cristo era da vontade de Deus: “O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada” (v. 27). Depois, ele enfatizou que o que estava acontecendo deixava-o feliz:

Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor. O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim (vv. 28, 29).

E, por fim, João proferiu as inesquecíveis palavras: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (v. 30). É preciso ser grande, muito grande para dizer tais palavras e entendê-las!

A maioria dos pregadores bem sucedidos que eu conheço trava uma luta com o dilema de João. Eles gostam de ser aclamados—ainda que não o admitam. Via de regra, porém, quando os pregadores respeitados ficam mais velhos, recebem menos convites para pregar e os holofotes voltam-se para os pregadores mais jovens. Como é difícil para nós dizer: “Tudo bem. Convém que eles cresçam e que eu diminua. Que Deus esteja com eles!”

Todavia, os pregadores não são os únicos que travam uma luta com o próprio ego. E quando outra pessoa recebe os louvores que nós julgamos serem nossos? E quando outra pessoa consegue o emprego ou a promoção que queríamos? Será que podemos ficar sinceramente felizes por elas? Podemos dizer com toda a sinceridade: “Convém que ele cresça e que eu diminua”?

Para alguns de nós, não existe desafio maior do que este. Lembre-se de que “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tiago 4:6b). Que Deus nos ajude a sermos mais parecidos com João, que clamou “Sejam humildes” num mundo de orgulho¹⁴.

¹⁴À luz da humildade de João, é irônico que alguns tentem elevar-se a uma posição que ele próprio jamais desejou. No passado, não era raro homens falarem do reino/igreja ter sido estabelecido nos dias de João, mas Mateus fala da morte de João no capítulo 14 e da promessa do estabelecimento do reino/igreja no capítulo 16. Reveja os comentários sobre Lu-

UMA VOZ QUE CLAMA: “SEJAM CORAJOSOS”, NUM DESERTO DE COVARDIA

Outros incidentes na vida de João poderiam ser estudados¹⁵, mas encerraremos com a última cena de sua vida. Anteriormente, afirmamos que a pregação de João era pontual e prática. Ela também era intensamente pessoal. A melhor ilustração disso deu-se na acusação que João fez ao rei Herodes.

...Herodes, o tetrarca, sendo repreendido por ele, por causa de Herodias, mulher de seu irmão, e por todas as maldades que o mesmo Herodes havia feito (Lucas 3:19).

...Herodes, havendo prendido... João, o metera no cárcere, por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão; pois João lhe dizia: Não te é lícito possuí-la (Mateus 14:3, 4).

Como exatamente veio a acontecer a confrontação entre João e Herodes, nós não sabemos. Herodes teria ouvido João pregar?¹⁶ (Dá para imaginar a caravana real sentada atrás da multidão a ouvir João.) João teria feito uma visita a um dos castelos de Herodes? (Também dá a imaginar o pregador em pé diante da corte de Herodes, com os olhos faiscantes a proferir sua mensagem.) Não temos acesso aos detalhes, mas o texto grego indica que João dizia *continuamente* a Herodes que o casamento dele com Herodias não era lícito.

Era preciso ter muita coragem para fazer isso! Era preciso coragem porque Herodes era um homem importante e influente. Era preciso coragem porque João estava fazendo uma repreensão pessoal. Uma coisa é condenar o pecado em geral salvaguardado pelo púlpito; outra coisa é dizer a alguém: “Você está errado”¹⁷. Era preciso coragem porque João estava dizendo o que Herodes e Herodias precisavam ouvir, e não o que eles queriam ouvir. Muitas “mensagens evangelísticas” não ofendem ninguém; no entanto, João rasgou o verbo dizendo: “Não te é lícito possuí-la”—e isso incomodou seus ouvintes! Era preciso coragem porque o profeta devia saber que suas palavras poderiam lhe custar a vida. Não se pode provocar um Herodes com uma esposa

cas 7:28 na edição “A Vida de Cristo—Parte 4”, desta série. Se quiser, explique o que significa o termo “batista”.

¹⁵Por exemplo, o relato do lapso momentâneo de João na prisão não está incluso neste sermão. Esse episódio é fascinante (estude a lição “Jesus Se importa?”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 4”), mas não se enquadra no teor geral desta apresentação.

¹⁶Mais adiante, Marcos diz que Herodes gostava de ouvir João (6:20), por isso essa não é uma possibilidade irreal.

¹⁷A repetição de algumas verdades declaradas neste parágrafo é intencional e para efeito de ênfase.

como Herodias¹⁸ sem sofrer conseqüências. Jesus disse que João não era “um caniço agitado pelo vento” (Mateus 11:7), mas uma voz firme e corajosa de Deus manifestando-se contra o pecado.

Mais uma vez, talvez você conheça os detalhes da seqüência: como João foi preso e como ele finalmente perdeu a vida por conta de um banquete regado a bebidas, uma dançarina e uma esposa vingativa¹⁹. Segundo a tradição humana, quando a cabeça de João foi levada até Herodias, ela espetou um grande alfinete na língua do profeta e disse: “Nunca mais você dirá: ‘Não te é lícito possuí-la!’”

Herodias pode ter pensado que conseguira calar João, mas ela não conseguiu. A voz de um homem de coragem não pode ser silenciada. A morte do Batizador afligiu a consciência de Herodes, e quando ele ouviu a respeito da obra de Jesus, ficou assombrado pela possibilidade de Jesus ser João ressurreto (Marcos 6:14). Mesmo após João estar morto há algum tempo, sua influência era tão grande que Jesus usou o trabalho dele para responder aos Seus questionadores (Mateus 21:23–27; Lucas 20:2–8).

Que Deus nos dê a coragem de João: a coragem de delatar o pecado, seja em lugares altos ou baixos; a coragem de ir até as pessoas pessoalmente por causa do pecado delas; a coragem de falar o que as pessoas precisam ouvir, e não necessariamente

o que elas querem ouvir; a coragem de defender o certo, independentemente das possíveis conseqüências. Jesus ainda desafia cada um de nós: “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Apocalipse 2:10).

CONCLUSÃO

João foi “uma voz que clama no deserto”:

- ...uma voz que clama: “Neguem-se a si mesmos”, num deserto de comodismo.
- ...uma voz que clama: “Endireitem os seus caminhos”, num deserto de complacência.
- ...uma voz que clama: “Creiam”, num deserto de dúvidas.
- ...uma voz que clama: “Sejam humildes”, num deserto de orgulho.
- ...uma voz que clama: “Sejam corajosos”, num deserto de covardia.

Como João conseguiu ser essa voz? Qual era o segredo dele? Ele estava comprometido com o Senhor em fazer a vontade dEle. Por isso Ele ousou ser diferente. Ele estava disposto a falar onde outras vozes haviam se calado.

Que Deus nos dê mais homens e mulheres como João nos dias de hoje. Que Deus nos ajude a *sermos* mais parecidos com João!²⁰

¹⁸Herodes e Herodias já foram chamados de Acabe e Jezabel do Novo Testamento.

¹⁹Se julgar necessário, faça um resumo da história. (Estude a lição “O perigo do sucesso”, em “A Vida de Cristo—Parte 5”.)

²⁰Se quiser, acrescente um apelo para os ouvintes não-cristãos entregarem suas vidas ao Senhor. Enfatize que a resposta de fé e obediência exigida no Novo Testamento (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38) é uma resposta que diz ao Senhor: “Estou dando minha vida ao Senhor, e farei o que o Senhor quiser que eu faça”.

Atribuição de Leitura nº. 16

Mateus 14:13–36;

Marcos 6:33–56;

Lucas 9:11–17;

João 6:2–71

Mateus 14:13–36

¹³Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, à parte; sabendo-o as multidões, vieram das cidades seguindo-o por terra.

¹⁴Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos.

¹⁵Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto, e vai adiantada a hora; despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer.

¹⁶Jesus, porém, lhes disse: Não precisam retirar-se; dai-lhes, vós mesmos, de comer.

¹⁷Mas eles responderam: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.

¹⁸Então, ele disse: Trazei-mos.

¹⁹E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a relva, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou. Depois, tendo partido os pães, deu-os aos discípulos, e estes, às multidões.

²⁰Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que sobejaram recolheram ainda doze cestos cheios.

²¹E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças.

²²Logo a seguir, compeliu Jesus os discípulos a embarcar e passar adiante dele para o outro lado, enquanto ele despedia as multidões.

²³E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Em caindo a tarde, lá estava ele, só.

²⁴Entretanto, o barco já estava longe, a muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário.

²⁵Na quarta vigília da noite, foi Jesus ter com eles, andando por sobre o mar.

²⁶E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram.

²⁷Mas Jesus imediatamente lhes disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!

²⁸Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas.

²⁹E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus.

³⁰Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor!

³¹E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste?

³²Subindo ambos para o barco, cessou o vento.

³³E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus!

³⁴Então, estando já no outro lado, chegaram a terra, em Genesaré.

³⁵Reconhecendo-o os homens daquela terra, mandaram avisar a toda a circunvizinhança e trouxeram-lhe todos os enfermos;

³⁶e lhe rogavam que ao menos pudessem tocar na orla da sua veste. E todos os que tocaram ficaram sãos.

Marcos 6:33–56

³³Muitos, porém, os viram partir e, reconhecendo-os, correram para lá, a pé, de todas as cidades, e chegaram antes deles.

³⁴Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E passou a ensinar-lhes muitas coisas.

³⁵Em declinando a tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: É deserto este lugar, e já avançada a hora;

³⁶despede-os para que, passando pelos campos ao redor e pelas aldeias, comprem para si o que comer.

³⁷Porém ele lhes respondeu: Dai-lhes vós mesmos de comer. Disseram-lhe: Iremos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer?

³⁸E ele lhes disse: Quantos pães tendes? Ide ver! E, sabendo-o eles, responderam: Cinco pães e dois peixes.

³⁹Então, Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos, sobre a relva verde.

⁴⁰E o fizeram, repartindo-se em grupos de cem em cem e de cinqüenta em cinqüenta.

⁴¹Tomando ele os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou; e, partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os dois peixes.

⁴²Todos comeram e se fartaram;

⁴³e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe.

⁴⁴Os que comeram dos pães eram cinco mil homens.

⁴⁵Logo a seguir, compeliu Jesus os seus discípulos a embarcar e passar adiante para o outro lado, a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão.

⁴⁶E, tendo-os despedido, subiu ao monte para orar.

⁴⁷Ao cair da tarde, estava o barco no meio do mar, e ele, sozinho em terra.

⁴⁸E, vendo-os em dificuldade a remar, porque o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, andando por sobre o mar; e queria tomar-lhes a dianteira.

⁴⁹Eles, porém, vendo-o andar sobre o mar, pensaram tratar-se de um fantasma e gritaram.

⁵⁰Pois todos ficaram aterrados à vista dele. Mas logo lhes falou e disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!

⁵¹E subiu para o barco para estar com eles, e o vento cessou. Ficaram entre si atônitos,

⁵²porque não haviam compreendido o milagre dos pães; antes, o seu coração estava endurecido.

⁵³Estando já no outro lado, chegaram a terra, em Genesaré, onde aportaram.

⁵⁴Saindo eles do barco, logo o povo reconheceu Jesus;

⁵⁵e, percorrendo toda aquela região, traziam em leitos os enfermos, para onde ouviam que ele estava.

⁵⁶Onde quer que ele entrasse nas aldeias, cidades ou campos, punham os enfermos nas praças, rogando-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste; e quantos a tocavam saíam curados.

Lucas 9:11–17

¹¹Mas as multidões, ao saberem, seguiram-no. Acolhendooas, falava-lhes a respeito do reino de Deus e socorria os que tinham necessidade de cura.

¹²Mas o dia começava a declinar. Então, se aproximaram os doze e lhe disseram: Despede a multidão, para que, indo às aldeias e campos circunvizinhos, se hospedem e achem alimento; pois estamos aqui em lugar deserto.

¹³Ele, porém, lhes disse: Dai-lhes vós mesmos de comer. Responderam eles: Não temos mais que cinco pães e dois peixes, salvo se nós mesmos formos comprar comida para todo este povo.

¹⁴Porque estavam ali cerca de cinco mil homens. Então, disse aos seus discípulos: Fazei-os sentar-se em grupos de cinqüenta.

¹⁵Eles atenderam, acomodando a todos.

¹⁶E, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos para o céu, os abençoou, partiu e deu aos discípulos para que os distribuíssem entre o povo.

¹⁷Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que ainda sobejaram foram recolhidos doze cestos.

João 6:2–71

²Seguia-o numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura dos enfermos.

³Então, subiu Jesus ao monte e assentou-se ali com os seus discípulos.

⁴Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima.

⁵Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer?

⁶Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer.

⁷Respondeu-lhe Filipe: Não lhes bastariam duzentos

denários de pão, para receber cada um o seu pedaço.

⁸Um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, informou a Jesus:

⁹Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?

¹⁰Disse Jesus: Fazei o povo assentar-se; pois havia naquele lugar muita relva. Assentaram-se, pois, os homens em número de quase cinco mil.

¹¹Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles; e também igualmente os peixes, quanto queriam.

¹²E, quando já estavam fartos, disse Jesus aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca.

¹³Assim, pois, o fizeram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram aos que haviam comido.

¹⁴Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo.

¹⁵Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente, sozinho, para o monte.

¹⁶Ao descambar o dia, os seus discípulos desceram para o mar.

¹⁷E, tomando um barco, passaram para o outro lado, rumo a Cafarnaum. Já se fazia escuro, e Jesus ainda não viera ter com eles.

¹⁸E o mar começava a empolar-se, agitado por vento rijo que soprava.

¹⁹Tendo navegado uns vinte e cinco a trinta estádios, eis que viram Jesus andando por sobre o mar, aproximando-se do barco; e ficaram possuídos de temor.

²⁰Mas Jesus lhes disse: Sou eu. Não temais!

²¹Então, eles, de bom grado, o receberam, e logo o barco chegou ao seu destino.

²²No dia seguinte, a multidão que ficara do outro lado do mar notou que ali não havia senão um pequeno barco e que Jesus não embarcara nele com seus discípulos, tendo estes

partido sós.

²³Entretanto, outros barquinhos chegaram de Tiberíades, perto do lugar onde comeram o pão, tendo o Senhor dado graças.

²⁴Quando, pois, viu a multidão que Jesus não estava ali nem os seus discípulos, tomaram os barcos e partiram para Cafarnaum à sua procura.

²⁵E, tendo-o encontrado no outro lado do mar, lhe perguntaram: Mestre, quando chegaste aqui?

²⁶Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes.

²⁷Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo.

²⁸Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?

²⁹Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.

³⁰Então, lhe disseram eles: Que sinal fazes para que vejamos e creiamos em ti? Quais são os teus feitos?

³¹Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer pão do céu.

³²Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá.

³³Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo.

³⁴Então, lhe disseram: Senhor, dá-nos sempre desse pão.

³⁵Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.

³⁶Porém eu já vos disse que, embora me tenhais visto, não credes.

³⁷Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora.

³⁸Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou.

³⁹E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu

perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia.

⁴⁰De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

⁴¹Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu.

⁴²E diziam: Não é este Jesus, o filho de José? Acaso, não lhe conhecemos o pai e a mãe? Como, pois, agora diz: Desci do céu?

⁴³Respondeu-lhes Jesus: Não murmureis entre vós.

⁴⁴Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.

⁴⁵Está escrito nos profetas:

E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim.

⁴⁶Não que alguém tenha visto o Pai, salvo aquele que vem de Deus; este o tem visto.

⁴⁷Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim tem a vida eterna.

⁴⁸Eu sou o pão da vida.

⁴⁹Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.

⁵⁰Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça.

⁵¹Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

⁵²Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a comer a sua própria carne?

⁵³Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos.

⁵⁴Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.

⁵⁵Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida.

⁵⁶Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele.

⁵⁷Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá.

⁵⁸Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente.

⁵⁹Estas coisas disse Jesus, quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum.

⁶⁰Muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?

⁶¹Mas Jesus, sabendo por si mesmo que eles murmuravam a respeito de suas palavras, interpelou-os: Isto vos escandaliza?

⁶²Que será, pois, se virdes o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava?

⁶³O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida.

⁶⁴Contudo, há descrentes entre vós. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair.

⁶⁵E prosseguiu: Por causa disto, é que vos tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido.

⁶⁶À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele.

⁶⁷Então, perguntou Jesus aos doze: Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?

⁶⁸Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna;

⁶⁹e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus.

⁷⁰Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo.

⁷¹Referia-se ele a Judas, filho de Simão Iscariotes; porque era quem estava para traí-lo, sendo um dos doze.

A Hora da Prova

Leitura Bíblica 16

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- X. Jesus retira-Se do território de Herodes (e volta) (continuação).
 2. Alimentando os cinco mil homens (Mateus 14:13–21; Marcos 6:33–44; Lucas 9:11–17; João 6:2–14).
 3. Andando sobre a água (Mateus 14:22–36; Marcos 6:45–56; João 6:15–21a).
- Y. O discurso de Jesus sobre o pão da vida (e a confissão de Pedro) (João 6:21b–71).

INTRODUÇÃO

Esta lição começa com um dos milagres mais notáveis de Jesus, a multiplicação para os cinco mil; e termina comentando um dos discursos mais cruciais, o sermão sobre o pão da vida. O milagre foi um dos pontos culminantes do Seu ministério terreno; o discurso desencadeou um dos momentos mais baixos.

Nesta lição, destacaremos duas palavras. A primeira é a palavra “prova”. Antes de Jesus alimentar a multidão, Ele perguntou a Filipe: “Onde compraremos pães para lhes dar a comer?” (João 6:5b). João escreveu que o Senhor estava dizendo isso “para pô-lo à prova” (João 6:6; NVI, grifo meu). A conversa com os apóstolos que ocorreu em seguida pôs à prova os outros onze também.

A segunda palavra que destacaremos é “crer” ou “ter fé”. No sermão sobre o pão da vida, ocorrem vários termos equivalentes à palavra “crer” (João 6:29, 35, 36, 40, 47). Já observamos que Jesus havia começado a enfatizar cada vez mais a necessidade de terem fé¹.

Chegara a hora de Cristo começar a pôr à prova os Seus seguidores, para provar se realmente criam nEle ou não. As palavras “pôr à prova” e “crer” não se encontram em cada um dos episódios que estudaremos nesta lição—mas, estava implícita, em cada episódio, uma prova de fé aos que alegavam seguir o Senhor.

UMA PROVA NUMA PLANÍCIE GRAMADA (MATEUS 14:13–21; MARCOS 6:33–44; LUCAS 9:11–17; JOÃO 6:2–14)

No final da lição anterior, Jesus havia proposto que Ele e os apóstolos fossem de barco para a mar-

gem oriental do mar da Galiléia (Marcos 6:30–32; veja Mateus 14:13; João 6:1)². O destino deles foi uma região deserta em algum lugar próximo a um povoado chamado Betsaida-Julias (Lucas 9:10).

Ao se aproximarem da praia, formou-se uma multidão—centenas de pessoas, além de outras chegando a cada minuto³. Cristo bondosamente “com-padeceu-se deles”. Como era Seu costume, começou a ensinar e curar os doentes (Mateus 14:14; Marcos 6:34; Lucas 9:11).

A Fé Provada: “Vocês confiam⁴ que Eu suprirei suas necessidades?”⁵

O dia transcorria e a multidão continuava aumentando, até somarem milhares (Lucas 9:14). A prova começou:

Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer? Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer (João 6:5, 6).

Filipe entendeu as palavras de Cristo como uma prova de sua capacidade de calcular, e respondeu: “Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço” (João 6:7).

Logo depois, a mesma prova básica de fé foi dada aos demais apóstolos:

²Se quiser, faça uma revisão dos motivos que levaram Jesus a propor essa retirada. (Releia a última parte da lição anterior.)

³Veja um relato mais completo desse incidente no sermão que vem a seguir. Por ora, pelo menos, enfatize a importância deste acontecimento.

⁴Usaremos o termo “confiar” nos subtítulos, porque a confiança é um componente essencial à fé que salva.

⁵Os subtítulos usados a partir daqui, embora não apareçam no texto bíblico, refletem as provas que Jesus estava aplicando aos Seus discípulos.

¹Releia a introdução à lição “Você crê?”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto, e vai adiantada a hora; despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer. Jesus, porém, lhes disse: Não precisam retirar-se; dai-lhes, vós mesmos, de comer (Mateus 14:15, 16).

Os doze entenderam a ordem de Cristo para “dar de comer” à multidão como uma prova da competência deles em verificar os recursos disponíveis. Eles mesmos não tinham levado provisões⁶, e tudo o que uma apuração realizada entre a multidão angariou foi a merenda de um menino (Mateus 14:17).

Tenhamos em mente que os discípulos haviam visto o Senhor realizar muitos milagres, incluindo acalmar uma tempestade e ressuscitar mortos. Nesta ocasião, eles haviam acabado de vê-lo curar doentes. Além disso, recentemente, Jesus havia lhes concedido poder para realizarem milagres (Mateus 10:1). Apesar de tudo isso, eles tiveram dificuldade para entender que se Cristo podia realizar determinado milagre, Ele podia realizar qualquer milagre⁷—incluindo a multiplicação de uma porção de pães e peixes para alimentar cinco mil homens, além de mulheres e crianças.

Segurando nas mãos o escasso alimento, Jesus mandou a multidão assentar-se no gramado (Mateus 14:19) para comer—tendo apenas cinco pães e dois peixinhos⁸ à mostra. E assim a prova de fé estendeu-se a todos os presentes. Os discípulos e a multidão tiveram fé pelo menos o suficiente para fazer o que Cristo ordenara.

Os Resultados da Prova: Uma Refeição— E Incompreensão

Quando somos postos à prova, geralmente ficamos ansiosos por saber o resultado. Neste caso, a fé dos presentes foi recompensada: a merenda de um menino transformou-se num *buffet* completo e farto para milhares de pessoas famintas:

Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que sobejaram recolheram ainda doze cestos cheios. E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças (Mateus

⁶Isto está implícito. Se tivessem trazido algum alimento, certamente o teriam alistado no relatório dos itens disponíveis apresentado a Jesus. O fato de não terem levado nada é um provável indicador da rapidez com que saíram do território de Herodes. Certamente planejavam comprar alimento numa cidade próxima (veja João 4:8).

⁷A incapacidade deles neste aspecto é salientada mais adiante da narrativa; veja Marcos 6:42.

⁸Veja no sermão que vem a seguir comentários sobre o tamanho dos pães e dos peixes.

14:20, 21; veja também Marcos 6:41–44; Lucas 9:16; João 6:12).

Os “clientes” ficaram muito satisfeitos⁹—mas não perceberam que a própria refeição era mais uma prova: uma prova de como compreendiam Jesus e Seu ministério. Empolgados, disseram entre si: “Este é, verdadeiramente, o profeta¹⁰ que devia vir ao mundo” (João 6:14). Aquele era Quem eles estavam aguardando!¹¹ Não demorou muito para formularem planos “com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei” (João 6:15).

“Proclamar Jesus como rei”? Ele já era Rei desde o nascimento (Mateus 2:2)¹²—mas o povo tinha em mente o conceito popular judaico de um rei terreno: alguém que os liderasse vitoriosamente contra seus inimigos. O último milagre de Jesus aguçou-lhes a imaginação: Ele poderia servir não apenas como general do exército, mas também como um intendente¹³—suprindo as tropas com as refeições diárias! Não entendiam que aceitar Jesus como um rei terreno equivalia a rejeitá-lo como Rei espiritual.

Sabendo quais eram as intenções do povo, Cristo frustrou seus planos enviando os discípulos¹⁴ para outro lugar e despedindo a multidão¹⁵. Então,

⁹João 6:26 descreve o entusiasmo deles.

¹⁰O povo parecia ter em mente a declaração de Moisés de que Deus ressuscitaria um profeta como ele mesmo (Deuteronômio 18:15). O sermão de Jesus proferido no dia seguinte indica que o povo estava comparando-o a Moisés (veja João 6:31, 32, 49, 58).

¹¹Perto do final do ministério de Jesus, uma empolgação semelhante tomou conta da multidão quando Cristo fez Sua entrada triunfal em Jerusalém (veja Mateus 21:1–11, 14–17; Marcos 11:1–11; Lucas 19:29–44; João 12:12–19).

¹²Num sentido, Jesus só foi coroado Rei quando voltou para o Pai. Todavia, como Ele próprio admitiu ser “Rei dos judeus” (Mateus 27:11), devemos considerar correta a afirmação dos magos.

¹³N. da Trad.: Intendente é um oficial do exército responsável pela acomodação, alimentação e equipamentos.

¹⁴Jesus mandou irem a Betsaida/Cafarnaum (Marcos 6:45; João 6:17). (Essa Betsaida ficava perto de Cafarnaum, sendo talvez subúrbio dela.) O texto bíblico não revela por que Jesus deu essa ordem. Talvez Ele quisesse que a complacência deles com a sua ordem influenciasse a multidão a ir embora também. Talvez Ele não quisesse que eles fossem envolvidos pelo equivocado zelo da multidão. Afinal, eles também relutavam com falsos conceitos materialistas do reino.

¹⁵Muitos dentre a multidão ficaram na circunvizinhança (João 6:22), mas Jesus pelo menos esfriou a excitação dispersando-os.

abatido¹⁶, Ele subiu um monte próximo¹⁷, a fim de ficar só e orar (Mateus 14:22, 23; Marcos 6:45, 46; João 6:15–17a).

UMA PROVA NUM MAR TEMPESTUOSO (MATEUS 14:22–33; MARCOS 6:45–52; JOÃO 6:15–21a)

Quando Jesus disse aos discípulos para entram no barco e irem a Cafarnaum, eles aparentemente esperavam que Ele Se juntasse a eles, assim que dispensasse a multidão (veja João 6:17). Talvez tenham esperado na praia; talvez tenham remado certa distância para depois esperar. Constatando que o Senhor não lhes ia ao encontro, por fim começaram a atravessar o mar.

A Fé Provada: “Vocês confiam que Eu os protegerei?”

Mais ou menos na metade da travessia do mar¹⁸, foram atingidos por um temporal repentino, característico daquelas águas¹⁹. João escreveu que “o mar começava a empolar-se, agitado por vento rijo que soprava” (João 6:18). Mateus acrescentou que o barco era “açoiado pelas ondas” (Mateus 14:24). O vento estava soprando do oeste, a direção para onde estavam tentando ir (Mateus 14:24; Marcos 6:48), por isso alçaram as velas e começaram a remar (Marcos 6:48). Remaram horas²⁰, sem progresso algum naquelas águas agitadas. Dá para imaginar o cansaço e o desespero deles. Mais uma vez, a fé dos apóstolos estava sendo provada²¹. Jesus já os resgatara antes acalmando uma tempestade²², mas nesta ocasião Ele não estava com eles. Desta vez, Ele estava longe.

¹⁶Isto está implícito. Jesus tinha uma série de razões para estar abatido. Além da incompreensão geral demonstrada nessa ocasião pelos apóstolos e pela multidão, Ele ainda não tivera a oportunidade de lamentar pela morte do Seu primo, João Batista.

¹⁷Havia um monte na região (João 6:3). Jesus provavelmente sentou-se na encosta desse monte para ensinar e depois desceu até a planície para alimentar o povo.

¹⁸O original grego diz “uns vinte e cinco a trinta *estádios*” (João 6:19), medida romana que equivale a “uns cinco ou seis quilômetros” (NTLH).

¹⁹Leia o comentário sobre o mar da Galiléia na página 17 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

²⁰Haviam partido em determinada hora do entardecer quando já “se fazia escurecer” (veja João 6:16, 17), mas Jesus só foi até eles na “quarta vigília da noite” (Mateus 14:25; Marcos 6:48), que ficava entre as três e as seis da manhã.

²¹Jesus não mandou a tempestade, mas toda crise na vida põe à prova a nossa fé nEle.

²²Veja a lição “Quem é este?”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

Embora Cristo estivesse separado deles por quilômetros, Ele estava ciente do apuro pelo qual passavam. Marcos escreveu:

Ao cair da tarde, estava o barco no meio do mar, e ele, sozinho em terra. E, *vendo-os em dificuldade a remar*, porque o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, andando por sobre o mar... (Marcos 6:47, 48; grifo meu).

Andar sobre a água é um dos milagres de Jesus mais conhecidos. Ao visualizar a cena mentalmente, não imagine Jesus caminhando sobre uma superfície macia e tranqüila, como geralmente se retrata. Antes, veja—O subindo e descendo à tona—primeiro na crista de uma onda e depois num vale entre marolas—caminhando por sobre um mar agitado pela tempestade.

Enquanto Cristo aproximava-se do barco, os discípulos o avistaram—talvez sob o clarão de um relâmpago. Ficaram mais assustados com o aparecimento inesperado de Jesus do que com a tempestade²³. “E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma²⁴! E, tomados de medo, gritaram” (Mateus 14:26; Marcos 6:49, 50a). Jesus abrandou o medo deles, exclamando: “Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!” (Mateus 14:27; veja Marcos 6:50b; João 6:20).

Temos então em Mateus 14 a história marcante de Pedro andando por sobre as águas. Ele gritou para Cristo: “Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas” (v. 28). “E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus” (v. 29). Sempre ouvi o comentário de que enquanto o discípulo manteve os olhos fitos em Jesus, ele conseguiu flutuar—mas quando virou os olhos para o mar agitado pelo vento, “teve medo” e começou a afundar (v. 30a). Ele gritou: “Salva-me, Senhor!” (v. 30b). “E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste?” (v. 31). Assim como nós, Pedro teve fé suficiente para começar a andar, mas não o suficiente para ir até o fim.

²³O relato de Marcos diz que Jesus “queria tomar-lhes a dianteira” (Marcos 6:48). Já sugeriram que Jesus “queria tomar-lhes a frente” para evitar que se assustassem, e pode ser esse o caso. Os outros relatos, porém, indicam que Jesus estava indo “ter com eles” (Mateus 14:25; João 6:19). O grego traduzido por “tomar” em Marcos 6 poderia ser traduzido por “ir lado a lado” e pode ser esse o significado aqui.

²⁴Por que pensaram que fosse um fantasma não sabemos; mas convém lembrar que a superstição reinava nos corações dos homens daquela época.

Resultados da Prova: Calmaria—e Confusão

Os discípulos ajudaram Jesus e Pedro a entrar no barco (veja João 6:21a; Mateus 14:32a). Imediatamente²⁵, “o vento cessou” e “ficaram entre si atônitos” (Marcos 6:51). Então, “os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus!” (Mateus 14:33).

Essa parece ser uma daquelas histórias com final feliz, mas o relato de Marcos indica que, na verdade, os apóstolos falharam numa prova crucial. Marcos registrou que “não haviam compreendido o milagre dos pães” (Marcos 6:51b, 52a). Além de expressarem a preocupação de Jesus, os milagres por Ele realizados tinham implicações teológicas. Que “discernimento” os discípulos teriam obtido com “o incidente dos pães”? Eles deveriam aprender que se Ele teve poder para alimentar a multidão na planície, também tinha o poder para protegê-los no mar.

Segundo Marcos, o problema dos apóstolos era que “o seu coração estava endurecido” (Marcos 6:52b). Até certo ponto, entendiam e admiravam Jesus, possuíam uma dose de fé, mas era difícil para eles confiar-Lhe suas vidas e corações totalmente. Esse problema em particular não surgiu nem desapareceu com os doze.

UMA PROVA NUMA SINAGOGA LOTADA (MATEUS 14:34–36; MARCOS 6:52–56; JOÃO 6:21b–71)

Houve mais um milagre naquela noite tempestuosa. João escreveu que assim que Jesus e Pedro entraram no barco, “logo o barco chegou ao seu destino” (João 6:21b). Desembarcaram na planície de Genesaré²⁶, uma região fértil de Cafarnaum (Mateus 14:34; Marcos 6:53). Jesus seguiu para Cafarnaum, curando pessoas pelo caminho (Mateus 14:35, 36²⁷; Marcos 6:54–56).

Nesse ínterim, a multidão que estava na margem oriental do mar descobriu que Jesus não estava mais ali (João 6:22, 24). Quando os barcos chegaram da margem ocidental, trataram de ir para a outra

margem do mar até Cafarnaum, onde esperavam encontrar Jesus (João 6:23, 24)²⁸.

A Fé Provada: “Vocês confiam que Eu lhes dou vida?”

A multidão que procurava Jesus encontrou-O ensinando na sinagoga (João 6:59). Perplexos com o fato de Ele ter saído sem que notassem (João 6:22), indagaram: “Mestre, quando chegaste aqui?” (João 6:25b). Essa foi a primeira de muitas perguntas dirigidas ao Senhor naquele dia. Os indagadores achavam que estavam colocando Jesus à prova; na verdade, eles é que foram postos à prova. Era hora de exporem sua fé—ou sua falta de fé. Na verdade, houve uma série de provas, começando pela multidão e afunilando nos apóstolos. Jesus queria que cada indivíduo presente se perguntasse: “O que me atrai a esse Homem? Por que eu O sigo? Quem eu realmente penso que Ele é?”

1) *A multidão posta à prova.* Em vez de responder a pergunta sobre Sua chegada a Cafarnaum, Jesus começou Seu discurso sobre o pão da vida. Ele acusou a multidão de segui-LO por motivos errados²⁹:

...Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna (João 6:26, 27a).

Cristo estava tentando levar Seus ouvintes a examinarem seus motivos e prioridades—mas o que eles entenderam foi que se *trabalhassem*, poderiam obter uma *comida imperecível*. Então, perguntaram: “Que faremos para realizar as obras de Deus?” (João 6:28). Isto proporcionou a Jesus a oportunidade de introduzir o tema da Sua apresentação: “A obra de Deus é esta: que *creiais* naquele que por ele foi enviado” (João 6:29; grifo meu).

A multidão não gostou do rumo que a conversa estava tomando. Tomando os fariseus como exemplo (veja Mateus 12:38), pediram por um sinal: “Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti?” (João 6:30). No dia anterior, Cristo havia dado a eles

²⁵A idéia de que esses acontecimentos ocorreram “imediatamente” é sugerida em João 6:21.

²⁶Ocasionalmente, o mar da Galiléia era chamado de “o lago de Genesaré” (Lucas 5:1) devido à proximidade dessa região. Veja o mapa na página 15 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, e reveja o artigo “O Mar da Galiléia” nessa mesma página.

²⁷Veja os comentários sobre as pessoas tocando na orla das vestes de Jesus na página 27 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”.

²⁸Os barcos vinham de Tiberíades na margem ocidental. Os marinheiros devem ter visto a multidão e aportado no local na esperança de faturar algum dinheiro transportando-as para onde quisessem ir. Anteriormente, essa mesma multidão andara a pé de Cafarnaum, mas ir de barco teria sido muito mais fácil.

²⁹O espaço limitado impede um comentário versículo por versículo a respeito deste grandioso sermão. Faz-se necessário usar uma versão simplificada da conversa entre Jesus e Seus indagadores. Obtenha mais idéias sobre esse sermão na lição “Comei este pão”, na edição “João—Parte 1”, de *A Verdade para Hoje*.

sinais de cura e havia realizado o milagre da multiplicação, mas isso não era suficiente. Para os que possuíam corações endurecidos, nenhum sinal seria suficiente.

O que eles realmente queriam era outra refeição gratuita. Afinal, reconheciam que Jesus era um Profeta como Moisés³⁰, e Moisés dera a seus pais pão no deserto—não só uma vez, mas todos os dias (João 6:31; veja Êxodo 16)! Jesus respondeu que era Deus, e não Moisés, quem lhes dera pão (João 6:32a). Além disso, Deus poderia lhes dar “o verdadeiro pão do céu” que “dá vida ao mundo” (João 6:32b, 33b).

Pão que “dá vida”—era exatamente isto que eles queriam! Disseram, então: “Senhor, dá-nos sempre desse pão” (João 6:34)³¹. Mais uma vez a resposta de Jesus transformou-se numa inesperada—e indesejada—declaração, quando dos Seus lábios saíram estas surpreendentes palavras: “Eu sou o pão da vida” (João 6:35a; grifo meu). Este é o primeiro “eu sou” de uma série de sete dessas declarações registradas no Livro de João³². Cada uma dessas declarações possui um significado diferenciado, mas todas também constituem afirmações da Sua divindade; pois só Deus pode verdadeiramente dizer, em todo e qualquer momento: “Eu sou” (em outras palavras, “Eu sou Aquele que sempre existiu”; veja Êxodo 3:13–15).

Jesus deu continuidade à Sua surpreendente declaração: “...o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (João 6:35b). Ali estava novamente aquela palavra insistente: “crer”!³³ E Jesus acrescentou com tristeza: “Porém... embora me tenhais visto, não credes” (João 6:36). J. W. McGarvey escreveu:

A personalidade de Jesus era a maior prova da Sua divindade, mas os judeus... recusaram-se a levar isto em consideração e continuaram pedindo por um sinal.... Quando alguém se recusa a

³⁰Reveja os comentários sobre João 6:14 citados anteriormente nesta lição.

³¹Compare isto com o pedido da samaritana em João 4:15. Há muitos paralelos entre a conversa de Jesus com a mulher em João 4 e Seu sermão em João 6. Cristo usou a figura da água em João 4 porque água era o que estava na mente da mulher, e Ele usou a figura do pão em João 6 porque a preocupação da multidão era a comida. A idéia principal ainda é a mesma. Todavia, a conversa de João 4 resultou em aceitação, enquanto a de João 6 terminou em rejeição.

³²Veja também os versículos 48 e 51. As outras ocorrências de “eu sou” encontram-se em 8:12, 58; 10:11; 11:25; 14:6 e 15:1.

³³Jesus usou mais outras palavras para reforçar a necessidade de crer nEle (veja João 6:40, 47), mas, como já foi dito, o espaço não permite uma análise de cada versículo.

crer no sol tendo visto a sua luz, sentido o seu calor e testemunhado seu poder revigorante, com qual sinal você demonstraria a essa pessoa a existência do sol?³⁴

2) “Os judeus” postos à prova. A essa altura, “os judeus” começaram a murmurar “porque [Jesus] dissera: Eu sou o pão que desceu do céu” (João 6:41). Geralmente, João usava a expressão “os judeus” referindo-se aos líderes judeus (1:19; 5:10, 15, 16, 18), e talvez seja esse o sentido aqui.

Apesar da murmuração dos judeus, Jesus recusou-Se a voltar atrás com Sua declaração. Ao contrário, Ele reforçou-a, dizendo:

Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne (João 6:48–51).

Jesus se fizera carne (João 1:14) para trazer vida espiritual (João 10:10). E também, em questão de meses, Ele daria voluntariamente a Sua carne para ser pregada numa cruz “pela vida do mundo”. Esses conceitos elevados estavam além da compreensão daqueles judeus preconceituosos. Em vez de pedirem humildemente uma explicação a Jesus, “começaram a discutir entre si. E perguntavam: Como é que este homem pode dar a sua própria carne para a gente comer?” (João 6:52; NTLH). A resposta de Jesus foi ainda mais surpreendente e intrigante: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (João 6:53).

Os judeus estavam familiarizados com o uso figurado da expressão “comer pão” num sentido religioso. David Smith salientou o seguinte: “Essa linguagem soava menos estranha aos ouvidos judeus do que soa hoje aos ouvidos modernos, pois nas Escrituras e na literatura rabínica afim, a instrução é chamada de pão e diz-se que quem a absorve a come”³⁵. Da mesma forma, a idéia de comer carne

³⁴J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 385.

³⁵David Smith, *The Days of His Flesh: The Earthly Life of Our Lord and Saviour Jesus Christ* (“Os Dias da Sua Carne: A Vida Terrena do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”), 8a. ed. Londres: Hodder and Stoughton, 1910, p. 241 (grifo dele); citado em Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, p. 147n.

e beber sangue deve ter sido repulsiva para eles. A Lei condenava que se comesse ou bebesse sangue (Levítico 17:10–14).

Jesus, por certo, não estava falando literalmente do consumo canibal da Sua carne e sangue³⁶, mas estava Se referindo a aceitá-IO como o Messias “na carne”. De fato, Ele já havia dito aos cétricos como “comer Sua carne”, mas eles não deram ouvidos:

.... A obra de Deus é esta: que *creiais* naquele que por ele foi enviado (João 6:29; grifo meu).

...o que *crê* em mim jamais terá sede (João 6:35; grifo meu).

...embora me tenhais visto, não *credes* (João 6:36; grifo meu).

De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele *crer* tenha a vida eterna... (João 6:40; grifo meu).

Em verdade, em verdade vos digo: quem *crê* em mim tem a vida eterna (João 6:47; grifo meu).

Consideremos o seguinte: Jesus disse que “quem *crê tem a vida eterna*” (João 6:47; grifo meu; veja também v. 40). Logo depois, Ele disse: “Quem comer a minha carne e beber o meu sangue *tem a vida eterna*” (João 6:54a; grifo meu). A menos que haja duas maneiras de se obter vida (e só há uma; João 14:6), “comer a Sua carne e beber o Seu sangue” equivalem a “*crer nEle*”.

A fé vem pelo ouvir a respeito de Jesus e por aceitar o que se ouviu. Cristo disse: “Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus³⁷. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim” (João 6:45). Ele também disse: “as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (João 6:63b).

Assim como assimilamos o alimento comendo, assimilamos Jesus aprendendo com Ele, aceitando-O, crendo nEle e obedecendo a Ele. Assim como o alimento que ingerimos torna-se parte dos nossos corpos, os pensamentos e o caráter de Cristo deve tornar-se parte das nossas almas. Johnny Ramsey escreveu o seguinte: “Ele está exortando: Absorvam meu espírito, imitem minha maneira de pensar, sigam minhas instruções; sim, aprofundem-se nos

caminhos do céu!”³⁸ Somos desafiados a nos tornarmos “co-participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4), a deixar que Cristo seja “formado” em nós (Gálatas 4:19), até podermos dizer com Paulo: “...já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:20).

Quando Jesus falou de comer Sua carne e beber o Seu sangue em João 6, Ele não tinha em mente a santa ceia. É natural que, por estarmos familiarizados com o simbolismo da ceia, nos lembremos dela ao ler a terminologia de Cristo nos versículos 53 a 56. O contexto é claro, porém, que Cristo não estava Se referindo à participação da comunhão, mas ao fato de os judeus O aceitarem como o Messias. A fé—ou a falta dela—é o tema do sermão do pão da vida.

3) *Os discípulos postos à prova.* A tensão continuou aumentando: “muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras [as palavras de Jesus sobre ser Ele o pão da vida], disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” (João 6:60). Tenhamos em mente que este grupo mais recente de murmuradores (João 6:61a) não se compunha dos inimigos de Jesus nem de representantes da multidão superficiais e interessados somente no pão. Eram, sim, discípulos dEle, alguns dos quais O acompanhavam há muito tempo. (O termo “discípulos” incluía os doze [João 6:64], e o restante dos discípulos em tempo parcial [Lucas 6:13].)

Por que o ensino de Jesus incomodou Seus seguidores? Ele contradizia suas pré-concepções de um Messias político e munido de espada. Por isso, Cristo interpelou-os com tristeza: “Isto vos escandaliza? Que será, pois, se virdes o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava?” (João 6:61b, 62). Em outras palavras: “Se vocês têm dificuldade para me aceitar como o Messias porque eu me concentro no espiritual e não no físico, como vão reagir à minha partida desta terra sem ter estabelecido o tipo de reino que estão esperando?” A ascensão de Jesus ao céu de fato resultou no estabelecimento do reino/igreja—no primeiro Pentecostes após a Sua morte, sepultamento e ressurreição—mas Seus seguidores estavam prevendo um tipo de reino diferente.

Jesus enfatizou novamente que as questões espirituais são muito mais importantes que as da carne (João 6:63); e mais uma vez Ele teve de concluir: “...há descrentes entre vós” (João 6:64a). Mencionei

³⁶Esta é uma das passagens usadas pelos católicos para justificar a eucaristia, na qual afirmam que o pão e o vinho se transformam literalmente na carne e no sangue de Jesus. Quando, porém, Cristo instituiu a santa ceia, Ele deixou claro que ela era um *memorial* (Lucas 22:19; 1 Coríntios 11:24, 25). Discutiremos isto mais adiante nesta série, quando estudarmos a instituição da ceia do Senhor (Mateus 26:26–29; Marcos 14:22–25; Lucas 22:19, 20; 1 Coríntios 11:23–26).

³⁷Leia Isaías 54:13; Jeremias 31:33, 34.

³⁸Johnny Ramsey, “Eat My Flesh; Drink My Blood”, (“Coma a Minha Carne; Beba o Meu Sangue”) *Gospel Minutes*. 27 de julho de 1979, p. 3.

no início desta lição que o discurso de Cristo desencadeou um dos momentos de menor popularidade do Seu ministério: “À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (João 6:66)³⁹.

A prova de fé de Jesus causou murmurações, discussão e finalmente deserção e rejeição. A maioria dos alunos da sua “classe” foi reprovada.

4) *Os apóstolos postos à prova.* Ainda faltava a prova mais crucial. Cristo virou-Se para os doze e perguntou: “Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?” (João 6:67). Percebemos, seguramente, tristeza e até preocupação nessas palavras.

A resposta de Pedro deve ter alegrado o coração do Mestre. Falando em nome dos apóstolos, ele disse: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (João 6:68, 69). No contexto, as palavras chaves são “temos *crido*”. A fé deles era perfeita? Entendiam completamente quem era Cristo? A verdadeira natureza do reino estava clara em suas mentes? Não, sem dúvida, não. Mas ainda estavam convencidos de que Jesus era o Messias, e estavam comprometidos com Ele. A fé dos apóstolos estava aumentando. Passaram no teste!

Façamos uma correção: *a maioria* deles passara no teste. Pedro não sabia disso⁴⁰, mas o que ele disse foi em nome de apenas onze dos apóstolos. Os textos bíblicos indicam que os incidentes relativos ao sermão do pão da vida foram um fator determinante para Judas finalmente rejeitar Jesus (João 6:64, 70, 71)⁴¹. Nessa ocasião, Judas não saiu fisicamente, como fizeram tantos outros, mas seu coração já não estava com o Senhor. A frustração deve ter tomado conta da sua alma quando Cristo recusou o trono terreno e os benefícios que o acompanham⁴² (João 6:15). A descrença deve tê-lo dominado completamente quando as palavras de Jesus dispersaram as massas; não era assim que se construiria um império! Os doze coletivamente receberam uma nota de aprovação no teste, mas Judas infelizmente foi reprovado.

³⁹Desse momento em diante, João usou em seu relato a palavra “discípulo” somente no sentido de “*verdadeiro* discípulo”.

⁴⁰Até o fim, os demais apóstolos não sabiam da incredulidade de Judas (veja João 13:21, 22).

⁴¹Judas é de certa forma um enigma. Alguns pintam um quadro muito tenebroso dele (afirmando: “Ele era um demônio desde o princípio”), enquanto outros tentam exonerá-lo do seu ato pecaminoso de vender o Senhor. Em futuras edições desta série apresentaremos mais comentários sobre esse personagem.

⁴²Judas estava interessado em dinheiro (João 12:6).

CONCLUSÃO

Haveriam outras provas para os apóstolos (veja Mateus 16:13), mas nenhuma outra prova surtiu um efeito tão amplo nos que alegavam seguir Jesus. Quer entendamos isto, quer não, você e eu ainda estamos sujeitos aos mesmos exames:

1. Confio que Ele vai cuidar das minhas necessidades, ou fico alarmado e ansioso quando surgem problemas?
2. Confio que Ele vai me proteger, ou fico todo temeroso quando tribulações assolam a minha vida?
3. Confio que Ele me dá vida? Se confio, darei minha vida a Ele.

Lembre-se: só os que têm fé, fé verdadeira, obtêm uma nota de aprovação.

Quando uma Pessoa Realmente Precisa de Ajuda

Mateus 14:13-21; Marcos 6:33-44;

Lucas 9:11-17; João 6:2-14,

Olhando de perto



Um dos milagres mais significativos de Cristo é aquele que geralmente descrevemos como “Jesus alimenta os cinco mil”. Além da ressurreição, este é o único milagre registrado em todos os quatro relatos do evangelho¹. Por que esse milagre em particular é tão valorizado? Uma possível razão é que ele foi um dos poucos milagres “criacionistas” do Senhor². Talvez seja porque nenhum outro milagre tenha sido testemunhado por um número tão grande de pessoas sob circunstâncias que impossibilitavam uma fraude. Qualquer que seja a razão, a história de Jesus alimentando a multidão foi importante para os primeiros cristãos. O tema dos pães e peixes é comum na arte cristã do primeiro século e esse incidente ainda possui um significado especial para os cristãos de hoje. Quando se faz um levantamento das histórias bíblicas favoritas, essa história sempre ocupa uma colocação próxima ao topo da lista.

O episódio da multiplicação pode ser abordado de vários pontos de vista³, mas queremos usá-lo aqui como um exemplo de como Jesus ajudava as pessoas—e como você e eu podemos fazer o mesmo. Se o Novo Testamento ensina alguma coisa, ele ensina que os seguidores de Cristo devem ser sensíveis às necessidades dos outros e tentar ajudá-los.

Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé (Gálatas 6:10).

¹A repetição ganha mais relevância, quando consideramos que, dentre os milhares de milagres que Jesus realizou, João escolheu apenas sete—e que João normalmente evitou, de propósito, repetir o que os relatos sinópticos já haviam registrado. (Estude a lição “O Livro de João”, na primeira edição desta série.)

²Por “criacionista” refiro-me ao fato de Cristo ter “criado” alguma coisa. Outro exemplo é a transformação da água em vinho.

³Na lição anterior, olhamos para esse acontecimento do ponto de vista de uma prova de fé.

A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo (Tiago 1:27).

Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? (1 João 3:17).

A história da multiplicação aos cinco mil contém princípios importantes sobre como cumprir as ordenanças acima—sobre *como* ajudar e *como* não ajudar quem se encontra verdadeiramente em necessidade.

PESSOAS TÊM NECESSIDADES

A primeira parte da história destaca o fato de que existem pessoas que, de fato, têm necessidades legítimas⁴. Começamos fazendo uma revisão e levantando informações contextuais.

Jesus e Seus apóstolos haviam viajado pela Galiléia. No fim dessa viagem, eles souberam que o rei Herodes havia decapitado João Batista—e mostrava-se perigosamente interessado nas atividades deles⁵. Cristo propôs aos doze que fossem para a margem leste do mar da Galiléia. O destino deles era uma região deserta próxima a Betsaida-Julias, no extremo norte da outra margem do mar da Galiléia, a uns onze ou doze quilômetros dali⁶. A viagem de

⁴Segundo o ensino de Paulo em 2 Tessalonicenses 3, algumas pessoas não devem ser ajudadas porque tal ato incentivaria a preguiça delas. Falaremos brevemente desse aspecto (se quiser, amplie o assunto), mas o propósito deste sermão é enfatizar o aspecto positivo da assistência e não o negativo. Por necessidades reais ou legítimas referimo-nos àquelas citadas nas Escrituras.

⁵A respeito do interesse de Herodes pelo ministério de Jesus, reveja os comentários nas páginas 41 a 43 da edição anterior desta série.

⁶Essas informações baseiam-se na dedução de que a viagem deles teria começado em Cafarnaum ou perto dali. Veja o mapa na página 16. Reveja os propósitos de Jesus ao retirar-Se para a outra margem do mar na lição “O Perigo do Sucesso”, na edição anterior desta série.

barco para a outra margem do mar provavelmente foi lenta. Imagino Cristo—e talvez alguns dos discípulos—tirando um cochilo durante o trajeto (veja Mateus 8:24).

Pessoas Necessitadas daquela Época

Nesse ínterim, a multidão de Cafarnaum, de alguma maneira, ficou sabendo dos planos de Jesus e “vieram das cidades seguindo-o por terra” (Mateus 14:13). Marcos escreveu que eles “correram para lá, a pé... e chegaram antes deles” (Marcos 6:33)⁷. Visualize a seguinte cena: os mais jovens e em melhores condições físicas correndo a beira-mar enquanto os mais velhos e menos preparados seguiam num ritmo mais lento. Entre os que corriam o máximo que podiam estavam alguns levando seus doentes para Jesus curar (Mateus 14:13, 14). É provável que todos tenham partido da região de Cafarnaum juntos, mas logo espalhou-se uma extensa procissão formando uma fila no contorno do extremo norte do mar.

Quando o barco de Jesus aproximou-se da praia, já havia uma multidão ali, aguardando ansiosamente por Sua chegada (Marcos 6:33; Mateus 14:14). Será que os discípulos suspiraram ao ver a multidão?⁸ Estavam cansados e famintos (Marcos 6:31); precisavam de um tempo a sós com Cristo; mas ali estava a sempre-presente multidão solícita! Sei como deviam estar se sentindo. Às vezes, fico tão cansado física, mental e espiritualmente—mas as pessoas continuam vindo até mim em busca de ajuda. Sempre tento dar assistência com algum grau de generosidade, mas em certos momentos tive de lutar contra um sentimento de indignação⁹.

A reposta de Jesus foi diferente do que poderia ser a minha. Ele “compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor”¹⁰ (Marcos 6:34a; veja Mateus 14:14). Lucas escreveu que Jesus acolheu-os (Lucas 9:11a)¹¹. Ele não os suportou; Ele não os tolerou; Ele *acolheu-os*. Isto me fascina.

⁷Quem conhece a região garante que isso não constituiu nenhum problema especial. Quem viajava a pé tinha de atravessar o rio Jordão, mas havia uma vau um pouco ao norte de onde o rio afluía para o mar da Galiléia.

⁸Não creio que este seja um julgamento precipitado, pois quando Jesus sugeriu que alimentassem a multidão, a resposta dos discípulos foi mandar o povo embora (Marcos 6:36).

⁹Enquanto elaborava este sermão, recebi um telefonema de uma mulher que, praticamente, pediu-me para deixar o que estava fazendo a fim de ajudá-la por uma hora ou mais. Tendo o exemplo de Jesus tão recente em minha mente, não tive escolha: ajudei-a.

¹⁰Veja comentários sobre a expressão “ovelhas sem pastor” na página 38 da edição anterior desta série.

¹¹A ERC diz que Jesus os “recebeu”.

João disse que “seguia-o numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura dos enfermos” (João 6:2). Cristo logo se pôs a “socorrer os que tinham necessidade de cura” (Lucas 9:11c). Como Jesus nunca perdia uma oportunidade para pregar, Ele também “passou a ensinar-lhes muitas coisas” (Marcos 6:34b), falando “a respeito do reino de Deus” (Lucas 9:11b).

Aquele foi mais um longo dia na vida de Jesus. De vez em quando, Ele fazia uma pausa indo para a encosta de uma montanha da região (veja João 6:4, 15). Mas, na maior parte do dia, Ele esteve ocupado ensinando e curando. Enquanto isso, a multidão continuava a crescer (João 6:5)¹². Mais tarde, diz-se que a multidão era de “cinco mil homens, além de mulheres e crianças” (Mateus 14:21). As estimativas do número de mulheres e crianças variam¹³, mas poderia haver ali de dez a quinze mil presentes.

Ao longo do dia, Jesus alimentou o povo espiritualmente, mas com o cair da tarde, a necessidade de alimento físico tornou-se crítica. Os milhares aglomerados na planície—incluindo Cristo e Seus discípulos—havam passado o dia sem comer. (Você pode imaginar dez mil estômagos famintos roncando de uma só vez?) A súbita partida do Senhor de Cafarnaum e a resposta impulsiva da multidão não permitiram que houvesse tempo para se prepararem para a viagem.

A necessidade de alimento físico pode parecer um lugar-comum numa época repleta de milagres fascinantes e ensinamentos que transformavam vidas, mas Deus nos fez de tal maneira que nossos corpos precisam ser reabastecidos de tempos em tempos. Não devemos “viver só de pão” (Mateus 4:4), mas um pãozinho ou uma bolacha são necessários para nos manter em pé.

Jesus não hesitou em chamar a atenção dos discípulos para aquela necessidade. Apontando para a multidão, Ele perguntou a Filipe: “Onde compraremos pães para lhes dar a comer?” (João 6:5). Depois, disse aos apóstolos: “...dai-lhes, vós mesmos, de

¹²João explicou que “a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima” (João 6:4). Já sugeriram que isto foi escrito para explicar como a multidão cresceu, como os peregrinos a caminho de Jerusalém paravam para ver do que se tratava toda aquela agitação. O problema com essa hipótese é que nesse caso teriam levado suprimentos com eles; no entanto, quando foram sondados no final do dia, constatou-se que não tinham suprimentos. Talvez este detalhe tenha sido fornecido simplesmente para enfatizar a época do ano, para explicar por que havia “muita relva” naquele lugar (João 6:10).

¹³Alguns pensam que seriam poucas as mulheres e crianças que fariam esse trajeto, enquanto outros dizem que isso não faz sentido.

comer” (Mateus 14:16). A multidão tinha necessidades, tanto físicas como espirituais.

Pessoas Necessitadas Hoje

As pessoas ainda têm necessidades, necessidades reais, hoje em dia. As necessidades mais importantes são espirituais. Jesus enfatizou isto quando perguntou: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mateus 16:26). Todavia, as pessoas também têm outras necessidades, necessidades que não devem ser ignoradas. Certo homem contou a outro que estivera numa região onde as pessoas estavam morrendo de fome. O segundo homem perguntou: “O que você fez?” E o primeiro respondeu: “Eu lhes dei folhetos”. “E o que aconteceu?”, indagou o segundo. O homem que contava a história respondeu com tristeza: “Eles comeram os folhetos”.

Determinadas necessidades são reconhecidas há anos—são elas as necessidades de alimento e vestuário. Tiago 2:15 fala dos “carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano”. Assisti a uma apresentação em *slides* sobre os prédios da igreja primitiva do quarto e quinto séculos. Cada um desses prédios tinha uma ou mais salas anexas para armazenar alimento e roupas aos necessitados. Os prédios de igreja modernos geralmente possuem salas semelhantes separadas para a benevolência.

Outra necessidade que é amplamente reconhecida é a necessidade de se cuidar das viúvas e órfãos. Tiago escreveu: “A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações...” (Tiago 1:27). Muitas congregações possuem programas para assegurar que suas viúvas não sejam negligenciadas (veja Atos 6:1). Alguns cristãos adotaram crianças abandonadas. Entre outras formas de se exercer esses cuidados estão os orfanatos e as casas de repouso. Nem sempre há unanimidade sobre qual é a melhor maneira de se cuidar de viúvas e órfãos, mas todos concordamos que precisamos nos preocupar com essa necessidade.

Outras necessidades comumente reconhecidas poderiam ser mencionadas, como a necessidade de se cuidar dos doentes. Jesus preocupava-se com os doentes. Ele elogiou os seguidores benevolentes com estas palavras: “Estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me” (Mateus 25:36a). Muitas congregações tentam ajudar os doentes, incluindo levar refeições quando necessário. Em alguns países, os cristãos até construíram hospitais para ajudar a aliviar o sofrimento.

Servir o próximo como costumamos fazer é bom, mas devemos ser sensíveis ao fato de que novas necessidades estão sempre surgindo—ou, pelo menos, novas expressões de velhas necessidades¹⁴. Lares estão se dividindo por causa do divórcio. Filhos são negligenciados e sofrem abusos. O alcoolismo e a adição a drogas continuam aumentando. A promiscuidade sexual está desenfreada e a epidemia de AIDS mostra poucos sinais de diminuição. Homens e mulheres lutam contra sérios problemas emocionais. O número de “pessoas de rua” desamparadas em nossas cidades está aumentando. A lista poderia continuar.

Não estamos insinuando que temos as respostas sobre como solucionar esses problemas. Nem estamos sugerindo que devemos, como congregações, elaborar programas para abraçar tais desafios. O que estamos tentando fazer é salientar que existem necessidades—toda sorte de necessidades, necessidades reais, necessidades legítimas que nós, cristãos individuais, podemos ajudar a suprir.

Novamente, é preciso manter as prioridades na ordem certa. Não podemos desviar do alvo de levar as pessoas ao conhecimento da salvação em Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, ignorar as necessidades latentes dos que nos cercam é ser inferior ao que Deus quer que sejamos. Enquanto o primeiro mandamento é “amar ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração”, o segundo é “amar ao próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37, 39). João escreveu:

Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? (1 João 3:17).

...aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão (1 João 4:20, 21).

COMO ALGUNS EVITAM AJUDAR

Retomemos a história bíblica. Como já observamos, Jesus estava ciente das necessidades da multidão, e Ele mandou os apóstolos ajudarem o povo. As respostas dos discípulos são semelhantes às nossas, quando muitas vezes nos pedem ajuda.

¹⁴Gálatas 6:10 fala de fazer o “bem” num sentido geral; 1 Tessalonicenses 5:14 também indica que devemos ajudar as pessoas com as necessidades que elas tenham. As necessidades que mencionamos neste parágrafo são as que vemos no nosso ambiente. Adapte isso à realidade dos seus ouvintes. Talvez as necessidades básicas—comida, roupas e afins—ainda sejam as mais urgentes na sua região.

“Não dispomos de recursos”

Aparentemente, Cristo desafiou primeiramente Filipe:

Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer? Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer¹⁵ (João 6:5, 6).

Não sabemos por que o Senhor escolheu Filipe¹⁶. Alguém sugeriu que Filipe era daquela região¹⁷ e seria o mais propenso a saber quais recursos encontravam-se disponíveis. Qualquer que seja o motivo, Filipe foi interrogado; e a resposta do apóstolo foi típica de como costumamos responder a desafios. Com efeito, ele disse: “Vamos verificar se dispomos ou não dos recursos”. Rapidamente, ele calculou o número de pessoas presentes¹⁸. Ele estabeleceu o total mínimo de pães necessários para cada pessoa e multiplicou-o pelo número de pessoas. Depois, calculou o preço vigente do pão e multiplicou-o pela quantidade de pães necessários. Daí, ele informou a Jesus o resultado final: “Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço” (João 6:7; veja Marcos 6:37). Um denário representava o salário de um dia de um trabalhador comum (Mateus 20:2). Levava mais de meio ano para um trabalhador ganhar duzentos denários! A bolsa de dinheiro dos discípulos¹⁹ certamente continha apenas uma parte desse montante.

Não é verdade que às vezes pensamos que a solução para todos os nossos problemas é o dinheiro? E nesse caso, nossa primeira reação diante de uma necessidade não é geralmente verificar o montante de dinheiro de que dispomos? Em se tratando de desafios individuais, talvez nossa resposta seja: “Não temos nada designado para isso em nosso orçamento”. Um erro comum, quando somos confrontados com uma tarefa enorme, é enxergar só os

¹⁵Toda vez que o Senhor lança um desafio diante de nós, Ele já tem uma solução. Só temos de descobrir qual é!

¹⁶Filipe foi um dos primeiros a seguir a Jesus. (Reveja a lição “Uma Primeira Vez para Tudo!”, na página 42 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”, desta série.)

¹⁷Filipe era de Betsaida (João 1:44; 12:21), que provavelmente era a Betsaida subúrbio de Cafarnaum, mas é possível que fosse a Betsaida à margem leste do mar (onde ocorreu a multiplicação aos cinco mil; Lucas 9:10).

¹⁸Desconhecemos o pensamento exato de Filipe, mas para chegar ao número mencionado, ele teve de passar por um processo semelhante ao descrito.

¹⁹Havia uma bolsa ou caixa que continha os escassos fundos usados por Jesus e Seus discípulos enquanto viajavam. Judas era responsável por essa bolsa/caixa (João 12:6; 13:29).

nossos recursos em vez de confiar em Deus, o qual possui recursos ilimitados.

Dizem que, em relação à obra do Senhor, os cristãos às vezes sofrem de “paralisia de análise”. Alguns parecem pensar que cabe ao seu ministério determinar por que este ou aquele plano *não* vai funcionar. Tenho de confessar que às vezes cometo esse erro.

“Esse problema não é nosso”

A seguir, todos os apóstolos foram confrontados com as necessidades das massas—e mais uma vez nos projetamos na resposta deles: “Mas o dia começava a declinar. Então, se aproximaram os doze e lhe disseram: Despede a multidão, para que, indo às aldeias e campos circunvizinhos, se hospedem²⁰ e achem alimento; pois estamos aqui em lugar deserto” (Lucas 9:12).

A “solução” deles era algo menos do que prático. Imagine a confusão resultante de dez a quinze mil pessoas dispersando-se pelas cidades e povoados daquela região. O caos se instalaria se milhares de pessoas com fome de repente aparecessem na minha pequena cidade de Judsonia, à procura de comida! Por que os discípulos deram essa sugestão? Possivelmente, cansados e famintos, não queriam lidar com aquele problema.

Infelizmente, essa também é, por vezes, a nossa “solução” quando nos deparamos com pessoas necessitadas: “Vão embora. Resolvam vocês sozinhos. Isso não é da minha responsabilidade. Não posso ser incomodado”. Não gostamos de ser incomodados. Não queremos levar nos ombros os problemas dos outros. Mais uma vez, receio que devo confessar-me “culpado”.

“Eles não merecem ajuda”

Os apóstolos poderiam ter apresentado mais motivos para não ajudarem a multidão. Por exemplo, poderiam ter dito: “Eles não merecem nossa ajuda. Não estão interessados de verdade nas questões espirituais. Só estão aqui para obter assistência médica e comida de graça”. Os fatos subsequentes provariam que tal análise estava correta; Jesus sugeriu posteriormente que a multidão era superficial e que suas prioridades eram erradas²¹.

Cristo sabia quais eram os pensamentos e os motivos das pessoas (João 2:25), mas Ele não usou isto como desculpa para não ajudá-las. Não deve-

²⁰O fato de os apóstolos mencionarem “hospedar-se” é prova de que a maioria dos milhares presentes na planície não era daquela localidade.

²¹Veja o comentário nas páginas 12 e 13.

mos incentivar a preguiça (2 Tessalonicenses 3:10); mas, quando uma necessidade é legítima, temos de tentar ajudar—não devido a quem é o destinatário, mas devido a quem nós somos²².

O Senhor não aceitou as desculpas dos Seus discípulos para não ajudarem, mas disse: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Marcos 6:37). Será que Seus olhos faiscaram quando Ele disse isto? Tampouco Ele aceitará desculpas dos Seus seguidores que deixarem de fazer “o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gálatas 6:10).

COMO PODEMOS AJUDAR?

Esta foi a parte negativa da história. Vejamos agora a positiva: como *podemos* aceitar o desafio de ajudar pessoas quando elas possuem necessidades legítimas?

Absorva o Espírito de Jesus

É provável que a sugestão mais importante seja que temos de absorver o espírito de Jesus. Lembrese de que Cristo *compadeceu-Se* da multidão e *acolheu-a*. Os apóstolos talvez vissem só o incômodo, mas Jesus via necessidades.

A falta de sensibilidade às necessidades alheias é uma deficiência muito comum. Com certeza, é uma das minhas falhas. Não muito tempo atrás, num enterro, quando Jo, minha esposa, abraçava uma mulher cuja mãe falecera, a mulher lhe disse: “Você é uma das mulheres mais gentis que conheço”. Há uma razão para esse merecido elogio: minha esposa é sensível às necessidades dos que a cercam. Ela expressa uma preocupação que os outros identificam como legítima e sempre acaba encontrando uma forma de ajudar. Ela tem um dom especial.

Novamente digo que assumir o espírito de Jesus é a sugestão mais importante que podemos dar sobre como ajudar as pessoas. Se desenvolvermos a atitude de Cristo para com os necessitados, isto suplantarão nossa relutância em ajudar e removerá qualquer obstáculo. Todavia, algumas sugestões específicas também podem ser úteis. Vejamos o que aconteceu a seguir.

Use os recursos que você tem

Filipe e os demais discípulos haviam focado o que eles *não* tinham, mas Jesus incentivou-os a tomarem conhecimento dos recursos que *se encontravam* disponíveis. Disse Ele: “Quantos pães tendes? Ide ver!” (Marcos 6:38a). A “solução” dos discípulos havia sido: “Não comprar” (veja Mateus 14:15; Mar-

cos 6:37), mas a de Jesus foi: “Vão ver: vejam o que vocês *realmente* têm”.

Aparentemente, eles verificaram isso com todos os presentes. Jesus e os apóstolos saíram com tanta pressa que não levaram suprimentos²³, e o mesmo se aplica à multidão em geral. Os apóstolos fizeram uma busca extensa. (Quanto tempo levaria para verificarem as dez a quinze mil pessoas?) Todavia, o único alimento que encontraram foi a merenda de um menino. André disse ao Mestre: “Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?” (João 6:9).

Quando você lê “pães”, não pense nos pães grandes de panificadoras que podem servir uma família inteira. Tratavam-se daqueles pãezinhos achatados, tipo sírio. Não muito maiores que um biscoito. Os pães eram de cevada; um grão consumido pelos pobres²⁴. Os peixes deviam ser os pequenos usados em conserva e famosos na região; pense em sardinhas²⁵. “Cinco pães e dois peixinhos”: equivaliam a uma rodela de pão a ser dividida entre 1.000 homens e uma miniatura de peixe para cada 2.500 homens! Era uma merenda que um rapaz faminto consumiria e ainda continuaria com fome. As palavras de André foram realmente uma suposição comedida: “...mas isto que é para tanta gente?” (João 6:9b).

Devo parar para dizer uma coisa sobre um menino se dispondo a abrir mão de sua comida. Sabendo como os meninos amam comer, alguém fez a seguinte anedota: “Esse foi um milagre maior do que a multiplicação dos pães!” Falando sério, a contribuição desse garoto tornou-o famoso. Só posso concluir que, embora fosse jovem, ele estava impressionado com o Senhor e tinha fé nEle. Isto não é maravilhoso?

Jesus queria que Seus seguidores entendessem que, embora não tivessem muito, tinham alguma coisa. A maioria de nós se sai melhor catalogando o que *não* tem e o que *não* está apta a fazer do que alistando o que *pode* fazer e o que *está* apta a fazer. Talvez você se sinta constrangido porque suas atribuições e talentos são tão escassos, mas dedique-os a Deus mesmo assim. Ele poderá surpreender você com os resultados!

Confie nos recursos do Senhor e não nos seus

Quando usar seus recursos a serviço de Deus, entenda que você é um cooperador dAquele que possui o céu e a terra (Gênesis 14:22)! Além disso,

²³Reveja a nota de rodapé 6 na página 10.

²⁴Veja os comentários sobre Apocalipse 6:6, na página 48 da edição “Apocalipse—Parte 3”, de *A Verdade para Hoje*.

²⁵No Brasil, a sardinha é o peixe mais barato e comum.

²²Também poderia-se dizer: “devido a quem pertencemos”.

entenda que quando você dedica o pouco que tem para a Sua obra, Ele pode realizar coisas maravilhosas com esse pouco. Dizem que um punhado nas mãos de Deus sempre é muito. Não há melhor ilustração dessa verdade do que o incidente que estamos estudando.

Você já deve conhecer o resto da história: Jesus disse aos apóstolos: “Fazei o povo assentar-se” (João 6:10)²⁶. “Então, Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos... repartindo-se em grupos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta” (Marcos 6:39, 40). Certamente há várias razões para Jesus mandá-los sentar-se. Essa disposição facilitaria o trabalho de alimentá-los. Você consegue imaginar dez mil pessoas famintas, com as mãos estendidas, comprimindo Jesus e brigando por um lugar? Além disso, essa disposição garantiria que ninguém ficaria de fora. Também é possível que ela tenha ajudado na contagem da multidão—autenticando, consequentemente, o milagre.

Faça o que o Senhor diz, quer você entenda quer não

Será que os doze se sentiram um pouco ridículos organizando a multidão? Será que os presentes lançaram olhares duvidosos quando foram instruídos a sentar-se para fazer uma refeição diante de apenas cinco pães e dois peixes? A multidão, para o seu próprio bem, fez o que o Senhor ordenou. Dizem que o primeiro passo para o sucesso em qualquer aventura não é medir nossos recursos, mas definir qual é a vontade de Deus—e depois cumpri-la.

Quando todos estavam prontos, Cristo “tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu”, a fonte de toda bênção (Tiago 1:17), “os abençoou” (Mateus 14:19a) dando graças (veja João 6:11, 23)²⁷. A oração judaica antes das refeições era simples: “Bem-aventurado és tu, Senhor nosso Deus, Rei do universo, que geraste o pão da terra”²⁸. Talvez Jesus tenha usado palavras semelhantes a essas.

²⁶João acrescentou: “pois havia naquele lugar muita relva”, detalhe de uma testemunha ocular explicando por que as pessoas se dispuseram a sentar-se no chão. (Veja também Mateus 14:19; Marcos 6:39.)

²⁷O exemplo de Jesus nessa ocasião nos ensina que devemos dar graças pelo alimento—mesmo quando a porção é mínima. Os judeus tinham um ditado: “Quem desfruta de qualquer coisa sem dar graças é como se roubasse a Deus” (William Barclay, *The Gospel of Luke* [“O Evangelho de Lucas”], ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 118).

²⁸William Barclay, *The Gospel of Matthew* [“O Evangelho de Mateus”], ed. rev. vol. 2. The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 100.

A seguir vem a parte que nos deixa perplexos: Cristo, “partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os dois peixes” (Marcos 6:41). Gostaria de dar um grito: “Espere aí! Explique melhor! Explique exatamente como foi isso! Dê os detalhes do que aconteceu!” Mais uma vez (caso ainda precisemos disso), temos uma prova de que a Bíblia não foi escrita para satisfazer a nossa curiosidade.

Quanto ao que ocorreu, sinto-me seguro de que o milagre aconteceu somente nas mãos de Jesus. Alguns acreditam que Jesus deu a cada apóstolo um cesto e que a comida continuou aumentando nesses cestos, à medida que eles a distribuía. O texto, porém, enfatiza que “partindo os pães, deu-os aos discípulos para que distribuíssem [ao povo]” (Marcos 6:41)²⁹. Em outras palavras, os discípulos tiveram de ficar voltando até encherem seus cestos³⁰. Alguém disse que Jesus era o chefe da cozinha e os discípulos eram apenas garçons³¹.

Se eu tivesse que dar um palpite, diria que o milagre foi semelhante ao da panela de farinha e da botija de azeite que nunca se acabavam nos dias de Elias (1 Reis 17:14–16). Jesus enfiava as mãos na sacola ou cesto em que o menino guardava sua merenda e tirava dali cada vez mais pão e peixe. (Imagino Jesus alargando o sorriso, à proporção que os olhos dos presentes se arregalavam cada vez mais.) Não é importante saber os detalhes exatos. Basta saber que ocorreu ali *um milagre*—um milagre de verdade.

Segundo Mateus, Marcos e Lucas, o povo comeu até “se fartar” (Mateus 14:20a; Marcos 6:42; Lucas 9:17a). João enfatizou que eles comeram “quanto queriam” e que todos ficaram “fartos” (João 6:11, 12). Visto que a multidão voltou no dia seguinte em busca de mais pão (João 6:26, 27, 34), Jesus talvez tenha até aprimorado a qualidade do repasto—de maneira que o pão de cevada seco e duro e o peixe salgado tivessem o sabor de um banquete de rei.

Quando todos estavam satisfeitos, Cristo disse aos apóstolos: “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca” (João 6:12), “e ainda reco-

²⁹A ERA reflete corretamente a ação contínua do verbo usado no texto grego.

³⁰Talvez você se pergunte de onde vieram os cestos usados pelos apóstolos. Sabemos por meio da história secular que os judeus carregavam pequenos cestos assim como muitas pessoas da era moderna carregam bolsas e maletas. É costume na maioria dos lugares do mundo se levar pequenas bolsas onde se colocam itens necessários ao longo do dia. Ou os cestos eram dos próprios apóstolos, ou foram emprestados de pessoas dentre a multidão.

³¹Alguém também descreveu Cristo como o fabricante e os apóstolos como distribuidores.

lheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe” (Marcos 6:43)³². Esta parte da história tem sido usada para mostrar que o Senhor não aprova desperdício de recursos—e essa é uma aplicação coerente. O propósito principal do detalhe, porém, é destacar a natureza extravagante do milagre. A escassa provisão não só alimentou de dez a quinze mil pessoas, mas também resultou numa sobra final muito maior do que a porção inicial!

Infelizmente, há quem negue ter ocorrido ali um milagre físico real. Alguns têm difundido a idéia de que muitos presentes tinham algum alimento escondido sob suas túnicas e, quando viram o menino dividir generosamente a sua merenda, abriram mão de seus pães e peixes³³. Mesmo superficialmente, essa “explicação” não faz sentido. Se tudo o que Jesus fez foi constranger as pessoas a dividirem a comida que levaram, é impossível explicar o exuberante desejo do povo por coroa-IO Rei (João 6:15). Se nenhuma comida foi produzida a partir da que já existia, não haveria razão alguma para O procurarem no dia seguinte em busca de mais pão.

Outras explicações racionais já foram sugeridas³⁴, mas todas negam o ensino claro de João, de que Jesus realizou um “*senal*”—ou seja, um milagre (João 6:14; grifo meu). O relato bíblico é explícito: Jesus pegou a merenda de um garoto e a multiplicou alimentando milhares!

³²O que fizeram com as sobras? Por não ser um detalhe importante, o registro bíblico nada diz a respeito. Se os doze cestos pertenciam aos apóstolos, talvez as sobras tenham servido como refeição para a semana seguinte. Se tomaram os cestos emprestados, talvez os donos dos cestos tenham ganhado as sobras. Com certeza, o rapaz recebeu uma porção generosa do que sobrou. Warren Wiersbe escreveu: “Pergunto-me quantos pedaços o garoto teria levado para casa. Imagine a surpresa da mãe quando ele contou toda a história!” Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* [“Comentário Expositivo da Bíblia”], vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 51.

³³Esses cétricos ridicularizam a idéia de que as pessoas teriam feito aquela viagem sem levar provisões, mas segundo o registro bíblico, foi precisamente essa a situação.

³⁴Há outra explicação denominada “explicação sacramental”: cada um teria recebido uma migalha ou duas de pão e peixe, satisfazendo-se milagrosamente com isto. Essa noção contradiz a afirmação de João de que eles “se fartaram” (João 6:11, 12) e não explica como sobraram doze cestos cheios depois de tudo!

Livre-se das desculpas para não ajudar os outros

Mais uma vez, enfatizamos que pouco nas mãos do Senhor é muito. Vamos parar de reclamar do que não temos e não podemos fazer. Em vez disso, vamos usar o que temos e fazer o que podemos para ajudar os outros—e, daí, nos prepararmos para a surpresa diante da multiplicação que o Senhor fará dos nossos recursos e resultados!

CONCLUSÃO

Jesus queria que os apóstolos aprendesse com essa experiência—aprendessem que Ele poderia ajudá-los a vencer *qualquer* desafio da vida (veja Marcos 6:52). Eles tiveram dificuldade para compreender essa verdade, mas espero que nós sejamos mais receptivos. Aprendamos com isto que, quando pararmos de dar desculpas e começarmos a fazer o que podemos, Deus abençoará nosso empenho e também abençoará as vidas de outras pessoas.

Este sermão sobre ajudar o próximo é a minha porção de cinco pães e dois peixinhos. Tenho ciência das limitações das palavras ditas por mim. Sei que eu jamais poderei alimentar os corações dos milhares a quem serei enviado. Oro, portanto, para que Deus abençoe estas palavras e multiplique sua utilidade. Acima de tudo, oro para que este sermão ajude os cristãos a entenderem que as pessoas têm necessidades, que cabe a nós atender essas necessidades e que—com a ajuda do Senhor—*podemos* suprir essas necessidades!

Atribuição de Leitura nº. 17

Mateus 15:1–39;
Marcos 7:1–37; 8:1–9;
João 6:4; 7:11

Mateus 15:1–39

¹Então, vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram:

²Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem.

³Ele, porém, lhes respondeu: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição?

⁴Porque Deus ordenou:

Honra a teu pai e a tua mãe;

e:

Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte.

⁵Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim;

⁶esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição.

⁷Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo:

⁸Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.

⁹E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

¹⁰E, tendo convocado a multidão, lhes disse: Ouve e entendei:

¹¹não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem.

¹²Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram?

¹³Ele, porém, respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.

¹⁴Deixai-os; são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco.

¹⁵Então, lhe disse Pedro: Explica-nos a parábola.

¹⁶Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda?

¹⁷Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso?

¹⁸Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem.

¹⁹Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias.

²⁰São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina.

²¹Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom.

²²E eis que uma mulher cananéia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada.

²³Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós.

²⁴Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.

²⁵Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!

²⁶Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.

²⁷Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.

²⁸Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã.

²⁹Partindo Jesus dali, foi para junto do mar da Galiléia; e, subindo ao monte, assentou-se ali.

³⁰E vieram a ele muitas multidões trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos e outros muitos e os largaram junto

aos pés de Jesus; e ele os curou.

³¹De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel.

³²E, chamando Jesus os seus discípulos, disse: Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanece comigo e não tem o que comer; e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça pelo caminho.

³³Mas os discípulos lhe disseram: Onde haverá neste deserto tantos pães para fartar tão grande multidão?

³⁴Perguntou-lhes Jesus: Quantos pães tendes? Responderam: Sete e alguns peixinhos.

³⁵Então, tendo mandado o povo assentar-se no chão,

³⁶tomou os sete pães e os peixes, e, dando graças, partiu, e deu aos discípulos, e estes, ao povo.

³⁷Todos comeram e se fartaram; e, do que sobejou, recolheram sete cestos cheios.

³⁸Ora, os que comeram eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças.

³⁹E, tendo despedido as multidões, entrou Jesus no barco e foi para o território de Magadã.

Marcos 7:1–37

¹Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém.

²E, vendo que alguns dos discípulos dele comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar

³(pois os fariseus e todos os judeus, observando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos;

⁴quando voltam da praça, não comem sem se aspergirem; e há muitas outras coisas que receberam para observar, como a lavagem de copos, jarros e vasos de metal [e camas]),

⁵interpelaram-no os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar?

⁶Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.

⁷E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são

preceitos de homens.

⁸Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens.

⁹E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição.

¹⁰Pois Moisés disse:

Honra a teu pai e a tua mãe;

e:

Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte.

¹¹Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor,

¹²então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe,

¹³invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes.

¹⁴Convocando ele, de novo, a multidão, disse-lhes: Ouvi-me, todos, e entendei.

¹⁵Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina.

¹⁶[Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.]

¹⁷Quando entrou em casa, deixando a multidão, os seus discípulos o interrogaram acerca da parábola.

¹⁸Então, lhes disse: Assim vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar,

¹⁹porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E, assim, considerou ele puros todos os alimentos.

²⁰E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina.

²¹Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios,

²²a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura.

²³Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem.

²⁴Levantando-se, partiu dali para as terras de Tiro [e Sidom]. Tendo entrado numa casa, queria que ninguém o soubesse; no entanto, não pôde ocultar-se,

²⁵porque uma mulher, cuja filhinha estava possessa de espírito imundo, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés.

²⁶Esta mulher era grega, de origem siro-fenícia, e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio.

²⁷Mas Jesus lhe disse: Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.

²⁸Ela, porém, lhe respondeu: Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças.

²⁹Então, lhe disse: Por causa desta palavra, podes ir; o demônio já saiu de tua filha.

³⁰Voltando ela para casa, achou a menina sobre a cama, pois o demônio a deixara.

³¹De novo, se retirou das terras de Tiro e foi por Sidom até ao mar da Galiléia, através do território de Decápolis.

³²Então, lhe trouxeram um surdo e gago e lhe suplicaram que impusesse as mãos sobre ele.

³³Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva;

³⁴depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá!, que quer dizer: Abre-te!

³⁵Abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente.

³⁶Mas lhes ordenou que a ninguém o dissessem; contudo, quanto mais recomendava, tanto mais eles o divulgavam.

³⁷Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem; não somente faz ouvir os surdos, como falar os mudos.

Marcos 8:1–9

¹Naqueles dias, quando outra vez se reuniu grande multidão, e não tendo eles o que comer, chamou Jesus os discípulos e lhes disse:

²Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que

permanecem comigo e não têm o que comer.

³Se eu os despedir para suas casas, em jejum, desfalecerão pelo caminho; e alguns deles vieram de longe.

⁴Mas os seus discípulos lhe responderam: Donde poderá alguém fartá-los de pão neste deserto?

⁵E Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes? Responderam eles: Sete.

⁶Ordenou ao povo que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães, partiu-os, após ter dado graças, e os deu a seus discípulos, para que estes os distribuíssem, repartindo entre o povo.

⁷Tinham também alguns peixinhos; e, abençoando-os, mandou que estes igualmente fossem distribuídos.

⁸Comeram e se fartaram; e dos pedaços restantes recolheram sete cestos.

⁹Eram cerca de quatro mil homens. Então, Jesus os despediu.

João 6:4

⁴Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima.

João 7:11

¹¹Ora, os judeus o procuravam na festa e perguntavam: Onde estará ele?

Interrupções Incômodas ou Intervalos Benéficos?

Leitura Bíblica 17

- VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA.
- A. A terceira Páscoa (veja João 6:4; 7:1).
 - B. Reprovado por desrespeitar a tradição (Mateus 15:1–20; Marcos 7:1–23).
 - C. Retirada do território de Herodes (Mateus 15:21; Marcos 7:24).
 - D. Cura da filha de uma fenícia (ou cananéia) (Mateus 15:22–28; Marcos 7:25–30).
 - E. Evitando o território de Herodes (Mateus 15:29; Marcos 7:31).
 - F. Curando muitos, inclusive um surdo (Mateus 15:30, 31; Marcos 7:32–37).
 - G. Alimentando quatro mil homens (Mateus 15:32–39a; Marcos 8:1–9).

INTRODUÇÃO

Eu não reajo muito bem a interrupções. Gosto de planejar cada dia. Gosto até de planejar cada semana, mês e ano. Sei o que preciso fazer e aproximadamente quanto tempo levará para realizar cada tarefa. Não há espaço na minha agenda para interrupções. Por isso quando aparece uma interrupção—e elas inevitavelmente aparecem—isto me frustra.

Lutei com isto especialmente durante os quarenta anos em que servi como pregador em tempo integral. Os livros sobre o trabalho de um evangelista dizem que a agenda de cada dia deve permitir um tempo para interrupções. Os autores desses livros salientam que as interrupções muitas vezes produzem mais frutos para o Senhor do que os eventos planejados. Mesmo sabendo da veracidade disso, eu agendava muitas coisas para um só dia—e me aborrecia quando era interrompido.

Nesta lição, veremos como Jesus lidou com as interrupções. Convém lembrarmos que, após o sermão do pão da vida, “muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (João 6:66). Daquele momento em diante, Cristo dedicou-se mais à preparação dos doze para o período em que Ele já não estaria com eles. Ao fazer a leitura bíblica sugerida, verá o Senhor retirando-se vez após vez da Galiléia. Um dos objetivos dessas retiradas era evitar conflito com Seus inimigos, mas um outro objetivo era passar tempo com os apóstolos. Todavia, Jesus foi constantemente impedido de atingir esse propósito: Ele foi interrompido tanto por amigos como por inimigos. Esta lição descreve como Ele conseguiu transformar essas interrupções incômodas em intervalos benéficos.

INTERROMPIDO POR CRÍTICAS (MATEUS 15:1–20; MARCOS 7:1–23; VEJA JOÃO 6:4; 7:1)

Quando João relatou a multiplicação aos cinco mil, ele escreveu: “Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima” (João 6:4). Se a “festa dos judeus” em João 5:1 era a Páscoa, a festa mencionada em 6:4 seria a terceira Páscoa dentro do Livro de João.

Muitos escritores (talvez a maioria) acreditam que Jesus não compareceu à Páscoa de João 6:4, sobretudo por causa de João 7:1, que diz: “Passadas estas coisas, Jesus andava pela Galiléia, porque não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo”. Se Jesus *de fato* compareceu à festa—e estou inclinado a crer que Ele compareceu¹—Ele o fez de maneira silenciosa e secreta (compare com João 7:10). Não temos registro de nenhum acontecimento ocorrido em Jerusalém relacionado a essa Páscoa.

No que diz respeito a esta série de lições, o propósito principal da referência à Páscoa em João 6:4 é nos ajudar a definir a cronologia da vida de Cristo. Dessa Páscoa até cerca de seis meses depois, situa-se o estágio final do grande ministério na Galiléia², um estágio que se caracteriza por uma série de retiradas dessa província.

¹João 7:1 parece estar relacionado não tanto a João 6:4 quanto à seção subsequente. Jesus disse a Seus irmãos que Ele não planejava ir à Festa das Cabanas (ou Tabernáculos).

²Se quiser, faça uma revisão do esboço básico da vida de Cristo na página 8 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

Uma Interrupção Incômoda

Esta lição começa com Jesus ensinando na Galiléia, quando chega uma comissão de fariseus e escribas vindos de Jerusalém³. Eles não hesitaram em interromper Cristo. Marcos 7:1 diz que eles “se reuniram a Jesus”. Imagine esses homens abrindo caminho por entre a multidão até cercarem Jesus e depois gritarem na frente dEle. Desta vez, traziam uma alegação nova: os discípulos de Jesus comiam sem lavar as mãos, quebrando assim uma antiga tradição. Os fariseus consideravam essas tradições tão sagradas quanto a própria lei de Moisés.

Um Intervalo Benéfico

Cristo transformou aquela interrupção incômoda num intervalo benéfico usando-a como uma oportunidade para ensinar lições necessárias sobre tradições criadas por homens. Primeiramente, Ele se dirigiu aos acusadores, advertindo-os severamente dos perigos das tradições não-inspiradas. Jesus enfatizou que tais tradições eram “preceitos de homens” (Marcos 7:7), e não de Deus. Ele acusou os fariseus de transgredirem “o mandamento de Deus, por causa da... tradição [deles]” (Mateus 15:3). O Mestre ilustrou isto com uma antiga tradição criada por homens pela qual era permitido que o judeu “ofertasse a Deus” (veja Marcos 7:11 e Mateus 15:5) tudo ou parte do seu dinheiro, dizendo depois aos pais idosos e necessitados: “Sinto muito, mas não temos permissão para usar esse dinheiro para ajudar vocês”⁴.

A seguir, Jesus voltou-se para a multidão praticamente dizendo que, por mais antiga e sagrada que fosse a tradição de lavar as mãos, seu princípio básico era incorreto: “não é o que entra pela boca o que contamina o homem [isto é, o torna cerimonialmente imundo], mas o que sai da boca [isto é, as palavras do homem], isto, sim, contamina o homem” (Mateus 15:11). É preciso entendermos que a questão não era higiene, e sim contaminação cerimonial. Mais tarde, Pedro pediu uma explicação, e Cristo o atendeu:

Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que

³Veja uma exposição mais completa desse incidente nos próximos sermões desta edição.

⁴Até onde sabemos, os fariseus nunca mais tornaram a usar essa acusação contra Jesus e Seus discípulos. Com certeza, ela não foi citada no julgamento de Jesus.

contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina (Mateus 15:17–20).

Quando Jesus estava finalmente sozinho com os apóstolos, Ele os ensinou. Jesus advertiu-os contra o perigo dos próprios fariseus⁵. Comparou os ensinamentos dos fariseus a ervas daninhas ou joio a ser arrancado por Deus (Mateus 15:13). Jesus também se referiu a esses líderes religiosos como guias cegos de cegos⁶ (aqueles que seguiam os ensinamentos deles sem questionar)⁷. Essas lições eram necessárias—lições decorrentes de uma interrupção.

Sempre que se tenta fazer algo para o Senhor, há uma forte possibilidade de surgirem críticas. Alguém disse que a única maneira de evitar críticas é não fazer nada e não ser ninguém. Quando você estiver dando o máximo de si e for interrompido por críticas, poderá reagir de várias maneiras: ter pena de si mesmo, como fazem muitos de nós; desistir, como fazem alguns ou tirar o melhor proveito disso, como Cristo fez.

Quando críticas interceptarem o seu caminho, veja primeiramente se há algo de verdadeiro nelas (pela minha experiência, sempre há). Depois, analise se uma resposta ou explicação de fato servirá para um bom propósito. Por fim, retome o que estava fazendo, decidido a continuar dando o máximo de si para o Mestre. Se você reagir dessa maneira, também conseguirá transformar esse tipo de interrupção incômoda num intervalo benéfico.

INTERROMPIDO POR UM CLAMOR (MATEUS 15:21–28; MARCOS 7:24–30)

Após essa colisão com Seus inimigos, Jesus “retirou-se para os lados de Tiro e Sidom” (Mateus 15:21). Sugerimos anteriormente que um dos possíveis objetivos dessa retirada era afastar-se dos fariseus, mas o propósito principal era, evidentemente, estar a sós com os doze⁸. A crescente hostilidade dos Seus oponentes tornou ainda mais imperativo que Jesus preparasse os apóstolos para o dia em que Seus adversários O matariam.

Até onde sabemos, essa foi a primeira vez que Jesus pisou em solo estrangeiro. Tiro e Sidom eram

⁵As advertências de Jesus aos apóstolos acerca do perigo dos fariseus continuariam—como veremos na próxima lição (veja Mateus 15:39–16:12; Marcos 8:10–21).

⁶Jesus já havia usado essa analogia antes (Lucas 6:39) e tornaria a usá-la (Mateus 23:16, 24).

⁷Veja “Quando os Fariseus se Ofenderam”, na página 43.

⁸Alguns escritores sugerem que Jesus teria ido à Fenícia com propósitos evangelísticos, mas Marcos 7:24 e Mateus 15:24 indicam que não era esse o caso.

idades costeiras da antiga terra da Fenícia⁹. A Fenícia era uma faixa estreita de terra situada no canto nordeste do mar Mediterrâneo, a noroeste da Galiléia. Nos dias de Cristo, ela fazia parte da província romana da Síria.

Uma Interrupção Incômoda

Quando Jesus chegou às “terras de Tiro”, Ele entrou “numa casa”, querendo manter Sua presença em secreto, mas “não pôde ocultar-se” (Marcos 7:24). Vimos numa lição anterior que a notícia do ministério de Cristo chegou até “os arredores de Tiro e de Sidom” (Marcos 3:8). Não demorou muito, portanto, para o Senhor ser interrompido por alguém que buscava Sua ajuda: “porque uma mulher, cuja filhinha estava possessa de espírito imundo, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés. Esta mulher era grega, de origem siro-fenícia” (Marcos 7:25, 26a). O termo “siro-fenícia” distinguia os fenícios de outros cidadãos da província Síria.

A mulher clamou: “Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim!” (Mateus 15:22a). “Filho de Davi” era um termo israelita para o Messias. A esperança dos judeus infiltrara-se nas nações circunvizinhas¹⁰. Disse ela a Jesus: “Minha filha está horrivelmente endemoninhada” (Mateus 15:22b). Marcos enfatizou que a mulher “rogava-lhe [ação contínua] que expelisse de sua filha o demônio” (Marcos 7:26b; grifo meu). Segundo Mateus, ela vinha “clamando atrás” dos apóstolos (Mateus 15:23). Aquela era uma mãe persistente e *clamorosa*. A filhinha precisava de ajuda, e ela queria que todos soubessem disso. Se você já teve um filho pequeno seriamente doente, tem condições de se compadecer dela.

Um Intervalo Benéfico

A conversa que se seguiu entre Jesus e a mulher é uma das mais dramáticas e intrigantes dos relatos do evangelho. Superficialmente, parece que Cristo a insultou de propósito. No começo, Ele a ignorou, e Seus discípulos tentaram livrar-se dela¹¹ (Mateus 15:23). Quando finalmente Ele falou com a mulher, disse: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 15:24).

Nada deteve aquela mãe desesperada. Ela continuou implorando: “Senhor, socorre-me!” (Mateus 15:25). Jesus respondeu: “Deixa primeiro¹² que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos” (Marcos 7:27). “Os filhos” nessa frase são obviamente os judeus—o que coloca os gentios como “cachorrinhos”. Você gostaria de ser chamado de “cachorrinho”? Se eu fosse essa mulher, estaria tentado a sair batendo os pés de raiva! Ao contrário disso, ela deu uma resposta inteligente: “Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças” (Marcos 7:28) “que caem da mesa dos seus donos” (Mateus 15:27).

Quando visualizo essa cena, vejo um sorriso se abrindo no rosto de Jesus enquanto Ele responde: “Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. Por causa desta palavra, podes ir; o demônio já saiu de tua filha” (Mateus 15:28a e Marcos 7:29). Mateus escreveu que “desde aquele momento, sua filha ficou sã” (Mateus 15:28b). Marcos registrou que, voltando para casa, a mulher “achou a menina sobre a cama [sem dúvida, exausta devido à experiência traumática], pois o demônio a deixara” (Marcos 7:30). Como eu gosto dessa história!

Além de dramático e fascinante, esse episódio nos deixa perplexos. Os comentaristas esforçam-se para conciliar as palavras usadas por Jesus com o que sabemos sobre o Seu caráter e propósito. Alguns destacam que as palavras de Cristo podem ter um valor aparente. Ele realmente fora enviado “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 10:6). Mais tarde, “outras ovelhas, não deste aprisco [isto é, os gentios]” seriam chamadas para que judeus e gentios formassem “um rebanho” aos cuidados do Bom Pastor (João 10:16)¹³. Nesse ínterim (reforçamos comentaristas), Jesus estava decidido a não deixar que nada O impedisse de realizar Seu propósito principal (Mateus 10:5). Creio que o foco de Jesus nesse propósito foi um fator determinante para a Sua resposta inicial¹⁴, mas com certeza essa não é toda a explicação. Jesus já havia respondido positivamente antes ao clamor por ajuda expresso por um

⁹Tiro e Fenícia desempenharam um papel importante na história do povo judeu—tanto no sentido positivo quanto no negativo.

¹⁰Compare esta expressão com o uso que a samaritana fez da palavra “Messias” em João 4:25.

¹¹Essa era a “solução multifuncional” deles para problemas desagradáveis (veja Mateus 14:15). À luz de Mateus 15:24, eles poderiam estar sugerindo que Jesus desse o que ela queria para que ela fosse embora e os deixasse em paz.

¹²A palavra “primeiro” indica que os gentios *teriam* uma oportunidade *mais tarde*—o que de fato aconteceu.

¹³Isto aconteceu quando Cristo anunciou a grande comissão de levar o evangelho a todas as nações (Mateus 28:18–20; Marcos 16:15, 16).

¹⁴Jesus poderia facilmente ter sido bombardeado por pedidos de ajuda na Fenícia, contrariando o que Ele desejava realizar ali.

gentio (Mateus 8:5–13). Além disso, após Ele sair da região de Tiro, Ele curaria muitos gentios¹⁵.

Não é exagero reforçar que, quando avaliamos por que Cristo falou da maneira que Ele falou, não devemos levantar a hipótese de qualquer preconceito da parte de Jesus contra os gentios. Ele não sofria do preconceito típico dos judeus contra outras raças (veja Lucas 2:32; Mateus 8:10–12; 12:18, 21).

Outros comentaristas destacam o fato de que não sabemos *como* Cristo proferiu as palavras dirigidas à mulher. Eles ressaltam que, via de regra, Jesus adaptava Sua abordagem ao caráter do Seu interlocutor¹⁶. Sugerem, então, que houve um diálogo intencionalmente vívido entre o Senhor e uma mulher com raciocínio rápido e senso de humor. Não tenho problema em imaginar Jesus falando ligeiramente. Ele deve ter até sorrido no fim da conversa. Mas há outros aspectos na história além deste.

Vamos propor uma outra possibilidade para a resposta de Cristo ao pedido da mulher. Uma vez que, no final da história Jesus curou a menina, creio que essa sempre foi a intenção dEle. Além disso, o propósito de Suas palavras no final da conversa pareceu ser elogiar a fé da mulher: “Ó mulher, grande é a tua fé!” (Mateus 15:28a). B. S. Dean escreveu: “A fé dela, tão humilde, tão insuperável, deve ter proporcionado refrigério depois da hipocrisia dos fariseus e da leviandade dos galileus”¹⁷. Jesus só elogiou a fé de dois indivíduos—e ambos eram gentios: a mulher siro-fenícia e o centurião romano (Mateus 8:10; Lucas 7:9).

Em outras palavras, um dos propósitos das aparentemente duras palavras de Jesus pode ter sido demonstrar aos apóstolos a profundidade da fé daquela mulher. Tenhamos em mente que o Senhor conhecia o coração dela (João 2:25) e, portanto, a fé dela. Consideremos a seguinte possibilidade: Jesus transformou uma interrupção incômoda num intervalo benéfico usando a ocasião como tema de uma lição para os apóstolos relativa ao tipo de fé que eles precisariam ter no futuro¹⁸. Ele sabia das tribulações que sobreviriam aos doze (Mateus 10:17, 18, 21, 22, 24, 25). O único meio de serem vencedores seria desenvolvendo o tipo de fé que a mulher tinha: uma

fé que se recusava a ser dissuadida ou intimidada (1 João 5:4). Cada um de nós precisa aprender esta lição.

Por vezes, é possível que você esteja envolvido numa causa digna quando é interrompido por um pedido de ajuda que tem pouco ou nada a ver com o que você está fazendo. Quando isso acontecer, avalie como você pode aproveitar essa interrupção e usá-la de um modo positivo. Como já foi observado, o resultado final pode trazer mais glória para o Senhor do que aquilo que você planejava fazer inicialmente.

INTERROMPIDO POR UMA MULTIDÃO (MATEUS 15:29–31; MARCOS 7:31–37)

Quando Jesus e Seus discípulos finalmente saíram de Tiro, eles não voltaram imediatamente para a Galiléia. Em vez disso, ainda evitando o território de Herodes¹⁹, rumaram para o norte até Sidom, depois para o leste, passando para o outro lado das montanhas e da nascente do rio Jordão, e descendo finalmente para o sul, contornando a costa oriental do mar da Galiléia até chegarem a uma região deserta (Marcos 8:4) no “território de Decápolis” (Marcos 7:31)²⁰.

Uma Interrupção Incômoda

Quando o Senhor chegou ao Seu destino, Ele subiu a encosta de uma montanha e sentou-Se (Mateus 15:29), sem dúvida para ensinar Seus discípulos²¹. E mais uma vez, Ele foi interrompido: “E vieram a ele muitas multidões trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos e outros muitos e os largaram²² junto aos pés de Jesus” (Mateus 15:30a).

Nesse mesmo território Jesus havia curado dois endemoninhados, sendo depois convidado a retirar-Se da região (Marcos 5:17). Ele havia instruído um dos homens curados a anunciar como o Senhor fora misericordioso com ele (Marcos 5:19). Imediatamente, o homem “começou a proclamar em Decápolis

¹⁵Na próxima seção desta lição apresentaremos mais explicações para isto.

¹⁶Coloque Sua abordagem ao líder judaico de João 3 em contraste com a abordagem à samaritana de João 4.

¹⁷B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 19.

¹⁸Existe também a forte possibilidade de que toda vez que Jesus ajudava um gentio, Ele estava plantando a idéia de que Deus também se interessa pelos não-judeus.

¹⁹Algumas harmonias dos evangelhos chamam isto de Sua “segunda retirada da Galiléia” e outras preferem referir-se a esse episódio como Sua “terceira retirada da Galiléia”, apesar de Jesus não ter partido da Galiléia para Decápolis e, conseqüentemente, não estar fazendo uma “retirada”. É irrelevante o fato daquela partida ser ou não uma “retirada”—e se foi, qual o seu número. Basta sabermos que, durante esse período, Cristo evitou o território de Herodes.

²⁰Decápolis está indicada no mapa da página 16.

²¹Naqueles dias, a posição de sentado era usada na hora do ensino (Mateus 5:1, 2).

²²O texto original contém de fato essa expressão, mas não devemos presumir que estivessem maltratando os doentes. Essas palavras na verdade indicam a pressa e a preocupação deles.

tudo o que Jesus lhe fizera” e todos que o ouviam se admiravam (Marcos 5:20). A eficácia da mensagem do homem é evidenciada pelos milhares (Marcos 8:9) que agora vinham buscar ajuda oriundos de todo o território (Marcos 8:3). Antes, moradores daquela região disseram a Jesus: “Vá embora!” Agora, o povo estava suplicando: “Ajude-nos!”

Um Intervalo Benéfico

Se Cristo ficou frustrado com essas contínuas interrupções, Ele não o demonstrou. Nessa ocasião, Ele transformou a interrupção numa oportunidade para direcionar os corações de um numeroso público gentio²³ para o Deus vivo e verdadeiro: “...e ele os curou. De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados²⁴ recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel²⁵” (Mateus 15:30b, 31).

Marcos registrou um incidente específico: a cura de “um surdo e gago”²⁶ (Marcos 7:32).

E, tirando-o à parte de entre a multidão, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e, cuspidando, tocou-lhe na língua²⁷. E, levantando os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá²⁸, isto é, abre-te (Marcos 7:33, 34; ERC).

Por que Jesus pôs os dedos nos ouvidos do homem? Por que Ele cuspiu? O texto não explica. Como esses atos não se repetem em outras curas similares, devem ser considerados secundários em relação a tudo que Ele fez. Por outro lado, o “suspiro” com os olhos voltados para o céu é significativo: permite-nos saber que o Senhor não curava mecanicamente, sem emoção²⁹; Seu coração se comovia com cada pessoa que sofria de uma doença física

²³Esta multidão tinha uma composição diferente da anterior, na margem oriental do mar da Galiléia (os cinco mil). Aquela multidão seguira Jesus desde Cafarnaum e compunha-se na maior parte de judeus. Esta multidão procedia do território de Decápolis e compunha-se basicamente de gentios.

²⁴O texto original diz que os “mutilados” ficaram “inteiros”. Sabemos o que aconteceria se levássemos um homem sem um braço para um dos chamados “cultos de cura” que acontecem hoje em dia.

²⁵A expressão “o Deus de Israel” é outra prova de que a maior parte do público compunha-se de gentios.

²⁶Aparentemente, a dificuldade na fala não era meramente devida à incapacidade de ouvir. Marcos 7:35 diz que ele tinha um “empecilho na língua”.

²⁷A ERA contém o acréscimo dos tradutores: “com saliva”, expressão que não consta do texto original, o qual não indica onde Cristo teria cuspidado, nem diz o que Ele fez (se é que fez alguma coisa) com a saliva.

²⁸Esse é um termo aramaico.

²⁹Poderíamos dizer: “Ele não acionava o piloto automático para realizar as curas”.

ou espiritual. Certo escritor disse que Cristo pode ter suspirado “porque Ele pensava nos milhões de surdos e mudos existentes neste mundo que jamais ouviriam nem falaria”³⁰.

Depois que Jesus disse: “Abre-te!”, “abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente” (Marcos 7:35). As pessoas “maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem” (Marcos 7:37).

Quando Jesus finalmente saiu daquele território, Ele deixou ali pessoas prontas para receber o evangelho³¹. Se você e eu reagirmos da maneira certa às interrupções, exibiremos o espírito do Senhor—e isto poderá abrir a porta para o ensino do evangelho aos que nos interromperem. Pense nisto.

INTERROMPIDO POR UMA CRISE

(MATEUS 15:32–38; MARCOS 7:36; 8:1–9)

Anteriormente, Jesus instruíra um homem curado a contar a todos o que lhe sucedera (Marcos 5:19). Desta vez, porém, Ele “lhes ordenou que a ninguém o dissessem” (Marcos 7:36a; grifo meu)—porque Seu propósito era outro. Agora Ele precisava de tempo a sós com os apóstolos.

Como sempre, o pedido de Jesus não foi atendido, e Sua fama alastrou-se por toda a região (veja Marcos 7:36b). O número de pessoas que o cercavam cresceu até que “outra vez se reuniu grande multidão” (Marcos 8:1a): cerca de “quatro mil homens, além de mulheres e crianças” (Mateus 15:38). É provável que houvesse entre oito e doze mil presentes, alguns dos quais vindos “de longe” (Marcos 8:3).

Uma Interrupção Incômoda

Mais uma vez, Jesus foi gentil quando O interromperam—mesmo quando essas interrupções já se estendiam por três dias (Mateus 15:32; Marcos 8:2). O texto bíblico não revela detalhes a respeito de três dias, mas sem dúvida Ele continuou ensinando e curando³².

³⁰J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 403. A referência de McGarvey foi a Frederic W. Farrar, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Nova York: Cassell & Co., 1885, pp. 229–30.

³¹Quando a igreja dispersou-se de Jerusalém (Atos 8:1–4), os cristãos passaram pela região ao redor da Palestina (Atos 8:2, 5; 11:19). Os corações de muitos desses habitantes foram receptivos por causa do trabalho realizado ali anteriormente por João Batista, Jesus e os apóstolos.

³²Compare isto com o que Ele fez antes com os cinco mil (Marcos 6:34; Mateus 14:14).

Ao contrário da multidão que seguiu Jesus a partir de Cafarnaum³³, esta multidão veio preparada trazendo provisões—mas, passando três dias, acabaram-se os suprimentos. A essa altura, a natureza da interrupção mudou: precisavam urgentemente de alimento!

Um Intervalo Benéfico

Fazendo jus à Sua natureza, o Senhor transformou mais uma vez uma interrupção incômoda num intervalo benéfico. Reforçando uma lição anterior, Ele apresentou primeiramente o problema aos apóstolos (Mateus 15:32; Marcos 8:1–3). Ao que, na verdade, disseram: “Não fazemos idéia de como resolver este dilema” (veja Mateus 15:33; Marcos 8:4)!

Alguns comentaristas julgam difícil acreditar que os apóstolos pudessem ter se esquecido tão rapidamente da multiplicação aos cinco mil. Concluem, então, que o relato da multiplicação aos cinco mil e o da multiplicação aos quatro mil são apenas variações do mesmo episódio. Nada justifica essa conclusão.

Em primeiro lugar, Mateus e Marcos registraram os *dois* milagres—e eles não estavam anotando histórias ocorridas há décadas. Mateus escreveu como uma testemunha ocular, pois era um dos apóstolos. O relato de Marcos baseou-se no depoimento de uma testemunha ocular (a saber Pedro³⁴, um dos apóstolos).

Em segundo lugar, Jesus referiu-Se posteriormente aos *dois* milagres durante uma admoestação aos Seus discípulos (Mateus 16:9, 10; Marcos 8:19, 20).

Em terceiro lugar, embora haja semelhanças entre os dois episódios, há também diferenças:

1) Os lugares eram diferentes. A primeira multiplicação foi perto do extremo norte do mar da Galiléia; a segunda foi perto do extremo sul.

2) As multidões eram diferentes. A primeira compunha-se na maior parte de judeus; a segunda compunha-se mais de gentios.

3) Os tamanhos das multidões eram diferentes—cinco mil e quatro mil homens.

4) Os tempos eram diferentes. A primeira multidão estava ali havia um dia; a segunda, havia três dias.

5) Os motivos que geraram a necessidade de alimento eram diferentes. A primeira multidão não tinha levado comida; a segunda consumira tudo o que havia levado.

6) Os recursos disponíveis eram diferentes. Cinco pães e dois peixes no primeiro milagre, e sete pães e alguns peixes no segundo milagre.

7) As ferramentas usadas eram diferentes. Foram usados doze cestos pequenos no primeiro incidente e sete cestos grandes³⁵, no segundo.

Outras diferenças poderiam ser discriminadas: a primeira multidão sentou-se na relva (Mateus 14:19; Marcos 6:39), enquanto a segunda sentou-se no chão (Mateus 15:35; Marcos 8:6). A primeira multidão tentou aclamar Jesus rei; não houve reação semelhante por parte da segunda multidão. Todos que acreditam na inspiração divina da Bíblia hão de concluir que foram dois incidentes distintos. Nesse caso, então, como se explica a reação dos apóstolos?

O fato é que geralmente levava mais de uma vez para os discípulos entenderem uma nova verdade³⁶. Devo admitir que são necessárias várias repetições até que *eu* entenda alguma coisa nova. Admita ou não, isto também pode se aplicar a você. Que paciência Jesus teve de revisar com Seus alunos as mesmas verdades vez após vez! Também é interessante observarmos que a fome não era um desconhecido para Jesus e os apóstolos; na maioria das vezes, Jesus não aliviou a fome com um milagre (veja João 4:6, 8, 31). Além disso, os apóstolos podem ter entendido a repreensão logo após a alimentação dos cinco mil (João 6:26, 27) como um indicador de que Ele não realizaria esse milagre outra vez. Levando em conta todos esses fatores, a reposta dos apóstolos não foi tão estranha quanto nos pareceu à primeira vista.

Você sabe o resto da história: mais uma vez, Jesus alimentou miraculosamente o povo (Mateus 15:34–38; Marcos 8:5–9). Tenhamos em mente que Ele não fez isso meramente para aliviar a fome, mas também para ensinar aos doze uma lição necessária. (Ainda veremos mais sobre isto na próxima lição.)

Por enquanto, aprendamos uma coisa: muitas vezes, uma interrupção pode contribuir para o nosso propósito geral, ao invés de prejudicá-lo. Por isso, quando formos surpreendidos por uma interrupção, analisemos primeiramente como ela se encaixa no que já planejamos. Talvez venhamos a descobrir que o Senhor planeja melhor do que nós!

³⁵Na segunda multiplicação é usada uma palavra grega diferente para “cesto”. A palavra “cesto” na multiplicação aos quatro mil significa “um cesto *grande*”. Esses cestos eram às vezes grandes o suficiente para comportar um homem.

³⁶J. W. McGarvey escreveu que “não esperar um milagre, apesar da experiência anterior, foi uma reação recorrente na história de Israel e dos doze [veja Números 11:21–23; Salmos 78:19, 20]” (McGarvey e Pendelton, p. 405).

³³Leia Mateus 14:13, 14; Marcos 6:32–34; Lucas 9:10, 11.

³⁴Reveja as páginas 17 e 18 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

CONCLUSÃO

Jesus não abriu mão do desejo de ficar a sós com os apóstolos. Tendo alimentado a multidão, despediu-a e foi de barco para a margem oeste do mar (Mateus 15:39; Marcos 8:9, 10). Podemos ter certeza de dois fatos: surgiriam outras interrupções (Mateus 15:39; 16:1; Marcos 8:10, 11), e Cristo sempre transformaria essas interrupções incômodas em intervalos benéficos.

Alguém escreveu que a vida é o que “realmente nos acontece enquanto estamos fazendo outros planos”³⁷. Poderíamos adaptar esse dito para: “A vida é o que acontece quando nossos planos cuidadosamente traçados são interrompidos”. Que Deus nos ajude a sermos mais gentis diante das interrupções—e elas vão acontecer—e a aprendermos com Jesus a transformar interrupções desagradáveis em intervalos poderosos no curso de nossas vidas!

³⁷Robert Lawrence Balzer, citado em Leonard Louis Levinson, *Webster's Unafraid Dictionary*. Nova York: Collier Books, 1967, p. 138.

Uma Idéia Boa que Se Tornou Má

Mateus 15:1-6;
Marcos 7:1-5, 9-13,
Olhando de perto



Vivemos numa época em que as tradições antigas nunca foram tão rejeitadas num período tão curto—sendo raramente substituídas por valores duradouros. A confusão se dá porque as pessoas buscam sentido para a vida, tentando descobrir “quem são”, desprovidas dos valores que já foram descartados.

Isto não se aplica somente à sociedade em geral, mas também à religião. Na visão de alguns, qualquer coisa “tradicional” deve ser automaticamente evitada, enquanto outros extremistas tentam desesperadamente agarrar-se ao passado. Existe um meio-termo seguro e sensato? Se existe, qual é? Quando as tradições são boas e quando são ruins? Poucas perguntas são mais cruciais do que estas no mundo caótico em que vivemos.

O discurso bíblico mais extenso sobre tradições encontra-se em Mateus 15 e Marcos 7—quando Jesus teve de defender Seus discípulos da acusação de estarem violando “a tradição dos anciãos”. Essas duas passagens poderiam ser comentadas de várias maneiras¹, mas serão usadas neste sermão e no próximo com o propósito de responder as perguntas propostas acima.

Foi difícil preparar estes sermões. Nem sempre é fácil saber quando devemos aderir seguramente a uma tradição e quando devemos nos dispor a abrir mão dela. É difícil encontrar uma posição que evite extremos—e é mais difícil ainda permanecer nessa posição. É mais fácil aplicar os princípios a outras pessoas do que a nós mesmos. Nenhum de nós está livre do tipo de tradicionalismo condenado por Je-

sus². Sermões desse tipo prescrevem auto-exame e análise minuciosa.

UMA TRADIÇÃO PODE SER RUIM (MATEUS 15:1, 2; MARCOS 7:1-5)

Um dia, quando Jesus ensinava em Cafarnaum³, Ele foi abordado por um grupo de fariseus. Esses fariseus não eram os que usualmente O seguiam por toda parte; eram oradores implacáveis enviados de Jerusalém para acelerar a destruição de Jesus⁴. Assim que a acusação de que Cristo estaria violando o sábado provou-se contraproducente⁵, eles tentaram uma nova acusação. Perguntaram: “Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem” (Mateus 15:2).

“A Tradição” Definida

Para entender a alegação dos fariseus, precisamos saber o que era “a tradição dos anciãos” e por que ela era tão importante para eles. A palavra “tradição” é traduzida de um vocábulo grego composto

²Estudei história da igreja o suficiente para saber que muitos que depreciam as tradições do passado estão ocupados estabelecendo as tradições de amanhã—e que podem ser tão inflexíveis em relação às suas opiniões serem “as corretas” quanto qualquer sectário.

³Isto foi logo após os milagres da multiplicação aos cinco mil e da caminhada sobre a água (Mateus 14:15-33); João 6:17 e 59 indica que Jesus estava em Cafarnaum após esses milagres.

⁴Esta é uma dedução baseada nos seguintes fatos: 1) os fariseus estavam procurando uma desculpa para matá-LO (veja João 5:18; 7:1) e 2) esses fariseus vinham diretamente de Jerusalém para acusá-LO. R. C. Foster chamou-os de “tropas de choque da capital” (*Studies in the Life of Christ* [“Estudos sobre a Vida de Cristo”]. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 664).

⁵Reveja a lição “A tempestade formada”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série. Os inimigos de Jesus também haviam tentado outras acusações sem sucesso.

¹As outras maneiras foram esboçadas nos comentários da lição anterior.

que significa basicamente “aquilo que foi transmitido”⁶.

Às vezes, o termo é usado na Bíblia referindo-se ao ensino que foi “transmitido” por *Deus* (ou seja, ensino inspirado; 1 Coríntios 11:2; 2 Tessalonicenses 2:15; 3:6). Na maioria das vezes, refere-se às regras transmitidas por *homens* (Mateus 15:2, 3, 6; Marcos 7:3, 5, 8, 9, 13; Gálatas 1:14; Colossenses 2:8). Nas publicações de *A Verdade para Hoje* geralmente usamos expressões como “tradições criadas por homens” e “tradições não-inspiradas”. Neste e no próximo sermão, usaremos na maior parte das vezes a palavra “tradição” em seu sentido mais comum de tradições humanas.

Os fariseus falaram da “tradição dos *anciãos*”. O termo “anciãos” não diz respeito aos chefes de sinagoga (Lucas 7:37), mas aos homens do passado considerados peritos na Lei⁸. Durante séculos, professores judeus respeitados estiveram fazendo interpretações e arbitrariedades da lei de Moisés. Esses ensinamentos evoluíram para um conjunto consideravelmente grande conhecido como “a lei oral” ou “a tradição”⁹.

Os fariseus ensinavam que o próprio Moisés havia dado “a lei oral” juntamente com a Lei escrita¹⁰, e que essa “lei oral” havia sido transmitida pelos grandes mestres. Os fariseus consideravam “a tradição” tão válida quanto, ou até mais válida do que, a própria Lei. Warren Wiersbe mostrou a ênfase atribuída à tradição:

O rabino Eleazar disse: “Aquele que explica as Escrituras em oposição à tradição não tem parte no mundo vindouro”. O *Mishna*, uma coletânea de tradições judaicas no *Talmude*, registra: “É uma ofensa mais grave ensinar qualquer coisa

⁶O vocábulo composto grego é *paradosis*. *Para* é uma preposição que geralmente significa “lado a lado” e *dosis* significa basicamente “passar (ou transferir)”. Segundo os eruditos gregos, a combinação de *para* e *dosis* denota “aquilo que foi passado (transferido) a outros”. (Consulte o termo num dicionário de grego bíblico.) Em Marcos 7:13 são usadas tanto a forma nominal como a verbal desta palavra.

⁷Veja a página 26 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

⁸Quando estudarmos Mateus 19:3–9, comentaremos brevemente dois desses homens: Hillel e Shammai.

⁹Essas tradições foram compiladas no terceiro século d.C. numa obra conhecida como o *Mishna*. No fim do terceiro século, ela foi ampliada com outros materiais tornando-se uma coleção volumosa denominada *Talmude*. O *Talmude* ainda é considerado uma autoridade pelos rabinos judeus de hoje.

¹⁰Obviamente isto não era verdade. Vários grupos religiosos de hoje fazem uma alegação semelhante, tentando justificar suas leis criadas por homens alegando que elas foram ensinadas pelos apóstolos e transmitidas oralmente através dos séculos “pela igreja”.

contrária à voz dos rabinos do que contradizer a própria Escritura”¹¹.

As regras da “tradição” foram consideradas como “uma cerca” ao redor da própria Lei: a idéia era que se alguém nunca violasse “a tradição”, nunca violaria a Lei. Não era uma idéia má em sua origem, mas as regras multiplicaram-se em milhares e se modificaram até se tornarem grotescas. Foi uma idéia boa que se tornou má.

“A Tradição” Ordenada

“A tradição” relativa à lavagem de mãos antes das refeições é um bom exemplo. O Antigo Testamento diz muito sobre a impureza cerimonial. (Leia Levítico 11—15 e Números 19.) Via de regra, essa “impureza” tinha pouco a ver com higiene, mas muito a ver com a aptidão de um homem para aproximar-se de Deus. Alguns dos ritos para tirar a impureza cerimonial era a lavagem¹². As leis originais eram suficientemente complicadas; todavia, no decorrer dos séculos, os líderes religiosos fizeram acréscimos a elas até tornaram-se incontáveis¹³ as regras concernentes a impureza e lavagens cerimoniais.

A lista de itens, circunstâncias e situações que os fariseus consideravam “impuros” era quase infinita. Além disso, a “impureza” era transferível—contagiosa, se preferir este termo. Por exemplo, se uma criatura impura (como um rato) tocasse numa bacia, essa bacia se tornava “impura”. O que fosse colocado dentro da bacia tornava-se “impuro” também. Se alguém comesse o conteúdo da bacia, essa pessoa se tornava “impura”. E aquele que tocasse nessa pessoa também se tornava “impuro”. E assim por diante, o ciclo de impureza prosseguia.

Por isso Marcos enfatizou que “os fariseus e todos os judeus”¹⁴, observando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos” (Marcos 7:3a). O significado literal da palavra grega “cuidadosamente” é “com o punho”¹⁵. Alfred Eder-

¹¹Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 134.

¹²Leia, por exemplo, Levítico 15:5–8, 10–12. Um outro exemplo é a maneira como os sacerdotes tinham de se lavar antes de entrar no tabernáculo (Êxodo 30:19; 40:12).

¹³Em Mateus 23, Jesus acusou os fariseus de atar “fardos pesados... sobre os ombros dos homens” (v. 4). Essas tradições onerosas provavelmente estavam evidentes na mente de Cristo quando Ele fez essa afirmação.

¹⁴A influência dos fariseus era tamanha que essa tradição passou a fazer parte do ritual diário do povo judeu como um todo.

¹⁵Essa definição é citada na NASB (New American Standard Bible).

sheim descreveu as elaboradas cerimônias de lavagem. Aqui estão alguns detalhes:

Como as purificações eram tão freqüentes, era preciso ter cuidado para que a água não fosse usada para outros propósitos... grandes jarros ou cântaros eram geralmente reservados para essa finalidade.... A prática era tirar água dessas [jarras]... numa medida equivalente a uma “casca de ovo” e meia. A água era derramada sobre as duas mãos.... As mãos eram erguidas, para que a água escorresse até os pulsos, garantindo que toda a mão fosse lavada, e que a água poluída pela mão não escorresse novamente pelos dedos. Semelhantemente, cada mão era esfregada pela outra (o punho), desde que a mão que esfregava tivesse sido [lavada].¹⁶

Marcos observou ainda que “quando [os fariseus] voltam da praça, não comem sem se aspergirem” (Marcos 7:4a). *Muitas* coisas na praça deviam contaminá-los. Eles podiam ter tido contato com um gentio impuro—ou partículas de terra impura que haviam sido tocadas por um gentil impuro poderiam ter tocado neles também! Quando voltavam para casa da praça, eles não lavavam simplesmente as mãos; mas todo o corpo. Em outras palavras, tomavam um banho antes de comer.

Marcos acrescentou: “...e há *muitas outras coisas* que receberam para observar, como a lavagem¹⁷ de copos, jarros e vasos de metal” (Marcos 7:4b; grifo meu). Recordemos que o propósito dessa lavagem não era sanitário, mas para fins de purificação cerimonial. As regras eram inúmeras e incrivelmente complicadas.

“A Tradição” Desrespeitada

Tendo tudo isto em mente, podemos imaginar como os fariseus ficaram horrorizados com o estilo de vida simples e prático dos apóstolos de Jesus. Os discípulos sequer tinham tempo para comer (Marcos 6:31), muito menos para cumprir os elaborados rituais de lavagem prescritos na “tradição dos anciãos”. Os apóstolos foram até surpreendidos apanhando grãos num campo e lançando-os em seguida na boca (Mateus 12:1–8)¹⁸! Sendo assim, quando os fariseus viram “que alguns dos discípulos dele comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar”

¹⁶ Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (“A Vida e os Tempos de Jesus, o Messias”). Nova versão atualizada. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1993, p. 482.

¹⁷ A palavra grega traduzida por “lavagem” significa literalmente “batismo” ou “imersão”.

¹⁸ É possível que tenha chegado aos fariseus a notícia de que Jesus permitira que cinco mil pessoas comessem sem lavar as mãos. A multiplicação aos cinco mil acontecera pouco antes desse incidente.

(Marcos 7:2), perguntaram a Jesus: “Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar?” (Marcos 7:5).

QUANDO UMA TRADIÇÃO¹⁹ É RUIM (MATEUS 15:3–6; MARCOS 7:9–13)

Jesus estava perdendo a paciência com os fariseus presunçosos e egoístas²⁰. Ele não se preocupou em negar a acusação deles nem em respondê-la diretamente²¹. Em vez disso, levantou uma acusação contra *eles*:

Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição? Porque Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim; esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição (Mateus 15:3–6).²²

Mencionamos antes que, originalmente, o propósito das tradições era colocar uma cerca ao redor da lei de Moisés, para ajudar a garantir que a Lei não fosse violada. Com o passar do tempo, porém, à medida que se multiplicaram novas regras, elas passaram a se relacionar cada vez menos com os preceitos originais—até que finalmente chegaram a contrariar esses mandamentos.

Uma Tradição que Era Ruim

Cristo poderia ter dado muitos exemplos desse tipo (Marcos 7:13b), mas Ele se restringiu a um: “Porque Deus²³ ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser²⁴ a seu pai ou a sua mãe

¹⁹ Por “tradição” refiro-me à “tradição de homens”. Esta seção e as duas do próximo sermão coincidem no tema, mas cada uma é importante o bastante para merecer atenção exclusiva.

²⁰ Ele os chamou de hipócritas (Mateus 15:7). O fato de eles se ofenderem ou não com isto não era Sua preocupação básica (Mateus 15:12–14).

²¹ Mais tarde, Ele respondeu a acusação até certo ponto, para o bem da multidão que o observava e escutava (Mateus 15:10, 11; Marcos 7:14–16); mas Ele não o fez quando falava diretamente com os fariseus.

²² Mateus registrou primeiramente a acusação de Jesus e depois a citação de Isaías. Marcos reverteu essa ordem. A ordem exata não tem importância. É de se esperar que haja pequenas variações como essa em testemunhos independentes.

²³ Marcos escreveu: “Pois Moisés disse...” (Marcos 7:10). Esta é outra prova de que Jesus acreditava que Moisés falava por inspiração *divina* ao outorgar a Lei.

²⁴ Na ilustração dada a seguir, não há referência a “maldizer” (amaldiçoar) os pais como geralmente subentendemos, mas dispensar pais necessitados sem ajudá-los era, de fato, lançar “uma maldição” sobre eles—condenando-os a fome e degradação.

seja punido de morte” (Mateus 15:4). O primeiro desses mandamentos era um dos dez mandamentos (Êxodo 20:12; Deuteronômio 5:16). O segundo estava incluso nas leis que expandiam e aplicavam os dez mandamentos (Êxodo 21:17; Levítico 20:9). Esses dois mandamentos abrangiam os aspectos negativos e positivos do relacionamento de um indivíduo com seus pais: ele *deveria* respeitar e valorizar o pai e a mãe. Isto incluía cuidar de suas necessidades na velhice (veja Provérbios 23:22; 1 Timóteo 5:8). Ele *não* deveria fazer nada que denotasse desrespeito.

Infelizmente, desenvolveu-se uma tradição criada por homens que anulava esses mandamentos. Os olhos de Jesus devem ter faiscado quando Ele delatou Seus acusadores:

...Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe... Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor, então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe, invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes (Marcos 7:9–13a).

“Corbã” é um termo aramaico que significa “oferta” ou “dádiva”. Um judeu podia fazer um voto de que certa porção do que ele possuía era “Corbã”, “uma dádiva” consagrada a Deus. Esses recursos poderiam permanecer em sua posse até a morte—quando então se tornariam propriedade do templo—mas, enquanto ele vivesse, esses bens eram considerados intocáveis²⁵. Segundo Jesus, se um homem fizesse tal voto, os fariseus “o dispensavam [ou impediam] de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe”. Os rabinos tinham um ditado: “É difícil para os pais, mas a lei é clara, um voto tem que ser cumprido”²⁶.

Visualize a seguinte cena: um homem e uma mulher aproximam-se da casa de seu filho. A mulher está chorando. O homem parece abatido. Eles batem à porta. Quando o filho atende, dizem com tristeza:

²⁵ Alguns especulam que, embora os bens tecnicamente pertencessem a Deus, o próprio indivíduo poderia continuar fazendo uso pessoal deles em vida.

²⁶ Citado em W. E. Vine, *The Expanded Vine's Expository Dictionary of New Testament Words* (“Dicionário Expositivo Vine de Palavras do Novo Testamento Ampliado”), ed. John R. Kohlenberger III com James A. Swanson. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1984, pp. 1159–60. A regra do Antigo Testamento era que os votos deveriam ser mantidos (veja Números 30), mas aplicar as leis relativas a votos ignorando os princípios fundamentais dos dez mandamentos era ridículo.

“Perdemos tudo o que tínhamos²⁷. Você é a nossa última esperança. Se não puder ajudar-nos, teremos de mendigar ou morrer de fome”. O homem ainda jovem olha para eles com desdém—seus pais que o trouxeram ao mundo, o alimentaram e cuidaram dele por toda a infância—e diz: “Sinto muito, não posso ajudá-los! Eu tinha algum dinheiro guardado para a velhice de vocês, mas um fariseu veio aqui outro dia e mostrou as vantagens financeiras de declarar essa reserva como Corbã. Então, adeus! Encontrem outra forma de conseguirem um sustento e não voltem mais aqui atrás de doações!” Com isto, ele bate a porta na cara deles.

Fico sem jeito só de descrever uma cena dessas. Tudo indica que aconteciam episódios tristes semelhantes a esse nos dias do Senhor. Jesus, então, concluiu esta parte da Sua acusação: “...assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição” (Mateus 15:6b). Segundo Marcos, Jesus acrescentou: “...e fazeis *muitas* outras coisas semelhantes”²⁸ (Marcos 7:13b; grifo meu).

Tradições que São Boas

Precisamos fazer uma pausa para observar que as tradições não são necessariamente erradas em si mesmas—mesmo que sejam tradições criadas por homens. Existem exemplos bíblicos do povo de Deus realizando cerimônias tradicionais criadas pelo homem com a aprovação do Senhor. Pensemos no envolvimento de Jesus nas vidas do povo judeu—em seus casamentos e sepultamentos tradicionais e outras ocasiões semelhantes. Consideremos o comparecimento de Cristo na Festa da Dedicção (João 10:22), uma festa judaica que surgiu no período intertestamentário²⁹.

A tradição desempenha um papel importante em nossas vidas. Ela dá continuidade às nossas vidas e lhes acrescenta um sentido e uma dimensão intangíveis de outra forma. Nos últimos anos, os sociólogos têm enfatizado que ter “raízes” é importante para o bem-estar psicológico do indivíduo. Não há nada de errado em um grupo de pessoas, mesmo que seja uma congregação, ter formas tradicionais de fazer determinadas coisas—desde que a vontade de Deus não seja com isto violada.

²⁷ Era possível se perder tudo naqueles dias (Mateus 6:19); e também é possível hoje.

²⁸ Observamos anteriormente algumas leis ridículas que se criaram a respeito do sábado. (Reveja a lição “A Tempestade Formada”, na página 27 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.)

²⁹ Veja o diagrama “As Festas dos Judeus” na página 28 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, desta série.

Tradições Inegavelmente Ruins

Isto nos leva de volta à pergunta: “Quando uma tradição é errada?” A primeira resposta de Jesus poderia ser expressa da seguinte maneira: “Quando essa tradição viola uma ordem expressa de Deus”. Cristo disse que os fariseus haviam *transgredido* o mandamento de Deus por causa da tradição deles (Mateus 15:3), que eles haviam *ignorado* o mandamento a fim de guardar a tradição (Marcos 7:9), *invalidando* assim a Palavra de Deus com suas tradições (Mateus 15:6; Marcos 7:13). O Senhor chamou os fariseus de “hipócritas” (Mateus 15:7; Marcos 7:6) porque, enquanto acusavam os discípulos de Jesus de não guardar “a tradição dos *anciãos*”, eles mesmos estavam desobedecendo ao “mandamento de Deus!”

Religiosamente, fui ensinado a pensar por mim mesmo. Também cresci numa parte dos Estados Unidos onde, em geral, incentivava-se o pensamento independente. Por isso, não avaliei com precisão as palavras de Jesus ditas aos fariseus até que morei por dez anos na Austrália. Ali as igrejas dominantes estavam (e estão) quase totalmente presas a tradições³⁰. Essas denominações seguem tradições relativas à autoridade eclesiástica que enfraquecem a autoridade bíblica (leia 2 Timóteo 3:16, 17); tradições sobre “batismo infantil” que invalidam o ensino bíblico sobre batismo (Marcos 16:15, 16); tradições sobre “dias especiais” que, para todos os fins práticos, anulam a instrução de não abandonar a reunião cristã (Hebreus 10:25); e assim por diante. J. W. McGarvey escreveu: “Não há provavelmente nenhum acréscimo ou emenda sequer [à vontade de

³⁰Onde moro hoje também existem igrejas cheias de tradições, mas elas não são grupos religiosos dominantes.

Deus revelada] que não anule numa escala maior ou menor algum mandamento”³¹.

CONCLUSÃO

A maioria de nós certamente concordaria que é errada qualquer tradição criada por homens que nos faça desobedecer a uma ordem divina. Todavia, Jesus ainda não havia terminado de declarar Sua acusação. No próximo sermão, este estudo se tornará ainda mais pessoal, à medida que discutirmos mais dois critérios que Cristo apresentou para se definir se uma tradição é boa ou ruim.

Se você não retiver nada mais do que foi dito aqui, espero que tenha compreendido esta grande verdade: *não devemos deixar que nada nos impeça de obedecer aos mandamentos de Deus*. Se você ainda não é um cristão, oro para que obedeça a estes mandamentos simples e claros: creia em Jesus, arrependa-se dos seus pecados, confesse a fé que está no seu coração e seja batizado (imerso) no Senhor (João 3:16; Atos 17:30; Romanos 10:9, 10; Atos 2:38; Gálatas 3:26, 27). Se você é um filho de Deus infiel, insisto para que seja restaurado ao seu primeiro amor (Gálatas 6:1; Tiago 5:19, 20; Atos 8:22; Tiago 5:16).

Satanás tem vendido a mentira de que existem muitos caminhos que levam ao Senhor, mas Jesus disse: “Eu sou o caminho” (João 14:6; grifo meu³²). Não substitua a Palavra de Deus verdadeira por ensinamentos de homens!

³¹J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 396.

³²De fato, o próprio texto grego contém essa ênfase.

Quando uma Tradição É Ruim?

Mateus 15:7-20;
Marcos 7:6-8, 14-23,
Olhando de perto



N^o sermão passado, aprendemos que a palavra “tradição” significa basicamente “aquilo que foi transmitido”. Pode referir-se ao que foi transmitido por Deus, mas geralmente se refere ao que foi transmitido por homens. Reforçamos que o fato de uma tradição ter origem no homem não a torna automaticamente ruim. Todavia, as palavras incisivas de Jesus em Mateus 15 e Marcos 7 não deixam dúvida de que tradições criadas por homens podem ser erradas, muito erradas. Os textos bíblicos indicados para este sermão sugerem pelo menos três critérios para se determinar se uma tradição é ruim. Já analisamos o primeiro critério: *uma tradição é ruim quando viola uma ordem expressa de Deus*¹. Examinaremos aqui os outros dois critérios. Enquanto fazemos isso, que cada um de nós examine-se a si mesmo (2 Coríntios 13:5)!

UMA TRADIÇÃO² É RUIM QUANDO É IMPOSTA AOS OUTROS (MATEUS 15:7-9; MARCOS 7:6-8)

Quando Jesus falava com os fariseus, Suas palavras tornaram-se muito diretivas: “Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Mateus 15:7-9). A citação é de Isaías 29:13. Naquela passagem, o profeta estava condenando os hipócritas da sua época. Jesus disse que as palavras inspiradas aplicavam-se com a mesma precisão aos líderes religiosos dos Seus dias.

Uma variedade de lições importantes pode ser extraída das palavras de Isaías: “Cultuar com os lábios” não basta; nossa obediência ao Senhor precisa vir do coração (Mateus 22:37; Romanos 6:17;

Eféios 6:6; Colossenses 3:16; 2 Coríntios 9:7). Já vimos que a adoração é “vã” (vazia), se não vier do coração nem for autorizada pelos céus. Nesta lição, vamos nos concentrar na parte final da citação: eles estavam “ensinando doutrinas que são preceitos de homens”. O contexto deixa claro que estavam ensinando seus “preceitos de homens” como se fossem “doutrinas” de Deus. Por mais importante que fossem as tradições para os fariseus, Jesus queria que entendessem que todas elas eram dogmas de homens, e não do Senhor.

Tradições Impostas como se Fossem Mandamentos

Cristo condenou os fariseus por realizarem purificações elaboradas antes de cada refeição? Não, se eles quisessem gastar tempo com rituais absurdos, o problema era deles. A condenação de Jesus aos fariseus não foi por conta do que praticavam, mas porque estavam tentando impor sua prática aos outros. Eles elevaram suas tradições à posição de mandamentos divinos. Ensinavam que os homens *tinham* de guardar suas tradições. Condenavam todos que deixavam de guardá-las. Vamos formular o segundo critério da seguinte maneira: *Uma tradição é ruim quando é imposta aos outros.*

Todos podem ver que tal prática é errada, pelo menos no seu princípio. Através dos anos, minha família desenvolveu suas próprias e peculiares tradições em relação a feriados e outras comemorações. Gostamos dessas tradições e elas nos ajudam a definir quem somos. Obviamente, não nos esforçamos em impor essas tradições a outras pessoas. Condenar outras famílias por não seguirem nossas tradições seria, no mínimo, ridículo.

Jesus ensinou claramente que é errado impor nossas tradições religiosas aos outros. Quando tentamos *aplicar* esse princípio é que surgem as controvérsias. As pessoas sentem-se naturalmente mais confortáveis com “a maneira como sempre fizeram as coisas”, e temos a tendência de pensar que é assim que se *deve* fazer. Apesar disso, precisamos nos

¹Se quiser, retome o sermão anterior e reveja a segunda seção, “Quando uma Tradição É Ruim”.

²Como ocorreu no último sermão, a palavra “tradição” nos subtítulos deste sermão refere-se às tradições de homens.

esforçar para distinguir entre o que não pode ser mudado (a vontade de Deus revelada) e o que pode ser mudado (os métodos usados para realizar a vontade de Deus).

Vêm à minha mente algumas ilustrações da área de adoração³: a maioria das congregações onde preguei possui hinários. Devemos então condenar uma congregação que projeta os cânticos numa tela⁴? Em todos os lugares em que preguei é costume um sermão fazer parte do culto dominical. Seria errado um culto dominical consistir basicamente de cânticos, orações e leituras bíblicas centradas na observância da ceia do Senhor? As congregações com as quais tenho contato também costumam ter um culto dominical à noite no prédio da igreja. Seria antibíblico uma outra congregação decidir ter os cultos da noite nas casas dos membros? Não estou perguntando se é prático, mas se é antibíblico.

O Novo Testamento nos dá um modelo básico para a adoração⁵, mas muitos dos detalhes são deixados a cargo do nosso julgamento. Com o passar dos anos, as congregações tendem a desenvolver sistemas que possibilitem que elas cumpram as exigências bíblicas. Não há nada de errado nisto, mas é preciso ter o cuidado de distinguir entre o que foi transmitido por *Deus* (o modelo divino) e o que foi transmitido por *homens* (nossos procedimentos para levar a cabo o modelo divino)⁶.

Quando minha família trabalhava com a igreja de Cristo em West Side, em Muskogee, Oklahoma, tínhamos um dirigente de cânticos chamado Charles Kelly que às vezes variava a ordem do culto de adoração. Por exemplo, podíamos ter a ceia no início ou no fim do culto. Algumas vezes, até a oferta acontecia em outro momento diferente do que estávamos acostumados, logo após a ceia⁷. Certo domingo em que a coleta não foi realizada após a ceia do Senhor,

³Se for preciso, adapte as ilustrações à realidade dos seus ouvintes.

⁴Presume-se que os ouvintes entenderão que a resposta é “não” a cada pergunta subsequente.

⁵Veja a edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 34–40, 45–46.

⁶Um dos fatores desta discussão é a responsabilidade dos presbíteros em relação à congregação que eles pastoreiam. No cumprimento dessa responsabilidade, eles tomam decisões que afetam essa congregação. Devem, contudo, reconhecer que outras congregações não são obrigadas a seguirem suas decisões. Esse é o princípio de autonomia local. Mais uma vez, salientamos que é preciso se fazer uma distinção entre questões doutrinárias e questões de opinião.

⁷O raciocínio dele sobre isto era que, apesar de ser conveniente fazer a coleta logo após a ceia, as pessoas precisavam entender que a contribuição não fazia parte da ceia do Senhor.

uma visitante levantou-se de súbito e saiu às pressas do culto. Ao sair do prédio, exclamou a um homem no vestíbulo: “Em que tipo de grupo eu me enfiei?” Aparentemente, ela acreditava que havia “uma ordem de culto bíblica”⁸, e que qualquer desvio dessa ordem era “antibíblico”.

Nunca é demais enfatizar estes princípios básicos: é essencial distinguir entre os mandamentos de Deus e as tradições humanas; é errado impor aos outros as tradições criadas por homens que o nosso grupo adotou. Presumindo que concordamos até aqui, a pergunta crucial é: “Como distinguir entre os mandamentos de Deus e as tradições de homens?”

A Distinção entre Tradições e Mandamentos

Cada vez mais, tenho ouvido a palavra “tradicional” aplicada a qualquer coisa que já está vigente por algum tempo—com a implicação de que se trata de algo velho e desatualizado, ou de pouca ou nenhuma importância, podendo ser impunemente descartado. Por exemplo, tenho ouvido a expressão “a família tradicional”⁹ (ou seja, uma família que consiste de pai, mãe e filhos) usada num sentido depreciativo. Para quem crê na Bíblia, a pergunta importante não é “Há quanto tempo essa constituição existe?”, mas sim: “Isto é de Deus ou de homens?” (Mateus 21:25).

Fico angustiado quando ouço congregações fiéis da igreja do Senhor serem descritas com desprezo como “igrejas tradicionais”, e o que elas crêem e praticam ser rejeitado como “a opinião tradicional”. Aqueles que aplicam esses rótulos tendem a estigmatizar *tudo* que essas igrejas fazem como “tradicional”—fazendo pouca distinção entre o que elas fazem por questão doutrinária e o que fazem por questão de opinião.

Tenho ouvido conferencistas amontoarem numa mesma categoria as questões que contaminaram a igreja no passado, pressupondo que *todas* eram questões meramente de opinião e sem nenhuma relevância. Olhando para trás, concordo que alguns conflitos pareciam desnecessários, mas é justo descartar todas as questões contra as quais a igreja já lutou? Como os escritores inspirados teriam reagido se os cristãos tivessem minimizado as questões do

⁸Ela também pode ter pensado que havíamos eliminado uma das “expressões de adoração” (a contribuição), visto que não a realizamos no momento em que ela esperava.

⁹A composição da “família tradicional” procede de Deus e está em existência desde os primeiros capítulos de Gênesis. “A família tradicional” tem sido atacada pelos que defendem “casamentos entre homossexuais” e outros desvios da Palavra de Deus (como “morar juntos”, em vez de se casar).

judaísmo e do gnosticismo que ameaçaram a igreja primitiva?

Concordemos com uma coisa: uma tradição criada por homens é ruim quando é imposta aos outros. Vamos concordar também que não devemos classificar automaticamente qualquer crença ou prática como “tradicional” simplesmente porque pensamos que ela é antiga demais.

Anteriormente, afirmamos que a pergunta crucial é como distinguir entre os mandamentos divinos e as tradições humanas. Você sabe qual é a resposta a essa pergunta, e ela já foi mencionada várias vezes neste sermão: tudo o que cremos, ensinamos e fazemos deve ser analisado detalhadamente *à luz do que as Escrituras ensinam*. A pergunta não é: “Como sempre fizemos isto?”; nem tampouco: “Como gostaríamos de fazer isto?”, mas é: “O que Deus ensina na Sua vontade revelada?” (veja Atos 17:11). Emprestando a fraseologia de Jesus (Mateus 21:25), se uma doutrina ou prática for “do céu”, ela será obrigatória para todo cristão. Se for “de homens”, não devemos impô-la aos outros.

Será que ao dar essa resposta, conseguimos pôr um ponto final em toda disputa relativa ao que é “tradicional” e ao que não é? Será que respondemos a todas as perguntas que podem ser levantadas? Não, absolutamente não. O propósito desta exposição é rogar aos cristãos que evitem os extremos. Não vamos condenar outros por não guardarem nossas tradições, por mais apreciadas que sejam. Ao mesmo tempo, que nunca rotulemos um ensino ou prática religiosa de “tradicional” simplesmente porque ele tem sido difundido há anos. Afinal de contas, o Novo Testamento existe também há séculos. Vamos nos comprometer em fazer do ensino da *Palavra de Deus* nosso padrão para aceitar ou rejeitar qualquer ensino ou prática religiosa.

Muito tempo atrás, Josué deu ao povo de Deus esta mensagem proveniente diretamente do Senhor: “Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares” (Josué 1:7; veja também 23:6). Podemos pensar em ir “para a direita” como impor o que Deus não impôs (tradições humanas) e ir “para a esquerda” como desobedecer ao que Deus impôs (Sua vontade revelada). Vamos conduzir nossos corações de maneira a evitar qualquer um desses extremos. Vamos nos determinar a “proceder segundo todo” o ensino do Novo Testamento de Jesus!

Poderíamos encerrar com esse pensamento—mas Cristo não terminou aqui a Sua exposição. Ele

tinha pelo menos mais um ponto a ressaltar referente às tradições humanas. Essa verdade não é tão clara, mas é importante. Ela requer uma busca sincera tanto quanto os dois critérios anteriores—ou até mais que eles.

UMA TRADIÇÃO É RUIM QUANDO ADQUIRE UMA IMPORTÂNCIA INDEVIDA (MATEUS 15:10–20; MARCOS 7:14–23)

A conversa entre Jesus e os fariseus não foi em particular. Cristo não tinha interesse em defender a Si mesmo e aos Seus discípulos perante os líderes de coração endurecido, mas Ele acreditava que quem estivesse ouvindo merecia uma explicação. Marcos condensou num único versículo o sermão que Jesus pregou sobre a questão fundamental levantada ali:

Convocando ele, de novo, a multidão, disse-lhes: Ouvi-me, todos, e entendei. Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina (Marcos 7:14, 15).

Entre outras coisas, Jesus estava ensinando que a regra humana de lavar as mãos antes de cada refeição era ilógica. Na verdade, não é o que entra numa pessoa, incluindo alimento comido com mãos não-lavadas¹⁰, que o contamina (Mateus 15:20b), mas uma pessoa é contaminada pelo que sai dela—ou seja, as palavras e atos individuais.

A afirmação de Cristo tem implicações além da questão imediata dos rituais de lavagem. Marcos mencionou uma conclusão a partir do que Jesus disse: “E, assim, considerou ele puros todos os alimentos”¹¹ (Marcos 7:19b). É difícil para aqueles dentre nós que estão familiarizados com o Novo Testamento compreender como as palavras do Senhor soaram radicais aos Seus ouvintes. A instrução da Lei concernente ao que os judeus podiam e não podiam comer (Levítico 11) haviam sido inculcadas neles desde o nascimento (veja Atos 10:14). As palavras de Cristo foram tão surpreendentes que, quando Ele estava sozinho com os discípulos, Pedro pediu que lhes explicasse a parábola (Mateus 15:15). O uso da palavra “parábola” indica que Pedro pensou que a

¹⁰Se houver crianças entre os ouvintes, seria bom enfatizar que as palavras de Jesus nada tem a ver com a insistência de muitas mães para que os filhos lavem as mãos antes de comer. As mães estão preocupadas com a higiene. Jesus estava falando de uma cerimônia.

¹¹As palavras de Marcos não significam que, naquele momento, os discípulos entenderam isso. Marcos estava escrevendo trinta anos ou mais depois do ocorrido. Olhando para trás, homens inspirados viram que essa verdade era uma conclusão inevitável do que Cristo dissera.

afirmação certamente não deveria ser entendida literalmente!¹²

Jesus provavelmente meneou a cabeça ao dizer: “Assim vós também não entendeis?” (Marcos 7:18a). Jesus não ficou surpreso com a falta de entendimento da multidão, mas parecia esperar que Seus apóstolos tivessem maior percepção. De qualquer maneira, Ele explicou pacientemente: “Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso?” (Marcos 7:18b, 19a). Em outras palavras, comer e eliminar faz parte de um processo natural que nada tem a ver com o valor moral de um ser humano.

Convém aqui uma palavra de cautela. R. C. Foster escreveu: “Seria totalmente impróprio tentar aplicar este princípio a coisas que são autodestrutivas, como bebidas com alto teor alcoólico ou qualquer tipo de veneno”¹³. Algumas substâncias que entram na boca *podem* causar danos. Quantos pais dizem aos filhos pequenos: “Tire isso da boca!” O corpo é “santuário de Deus” (1 Coríntios 3:16, 17; 6:19); qualquer coisa que danifique esse santuário deve ser evitada. Todavia, Cristo não tinha em mente o que era potencialmente nocivo; Sua preocupação era com o alimento saudável e nutritivo que os judeus consideravam “impuro”.

Jesus continuou Sua explicação:

O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem (Marcos 7:20–23).

Um Problema Cardíaco Antigo

Muito poderia se dizer sobre os “maus desígnios” citados acima, mas gostaríamos de nos concentrar na palavra “coração”. Em todo este episódio, Jesus enfatizou que o principal problema dos fariseus era um problema *cardíaco*. Anteriormente, Jesus fez essa afirmação porque eles não estavam adorando a Deus *de coração* (Mateus 15:8; Marcos 7:6). Aqui, Ele disse, com efeito, que o foco deles estava no exterior, naquilo que entra no homem, quando deveriam se concentrar no interior—*o coração*, a origem tanto do bem quanto do mal.

¹²Pedro continuou relutando com os conceitos de Marcos 7:14, 15 até os acontecimentos de Atos 10.

¹³R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ* (“Estudos sobre a Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 669.

Isto sugere um terceiro critério para se identificar se uma tradição é ruim: *uma tradição é ruim quando adquire uma importância indevida*—quando ela nos dá uma ênfase espiritual distorcida ou se torna tão importante para nós que a determinação de observá-la ofusca nossa preocupação em obedecer aos mandamentos de Deus. Cristo disse que a obsessão dos fariseus com suas tradições fez com que negligenciassem o mandamento de Deus (Marcos 7:8).

Um Problema Cardíaco Atual?

Como já afirmamos antes, a preocupação de atribuir a tradições uma importância indevida é mais sutil do que outros critérios usados para se identificar se uma tradição é ruim. O teste é mais subjetivo; apesar disso, é importante. Este terceiro perigo pode enganar tanto quanto os outros dois perigos já discutidos—ou até mais que eles. Você e eu talvez não tenhamos substituído os mandamentos de Deus por tradições humanas. Talvez não condenemos outros por não guardarem as nossas tradições. Todavia, ainda assim é possível que nossas tradições tenham se tornado tão importantes para nós que nos incomodamos mais quando as pessoas as ignoram do que quando desobedecem ao Senhor.

Você está balançando a cabeça e pensando: “Conheço pessoas assim”? Uma palavra de advertência: este não é um princípio para se aplicar aos *outros*. É um princípio para se aplicar a *si mesmo*. Não conheço o coração de outra pessoa. Posso *pensar* que as tradições de determinada pessoa sejam muito importantes para ela, mas não posso *saber* disso com certeza. Dois indivíduos podem observar exatamente as mesmas tradições, um com a devida perspectiva e o outro com uma perspectiva distorcida. Não vamos incorrer no erro de julgar as pessoas nessa questão (Mateus 7:1, 2; Romanos 2:1); que cada um se julgue a si mesmo.

CONCLUSÃO

Ao encerrarmos esta exposição sobre o ensino de Jesus acerca das tradições, uma frase famosa do passado me veio à lembrança: “Em questões de fé, unidade; em questões de opinião, liberdade; em todas as questões, amor”. As três partes dessa frase sugerem três perguntas que precisamos fazer relativas ao que fazemos ou ensinamos no campo da religião.

“*Em questões de fé, unidade.*” Uma “questão de fé” é aquela a respeito da qual Deus fala na Sua Palavra (Romanos 10:17). Em tais questões, precisamos ser unidos (1 Coríntios 1:10). Isto pressupõe a primeira pergunta que devemos fazer: “*A Bíblia autoriza o que faço e ensino?*” A pergunta mais importante relativa a

qualquer prática não é: “Há quanto tempo isto tem sido feito assim?”, mas: “Qual é a origem disso?”

“*Em questões de opinião, liberdade.*” Uma “questão de opinião” é aquela a respeito da qual Deus não fala na Sua Palavra. Envolve julgamento pessoal. Em tais questões, não devemos impor nossas opiniões aos outros. “Liberdade” é a senha¹⁴. Isto demanda um exame constante e sincero: “*Será que a maneira de executar este mandamento, por alguma razão, está adquirindo a mesma importância na minha mente do que o mandamento em si?*”

“*Em todas as coisas, amor.*” Quando amigos cristãos discordam em questões de opinião, ainda devemos amá-los (João 13:35; Romanos 12:10). Irmãos têm se separado e congregações têm se dividido por ignorarem esse princípio básico. Cada um precisa perguntar a si mesmo: “*Tenho o mesmo espírito de Cristo em relação a tradições inofensivas que não violam as Escrituras e não devem ser impostas como lei?*” É tolice insistir em fazer alguma coisa de determinada maneira só porque “sempre foi feito assim”. É igualmente tolice insistir em fazer as coisas de outra maneira só para ser diferente¹⁵. Quando há desacordo numa questão de opinião, amor, consideração e sensibilidade são a ordem do dia.

¹⁴A Bíblia nos ensina a usarmos da nossa liberdade de maneira que não ofendamos a igreja nem outros cristãos (veja 1 Coríntios 8:9), mas uma análise profunda sobre a liberdade cristã está além da proposta desta lição.

¹⁵Alguns indivíduos e congregações parecem estar determinados a serem o mais diferente possível—não porque tenham provas inquestionáveis de que a maneira deles é melhor, mas porque se rebelam contra o que classificam como

O tema das tradições é complexo. É fácil estabelecer os princípios básicos; aplicá-los, porém, é difícil. Isto não significa que o assunto é irrelevante ou que não precisamos procurar entender e obedecer aos princípios ensinados por Jesus em Mateus 15 e Marcos 7. Pelo contrário, significa que ninguém deve ser presunçoso a ponto de alegar que possui todas as respostas. Significa que precisamos estar preparados para estudar, reestudar e depois estudar ainda mais cada “assunto” que se levanta. Significa que precisamos ser pacientes uns com os outros (Efésios 4:2).

Ainda bem que nem todos os tópicos do cristianismo são tão difíceis quanto o tema das tradições. Vejamos, por exemplo, a questão da salvação do pecado. Não é maravilhoso que o plano do Senhor seja simples? Jesus nos amou e morreu por nossos pecados (João 3:16; 1 Coríntios 15:1–3) e a nossa parte é responder a esse sacrifício com uma obediência amorosa (João 3:16; Marcos 16:16; Atos 22:16). Podemos não ter todas as respostas relativas às tradições, mas é possível sabermos a resposta para a pergunta mais importante de nossas vidas: “Que devo fazer para ser salvo?” (Estude Atos 2:37, 38; 8:36–38; 16:30–33.) Você pode passar a vida toda debatendo a questão das tradições, mas não adie para outro momento a decisão de fazer a vontade de Deus. Se você precisa obedecer a Ele, faça-o agora!

“a igreja tradicional”. Este é um comportamento de “adolescente espiritual”. De nada vale ser diferente só para ser diferente.

Quando os Fariseus Se Escandalizaram (Mateus 15:12-14)

Jesus disse aos fariseus que eles haviam invalidado o mandamento de Deus com sua tradição (Mateus 15:3-6). Ele os chamou de “hipócritas” condenados pelo profeta Isaías (Mateus 15:7-9). Mais tarde, quando Ele e Seus discípulos deixaram a multidão (Marcos 7:17), estes Lhe indagaram: “Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram?” (Mateus 15:12). Imagino que essa afirmação foi um eufemismo; os líderes religiosos certamente ficaram furiosos!

A Bíblia ensina que, via de regra, devemos evitar ofender os outros (veja Mateus 17:27; 18:6; Romanos 14:21; 1 Coríntios 8:13¹). Às vezes, porém, as pessoas se ofenderão ou se escandalizarão independentemente do que venhamos a dizer ou fazer, assim como os judeus se escandalizaram com Jesus (Mateus 13:57; Marcos 6:3). Conhecendo o homem interior (João 2:24, 25), Jesus viu os corações dos fariseus e percebeu que o ódio deles era implacável. As palavras de Jesus beneficiaram primeiramente os Seus ouvintes, advertindo-os da influência dos professores hipócritas (Mateus 16:6, 12). Será que o exemplo de franqueza de Jesus nos dá o direito de sermos ofensivos ao ensinar? Não, você e eu não temos o *poder* de conhecer os corações humanos. Temos de procurar falar sempre a “verdade em amor” (Efésios 4:15; grifo meu).

Cristo podia não estar tão preocupado em não escandalizar os fariseus, mas Seus discípulos estavam. Eles foram ensinados desde pequenos a respeitar esses eruditos. Além disso, sabiam quanta influência esses líderes exerciam—e que terríveis conseqüências haveria tanto para eles próprios como para o Mestre, se Este continuasse a provocá-los.

O Senhor apressou-Se em consolar os Seus seguidores. Disse Ele: “Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada” (Mateus 15:13). A palavra “planta” refere-se às tradições humanas ensina-

das pelos fariseus, aos que ensinam ou ao sistema farisaico baseado nesses ensinamentos? A resposta correta é “todas as alternativas”. Deus “plantara” os ensinamentos da Lei, mas Ele não “plantara” as tradições dos fariseus. Da mesma forma que ervas daninhas sufocam as plantas boas num jardim, as tradições humanas estavam sufocando a Palavra nos corações e nas vidas dos homens (Mateus 15:3, 6, 9). Assim como um jardineiro cauteloso limpa as ervas daninhas do seu jardim,—no fim de tudo—Deus arrancará e descartará os falsos mestres e seus ensinamentos.

Cristo, então, disse o seguinte aos apóstolos apreensivos: “Deixai-os [os fariseus]” (Mateus 15:14a). Ele não estava ensinando que Seus seguidores deveriam “deixá-los”, nos sentido de nunca contrariar o ensino falso que eles pregavam, nem expor o erro deles. Isto faria Suas palavras contradizerem o que Ele próprio estava fazendo (veja Mateus 23). O que Jesus estava dizendo era: “Não liguem para a fúria deles”². A Bíblia Viva diz: “...não façam caso deles”.

Jesus já havia apresentado uma razão para não temerem a raiva dos fariseus: no fim, Deus cuidaria deles. Agora, Ele estava apresentando uma outra razão: “...são cegos, guias de cegos³. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos⁴ no barranco” (Mateus 15:14b). O preconceito, o orgulho e o egoísmo haviam cegado os fariseus. Por fim, essa cegueira resultaria em sua própria destruição.

Cristo estava, com efeito, dizendo a Seus discípulos que eles não deveriam deixar “plantas mortas” e “guias cegos” impedirem-nos de fazer e ensinar o que era certo. A lição para nós é que, embora não devemos fazer inimigos por qualquer motivo, jamais devemos permitir que a oposição nos desanime a ponto de desistirmos.

¹O vocábulo grego traduzido por “escandalizar-se” pode conter uma variedade de significados, incluindo “fazer tropeçar”. Neste estudo, estamos citando *todos* os significados possíveis, incluindo “provocar raiva ou rancor em outrem”.

²Compare esta afirmação com Salmos 37:1, 2.

³Leia Mateus 23:16, 17, 19.

⁴Esta passagem ensina que os seguidores dos falsos mestres são tão responsáveis pelos seus erros quanto os próprios falsos mestres.

Atribuição de Leitura nº. 18

Mateus 15:39; 16:1–28; 17:1–13;
Marcos 8:10–38; 9:2–13;
Lucas 9:18–36

Mateus 15:39

³⁹E, tendo despedido as multidões, entrou Jesus no barco e foi para o território de Magadá.

Mateus 16:1–28

¹Aproximando-se os fariseus e os saduceus, tentando-o, pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu.

²Ele, porém, lhes respondeu: Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado;

³e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?

⁴Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas. E, deixando-os, retirou-se.

⁵Ora, tendo os discípulos passado para o outro lado, esqueceram-se de levar pão.

⁶E Jesus lhes disse: Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.

⁷Eles, porém, discorriam entre si, dizendo: É porque não trouxemos pão.

⁸Percebendo-o Jesus, disse: Por que discorreis entre vós, homens de pequena fé, sobre o não terdes pão?

⁹Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos tomastes?

¹⁰Nem dos sete pães para os quatro mil e de quantos cestos tomastes?

¹¹Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pães? E sim: acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.

¹²Então, entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus.

¹³Indo Jesus para os lados de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem?

¹⁴E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas.

¹⁵Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?

¹⁶Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

¹⁷Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.

¹⁸Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

¹⁹Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus.

²⁰Então, advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo.

²¹Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia.

²²E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá.

²³Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.

²⁴Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.

²⁵Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á.

²⁶Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?

²⁷Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai,

com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras.

²⁸Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino.

Mateus 17:1–13

¹Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte.

²E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz.

³E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

⁴Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias.

⁵Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi.

⁶Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo.

⁷Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais!

⁸Então, eles, levantando os olhos, a ninguém viram, senão Jesus.

⁹E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos.

¹⁰Mas os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?

¹¹Então, Jesus respondeu: De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas.

¹²Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles.

¹³Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista.

Marcos 8:10–38

¹⁰Logo a seguir, tendo embarcado juntamente com seus discípulos, partiu para as regiões de Dalmanuta.

¹¹E, saindo os fariseus, puseram-se a discutir com ele; e, tentando-o, pediram-lhe um sinal do céu.

¹²Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido e disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum.

¹³E, deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado.

¹⁴Ora, aconteceu que eles se esqueceram de levar pães e, no barco, não tinham consigo senão um só.

¹⁵Preveniu-os Jesus, dizendo: Vede, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes.

¹⁶E eles discorriam entre si: É que não temos pão.

¹⁷Jesus, percebendo-o, lhes perguntou: Por que discorreis sobre o não terdes pão? Ainda não considerastes, nem compreendestes? Tendes o coração endurecido?

¹⁸Tendo olhos, não vedes? E, tendo ouvidos, não ouvís? Não vos lembrais

¹⁹de quando parti os cinco pães para os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? Responderam eles: Doze!

²⁰E de quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? Responderam: Sete!

²¹Ao que lhes disse Jesus: Não compreendeis ainda?

²²Então, chegaram a Betsaida; e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse.

²³Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa?

²⁴Este, recobrando a vista, respondeu: Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando.

²⁵Então, novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguiu de modo perfeito.

²⁶E mandou-o Jesus embora para casa, recomendando-lhe: Não entres na aldeia.

²⁷Então, Jesus e os seus discípulos partiram para as aldeias de Cesaréia de Filipe; e, no caminho, perguntou-lhes: Quem dizem os homens que sou eu?

²⁸E responderam: João Batista; outros: Elias; mas outros: Algum dos profetas.

²⁹Então, lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo.

³⁰Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito.

³¹Então, começou ele a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse.

³²E isto ele expunha claramente. Mas Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo.

³³Jesus, porém, voltou-se e, fitando os seus discípulos, repreendeu a Pedro e disse: Arreda, Satanás! Porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.

³⁴Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.

³⁵Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.

³⁶Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?

³⁷Que daria um homem em troca de sua alma?

³⁸Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.

Marcos 9:2–13

²Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os sós, à parte, a um alto monte. Foi transfigurado diante deles;

³as suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar.

⁴Apareceu-lhes Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus.

⁵Então, Pedro, tomando a palavra, disse: Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas: uma será tua, outra, para Moisés, e outra, para Elias.

⁶Pois não sabia o que dizer, por estarem eles aterrados.

⁷A seguir, veio uma nuvem que os envolveu; e dela uma voz dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi.

⁸E, de relance, olhando ao redor, a ninguém mais viram com eles, senão Jesus.

⁹Ao descerem do monte, ordenou-lhes Jesus que não divulgassem as coisas que tinham visto, até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos.

¹⁰Eles guardaram a recomendação, perguntando uns aos outros que seria o ressuscitar dentre os mortos.

¹¹E interrogaram-no, dizendo: Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?

¹²Então, ele lhes disse: Elias, vindo primeiro, restaurará todas as coisas; como, pois, está escrito sobre o Filho do Homem que sofrerá muito e será aviltado?

¹³Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como a seu respeito está escrito.

Lucas 9:18–36

¹⁸Estando ele orando à parte, achavam-se presentes os discípulos, a quem perguntou: Quem dizem as multidões que sou eu?

¹⁹Responderam eles: João Batista, mas outros, Elias; e ainda outros dizem que ressurgiu um dos antigos profetas.

²⁰Mas vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou? Então, falou Pedro e disse: És o Cristo de Deus.

²¹Ele, porém, advertindo-os, mandou que a ninguém declarassem tal coisa,

²²dizendo: É necessário que o Filho do Homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite.

²³Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me.

²⁴Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará.

²⁵Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?

²⁶Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos.

²⁷Verdadeiramente, vos digo: alguns há dos que aqui se encontram que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam o reino de Deus.

²⁸Cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, subiu ao monte com o propósito de orar.

²⁹E aconteceu que, enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura.

³⁰Eis que dois varões falavam com ele: Moisés e Elias,

³¹os quais apareceram em glória e falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém.

³²Pedro e seus companheiros achavam-se premidos de sono; mas, conservando-se acordados, viram a sua glória e os dois varões que com ele estavam.

³³Ao se retirarem estes de Jesus, disse-lhe Pedro: Mestre, bom é estarmos aqui; então, façamos três tendas: uma será tua, outra, de Moisés, e outra, de Elias, não sabendo, porém, o que dizia.

³⁴Enquanto assim falava, veio uma nuvem e os envolveu; e encheram-se de medo ao entrarem na nuvem.

³⁵E dela veio uma voz, dizendo: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi.

³⁶Depois daquela voz, achou-se Jesus sozinho. Eles calaram-se e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto.

Cumes e Vales

Leitura Bíblica 18

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA.

H. Outra retirada do território de Herodes.

1. Na Galiléia: outro ataque dos inimigos de Jesus—seguido por outra retirada (Mateus 15:39b—16:12; Marcos 8:10–21).
2. Em Betsaida: um cego é curado (Marcos 8:22–26).
3. Perto de Cesaréia de Filipe: a boa confissão (Mateus 16:13–20; Marcos 8:27–30; Lucas 9:18–21).
4. Perto de Cesaréia de Filipe: é predita a morte de Jesus (Mateus 16:21–28; Marcos 8:31–38; Lucas 9:22–27).
5. Perto de Cesaréia de Filipe (no monte Hermom?): a transfiguração (Mateus 17:1–13; Marcos 9:2–13; Lucas 9:28–36).

INTRODUÇÃO

Nas lições anteriores, vimos Jesus dar início a uma série de retiradas da Galiléia¹: para a margem leste do mar da Galiléia e também para a região de Tiro e Sidom, na Fenícia. Nesta lição, veremos novamente Cristo Se retirando—desta vez para o extremo norte, até a região montanhosa de Cesaréia de Filipe.

Cada retirada teve seus pontos altos. Por exemplo, durante uma delas, o Senhor alimentou cinco mil e depois andou por cima da água. Todavia, nenhuma das demais retiradas incluiu tantos acontecimentos significativos como esta. No espaço de uma semana, ocorreram todos estes fatos: a boa confissão; a revelação do plano de Cristo de edificar a Sua igreja; os primeiros anúncios claros e inequívocos a respeito da morte, ressurreição e segunda vinda de Jesus e a transfiguração. A maioria dos comentaristas concorda que esse período foi extraordinário para o Senhor—um período culminante, um ponto de virada no Seu ministério.

Estou chamando esta lição de “Cumes e Vales” porque essa deve ter sido uma fase de emoções extremas para Jesus (veja Marcos 8:12a). Sendo completamente homem, Cristo foi feito como nós “em todas as coisas” (Hebreus 2:17): Ele podia sentir-Se feliz (Lucas 10:21) e triste (Lucas 19:41; João 11:35). Durante os acontecimentos abordados nesta lição, Jesus foi dos vales sofríveis até os picos hilariantes, depois tornou a voltar aos vales.

No decorrer deste estudo, aprenderemos mais sobre o coração do nosso Senhor. Também poderemos aprender mais sobre nós mesmos.

NUM VALE: JESUS SE EXASPERA (MATEUS 15:39—16:12; MARCOS 8:10–21)

No início desta lição, Jesus acabara de voltar para a Galiléia—para o território de Magadã e Dalmanuta (Mateus 15:39; Marcos 8:10). Esse lugar deveria ser próximo ao povoado de Magdala, que ficava uns seis quilômetros ao norte de Tiberíades².

Interrompido por Inimigos

Quando Cristo chegou, Seus velhos adversários, os fariseus, apareceram e “puseram-se a discutir com ele” (Marcos 8:11a). Estranhamente, vinham acompanhados dos saduceus (Mateus 16:1). Já falamos dos saduceus antes³, mas esta é a primeira vez que eles são mencionados nos relatos do evangelho. Normalmente, os fariseus e os saduceus eram inimigos mortais; mas, porque ambos consideravam Cristo uma ameaça, aliaram-se para destruí-LO⁴. Como dizem, uma causa comum é capaz de unir os mais estranhos aliados.

Nessa ocasião, os fariseus repetiram o desafio lançado anteriormente: pediram a Cristo “um sinal do céu” (Marcos 8:11b; veja Mateus 12:38–42; 16:1; João 2:18). Depois do Senhor realizar centenas de milagres, incluindo a ressurreição de mortos, seria

²Essas cidades encontram-se no mapa da página 16.

³Veja mais sobre os saduceus na página 42 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”.

⁴Veremos os fariseus e os saduceus aliados novamente durante a última semana do ministério de Cristo—no “dia das perguntas”.

¹Se quiser, reveja por que esta série de retiradas começou. (Estude “O Perigo do Sucesso”, a partir da página 38 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”.)

difícil identificar exatamente o que eles queriam. Talvez haja um significado importante na expressão “do céu”⁵. A palavra grega equivalente a “céu” é usada em Mateus 16:2 e 3 no sentido de “firmamento”. Talvez os fariseus estivessem desafiando Jesus a parar o sol e a lua como fez Josué (Josué 10:12, 13), a invocar fogo dos céus como fez Elias (1 Reis 18:38), ou algo semelhante.

Segundo Marcos, a confrontação dos fariseus e saduceus fez Cristo gemer do “íntimo do Seu espírito” (Marcos 8:12). Ele sabia que milagre algum, por mais espetacular que fosse, satisfaria aqueles homens⁶. Eram como um cego dizendo: “Mostre-me o lilás e *então* eu creerei que existe essa cor”. Os olhos deles estavam fechados; os corações, endurecidos; não havia meio de serem persuadidos.

Jesus deu-lhes uma breve resposta. Ele disse que eles podiam olhar para o céu e prever como seria o tempo⁷. Contudo, devido ao preconceito existente nos seus corações, eram incapazes de ver Jesus e Seu ministério e entender quem Ele era (Mateus 16:2, 3)⁸. E concluiu: “Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas” (Mateus 16:4a). Essa era uma referência velada à derradeira prova da Sua divindade, Sua ressurreição (veja Romanos 1:4). Assim como Jonas ficou três dias dentro do grande peixe, Cristo ficaria três dias no túmulo (Mateus 12:40)⁹.

Decepcionado com os Amigos

Se Jesus havia planejado passar um tempo na Galiléia, a súbita chegada de Seus inimigos tornou isto impossível. De repente, “deixando-os, retirou-se” (Mateus 16:4b). Embarcando com os discípulos, seguiu novamente para a margem oriental do mar da Galiléia (Marcos 8:13)—desta vez para a circunvizinhança geral de Betsaida¹⁰.

Durante a travessia, Cristo fez uma advertência aos apóstolos: “Vede e acutelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus” (Mateus 16:6). Ele tam-

bém disse: “...guardai-vos do fermento... de Herodes”¹¹ (Marcos 8:15)—referindo-se provavelmente aos herodianos que já estavam trabalhando com os fariseus para destruir Jesus (Marcos 3:6)¹².

A figura do “fermento” geralmente é usada nas Escrituras com referência à influência, sobretudo a influência negativa¹³. Jesus certamente tinha em mente as noções básicas ensinadas por esses grupos que os impediam de aceitá-IO como o Messias. Até os discípulos lutavam contra suas idéias preconcebidas sobre o Messias e Seu reino. A advertência do Senhor poderia ser parafraseada nos seguintes termos: “Cuidado para não serem influenciados por idéias preconcebidas que os impeçam de enxergar a verdade”.

Os apóstolos não tinham idéia do que Cristo estava dizendo. A referência a “fermento” levou-os a pensar em pão. A partida de Jesus foi tão súbita que eles só levaram um pedaço de pão (Marcos 8:14). Deduziram que as palavras do Mestre eram uma reprimenda por não levarem as provisões necessárias para a viagem (Mateus 16:7; Marcos 8:16).

Jesus incomodou-Se com a falta de entendimento deles e chamou-os de “homens de pequena fé” (Mateus 16:8). Estavam perto do local em que Ele havia alimentado os cinco mil homens (Lucas 9:10–17), e não muito longe do lugar em que Ele havia alimentado os quatro mil (Marcos 7:31; 8:1–9)¹⁴. Se Ele havia alimentado milhares com escassez de suprimentos (Mateus 16:9, 10), deveriam entender que Ele não teria dificuldades para alimentar seu pequeno grupo com um pedaço de pão, se fosse necessário—e que, portanto, não estava pensando em pão físico quando disse aquilo. Os apóstolos finalmente “entenderam que não lhes dissera que se acutelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus” (Mateus 16:12; grifo meu).

⁵O texto original grego denota literalmente “proveniente do céu”.

⁶Reveja uma exposição anterior sobre isso na página 40 da edição “A Vida de Cristo—Parte 4”.

⁷Tal qual o adágio brasileiro: “Cerração baixa, sol que racha”.

⁸A expressão “os sinais dos tempos” refere-se aos “sinais” (milagres) que Jesus realizava que provavam que era chegado o tempo aguardado há séculos pelos judeus: a vinda do Messias e Seu reino! *Não* se refere aos “sinais” da segunda vinda de Cristo, como sugerem alguns.

⁹Leia “O Sinal de Jonas”, na página 43 da edição “A Vida de Cristo—Parte 4”.

¹⁰Veja o mapa na página 16.

¹¹É possível que as expressões “o fermento dos saduceus” e “o fermento de Herodes” sejam semanticamente equivalentes, mas é proveitoso analisá-las separadamente.

¹²Veja a página 30 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”.

¹³Reveja a exposição sobre fermento na página 8 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”. Em especial, leia a nota de rodapé 33 nessa página.

¹⁴Veja o mapa na página 16.

**NUM VALE: JESUS SENTE EMPATIA¹⁵ (MAS...)
(MARCOS 8:22–26¹⁶)**

Como geralmente era o caso, Cristo tinha múltiplos propósitos em retirar-Se da Galiléia: Ele queria distanciar-Se dos Seus inimigos (veja Mateus 16:4b; Marcos 8:13), mas também queria passar um tempo sozinho com os discípulos. Este segundo propósito tornou-se cada vez mais importante à medida que a Sua morte se aproximava (Marcos 8:31). Ele decidiu seguir para o norte, para a região de Cesaréia de Filipe, onde haveria poucas distrações.

Partiram para aquela direção e “chegaram a Betsaida” (Marcos 8:22a). Aquela era a Betsaida-Julias, na costa nordeste do mar¹⁷. Ao chegarem à cidade, as pessoas “lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse” (v. 22b). Cristo não Se recusou a atendê-los. Como sempre, Ele Se compadeceu—mas estava decidido a evitar aglomerações, pois uma grande procissão atrasaria a viagem deles. Jesus conduziu o homem para fora da cidade antes de curá-lo (v. 23a) e depois lhe disse para ir direto para casa sem dizer nada a ninguém (v. 26).

Este caso de cura teve várias características incomuns. Poucas vezes Jesus tocou nas pessoas que Ele curou. Somente numa outra ocasião Ele usou saliva relacionada à cura (Marcos 7:33, 34)¹⁸. A característica mais incomum deste incidente, porém, foi o fato de ser o único milagre feito em duas etapas¹⁹. Os comentaristas costumam sugerir que, por se tratar de um milagre realizado entre dois episódios de esforço dos discípulos para entender e ter fé, um dos objetivos dessa lição é ensinar que a fé não vem de uma vez, mas em etapas. Na verdade, não sabemos qual foi o propósito de Jesus.

Vimos que certas características desse milagre, como tocar, cuspir e até o fato extraordinário de ser realizado em duas etapas, foram incidentais. Cristo usou uma variedade de métodos para imprimir a idéia de que o poder não estava no procedimento, mas na Pessoa.

¹⁵“Empatia” é a capacidade de se colocar no lugar do outro—ou seja, identificar-se com a pessoa e seus problemas.

¹⁶Só Marcos fala da cura miraculosa desse cego. Este é um dos dois milagres registrados unicamente por Marcos. O outro é a cura de um surdo em 7:31–37.

¹⁷Localize Betsaida-Julias no mapa na página 16.

¹⁸Releia a exposição na página 28.

¹⁹Geralmente se diz que este milagre foi “gradual”, mas usar essa terminologia pode causar uma impressão errada. No máximo, tudo aconteceu em questão de minutos. Isto difere dos atuais “milagres graduais” que precisam de dias, semanas ou meses.

**NUM CUME: JESUS SE ALEGRA
(MATEUS 16:13–20; MARCOS 8:27–30;
LUCAS 9:18–21)**

De Betsaida-Julias, Cristo e Seus seguidores continuaram a viagem até chegarem finalmente às adjacências de Cesaréia de Filipe. Ali Jesus interrogaria Seus apóstolos para saber se eles verdadeiramente entendiam quem Ele era²⁰. Aquela foi uma prova crucial para os discípulos.

Um Exame Especial

Depois de orar (Lucas 9:18), Cristo chamou os discípulos e perguntou: “Quem diz o povo ser o Filho do Homem?” (Mateus 16:13). Eles responderam: “Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas” (Mateus 16:14; veja Marcos 6:14–16; Lucas 9:7, 8)²¹. Cada um desses homens havia sido um destacado servo de Deus. A resposta, então, poderia soar como um elogio—mas não era. Era uma rejeição: uma rejeição de que Jesus era o Messias²².

A seguir, Jesus fez a pergunta mais importante: “Mas *vós*... quem dizeis que eu sou?” (Mateus 16:15; grifo meu). Inicialmente, os discípulos O seguiram porque pensavam que Ele era o Messias prometido (João 1:41, 49)—mas Ele não havia preenchido as expectativas nacionais relativas ao Messias. Por um tempo, grandes multidões O seguiram, mas depois a corrente da opinião popular virou-se contra Ele (João 6:66). À luz de tudo isto, os discípulos ainda criam nEle? Ainda tinham toda a certeza de que Ele era o Messias?

Pedro tomou a palavra, declarando o que ficou conhecido como a boa confissão²³: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16)²⁴. “Cristo” é a forma grega de “Messias”. Pedro estava confirmando que ele realmente cria que Jesus era O prometido pelos profetas, esperado pela nação judaica.

Uma Explicação Especial

Não é difícil imaginar um tom alegre na voz de Jesus ao dizer: “Bem-aventurado és, Simão Barjo-

²⁰Veja exposições suplementares deste acontecimento em “Todo Mundo Precisa de Alguém”, na edição “Conheça o Mestre, 1”, de *A Verdade para Hoje*.

²¹Isto ilustra bem o fato de ser impossível se descobrir a verdade por meio de pesquisas de opinião.

²²Reveja a nota de rodapé 25 na página 41 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”.

²³A expressão “a boa confissão” encontra-se em 1 Timóteo 6:12, 13.

²⁴Confira a importância dos termos usados ao confessarmos Jesus na edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 13–16.

nas²⁵, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus²⁶. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mateus 16:17, 18a).

A controvérsia reside nos termos “Pedro” e “pedra”. Os católicos alegam que o versículo 18 ensina que a igreja foi edificada em Pedro²⁷. É verdade que a palavra grega traduzida por “Pedro” significa “pedra”—mas Jesus usou duas palavras diferentes para “pedra” no versículo 18. A palavra traduzida por “Pedro” é *petros*, enquanto a palavra equivalente a “pedra” é *petra*. Além de serem palavras diferentes, a primeira está no gênero masculino, e a segunda, no feminino. Além disso, os significados das palavras são diferentes. W. E. Vine escreveu: “*Petra* denota uma pedra grande, distinta de *petros*, uma pedra lisa e arredondada, ou uma pedra que podia ser jogada ou facilmente movida”²⁸.

Cristo estava usando um jogo de palavras. Na minha mente, vejo Cristo jogando uma pedrinha para o alto enquanto dizia: “Tu és Pedro, uma pedra”. A seguir, vejo-O apontando para a pedra angular de Cesaréia de Filipe e dizendo: “E sobre uma pedra como esta, edificarei a Minha igreja”.

Qual era a pedra sobre a qual o Senhor edificaria a Sua igreja? A maioria dos comentaristas não-católicos concorda que era a verdade fundamental que Pedro acabara de confessar²⁹. Exemplificando, J. W. McGarvey destacou o seguinte:

²⁵“Barjonas” é a forma hebraica de “filho de Jonas”. Evidentemente, o pai de Pedro se chamava Jonas.

²⁶Isto não significa que Pedro recebeu uma revelação especial que outros não receberam; mas é um reconhecimento de que a origem da verdade acerca de Jesus é Deus, e não o homem. O meio pelo qual Deus revelou isto a Pedro foi através da vida e dos ensinamentos de Jesus.

²⁷Mateus 16:18 e 19 é, para os católicos, a primeira prova de que Pedro teria sido o primeiro papa.

²⁸W. E. Vine, *The Expanded Vine's Expository Dictionary of New Testament Words* (“Dicionário Expositivo Vine de Palavras do Novo Testamento Ampliado”), ed. John R. Kohlenberger III com James A. Swanson. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1984, p. 974. Argumenta-se às vezes que Jesus teria falado em aramaico, língua que não possui duas palavras distintas para “pedra”—mas isto não passa de especulação. Tudo o que sabemos com certeza é que o texto inspirado que nos relata o incidente está em grego e usa duas palavras diferentes.

²⁹Alguns comentaristas protestantes destacam que Efésios 2:20 diz que os cristãos são “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular”. A partir desta passagem, concluem que Cristo *estava* falando da Sua igreja ser edificada sobre Pedro num sentido—mas ela não foi edificada *somente* sobre Pedro, e sim sobre todos os apóstolos. Esta interpretação não é perigosa (ela de fato responde o argumento católico de

...visto que o próprio Jesus ocupa a posição de construtor na metáfora, e Simão Pedro, a posição de posição de portador das chaves, nenhum deles pode ser considerado o fundamento. Sendo assim, o fundamento só pode ser a confissão que Pedro acabou de fazer, pois é tudo o que resta de cabível a essa aplicação.³⁰

Como é triste o fato de a controvérsia em torno de Pedro e a pedra ter obscurecido a verdadeira relevância dessa ocasião! Incentivado pela confissão de Pedro, Jesus pensou que os discípulos estivessem prontos para a revelação do futuro. Por isso Ele começou fazendo a surpreendente declaração de que viera para estabelecer uma *igreja*, a Sua igreja (veja Efésios 1:22, 23; 2:16; 3:10, 11; 4:4; Colossenses 1:18). Classifico essa declaração de “surpreendente” porque deve ter sido algo completamente inesperado. Ela não condizia com o conceito judaico de um reino físico, material.

Ao fazer essa revelação, Cristo não abandonou totalmente a terminologia de um reino messiânico com a qual Seus discípulos estavam acostumados (veja Mateus 16:19); mas, na verdade, Ele estava anunciando que Seu reino não seria de natureza física, e sim espiritual. Ele não tinha nenhum interesse em estabelecer uma instituição política; iria edificar a Sua *igreja*.

Esta é a primeira ocorrência da palavra “igreja” no Novo Testamento, mas certamente não é a última. A palavra “igreja” consta mais de cem vezes do Novo Testamento³¹. Após a ressurreição de Jesus e o estabelecimento do reino, ou seja, da igreja, ela se tornou um termo predominante para se descrever os seguidores de Cristo como um grupo.

Retomemos a declaração de Jesus a Pedro em Mateus 16:18 e 19. Daniel havia profetizado que o reino messiânico seria indestrutível (Daniel 2:44a). Cristo declarou a Pedro que Sua igreja, ou reino, jamais seria destruída: “...e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:18b). “In-

que a igreja foi edificada exclusivamente sobre Pedro), mas dois comentários se fazem necessários aqui: 1) as figuras de Mateus 16 e Efésios 2 são diferentes e não devem ser confundidas. 2) Até em Efésios 2:20, o significado teria de ser que a igreja foi edificada sobre o ensino dos apóstolos e profetas—e seus ensinamentos tinham Jesus como ponto central (veja 1 Coríntios 2:2; Gálatas 6:14).

³⁰J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 412.

³¹Veja mais sobre o significado da palavra “igreja” e as várias maneiras em que ela é usada no Novo Testamento na edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 26–27.

ferno” (gr. *Hades*) é “o mundo invisível” dos mortos³², e para cada indivíduo, a “porta” desse mundo é a morte. A morte de Jesus não destruiria a igreja: o diabo pensava que impediria os planos de Deus colocando Jesus numa cruz, mas essa morte seria essencial para a existência da igreja (Atos 20:28; Efésios 5:23, 25). Nem mesmo as mortes dos *membros da igreja* a destruiriam³³. Mais tarde, Satanás iniciaria uma perseguição contra os cristãos, mas sua tirania dispersaria a igreja em vez de destruí-la (Atos 8:1–4).

A seguir, Cristo recompensou o apóstolo sincero com uma promessa: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus” (Mateus 16:19).

A segunda parte dessa promessa—o ligar e o desligar—não seria uma prerrogativa exclusiva de Pedro; a promessa estendeu-se mais tarde a todos os apóstolos (Mateus 18:18). Analisemos o texto com cuidado: “...o que ligares na terra *terá sido ligado* nos céus; e o que desligares na terra *terá sido desligado* nos céus” (grifo meu). O texto parece complicado³⁴, mas é uma tradução literal. Jesus estava enfatizando a importância do ensino inspirado dos apóstolos (ele tanto “ligaria” como “desligaria” os homens), mas Ele também estava acentuando que eles não seriam a fonte de sua doutrina: “o ligar” e “o desligar” teriam origem “nos céus”, e depois (somente depois) os apóstolos, por inspiração, “ligariam” e “desligariam” na terra.

Jesus realmente concedeu a Pedro um privilégio especial—a primeira parte da promessa: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus”. O propósito principal de uma chave é abrir e permitir a entrada. Pedro seria o primeiro a dizer aos judeus e aos gentios como ser salvo (Atos 2:14–43; 10:24–43, 47; 15:7), e conseqüentemente como entrar no reino, ou na igreja. Obviamente, explicar às pessoas como podem ser salvas não foi um privilégio concedido a Pedro unicamente; todos os apóstolos pregaram o evangelho da salvação. A recompensa especial de Pedro foi ser o primeiro a fazer isso.

³²Há uma exposição sobre “o inferno” (= Hades) na edição “Atos, 1”, de *A Verdade para Hoje*, p. 49, e também na edição “Apocalipse—Parte 2”, pp. 14–15, especialmente na nota de rodapé 12.

³³Se todos os membros da igreja fossem mortos, isto ainda não destruiria a igreja, porque a “semente” da igreja/reino é a Palavra (Lucas 8:11). Visto que a Palavra é indestrutível (1 Pedro 1:23–25), a igreja sempre existirá, nem que seja só na forma de semente.

³⁴As versões ERA e NVI tentam ser fiéis ao aspecto e tempo verbais usados no texto grego.

Aquele foi um dia empolgante. Os discípulos ainda tinham muitas coisas para aprender, mas a fé deles permanecia intacta. Jesus teve de Se contentar com o desempenho deles até ali—mas Ele “advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo” (Mateus 16:20). Ainda chegaria a hora de proclamarem intrepidamente essa verdade (veja Atos 2:36), mas não naquele momento.

NUM VALE: JESUS SE SENTE SOBRECARRREGADO

(MATEUS 16:21–28; MARCOS 8:31–38; LUCAS 9:22–27)

Pensando que Seus discípulos estivessem prontos para saber do futuro, Jesus anunciara o estabelecimento da Sua igreja. Todavia, eles encontraram dificuldade para aceitar a condição adjunta a essa promessa: não haveria igreja sem a morte de Jesus. A igreja seria o corpo das pessoas salvas por Seu sangue (Efésios 5:23, 25; veja Atos 20:28). Era chegada a hora de Jesus dizer aos apóstolos que Ele precisava morrer.

Apreensivo devido aos Maus Tratos Que O Aguardavam

Cristo já havia falado veladamente da Sua morte iminente (Mateus 9:15; 10:38; 12:38–40; João 2:19–22; 3:14, 15), mas desta vez Ele não utilizou linguagem figurada. Mateus escreveu: “Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia” (Mateus 16:21). A expressão “os anciãos, os principais sacerdotes e os escribas” era sinônimo de Sinédrio³⁵, uma referência a três dos seus principais componentes. Sublinhe mentalmente a palavra “necessário”: Jesus estava determinado a cumprir os planos e propósitos de Deus (João 6:38)! O relato de Marcos diz que Cristo “começou... a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem... fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse. E isto ele expunha *claramente*” (Marcos 8:31, 32a; grifo meu).

Apreensivo devido ao Mal-Entendido à Sua Volta

A clareza da afirmação de Jesus não facilitou que os discípulos a entendessem e aceitassem. Por toda a vida haviam aprendido que o reino do Messias seria de natureza política. Por isso, as palavras

³⁵Veja uma breve exposição sobre o sinédrio na página 41 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”.

de Cristo sobre morrer não faziam sentido algum para eles. Se você foi criado ouvindo ensinamentos errados e depois veio a entender a verdade, pode calcular a luta que eles travavam.

Pedro em especial teve dificuldade com a declaração do Senhor. Afinal de contas, ele acabara de confessar que Jesus era o Cristo, o Messias! No seu raciocínio, ele também estava confessando que confiava plenamente que Jesus seguiria em frente e estabeleceria o Seu reino—um reino *físico*! Até onde o apóstolo sabia, a idéia de um Messias morto não era conciliável com o conceito de um Messias reinando³⁶. Então, Pedro tomou para si o encargo de corrigir a Cristo!

Não querendo envergonhar o Mestre diante dos demais discípulos, Pedro “chamou-o à parte”. Quando estavam sozinhos, ele “começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá” (Mateus 16:22). A ousadia de Pedro nessa ocasião é quase incompreensível—mas sempre houve pessoas que, mesmo declarando-se seguidoras do Senhor, pensam que sabem mais do que Ele.

A repreensão de Jesus foi a mais severa que o apóstolo recebeu: “Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço...” (Mateus 16:23). Poucos segundos antes, Ele chamara Pedro de “pedra” e agora o chamava de “Satanás”, Seu adversário maligno³⁷. Cristo estava dizendo que, ao tentar detê-lo de seguir o Seu destino, Pedro se tornara um instrumento do diabo³⁸.

O problema de Pedro era que Ele estava olhando para a cruz com olhos humanos, e não do ponto de vista divino. Jesus Lhe disse: “...não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mateus 16:23).

A mente do Senhor estava sobrecarregada com a aproximação da Sua morte (Mateus 26:38, 39). Intensificando isso havia a falta de compreensão dos discípulos com respeito à verdadeira natureza do Seu reino e reinado. Eles estavam pensando numa coroa real³⁹ no lugar da morte, e numa coroa olímpica no lugar da cruz.

³⁶Cristo acrescentara que “depois de três dias”, Ele “ressuscitaria”, mas essas palavras também não faziam sentido para os apóstolos (veja Marcos 9:10).

³⁷O significado literal da palavra “Satanás” é “adversário”.

³⁸Uma das tentações no deserto envolvia tornar-se rei sem a cruz. (Reveja as páginas 38 e 39 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”.)

³⁹“Coroa real”, ou seja, aquela usada por reis.

Jesus chamou todos os discípulos e disse⁴⁰:

Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á. Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma? (Mateus 16:24–26; veja também Marcos 8:34–37; Lucas 9:23–25).

E Jesus acrescentou: “Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos” (Marcos 8:38). Essas palavras têm uma aplicação geral, mas tenhamos em mente que Pedro acabara de se “escandalizar” com as palavras de Jesus sobre Sua morte.

Em Sua reprimenda, Cristo mencionara vir “na... com os seus anjos”. Agora Ele assegurava aos Seus ouvintes que “o Filho do Homem *há* de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras” (Mateus 16:27; grifo meu). Esta foi a primeira predição declarada da segunda vinda. As mentes dos apóstolos deviam estar fervendo com toda essa nova revelação!

O Senhor concluiu garantindo a Seus discípulos que a predição de Sua morte não significava que Ele desistira do plano de estabelecer o Seu reino: “Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte⁴¹ até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus” (Marcos 9:1; veja também Mateus 16:28; Lucas 9:27). Prestemos muita atenção à expressão “com *poder*”. Antes de Cristo subir ao Pai, Ele diria aos apóstolos que eles “receberiam *poder*” quando o Espírito Santo viesse sobre eles (Atos 1:8; grifo meu) e que deveriam permanecer em Jerusalém até que “do alto” fossem “revestidos de *poder*” (Lucas 24:49; grifo meu). Dez dias após a ascensão, na festa judaica do Pentecostes, o poder do Espírito Santo desceu sobre eles (Atos 2:1–4) e Jesus cumpriu Sua promessa de edificar a

⁴⁰Segundo Marcos 8:34, Ele também disse essas palavras aos outros que estavam por perto.

⁴¹Pelo menos um dos que estavam ali—Judas—de fato viu a morte antes do reino ser estabelecido, mas a maioria não.

Sua igreja/reino. (Leia Atos 5:11; 8:1; Colossenses 1:13; Apocalipse 1:6, 9.)⁴²

Os apóstolos entenderam o que Cristo quis dizer sobre o reino vir com poder enquanto ainda estavam vivos? Não, eles não entenderam isso mais do que entenderam as afirmações de Jesus sobre o estabelecimento da igreja e sobre Sua segunda vinda—mas a semente havia sido plantada.

NO CUME: JESUS É ENCORAJADO (MATEUS 17:1–13; MARCOS 9:2–13; LUCAS 9:28–36)

Os quatro relatos do evangelho não relatam o que se passou nos dias seguintes. Podemos imaginar a tensão crescente à medida que os discípulos se esforçavam para conciliar as palavras de Jesus com o que eles haviam aprendido até aquele momento de suas vidas. Após esse período, o Senhor certamente estava pronto para uma outra experiência no cume e Ele teve—literalmente—uma experiência assim⁴³.

No Alto do Monte: Jesus Se Prepara

Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele (Mateus 17:1–3).

Lucas registrou o tópico da conversa entre Moisés, Elias e Cristo: eles “falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lucas 9:31). No lugar de “partida”, leia-se “morte”. Os discípulos relutavam com a idéia do Messias morrer, mas esses heróis do Antigo Testamento entendiam como era essencial a morte do Messias para os fiéis de todos os tempos (Hebreus 9:15).

Aterrado pela experiência e sem saber o que dizer (Marcos 9:6), Pedro deixou escapar: “Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias” (Mateus 17:4). “Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem

⁴²Aqueles que acreditam que Jesus ainda não estabeleceu o Seu reino (como os pré-milenistas) têm dificuldade com Marcos 9:1. Uma evasiva é dizer que isto se refere à transfiguração. J. W. McGarvey escreveu: “Aqueles que relacionam essa expressão com a transfiguração certamente cometem um erro, pois nenhum reino visível foi estabelecido naquela ocasião” (McGarvey e Pendleton, p. 417).

⁴³Veja uma exposição mais completa sobre esse episódio no primeiro sermão da edição “A Vida de Cristo—Parte 7”.

me comprazo; a ele ouvi” (Mateus 17:5). Após a voz se pronunciar, “olhando ao redor, a ninguém mais viram com eles, senão Jesus” (Marcos 9:8).

Essa visão foi em benefício dos discípulos: ela confirmou a confissão de Pedro e confirmou a predição do Senhor relativa à Sua morte iminente. Ela também reforçou aos apóstolos que eles deveriam “ouvir a Jesus”, *não importa* o que Ele dissesse!

Esse evento sem precedentes também foi em benefício de Jesus. Os doze não compreendiam a importância da Sua morte, mas Moisés e Elias compreendiam. Os homens podiam tê-IO rejeitado, mas Deus não. O Senhor falou do céu no batismo de Jesus, imprimindo o Seu selo de aprovação nos Seus trinta anos de preparação. Agora, Ele dava Seu endosso ao ministério pessoal de Cristo. Foi assim que os céus prepararam Jesus para a Sua vindoura provação.

Ao Pé do Monte: Os Discípulos Ficam Perplexos

“E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos” (Mateus 17:9). Ao anunciar a Sua morte, Cristo mencionou a Sua ressurreição (Mateus 16:21), mas agora Ele usou esse acontecimento como uma referência de tempo. Mais uma vez, Seus discípulos ficaram confusos; eles discutiram entre si “que seria o ressuscitar dentre os mortos” (Marcos 9:10). Visto que o Senhor falava muitas vezes por parábolas (Mateus 13:35), era evidente que pensassem que Ele estivesse usando uma linguagem figurada.

Eles não pediram a Jesus uma explicação do “que seria o ressuscitar dentre os mortos”, mas perguntaram sobre uma outra coisa que os incomodava. Tinham acabado de ver Elias, mas o profeta apareceu no fim do ministério de Cristo, e não no início. Então, perguntaram: “Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha *primeiro*?” (Mateus 17:10; grifo meu).

Cristo enfatizara anteriormente que as profecias relativas à vinda de Elias haviam sido cumpridas no ministério de João Batista (Mateus 11:14; Lucas 1:17⁴⁴), mas a aparição do próprio Elias no monte confundiu os apóstolos. Jesus novamente explicou que Elias já tinha vindo (Mateus 17:12). “Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista” (Mateus 17:13).

⁴⁴Reveja os comentários na página 28 de “A Vida de Cristo—Parte 4” e na páginas 7 e 8 de “A Vida de Cristo—Parte 2”.

CONCLUSÃO

Quando Cristo desceu do monte, Ele Se viu imediatamente transportado para um outro vale emocional—provocado pela incapacidade dos discípulos de curar um homem endemoninhado (Mateus 17:14–16)—mas estudaremos esse episódio na próxima lição. Por enquanto, façamos duas aplicações desta lição: primeiramente, quando temos nossos altos e baixos emocionais, o Senhor entende. Ele já esteve no nosso lugar. Em segundo lugar, mesmo quando decepcionamos o Senhor, Ele ainda nos ama. Nesta lição, observamos uma variedade de emoções que Jesus pode ter experimentado, mas o que predominava em Suas emoções era o amor. Mesmo quando Seus discípulos O deixavam aborrecido, Ele ainda os amava. Um deles escreveu anos depois que Jesus “amou-os até ao fim” (João 13:1). Se isto não confortar você nem lhe trazer paz de mente, nada mais o fará.

A Harmonia

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA ATÉ A CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA (continuação).

- H. Outra retirada do território de Herodes (continuação).
 - 6. A cura de um menino endemoninhado (Mateus 17:14–21; Marcos 9:14–29; Lucas 9:37–43).
 - 7. Volta para a Galiléia (morte de Jesus novamente predita) (Mateus 17:22, 23; Marcos 9:30–32; Lucas 9:43–45).
- I. A pergunta sobre o tributo ao templo (Mateus 17:24–27).
- J. O ensino sobre a necessidade de ser como as crianças (Mateus 18:1–14; Marcos 9:33–50; Lucas 9:46–50).
- K. Último ensino na Galiléia: problemas entre irmãos (Mateus 18:15–35).
- L. Ministério redirecionado para a Judéia (veja João 7:1; Mateus 19:1).
 - 1. Os irmãos de Jesus insistem para que Ele vá à Festa dos Tabernáculos ou das Cabanas (João 7:2–9).
 - 2. Jesus viaja secretamente para Jerusalém (Lucas 9:51–56; João 7:10).
 - 3. A caminho: ensino sobre discipulado (Lucas 9:57–62; veja Mateus 8:19–22).
- M. Em Jerusalém: a Festa dos Tabernáculos.
 - 1. No meio da festa: ensino dentro do templo (João 7:11–36).
 - 2. No último dia da festa: ensino sobre a água da vida (João 7:37–52).
 - 3. Após a festa: ensinos adicionais.
 - a. A mulher pega em adultério (João 7:53—8:11).
 - b. Ensino sobre a luz e as trevas (João 8:12–59).
 - c. Ensino sobre cegueira física e espiritual (João 9:1–41).
 - d. Ensino sobre o Bom Pastor e os mercenários (João 10:1–21).

“Vimos a Sua glória”

Mateus 17:1-8
Marcos 9:2-8
Lucas 9:28-36
Olhando de perto



Imagine que você é um dos apóstolos que andaram com Jesus por três anos. Analise todos os sinais e maravilhas que você presenciou: a multiplicação para os cinco mil, Jesus andando sobre o mar, Jesus acalmando a tempestade, a ressurreição de mortos. Agora pergunte a si mesmo: “De tudo o que eu vi, o que mais me impressionou?” Não sei como você responderia essa pergunta, mas eu sei de um episódio inesquecível para os apóstolos que tiveram o privilégio de testemunhá-lo: a transfiguração. Um dos apóstolos presentes disse o seguinte, mais tarde:

...mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo (2 Pedro 1:16-18).

Outro apóstolo que esteve presente na transfiguração escreveu:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (João 1:1).

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai (João 1:14).

O escritor provavelmente tinha em mente mais do que a transfiguração (veja João 2:11), mas esse acontecimento inesquecível certamente estava incluso na afirmação “vimos a Sua glória” (veja Lucas 9:31, 32).

Neste estudo sobre a transfiguração¹, o texto bíblico básico será Mateus 17, mas iremos até Marcos 9 e Lucas 9 em busca de detalhes complementares. Que este sermão ajude cada um a ver “a glória de Jesus”.

¹A fonte principal deste sermão foi G. Campbell Morgan, *The Crises of the Christ* (“As Crises do Cristo”). Nova York: Fleming H. Revell Co., 1936, pp. 215-67. Morgan incluiu três capítulos sobre a transfiguração.

O INCIDENTE IMPORTANTE (MATEUS 17:1, 2; MARCOS 9:2, 3; LUCAS 9:28, 29)

O texto começa dizendo: “Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte” (Mateus 17:1; grifo meu)². O que acontecera seis dias antes?

Quase uma semana antes, Pedro fez a boa confissão e Cristo prometeu edificar a Sua igreja (Mateus 16:16, 18)³. A seguir, Ele revelou que precisava morrer para cumprir essa promessa: “Começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto...” (Mateus 16:21). Em vez de ir para Jerusalém para estabelecer um reino terreno—como esperavam os discípulos—Jesus iria para Jerusalém para morrer.

Os discípulos não entenderam as palavras de Cristo; a morte do Messias não cabia dentro do conceito que eles tinham de reino. “E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá” (Mateus 16:22). Cristo repreendeu Pedro e os demais apóstolos (Mateus 16:23-27; veja Marcos 8:38; Lucas 9:26).

Imaginemos a possível tensão existente entre Jesus e Seus seguidores—por seis longos dias. Não há registro de nada ocorrido nesses dias. Finalmente, seis dias depois, Jesus levou consigo três dos apóstolos, incluindo o franco Pedro, “a um alto monte” (Marcos 9:2).

²Marcos também diz “seis dias depois” (Marcos 9:2), mas Lucas diz “cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras” (Lucas 9:28). Mateus e Marcos contaram os dias entre os dois incidentes, enquanto Lucas incluiu esses dois dias. Hoje, na maior parte do mundo ocidental, diríamos “uma semana depois”. Se fosse necessária uma prova de que os escritores dos Evangelhos não copiaram levemente um do outro, esta seria uma prova suficiente.

³Se quiser, amplie o resumo do que aconteceu seis dias antes.

O texto não diz por que Jesus levou esses três homens, mas em várias ocasiões Ele também os separou dos demais apóstolos (Marcos 5:37; 9:2; 14:33). Talvez Jesus tenha escolhido os três porque previu as necessidades que eles teriam no futuro⁴, ou porque pensou que poderia atingir melhor os outros nove por meio dos três. Pode ser até que, assim como nós, o lado humano de Jesus precisasse de amigos. João, que estava entre os três, é conhecido como “o discípulo a quem Jesus amava” (João 21:20; veja 13:23; 19:26; 20:2).

O texto também não cita qual monte eles subiram⁵. Certa tradição não-inspirada diz que era o monte Tabor na Galiléia, mas é mais provável que fosse o monte Hermom, não muito distante do local em que Pedro fizera a boa confissão⁶. O monte Hermom é o mais alto da Palestina; seu topo coberto de neve fica a três mil metros de altitude⁷.

A razão para Jesus subir o monte não foi para ser transfigurado, mas sim para ter comunhão com o Pai. Lucas escreveu: “tomando consigo a Pedro, João e Tiago, subiu ao monte com o propósito de orar” (Lucas 9:28). Pode ser que Jesus quisesse ajudar os apóstolos a melhorarem sua vida de oração—mas, como era geralmente o caso, eles durmiam durante o momento de oração (Lucas 9:32; veja Mateus 26:40, 43, 45).

Então, de repente, “enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou” (Lucas 9:29a; Mateus 17:2a). A palavra grega traduzida por “transfigurou” é a mesma que dá origem ao termo “metamorfose”, um vocábulo que indica mudança radical⁸. Palavras são incapazes de exprimir a magnitude da transfiguração. Os escritores dos Evangelhos tentaram descrever o efeito usando termos comparativos.

E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz (Mateus 17:2).

⁴Por exemplo, Pedro precisava amadurecer para exercer liderança e Tiago precisava ser preparado para o martírio (Atos 12:2).

⁵Pedro chamou-o apenas de “o monte santo” (2 Pedro 1:18).

⁶Veja o mapa na página 44.

⁷Dicionário Bíblico, *Bíblia On-Line*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

⁸Pode-se pensar na metamorfose de uma lagarta. Will Ed Warren escreveu: “A palavra é usada em outras duas ocorrências no [Novo Testamento] referindo-se a transformação interior e espiritual (2 Coríntios 3:18; Romanos 12:2)” (Will Ed Warren, aula do curso *A Vida de Cristo: Os Evangelhos Sinóticos*, Harding University, 1991, p. 71).

...as suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar⁹ (Marcos 9:3).

... a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura (Lucas 9:29).

Aqui está uma maneira possível de se refletir no que ocorreu ali: Jesus era o Homem-Deus (Mateus 1:23), mas enquanto andou sobre a terra, a maioria das pessoas só viu Sua humanidade. Todavia, nesta ocasião em especial, Sua divindade pôde resplandecer através de Sua humanidade. Pedro, Tiago e João tiveram um vislumbre da divindade de Jesus concedido a poucos seres humanos¹⁰.

A INTENÇÃO IMPRESSIONANTE (MATEUS 17:3–8; MARCOS 9:4–8; LUCAS 9:30–36)

No decorrer deste estudo, queremos lançar uma pergunta: “Qual foi o propósito da transfiguração?” Vamos sugerir quatro possíveis razões para este incidente singular.

A Coroação da Humanidade

De vez em quando na vida de Cristo, acontecimentos dramáticos coroavam o passado e preparavam o caminho para o futuro. O batismo de Jesus foi um desses acontecimentos. Naquele momento, Deus anunciou Sua aprovação dos trinta anos de preparação de Jesus e o Espírito Santo veio sobre Cristo para prepará-LO para os três anos de ministério público (Mateus 3:16, 17). A transfiguração foi outro momento culminante. Nessa ocasião, Deus estampou Seu “selo de aprovação” não só nos anos de preparação de Jesus, como também nos Seus anos de ministério (Mateus 17:5).

Cristo era o que Deus havia desejado que a humanidade fosse quando colocou o homem na terra. Os seres humanos haviam pecado (Gênesis 3:5; Romanos 3:23), mas Jesus não cometeu pecado (Hebreus 4:15). No momento da transfiguração, Cristo poderia ter voltado para a presença de um Deus santo exatamente como Ele era santo—se não houvesse uma razão para a Sua vinda. Obviamente, ha-

⁹Pense nos produtos utilizados como alvejantes de roupa.

¹⁰Ocasionalmente, alguns homens tiveram um rápido vislumbre da glória de Jesus e de Sua divindade. Isto ajuda a explicar porque ninguém O deteve nas duas vezes em que Ele purificou o templo e como Ele conseguiu passar intacto pelas multidões que pretendiam matá-LO. Todavia, a ninguém mais foi permitido ver a plenitude da Sua glória como foi a Pedro, Tiago e João.

via uma razão, uma razão que nos leva ao segundo propósito da transfiguração.

A Confirmação do “Êxodo”

Lucas escreveu: “Pedro e seus companheiros achavam-se premidos de sono; mas, conservando-se acordados, viram a sua glória...” (Lucas 9:32). O escritor queria que entendêssemos que Pedro, Tiago e João não estavam sonhando; eles estavam bem acordados quando seus olhos foram ofuscados pela aparência de Jesus.

E logo houve mais uma coisa que os surpreendeu: “Eis que dois varões falavam com ele [Cristo]: Moisés e Elias” (Lucas 9:30)¹¹. Moisés e Elias eram dois grandes heróis da fé judaica (Hebreus 11:23–29; Tiago 5:17). Pedro, Tiago e João certamente ouviram histórias sobre esses homens sentados no colo de seus pais. Certamente ouviram esses nomes serem exaltados pelos rabinos. Moisés foi o grande legislador; Elias chamou os homens de volta à Lei¹². A Bíblia não diz por que esses dois homens tiveram o privilégio de comparecer perante o Senhor no monte da transfiguração. Talvez seja porque ambos estavam ligados ao Messias nas profecias vétero-testamentárias (Deuteronômio 18:15; Malaquias 4:5, 6)¹³.

Jesus, Moisés e Elias tinham muito em comum; havia muitos assuntos que eles poderiam ter discutido. Moisés não teve permissão de entrar na Terra Prometida (Números 20:12), e haviam se passado séculos desde que Elias caminhou pelas planícies verdejantes da Galiléia; provavelmente teriam gostado de conversar com Jesus sobre Suas viagens pela nação. Todos os três conheceram as tribulações da liderança; eles poderiam ter falado sobre como é cansativo tentar comunicar até mesmo as verdades

¹¹ Como Pedro e os outros discípulos sabiam que eram Moisés e Elias? Talvez eles tenham recebido um discernimento divino. Talvez tenham ouvido Jesus chamá-los pelos seus nomes. O texto não explica isso. Uma observação interessante é que mesmo após a sua morte, Moisés ainda era Moisés, Elias ainda era Elias, e eles eram (de certa forma) reconhecíveis. Isto nos ajuda a responder uma pergunta recorrente: “Vamos nos reconhecer uns aos outros no céu?” A Bíblia diz que vamos.

¹² Se quiser, destaque momentos marcantes das vidas desses homens.

¹³ Muitos presumem que a razão dos dois terem sido escolhidos é que Moisés representava a Lei e Elias, os Profetas—duas testemunhas importantes da divindade de Jesus (João 1:45; veja Lucas 24:44). Outras possíveis ligações com a vida de Jesus também já foram sugeridas: os três tiveram experiências significativas no topo de um monte; o fim dos três foi incomum (sobre Moisés veja Deuteronômio 34:6; sobre Elias, veja 2 Reis 2:11).

mais elementares¹⁴. Todavia, a conversa deles não foi sobre esses assuntos nem outros similares.

Segundo Lucas, eles “falavam da sua partida¹⁵, que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lucas 9:31). A palavra grega traduzida por “partida” é equivalente a “êxodo”¹⁶. “Êxodo” é um termo composto, que combina a palavra grega para “estrada” ou “caminho” (*odos*) com a preposição “fora” (*ek* ou *ex*); significa literalmente “saída”. Podemos pensar nas placas de “saída” colocadas acima das portas. Podemos pensar no êxodo do Egito: os filhos de Israel partindo daquele país para a Terra Prometida. Em Lucas 9, a palavra “êxodo” engloba a morte, ressurreição e ascensão do Senhor. Ela descreve a partida de Cristo desta vida e por fim deste mundo.

Por que o assunto da iminente crucificação de Jesus ocupava as mentes de Moisés e Elias? Poderia ser por uma razão *profissional*: os anos de labor nos quais se empenharam apontavam para esse evento. O propósito da Lei dada por Moisés era conduzir os homens a Cristo (Gálatas 3:16, 19, 24, 25). Elias fora um dos profetas que trabalharam para preparar o povo através do qual o Messias viria. Segundo os profetas, quando o Cristo/Messias viesse, Ele deveria morrer pelo povo (Isaías 53:4–6).

O mais provável, porém, é que Moisés e Elias tivessem uma razão *pessoal* para o seu interesse na morte de Jesus: eles não poderiam ir para o céu, a menos que Jesus morresse por seus pecados! O Antigo Testamento fala de pessoas sendo perdoadas, mas esse perdão era provisório e só predizia o sacrifício final de Cristo¹⁷. O escritor do Livro de Hebreus disse que Jesus “é o Mediador da nova aliança [o Novo Testamento], a fim de que, intervindo *a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança [o Antigo Testamento]*, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados” (Hebreus 9:15; grifo meu). Pregadores do passado

¹⁴ Se essa conversa ocorreu, imagino que tenha sido assim: “Jesus disse: ‘Deixem-me falar sobre os meus discípulos lentos para aprender’. Moisés disse: ‘Deixem-me contar sobre a teimosia dos israelitas’. E Elias disse: ‘Isso não é nada! Esperem eu falar da Acabe e Jezabel!’”

¹⁵ A ERC diz “morte”.

¹⁶ Em grego o termo é *exodon*, flexão de *exodos* no acusativo. Mais tarde, Pedro usaria a mesma palavra referindo-se à sua própria morte (2 Pedro 1:15).

¹⁷ Uma ilustração às vezes usada é a do bom samaritano que deu ao dono da hospedaria dinheiro e disse: “Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar” (Lucas 10:35). Quando o homem ferido se recuperasse e, estando pronto para partir, perguntasse sobre a conta, o hospedeiro diria algo assim: “Não se preocupe. Já está tudo resolvido”. A dívida, porém, já teria sido assumida antes da volta do samaritano para liquidá-la.

gostavam de dizer que “o sangue de Jesus na cruz fluiu tanto para trás, quanto para frente”.

Moisés e Elias tinham, portanto, um interesse pela morte de Cristo fundamentado. Observamos que Jesus poderia ter voltado para o céu exatamente como Ele era—mas, se tivesse feito isto, Ele seria o único ser celestial que habitou em carne humana. Jesus tinha de morrer para que Moisés e Elias fossem para o céu! É por isso que falar sobre esse assunto era de sumo interesse para os dois ilustres homens do Antigo Testamento.

Aquela conversa também foi importante para o Senhor. Seus discípulos haviam tentado dissuadi-lo de ir para a cruz (Mateus 16:22). Moisés e Elias sem dúvida incentivaram Jesus a não deixar que nada O impedisse de levar a cabo o plano de Deus para a salvação do homem. Sendo assim, a transfiguração não só coroou o passado, como também ajudou a preparar Jesus para o futuro—para a crucificação.

A Identificação da Autoridade

Além desses dois propósitos básicos da transfiguração, outras razões deveriam ser mencionadas. Uma terceira razão é que a autoridade de Cristo foi identificada nessa ocasião.

Os discípulos ficaram alarmados com o que viram (Marcos 9:6)—mas, como era de se esperar, com ou sem medo, Pedro tinha que dizer *alguma coisa*¹⁸. Ele sugeriu em alto e bom tom: “Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias” (Mateus 17:4). Marcos disse que Pedro “não sabia o que dizer” (Marcos 9:6), enquanto Lucas registrou que ele não sabia “o que dizia” (Lucas 9:33). Pedro não sabia o que dizer; e, depois de dizer algo, não sabia o que havia dito!

Pedro não sabia o que estava dizendo quando especificou o *local*: “Senhor, bom é estarmos aqui... farei aqui três tendas...” Efetivamente, o apóstolo estava dizendo: “É exatamente assim que visualizei o Senhor como o Messias! Então, esqueça o plano de ir para Jerusalém, onde a morte O aguarda. Vamos ficar aqui no monte, onde o Senhor está cercado de glória”. Ele não entendia que se Cristo ficasse ali, não morreria por nossos pecados (1 Coríntios 15:3) e todos estaríamos perdidos (Hebreus 9:22b)!

¹⁸Eu me identifico com Pedro. É comum a gente falar sem pensar cuidadosamente no que está dizendo. No Brasil, há um dito popular que diz: “Em boca fechada não entra mosquito”.

Além disso, Pedro não sabia o que estava dizendo quando propôs armar tendas rústicas¹⁹: “farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias”²⁰. J. W. McGarvey sugeriu que Pedro não poderia deixar Moisés e Elias “partirem sem esforçar-se para detê-los, embora o melhor que pudesse oferecer para persuadi-los fosse construir três cabanas, feitas de galhos de árvores, para acomodá-los”²¹. Analisando bem, a sugestão era fora de propósito: que uso seres espirituais poderiam fazer de tendas?

Pedro, sobretudo, não sabia o que estava dizendo quando colocou Moisés e Elias em pé de igualdade com o Senhor: “Farei três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias”. Hoje em dia, muitos cometem o mesmo erro. Na cabeça deles, Jesus é apenas mais um entre vários grandes mestres e líderes espirituais²². Eles ficariam mais do que felizes ao construir diversas tendas em homenagem a Jesus, Maomé, Buda, Alan Kardec, etc. Precisam ouvir a resposta de Deus à sugestão de Pedro: “Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi” (Mateus 17:5).

As palavras de Deus foram uma identificação divina: “Este é meu Filho amado”. Elas indicavam aprovação: “em quem me comprazo”, ou “em quem tenho grande prazer” (NVI). Elas continham uma injunção: “a Ele ouvi”. Em outras palavras: “Não ouçam Moisés; não dêem ouvidos a Elias; ouçam apenas Jesus”²³! Hoje, acrescentaríamos: “Não ouça

¹⁹A palavra grega traduzida por “tendas” refere-se a estruturas provisórias como as que os judeus construía-mo como parte da celebração da festa dos tabernáculos ou das cabanas. Os escoteiros chamam essas estruturas de “cabanas de índio”.

²⁰Como a festa dos tabernáculos não estava muito longe dali (João 7:2), alguns escritores acreditam que Pedro estava propondo que celebrassem a festa ali no monte, e não em Jerusalém.

²¹J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 419.

²²Membros de algumas religiões orientais mostram-se bastante dispostos a aceitar Jesus como um líder espiritual entre tantos outros, mas não querem aceitá-lo como Senhor e Deus. Infelizmente, até alguns que se chamam cristãos concordam com essa avaliação de Jesus. Faça uma aplicação às situações religiosas comuns na região dos seus ouvintes.

²³A Lei estava em vias de ser substituída pela nova aliança de Jesus (Colossenses 2:14; Hebreus 9:16, 17); “Nestes últimos dias, [Deus] nos falou pelo Filho” (Hebreus 1:2a; grifo meu).

ninguém que afirme ser um porta-voz especial de Deus!”

A Preparação dos Apóstolos

Em quarto lugar, as palavras de Deus em Mateus 17:5 devem ter tido um significado especial para os apóstolos. Eles estavam resistindo à predição de que Cristo morreria em breve (Mateus 16:21, 22). No contexto, as palavras de Deus a Pedro significavam: “Ouça a Jesus mesmo quando não entender, mesmo quando discordar. *Ele* sabe o que é melhor”. O caminho que nos “*parece* direito” pode na verdade ser um “caminho de morte” (Provérbios 14:12; 16:25; grifo meu). A sabedoria humana é sempre limitada; precisamos aprender a confiar na “sabedoria de Deus” (Efésios 3:10).

Quando a Voz saiu da nuvem, os discípulos “caíram de bruços, tomados de grande medo” (Mateus 17:6). Jesus foi até eles e tocou-lhes dizendo: “Erguei-vos e não temais!” (Mateus 17:7). Quando eles levantaram os olhos, “a ninguém viram, senão Jesus” (Mateus 17:8).

Os apóstolos não entendiam todas as implicações do que ocorrera ali, mas eles viram a divindade de Jesus. Eles ouviram Moisés e Elias confirmarem o fato de que Jesus tinha de morrer em Jerusalém. O Espírito Santo mais tarde faria os apóstolos se lembrarem de todas as coisas (João 14:26); então, todas as peças do quebra-cabeça se encaixariam perfeitamente.

CONCLUSÃO

Não teria sido emocionante ver o Senhor glorificado naquele monte? Jamais teremos essa experiência; mas, se formos fiéis a Jesus, um dia *O veremos* na Sua glória! “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 João 3:2). Podemos até ver Moisés e Elias um dia—no céu!

A questão é se estamos ou não dispostos a ouvir Jesus e somente Jesus. Que as palavras de Deus ecoem em nossos ouvidos: “Este é meu Filho amado; a Ele ouvi” (Mateus 17:5b). Ouçam-nO quando Ele diz para crerem (João 3:16; 8:24). Ouçam-nO

quando Ele diz para se arrependerem (Lucas 13:3). Ouçam-nO quando Ele diz para confessarem o Seu nome (Mateus 10:32, 33). Ouçam-nO quando Ele diz para serem batizados (Marcos 16:15, 16). Ouçam-nO quando Ele diz para viverem a vida cristã diariamente (Lucas 9:23). Ouçam-nO e façam a vontade dEle—hoje!

Atribuição de Leitura nº. 19

Mateus 17:14–27; 18:1–14;
Marcos 9:14–50;
Lucas 9:37–50

Mateus 17:14–27

¹⁴E, quando chegaram para junto da multidão, aproximou-se dele um homem, que se ajoelhou e disse:

¹⁵Senhor, compadece-te de meu filho, porque é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo e outras muitas, na água.

¹⁶Apresentei-o a teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo.

¹⁷Jesus exclamou: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino.

¹⁸E Jesus repreendeu o demônio, e este saiu do menino; e, desde aquela hora, ficou o menino curado.

¹⁹Então, os discípulos, aproximando-se de Jesus, perguntaram em particular: Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo?

²⁰E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível.

²¹[Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum.]

²²Reunidos eles na Galiléia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens;

²³e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. Então, os discípulos se entristeceram grandemente.

²⁴Tendo eles chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas?

²⁵Sim, respondeu ele. Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos?

²⁶Respondendo Pedro: Dos estranhos, Jesus lhe disse: Logo, estão isentos os filhos.

²⁷Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fisgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti.

Mateus 18:1–14

¹Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?

²E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles.

³E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus.

⁴Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.

⁵E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe.

⁶Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar.

⁷Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo!

⁸Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno.

⁹Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo.

¹⁰Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêem incessantemente a face de meu Pai celeste.

¹¹[Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.]

¹²Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou?

¹³E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram.

¹⁴Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos.

Marcos 9:14–50

¹⁴Quando eles se aproximaram dos discípulos, viram numerosa multidão ao redor e que os escribas discutiam com eles.

¹⁵E logo toda a multidão, ao ver Jesus, tomada de surpresa, correu para ele e o saudava.

¹⁶Então, ele interpelou os escribas: Que é que discutíeis com eles?

¹⁷E um, dentre a multidão, respondeu: Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo;

¹⁸e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando. Roguei a teus discípulos que o expelissem, e eles não puderam.

¹⁹Então, Jesus lhes disse: Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-mo.

²⁰E trouxeram-lho; quando ele viu a Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolia-se espumando.

²¹Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu;

²²e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar; mas, se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos.

²³Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê.

²⁴E imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!

²⁵Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o

espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele.

²⁶E ele, clamando e agitando-o muito, saiu, deixando-o como se estivesse morto, a ponto de muitos dizerem: Morreu.

²⁷Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou.

²⁸Quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expulsá-lo?

²⁹Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum].

³⁰E, tendo partido dali, passavam pela Galiléia, e não queria que ninguém o soubesse;

³¹porque ensinava os seus discípulos e lhes dizia: O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará.

³²Eles, contudo, não compreendiam isto e temiam interrogá-lo.

³³Tendo eles partido para Cafarnaum, estando ele em casa, interrogou os discípulos: De que é que discorriéis pelo caminho?

³⁴Mas eles guardaram silêncio; porque, pelo caminho, haviam discutido entre si sobre quem era o maior.

³⁵E ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.

³⁶Trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, tomando-a nos braços, disse-lhes:

³⁷Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou.

³⁸Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco.

³⁹Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim.

⁴⁰Pois quem não é contra nós é por nós.

⁴¹Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos

digo que de modo algum perderá o seu galardão.

⁴²E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos crentes, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar.

⁴³E, se tua mão te faz tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo inextinguível

⁴⁴[onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga].

⁴⁵E, se teu pé te faz tropeçar, corta-o; é melhor entrares na vida aleijado do que, tendo os dois pés, seres lançado no inferno

⁴⁶[onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga].

⁴⁷E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois seres lançado no inferno,

⁴⁸onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga.

⁴⁹Porque cada um será salgado com fogo.

⁵⁰Bom é o sal; mas, se o sal vier a tornar-se insípido, como lhe restaurar o sabor? Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros.

Lucas 9:37–50

³⁷No dia seguinte, ao descerem eles do monte, veio ao encontro de Jesus grande multidão.

³⁸E eis que, dentre a multidão, surgiu um homem, dizendo em alta voz: Mestre, suplico-te que vejas meu filho, porque é o único;

³⁹um espírito se apodera dele, e, de repente, o menino grita, e o espírito o atira por terra, convulsiona-o até espumar; e dificilmente o deixa, depois de o ter quebrantado.

⁴⁰Roguei aos teus discípulos que o expelisses, mas eles não puderam.

⁴¹Respondeu Jesus: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco e vos sofrerei? Traze o teu filho.

⁴²Quando se ia aproximando, o demônio o atirou no chão e o convulsionou; mas Jesus repreendeu o espírito imundo, curou o menino e o entregou a seu pai.

⁴³E todos ficaram maravilhados ante a majestade de Deus. Como todos se maravilhassem de quanto Jesus fazia, disse

aos seus discípulos:

⁴⁴Fixai nos vossos ouvidos as seguintes palavras: o Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens.

⁴⁵Eles, porém, não entendiam isto, e foi-lhes encoberto para que o não compreendessem; e temiam interrogá-lo a este respeito.

⁴⁶Levantou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior.

⁴⁷Mas Jesus, sabendo o que se lhes passava no coração, tomou uma criança, colocou-a junto a si

⁴⁸e lhes disse: Quem receber esta criança em meu nome a mim me recebe; e quem receber a mim recebe aquele que me enviou; porque aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande.

⁴⁹Falou João e disse: Mestre, vimos certo homem que, em teu nome, expelia demônios e lho proibimos, porque não segue conosco.

⁵⁰Mas Jesus lhe disse: Não proibais; pois quem não é contra vós outros é por vós.

Marcas do Discipulado

Leitura Bíblica 19

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA ATÉ A CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA (continuação).

- H. Outra retirada do território de Herodes (continuação).
 - 6. A cura de um menino endemoninhado (Mateus 17:14–21; Marcos 9:14–29; Lucas 9:37–43).
 - 7. Volta para a Galiléia (morte de Jesus novamente predita) (Mateus 17:22, 23; Marcos 9:30–32; Lucas 9:43–45).
- I. A pergunta sobre o tributo ao templo (Mateus 17:24–27).
- J. O ensino sobre a necessidade de ser como as crianças (Mateus 18:1–14; Marcos 9:33–50; Lucas 9:46–50).

INTRODUÇÃO

Durante os últimos dias do ministério terreno de Jesus, Ele Se concentrou na preparação dos apóstolos para a Sua partida. Enquanto viajava, Ele “não queria que ninguém o soubesse; porque ensinava os seus discípulos...” (Marcos 9:30b, 31). A *Bíblia Viva* parafraseia dizendo: “Jesus tentava evitar toda a propaganda, a fim de gastar mais tempo com os seus discípulos”. Um tema recorrente nesse ensino poderia ser expresso pelas palavras: “O que significa ser Meu discípulo”. Os apóstolos precisavam dessas lições; e nós também.

CONFIE NO PODER DE DEUS, E NÃO EM SUA PRÓPRIA CAPACIDADE

(MATEUS 17:14–21; MARCOS 9:14–29;
LUCAS 9:37–43)

O estudo de hoje começa com Jesus, Pedro, Tiago e João descendo do “monte santo” (2 Pedro 1:18), onde o Senhor fora transfigurado. Quando Moisés desceu do monte após receber os dez mandamentos, ele foi recepcionado pelo tumulto da desobediência (Êxodo 32); quando Cristo desceu do monte após ser transfigurado, Ele foi recepcionado pelo caos da incredulidade.

Um homem havia levado o filho endemoninhado para ser curado por Jesus, mas os discípulos do Senhor não conseguiram expulsar o demônio. Os sempre-presentes e sempre-críticos escribas e fariseus aproveitavam-se da situação para caluniar o ministério de Cristo¹. A falta de fé em todos os presentes (os escribas, a multidão, o pai do menino e até os discípulos de Jesus) impressionou Jesus (Ma-

teus 17:17; Marcos 9:19; Lucas 9:41). Apesar disso, Ele Se mostrou fiel² diante da infidelidade deles, e curou o menino³ (Mateus 17:18; Marcos 9:25, 26; Lucas 9:41).

Mais tarde, quando o Senhor e Seus seguidores estavam a sós, estes indagaram: “Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo?” (Mateus 17:19; Marcos 9:28). E Jesus respondeu: “Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível” (Mateus 17:20)⁴. Assim como o pai na história (Marcos 9:24), os discípulos creram (Marcos 9:24)—embora não cressem verdadeiramente (Mateus 17:20). Assim como nós, eles relutavam para ter fé.

Muitos escritores acreditam que os apóstolos não conseguiram expulsar o demônio porque estavam confiando em sua própria capacidade de exorcizar⁵. Paulo escreveu que “não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos” (2 Coríntios 1:9). Muito tempo atrás, Davi disse: “Oferecei sacrifícios de justiça e *confiai no Senhor*” (Salmos 4:5; grifo meu). O sábio Salomão ecoou esse sentimento: “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento” (Provérbios 3:5).

²Veja 2 Timóteo 2:13.

³Veja mais sobre este episódio no próximo sermão desta edição.

⁴O relato de Marcos acrescenta: “Esta casta não pode sair senão por meio de oração” (Marcos 9:29). Veja no próximo sermão uma exposição sobre a relação entre oração e fé.

⁵Veja a exposição sobre este incidente de cura na lição “Ajuda-me na minha falta de fé”, nesta edição.

¹Estão implícitas aqui as críticas aos atos e atitudes de Jesus.

Um verdadeiro discípulo reconhece suas próprias deficiências (Romanos 3:10). Ele confia que o Senhor lhe dará forças (veja 2 Samuel 22:31; Salmos 9:10; 37:3, 5; 40:3, 4; 115:10, 11; Isaías 26:4; Filipenses 2:24).

**CONFIE NA PALAVRA DO SENHOR, E NÃO EM SUA PRÓPRIA SABEDORIA
(MATEUS 17:22, 23; MARCOS 9:30–32;
LUCAS 9:43–45)**

Jesus e os doze apóstolos voltaram dos “lados de Cesaréia de Filipe” (Mateus 16:13; veja Marcos 8:27) para a Galiléia (Mateus 17:22; Marcos 9:30)⁶. Diferentemente do que aconteceu durante as viagens anteriores, Cristo evitou multidões enquanto viajavam por aquela província. Como já foi observado, Jesus “não queria que ninguém o soubesse; porque ensinava os seus discípulos...” (Marcos 9:30, 31).

Um assunto que Jesus retomava constantemente era a Sua morte iminente: “...ensinava os seus discípulos e lhes dizia: O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará” (Marcos 9:31; veja Mateus 17:22, 23).

Segundo o relato de Lucas, Ele prefaciou esse aviso dizendo: “Fixai nos vossos ouvidos as seguintes palavras” (Lucas 9:44a). Esta é uma expressão gráfica para: “Ouçam, ouçam de fato! Ouçam, pensem e entendam! Ouçam e lembrem-se do que eu digo! Ouçam e entendam!” Ouvir não é o mesmo que escutar. Sempre que o Senhor falar, precisamos deixar que Suas palavras penetrem em nossos ouvidos e mentes, para que encontrem expressão em nossas vidas!

Os discípulos ficaram “entristecidos grandemente” (Mateus 17:23) com as palavras de Jesus; mais uma vez “eles não compreendiam isto” (Marcos 9:32a). Eles não entendiam a afirmação acerca de Sua morte porque a idéia do Messias morto era contrária às suas expectativas messiânicas⁸. Eles não

⁶É incerto quando precisamente eles voltaram para a Galiléia. A maioria dos comentaristas acredita que a transfiguração ocorreu perto de Cesaréia de Filipe, e que, após esse acontecimento, Jesus voltou para a Galiléia. Alguns acreditam que Jesus e os doze já haviam viajado para a Galiléia antes da transfiguração e da cura. Alguns comentaristas acreditam que a viagem para a Galiléia tenha ocorrido entre a transfiguração e a cura.

⁷O relato de Marcos diz “três dias depois” e o de Mateus diz “no terceiro dia”. Para muitos de nós, os dois termos possuem significados diferentes—mas não para os judeus. É bom termos isto em mente quando estudarmos se Jesus permaneceu ou não no túmulo por três dias.

⁸Pouco depois desse aviso da morte de Jesus, os apóstolos começaram a discutir sobre quem era o maior no reino

entendiam a afirmação acerca da Sua ressurreição porque esse conceito era contrário ao que já haviam experimentado (veja Marcos 9:10).

Embora não entendessem, “temiam interrogá-lo” (Marcos 9:32b). Talvez temessem que suas perguntas fossem interpretadas como incredulidade. Talvez temessem ser repreendidos como Pedro (Mateus 16:23). Talvez apenas hesitassem expor sua ignorância. Tempos atrás, ouvi dizer que a única maneira de se obter conhecimento é reconhecendo a própria ignorância. Admitir isso é doloroso, mais porém necessário.

O relato de Lucas sobre este incidente adiciona um detalhe intrigante: “Eles, porém, não entendiam isto, e foi-lhes encoberto para que o não compreendessem...” (Lucas 9:45; grifo meu). Quem ou o que encobriu o significado daquilo para os discípulos? O Senhor pode ter encoberto o significado porque a afirmação de Jesus teria alarmado os discípulos, se eles a tivessem compreendido inteiramente. Satanás pode ter encoberto o significado; afinal, ele está sempre tentando tirar a Palavra das mentes dos homens (Lucas 8:12). Talvez Burton Coffman estivesse certo quando disse: “O encobrimento não foi devido ao desígnio de Deus [eu acrescentaria “nem do diabo”], mas devido às limitações do homem”⁹. É provável que o agente que encobriu o significado tenha sido o preconceito dos apóstolos em relação ao reino.

Independentemente de ser esse o caso, os discípulos realmente *encontraram* dificuldade para aceitar o que o Senhor tinha a dizer sobre Sua morte aproximada, sucedida pelo sepultamento e ressurreição. Uma qualidade essencial do discipulado é aceitar o que o Senhor diz, mesmo que isto discorde das idéias e do raciocínio do seguidor. Paulo enfatizou a futilidade de confiar na sabedoria humana ao escrever:

Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos. Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria

(veja Lucas 9:45, 46). Eles ainda tinham em mente um reino físico, terreno e político. Veja em João 12:33 e 34 um exemplo de como o ensino de Jesus sobre a Sua morte confundiu outros judeus que possuíam os mesmos conceitos que os apóstolos.

⁹James Burton Coffman, *Commentary on Luke* (“Comentário sobre Lucas”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1975, p. 187.

sabedoria, aprovou a Deus salvar os que crêm pela loucura da pregação (1 Coríntios 1:18–21).

Um verdadeiro discípulo não confia no raciocínio humano (Provérbios 3:5), mas na revelação divina (2 Timóteo 3:16, 17).

PREOCUPE-SE COM A CAUSA DO SENHOR, E NÃO COM SEUS DIREITOS (MATEUS 17:24–27¹⁰)

Enquanto Jesus e Seus discípulos viajavam pela Galiléia, chegaram a uma cidade que servira de quartel-general do Senhor durante Seu ministério naquela província. “Tendo eles chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas?” (v. 24).

O texto grego contém simplesmente “as duas dracmas”¹¹. A dracma¹² era uma moeda grega quase equivalente ao denário romano já mencionado nesta série de estudos (veja Lucas 7:41; João 6:7)—a diária de um trabalhador braçal¹³ (veja Mateus 20:2).

No texto original, a palavra “imposto” não se encontra no versículo 24, mas Jesus usou o termo no versículo 25. O imposto em questão era o imposto pago ao templo¹⁴. A lei de Moisés determinava que todo homem judeu, a partir de vinte anos, pagasse meio siclo para a manutenção do templo e as despesas de adoração (Êxodo 30:11–16; veja 2 Reis 12:12; 2 Crônicas 24:5–9; Neemias 10:32). O siclo era mais ou menos equivalente a quatro denários ou quatro dracmas, de maneira que meio siclo equivalia a dois denários ou duas dracmas.

Os coletores de impostos, em vez de serem romanos, eram oficiais do templo judeus. O imposto era normalmente pago na primavera, e era começo de outono; mas Cristo passara meses ausente de Cafarnaum (Seu local de residência). Ouvindo que Ele estava de volta, os coletores de impostos foram procurá-lo. Talvez tivessem uma quota para atingir, mas certamente estavam mais interessados em juntar provas incriminatórias contra Ele.

Cristo, muitas vezes, hospedava-Se na casa de Pedro enquanto ficava em Cafarnaum (veja Marcos 1:29, 30; 2:1), por isso os oficiais foram procurá-lo

ali. Encontrando Pedro fora da casa¹⁵, perguntaram: “Não paga o vosso mestre as duas dracmas?” (Mateus 17:24b). Sempre com a palavra na ponta da língua, Pedro respondeu: “Sim” (v. 25a). Talvez ele tenha dito “sim” porque o Senhor já havia pago o imposto anteriormente. Talvez ele tenha dado essa resposta porque sabia que Cristo ensinava a obediência à Lei. Talvez, como geralmente era o caso de Pedro, ele tenha dito apenas a primeira palavra que lhe veio à cabeça.

Qualquer que tenha sido o motivo de Pedro, o Senhor, ciente do que se passara, viu ali uma oportunidade para ensinar uma lição vital. “Ao entrar Pedro em casa”, antes que tivesse a ocasião de relatar o ocorrido, “Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos?” (v. 25b). Pedro não tinha dúvidas sobre esse assunto. Ele respondeu: “Dos estranhos” (v. 26a). Jesus replicou: “Logo, estão isentos os filhos” (v. 26b). A implicação óbvia era que, sendo Jesus o Filho do Rei (Deus), era isento do imposto sobre a casa de Seu Pai (o templo)¹⁶. Em outras palavras, Jesus tinha o direito de não pagar o imposto—mas Pedro precisava aprender que um discípulo não insiste em seus direitos se, ao fazê-lo, prejudicar a causa do seu Senhor.

E Jesus continuou dizendo: “Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol¹⁷, e o primeiro peixe que fregar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter¹⁸. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti” (v. 27). Richard Rogers escreveu: “Que paradoxo! Um Rei tão pobre que não podia pagar o imposto do anual templo de apenas meio siclo”¹⁹. A palavra grega traduzida por “estáter” é *sater*, uma moeda grega que valia quatro dracmas²⁰—exatamente o suficiente para pagar o imposto do templo para dois homens.

¹⁵Se o texto diz “ao entrar Pedro em casa” (Mateus 17:25), após conversar com os oficiais, subentende-se que ele estava fora da casa durante a conversa.

¹⁶Jesus não estava necessariamente dizendo que Pedro também era isento; mas que, independentemente disso, a conclusão dEle era a mesma: o imposto deveria ser pago.

¹⁷Sendo um comerciante da pesca, Pedro usava normalmente uma rede (Mateus 4:18), mas uma rede pegaria centenas de peixes. Ele só precisava de um peixe, naquela ocasião.

¹⁸“Um estáter” era a moeda grega equivalente a um siclo.

¹⁹Richard Rogers, *Behold Your King—Book of Matthew* (“Eis o Vosso Rei—Livro de Mateus”). Lubbock, Tex.: Sunset Study Series, s.d., p. 22.

²⁰Esta é a única ocorrência no Novo Testamento desta moeda que valia quatro dracmas.

¹⁰Só Mateus, o ex-coletor de impostos, registrou o incidente do imposto pago ao templo.

¹¹No original grego, “duas dracmas” é uma palavra na forma singular.

¹²A única citação de uma moeda de uma dracma no Novo Testamento é Lucas 15:8, 9. A palavra em Mateus 17 refere-se a uma moeda de duas dracmas.

¹³No Brasil, diríamos “a diária de um salário mínimo”.

¹⁴A NVI diz: “o imposto do templo”.

O milagre que Cristo realizou ali foi ímpar. Foi o único milagre que envolveu dinheiro, foi o único que O beneficiou pessoalmente, foi o único incidente miraculoso cujas conseqüências não foram relatadas, e sem dúvida é o milagre mais estranho realizado pelo Senhor. Com certeza, vemos um toque de humor nas palavras de Jesus instruindo *um pescador*—que sempre abria a boca sem pensar—a encontrar a solução para seu problema na *boca de um peixe*.

Tomemos, porém, o cuidado de não deixar que a peculiaridade do milagre obscureça as palavras-chaves da instrução de Jesus: “Mas, para que não os escandalizemos”. O verbo grego traduzido por “escandalizemos” tem a raiz em comum com a palavra “escandalizar” da língua portuguesa. Cristo não estava preocupado em escandalizar ou ofender a sensibilidade dos oficiais; mas sim em fazer qualquer coisa que denegrisse o Seu ministério. Ele queria que Pedro entendesse que fazer o que é certo tem precedência sobre insistir nos direitos pessoais.

Esse raciocínio é “duro” (João 6:60). É natural insistirmos em nossos direitos. Exigimos receber o que merecemos. Levantamos oposição a todo aquele que nos priva do que é nosso por direito. Jesus nos chama para superarmos esse impulso natural, e avaliarmos sempre como nossos atos poderão afetar a Sua causa. Usando a terminologia do texto bíblico em estudo, se o fato de insistirmos em nossos direitos gerar “um escândalo” relacionado à causa de Cristo, devemos abrir mão desses direitos.

Jesus não só ensinou esse tipo de abnegação, como também viveu de acordo com ele. Vimos uma demonstração disso no começo do Seu ministério terreno: Ele tinha o direito de não ser batizado por João porque Ele “era sem pecado” (Hebreus 4:15; veja Mateus 3:14), mas abriu mão desse direito “para cumprir toda a justiça” (Mateus 3:15). Veremos outra demonstração no fim do ministério de Cristo: Ele tinha o direito de não morrer porque nada fizera para merecer a morte (Lucas 23:4), mas abriu mão do Seu direito para que nós fossemos salvos (1 Coríntios 15:3).

Um verdadeiro discípulo não se preocupa tanto com os seus direitos quanto em ver o Senhor ser glorificado e a Sua causa prosperar!²¹

²¹Paulo escreveu dois discursos longos sobre a necessidade de abrir mão dos direitos pessoais em determinadas circunstâncias (Romanos 14; 1 Coríntios 8–10).

PROMOVA A OBRA DO SENHOR, E NÃO OS SEUS PRÓPRIOS INTERESSES (MATEUS 18:1–14; MARCOS 9:33–50; LUCAS 9:46–50)

Pouco antes, Jesus havia identificado o Seu reino messiânico com a igreja que Ele edificaria (Mateus 16:18, 19). Ele sempre tentava incutir nos Seus seguidores, o fato de que o reino seria espiritual—não terreno, carnal ou político. Esse reino teria como sede os corações dos homens, e não uma localidade no mapa. Os discípulos, porém, não compreendiam nada disso. A falta de entendimento deles é evidente no próximo incidente registrado.

Certo dia, enquanto viajavam, os doze começaram a discutir sobre “qual deles seria o maior” (Lucas 9:46; veja Mateus 18:1; Marcos 9:34). A discussão pode ter sido causada pela promessa que Jesus fez a Pedro (Mateus 16:19) ou pelo fato de Jesus ter levado consigo somente Pedro, Tiago e João ao topo do monte (Mateus 17:1). O texto não fornece detalhes, mas não há motivos para excluir algum dos apóstolos da discussão—nem mesmo Pedro, Tiago e João, os quais provavelmente supunham que o Senhor consideraria seus nomes para os cargos mais altos do suposto reino terreno²².

Assim que alcançaram seu destino²³, Cristo interrogou-lhes: “De que é que discorriéis pelo caminho?” (Marcos 9:33). Inicialmente, nada responderam (Marcos 9:34), provavelmente porque ficaram desconcertados. Todavia, quando tornou-se óbvio que Jesus sabia exatamente o que estavam a discutir (Lucas 9:47), eles perguntaram: “Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?” (Mateus 18:1; grifo meu).

A Lição Básica sobre as Crianças

J. W. McGarvey escreveu: “Se Jesus quisesse ensinar que Pedro tem alguma primazia, não encontraria oportunidade melhor”²⁴. Ao contrário disso, Cristo usou a ocasião para ensinar uma lição muitíssimo necessária: “se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos... porque aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande” (Marcos 9:35; Lucas 9:48b).

Para comunicar essa mensagem, o grande Mestre usou um recurso visual vivo: “E Jesus, chamando-os para sentarem-se ao redor dele, disse: ‘Quem quer ser o primeiro, seja o último e servo de todos.’” (Lucas 9:48b).

²²Veja mais adiante Mateus 20:21; Marcos 10:37.

²³Cafarnaum (Marcos 9:33). Evidentemente, fizeram mais coisas na viagem pela Galiléia, voltando em seguida para Cafarnaum.

²⁴J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, pp. 430–31.

do uma criança²⁵, colocou-a no meio deles” (Mateus 18:2). “E, tomando-a nos braços” (Marcos 9:36), disse aos discípulos: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus” (Mateus 18:3, 4).

Muitas verdades podem ser extraídas dessas palavras de Cristo. Por exemplo, elas expõem o erro da doutrina de total condenação hereditária: a crença de que uma criança nasce “totalmente condenada” por causa do pecado de Adão. Jesus disse que precisamos nos tornar *como* crianças para entrar no reino. Novamente, as palavras do Senhor mostram a falácia do conhecido batismo infantil: uma criança já está pronta para o reino e não é necessária nenhuma cerimônia inventada por homens para que ela seja preparada.

Cristo, porém, estava enfocando uma verdade em Sua ilustração: a necessidade de termos humildade²⁶, uma disposição para servir no lugar de ser servido. Naqueles dias, as crianças ficavam na extremidade inferior da escala social. Hoje elas geralmente são as primeiras a serem servidas, mas naqueles dias costumavam ser as últimas. O Senhor estava tentando fazer Seus discípulos verem que, para ter algum valor no Seu reino, teriam de se dispor a assumir um papel humilde²⁷.

A humildade é ensinada em todo o Novo Testamento²⁸. Paulo disse: “Nada façais por partidatismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Filipenses 2:3). E Pedro reiterou:

...outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte (1 Pedro 5:5, 6).

Para ser o primeiro, é preciso ser o último! Para ser grande, é preciso ser o menor! Esses princípios eram difíceis para um público do primeiro século entender, quanto mais para aceitar. E são duplamente difíceis hoje neste mundo orgulhoso, de auto-

²⁵Não poderia ser um dos filhos de Pedro?

²⁶A verdadeira humildade encontra-se na qualidade discutida na seção anterior: abnegação. Em termos gerais, as crianças não se classificam utilizando termos inexpressivos como “grande” ou “insignificante”.

²⁷Nos dias seguintes, Jesus advertiu muitas vezes os discípulos contra a ambição egoísta (veja Mateus 23:8–12; Lucas 22:24–27).

²⁸Veja Lucas 14:11; 18:14; Atos 20:19; Efésios 4:2; Colossenses 3:12; Tiago 4:6; 1 Pedro 3:8.

exaltação e autopromoção. Se vocês forem como eu, as palavras de Cristo despertarão em seu coração a oração: “Deus, ajude-me a ser mais humilde. Ajude-me a ser mais parecido com as crianças”.

Lições Secundárias sobre as Crianças

A demonstração visual de Jesus introduziu um discurso contendo uma variedade de ensinamentos que se relacionam direta ou indiretamente às crianças (Mateus 18:5–14; veja especialmente vv. 5, 6, 10 e 14). No desenvolvimento da mensagem, o termo “pequeninos” foi aplicado mais extensamente, incluindo não só as crianças, mas também os discípulos cuja fé era como a das crianças²⁹ (talvez com ênfase especial nos novos convertidos). A maior parte das lições aqui é igualmente aplicável a crianças e a discípulos que são como crianças.

Recebendo os pequeninos (Mateus 18:5; Marcos 9:37; Lucas 9:48–50). Cristo começou esta parte do Seu sermão dizendo que “os pequeninos” devem ser bem-vindos: “Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou” (Marcos 9:37)³⁰. As crianças são especiais. O potencial em cada uma delas—para o bem ou para o mal—é grande. Jamais devemos pensar nelas como estorvos a serem tolerados. Devemos amá-las, orientá-las e tentar protegê-las. Devemos vê-las como personificações da oportunidade. Devemos fazer todo o possível para ensinar e instruir as crianças no caminho certo (Provérbios 22:6).

As palavras de Jesus sobre “receber” pessoas e o uso da expressão “em meu nome” remeteram João a um incidente recente em que ele *não* recebera alguém que estava fazendo uma coisa em nome de Cristo. Como geralmente fazem os estudantes, ele interrompeu seu Mestre: “Mestre, vimos certo homem que, em teu nome, expelia demônios e lho proibimos, porque não segue conosco” (Lucas 9:49).

Quem era esse “certo homem” que João citou? O texto não diz. Visto que esse homem evidentemente expelia demônios, tudo indica que ele não era um falsário—como eram alguns que, posteriormente, tentaram usar o nome de Jesus num exorcis-

²⁹Mateus 18:6 cita os “pequeninos que crêem” em Jesus. Marcos 9:37 parece igualar as boas-vindas a um pequenino com o ato de dar um copo d’água fria a *um discípulo*. A ovelha *perdida* de Mateus 18:12, 13 parece referir-se aos “pequeninos” (v. 14).

³⁰Jesus usara anteriormente as mesmas palavras para se referir às pessoas que recebessem Seus discípulos (Mateus 10:40; veja também João 13:20).

mo (Atos 19:13–16). Convém lembrarmos que Jesus tinha outros discípulos além dos doze (Lucas 6:13) e que os apóstolos não eram os únicos a quem o Senhor concedera poderes miraculosos durante Seu ministério terreno (veja Lucas 10:1, 17).

As palavras chaves da declaração de João podem ser: "...[ele] não segue *conosco*". Em outras palavras, o homem não era um dos doze apóstolos que viajavam com o Senhor naquela ocasião. Lembremos que o cenário dessa discussão foi a ambição invejosa dos apóstolos. Os doze podem ter tido inveja de um outro discípulo de Jesus que, não sendo considerado apóstolo, possuía fé para fazer o que eles foram incapazes de fazer poucos instantes atrás (Mateus 17:16, 19, 20).

Jesus respondeu a João: "Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós é por nós" (Marcos 9:39, 40). A idéia principal do Senhor parece óbvia. Ele estava dizendo, com efeito: "Precisamos de todos os amigos que conseguirmos. Tantos estão falando mal de mim hoje que é revigorante saber que pelo menos um não fará isso"³¹.

Infelizmente, alguns usam o versículo 40—"pois quem não é contra nós é por nós"—para ensinar que Cristo aceita qualquer um que se declare "por" Ele e faça boas obras em Seu nome. Insistem estes que devemos aceitar tais indivíduos—independentemente de obedecerem aos mandamentos de Jesus. Essa interpretação faria o versículo contradizer Mateus 7:21–23:

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.

Marcos 9:40 é o outro lado³² de uma verdade anunciada anteriormente pelo Senhor: "Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha" (Mateus 12:30). Quando as duas passagens são colocadas lado a lado, elas declaram a impos-

³¹"Quem não é inimigo declarado pode ser considerado amigo." Robert L. Thomas, ed., e Stanley N. Gundry, ed. ass., *A Harmony of the Gospels* ("Harmonia dos Evangelhos"). Chicago: Moody Press, 1978, p. 125.

³²Poderíamos dizer "o lado B", ou seja, o menos importante.

sibilidade de uma pessoa ser neutra em relação a Jesus.

Em Marcos 9:41 Jesus retomou o tema das boas-vindas, porem aplicando o tópico agora aos Seus apóstolos: "Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão" (Marcos 9:41). Quando o Senhor fez essa afirmação, Ele não estava enumerando todos os requisitos da salvação num único versículo e num único ato. Se Ele estivesse fazendo isso, poderíamos dispensar o convite para crer e ser batizado (Marcos 16:15, 16; Gálatas 3:26, 27); poderíamos apenas dar copos d'água a pessoas e incentivá-las a dar água para os cristãos. Jesus só estava afirmando que Deus Se agrada quando as pessoas incentivam os que usam o Seu nome.

Revitalizando os pequeninos (Mateus 18:6–10; Marcos 9:42–50). Cristo voltou, então, para o tema dos "pequeninos": "Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar" (Mateus 18:6; veja Marcos 9:42). A palavra grega traduzida por "pedra de moinho" referia-se a uma pedra tão enorme que era movida por um jumento. Ser afogado no mar sob tamanho peso³³ seria uma tragédia, mas não tão grande quanto a tragédia que aguarda os que fazem "os pequeninos" tropeçar.

O ensino é o mesmo aplicando-se o termo "pequeninos" a crianças, a novos convertidos ou a cristãos em geral: devemos nos esforçar para jamais fazer algo que influencie outro a errar (veja Romanos 14:13, 21). Um "ai" é pronunciado sobre aquele que causar esses tropeços (Mateus 18:7).

As palavras de Jesus evocam um auto-exame: estamos fomentando algo que poderia prejudicar a nós e a outros? Se estivermos, isso deve ser arrancado de nossas vidas:

E, se tua mão te faz tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo inextinguível... E, se teu pé te faz tropeçar, corta-o; é melhor entrares na vida aleijado do que, tendo os dois pés, seres lançado no inferno... E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois seres lançado

³³Na antiguidade, algumas civilizações administravam a pena capital amarrando homens a pedras de moinhos e lançando ambos ao mar. Em tempos mais recentes, *gangsters* norte-americanos faziam isso com indivíduos atirando-os em rios, lagos e mares.

no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga³⁴ (Marcos 9:43–48).

Jesus usou antes uma terminologia semelhante no sermão do monte (veja Mateus 5:27–30)³⁵. O Senhor não estava incentivando a mutilação do corpo, mas a purificação da alma. Qualquer coisa presente em nossas vidas, que estimule ao mal—por mais preciosa que seja—deve ser implacavelmente aniquilada.

Jesus, falando do inferno, “onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga”, acrescentou estas inesperadas palavras: “Porque cada um será salgado com fogo” (Marcos 9:49)³⁶. Ele já usara a figura do sal antes (Mateus 5:13)³⁷ referindo-se a um agente conservante. A idéia de conservação ou preservação provavelmente também está em vista aqui: os ímpios serão “conservados” no fogo do inferno; ou seja, jamais morrerão. A certeza de ser preservado no céu é um pensamento glorioso; a idéia de ser preservado no inferno é incomparavelmente horrível.

No versículo seguinte, Cristo deu uma outra perspectiva à imagem do sal: “Bom é o sal; mas, se o sal vier a tornar-se insípido, como lhe restaurar o sabor? Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros” (Marcos 9:50). O Senhor estava repetindo a verdade declarada no sermão do monte (Mateus 5:13), acrescentando esta aplicação: se eles continuassem discutindo entre si (Lucas 9:46), perderiam seu poder de salgar; não poderiam ser “o sal da terra”. Precisavam aprender a “ter paz uns com os outros”, assim como você e eu precisamos ter paz um com o outro!

³⁴Evidentemente, Jesus está usando uma linguagem figurada para descrever o inferno (*gehena*): vermes literais não sobrevivem ao fogo literal. É de consenso geral que as figuras dos vermes (larvas) e do fogo provinham do depósito de lixo ao sul de Jerusalém chamado vale de Hinom, ou Bem-Hinom (veja 2 Crônicas 28:3; 33:6; Neemias 11:30; Jeremias 7:31, 32; 19:2, 6; 32:35). A figura de vermes provavelmente refere-se ao tormento eterno de uma consciência culpada (Lucas 16:25–28), enquanto a figura do fogo refere-se à agonia de estar eternamente separado da presença de Deus (2 Tessalonicenses 1:9).

³⁵Veja a exposição sobre esta passagem na página 40 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

³⁶A ERC acrescenta: “e cada sacrifício será salgado com sal”. Essas palavras não constam na maioria dos manuscritos mais antigos, mas reforçam o conceito de preservação: na época do Antigo Testamento, o sal da aliança (Levítico 2:13) purificava e conservava o sacrifício.

³⁷Reveja a lição “Vocês valem mais do que pensam”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

*Respeitando os pequeninos (Mateus 18:10)*³⁸. Mais uma vez, Jesus voltou ao tema dos “pequeninos”: “Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêm incessantemente a face de meu Pai celeste” (Mateus 18:10). A palavra grega traduzida por “desprezeis” é uma combinação dos vocábulos equivalentes a “para baixo” e “mente”. Significa “subestimar” ou “menosprezar” outro indivíduo. Jamais devemos menosprezar as crianças... nem um novo convertido... nem qualquer outro filho de Deus. Cada um é precioso aos olhos de Deus.

A última parte do versículo 10 é fascinante e ao mesmo tempo intrigante: “porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêm incessantemente a face de meu Pai celeste”. Estas poucas palavras incitaram as incontáveis resmas escritas sobre “anjos da guarda”. A Bíblia de fato ensina que os anjos são “espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que não de herdar a salvação” (Hebreus 1:14). Além disso, citando McGarvey, este versículo sugere que “a ministração dos anjos não é só geral, mas também é especial, sendo que alguns anjos foram incumbidos de cuidar de determinados indivíduos”³⁹. Qualquer coisa além dessas verdades gerais é mera especulação.

O fato de crianças morrerem todos os dias, às vezes de maneiras horríveis, deveria ser o suficiente para nos convencer de que os “anjos da guarda” não estão autorizados a interferir nas leis naturais de Deus. De fato, o teor geral da Palavra de Deus sugere que a principal preocupação deles não é com a morte física, mas com o bem-estar espiritual. Certamente faríamos bem em considerar Mateus 18:10 como mais uma simples prova de que Deus cuida dos Seus e parar por aí (1 Pedro 5:7; veja Ezequiel 34:12).

Restaurando os pequeninos (Mateus 18:12–14). O Senhor concluiu Seu ensino sobre “os pequeninos” com uma ilustração conhecida à maioria de nós:

Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou? E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos (Mateus 18:12–14).

³⁸A ERC acrescenta o versículo 11 sem inseri-lo entre colchetes por não constar dos manuscritos mais antigos. Encontraremos essas palavras mais adiante, em Lucas 19:10.

³⁹McGarvey e Pendleton, p. 434.

Mais tarde, Jesus juntou a figura de uma ovelha perdida com as figuras de uma moeda perdida e um filho perdido para compor um dos capítulos mais memoráveis da Bíblia: Lucas 15. A idéia principal aqui é a mesma desse capítulo: Deus “é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pedro 3:9).

Novamente, a aplicação pode ser feita a uma diversidade de “pequeninos”: criancinhas crescem e se dispersam nas montanhas do pecado (Romanos 3:23); precisamos trazê-las brandamente de volta ao Senhor. Um novo convertido—ou um velho convertido—pode desviar-se da fé (veja Hebreus 2:1); precisamos “corrigi-lo com espírito de brandura” (Gálatas 6:1; veja Tiago 5:19, 20).

CONCLUSÃO

O discurso de Jesus não terminara ainda. Como veremos, Ele foi muito específico em relação ao relacionamento entre irmãos na fé (Mateus 18:15–35). Teremos de esperar até a próxima lição para discutir esse assunto vital.

Retomemos, por ora⁴⁰, a afirmação de Jesus em Mateus 18:3 e 4: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus”. Esta lição nos mostrou que, sem nos humilharmos como uma criança, não poderemos ser *grandes* no reino; por isso convém destacar que ninguém pode *entrar* no reino sem ter esse tipo de humildade.

Alguns são orgulhosos demais para admitir que estão perdidos no pecado; alguns são orgulhosos demais para reconhecer que precisam de Jesus; alguns são orgulhosos demais para sujeitar-se à vontade dEle sendo batizados. Esse tipo de orgulho destruirá muitas almas! Oramos para que esse orgulho danoso não dirija a sua vida⁴¹. Se você precisa fazer a vontade do Senhor, jogue fora o seu orgulho e faça isso hoje mesmo!

⁴⁰O espaço não nos permite fazer uma revisão dos pontos principais da lição a esta altura; mas, se quiser, faça essa revisão com seus ouvintes.

⁴¹Aqui está uma amostra de passagens do Novo Testamento sobre orgulho: Romanos 1:30; 2 Timóteo 3:2; Tiago 4:6; 1 João 2:16.

“Ajuda-me na minha falta de fé!”

Mateus 17:14-20
Marcos 9:14-29
Lucas 9:37-43
Olhando de perto



Muitos de nós conseguimos nos identificar com vários personagens bíblicos que tiveram dificuldades em sua caminhada com Deus. Elias, por exemplo, enfrentou o desânimo (1 Reis 19:10). Jeremias chorou porque sentiu que seu trabalho era totalmente infrutífero (Jeremias 9:1; 13:17). E o apóstolo Pedro pode contar com a solidariedade de muitos que também falam antes de pensar (Lucas 9:33). Próximo ao topo da lista desses personagens populares poderíamos colocar o pai que disse a Jesus: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!” (Marcos 9:24). Quando esse homem pediu ao Senhor que curasse seu filho, Cristo respondeu: “Tudo é possível ao que crê” (Marcos 9:23). Foi nesse instante que o homem exclamou: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!”

Nenhum tópico é mais fundamental no cristianismo do que a fé—e nenhuma necessidade é mais crucial do que fortalecer a fé. Paulo escreveu:

Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, *de fé em fé*, como está escrito: O justo viverá por fé (Romanos 1:16, 17; grifo meu).

A NVI diz “uma justiça que *do princípio ao fim* é pela fé” (grifo meu). Uma outra possível tradução seria “a justiça de Deus começa e termina com fé”.

“Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6a). “Pela graça sois salvos, mediante a fé” (Efésios 2:8a). Trilhamos a jornada cristã “por fé e não pelo que vemos” (2 Coríntios 5:7). A fé é o escudo que nos protege do diabo (Efésios 6:16). A fé “é a vitória que vence o mundo” (1 João 5:4b). O resultado final da fé será “a salvação” de nossas almas (1 Pedro 1:9).

Enquanto estivermos refletindo na importância da fé, pode ser que também sejamos tentados a exclamar: “Nós cremos; ajuda-nos na nossa falta

de fé!” Neste sermão sobre o primeiro homem que fez esse pedido, analisaremos os fatores que enfraquecem a fé. Acima de tudo, queremos aprender a fortalecer a nossa fé.

UMA PROVA DE FÉ (MATEUS 17:14-18; MARCOS 9:14-27; LUCAS 9:37-43)

No início da história, Jesus, Pedro, Tiago e João haviam acabado de descer do monte da transfiguração, indo do topo do monte de paz para o vale do conflito. Assim é a vida, e é assim que Deus planejou. A exemplo de Pedro, também preferiríamos habitar no topo do monte com o Senhor (Mateus 17:4), mas a vida precisa ser vivida onde as pessoas—e os problemas—estão.

Quando Cristo e Seu pequeno grupo chegaram ao lugar onde deixaram os outros nove apóstolos, “viram... que os escribas discutiam com eles” (Marcos 9:14). Os escribas provavelmente estavam testando as credenciais de Jesus e a legitimidade do Seu ministério. Uma multidão curiosa observava o debate, aquele tipo de observadores mórbidos que se aglomeram ao redor de colisões de automóveis e outros desastres¹!

Um Menino Frágil

Jesus perguntou qual era o problema (Marcos 9:16). Ele sabia qual era a situação, mas quis desviar a atenção para Si aliviando Seus discípulos humi-

¹Marcos 9:15 diz que “logo toda a multidão, ao ver Jesus, tomada de surpresa, correu para ele e o saudava”. Não devemos pensar que ficaram surpresos por que alguma coisa na pessoa de Cristo revelava que Ele fora transfigurado (como ocorreu com a face resplandecente de Moisés, quando ele desceu do monte). O que aconteceu no monte da transfiguração deveria permanecer em segredo até aquele momento (Marcos 9:9). O povo pode ter ficado surpreso porque não esperava que Jesus voltasse tão rapidamente.

lhados. Um homem saiu da multidão. Caindo aos pés de Cristo, ele clamou: “Senhor, compadece-te de meu filho” (Mateus 17:15a).

O filho daquele homem—seu único filho (Lucas 9:38)—estava terrivelmente mal: o garoto não falava nem ouvia² (Marcos 9:17, 25). Estava endemoninhado (Mateus 17:18; Lucas 9:39, 42). O demônio jogava-o ao chão, onde ele ficava se contorcendo, rangendo os dentes e espumando (Marcos 9:18; Lucas 9:39). Por causa do demônio, ele se atirava ao fogo e à água (Mateus 17:15; Marcos 9:22)³.

O pai descreveu o menino usando o termo “lunático” (Mateus 17:15) por causa de uma antiga superstição de que as crises seriam causadas pela lua. Devido ao sentido moderno que a palavra adquiriu (“louco”), algumas versões substituíram o termo por “epilético”. Esses tradutores optaram por esse termo provavelmente porque muitos dos sintomas do menino remetem a ataques de epilepsia. Entendamos, porém, que os sintomas não adivinham de uma “atividade elétrica anormal no cérebro” responsável por ataques epiléticos⁴, mas decorriam da possessão demoníaca (Mateus 17:18; Marcos 9:25; Lucas 9:42⁵).

Um Professor Frustrado

O Senhor ficou incomodado com a cena diante de Seus olhos: a multidão aborrecida, os escribas agressivos, os discípulos confusos e o pai desorientado. Temos aqui um raro vislumbre da humanidade de Jesus quando Ele exclamou: “Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até

quando vos sofrerei?”⁶ (Mateus 17:17a)⁷. Quando ouvimos Jesus questionar: “Até quando estarei convosco?”, partilhamos do peso imposto à Sua carne e do Seu anseio por voltar ao Pai. Quando O ouvimos perguntar: “Até quando terei que suportá-los?” (NVI), sentimos Sua frustração ao tentar comunicar-Se com seres humanos presos à carne e cegos pelo preconceito.

Alguns identificam “a geração incrédula e perversa” com um segmento do grupo com quem Cristo falava. Não vemos razão para excluir qualquer um dos presentes: os escribas não tinham fé, a multidão tinha uma fé ambivalente, os discípulos tinham uma fé vacilante e o pai, uma fé abalada⁸. Todos eram exemplos típicos de uma “geração incrédula” e da geração na qual vivemos hoje.

Jesus respondeu ao apelo do pai, não “segundo a pobreza da... fé humana, mas segundo a riqueza da Sua graça”⁹ (veja Efésios 1:7). Ele disse ao pai do garoto: “Traz o teu filho” (Lucas 9:41b; veja também Mateus 17:17b; Marcos 9:19b).

Um Pai Vacilante

Enquanto levavam o menino até Jesus, o demônio fez o garoto entrar em convulsão. O jovem, “caindo... por terra, revolvendo-se espumando” (Marcos 9:20). O Senhor perguntou ao pai qual era o estado do menino (Marcos 9:21)—não porque Ele precisasse saber, mas porque o pai precisava entender sua desesperança sem Cristo. A resposta do pai terminou com estas palavras: “Mas, se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós¹⁰ e ajuda-nos” (Marcos 9:22b).

É razoável imaginarmos os olhos de Jesus fazendo enquanto Ele ecoava as palavras do homem: “Se podes!” (Marcos 9:23a). O pai obviamente havia se aproximado de Jesus com fé, esperando que o Senhor curasse seu filho. Todavia, o fracasso dos discípulos, seguido pelo ataque dos escribas, desva-

²O menino podia gritar (Lucas 9:39), mas não articulava palavras. Há algum indício de que ele talvez sofresse de males físicos além da possessão demoníaca: o texto usa as palavras “curado” e “curou” (Mateus 17:18; Lucas 9:42), normalmente usadas nos relatos do evangelho para curas físicas, e não para expulsão de demônios.

³Na maioria das casas se fazia uma pequena fogueira no chão e muitos ribeiros não tinham pontes. Era simples para o demônio fazer o menino cair sobre fogo e água. O pai disse que a intenção do demônio era destruir seu filho (Marcos 9:22); o mais provável é que o propósito daquele espírito maligno fosse torturar o menino. Os demônios aparentemente precisavam de um hospedeiro vivo para nele habitar. (Veja os comentários sobre Mateus 8:31, Marcos 5:12 e Lucas 8:32 nas páginas 18 e 23 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.)

⁴Charles B. Clayman, ed. médico, *The American Medical Association Home Medical Encyclopedia*, vol. 1, v.v. “Epilepsy” (“Epilepsia”).

⁵Uma multidão supersticiosa pode ter entendido mal a natureza exata da aflição do menino, mas homens inspirados disseram que o garoto estava possesso de um espírito imundo. Isto põe fim à questão para todos que acreditam na inspiração.

⁶É fácil nos solidarizarmos com o Senhor. Se você jamais disse isso, deve ter ao menos pensado: “Até quando terei de agüentá-los?” (NTLH).

⁷Muitos comentaristas percebem declarações semelhantes no Antigo Testamento (veja Números 14:27; Deuteronômio 32:5, 20; Salmos 95:10).

⁸O único presente que cria em Cristo sem questionar era o demônio... mas ainda não vamos falar dele.

⁹R. Alan Cole, *The Gospel According to Mark* (“O Evangelho Segundo Marcos”), ed. rev., Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., p. 216.

¹⁰Observemos a palavra “nós”. Qualquer pai com um filho doente sabe que a doença afeta mais pessoas além da criança; afeta toda a família.

neceu-lhe a fé. Seu pedido estava agora manchado de dúvida: “Se podes...”

Jesus lhe respondeu: “Tudo é possível ao que crê” (Marcos 9:23b). Cabem aqui duas observações sobre esta poderosa declaração. De um lado, a maioria entende que esta declaração demanda alguma qualificação. Seria ridículo afirmar que os homens de fé possuem poderes ilimitados, incondicionais. Por outro lado, não devemos minimizar o que um homem de fé é capaz de realizar. William Barclay escreveu: “Aproximar-se de qualquer coisa num espírito de desesperança é tornar essa coisa sem esperança; aproximar-se de qualquer coisa num espírito de fé é tornar essa coisa uma possibilidade”¹¹. Ele sugeriu a necessidade de termos “um senso do possível”¹².

Após Cristo dizer: “Tudo é possível ao que crê”, “imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!” (Marcos 9:23b, 24). Há uma súplica ardente implícita nessas palavras: “É verdade que a minha fé não é o que deveria ser, mas não penalize meu filho por isso. Por favor, ajude-o!”

Uma Demonstração de Fé Inspiradora

Jesus virou-Se para o menino e “repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo¹³, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais¹⁴ tornes a ele” (Marcos 9:25). O demônio não saiu calmamente. Ele clamou e agitou muito o menino deixando-o “como se estivesse morto” (v. 26a). R. Alan Cole chamou essa demonstração de “a raiva impotente de [um] inimigo derrotado”¹⁵. Por fim, o demônio “saiu” com relutância (v. 26b).

O menino, maltratado e exausto, ficou deitado no chão inerte. Ele parecia “morto, a ponto de muitos dizerem: Morreu” (v. 26c). “Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou” (v. 27). A seguir, ocorreu o comovente momento em que Cris-

¹¹William Barclay, *The Gospel of Mark* (“O Evangelho de Marcos”), ed. rev. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 218. Ao comentar o poder da fé, tenha cuidado para não enfatizar a fé mais do que o objeto da fé. Alguns dos livros mais vendidos no passado concentravam-se mais na fé do indivíduo do que no poder de Deus.

¹²Ibid. Barclay citou o líder político italiano Camillo Benso di Cavour (1810–61), o qual dizia que chefes de estado precisavam ter esse senso.

¹³Marcos 9:25a diz que Jesus fez isto “vendo que a multidão concorria”. Isto pode indicar que Jesus teria chamado de lado o pai e o menino para evitar qualquer publicidade inconveniente. Alguns pensam o contrário: que Cristo fez o milagre para instilar fé na multidão ao redor.

¹⁴A ordem “nunca mais tornes a ele” deve ter sido um conforto para o pai: a tragédia não se repetiria.

¹⁵Cole, p. 216.

to “o entregou a seu pai”¹⁶ (Lucas 9:42). Os homens haviam fracassado, mas Jesus não. Burton Coffman comentou o seguinte sobre esse momento:

Aqui está uma profecia que vale para todos os tempos e pela eternidade. Gerações podem se levantar e rejeitar o Senhor; incrédulos podem permanecer inflexíveis e arrogantes; e até os discípulos do Senhor podem se ver impotentes para lidar com problemas da vida, por negligenciarem eles próprios coisas espirituais; todavia, Cristo e Sua santa fé sempre serão bem-sucedidos. “As portas do inferno” jamais prevalecerão...¹⁷

Mais uma vez Cristo glorificou o Pai: todos “ficaram maravilhados ante a majestade de Deus” (Lucas 9:43).

O PODER DA FÉ

(MATEUS 17:19–21; MARCOS 9:28, 29)

Quando Jesus e Seus discípulos estavam a sós, estes Lhe perguntaram: “Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo [o demônio]?” (Mateus 17:19; veja Marcos 9:28)¹⁸. Deviam estar sinceramente confusos. Cristo dera a cada um “autoridade sobre espíritos imundos para os expelir” e instruíra todos especificamente a “expelir demônios” (Mateus 10:1, 8; veja Marcos 6:7). Haviam feito isso; Marcos registrou que “expeliam muitos demônios” (Marcos 6:13a). Por isso, quando aquele pai desesperado surgiu, não esperavam encontrar dificuldades. Podemos imaginar os discípulos dizendo confiadamente: “Jesus não está aqui neste momento, mas não se preocupe; cuidaremos de tudo! Traga o seu filho até nós!” Também podemos visualizar os apóstolos tentando uma, duas, várias vezes expelir o demônio sem sucesso.

Falta de Fé

Jesus explicou por que os esforços dos discípulos mostraram-se ineficazes: “Por causa da pequenez da vossa fé”¹⁹ (Mateus 17:20a). Os apóstolos possuíam um pouco de fé, ou não teriam tentado curar o menino; mas de alguma forma faltava-lhes a fé. O Senhor continuou: “Pois em verdade vos digo

¹⁶Compare este versículo com Lucas 7:15.

¹⁷James Burton Coffman, *Commentary on Luke* (“Comentário sobre Lucas”). Abilene, Tex.: ACU Press, 1975, p. 186.

¹⁸Marcos 9:28 diz: “Quando entrou em casa”. Isto levou alguns a concluir que Jesus e Seus discípulos estavam de volta a Cafarnaum (veja Marcos 2:1). Obviamente, poderia ser uma casa em qualquer outro lugar.

¹⁹A ERC diz semelhantemente: “Por causa da vossa pequena fé”. Jesus repreendia os discípulos com frequência por causa da “pequena fé” deles (veja Mateus 6:30; 8:26; 14:31; 16:8).

que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte²⁰: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível²¹ (Mateus 17:20b²²).

A ilustração do monte usada por Cristo já fascinou e confundiu muitos. Ele tornaria a usar essa mesma ilustração para reforçar a importância de orar com fé (Mateus 21:21, 22; Marcos 11:22–24)²³. Alguém contou a história de uma mulher de idade que tinha de subir um morro para pegar água num poço. Depois de ler essas passagens, ela orou: “Ó Deus, eu creio! Retire, por favor, esse morro!” Quando olhou para o alto após orar, ela exclamou: “Como eu esperava! Ele ainda está lá!” Reiterando o óbvio, a oração daquela mulher dificilmente pode ser considerada uma oração de fé.

No mínimo, estaríamos cometendo uma injustiça com essa passagem, se pensássemos em termos físicos e geológicos. Nada indica que Jesus e Seus discípulos tenham alguma vez tentado remover uma montanha física. Haveria pouco proveito em incluir tal milagre na agenda espiritual do Senhor.

As montanhas eram comumente usadas como figuras de discurso nos dias de Cristo. Uma montanha era o maior objeto conhecido pelas pessoas. Nós utilizamos um simbolismo semelhante quando dizemos que temos “um monte de trabalho” para fazer²⁴.

Entre os judeus, “remover um monte” era uma expressão conhecida que equivalia a superar obstáculos (veja Isaías 40:4; 49:11; 54:10). Os rabinos usavam a expressão para se referir a remoção de barreiras que pareciam intransponíveis²⁵. É bastante possível que seja esse o sentido da expressão em Mateus 17. Observemos o seguinte: livrar-se de montanhas de terra e pedra é fácil comparado a administrar certas “montanhas” que a vida coloca em nosso caminho. Dê-me o equipamento próprio para

²⁰Jesus havia acabado de descer do monte da transfiguração. Provavelmente, Ele apontava para esse monte enquanto dizia: “este monte”.

²¹Veja os comentários sobre as palavras “nada vos será impossível”, numa promessa semelhante em Marcos 9:23, comentada anteriormente neste sermão.

²²A ERC insere o versículo 21 sem colchetes, mas ele não se encontra na maioria dos manuscritos mais antigos: “Mas esta casta [de demônios] não se expulsa senão pela oração e pelo jejum”. Comentaremos este trecho quando estudarmos Marcos 9:29 mais adiante neste sermão.

²³Paulo também usou uma figura de discurso semelhante em 1 Coríntios 13:2.

²⁴As donas de casa podem se identificar com as expressões “montanhas de louças na pia” ou “montanha de roupas para passar”.

²⁵Consulte mais sobre essa expressão em comentários bíblicos diversos sobre o Evangelho de Mateus.

cavar terra, um pessoal para usar esse equipamento e nenhum prazo predeterminado e poderei remover praticamente qualquer monte físico. Todavia, não posso ter essa mesma autoconfiança em relação às inúmeras montanhas de dificuldade que povoam a paisagem da humanidade.

Os apóstolos enfrentariam montes assustadores de dor e perseguição (veja Mateus 5:11; Atos 8:1, 3). Eles não precisavam certificar-se de que seriam capazes de livrar-se dos grandes rochedos plantados sobre a terra; mas precisavam de fato saber que, com a ajuda do Senhor, seriam capazes de vencer os montes levantados por Satanás e por homens com o propósito de desanimá-los.

Cristo estava garantindo a Seus seguidores que eles seriam capazes de vencer qualquer dificuldade se—se tivessem a fé do tamanho de um grão de mostarda. A semente de mostarda, uma das menores, foi usada várias vezes por Jesus como um símbolo de algo demasiadamente pequeno (Mateus 13:31; Lucas 13:19; 17:5, 6). O contraste exposto em Mateus 17:20 era entre uma das menores coisas conhecidas pelos ouvintes de Jesus (uma semente de mostarda) e uma das maiores coisas (um monte). Com isto o Senhor enfatizou o notável poder da fé.

Entretanto, Cristo não tinha só o tamanho em mente quando usou a semente de mostarda como ilustração. No original grego, assim como na ERA, de fato nem aparece a palavra “tamanho”; mas apenas a expressão “fé como um grão de mostarda”. A semente de mostarda possui várias qualidades relacionadas à fé que devemos ambicionar. Por exemplo:

- A semente de mostarda é pequena, mas é real.
- A semente de mostarda é pequena, mas é viva, assim como nossa fé deve ser viva (veja Tiago 2:26).
- A semente de mostarda é pequena, mas tem grande potencial (veja Lucas 13:19).
- A semente de mostarda é pequena e frágil, mas aceita espontaneamente²⁶ a força do solo que a cerca.

A quarta qualidade é a mais crucial, relevante. O *tamanho* da nossa fé não é absolutamente tão importante quanto o *foco* da nossa fé. Paulo disse: “Tudo

²⁶Usamos aqui uma figura de discurso. Aquilo que a semente de mostarda faz *naturalmente* nós devemos fazer *espontaneamente*.

posso...” (Filipenses 4:13a). Isto se parece muito com “tudo é possível ao que crê” (Marcos 9:23b). Prestemos, porém, muita atenção ao final da declaração de Paulo: “Tudo posso *naquele que me fortalece*” (grifo meu). O que nos dá força não é a nossa fé tanto quanto Aquele em quem cremos. Imaginemos que estamos descendo uma rua e chegamos a uma ponte sobre um espumoso rio. Só atravessaremos essa ponte se *acreditarmos* que ela suportará o nosso peso. Entretanto, enquanto estivermos andando por cima dela, será a nossa fé na ponte ou será a própria ponte que nos sustentará? Vejamos a idéia principal por trás disto: não devemos nos preocupar mais com o tamanho da nossa fé do que com o que ou em quem cremos.

A declaração de Jesus de que “tudo é possível ao que crê” deve ser analisada juntamente com a declaração que Ele fez em seguida: “*para Deus* tudo é possível” (Mateus 19:26; grifo meu). Não há poder sem a Fonte do poder. Paulo escreveu: “...sei em quem tenho crido e estou certo de que *ele é poderoso...*” (2 Timóteo 1:12; grifo meu). Hugo McCord traduziu assim a primeira parte desse versículo: “Eu conheço *aquele* em quem tenho confiado...”²⁷.

Um Lapso na Oração

Tenhamos todos esses dados em mente enquanto analisamos a resposta de Jesus aos apóstolos, conforme Marcos a registrou. Segundo esse escritor, quando os discípulos perguntaram por que não puderam expelir o demônio, o Senhor respondeu: “Esta casta²⁸ não pode sair senão por meio de oração²⁹” (Marcos 9:29). Se isolássemos essa declaração, teríamos a impressão de que os apóstolos não expulsaram o espírito mau porque não oraram enquanto tentavam fazer a expulsão. Revendo, porém, a narrativa, confirmaremos que o próprio *Jesus* não proferiu uma oração antes de exorcizar o demônio. Mas Ele havia passado a noite em comunhão com Deus no monte (veja Lucas 9:28) antes de ordenar que o espírito deixasse o menino.

²⁷Hugo McCord, *McCord's New Testament Translation of the Everlasting Gospel* (“Tradução do Novo Testamento do Eterno Evangelho por McCord”). Henderson, Tenn.: Freed-Hardeman University, 1988, p. 207 (grifo meu).

²⁸Alguns escritores acreditam que a expressão “esta casta” indica que alguns demônios eram mais fortes do que outros. Uma coisa é certa: o demônio que possuía o menino não saiu mansamente como outros relatados em outras passagens já estudadas.

²⁹A ERC inclui “e jejum” sem utilizar os colchetes que indicam que os termos não constam em muitos dos manuscritos mais antigos.

O mais provável é que a referência à oração indique que os apóstolos estavam negligenciado uma vida de oração em geral. Orar não é dizer “palavras mágicas” que façam acontecer coisas extraordinárias; orar é reconhecer nossa dependência do Criador do universo. Muitos escritores estão convencidos de que a razão do fracasso dos apóstolos foi transferirem a fé em Deus para sua própria capacidade de expelir demônios. John Franklin Carter sugeriu que eles estavam “demasiadamente autoconfiantes em vez de estarem conscientemente confiantes em Deus”³⁰. Assim como Sansão, eles partiram para o combate, sem saber que seu poder havia se extinguido (Juízes 16:20).

Como é fácil isto acontecer a cada um de nós! Deus nos dá dons e abençoa nossos esforços, e não demora muito para acreditarmos em *nosso* poder de raciocínio, nossa sabedoria para tomar decisões e nossa capacidade de realizar. Quando isso acontecer, o desastre espiritual não estará muito longe!

É preciso alimentar constantemente a fogueira para que ela permaneça acesa³¹. É preciso recarregar repetidas vezes a bateria para que ela continue fornecendo energia. Se quisermos ter vidas espirituais fortes, temos de renovar regularmente nosso relacionamento com o Senhor! Tiago disse: “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros” (Tiago 4:8a). O profeta Isaías escreveu que “os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam” (Isaías 40:31).

A FONTE DA FÉ

Tendo analisado a narrativa, reservemos um momento para uma aplicação pessoal³².

Fontes de Dúvida

A primeira coisa que se destaca nesse relato é que várias pessoas envolvidas na situação tinham dificuldade para ter fé, inclusive o pai e os apóstolos. As pessoas se esforçam para ter fé hoje também. Algumas razões para essa dificuldade encontram-se no texto.

O problema do mal. Provavelmente a razão número um para as pessoas duvidarem é o fato de já terem visto coisas ruins acontecerem com pessoas

³⁰John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 176.

³¹Pense numa fogueira de lenha.

³²Parte do material desta seção baseia-se no sermão de Rick Atchley, “Descendo o Vale”, pregado na igreja de Cristo Southern Hills, Abilene, Texas, no dia 11 de setembro de 1988.

boas. Neste incidente, não há indícios de que o menino fizera alguma coisa para merecer aquela terrível aflição. Não existe uma resposta rápida para explicar por que coisas ruins acontecem com pessoas boas³³, mas há dois aspectos na história dignos de nota: 1) no final, tudo se reverteu em bem e 2) Jesus usou a ocasião para glorificar Seu Pai (Lucas 9:43)³⁴.

A impotência dos discípulos. Os apóstolos falharam onde deveriam ser bem-sucedidos. As pessoas às vezes ficam desiludidas com as deficiências dos cristãos e deixam que isso influencie sua fé em Deus. Todos nós precisamos entender que nossa confiança não deve estar em homens, que inevitavelmente nos decepcionarão, mas naquele que nunca abandona os que O buscam (Salmos 9:10).

Os ataques do mundo. A fé do pai foi enfraquecida não só pelo fracasso dos discípulos, mas também pelo ataque dos escribas. Para cada púlpito que proclama a fé, Satanás tem mil maneiras de despertar dúvidas—e isto afeta negativamente as massas. Temos de aprender a tapar os ouvidos para os mensageiros do ceticismo e abri-los para os evangelistas da certeza.

A realidade do nosso ego. A repreensão de Jesus ao pai levou-o a um auto-exame, fazendo-o admitir sua falta de fé. Se formos honestos conosco mesmos, reconheceremos que não somos o que deveríamos ser. Essa realidade atrapalha alguns de nós mais do que outros fatores juntos. O desânimo pode levar ao desespero, que por sua vez produz dúvida. Convém ressaltarmos uma afirmação feita anteriormente: Jesus não respondeu ao pai segundo a pobreza de sua fé, mas segundo a riqueza de Sua graça. Apegue-nos a essa verdade quando estivermos desanimados.

Estes e outros fatores abalam a fé de muitos. Talvez até nós já tenhamos sido afetados por eles. O escritor John Westerhoff descreveu quatro estilos de fé³⁵, que podem ser descritos como níveis de fé: 1) *A fé vivenciada* é a fé dos filhos, a fé que eles experimentam com seus pais e outras pessoas. 2) *A fé*

associativa é a fé de filhos mais velhos e de muitos adultos, a dose de fé que provém da associação com outras pessoas que têm fé. 3) *A fé desbravadora* é a fé que interroga, a fé que se esforça para ser uma fé pessoal. 4) *A fé adquirida* é a fé pessoal, a fé que se desenvolveu com sucesso além do nível três. Dizem que setenta por cento dos indivíduos nunca passam do nível dois. Também dizem que se o indivíduo não ultrapassar o nível dois, num dado momento de sua vida, algum acontecimento abalará sua fé³⁶, fazendo-o abandonar o relacionamento com o Senhor.

Independentemente de aderirmos a estas conclusões, podemos concordar com o fato de que a fé tem que crescer—e que muitos de nós ainda temos um longo caminho a percorrer. As palavras do pai do menino ainda nos assombram: “Eu creio. Ajudame na minha falta de fé”.

Fontes de Fé

Como ajudar os “incrédulos”? O que faz a nossa fé crescer? O ponto de partida é reconhecer tal necessidade como fez o pai do menino, mas qual é o próximo passo? Usando o texto bíblico que estudamos, vamos procurar por fontes de fé.

Aprendizado. Uma das razões por que Jesus expeliu o demônio foi neutralizar a incredulidade que Ele viu. Quando o garoto restabeleceu-se, as pessoas “ficaram maravilhadas ante a majestade de Deus” (Lucas 9:43a). Cristo não está andando entre nós hoje, realizando milagres, mas ainda temos o registro inspirado de Seus feitos maravilhosos. João escreveu:

Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (João 20:30, 31; grifo meu).

A resposta definitiva sobre como edificar a fé é: “estude a Palavra, especialmente a palavra sobre Jesus”. Na noite anterior à Sua morte, Cristo orou pelos apóstolos e pelos que viessem a crer nEle, “por intermédio da sua palavra [a palavra deles]” (João 17:20; grifo meu). Paulo escreveu: “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Romanos 10:17). A expressão “palavra de Cristo” pode significar “mensagem sobre Cristo”³⁷.

³⁶O acontecimento pode ser causado por um professor agnóstico numa escola secular ou uma tragédia pessoal (a morte de um filho, por exemplo). Personalize os exemplos à realidade dos seus ouvintes.

³⁷Essa é a tradução da New Century Version, uma versão inglesa da Bíblia.

³³Este assunto pode ser discutido demoradamente, mas isto ultrapassaria o escopo desta lição.

³⁴Se quiser, acrescente algumas idéias a isso, observando que o próximo fato cronológico foi Cristo anunciando Sua morte, sepultamento e ressurreição (Lucas 9:43, 44). A cruz nos garante que Deus nos ama, independentemente dos problemas que nos sobrevenham. A ressurreição nos garante que, no final, o mal será vencido!

³⁵John H. Westerhoff III, *Will Our Children Have Faith?* (“Haverá fé em nossos filhos?”). Nova York: HarperCollins Publishers, 1976, pp. 89–99. Emprestei os termos dele, mas não o seu ponto de vista. Os resumos são de minha autoria e não dele.

Se você deseja que sua fé cresça, leia e estude a Palavra de Deus diariamente (veja Atos 17:11; 2 Timóteo 2:15).

Vivência. É insuficiente, porém, encher a cabeça de informações. A fé precisa ser ativa para que seja real e viva (lembre-se do grão de mostarda). Tiago ensinou que a fé é aperfeiçoada por meio das obras (Tiago 2:22). Ele escreveu que “a fé sem obras é inoperante” (Tiago 2:20) e que, “assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tiago 2:26).

Estejamos atentos para não usarmos a pouca fé como desculpa para nada fazer. Embora sejamos servos “inúteis” (Lucas 17:10), ainda precisamos servir (Mateus 20:26). Embora “não saibamos orar como convém” (Romanos 8:26), ainda precisamos orar (1 Tessalonicenses 5:17). Da mesma forma, embora nossa fé seja limitada, ela precisa entrar em ação. Os músculos aumentam com exercícios, e o mesmo acontece com a fé.

Alguém sugeriu que quando enfrentamos um desafio, devemos primeiro perguntar: “O que a fé faria nesta situação?” e depois agir. Começamos cada dia confirmando: “Hoje eu viverei como um crente!”

Evitar e confiar. Podemos apresentar outras sugestões: precisamos evitar o que destrói a fé³⁸ e cultivar o que estimula a fé. Isto inclui relacionamentos que edificam a fé (veja 1 Coríntios 15:33; 2 Timóteo 1:5) e preencher a mente com informações que edificam a fé (Filipenses 4:8). Novamente, precisamos fazer todo o possível para nos achegarmos a Deus (Tiago 4:8) e aprender a confiar nEle (Salmos 37:5)³⁹. Isto envolverá fortalecer nossa vida de oração⁴⁰ (Efésios 1:18; Judas 20) e aprender a antiga arte de meditar nas Escrituras⁴¹. Precisamos passar tempo

³⁸A fé do pai foi abalada pela falta de fé dos discípulos e dos escribas.

³⁹Os discípulos pareceram confiar em si mesmos no lugar de Deus.

⁴⁰O texto bíblico sugere a relação entre fé e oração (Mateus 17:20; Marcos 9:29).

⁴¹Pode ser necessário ressaltar que a meditação bíblica não é igual ao que geralmente se denomina “meditação” hoje em dia (pouco mais do que uma concentração recitando-se sons sem sentido).

pensando na Palavra (Salmos 1:2) e no que Deus tem feito (Salmos 143:5) por nós e pelos outros seres humanos. A lista poderia se estender⁴².

CONCLUSÃO

Esperamos que esta lição tenha desafiado você a examinar a sua fé. É de suma importância que você tenha sido desafiado a fortalecer a sua fé. Mais cedo ou mais tarde, todos nós descenderemos do topo da ordem para o vale do caos. Não espere até que a sua vida saia do controle para desenvolver uma fé pessoal forte. A hora de edificar a sua fé é *agora*. Oramos para “que a sua fé não desfaleça” (Lucas 22:32).

Você *crê* mesmo no Senhor? Então, confesse essa fé com intrepidez (Mateus 10:32; 1 Timóteo 6:12; 1 João 4:15; João 12:42). Se você ainda não foi batizado para o perdão dos seus pecados, você precisa confessar a sua fé e depois ser imerso como uma expressão dessa fé (Atos 2:36–38; Marcos 16:15, 16; Gálatas 3:26, 27). Depois disso, você poderá passar uma vida inteira no Senhor (Efésios 2:13) edificando a sua fé!

⁴²Exemplificando, confessar a fé ajuda a torná-la real. Acrescente outras sugestões que lhe vierem à mente.

Atribuição de Leitura nº. 20

Mateus 18:15–35; 19:1;

Lucas 9:51–62;

João 7:1–53; 8:1–11

Mateus 18:15–35

¹⁵Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão.

¹⁶Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça.

¹⁷E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.

¹⁸Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus.

¹⁹Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus.

²⁰Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.

²¹Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?

²²Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

²³Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos.

²⁴E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.

²⁵Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga.

²⁶Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei.

²⁷E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida.

²⁸Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves.

²⁹Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei.

³⁰Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida.

³¹Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera.

³²Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste;

³³não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?

³⁴E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida.

³⁵Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.

Mateus 19:1

¹E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão.

Lucas 9:51–62

⁵¹E aconteceu que, ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém

⁵²e enviou mensageiros que o antecedessem. Indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos para lhe preparar pousada.

⁵³Mas não o receberam, porque o aspecto dele era de quem, decisivamente, ia para Jerusalém.

⁵⁴Vendo isto, os discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?

⁵⁵Jesus, porém, voltando-se os repreendeu [e disse: Vós não sabeis de que espírito sois].

⁵⁶[Pois o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.] E seguiram para outra aldeia.

⁵⁷Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores.

⁵⁸Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.

⁵⁹A outro disse Jesus: Segue-me! Ele, porém, respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai.

⁶⁰Mas Jesus insistiu: Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus.

⁶¹Outro lhe disse: Seguir-te-ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa.

⁶²Mas Jesus lhe replicou: Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus.

João 7:1–53

¹Passadas estas coisas, Jesus andava pela Galiléia, porque não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo.

²Ora, a festa dos judeus, chamada de Festa dos Tabernáculos, estava próxima.

³Dirigiram-se, pois, a ele os seus irmãos e lhe disseram: Deixa este lugar e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes.

⁴Porque ninguém há que procure ser conhecido em público e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo.

⁵Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele.

⁶Disse-lhes, pois, Jesus: O meu tempo ainda não chegou, mas o vosso sempre está presente.

⁷Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más.

⁸Subi vós outros à festa; eu, por enquanto, não subo, porque o meu tempo ainda não está cumprido.

⁹Disse-lhes Jesus estas coisas e continuou na Galiléia.

¹⁰Mas, depois que seus irmãos subiram para a festa, então, subiu ele também, não publicamente, mas em oculto.

¹¹Ora, os judeus o procuravam na festa e perguntavam: Onde estará ele?

¹²E havia grande murmuração a seu respeito entre as multidões. Uns diziam: Ele é bom. E outros: Não, antes, engana o povo.

¹³Entretanto, ninguém falava dele abertamente, por ter medo dos judeus.

¹⁴Corria já em meio a festa, e Jesus subiu ao templo e ensinava.

¹⁵Então, os judeus se maravilhavam e diziam: Como sabe este letras, sem ter estudado?

¹⁶Respondeu-lhes Jesus: O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou.

¹⁷Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo.

¹⁸Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça.

¹⁹Não vos deu Moisés a lei? Contudo, ninguém dentre vós a observa. Por que procurais matar-me?

²⁰Respondeu a multidão: Tens demônio. Quem é que procura matar-te?

²¹Replicou-lhes Jesus: Um só feito realizei, e todos vos admirais.

²²Pelo motivo de que Moisés vos deu a circuncisão (se bem que ela não vem dele, mas dos patriarcas), no sábado circuncidais um homem.

²³E, se o homem pode ser circuncidado em dia de sábado, para que a lei de Moisés não seja violada, por que vos indignais contra mim, pelo fato de eu ter curado, num sábado, ao todo, um homem?

²⁴Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça.

²⁵Diziam alguns de Jerusalém: Não é este aquele a quem procuram matar?

²⁶Eis que ele fala abertamente, e nada lhe dizem.

Porventura, reconhecem verdadeiramente as autoridades que este é, de fato, o Cristo?

²⁷Nós, todavia, sabemos donde este é; quando, porém, vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é.

²⁸Jesus, pois, enquanto ensinava no templo, clamou, dizendo: Vós não somente me conheceis, mas também sabeis donde eu sou; e não vim porque eu, de mim mesmo, o quisesse, mas aquele que me enviou é verdadeiro, aquele a quem vós não conheceis.

²⁹Eu o conheço, porque venho da parte dele e fui por ele enviado.

³⁰Então, procuravam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs a mão, porque ainda não era chegada a sua hora.

³¹E, contudo, muitos de entre a multidão creram nele e diziam: Quando vier o Cristo, fará, porventura, maiores sinais do que este homem tem feito?

³²Os fariseus, ouvindo a multidão murmurar estas coisas a respeito dele, juntamente com os principais sacerdotes enviaram guardas para o prenderem.

³³Disse-lhes Jesus: Ainda por um pouco de tempo estou convosco e depois irei para junto daquele que me enviou.

³⁴Haveis de procurar-me e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir.

³⁵Disseram, pois, os judeus uns aos outros: Para onde irá este que não o possamos achar? Irá, porventura, para a Dispersão entre os gregos, com o fim de os ensinar?

³⁶Que significa, de fato, o que ele diz: Haveis de procurar-me e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir?

³⁷No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba.

³⁸Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.

³⁹Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado.

⁴⁰Então, os que dentre o povo tinham ouvido estas palavras diziam: Este é verdadeiramente o profeta;

⁴¹outros diziam: Ele é o Cristo; outros, porém, perguntavam: Porventura, o Cristo virá da Galiléia?

⁴²Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?

⁴³Assim, houve uma dissensão entre o povo por causa dele;

⁴⁴alguns dentre eles queriam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs as mãos.

⁴⁵Voltaram, pois, os guardas à presença dos principais sacerdotes e fariseus, e estes lhes perguntaram: Por que não o trouxestes?

⁴⁶Responderam eles: Jamais alguém falou como este homem.

⁴⁷Replicaram-lhes, pois, os fariseus: Será que também vós fostes enganados?

⁴⁸Porventura, creu nele alguém dentre as autoridades ou algum dos fariseus?

⁴⁹Quanto a esta plebe que nada sabe da lei, é maldita.

⁵⁰Nicodemos, um deles, que antes fora ter com Jesus, perguntou-lhes:

⁵¹Acaso, a nossa lei julga um homem, sem primeiro ouvi-lo e saber o que ele fez?

⁵²Responderam eles: Dar-se-á o caso de que também tu és da Galiléia? Examina e verás que da Galiléia não se levanta profeta.

⁵³[E cada um foi para sua casa.

João 8:1–11

¹Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras.

²De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava.

³Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos,

⁴disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério.

⁵E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?

⁶Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar.

Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo.

⁷Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra.

⁸E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão.

⁹Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava.

¹⁰Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?

¹¹Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.]

Viajando para Jerusalém

Leitura Bíblica 20

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA ATÉ A CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA (continuação).

- K. Último ensino na Galiléia: problemas entre irmãos (Mateus 18:15–35).
- L. Ministério redirecionado para a Judéia (veja João 7:1; Mateus 19:1).
 - 1. Os irmãos de Jesus insistem para que Ele vá à Festa dos Tabernáculos ou das Cabanas (João 7:2–9).
 - 2. Jesus viaja secretamente para Jerusalém (Lucas 9:51–56; João 7:10).
 - 3. A caminho: ensino sobre discipulado (Lucas 9:57–62; veja Mateus 8:19–22).
- M. Em Jerusalém: a Festa dos Tabernáculos.
 - 1. No meio da festa: ensino dentro do templo (João 7:11–36).
 - 2. No último dia da festa: ensino sobre a água da vida (João 7:37–52).
 - 3. Após a festa: ensinamentos adicionais.
 - a. A mulher pega em adultério (João 7:53–8:11).

INTRODUÇÃO

Nesta lição repleta de verdades ocorre uma transição do fim do grande ministério na Galiléia para o começo do ministério de encerramento em todas as regiões da Palestina¹. O ministério de encerramento durou cerca de seis meses, desde a Festa dos Tabernáculos até a Páscoa seguinte.

Um versículo chave desse ministério é Lucas 9:51: “E aconteceu que, ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu², manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém”. Veremos Jesus viajando pela Judéia e Peréia, mantendo, porém, Seus pensamentos concentrados em Sua iminente morte em Jerusalém³. A formação de nuvens malignas não O deteve; Ele marchou resolutamente para aquele momento tenebroso. A Bíblia Viva parafraseia dizendo: “Jesus resolveu decididamente ir para Jerusalém”.

¹Um breve esboço da vida de Cristo consta na página 8 da primeira edição desta série.

²O termo “assunto” aqui abarca Sua morte, sepultamento e ressurreição; Jesus não poderia ser assunto ao céu sem completar Sua missão na terra.

³Isto poderia ser ilustrado por uma folha de árvore num redemoinho: quanto mais ela gira, mais se aproxima do centro do redemoinho.

PREOCUPAÇÃO COM OS DISCÍPULOS (MATEUS 18:15–35)

Antes de partir para o Sul com o Mestre, precisamos fazer uma pausa para concluir Seu ministério no Norte. O último discurso de Jesus na Galiléia foi gerado por uma discussão acalorada entre os discípulos sobre quem seria o maior no reino (Mateus 18:1; Lucas 9:46). A primeira parte da resposta de Jesus foi sobre a necessidade de ser como uma criança e a segunda parte enfocou a importância de dar-se bem com os outros. Já estudamos o primeiro tópico na lição anterior; vamos analisar agora o segundo tópico.

Preocupação com a Comunhão (vv. 15–20)

Jesus já havia falado sobre pecar contra o próximo (Mateus 18:6; Marcos 9:42). Agora Ele iria explorar o outro lado da questão: e se Seus ouvintes tivessem sido vítimas do pecado de outros? O versículo chave é Mateus 18:15: “Se teu irmão pecar [contra ti]⁴, vai

⁴Embora o texto entre colchetes não conste nos melhores manuscritos, ele destaca o foco desta seção. (Uma expressão comparável encontra-se seis versículos adiante, no v. 21.) Entendamos, porém, que uma vez que a expressão não consta no v. 15, a passagem contém uma aplicação mais ampla do que não menosprezar as pessoas. Toda vez que um irmão é surpreendido em pecado que possa arruinar sua alma, cada um de nós tem a responsabilidade de ir ter com ele em amor.

argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão”⁵.

Destaquemos a palavra “só”, “entre ti e ele só”. Quando alguém fizer alguma coisa que nos ofender, não devemos maximizar tal ato e torná-lo público. Gayle Oler⁶ expõe isto da seguinte maneira: “Antes de reclamar com seu cônjuge, seus amigos ou parentes, os presbíteros ou o pregador, ou até com seu cachorro, você deve primeiramente ir até o indivíduo [que o ofendeu]”.

Podemos contestar: “Mas isso é difícil!” Sim, é, mas também é necessário. A obediência a esse mandamento neutralizará as situações mais explosivas. Ao contrário disso, se ignorarmos as instruções de Cristo—se não resolvermos a questão, mas partilharmos nossa insatisfação com todos que nos cercam—as pessoas começarão a tomar partido. Se isto acontecer, será grande o prejuízo para o corpo de Cristo.

Indo até um irmão que pecou contra nós (Gálatas 6:1) com a atitude certa, o problema geralmente é resolvido—mas nem sempre é assim. Nesse caso, devemos seguir as instruções de Jesus sobre o que fazer a seguir: “Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça” (Mateus 18:16). A necessidade de levar duas ou três testemunhas é enfatizada tanto no Antigo como no Novo Testamentos (Deuteronômio 19:15; 2 Coríntios 13:1). As testemunhas podem acrescentar discernimento em relação ao que ocorreu anteriormente, podendo facilitar a reconciliação⁷ e, com certeza, testemunhar mais tarde acerca do que se passou no encontro.

E se levar outros irmãos não produzir o resultado desejado? Jesus disse: “E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igre-

⁵No sermão do monte, Jesus explicou o que devemos fazer se soubermos que um irmão cometeu algo contra nós: devemos ir ter com ele (Mateus 5:23, 24). Aqui Ele estava discutindo o que devemos fazer se tivermos algo contra um irmão: devemos ir ter com ele. Se ambas as partes numa discórdia agirem como cristãos, ambos irão... e se encontrarão em algum lugar no meio do caminho. Todavia, se uma das partes não fizer o que deve, isso não isenta a outra parte: seja você o ofendido ou não, você deve ir até a outra pessoa para resolver o conflito.

⁶Gayle Oler foi superintendente do Lar Infantil Boles em Quinlan, Texas, por muitos anos. Ouvi esse irmão fazer essa declaração muito tempo atrás, na igreja de Cristo Eastside em Midwest City, Oklahoma.

⁷O próximo versículo implica que eles não vão simplesmente para ouvir. O versículo 17 diz: “E, se ele não os atender...”—implicando que eles conversam e tentam resolver as questões entre as partes em desacordo.

ja, considera-o como gentio e publicano” (Mateus 18:17). O uso que Cristo faz da palavra “igreja” aqui é digno de nota⁸. Dois capítulos antes, Jesus prometeu edificar a Sua igreja (Mateus 16:18). Agora Ele retratava a igreja como um corpo de pessoas autorizadas pelo Senhor a incluir ou excluir indivíduos de sua comunhão.

Jesus não especificou *como* devemos “dizer à igreja”. Às vezes seria melhor partilhar tal informação numa reunião especial dos membros, e não na assembléia de adoração pública. Se uma congregação tem presbíteros, eles podem determinar a melhor maneira de lidar com questões desse tipo⁹.

O que mais nos interessa aqui é a expressão “se recusar ouvir também a igreja”. Isto pode significar que o ofensor se recusa a aceitar uma decisão tomada pela igreja (veja 1 Coríntios 5:12b). Preferimos entender “a igreja” em seu significado básico (os salvos pelo sangue de Jesus) e interpretar o versículo do seguinte modo: “Se ele se recusar a ouvir todos os irmãos e irmãs em Cristo que forem até ele em amor...” E se, quando um irmão pecar, todos os membros da congregação forem até ele e rogarem a ele com lágrimas para que volte ao Senhor? Que tipo de impacto isto teria? Um indivíduo teria de estar totalmente endurecido para o pecado para resistir a uma torrente de súplicas amorosas.

E se nem isto trouxer o pecador de volta? Neste caso, Jesus disse que a igreja deve retirar-se da comunhão com ele: “Considera-o como gentio e publicano” (Mateus 18:17)¹⁰. “Como gentio e publicano” é uma forma figurada de dizer “como se ele não fosse um cristão”. Outras passagens esclarecem que o propósito desse ato não é primordialmente punitivo, mas consiste em conscientizar o indivíduo e restaurá-lo para o Senhor (veja 2 Tessalonicenses 3:14, 15). A disciplina exercida com o devido espírito não é uma expressão de ódio e crueldade, mas de amor e preocupação (veja Hebreus 12:6).

Disciplinar um filho nunca é agradável, e disciplinar um irmão ou uma irmã em Cristo não é uma situação de alegria. Jesus sabia disso; por isso, para

⁸A palavra “igreja” encontra-se somente em duas passagens nos relatos do evangelho: em Mateus 16 e 18. O primeiro uso do termo refere-se à igreja universal. O segundo uso refere-se a uma congregação local.

⁹Se uma congregação tiver presbíteros, eles deverão assumir a liderança em todas as questões relacionadas ao bem-estar espiritual da congregação.

¹⁰Mateus 18:15–17 pode gerar perguntas sobre a disciplina na igreja. Se o tempo permitir, apresente outras passagens sobre o assunto, como 1 Coríntios 5 (veja 2 Coríntios 2:4–11); 2 Tessalonicenses 3:6, 14, 15; 1 Timóteo 5:20 e Romanos 16:17.

incentivar Seus ouvintes, Ele garantiu que se uma congregação seguir essas instruções, Deus estará com ela (Mateus 18:18–20¹¹). O versículo 20 é uma passagem conhecida: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”. Podemos e de fato fazemos muitas aplicações dessa promessa animadora, mas devemos ter em mente que, no contexto, Cristo estava se referindo a dois ou três irmãos indo exercer a disciplina da igreja em Seu nome.

A igreja precisa conhecer e vivenciar melhor Mateus 18:15–20; geralmente hesitamos em disciplinar um irmão ou uma irmã envolvida em pecado. Encerraremos, porém, esta parte da lição com o versículo que pode ser o centro de toda esta exposição: “Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão” (v. 15). Se fizermos isso da maneira certa, os problemas serão resolvidos quase em sua totalidade, e a disciplina por parte da igreja raramente será necessária.

Preocupação com o Perdão (vv. 21–35)

O ensino de Jesus sobre ir até um irmão em pecado fez Pedro se perguntar quantas vezes devemos perdoar um irmão. Indagou ele a Jesus: “Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?” (v. 21)¹². Provavelmente, Pedro achou que estava sendo generoso em perdoar sete vezes; os rabinos só exigiam três vezes. Não há dúvida de que ele ficou surpreso com a resposta de Cristo: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (v. 22). Em outras palavras, o perdão não deve ter limites¹³.

O Senhor relatou a seguir a “parábola do servo impiedoso”, na qual um servo que foi perdoado por ter uma grande dívida recusou-se a perdoar um colega servo que lhe devia um valor irrisório (vv.

23–35). A aplicação óbvia é que pelo fato de Deus ter nos perdoado tanto, devemos estar dispostos a perdoar os outros.

Os ensinamentos do Senhor em Mateus 18:15–35 são desesperadamente necessários em nossos relacionamentos com os irmãos—ou com qualquer outra pessoa. Ele enumerou dois princípios que devemos seguir: 1) quando tivermos algo contra alguém, em vez de reclamar a outros, devemos ir até a pessoa, e 2) não devemos guardar rancor, mas estar prontos para perdoar.

¹¹ A promessa no versículo 19 é a mesma feita antes a Pedro, na última parte de Mateus 16:19. (Reveja os comentários nas páginas 46 a 48 de “A Vida de Cristo—Parte 6”.) Visto que Cristo estava falando diretamente aos apóstolos em Mateus 18:19, a maioria dos comentaristas considera essa promessa direcionada primordialmente para eles. Todavia, sendo a disciplina da igreja o assunto do contexto, pode-se fazer uma aplicação geral ao ato congregacional. Se uma congregação “ligar” como o céu “ligou” (ou seja, fizer somente o que o céu autorizou), então os atos dessa congregação agradarão a Deus. Não devemos entender 18:19 como uma promessa incondicional de que dois cristãos podem pedir o que quiserem e Deus lhes concederá tal pedido (1 João 5:14).

¹² O fato de Pedro fazer essa pergunta nos faz imaginar se ele foi a fonte de crítica na calorosa discussão que precedeu o discurso de Jesus.

¹³ Veja um estudo detalhado de Mateus 18:21–35 na lição “Setenta vezes Sete”, na edição “Conheça o Mestre, 2” de *A Verdade para Hoje*.